UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SANDRA MARIA BANAK VARELA

ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A FORMAÇÃO E A ATUAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DO MUNICÍPIO DE CASCAVEL (PR)

CURITIBA
2014

SANDRA MARIA BANAK VARELA

ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DO MUNICÍPIO DE CASCAVEL (PR)

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e em Matemática, no Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Setor de Ciências Exatas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna

CURITIBA
2014

V293a Varela, Sandra Maria Banak
Aspectos históricos sobre a formação e a atuação de professores de matemática do município de Cascavel (PR)/ Sandra Maria Banak Varela. – Curitiba, 2014.
386 f. : il. color. ; 30 cm.

Dissertação - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Exatas, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e em Matemática, 2014.

Orientador: Carlos Roberto Vianna .
Bibliografia: p. 301-307.

1. Educação matemática - Brasil - História. 2. História oral. 3. Professores de matemática - Formação - Cascavel (PR). I. Universidade Federal do Paraná. II.Vianna, Carlos Roberto. III. Título.

CDD: 510.71

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

PARECER

Defesa de Dissertação de **SANDRA MARIA BANAK VARELA,** intitulada **"ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE A FORMAÇÃO E A ATUAÇÃO DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DO MUNICÍPIO DE CASCAVEL (PR)",** para obtenção do Título de Mestra em Educação em Ciências e em Matemática.

De acordo com o Protocolo aprovado pelo Colegiado do Programa, a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo-assinados arguiu, nesta data, a candidata acima citada. Procedida a arguição, a Banca Examinadora é de Parecer que a candidata está **apta ao Título** de **MESTRA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA**, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIAÇÃO
Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna (orientador)		Aprovada
Prof. Dr. Diogo Franco Rios		APROVADA
Prof. Dr. Emerson Rolkouski		Aprovada

Curitiba, 17 de Dezembro de 2014.

Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Educação em Ciências e em Matemática.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
1912
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
Coordenação de Pós-Graduação

AGRADECIMENTOS

A Deus pelos dons da Ciência, Sabedoria, Inteligência e Fortaleza.

Aos meus queridos pais, Beatriz e Zacarias, pela simplicidade de sua sabedoria, exemplo de vida, apoio e ternura.

Aos meus preciosos filhos, Edson, Cesar, Mario, Bruno e Gabriel pelo apoio, carinho e compreensão nos momentos de ausência.

Ao meu amado esposo Mario pelo companheirismo, apoio e incentivo em todos os momentos de nossas vidas.

À Hayane, minha querida nora, por fazer parte de nossas vidas e a nossa pequena Sofia que é um raio de sol a encher nossos corações de alegria.

Ao professor Carlos Vianna pela amizade, pelo grande apoio, confiança e valiosas sugestões para a realização desse trabalho.

Aos colaboradores dessa pesquisa, Leila Deixun Franzini, Arleni Elise Sella Langer, Tânia Stella Bassoi, Carlos Roberto Calssavara, Darlene Gomes Galafassi e Maria de Lourdes Prado Becker pelo tempo despendido, pela dedicação e por sempre serem atenciosos.

Ao professor Emerson Rolkouski e ao professor Diogo Franco Rios por comporem a banca examinadora desse trabalho, tanto na qualificação, como na defesa, cujas contribuições foram valiosíssimas para a realização dessa dissertação.

À minha querida amiga Silvana e seu esposo Gilberto por terem me acolhido em sua casa durante as viagens para Cascavel, pela amizade, pelas conversas, pelas festas e pelos churrascos.

Aos professores e colegas do PPGECM, cujos encontros e discussões contribuíram muito para minha formação como educadora e como pessoa.

Ao professor Ivo Oss Emer a ao professor José Kuiava pelas sugestões e materiais encaminhados quando esse trabalho era apenas um projeto.

À CAPES pelo apoio financeiro ao longo da realização desse trabalho.

Aos responsáveis pelo Colégio Estadual Eleodoro Ébano Pereira, Colégio Estadual Wilson Joffre, Centro Estadual de Educação Profissional Pedro Boaretto Neto, Arquivo Central da Biblioteca da UNIOESTE de Cascavel e Museu da Imagem e do Som pelo acesso às informações e pelos materiais digitalizados.

À todos as pessoas que fizeram parte da minha vida ao longo desses dois anos de trabalho, pois sempre aprendemos e ensinamos em nossas convivências.

Dedico este trabalho,

in memorian, ao meu amado e precioso filho Cesar Augusto Banak Varela, que nos deixou, dias após a Defesa deste Trabalho, com apenas vinte e três anos de idade, vítima da imprudência de um motorista de caminhão. Sua bondade, companheirismo, paixão e alegria de viver ficarão sempre em meu coração.

“Sou rio, pois sei que meu saber é composto de muitos outros, sei que não sou a origem do meu saber, não sou o sujeito fundante da história que faço, sou fundado por uma sociedade, por uma cultura por formações discursivas, por práticas de poder e linguagem, sou um estuário em que vêm desaguar muitos arquivos”.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

RESUMO

Este trabalho delineia aspectos históricos da formação e atuação de professores de Matemática em Cascavel (PR), a partir da década de 1950, quando houve significativa colonização e ocupação do município, até final da década de 1980, período em que o município já contava com universidades a oferecer o curso de Licenciatura em Matemática. A metodologia de pesquisa utilizada foi a História Oral Temática e busca, por meio de depoimentos, conhecer a trajetória de formação e atuação de professores de Matemática que lecionaram nesse período. Por considerar que fontes orais e escritas são possibilidades complementares, além das vozes dos depoentes, incorpora-se à pesquisa documentos escritos e imagens; esboçando-se considerações a respeito do desenvolvimento da região de Cascavel articulada ao contexto estadual e nacional do período de estudo.

Palavras-chave: Educação Matemática. História da Educação Matemática. História Oral. Formação de Professores de Matemática em Cascavel.

ABSTRACT

This paper outlines the historical aspects of the formation and performance of teachers of mathematics in Cascavel (PR), from the 1950s, when there has been significant colonization and occupation of the city by the end of the 1980s, a period in which the city already had universities that offer the course in Mathematics. The research uses as a methodological tool Thematic Oral History and seeks, through testimonials, to know the trajectory formation and performance of mathematics teachers who have taught in this period. As it considers that oral and written sources are complementary possibilities, besides the voices of the interviewees, incorporates itself to the research written documents and images. Sketching up considerations regarding the development of the Cascavel region articulated at the state and national context of the study period.

Keywords: Mathematics Education. History of Mathematics Education. Oral History. Formation of Teachers of Mathematics in Cascavel.

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE QUADROS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 SIMPLESMENTE LEMBRANÇAS

Desde criança sempre gostei muito de ouvir histórias de pessoas mais velhas sobre os acontecimentos vividos em épocas passadas. Meus avós contavam sobre as brincadeiras de criança, no sítio em Palmeiras, das aventuras na mocidade, as crenças, as superstições, as alegrias, as tristezas, as dificuldades dos tempos antigos, os encontros e desencontros da vida... Minha vó contava que havia um dia em que os pais se reuniam com seus filhos e filhas no salão da igreja para arrumar casamento para os mesmos. Foi assim que minha vó Maria de Jesus, com treze anos, conheceu meu vô Francisco Miguel, com dezessete anos e casaram-se no mesmo dia.

Lembro-me, com saudades, também, das histórias que mamãe contava antes de eu e meus irmãos dormirmos. Muitas eram inventadas e outras eram sobre acontecimentos de sua vida, sobre sua infância, sua mocidade, mas as que mais me fascinavam eram sobre os tempos de escola. Mamãe iniciou sua escolaridade na década de 1940, muito pequena, no Jardim de Infância em Palmeira, no Estado do Paraná, porque minha vó precisava trabalhar. A família era muito grande, doze irmãos. Depois, meus avós se mudaram para Barro Preto, onde mamãe cursou o primeiro ano. As demais séries do primário, cursou em Curitiba. Conta, com tristeza, que não concluiu os estudos porque precisou trabalhar, com treze anos de idade, para ajudar a família.

Mamãe nos falava, emocionada, sobre os tempos de escola: das aventuras nos longos caminhos percorridos de pés no chão, de se refugiar nas árvores para a boiada passar, de pegar carona com os carroceiros; das dificuldades enfrentadas quando chovia; sobre as “lições” dadas pelos professores na escola, as continhas, a prova dos noves fora, as cópias, os ditados... os castigos aplicados como reguadas nas mãos; as brincadeiras com os coleguinhas na hora do recreio... Conta, com orgulho, que a professora a chamava de “reloginho” porque sabia “certinho” a tabuada quando a professora tomava.

Quando eu era pequena, mamãe me ensinou a traçar as primeiras letras e alguns números. Lembro-me que ela usava papel de embalagens de farinha de trigo

ou açúcar e barbante para confeccionar um caderninho. Ali ela passava as lições, ensinava-me a desenhar e a escrever algumas palavras. Ela também arrumava revistas, com as vizinhas, e nos incentiva a cortar figuras e a fazer colagens.

Eram tempos em que as meninas ficavam em casa aprendendo a cozinhar, a fazer trabalhos manuais e como cuidar da família. Assim, iniciei meu estudo primário mais tarde, na Escolinha Gralha Azul, em Curitiba, em 1975, quando completei oito anos de idade. Meu pai me matriculou na escola para eu acompanhar meu irmão, Zacarias, que na época completaria sete anos de idade.

Desde a infância o ambiente escolar me seduzia e agradava. Sempre gostei muito da escola. Era um momento de aprendizagem, mas também de passeio e socialização com os coleguinhas. Lembro-me com saudades dos cadernos brochura que minha mãe encapava com dedicação; dos livros com imagens muito coloridas; das atividades desenvolvidas na escola e em casa; das histórias contadas pelas professoras; do gosto pela leitura; das primeiras continhas e probleminhas; e das brincadeiras com os colegas na hora do recreio. Levávamos nossas merendas e lanchávamos dentro da sala. Era obrigatório o uso de um guardanapo sobre a carteira, que era antiga, mesa e cadeira juntas. Havia até uma cavidade para colocar o lápis.

Nessa escola, os meninos e as meninas participavam da Educação Física e do horário do recreio separadamente. O campinho que ficava à frente da escola era para as meninas, enquanto que o que ficava atrás era para os meninos desenvolverem suas atividades. Era uma época de muita disciplina e rigor. Formávamos filas para o horário da entrada. O uso do uniforme era obrigatório: saia pregueada, camisa, cinto, meias brancas e sapatos para as meninas.

O culto à Pátria pelo civismo escolar e o enaltecimento dos símbolos e heróis nacionais estavam, claramente, presente nas atividades desenvolvidas pela escola. Aprendi nos primeiros anos de escolaridade o Hino Nacional, o Hino do Paraná, o Hino da Bandeira e o Hino do Soldado. As datas comemorativas, como Dia da Primavera, da Páscoa e Natal eram festejadas com apresentações de todas as turmas. Decorávamos poemas e músicas.

Do ensino da Matemática lembro-me que, além das quatro operações e estudo da tabuada, que era tomada frequentemente pela professora, resolvíamos probleminhas e fazíamos representações de quantidades por meio de conjuntos de objetos como frutas, flores, animais... Eu tinha muita facilidade para aprender, para memorizar. O gosto pela Matemática surgiu nos primeiros anos de escolaridade. A

escola era minha paixão!

Em 1979 cursei a quinta série no Colégio Estadual Professora Luiza Ross e, as demais séries do Primeiro Grau, no Colégio Estadual Pio Lanteri. Não senti dificuldades na passagem da quarta para a quinta série. Considerei fantástico ter professores para cada disciplina.

Para o estudo da Matemática era valorizado a resolução de exercícios seguindo um modelo. Embora fosse totalmente descontextualizado, eu gostava daquela manipulação. As recordações vivenciadas, como estudante nessas escolas públicas, em Curitiba, foram marcadas pelo interesse e pelo estudo dedicado.

A escolha pela Licenciatura em Matemática aconteceu no Segundo Grau, quando estudei Análises Clínicas no Curso e Colégio Decisivo, momento em que era obrigatório o ensino profissionalizante para o Segundo Grau, estabelecido pela LDB 5692 de 1971. Em 1985, quando cursava o terceiro ano, conheci o professor Adilson Longen que, naquele momento, atuava como monitor no Colégio Decisivo e cursava o quarto ano do Curso de Licenciatura em Matemática na Universidade Federal do Paraná. Era um professor paciente para explicar e muito organizado. Eu percebia sua paixão e entusiasmo pela Matemática. Tornamo-nos bons amigos e passávamos muitas tardes, no Curso, estudando, o que resultou na minha decisão em prestar vestibular para o Curso de Licenciatura e Bacharelado em Matemática da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Iniciei o curso em 1986. Durante a manhã trabalhava na secretaria do Curso Decisivo e, à tarde, frequentava as aulas do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Matemática da UFPR. As aulas de Cálculo Diferencial e Integral ministradas pelo professor Sérgio Schneider, coordenador do Curso naquele momento, e Geometria Analítica ministrada pelo professor Jacir Venturi eram as minhas preferidas.

Em 1987, deixei o trabalho como secretária e fui contratada, em março de 1988, pela Prefeitura de São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba, como Professora Suplementarista Acadêmica. Lecionei as disciplinas de Desenho Geométrico e Matemática para estudantes do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Professor Narciso Mendes e no Colégio Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira, até agosto de 1989. Preparava minhas aulas a partir de livros que eu ganhava das editoras.

Como foi minha primeira experiência em sala de aula, minha atuação inicial no Magistério foi marcada por dúvidas e inquietações, pois eu não tinha experiência

para o desempenho da prática docente. O tipo de educação que me era exigida na sala de aula não correspondia à formação acadêmica recebida. Assim, iniciei uma jornada em busca de leituras, participação em eventos e em cursos para encontrar respostas às questões do processo de ensino e aprendizagem da Matemática.

Nessa busca, percebi que a formação para a docência é um processo contínuo e não um produto acabado, pois a formação acadêmica acrescida de cursos, de pesquisas, discussões e socialização de experiências com outros professores e reflexões a respeito das ações vivenciadas dentro da escola e da sala de aula é que caracterizam o desenvolvimento profissional do professor. Compreendi que é necessário articular os conteúdos acadêmicos com os de sala de aula e considerar a organização escolar, bem como as modificações curriculares para que se tenha uma formação docente que corresponda a realidade escolar.

1.2 RECOMEÇANDO EM CASCAVEL (PR)

Em 1989, foi necessário interromper o curso e a profissão porque meu marido, Mário Varela, foi transferido para Cascavel (PR) e precisamos mudar para esse município. Como meus dois filhos eram pequenos, optei pela maternidade.

Em 1998 retomei a carreira docente. Fui convidada para ministrar aulas de Informática e Matemática, para o Ensino Fundamental, no Colégio Cristo Rei, estabelecimento de ensino particular em que meus filhos estudavam. Como esse colégio adotava o material Positivo, o planejamento das aulas era feito a partir dos conteúdos apresentados nas apostilas, mas eu sempre complementava com outras atividades. Participava de todos as formações oferecidas pelo Colégio e pelo pessoal do Positivo. Nessa escola desenvolvi laços fortes de amizade entre meus colegas professores, pais de alunos e alunos.

Diante do novo cenário e das necessidades impostas pela profissão docente, em 2004, retomei meus estudos. Prestei vestibular na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) no Curso de Licenciatura Plena em Matemática, concluindo-o em 2007. Foi necessário prestar um novo vestibular porque já havia passado muito tempo e as grades curriculares eram diferentes. Esse período foi marcado, pelo entusiasmo e dedicação. Acredito que a maturidade e a certeza do que eu buscava

favoreceram meu bom desempenho no curso de graduação. Além do mais, a prática docente concomitante com o Curso de Licenciatura possibilitou uma melhor compreensão da ação educativa.

Nesse período, durante as aulas de Prática de Ensino, tomei conhecimento da Educação Matemática como campo de pesquisa e atuação. Essas aulas eram ministradas no Laboratório do Ensino da Matemática Sílvia Gomes Vieira Fabro[1]. Nesse local, havia uma pequena biblioteca com muitos livros a respeito de temas ligados à Educação Matemática, como práticas de avaliação escolar, mudanças curriculares, uso de tecnologias no ensino da Matemática, educação de jovens e adultos, formação de professores de Matemática, práticas docentes, dentre outros. O gosto e o interesse pela leitura surgiram com as pesquisas para a realização dos trabalhos acadêmicos e a produção da Monografia[2].

Em março de 2006, fui contratada, também, para lecionar Matemática para estudantes do Ensino Fundamental no Curso e Colégio Ideal, escola de destaque em Cascavel, almejada por muitos profissionais da educação. Fiquei muito contente, pois fui recomendada por colegas professores, que lecionavam nessa escola, e por pais de ex-alunos. A proprietária e diretora da escola, nessa época, era a professora Izailda Baranoski Carneiro, conhecida por todos como Tia Izailda. Dirigia a escola com "punhos de ferro". Uma senhora altiva, muito polida, sempre bem vestida e procurava ser correta em todas as suas ações. Lembro de que, algumas vezes, aguardava os professores na entrada da escola para observar se os jalecos estavam bem passados, se os cabelos das professoras estavam bem presos e penteados e a maquiagem adequada. Foi o único momento em que usei gel fixador nos meus cabelos.

Em fevereiro de 2007 comecei a lecionar, também, na instituição de ensino particular Curso e Colégio Anglo, dirigido pela professora Kati Eliane Rodrigues, filha da Tia Izailda. Foi minha primeira experiência com estudantes do Ensino Médio.

O interesse pelas leituras e a proximidade com os professores[3] da Universidade, despertaram meu interesse em cursar o Mestrado em Educação

---

[1] A professora Sílvia Gomes Vieira Fabro compôs o primeiro corpo docente da FECIVEL – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cascavel em 1972.

[2] O estudo procurou conhecer a opinião dos professores da Rede Estadual de Ensino do Paraná sobre o novo Livro Didático Público.

[3] As aulas de Prática de Ensino eram ministradas pelas professoras Andréia Büttner Ciani, Arleni Elise Sella Langer, Dulcyene Maria Ribeiro, Francieli Cristina Agostinetto e Tânia Stella Bassoi, professoras que compõem, atualmente, o grupo de pesquisa de Formação de Professores de Ciências e Matemática da UNIOESTE, e professores adjuntos. As professoras Arleni Elise Sella Langer e Tânia Stella Bassoi são depoentes-colaboradoras desse trabalho.

Matemática, após o término da graduação. Conversando com a professora Arleni, tomei conhecimento da proposta da linha de pesquisa da Educação Matemática dessa Universidade. Na época, ela cursava o Mestrado na Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do Professor Doutor Carlos Roberto Vianna.

Decidi, no final de 2007, participar do processo seletivo para ingressar no Curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Pesquisei sobre os professores, os trabalhos desenvolvidos e iniciei os estudos da bibliografia recomendada[4]. Elaborei o projeto de pesquisa abordando como tema O Novo Livro Didático Público[5], que foi tema da minha Monografia.

Mas, o final de 2007 foi bastante tumultuado, pois, além de me preocupar com a conclusão do curso de graduação, foi o período em que participei do Concurso Público do Estado do Paraná para professora de Matemática, na cidade de Cascavel (PR). Fui aprovada e após, aproximadamente, um ano de burocracia fui contratada, em fevereiro de 2009. Com a nova conquista profissional, decidi adiar minha inscrição para o Mestrado, pois na época não tinha condições financeiras para custear as viagens até Curitiba.

No início de 2009, decidi lecionar em apenas duas escolas: pela manhã no Colégio Cristo Rei e à tarde no Colégio Estadual Mário Quintana. Nessa época, meu filho Edson cursava o quinto período do Curso de Engenharia Mecânica da Universidade Federal do Paraná e, meu filho Cesar, também estudava e trabalhava em Curitiba. Entendi que era necessário retornar a capital fria do Paraná para acompanhar a educação dos meus filhos. Pedi demissão no Colégio Cristo Rei e uma ordem de serviço[6] à Secretaria de Estado de Educação (SEED), para atuar nas escolas públicas estaduais de Curitiba. Tomei todas as providências para a mudança que aconteceu em abril de 2009, começando uma nova etapa da minha vida profissional.

---

[4] A bibliografia recomendada para a prova escrita do processo seletivo do Mestrado foi: *Didáctica das Matemáticas,* de Jean Brun, e *Ensino e Aprendizagem com Modelagem Matemática,* de Rodney Bassanezi.

[5] Alguns professores da Rede Pública Estadual de Ensino do Paraná foram os responsáveis pela produção do Livro Didático Público e pelo material de apoio para o Ensino Médio. Os livros foram distribuídos aos alunos das escolas públicas do Paraná no início de 2007. Ver Varela (2007).

[6] Ordem de serviço é um benefício concedido pela SEED- Secretaria de Estado da Educação ao professor para que o mesmo possa estar em exercício em estabelecimento diferente de sua lotação obedecendo aos critérios da Instrução Normativa específica e da disponibilidade de vagas.

1.3 O MESTRADO: MOTIVAÇÕES DO ESTUDO

Em meados de abril de 2009 retornei à Curitiba como professora da Rede Estadual de Ensino do Paraná. Lecionei para estudantes do Ensino Fundamental e Médio no Colégio Estadual Alfredo Parodi e do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), para o Curso de Edificações, no Centro Estadual de Educação Profissional de Curitiba (CEEP). Imediatamente me identifiquei com a educação de jovens e adultos.

Assim, em 2010, iniciei um curso de Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade para Jovens e Adultos na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Como aluna, busquei compreender as características dos estudantes do PROEJA e a proposta desse programa de ensino.

O tema abordado para a Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista foi sobre a formação de professores, sob a orientação da professora Dra. Marielda Ferreira Pryjma[7]. A pesquisa buscou compreender o desenvolvimento profissional docente do CEEP[8]. Para alcançar o objetivo da pesquisa, utilizei questionário e entrevista. A pesquisa revelou que a maioria dos professores entrevistados busca uma formação pedagógica para atuar na docência e que os cursos de formação, muitas vezes, não correspondem às reais necessidades desses profissionais. Os educadores buscam, nesses cursos, encaminhamentos para suas atuações em sala de aula. As considerações finais apontaram para a necessidade de se refletir, planejar e organizar um processo de formação continuada que atenda aos anseios profissionais e pessoais desses docentes e que é imprescindível reconhecer que a formação docente é fundamental para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem (VARELA, 2012).

A oportunidade de entrevistar os professores e transcrever seus depoimentos, possibilitou perceber suas experiências, concepções de ensino e aprendizagem e partilhar das suas angustias e tensões profissionais. A realização desse estudo

---

[7] Professora do Departamento da Educação – DEPED – UTFPR.

[8] O objetivo do trabalho foi compreender como os professores dessa instituição de ensino profissionalizante se constituíram profissionalmente. Ver Varela (2012). Sobre desenvolvimento profissional do professor ver Garcia (1999).

instigou meu desejo de cursar o Mestrado em Educação Matemática na UFPR.

Iniciei uma nova jornada. No final de 2011, fiz a inscrição para o processo seletivo para o Curso de Mestrado no Programa de Pós – Graduação em Educação em Ciências e em Matemática da Universidade Federal do Paraná (PPGECM). Providenciei a bibliografia recomendada para a prova escrita e elaborei o projeto de pesquisa com o título "O Pensamento Geométrico de Alunos do Curso de Edificações do PROEJA que Trabalham na Construção Civil". O objetivo desse estudo era compreender o pensamento geométrico dos estudantes de modo a propor uma organização de ensino que estabelecesse a relação entre o conhecimento das questões da Geometria desenvolvidas na sua atividade profissional e o conhecimento geométrico escolar.

Fui aprovada na primeira fase do processo seletivo que correspondia à prova escrita, mas, infelizmente, não fui aprovada na segunda fase que correspondia à arguição do projeto de pesquisa. Não desanimei e decidi cursar Disciplinas Isoladas, como aluna especial, a fim de compreender a proposta da linha de pesquisa. Após um processo seletivo que determinava alguns critérios para a aprovação, fui aceita[9].

O hábito da pesquisa, da leitura e da produção escrita tornaram-se ações prazerosas para mim. As reflexões e discussões socializadas durante as disciplinas permitiram adquirir novos conhecimentos e compreender, claramente, a proposta da linha de pesquisa do Curso de Mestrado da UFPR.

Durante as aulas, tomei conhecimento do Grupo de Pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM)[10], que tem desenvolvido trabalhos, em Educação Matemática, utilizando a História Oral como metodologia de pesquisa. Um dos estudos abordados pelo Grupo se refere ao mapeamento e constituição do cenário de formação e atuação de professores de Matemática no Brasil, utilizando como abordagem metodológica a História Oral. Dediquei-me a leitura de diversos trabalhos do GHOEM, dentre eles de Vianna (2000), Baraldi (2003), Gaertner (2004), Rolkouski (2006), Cury (2007), Martins (2007), Martins-Salandim (2007, 2012), Fillos (2008) e Toillier (2013), que se inscrevem na linha de pesquisa História da Educação Matemática e valem-se da História Oral como metodologia de pesquisa.

---

[9] No primeiro semestre de 2012, cursei a disciplina *Educação Matemática e Escola*, ministrada pelos professores Doutores Carlos Roberto Vianna e Emerson Rolkouski e, no segundo semestre cursei a disciplina *Seminário de Pesquisa II em Educação Matemática,* ministrada, também, pelo professor Carlos.

[10] O site oficial do Grupo é www.ghoem.com.

Fascinada pelas leituras tive a convicção de que a História Oral se apresentava como uma possibilidade metodológica para compor o cenário de formação e atuação do professor de Matemática do município de Cascavel. Desse modo, desenvolvi o projeto de pesquisa com o objetivo de delinear um panorama das transformações históricas do processo de formação e atuação do professor de Matemática, em Cascavel, município em que residi durante um longo tempo e cresci profissionalmente. Na elaboração do projeto não tive dúvidas em definir a História Oral, em sua vertente História Oral Temática[11] como metodologia de investigação.

As leituras sobre a História de Cascavel, para a elaboração desse projeto, apontaram especificidades da Região Oeste do Paraná[12] que influenciaram no desenvolvimento educacional de Cascavel, desde a sua constituição nas primeiras décadas do século XX. Os pioneiros a se estabelecerem no município de Cascavel, tiveram, desde que chegaram, grande interesse pela escolarização das crianças e a constituição da escola. Assim, as primeiras escolas surgiram e foram mantidas por iniciativa dos primeiros moradores até o momento em que a educação passou a ser responsabilidade dos poderes públicos.

Foram muitas idas e vindas, em meio a legislações e políticas educacionais[13] até que se estabelecesse uma estrutura educacional que oferecesse os níveis de ensino: primário, ginasial, colegial e superior. Na busca por um ensino de qualidade, representantes dos municípios da Região Oeste do Paraná, em parceria com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), cooperativas e universidades da região criaram os projetos MEC/OEA e a ASSOESTE[14] que propuseram e efetivaram ações para a formação docente e elaboração de material didático.

Com a intenção de delinear esse cenário, de produzir conhecimento histórico e científico a partir das experiências e pontos de vista relatados pelos professores de

---

[11] De acordo com Meihy (2002) a História Oral Temática caracteriza-se por partir de um assunto específico e previamente estabelecido pelo entrevistador. No caso desse estudo, o assunto em destaque é a formação e atuação do professor de Matemática em Cascavel.

[12] A Expressão Região Oeste do Paraná trata da subdivisão específica do Estado em cinquenta municípios, o que diferencia de tratarmos como oeste do Paraná como um todo. Ao longo de todo o texto usaremos essa expressão.

[13] Desde a sua constituição até meados da década de 1960, Cascavel contava apenas com o Ensino Primário. No período proposto para esse estudo foram expedidos, em 1946 os decretos: n. 8529 – Lei orgânica do Ensino Primário e n. 8530 – Lei Orgânica do Ensino Normal. A Lei 5692 de 1971 fixou as diretrizes e bases para a educação nacional para 1º e 2º graus. Essas leis foram elaboradas como diretrizes nacionais numa tentativa de uniformizar o ensino.

[14] Ministério da Educação e Cultura/Organização dos Estados Americanos; Associação Educacional do Oeste do Paraná. Farei considerações sobre esses projetos nos capítulos que se seguem.

Matemática de Cascavel, delimitei, para esse estudo, o período que compreende o início da década de 1950, momento em que foi intensificado o processo de ocupação e colonização do município, até o final da década de 1980, quando o município já contava com a Fundação Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel (FECIVEL) a oferecer o Curso de Licenciatura em Matemática.

Considerei esse período específico porque as leituras sobre o desenvolvimento da Região Oeste do Paraná[15] apontaram que os acontecimentos econômicos, políticos e sociais, ocorridos no contexto nacional e estadual, foram determinantes para a configuração e o desenvolvimento do município foco desse estudo. Desse modo, a constituição do cenário de formação e atuação de professores de Matemática ocorrerá mediante a articulação do processo mais amplo de organização e transformação estadual e nacional.

Elaborei o projeto e participei do processo seletivo. Felizmente fui aprovada e iniciei o Curso em 2013. Após conversar com o professor Carlos Vianna, orientador desse estudo, ficou definido que os depoentes seriam professores que lecionaram Matemática, em Cascavel, seja qual fosse o nível de atuação, tendo em vista que, nas primeiras décadas da constituição do município, só havia o ensino primário.

O intuito dessa pesquisa é produzir fontes históricas a partir dos depoimentos dos professores colaboradores. Nossos vestígios do passado são as vivências e experiências desses professores que ao dialogarem com outras fontes como documentos escritos e imagens, da época, permitem a compreensão do nosso objeto de estudo.

Desse modo, para investigarmos o processo de formação e atuação de professores de Matemática em Cascavel abordamos algumas questões como: estudos durante a infância e a adolescência; motivos que levaram os entrevistados a seguir a carreira docente, em especial como Professor de Matemática; espaços e contextos de formação buscados pelos depoentes; espaços e contextos de formação considerados mais significativos; expectativas, facilidades e dificuldades encontradas na busca por formação; políticas educacionais vivenciadas e praticadas pelos professores de Matemática; características do município de Cascavel que contribuíram para uma formação diferenciada do professor de Matemática; as

[15] Não pretendo escrever a História do Município de Cascavel e nem da Região Oeste do Paraná, assim sugiro como leitura para aprofundamento desse assunto: Padis (1981), Wachowicz (1985, 1987), Sperança (1992, 2002), Arruda (2000), Gregory (2000), Freitag (2001) e Vander (2013).

contribuições dos projetos MEC/OEA e ASSOESTE para o ensino da Matemática em Cascavel.

A abordagem dessas questões, a partir das memórias relatadas pelos professores colaboradores da pesquisa, permite compor um cenário, sob outra perspectiva sobre como vem se delineando a formação de professores de Matemática desenvolvida e constituída no município de Cascavel (PR). Espero com esse trabalho contribuir com a constituição da História da Educação Matemática no Brasil e fomentar outras pesquisas.

1.4 APRESENTANDO O TRABALHO

Na Introdução desse trabalho apresento minha trajetória acadêmica e profissional, minhas buscas, esperanças, sucessos, insucessos e as intenções dessa pesquisa. Essa apresentação me pareceu necessária uma vez que meu desejo de cursar o Mestrado e a escolha do tema de pesquisa, de certo modo, decorreu das minhas experiências acadêmicas e práticas profissionais. Minha história se assemelha muito à história dos professores colaboradores, que vindos de outras regiões, estabeleceram-se em Cascavel (PR) em busca de realizações pessoais e profissionais.

No segundo capítulo esboço as possibilidades da Historia Oral como metodologia de pesquisa e as perspectivas para a realização dessa investigação. Apresento, também, os procedimentos utilizados no desenvolvimento desse trabalho, as etapas percorridas, a forma como selecionei os professores que formaram o núcleo de colaboradores, as negociações iniciais e a viabilidade para realizar as entrevistas, bem como meu posicionamento enquanto pesquisadora.

A apresentação do cenário dessa investigação se encontra no terceiro capítulo. Nele retrato os principais aspectos da formação e colonização do município de Cascavel. Teci também considerações sobre as principais características da Região Oeste do Paraná que foram determinantes no desenvolvimento e configuração do município de Cascavel, na constituição da sua escola e do seu sistema educacional.

Reservei o quarto capítulo para uma apresentação dos professores

colaboradores dessa pesquisa, esboçando alguns comentários sobre o momento das entrevistas e das negociações para a finalização do trabalho. As seis textualizações de entrevistas, conferidas e validadas pelos professores, são apresentadas nesse capítulo. Incorporei a este capítulo, também, cópias de documentos, imagens e fotografias cedidas pelos nossos depoentes ou obtidas durante as visitas às escolas, bibliotecas, museus e à UNIOESTE. O entrelaçamento de fontes orais e escritas permitiu uma melhor compreensão do processo de formação e atuação dos professores de Matemática do cenário investigado.

No último capítulo delineio alguns aspectos históricos sobre a formação e atuação do professor de Matemática em Cascavel a partir dos “olhares e vozes” dos professores entrevistados e de fontes documentais. Assim, o texto apresenta aspectos sobre a formação e atuação do professor em diferentes momentos da história da Educação Brasileira desde a primeira escolaridade, ensino primário, até o ensino superior. Nesse interim trato, também, dos Projetos MEC/OEA e ASSOESTE que foram de grande importância para a formação docente de um modo geral, não só para Cascavel, mas para toda a Região Oeste do Paraná.

2 UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA ORAL: “O FASCÍNIO DO VIVIDO”

2.1 HISTÓRIA ORAL: BALANÇO E POSSIBILIDADES

Neste capítulo, apresento algumas reflexões sobre as potencialidades e perspectivas da História Oral como metodologia de pesquisa. Como assinala Alberti (2004), saber de onde estamos falando quando trabalhamos com determinada metodologia, nos ajuda a aproveitar seu potencial.

Ao iniciar esta pesquisa uma das minhas preocupações foi compreender como utilizar essa metodologia para produzir fontes históricas sobre a formação e a atuação de professores de Matemática, em um município interiorano do Paraná, a partir dos depoimentos dos professores colaboradores. Mas, antes de apresentar como me posiciono para realizar esse trabalho, penso ser importante refletir sobre como utilizar a História Oral para narrar versões de um passado que deixou marcas nas vidas dos professores colaboradores.

A tradição oral, contar os acontecimentos do passado por meio da oralidade, é prática percebida desde a Antiguidade. A primeira História escrita, a de Heródoto sobre os feitos de gregos e persas, durante as Guerras Médicas, constituiu-se a partir da escuta e registro de testemunhos orais (JOUTARD, 2006).

No entanto, no século XIX, os trabalhos desenvolvidos por meio de relatos orais foram deixados em um segundo plano quando se instaurou um ideário de que a História deveria ser construída de maneira científica. Nesse processo, o historiador é percebido como uma pessoa neutra que relata o acontecimento histórico como ele “realmente aconteceu”. As experiências históricas e o passado foram tomados como o início para mostrar e justificar a realidade e as transformações futuras. Nesse modo de pensar, a História anunciava um futuro promissor “proporcionado pelo avanço do conhecimento, da ciência e da consciência”. “A modernidade buscou, na História, as leis da evolução humana, evolução civilizatória” (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 62).

Passou-se, então, a valorizar apenas os documentos escritos, atribuindo um sentimento quase que de “sacralização” a esse tipo de fonte. Os relatos orais passaram a ser considerados inadequados como prova por se considerar que eram imbuídos de “subjetividade, de uma visão parcial sobre o passado e estava sujeito a

falhas de memória" (ALBERTI, 2004, p. 18).

Mas, segundo Albuquerque Jr (2007), as abordagens historiográficas se alteram surgindo outros modos de pensar a História e seus desdobramentos metodológicos. Esse modo de pensar uma História científica passa por sucessivas críticas desde a Escola dos *Annales,* berço da maior revolução historiográfica, no início do século XX, ocorrendo uma mudança radical no panorama da historiografia, pois começa-se a construir a História a partir de questionamentos sobre o passado e não apenas sobre as fontes encontradas, mudando, desse modo, seu entendimento.

E nesse novo ideário em que a História deveria ser construída a partir de questionamentos sobre o passado, o mundo passa a ser visto como um local de experiências, onde não se busca a verdade absoluta para dar resposta a uma determinada questão. Mas, passa-se a considerar "a história do que construímos, como construímos, as condições da construção, porque o já feito limita o que se pode fazer agora". A produção do conhecimento histórico reside na "dependência das ações e experiências presentes e das ações e experiências passadas" (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 60).

Jenkins (2005, p. 20) aponta que a História não deve ser percebida como uma coisa simples, óbvia, transparente e sim "reconhecer que existe uma multiplicidade de tipos de História, cujo único traço em comum é que pretendem investigar o passado". A História é um dentre outros discursos sobre os acontecimentos do mundo. E seu objeto de estudo é o passado, pensado hoje "como uma invenção, de que fizeram parte sucessivas camadas de discursos e práticas" (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 61).

Instauram-se novas maneiras de pensar a História mudando de estatuto o conhecimento histórico e a escrita da História, com a intenção de investigar o passado. Uma delas é a metodologia de pesquisa que escolhi para a realização desse trabalho, a História Oral que ressurge a partir do século XX, principalmente com os estudos da Antropologia e da Sociologia, mas ganhou espaço no *corpus* de outras disciplinas como a Psicologia Social e a História. A realização de trabalhos por meio da oralidade se efetivou, de fato, após a Segunda Guerra Mundial com o advento dos gravadores portáteis, quando foi possível registrar os relatos e transformá-los em fontes de consulta.

No panorama mundial, o precursor da utilização de gravadores portáteis foi os Estados Unidos com as gravações realizadas pelo professor Allan Nevins com

personalidades famosas, no final da década de 1940. No entanto, ele nega essa paternidade afirmando que a História Oral ressurgiu da necessidade de preservar memórias que acabam caindo no esquecimento (GARNICA, 2005). A possibilidade de gravar os depoimentos possibilitou a consulta e estudos dessa fonte em qualquer tempo pelos pesquisadores. As entrevistas passam a receber o estatuto de documento atendendo aos procedimentos de gravação, tratamento e conservação dos relatos orais.

No entanto, esse documento é percebido como uma versão, um ponto de vista do depoente sobre o acontecimento do passado. Alberti (2004, p. 17) coloca que o depoente relata partes dos acontecimentos do passado, que muitos detalhes e repetições "podem ser parte do esforço obstinado e ao mesmo tempo importante de refazer o percurso do vivido".

Desse modo, não é ponto negativo o depoente "distorcer a realidade, ter falhas de memória ou errar em seu relato", o importante é refletir sobre as razões que levaram o entrevistado a conceber os acontecimentos do passado de um modo e não de outro e de que maneira sua "concepção difere (ou não) das de outros depoentes", Alberti (2004, p.19).

O entrevistador deve procurar se colocar no lugar de seu depoente-colaborador percebendo que no fato relatado há um sentido a ser compreendido e interpretado. Essa compreensão, como nos diz a autora, é "o mesmo que tornar a vivenciar" as experiências do entrevistado. Como pesquisadores, acrescenta, devemos nos preparar "criteriosamente" para que possamos ser capazes de compreender as expressões de vida de nossos depoentes acompanhando seus relatos. Thompson (2002, p. 43) coloca que "o historiador oral tem que ser um bom ouvinte". Essa foi a postura que adotei ao entrevistar os professores depoentes, procurando ouvi-los com interesse e atenção.

Alberti (2004, p. 21) aponta que muitos autores concebem a História Oral como "totalizadora", capaz de interpretar o passado em sua "densidade", principalmente quando as fontes orais são confrontadas com a falta de documentos escritos. Conforme a autora, isso ocorre porque a História Oral "está centrada no indivíduo, que funciona, em nossa cultura, como compensação totalizadora à segmentação e ao nivelamento em todos os domínios". Nesse sentido, entrevistado e entrevistador trabalham conjuntamente e "conscientemente na elaboração de projetos de significação do passado" (ABERTI, 2004, p. 22)

No entanto, Albuquerque Júnior coloca que não devemos pensar a oralidade como totalidade no sentido de contrapô-la a documentos escritos. Em suas palavras:

> O oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 230)

Entretanto, Alberti (2004, p. 19) coloca que "o tornar a vivenciar a experiência do outro nunca será completo". O entrevistador, na sua tentativa de compreender o relato do entrevistado, sempre usará a interpretação que, não sendo única e completa, "haverá sempre espaço para novas possiblidades, que, novamente, não darão conta da totalidade, e assim por diante". Como já assinalado, não é possível estabelecer uma versão definitiva, única, de um acontecimento do passado. Albuquerque Jr corrobora com essa ideia expressando:

> Texto aberto, interminável, em fluxo, como controlá-lo, como estabelecer sua versão definitiva, como lhe atribuir uma autoria, como descobrir o seu original, como decifrar o seu sentido? Estas passam a ser tarefas intermináveis dos especialistas [...] que se debruçam sobre a produção oral. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 231)

Isso pressupõe, que a comparação entre as versões apresentadas sobre um mesmo acontecimento do passado passou a ser relevante para as pesquisas em Ciências Sociais como aponta Alberti:

> Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiências e versões particulares de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhas, e de tornar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações. (ALBERTI, 2004, p. 19)

A História Oral passa a reivindicar um espaço no âmbito das pesquisas após ter superado os embates iniciais quando somente o material escrito era confiável. A primeira geração de historiadores, que reconhece a História Oral como uma possibilidade de pesquisa, surge nos Estados Unidos na década de 1950. O intento desses historiadores foi recolher material biográfico de pessoas famosas, para as próximas gerações de pesquisadores (JOUTARD, 2006).

Na Itália, o testemunho oral assume um importante papel por se apresentar como potencial de estudos dos acontecimentos e conjunturas sociais, no final da década de 1960, quando é utilizada por antropólogos e sociólogos para reconstruir a cultura popular. Eles são os precursores da nova geração de historiadores que voltam o olhar, não mais para as grandes personalidades, mas para as pessoas simples do povo, a minoria como analfabetos, mulheres, negros, operários, os considerados "marginalizados da História" (JOUTARD, 2006). Os trabalhos com a oralidade passam a dar atenção às perspectivas populares como, também, assinala Albuquerque Jr:

> Dos anos 1950 em diante, emerge um novo populismo, aquele que busca na "cultura popular", no "povo", os rastros da revolução, do descontentamento, da resistência ao poder e ao capital. O povo deixa de ser visto como tradicionalista, como costumeiro, como passadista, como último reduto da alma nacional, do espírito regional do caráter local, para ser visto como portador de falas dissidentes, de interpretações alternativas da cultura e da sociedade, como portador de uma inconsciente experiência libertária, contestatória rebelde. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 231)

Na América Latina as pesquisas com fontes orais são flagrantes a partir da década de 1970. Várias pesquisas foram realizadas utilizando essa abordagem metodológica e sua difusão resultou na implantação de vários programas de História Oral que criaram acervos para consultas das fontes orais obtidas.

Conforme Alberti (2004), O Programa de História Oral do CPDOC[16], pioneiro no Brasil, foi criado em 1975 e desenvolveu pesquisas tanto para criar um acervo de depoimentos orais não vinculados a um projeto de pesquisa (tendência norte-americana), quanto realizar entrevistas para a investigação de um objeto sem que elas fossem, necessariamente, disponibilizadas para o estudo de outros pesquisadores (tendência europeia).

As primeiras entrevistas do Programa se interessaram pelas trajetórias políticas do Brasil até chegar a uma compreensão do regime militar instaurado. Com o tempo, o Programa passou a realizar entrevistas com grupos específicos para conhecer suas formações e trajetórias como empresas, instituições de ensino, grupos profissionais, movimentos sociais, dentre outros. Para a realização dessas pesquisas se utilizava a vertente História Oral Temática que difere da História de Vida por se interessar por temas específicos e pelo envolvimento do entrevistado no assunto

[16] CPDOC – Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas.

estudado (ALBERTI, 2004).

Garnica (2005) aponta que no Brasil, com a criação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), em 1994, durante o II Encontro Nacional de História Oral, realizado no Rio de Janeiro, o uso de testemunhos orais para o desenvolvimento de pesquisas, antes vinculado, principalmente, aos estudos antropológicos, passa a ser aplicado por universidades e outras instituições em variados temas de estudo.

Atualmente, há uma discussão entre os pesquisadores que trabalham com a História Oral sobre suas práticas e estilos de pesquisa. Alguns a tem como uma metodologia de pesquisa, outros como "outra História", alguns ainda a concebem como uma maneira de coletar dados para a constituição de arquivos orais.

Mas para Lozano (2006, p.16) as fontes orais permitem "obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas". Acrescenta que a História Oral não pode ser entendida apenas como uma técnica ou procedimento para a depuração da entrevista gravada, nem como um roteiro detalhado e preciso para a transcrição da oralidade, muito menos, ainda, como um modo de obter dados para formar arquivos orais, mas propõe que essa abordagem:

> [...] é antes um espaço de contato e influencia interdisciplinares, sociais em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. (LOZANO, 2006, p. 16)

Lozano (2006, p. 16) aponta, também, que a História Oral estabelece e ordena os mesmos procedimentos de um método histórico tradicional para um trabalho de pesquisa. Inicialmente o pesquisador oral apresenta um problema inserindo-o num projeto de pesquisa. Em seguida, desenvolve criteriosamente todos os "procedimentos heurísticos apropriados à constituição das fontes orais que se propôs produzir". Finalmente, passa à análise e interpretação rigorosas das evidências e ao exame detalhado de fontes complementares como documentos escritos.

Dessa forma, Lozano (2006, p. 17) distingue a História Oral como um procedimento capaz de constituir "novas fontes para a pesquisa histórica com base nos depoimentos orais obtidos sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos". Desse modo, o pesquisador

oral não é visto apenas como um entrevistador que registra as vozes dos depoentes no gravador, mas como um pesquisador capaz de analisar, sintetizar e produzir conhecimento histórico.

Nesse sentido é que pretendo utilizar a História Oral para a realização desse trabalho, vendo-a como um procedimento capaz de constituir fontes históricas "novas ou inéditas" sobre o processo de formação e atuação do professor de Matemática, procurando evidenciar, a partir dos depoimentos dos professores entrevistados, a Educação Matemática desenvolvida em Cascavel. Assim, as fontes criadas estão pautadas nos pontos de vista e versões apresentados pelos depoentes-colaboradores. Os depoimentos suscitados permitem constituir "um abundante *corpus* documental sobre um campo histórico mal conhecido" (FRANÇOIS, 2006, p.11).

François (2006) acrescenta que a História Oral, além de revelar elementos novos sobre um período da História e gerar uma nova documentação, os arquivos orais, estabelece uma relação original entre o pesquisador e os atores da História. A História Oral permite estabelecer uma proximidade entre o entrevistador e a pessoa entrevistada.

Nesse encontro pessoal entre entrevistador e entrevistado, "os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo" entre os dois. O entrevistador mais do que "'recolher' memórias" por meio da oralidade deve provoca-las por meio da sua presença, de seus questionamentos, de suas reações. O contexto que envolve o pesquisador e o narrador leva, este último a explorar outros aspectos da sua vivência e experiência que, geralmente, não são evidenciados quando ele conta histórias para seu círculo de conivência (PORTELLI, 2010, p. 19, 20).

Alberti (2004, p. 34) complementa que a entrevista de História Oral é uma ação interativa entre o entrevistador e o entrevistado. O entrevistador, por mais que interfira o mínimo possível, permitindo que seu depoente relate suas experiências, "a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato – científico, acadêmico, político, etc. – sobre ações passadas e também de suas ações".

Ela é interativa porque há uma comunicação entre entrevistador e entrevistado, "há uma troca de olhares" (PORTELLI, 2010, p. 20). O entrevistador procura fazer com que seu depoente conte suas experiências e, esse olha para o entrevistador a fim de entender quem é e o que quer, e procura fazer com que ele entenda seu relato de tal forma que repense suas próprias percepções enquanto

pesquisador.

A especificidade da História Oral está na possibilidade de desenvolver pesquisas sobre o passado a partir das experiências vivenciadas, do ponto de vista inerente ao jeito de cada um contar sua história como conclui Alberti:

> [...] sua grande riqueza está em ser um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado tomados como dados objetivos, capazes de incluir (de agir, portanto) sobre a realidade e sobre nosso entendimento do passado. (ALBERTI, 2004, p. 42)

Cabe destacar, que a História Oral tem um importante papel social, ela dá voz a quem não teria voz sem ela, ela permite fazer perguntas que os documentos não se ocupam de fazer. Os documentos escritos e a oralidade se entrelaçam para se complementarem porque se ocupam de interesses diferentes. No caso dessa pesquisa, a História Oral reivindica o direito dos professores entrevistados contarem suas versões sobre o processo histórico de formação e atuação do professor de Matemática no município de Cascavel. Assim, no tópico seguinte, esboço algumas considerações sobre a utilização da História como metodologia de pesquisa para desenvolver trabalhos em Educação Matemática.

2.2 HISTÓRIA ORAL E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Um estudo sobre as transformações do processo de formação e atuação do professor de Matemática se insere na linha de investigação de alguns trabalhos realizados pelo GHOEM que utiliza a História Oral para propor e efetivar pesquisas em diferentes regiões brasileiras.

A História Oral Temática, mostra-se uma metodologia de pesquisa apropriada para este estudo porque permite constituir fontes sobre o processo histórico da formação e das práticas escolares de professores de Matemática que lecionaram no município. Os documentos gerados a partir dos pontos de vista e experiências individuais relatados pelos professores são importantes porque permitem conhecer trajetórias, eventos ou processos dos quais existem poucos registros. Por meio da oralidade temos a possiblidade de abordar questões que documentos de outra

natureza não responderiam, como já mencionado, por se ocuparem de outros interesses como nos aponta Alberti:

> A entrevista de História oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais impressões particulares etc. (Alberti, 2004, p. 22)

A História Oral é entendida por Garnica (2005) como uma abordagem metodológica qualitativa com contribuições significativas para pesquisas em Educação Matemática. Na linha de investigação História da Educação Matemática no Brasil, desenvolvida pelo GHOEM, essa abordagem tem sido utilizada para estudar o processo histórico da formação de professores, das instituições escolares, das disciplinas e práticas escolares, das legislações, das reformas educacionais, dentre outros aspectos.

Para Garnica (2005) optar pela História Oral como metodologia de pesquisa para estudos historiográficos "é optar por uma concepção de História e reconhecer os pressupostos que a tornaram possível". Os pesquisadores que desenvolvem pesquisas com essa abordagem devem perceber "suas limitações e suas vantagens e, a partir disso, reconfigurar os modos de agir de maneira a vencer as resistências e ampliar as vantagens".

O autor aponta que a História Oral deve ser percebida como uma possibilidade para constituir uma das várias versões da História a partir das experiências vivenciadas por "atores sociais", considerando "as memórias desses atores" como elementos essenciais desse processo, sem desprezar, no entanto, os documentos oficiais.

Considerando que não há uma História verdadeira, Garnica (2005)[17] coloca que essa abordagem procura "pela verdade das histórias, reconstituindo-as como versões, analisando como se impõem os regimes de verdade que cada uma dessas versões cria e faz valer".

A História Oral utilizada como referencial teórico metodológico para compor uma paisagem histórica da formação e práticas do professor de Matemática permite, por meio das vozes dos depoentes que vivenciaram certas situações e contextos, evidenciar elementos de suas vidas, experiências, lutas e compreensões do mundo,

[17] Documento não paginado.

muitas vezes negligenciados por documentos oficiais, caindo no esquecimento. Esses elementos podem enriquecer trabalhos já desenvolvidos ou apresentar uma nova compreensão do panorama histórico. A História Oral dá ao professor a oportunidade dele falar e sua fala é registrada por meio de um documento escrito.

Segundo Garnica (2005), o tema formação de professores é tratado pela História da Educação Brasileira, entretanto, o lócus de estudo é as grandes instituições, nos grandes centros urbanos, não percebendo, muitas vezes, os "contextos particulares" de formação. Esses contextos referem-se às "formações informais" e "projetos emergenciais de formação de professores" que surgiram devido à necessidade de escolarização da população e a falta de universidades para a formação docente em regiões interioranas em determinadas épocas.

Elaborar esse trabalho baseado nos depoimentos dos professores de Matemática de Cascavel é construir um saber histórico em torno da vida de pessoas que contribuíram para o processo de reconstituir o passado, mas no tempo presente. Com isso busquei valorizar essas contribuições registrando em documentos o seu regime de verdade, a visão que têm do passado a partir de suas vivências e experiências, e, também, constituir uma versão possível sobre a formação do professor de Matemática em Cascavel.

Assim, utilizando a História Oral como referencial metodológico de pesquisa qualitativa, entrevistei seis professores de Matemática, em Cascavel, "buscando resgatar anterioridades para redimensionar histórias presentes", no entanto, respeitando trabalhos já desenvolvidos, mas inserindo novas particularidades e contribuições à História da Educação Matemática Brasileira (GARNICA, 2006).

2.3 NOSSOS PROCEDIMENTOS

Para a realização desse trabalho adotei alguns procedimentos que têm sido negociados e debatidos por pesquisadores que utilizam a História Oral para desenvolver pesquisas e estudos em Educação Matemática. Eles não se definem como ações rígidas a serem seguidas por aqueles que utilizam essa abordagem metodológica, mas apresentam uma relativa estabilidade. Minhas ações consistiram em: selecionar um grupo de professores depoentes cuja história considerei relevante

para compreender o objeto de pesquisa; elaborar um roteiro com os temas de interesse da pesquisa; gravar os depoimentos dos professores colaboradores; transcrever e textualizar a entrevista gravada.

Em acordo com o orientador dessa pesquisa, estabelecemos como critério para a seleção dos depoentes, professores que lecionaram a disciplina de Matemática nos níveis primário, secundário e superior, no período delimitado para o estudo. A intenção era realizar tantas entrevistas quantas fossem possibilitadas pelos professores com quem eu pudesse ter contanto. No entanto, isso não foi possível diante do expressivo número de professores que foram indicados e estavam dispostos a ceder a entrevista. A cada entrevista que realizava, recebia a indicação de pelo menos o nome de mais um possível depoente que o entrevistado julgava que era muito importante eu ouvi-lo, pois tinha coisas interessantes para contar. Assim, mesmo considerando que todos os depoimentos seriam válidos, decidi entrevistar apenas professores cujos depoimentos seriam úteis para a pesquisa. Para delimitar o número de participantes entrevistados considerei, também, se aspectos importantes dos depoimentos seriam repetidos pelos possíveis depoentes.

A primeira pessoa a ser convidada foi a professora Leila Deixun Franzini[18]. Era um nome que eu tinha em mente desde a elaboração do projeto, pela proximidade durante a realização do Curso de Licenciatura em Matemática da UNIOESTE. Durante o período de graduação, em conversas informais, a professora me contou sobre acontecimentos interessantes da sua vida acadêmica e profissional que poderiam contribuir com esse trabalho.

Não consegui, de imediato, encontrar a professora Leila em Cascavel, os números de telefones que ela havia me passado durante a graduação não respondiam. Iniciei uma busca contatando outros professores e colegas de graduação. Descobri que a professora Leila já havia se aposentado e mudado para Barretos, interior do Estado de São Paulo. Na lista de endereços encontrei, apenas, o telefone de sua filha Camila. Fiz contato pelo telefone e ela me informou que a professora Leila estava visitando a mãe em Birigui (SP), mas transmitiria meu recado.

Passados alguns dias, a professora Leila fez contato telefônico. Nossa conversa foi muito agradável. Expliquei, em linhas gerais, as intenções e procedimentos adotados para a pesquisa que eu iria desenvolver. Num primeiro

---

[18] A professora Leila ministrou as disciplinas de Desenho Geométrico e Geometria Descritiva e Prática de Ensino durante o período da minha graduação na UNIOESTE.

momento, a professora Leila considerou que seu depoimento não contribuiria muito para o meu estudo e sugeriu as professoras Tânia Stella Bassoi e Arleni Elise Sella Langer, que também foram professoras do período de minha graduação. Depois de esclarecidas algumas dúvidas e fornecer mais detalhes sobre a proposta e interesses da pesquisa, ela aceitou ceder seu depoimento.

Para Meihy (2002, p. 80), essa postura de algumas pessoas considerarem que seus depoimentos não são importantes e delegarem a outros a oportunidade de dar testemunhos, deve-se a uma característica de nossa sociedade de valorizar celebridades e "diminuir o papel de pessoas comuns".

A partir das sugestões da professora Leila, fiz contato telefônico com a professora Tânia Bassoi e com a professora Arleni Langer. Após explicar o estudo a ser desenvolvido e que a metodologia de pesquisa seria a História Oral, elas aceitaram, prontamente, participar da pesquisa[19].

Durante as entrevistas, as três professoras mencionaram o nome do professor Carlos Roberto Calssavara[20]. Segundo o depoimento das entrevistadas o depoimento do professor Carlos seria importante para o estudo porque além de lecionar as disciplinas de Matemática e Física e assumir cargos de chefia, tanto nas escolas estaduais de Cascavel quanto na UNIOESTE, participou de projetos para a implantação de cursos profissionalizantes e de formação docente no município quando atuava no Núcleo de Educação de Cascavel. Convidei o professor Carlos por meio de contato telefônico e ele também se propôs a participar da pesquisa. Esse processo de selecionar colaboradores a partir da indicação de depoentes que foram convidados para participar da pesquisa caracteriza o "critério de rede[21]".

Durante as entrevistas, os professores depoentes me informaram que chegaram em Cascavel durante a década de 1970, assim, senti necessidade de encontrar colaboradores que pudessem me contar experiências vivenciadas a partir da década de 1950. Solicitei aos depoentes colaboradores sugestões de outros professores que pudessem participar da pesquisa e tivessem lecionado nesse

---

[19] A professora Tânia Bassoi e a professora Arleni Langer também foram muito importantes para o meu processo de formação acadêmica. Ambas atuaram nas disciplinas de Prática de Ensino e Didática Aplicada ao Ensino da Matemática. A professora Tânia participou da Banca de Defesa da minha Monografia e suas contribuições enriqueceram o trabalho desenvolvido.

[20] O professor Carlos também era conhecido do período da graduação. Ministrou as disciplinas de Matemática Financeira e Didática Aplicada ao Ensino da Matemática II.

[21] Alguns pesquisadores preferem levantar possíveis nomes de depoentes analisando documentos encontrados nas escolas, bibliotecas, universidades, dentre outros.

período, mas, infelizmente, as pessoas indicadas já haviam falecido.

Durante a primeira viagem a Cascavel, para iniciar as entrevistas, meados do mês de agosto de 2013, realizei uma visita ao Museu da Imagem e do Som de Cascavel (MIS)[22], em busca de documentos e fotos sobre o município. Fui muito bem recebida pela equipe de profissionais que trabalham no Museu. Eles me orientaram a falar com o Senhor Dércio Galafassi[23], que segundo eles, sabia tudo sobre Cascavel e poderia me indicar possíveis nomes de depoentes.

Conversei com o Senhor Dércio por telefone e ele comentou que sua esposa, Dona Darlene Gomes Galafassi, havia lecionado em Cascavel durante o final da década de 1950 e início da década de 1960. O depoimento da Dona Darlene poderia esclarecer aspectos sobre o sistema educacional desse período, assim, liguei para sua casa e a convidei para participar da pesquisa. Após expor minha intenção de trabalho, ela aceitou prontamente ceder a entrevista, pediu apenas que eu a aguardasse terminar de lavar a louça do almoço. Entrevistei Dona Darlene no mesmo dia.

Essa facilidade com que Dona Darlene se propôs a colaborar com nosso trabalho de pesquisa se deve ao fato de que seu marido, o Senhor Dércio, participou de vários projetos cedendo entrevistas sobre o município de Cascavel, desde a sua chegada. Esses projetos visaram constituir uma “Memória” do município desde a chegada dos pioneiros.

Durante a estadia em Cascavel para realizar as entrevistas, fiquei hospedada na casa da professora Silvana Aparecida Chimit Souza e de seu esposo Gilberto Souza, meus amigos há muitos anos. Conversamos sobre a pesquisa e a professora Silvana me indicou a professora Maria de Lourdes Prado Becker. Por meio de contato telefônico, Dona Maria de Lourdes aceitou de imediato colaborar com a pesquisa cedendo seu depoimento. Percebi que avançaria nas compreensões do objeto de

---

[22] O Museu da Imagem e do Som de Cascavel (MIS) está localizado no prédio do Centro Cultural Gilberto Mayer. Atualmente o Museu conta com um valoroso acervo de aproximadamente 50 mil itens, entre eles fotografias, negativos, fitas de vídeo, slides e filmes. Tais objetos remontam o período da colonização e desenvolvimento da cidade de Cascavel, bem como de períodos atuais.

[23] O Senhor Dércio Galafassi nasceu em 23 de julho de 1935, em São Francisco de Paula (RS). É filho dos pioneiros Florêncio Galafassi e Emília Decó Galafassi, que vieram a se estabelecer na região de Cascavel no final da década de 1940. Entretanto, como o Senhor Dércio estudava em um colégio secundário de Porto Alegre, só veio para Cascavel em 20 de dezembro de 1950, quando os pais já se encontravam solidamente estabelecidos e integrados à vida comunitária. O Senhor Dércio e a Dona Darlene ainda residem em Cascavel.

estudo com o depoimento da professora Maria de Lourdes, a formação e a atuação do professor de Matemática, em tempos mais remotos. A professora Maria de Lourdes, assim como a Dona Darlene chegaram em Cascavel no final da década de 1950 e lecionaram em um período em que havia apenas o Ensino Primário no município.

Selecionados os professores, o próximo passo foi elaborar uma carta de apresentação[24] que foi entregue aos professores colaboradores durante a primeira entrevista. Nessa carta, retomei as intenções do trabalho e os procedimentos da minha metodologia de pesquisa, que foram explicitados durante os contatos telefônicos. Informei, também, a necessidade de assinarem uma carta de cessão[25] de direitos dos documentos escritos. Combinei com meus colaboradores de encaminhar as gravações, as transcrições e as textualizações para apreciação e possíveis correções. As entrevistas foram agendadas de acordo com a disposição dos professores depoentes e minha de realizar as viagens para Cascavel. Elas ocorreram a partir do mês de agosto de 2013, momento em que eu ainda estava cursando os créditos de Mestrado.

Optei por realizar dois momentos de entrevistas: no primeiro, entreguei aos professores colaboradores fichas contendo temas específicos sobre o objeto de investigação que gostaria de explorar, evidenciados a partir de um roteiro geral; no segundo, elaborei um roteiro individual contendo perguntas sobre a entrevista cedida com a intenção de compreender ou complementar uma informação relatada pelo depoente ou saber por que determinado tema não foi abordado[26].

O objetivo das fichas foi o de provocar evocações dos entrevistados sobre o tema da pesquisa. Percebi que isso foi muito positivo porque os professores sentiram-se mais à vontade para falar no primeiro encontro.

O roteiro geral foi elaborado a partir dos temas de interesse da pesquisa. O roteiro individual decorreu do cruzamento entre o roteiro geral e as informações obtidas durante as entrevistas com os professores colaboradores.

No entanto, não me ative somente a esse roteiro individual, pois outras informações surgiram ao decorrer da segunda entrevista e senti necessidade de aprofundá-las realizando novas perguntas. Nesse momento, procurei provocar os

---

[24] A carta de apresentação se encontra no Apêndice 1.
[25] As cartas de cessão assinadas pelos professores colaboradores encontram-se nos Anexos.
[26] O roteiro geral e as fichas temáticas se encontram nos Apêndices 2 e 3, respectivamente.

depoentes com perguntas e com minha presença, como nos sugere Portelli (2010).

Os temas abordados nas fichas temáticas se referem a aspectos da educação na infância, na adolescência e na juventude; espaços e contextos de formação; cursos, treinamentos e capacitações; acontecimentos políticos e sociais; viver no município de Cascavel; Projeto MEC/OEA; Projeto ASSOESTE; políticas educacionais vivenciadas; legislação vigente; vida como professor; outros cargos assumidos; motivos, acontecimentos que o levaram a seguir a carreira docente.

No dia da entrevista, antes das gravações, esclareci possíveis dúvidas sobre a pesquisa e comentei, brevemente, sobre os temas propostos nas fichas. Orientei os professores colaboradores que poderiam escolher os temas de suas preferências e que não havia necessidade de seguirem uma ordem cronológica ou mesmo falar sobre todos eles. Ao final da entrevista, solicitei aos meus depoentes registros da época como documentos pessoais e fotografias do passado para serem incorporados à pesquisa.

Durante todo o processo adotei uma postura de respeito e franqueza desde o contato inicial e agendamento das entrevistas até a finalização do trabalho com a apresentação do documento final. Procurei mostrar aos meus colaboradores que seus depoimentos eram de grande importância para o meu estudo e que ficaria muito satisfeita em entrevistá-los.

A proximidade com alguns dos depoentes facilitou o contato inicial e o momento da primeira entrevista. Embora o diálogo e o relacionamento com a Dona Darlene e a professora Maria de Lourdes, professoras que conheci no momento das entrevistas, foi muito amigável. Percebi que o momento da segunda entrevista, para todos os professores entrevistados, foi mais longo e descontraído[27], possivelmente pelo diálogo amistoso que estabeleceu um vínculo positivo no primeiro encontro.

Meihy (2002) orienta que ao realizarmos um trabalho de pesquisa utilizando a História Oral convém considerar alguns aspectos de cada uma das etapas percorridas: gravação, confecção do documento escrito e análise do mesmo.

Para o momento da gravação, optei pela naturalidade, não enviei o roteiro da entrevista antecipadamente aos meus colaboradores e não planejei o tempo das mesmas. Procurei não interferir durante a primeira entrevista, a não ser quando solicitada, para que os professores pudessem contar livremente suas experiências a

[27] Informações detalhadas sobre o momento das entrevistas serão apresentadas antes das mesmas.

partir dos temas propostos. As fichas serviram como disparadoras de memórias sobre a temática central da minha pesquisa: a formação e a atuação do professor de Matemática em Cascavel.

Acredito que as interrupções, durante o primeiro momento das entrevistas, podem prejudicar a ação do depoente de contar sua história. Um simples comentário pode levar o depoente a se esquecer de aspectos que podem ser ricos e significativos para compreendermos situações até então não consideradas.

O processo de rememorar experiências vividas suscita nos depoentes diferentes reações emocionais ao se confrontarem com aspectos sensíveis de suas vidas. O momento das entrevistas revela-se como um espaço para diferentes funções não se configurando apenas como um conjunto de perguntas e respostas, muito menos se limita as intenções de pesquisa do entrevistador, mas pode ser "um momento para denúncias, para reflexão, para análise de situações vivenciadas, para a rememoração saudosista, para a purgação, para a homenagem, para a expressão de ressentimentos e realizações, dentre outros (MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 54)

Essas questões me levaram a ponderar sobre a maneira de me relacionar e me comunicar com meus depoentes. Adotei uma postura de respeito ao posicionamento de meus colaboradores, demonstrando interesse por tudo o que eles me contavam, pois muito do que se conversou durante as entrevistas não estava diretamente ligado ao meu tema de estudo, mas, como afirma Portelli (2010, p. 211), "encontros em campo muitas vezes são difíceis e conflituosos: o que 'interessa' aos ouvidos do pesquisador não coincide necessariamente com o que o narrador tem vontade de contar".

As condições do local das entrevistas, também, foram consideradas para favorecer o momento das mesmas. Seguindo a sugestão de Meihy (2002, p. 80), permiti que os professores colaboradores decidissem sobre onde gostariam de gravar o depoimento. No entanto, os alertei que deveria ser um ambiente tranquilo e confortável para que se sentissem à vontade para falar, adequado para as gravações, uma vez que as "interrupções externas ou outros impedimentos perturbariam a concentração" e prejudicariam o momento da entrevista.

A professora Leila Deixun, a professora Maria de Lourdes e a Dona Darlene Galafassi cederam seus depoimentos em suas residências, enquanto que a professora Tânia Bassoi, a professora Arleni Sella e o professor Carlos Calssavara preferiram ser entrevistados no local de trabalho, na UNIOESTE. Realizei doze

entrevistas, considerando duas para cada professor, totalizando vinte e uma horas, treze minutos e cinquenta e cinco segundos de gravação. Para facilitar o entendimento dos leitores apresento no (QUADRO 1) o local, as datas e o tempo das entrevistas realizadas com os professores colaboradores.

Professor	Local	Data	Tempo de Gravação (Minutos)	Tempo Total de Gravação (Horas)
Leila Deixun	Residência em Barretos	29/07/2013 27/08/2013	95:41 375: 22	07:50:03
Arleni Langer	UNIOESTE em Cascavel	07/08/2013 23/09/2013	54:09 114:14	02:48:23
Tânia Bassoi	UNIOESTE em Cascavel	07/08/2013 25/09/2013	80:49 155:08	03:55:57
Darlene Galafassi	Residência em Cascavel	08/08/2013 09/03/2014	38:37 42:46	01:21:23
Carlos Calssavara	UNIOESTE em Cascavel	24/09/2013 10/12/2013	41:33 77:59	01:59:32
Maria de Lourdes	Residência em Cascavel	11/12/2013 03/06/2014	57:46 140:46	03:18:32

QUADRO 1 – LOCAL, DATA E TEMPO DAS ENTREISTAS
FONTE: A autora (2014)

Realizada a primeira entrevista, passei para o processo de transcrição e textualização do registro oral. Alertei meus depoentes que esse processo era bastante demorado, que a próxima entrevista demoraria a acontecer e que aguardassem o retorno sobre seus depoimentos. No entanto, mantive contato por meio de ligações telefônicas e trocas de mensagens eletrônicas para diminuir a expectativa dos professores colaboradores.

A transcrição consistiu na passagem literal da fala para o escrito, ou seja, coloquei as “palavras em seu estado bruto” procurando me aproximar o máximo possível do registro gravado. Repetições, erros de concordância, vícios de linguagem, perguntas, respostas, comentários que fiz durante a entrevista, barulhos, interrupções,

sorrisos, dentre outros sons, foram mantidos, como nos sugere Meihy (2002).

Esse processo exigiu que eu ouvisse diversas vezes as entrevistas para que eu me aproximasse o máximo possível do que foi falado. Com exceção da entrevista da Dona Darlene, obtive ótima qualidade de gravação para as demais, permitindo transcrevê-las com tranquilidade. A gravação da entrevista da Dona Darlene ficou comprometida porque havia muito barulho por conta dos motosserras que seus empregados estavam utilizando para cortar as imensas árvores de seu jardim. Acredito que isso aconteceu porque entrevistei a Dona Darlene no mesmo dia em que a convidei para participar da pesquisa, não havendo tempo para a mesma se organizar.

Após a transcrição, elaborei a textualização que consistiu em recriar o texto em primeira pessoa, respeitando e mantendo os dados dos depoimentos. Nessa fase, para dar mais fluência ao texto e facilitar a compreensão do leitor, procurei estabelecer uma ordem cronológica dos fatos e suprimi as perguntas, as palavras e frases repetidas, os vícios de linguagem e erros de concordância que são comuns na linguagem falada. No entanto, procurei manter as características das falas, “o tom vital” dos depoimentos ao elaborar o documento de História Oral como defende Alberti:

> O copidesque de uma entrevista é, portanto, diverso daquele que geralmente se faz em textos de outra ordem, como artigos de periódicos, por exemplo. Não se trata de aprimorar a forma de enunciar as ideias para alcançar uma linguagem mais elaborada. Ao contrário: porque o documento de história oral guarda uma especificidade que o distingue de outras fontes, convém preservar as características da linguagem falada (ALBERTI, 2004, p. 214).

O processo de textualização também foi bastante demorado porque houve a necessidade de ler várias vezes a transcrição para me familiarizar com o “tom” da entrevista, sendo necessário, algumas vezes, ouvir as gravações novamente. Para esse processo considerei a postura adotada por Toillier (2013, p. 34) de não fazer juízo de valor sobre os “dizeres” de meus depoentes, mantendo todas as informações relatadas, mesmo as que não estão diretamente relacionadas com o tema de estudo, por considerar que tais enunciações expressam a “maneira do depoente se mostrar ao mundo”. Para o autor, as memórias têm alguma importância para o depoente e cabe ao pesquisador percebe-la como “disparadora de novas perspectivas”. Mantive as versões dos depoentes, aproveitando todas as considerações que julgaram

necessárias fazer na tentativa de reconstituir suas histórias e não apenas aquilo que era de interesse da pesquisa.

Seguindo as orientações de Alberti (2004) procurei adotar um posicionamento ético, de honestidade, sensibilidade e consciência de minha relevância e responsabilidade na constituição do documento escrito.

Realizadas as etapas da transcrição e da textualização do registro oral da primeira entrevista, contatei os professores depoentes e agendamos um novo encontro. Para esse novo momento, elaborei o roteiro individual a partir dos relatos dos depoentes. Embora ele tenha servido apenas para orientar as narrativas dos entrevistados, uma vez que puderam expressar livremente suas perspectivas, pois "a entrevista em História Oral não é conduzida só pelo entrevistador e seu roteiro" (MARTINS-SALANDIM, 2012, p. 54).

Os depoimentos gravados durante a segunda entrevista também passaram por essas duas etapas: transcrição e textualização. A partir do cruzamento da textualização das duas entrevistas gravadas, que aconteceram em momentos diferentes, elaborei o texto final.

O processo de elaboração do texto final foi bastante longo e trabalhoso, pois me deparei com novas informações e com muitas repetições, sendo algumas truncadas. Com a intenção de melhorar minhas compreensões e facilitar o entendimento do leitor, realizei um trabalho de pesquisa de nomes de pessoas, datas, de bibliografias, de lugares e siglas citados durante as entrevistas para serem incorporados, adequadamente, às textualizações.

Para facilitar o trabalho de escrita das entrevistas, elaborei e solicitei aos professores depoentes que preenchessem uma ficha cadastral contemplando dados pessoais, acadêmicos e profissionais[28].

Seguindo as orientações de Meihy (2002) elaborei, também, um "caderno de campo" para registrar as observações sobre o andamento das entrevistas e o desenvolvimento da pesquisa. Os acordos realizados durante os contatos telefônicos, os estágios que passei para chegar a cada professor colaborador, momentos das viagens a Cascavel e Barretos, momentos pelos quais cada entrevista passou, o posicionamento dos colaboradores sobre a pesquisa, incidentes de percursos, visitas realizadas às instituições, minhas impressões, hipóteses e reflexões foram registrados

[28] O modelo da ficha para registrar os dados cadastrais do depoente se encontra no Apêndice 4.

nesse caderno.

As formas textuais dos depoimentos foram encaminhadas aos professores colaboradores, por meio de mensagens eletrônicas, para apreciação e eventuais correções e mudanças pertinentes. Nesse momento, realizei um trabalho conjunto de revisão do texto final com os professores colaboradores, que tiveram a oportunidade de contribuir com novas informações acrescentando, revendo ou vetando elementos como datas, nomes, lugares, fatos relatados, dentre outros. Os depoimentos gravados em CDs foram entregues, pessoalmente, aos professores durante minha última estadia em Cascavel, na segunda semana do mês de outubro de 2014, para finalizar a pesquisa, exceto o da professora Leila Deixun que encaminhei pelo correio à Barretos (SP).

Meihy (2002, p. 232) ao argumentar sobre os procedimentos para a transcrição e textualização do registro oral aponta que o processo de conferência e validação do texto final termina “se o colaborador se identificou ou não com o resultado”. A ação do depoente de se reconhecer no texto produzido confere qualidade ao trabalho de textualização realizado.

Depois de conferido e validado o texto final, solicitei aos professores colaboradores da pesquisa que assinassem uma carta de cessão de direitos dos documentos escritos. Esse documento, assinado pelos professores colaboradores, me permite utilizar, em minha pesquisa, as gravações, as textualizações e os registros pessoais de seu passado como documentos escritos e fotos.

A base de produção de dados da pesquisa foi as entrevistas, no entanto, não negligenciei documentos escritos e imagens que encontrei ou recebi dos professores colaboradores por considera-los como possibilidades complementares que ampliam o potencial de análise das evidências, tornando mais acessível o objeto de estudo[29].

Alberti (2004) assinala que o uso de documentos e fotos da época tem efeito duplo, pois além de embasar o trabalho do pesquisador, ajuda o depoente a recordar situações e permite “o desdobramento da resposta por meio de associações com outros fatos”.

Nesse trabalho, minha pretensão não foi apenas gravar depoimentos, sistematiza-los e gerar um documento a partir das experiências e pontos de vista

[29] As imagens incorporadas nesse trabalho são apenas ilustrativas, não são objetos de análise e foram inseridas no momento em que há menção do tema. As imagens foram obtidas dos depoentes e do Museu da Imagem e do Som de Cascavel (MIS), e ficam disponíveis para outros pesquisadores.

relatados por professores de Matemática, mas produzir conhecimento histórico e científico a partir das minhas interpretações e compreensões apoiadas a um referencial teórico e valendo-me de outras fontes documentais complementares.

Com a ajuda dos depoentes consegui elaborar compreensões sobre o tema de pesquisa constituindo “minha versão” sobre o processo histórico de formação e atuação do professor de Matemática que lecionou em Cascavel e contribuir com a História da Educação Matemática no Brasil.

Segundo Vianna (2014, p. 78) “o movimento de analisar e produzir síntese é cíclico (dialético)”, pois cada síntese produzida sobre um tema de pesquisa “remete a novas possibilidades de análise e essas, por sua vez, a novas sínteses”. Desse modo, os documentos que elaborei a partir dos depoimentos dos professores podem produzir diferentes estudos quando analisados por outras pessoas, mesmo supondo que todos mantenham a “objetividade temática” e não modifiquem nada.

Assim, para constituir minha versão sobre o movimento de formação e atuação do professor de Matemática em Cascavel, em uma época específica, segui o posicionamento de Vianna (2014, p. 79) procurando construir, para minha “análise-síntese”, “uma forma de apresentação dos textos que favorecesse a abertura de novas possiblidades de narrativa em torno ao tema que pesquisamos”.

Esbocei minhas compreensões e procedimentos da minha metodologia de pesquisa, a História Oral, percebida como um rico referencial metodológico qualitativo uma vez que me permitiu apresentar uma das versões do cenário histórico do processo de formação e atuação do professor de Matemática em Cascavel a partir dos relatos dos depoentes.

Antes de esboçar os “olhares e vozes” dos professores colaboradores tecerei algumas considerações sobre o município de Cascavel, seu processo de colonização e constituição, que está atrelado ao desenvolvimento da Região Oeste do Paraná, para que possamos compreender seu desenvolvimento e as especificidades do seu sistema educacional.

Os primeiros povoados da região de Cascavel surgiram a partir das travessias de tropeiros conduzindo gado, ervateiros e madeireiros transportando e comercializando produtos, além de colonos que se estabeleceram, dispersamente, no interior regional, reconfigurando sua paisagem.

3 CASCAVEL: "A COBRA CRIADA" NO OESTE PARANAENSE

A leitura de trabalhos[30] que teceram transformações históricas da Educação, em particular, da Educação Matemática no Brasil permitiu compreender que as regiões ou municípios considerados para as pesquisas apresentaram, apesar de pertencerem a um mesmo contexto político nacional, diferentes aspectos que caracterizaram o processo de formação e atuação dos professores. Esses aspectos estão relacionados às questões geopolíticas, econômicas, sociais e culturais dos períodos estudados.

Assim, considero conveniente esboçar alguns aspectos do município de Cascavel[31] que contribuíram para o seu desenvolvimento, o surgimento das primeiras escolas e da primeira faculdade da Região Oeste do Paraná, a FECIVEL. Cabe destacar que seu processo de ocupação e desenvolvimento está atrelado ao processo de colonização e produção da Região Oeste do Paraná, cuja ocupação e desenvolvimento não aconteceram de forma aleatória, mas, também, por incentivo do governo estadual e federal que promoveram diversos projetos colonizadores com a intenção de definir seu território e nacionalizar as regiões fronteiriças, na segunda metade do século XIX e início do século XX.

O município de Cascavel localiza-se na região Oeste do Estado do Paraná[32]. Considerado o quinto município mais populoso do estado, com uma área territorial de 2100,105 km^2, teve seu desenvolvimento planejado graças a sua topografia privilegiava. Considerado como um dos maiores polos econômicos do Paraná e o maior da Região Oeste, é conhecido como a Capital do Oeste do Paraná. A distância rodoviária até Curitiba, capital do estado é de aproximadamente 492 km e até Foz do Iguaçu é de 140 km. Para facilitar a localização dos leitores segue, na Figura 1, o mapa do Paraná com a localização de Cascavel.

Segundo a lenda, a região recebeu o nome de Cascavel de um grupo de

---

[30] Refiro-me à leitura dos trabalhos do GHOEM. Alguns exemplos de trabalhos desenvolvidos pelo Grupo se encontram na página 19.

[31] Como mencionado anteriormente, não tenho a intenção de aprofundar estudos sobre a História do município de Cascavel ou da Região Oeste do Paraná e, sim, evidenciar alguns aspectos do cenário desse estudo. Na página 21 apresento algumas sugestões de leitura para estudo e aprofundamento desse assunto.

[32] No Anexo 1 se encontra o mapa da Região Oeste do Paraná com a localização dos municípios que constitui a Associação dos Municípios do Paraná, a AMOP.

viajantes, que, ao pernoitar perto de um rio, encontraram um ninho de cobras cascaveis. O local ficou conhecido pelos herdeiros dos antigos tropeiros como rio da Cascavel até que passou a ser chamado de rio Cascavel.

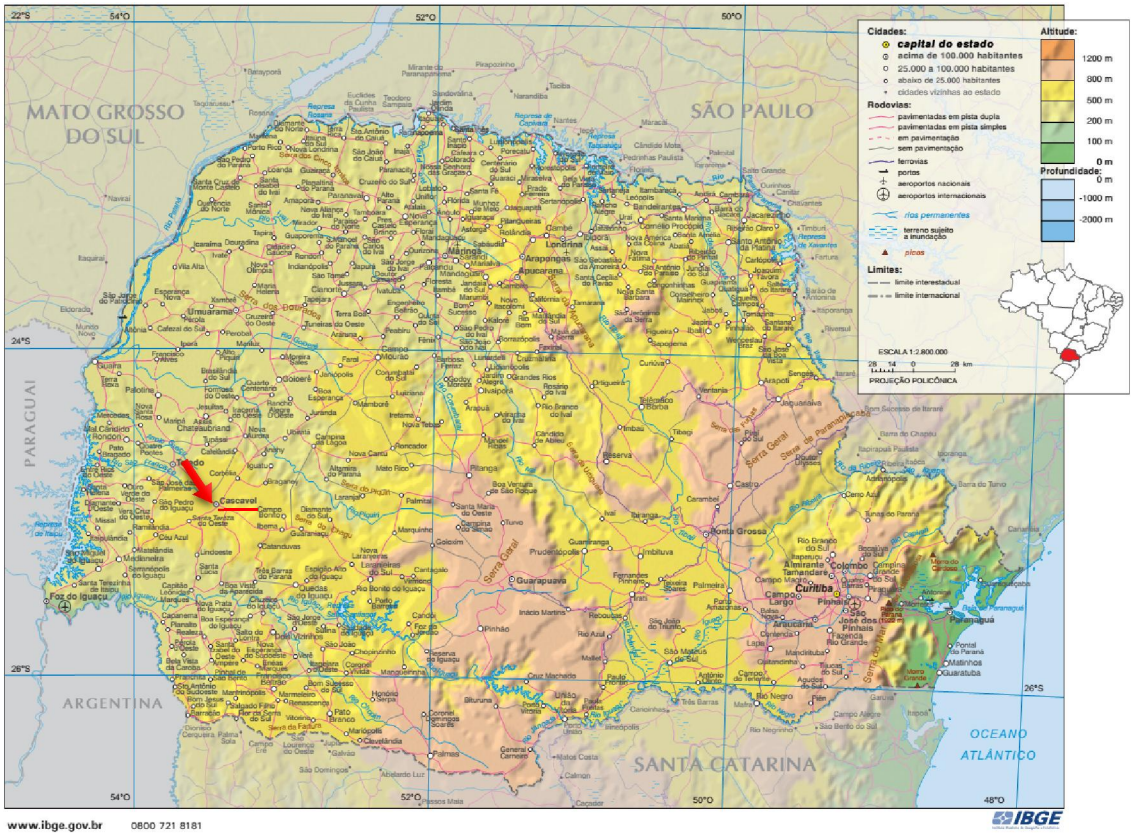


FIGURA 1 – MAPA DO PARANÁ
FONTE – Adaptado de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Paraná (2014)

O ponto de partida para o futuro aparecimento do município de Cascavel foi a construção de uma estrada rústica, no final do século XIX pelo ervateiro Augusto Gomes de Oliveira, que cortava a estrada aberta pelos militares que se posicionaram em Foz do Iguaçu. A estrada foi de fundamental importância para a passagem de “carroções” que transportavam diversos produtos e principiava de um ponto situado às margens do rio da Cascavel, onde havia um pouso de viajantes (SPERANÇA, 1992).

FIGURA 2 – JULIO TFARDOSK, PIONEIRO POLONÊS NA SUA VINDA PARA A REGIÃO COM O CARROÇÃO
FONTE: Museu da Imagem e do Som de Cascavel (2014)

A extração e a comercialização da erva-mate pelos empregados das *obrages*[33], principalmente argentinos, a movimentação de colonos e expedições encaminhadas à Colônia Militar de Foz do Iguaçu[34], propiciaram o aparecimento de outras trilhas que cortavam, estrategicamente, o mesmo lugar em que a estrada de Augusto Gomes de Oliveira cortava a trilha aberta pelos militares. Esse local ficou conhecido como a Encruzilhada dos Gomes e foi um dos pontos de maior circulação no final do século XIX e início do século XX (SPERANÇA, 1992).

No entanto, tanto os operários paraguaios das *obrages*, quanto os herdeiros dos antigos tropeiros que passavam pela região conduzindo o gado não manifestaram interesse em se estabelecer nessa região porque as terras pertenciam à Companhia

[33] No final do século XIX, com a intenção de colonizar "o extremo-oeste paranaense e construir estradas de ferro integracionistas" com centros urbanos já desenvolvidos, o governo Imperial passou a conceder extensas áreas de terras a diversas companhias estrangeiras que ficaram conhecidas como as *obrages.* Os argentinos foram os principais responsáveis pela ocupação do território e extração da erva-mate e da madeira ao longo das margens do Rio Paraná. Os empregados das *obrages*, geralmente paraguaios, percorreram o Oeste paranaense abrindo caminhos, trilhas estratégicas, para o transporte dos produtos colhidos até às sedes administrativas das companhias estrangeiras. O surgimento de alguns povoados promissores como Guairá aconteceu pelo processo de atividades extrativistas da erva-mate e da madeira. Ver Sperança (1992) e Freitag (2007).

[34] Em 1889 ocorreu a primeira tentativa mais significativa de colonização no Oeste paranaense, com a formação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu quando se percebeu a necessidade de "nacionalizar" a região em virtude da ocupação estrangeira e da devastadora exploração das matas ervais, principalmente às margens do rio Paraná. Ver Sperança (1992) e Freitag (2007).

Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande[35] por meio da concessão de terras feita pelo governo Imperial, no final do século XIX (SPERANÇA, 1992).

Apenas em 1920, Antônio José Elias, um agricultor catarinense que residia em Guarapuava com seus familiares, decidiu se estabelecer, com sua família, na região de origem da trilha de Gomes de Oliveira, às margens do rio Cascavel, próximo do antigo pouso ervateiro. Nesse local construiu suas primeiras choupanas[36]. Nesse período, em pontos próximos ao entroncamento da Encruzilhada dos Gomes, colonos e ervateiros que passavam pela região passaram a habitar o interior do atual município de Cascavel.

O primeiro povoado surgiu em 1930, com a chegada do primeiro morador a se estabelecer na região que deu origem a atual Cascavel, José Silvério de Oliveira, conhecido como "Nhô Jeca", também, erradicado, inicialmente no interior de Guarapuava. José Silvério arrendou as terras do colono Antônio José Elias, nas quais se encontrava a Encruzilhada dos Gomes que dava acesso a várias trilhas abertas por tropeiros, ervateiros e militares. Nesse local, construiu um armazém e, graças ao seu espírito empreendedor, novas pessoas chegaram com ideias e investimentos, dando forma a vila (SPERANÇA, 1992).

Nesse período, em função do ciclo da madeira, a vila começou a ter uma ocupação significativa, sendo intensificada a partir de 1950 com a chegada de famílias de colonos poloneses, alemães e italianos, vindos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, que, juntamente com agricultores vindos das regiões cafeeiras, constituíram a base populacional da cidade. Diferentemente de outros estados do sul, no Paraná, dificilmente se encontra áreas colonizadas por uma só etnia (FILLOS, 2008, p. 60).

Esse movimento de ocupação ocorreu também a partir de ações políticas durante o primeiro governo de Getúlio Vargas que, com o objetivo de evidenciar e nacionalizar a Região Oeste de Santa Catarina e Oeste e Sudeste do Paraná favoreceu a implantação de companhias colonizadoras nacionais particulares nessas regiões, visto que a população regional tinha ligação direta com a Argentina e o Paraguai. Inicia, assim, uma "Marcha para o Oeste", o deslocamento de populações

---

[35] Em troca da concessão de terras, a Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande deveria construir uma ligação ferroviária de União de Vitória com o Oeste do Paraná, contribuindo com sua colonização.

[36] Toda a área entre o rio Cascavel e a Encruzilhada dos Gomes, em toda uma faixa encravada entre as propriedades de Domingos Barthe e da Companhia Nuñes y Gibaja, passou por transferência da Braviaco, sucessora da Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, a posse de Antônio José Elias, a partir de 1920. Ver Sperança (1992, p. 58)

pioneiras rumo ao interior nacional impulsionada pela política de expansão de Getúlio Vargas de ocupar regiões consideradas despovoadas.

Com a escassez de áreas de mata nativa, a exploração da madeira deu lugar ao setor agropecuário, base econômica do município atualmente. Em 1936 a vila foi oficializada pela prefeitura de Foz do Iguaçu com o nome de Cascavel. Em 1938, alcançou a categoria de Distrito Administrativo de Cascavel, ligado ao município de Foz do Iguaçu. Finalmente, em 1952 alcançou a emancipação política administrativa.

A Região Oeste do Paraná desenvolveu uma identidade cultural e histórica particular, pois os pioneiros, para solucionar problemas de produção e comercialização de seus produtos e conquistar mercados consumidores não aguardaram a intervenção dos poderes públicos e passaram a construir suas estradas e a organizar, conjuntamente, suas cooperativas. Construíram, também, seus hospitais, escolas e igrejas, com o objetivo de atender às necessidades consideradas fundamentais à população (EMER, 1991).

Assim, esboçarei alguns aspectos sobre como surgiu a primeira escola de Cascavel dentro do processo de ocupação e colonização da Região Oeste do Paraná. Em seus estudos sobre como a escola foi gestada na Região Oeste do Paraná, Emer (2012), coloca que os primeiros moradores tinham um grande interesse pela escolarização das crianças porque viam na educação escolar aspectos práticos para a preservação de sua cultura, humanização e relações sociais.

Com relação a Cascavel, o autor destaca que, diferentemente de outras localidades da Região Oeste do Paraná, que só instituíram a escola muito tempo depois da ocupação, o município já passou a contar com a escola em 1932, apenas dois anos após a fixação dos primeiros moradores. Podemos citar, como exemplo, Santa Helena que apesar de ter colonos assentados desde 1921, apenas, em 1956 conseguiu sua primeira escola.

Essa rapidez com que se institui a escola no município ocorreu, especialmente, devido às características culturais do primeiro grupo de moradores, formado por comerciantes e suas famílias, acompanhados de agricultores e descendentes de imigrantes europeus que desenvolviam diversos ramos de atividades e tinham um apreço muito grande pela educação dos filhos.

Assim, em 1932, a Capela Nossa Senhora Aparecida, a primeira do município,

passou a ser utilizada como Casa Escolar Particular[37], sendo mantida pela população local e os primeiros professores tinham vínculo com a Comissão de Estradas. Juntaram-se a essa população inicial funcionários dos Correios, Telégrafos e Comissão de Estradas que reconheceram, também, a importância da escola.

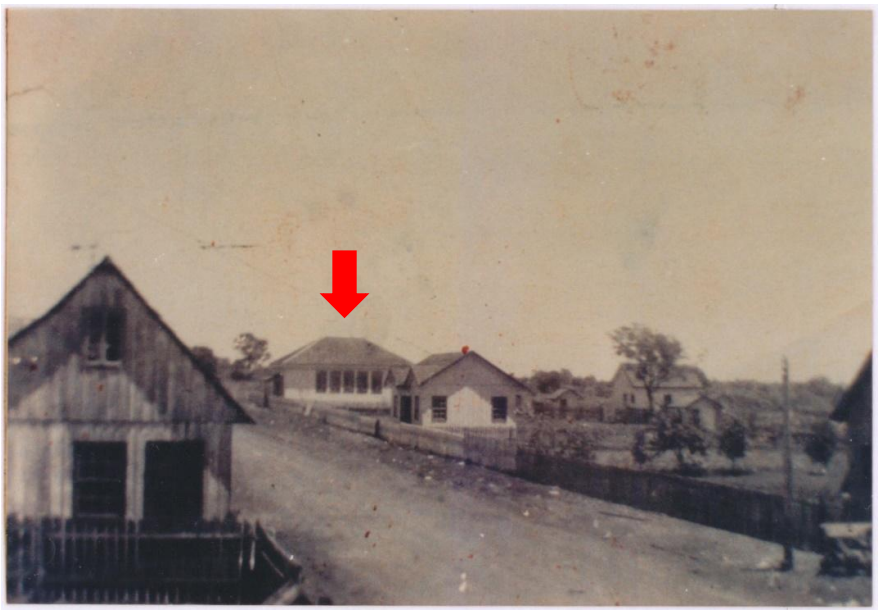


FIGURA 3 – PRIMEIRA ESCOLA DE CASCAVEL, DÉCADA DE 1930
FONTE: Adaptado de Museu da Imagem e do Som de Cascavel (2013)

Em 1935 a escola foi assumida por uma professora formada pela Escola Normal Regional Nossa Senhora de Guarapuava, Genoveva Boiarski, que passou a ser paga pelo município de Foz do Iguaçu. Entretanto, a modalidade da escola não foi alterada para a condição de Casa Escolar Pública[38].

Após a construção do campo de pouso do Correio Aéreo Nacional (CAM), em 1937, e início do funcionamento da rota, chegaram à Cascavel radiotelegrafistas e outros controladores de terra da Aeronáutica, ampliando o número de pessoas escolarizadas e interessadas pela constituição da escola. Esse campo de pouso foi construído com a intenção de facilitar o deslocamento dos primeiros moradores para

[37] Segundo Emer (2012), a Casa Escolar Particular é uma modalidade de escola instituída de forma não oficial, construída e mantida pelo grupo social pioneiro. O professor, que atendia a todas as crianças de faixas etária diferentes, era alguém da comunidade que tinha disposição e condições mínimas para ensinar.

[38] Segundo Emer (2012), a modalidade de escola distinguida como Casa Escolar Pública era criada por ato oficial do poder público municipal, geralmente assumindo a Casa Escolar existente ou construindo outra, mas em ambos os casos pagava o professor. Os alunos dessa modalidade de escola eram submetidos aos exames públicos elaborados pelos órgãos oficiais públicos para comprovação da escolaridade primária.

a Região Oeste do Paraná, visto que as estradas eram de difícil acesso, como veremos nos depoimentos de nossos colaboradores.

Após Cascavel ser levada à condição de Distrito Administrativo de Foz do Iguaçu, em 1938, foi criada a Casa Escolar Pública, transformada em Grupo Escolar Público[39], em 1947, e passa a ser mantido pelo Estado.

FIGURA 4 – GRUPO ESCOLAR DE CASCAVEL, FINAL DA DÉCADA DE 1940
FONTE: Museu da Imagem e do Som de Cascavel (2013)

Podemos concluir que no período de ocupação e desenvolvimento de Cascavel, seus primeiros moradores buscaram alternativas para o problema da escolarização e construíram sua primeira escola dentro do seu contexto social.

Apesar de Cascavel contar com a constituição da escola primária desde o início da década de 1930, não houve Escolas Normais para a formação do professor primário, antes da década de 1950. Os interessados precisavam deslocar-se para outras cidades dificultando a formação docente das pessoas que residiam no município. Podemos citar como exemplo, o caso da professora Genoveva Boiarski que cursou o Normal Regional em Guarapuava.

---

[39] Ao realizar uma pesquisa nos arquivos do atual Colégio Estadual Eleodoro Ébano Pereira encontrei algumas atas de exames, antigas, onde consta que no ano de 1946 a escola se chamava Escola Reunida Guairacá de Cascavel, pertencendo ao município de Foz do Iguaçu. A partir de 1947 a escola está registrada como Grupo Escolar de Cascavel. Uma cópia digitalizada dessas atas se encontra no Anexo 2. Além dessas atas, encontrei, também, boletins, grades curriculares, certificados de curso dos alunos, relatórios de rendimento e frequência dos alunos, atas de visitas, atas de advertência, livro ponto dos professores, dentre outros.

O município de Cascavel, contou com duas escolas normais a partir do final da década de 1950. Uma de grau ginasial, Escola Normal de Grau Ginasial Carola Moreira, que oferecia o Curso Normal Regional, e outra de grau colegial, Escola Normal Colegial Irene Rickli[40].

Segundo Castanha e Facchi (2012) a Escola Carola Moreira foi criada em 1958, sob a direção da professora Irene Rickli, mas sua implantação ocorreu somente em 1959, autorizada pelo Decreto nº 27.098, de 21 de dezembro de 1959. A Escola foi extinta no ano de 1967. A Escola Normal Irene Rickli foi fundada em 1963, pelo Decreto nº 10.909, de 19 de fevereiro de1963 com base na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1961. Podemos concluir com essas informações que Cascavel contou com o ensino normal de grau ginasial e colegial concomitante por, pelo menos, quatro anos[41].

A Escola de Grau Ginasial Carola Moreira foi instalada no prédio do Estabelecimento do Grupo Escolar de Cascavel, hoje Colégio Estadual Eleodoro Ébano Pereira[42], o que facilitou a integração com a escola primária ali existente.

A Escola Carola Moreira foi a primeira instituição formadora do professor, em Cascavel. Foi criada, pelo Estado, em decorrência da carência de professores habilitados, do movimento de alfabetização pelo país e da necessidade de escolarização posterior à do primário. O grau de conhecimento matemático dos professores formados pela Escola Normal Regional era de nível ginasial. Do nosso núcleo de colaboradores para a realização dessa pesquisa, duas professoras, Darlene

---

[40] No capítulo quatro, trago esclarecimentos sobre essas duas modalidades de ensino.

[41] Os arquivos com fontes referentes à Escola Carola Moreira e à Escola Irene Rickli se encontram no Colégio Estadual Wilson Joffre. Durante minha visita à escola, fui recebida pela Diretora Clair Fátima da Silva Santos que permitiu que eu realizasse a pesquisa documental. Todos os documentos sobre as escolas normais encontram-se em um único armário de aço, com três gavetas, que está numa pequena sala, próxima à coordenação, chamada de “arquivo morto”. Os documentos não estão organizados, apenas depositados em pastas de papelão ou dentro de grandes envelopes de papel. É preciso ter muito cuidado ao manuseá-los, pois a maioria deles estão muito frágeis, amarelados e alguns, como relatórios de rendimento escolar, por serem muitos grandes, precisam ser dobrados. Essas dobras estão deteriorando mais rapidamente os documentos. Ao realizar o levantamento sobre os documentos existentes sobre as duas escolas, encontrei documentos de ordem burocrática e administrativa como correspondências, ofícios, portarias, circulares, certificados de exame de admissão, atas de rendimento, contendo as notas por disciplinas e frequência dos alunos, boletins, grades curriculares, orientações, dentre outros. Não encontrei nenhum documento de ordem pedagógica sobre essas escolas. Isso acontece, segundo os funcionários da escola, porque a cada cinco anos, documentos são eliminados, restando apenas os de ordem legal, como por exemplo, certificados de conclusão de curso dos alunos e livro ponto dos professores.

[42] A Escola funcionou com o primário, em prédio provisório, próximo a Matriz Nossa Senhora Aparecida, onde hoje se encontra a Igreja Santo Antônio. A escola primária foi transferida, em 1960, para prédio próprio à Rua Carlos de Carvalho, onde permanece atualmente. A Escola Carola Moreira permaneceu nesse local até sua extinção, em 1967.

Galafassi e Maria de Lourdes, cursaram, por algum tempo, o ensino normal de grau ginasial na Escola Carola Moreira, mas essa é uma história que veremos a seguir.

A década de 1960, em toda a Região Oeste do Paraná, foi marcada pela implantação de escolas de nível ginasial, públicas e privadas; de Escolas Normais Colegiais, pública apenas em Cascavel; de Escolas de Contabilidade exclusivamente particulares e, de um único curso científico público[43], em Cascavel (EMER, 2012).

A partir da década de 1970, devido ao considerável desenvolvimento e modernização da economia urbana, devida à mecanização e modernização da agricultura, percebeu-se a necessidade de ampliar a oferta de educação, em todos os níveis de ensino, para possibilitar a conquista de novas condições sociais de trabalho dentro do novo espaço econômico, requerendo profissionais da educação qualificados e habilitados para o exercício da docência (EMER, 2012).

Como veremos, também, nos depoimentos dos professores, nesse período, as famílias que tinham melhores condições econômicas encaminhavam seus filhos para outras cidades a fim de estudarem em boas escolas de nível ginasial e colegial para terem acesso ao ensino superior, mas a maioria dos cascavelenses só podia contar com o ensino existente no município. Diante da nova situação econômica da região, muitos empregos foram criados no comércio, nos bancos, nos serviços públicos exigindo melhor escolaridade da população local para competirem com o grande contingente de profissionais que estavam chegando ao município.

Nesse contexto, foi reivindicada pela população local e autorizada a funcionar, em maio de 1972, a primeira instituição de ensino superior do Oeste do Paraná, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cascavel, oferecendo inicialmente cursos para a formação docente[44] para atender, principalmente, aos profissionais em serviço que não tinham uma habilitação, atuando como professores leigos.

Neste capítulo, à luz dos autores mencionados, apresentei um breve recorte das especificidades e características do município de Cascavel que influenciaram na constituição de suas primeiras escolas e na formação docente desenvolvida. A seguir, apresento a textualização das entrevistas cedidas pelos professores colaboradores. Seus olhares e vozes entrelaçadas nos permitem delinear alguns aspectos sobre a formação e a atuação do professor de Matemática em Cascavel. Considero os

---

[43] O primeiro curso científico foi ofertado pelo Colégio Estadual Wilson Joffre, como veremos nos depoimentos do professor Carlos Roberto Calssavara.

[44] Trarei mais detalhes sobre a FECIVEL no Capítulo Quatro.

depoimentos dos professores entrevistados como fontes históricas que possibilitam investigações e estudos sobre a formação do professor e suas práticas escolares, tendo por compromisso contribuir com a ampliação do estudo em História da Educação Matemática Brasileira.

4 ENQUADRANDO VIVÊNCIAS: OLHARES E VOZES DOS PROFESSORES

4.1 MARIA DE LOURDES PRADO BECKER

A Dona Maria de Lourdes foi a última pessoa a ser entrevistada para a composição desse trabalho. Como mencionado anteriormente, seu nome foi uma indicação da professora Silvana Chimit que sabia que eu estava procurando um possível depoente que tivesse lecionado antes da década de 1970. A primeira entrevista aconteceu no dia 11 de dezembro de 2013, na residência da professora, no período da tarde. Eu estava em Cascavel realizando a segunda entrevista com o professor Carlos Calssavara e, como a professora tinha disponibilidade, agendamos um horário.

Dona Lourdinha, como alguns a chamam é uma senhora de estatura pequena, muito gentil, disposta e comunicativa. Como nosso primeiro contato foi por telefone, tive receio que não aceitasse participar da pesquisa, mas, felizmente, aceitou contribuir com seu depoimento. Durante os contatos telefônicos que se seguiram dizia que ainda tinha coisas importantes para falar e me contava experiências da sua vida como professora que iniciou muito cedo na escola isolada da fazenda de café de seu pai, na região onde hoje é Vera Cruz do Oeste. No momento, está aposentada e viaja, com frequência, para Lages (SC) visitar uma das filhas que reside nessa cidade. Isso dificultou um pouco o agendamento para a segunda entrevista.

Considerei importante seu depoimento, como ressaltado anteriormente, porque lecionou em um momento em que havia apenas escolas primárias em Cascavel e nas cidades circunvizinhas da região Oeste do Paraná. Como professora primária, também lecionou a disciplina de Matemática e mostrou-se muito preocupada, durante as entrevistas, com o ensino e a aprendizagem de Matemática dos seus alunos.

Depois que saiu da escola isolada de seu pai, montou com seu esposo outra escola isolada na Serraria Carazinho para os filhos dos trabalhadores, também, na região de Vera Cruz do Oeste. Em Cascavel lecionou no Colégio Ideal, uma instituição de ensino particular do município, na Escola Municipal Emília Galafassi e na Escola

Municipal Diva Vidal. Outro fato importante é que dona Lourdinha participou como cursista e como formadora dos cursos ofertados pela ASSOESTE. Conta com orgulho que iniciou o curso de Pedagogia na UNIOESTE com cinquenta e quatro anos de idade.

Quando cheguei de taxi à sua casa, Dona Lurdinha já me aguardava no portão. Ela me recebeu em sua agradável sala de visitas, ampla, bem iluminada, e disse que eu poderia entrevistá-la ali mesmo. Sua casa se localiza no Bairro da Neva, em Cascavel, ao lado da Igreja da Neva, uma região encantadora, bastante arborizada. Os ipês, de todas as cores dão um toque especial à cidade nessa época do ano. Durante a entrevista, fomos interrompidas apenas pelo canto dos pássaros.

Conversamos um pouco sobre a proposta da pesquisa, expliquei que lhe entregaria fichas com alguns temas para falar livremente, que eu gravaria seu depoimento e que na segunda entrevista faria perguntas. Ela me contou que já havia participado de um trabalho de doutorado em que uma professora da UNIOESTE observava as suas aulas. Entreguei a carta de apresentação para que ela lesse, esclareci algumas dúvidas e comentei da necessidade de assinar uma carta cessão.

Apesar do ambiente favorável e de estarmos confortavelmente acomodadas em suas poltronas, percebi que, no início, a depoente estava um pouco ansiosa, talvez pelo fato de não saber como a entrevista seria realizada, o que eu perguntaria, mas com o decorrer do tempo se sentiu mais à vontade para contar sua história, como se fossemos velhas conhecidas.

Com as fichas nas mãos, Dona Lurdinha escolhia os temas, comentava e deixava sobre uma mesinha de centro aquelas de que já havia falado. Seu semblante, seu olhar perdido, mostravam-me que ela havia mergulhado no passado e estava revivendo acontecimentos importantes da sua vida. Também me senti relaxada para ouvir sua história criando imagens, paisagens e fisionomias em minha mente.

A depoente passou, brevemente, por todos os temas, mas se deteve mais no período que passou com seu pai, na escola isolada da fazenda. Como tinha um compromisso, finalizou perguntando se o que ela havia me contado estava bom, se era aquilo que eu precisava. Tranquilizei-a dizendo que no próximo encontro poderia acrescentar outros fatos e que eu faria perguntas sobre o que ela me contou. Aproveitei para pedir que separasse documentos e fotos sobre seu passado para o próximo encontro.

Como nas outras entrevistas, senti a necessidade de esclarecimentos sobre

alguns fatos contados pela depoente, mas preferi não interromper deixando as perguntas para o próximo encontro. Após o processo de transcrição e textualização da entrevista gravada, agendamos a segunda entrevista para o dia 03 de junho de 2014, também no período da tarde.

Quando cheguei à sua casa, Dona Lourdinha estava sentada na varanda, aquecendo-se ao sol, fazendo anotações num pequeno caderno que estava em suas mãos. Estávamos em pleno inverno, a sensação térmica de frio estava bastante acentuada porque venta muito naquela região. Minha colaboradora recebeu-me calorosamente com beijos e abraços e comentou que estava anotando coisas importantes que não poderia deixar de me contar, como suas experiências com o programa Erasmo Pilotto.

Como na outra entrevista, nos acomodamos em sua sala de visitas e passei a perguntar sobre acontecimentos relatados na entrevista anterior seguindo o roteiro que preparei. Percebi que Dona Lourdinha estava muito à vontade para falar, contando detalhes da entrevista anterior e também acrescentado fatos novos. Quando fazia um pouco mais de uma hora que estávamos conversando, seu marido, o Senhor Luiz Carlos, nos convidou para um delicioso café, com pães, frios, doces, suco e frutas que ele havia preparado. Enquanto eu degustava aquelas delícias, minha depoente apenas serviu-se de uma xícara de café com leite e me contou como aproveitava as embalagens de leite para trabalhar a “Língua Portuguesa e a Matemática juntas”, explorando as informações e o formato da caixa para trabalhar o conceito de área, de perímetro e medidas de capacidade.

Após o lanche, conversamos por mais de uma hora. Quando terminei o roteiro explorando todas as perguntas, encerrei a entrevista agradecendo sua participação. Finalizei lembrando Dona Lourdinha que poderia acrescentar fatos novos no texto final que seria encaminhado por e-mail. Já havia anoitecido quando me despedi da Dona Maria de Lourdes que fez questão de me levar até a casa da professora Silvana, com seu marido.

Após o trabalho de transcrição e textualização da segunda entrevista, elaborei o texto final e o encaminhei, no dia 17 de setembro de 2014, para o endereço de e-mail da filha da Dona Lourdinha, a professora Rosana Becker, que ela havia me passado. A professora Rosana retornou a mensagem informando que sua mãe estava muito envolvida com a acolhida da família de sua irmã caçula que reside em Lages (SC), mas se comprometeu de acompanhar a revisão do texto com sua mãe.

Telefonei para Dona Maria de Lourdes no dia 29 de setembro informando que estaria em Cascavel a partir do dia 13 de outubro de 2014 e gostaria de agendar um encontro para a socialização dos documentos e fotos que ela tivesse encontrado e, também, para a assinatura da carta de cessão. A depoente informou que ainda não havia lido o texto encaminhado porque estava cuidando de uma filha que estava se recuperando de uma cirurgia. Disse, também, que tinha um compromisso, um aniversário, no dia 11 de outubro em Lages (SC), mas que me receberia a partir do dia 15 de outubro.

Agendamos um encontro para o dia 21 de outubro de 2014, no início da tarde. Como de costume, Dona Maria de Lourdes me aguardava na entrada de sua casa. Havia separado muitos livros, fotos e documentos. Fez questão de falar sobre cada um deles. Lembrava-se dos nomes, dos lugares e das ocasiões. Finalizamos nosso trabalho com um belo lanche da tarde preparado pelo Senhor Luiz Carlos.

FIGURA 5 – PROFESSORA MARIA DE LOURDES EM SUA RESIDÊNCIA
FONTE: A autora (2014)

Eu sou Maria de Lourdes Prado Becker, nasci no dia 25 de setembro de 1944. Sou filha de Delfino Dias do Prado, falecido, e Ana Maria do Prado, que está viva, com oitenta e nove anos. Nasci em Primeiro de Maio, no norte do Paraná, que na época era comarca de Londrina. Sou casada há quarenta e sete anos, tenho três filhas e sete netos. Alfabetizei todas as minhas filhas e dos meus netos, só os dois últimos não foram alfabetizados por mim.

Fui alfabetizada em escola rural multisseriada no município de Primeiro de Maio pela Professora Maria Caiera. Eu estava com seis anos, em 1950, quando fui

para a primeira série. Ela trabalhou mais com a alfabetização e com a Matemática, mas eu tinha outros conteúdos no interior: “hoje nós vamos aprender Ciências”. A professora trabalhava integrado sem saber. Fiz a primeira e a segunda série nessa escola rural com a mesma professora. A terceira e quarta série e também a iniciação ao ginásio fiz em escola na cidade de Primeiro de Maio.

Naquela época não tinha material didático, livro... A escola só tinha o quadro negro, o giz e o professor com o guarda-pozinho branco. A gente também usava um guarda-pozinho branco. Hoje se fala jaleco. O material que a gente tinha era o lápis e a borracha. A caneta demorava muitos anos para poder usar. Tinha que saber ler e escrever para poder usar caneta. Cartazes nada, só quando vinha algum material de cartilha, com algumas letras, que a professora colocava na parede do quadro.

A professora ensinava com a “voz” dela o que sabia. Ela ensinou a gente a reconhecer todas as letras do alfabeto, depois trabalhou as sílabas. Lembro que não tinha servente para limpar a sala. A professora aproveitava os alunos mais velhos, quando terminava a aula. Era tudo misturado, pequenos, grandes, porque, naquele tempo, não tinha professor para todos. A sala era bastante lotada, mas ninguém fazia bagunça e, quando terminava, cada um ajudava a limpar.

Nessa época, quando fiz de primeira à quarta, não tinha lanche na escola. Cada um levava sua sacolinha com lanche de casa, e a gente se dividia. Era muito gostoso! Minha mãe fazia pipoca, doces e eu trocava por frutas que os colegas tinham levado.

A água que a gente tomava na sala era de poço. Os mais velhos tiravam a água e ela era colocada numa vasilha feita de barro, como se fosse uma moringa. Hoje tem o filtro de barro, mas, naquele tempo, não era filtro, era um balde com tampa que eles chamavam... de talha! Então, de vez em quando, trocavam aquela talha, um pai trazia outra e levava aquela usada. A água ficava fresquinha! Cada um trazia sua canequinha de casa para tomar água. A professora ensinava que o poço era uma coisa perigosa. Era bonito isso! Ela cuidava: “quem tirou água do poço? Agora é você”. Nunca ajudei a virar aquela manivela! Eu queria tanto virar a manivela para tirar água do poço com os baldes! Mas, mais tarde, fiz quando eu estava no quarto ano.

Um varria a sala, o outro passava pano, outro limpava as carteiras... Tinha que limpar antes de ir embora para deixar pronto. Enquanto os maiores limpavam a sala, a professora ficava lá fora com os menores pulando amarelinha desenhada na terra, porque não tinha calçada. A gente pulava corda, jogava bola... A gente jogava

a bola na parede e a professora ensinava contando: “um, dois”, e pegava. Era de dois em dois: “três, quatro...” A professora estava integrando a Matemática sem saber. São muitas as brincadeiras de criança! Brincadeiras de roda... Meu Deus! Sei todas as músicas de roda!

Da Matemática lembro que a professora ensinava do “um” até o “nove” porque tinha que ensinar. Na turma, tinha os mais adiantados e os que sabiam menos. Ela contava os números e aqueles que estavam começando, que eram pequenos como eu, prestavam atenção. Sempre tive pressa! Nossa! Eu falei para o meu pai: “ela já está no livro de segunda série”! Isso era gostoso! Eu sabia os números!

Onde eu estudava pertencia à Londrina, então os encaminhamentos para aquelas escolas vinham de Londrina. Hoje vem da Secretaria de Educação do Estado. Naquele tempo não tinha coordenadora, nem supervisora, era Inspetoria.

A professora falava: “temos que saber os números até cem”. Para quem não sabia, ela escrevia os números no quadro e, com uma régua feita de madeira e sem números: “mostra qual é o número”. “Dez, um, cinquenta, quarenta...” Cada um ia ao quadro e os outros tinham que ficar atentos. Ela fazia a gente contar: “vamos pular de um em um, de dois em dois, de três em três, de dez em dez...” Ela colocava a régua e a gente repetia “igual papagaio”. A gente prestava atenção para não errar o número. Com isso, ela estava nos ensinando a tabuada sem saber. Naquele tempo não tinha giz de cor, só giz branco...

Lembro, como hoje, quando meu pai foi me buscar e eu estava com dificuldades na tabuada: “está difícil, papai”! Mas aprendi a tabuada, muito rápido. A professora ficou encantada porque eu estava sabendo a tabuada melhor do que os [alunos] da terceira e da quarta: “como você conseguiu”? Falei: “meu pai me ensinou”. “Mas como seu pai ensinou”? “O pai me ensinou com as sementinhas de cinamomo - santa barbara”. Aqui se fala cinamomo, mas no norte do Paraná se fala santa barbara. Ele me fez separar, na mesa, de dois em dois: “dois, quatro...” Separei as bolinhas de três em três, de quatro em quatro. Meu pai fez isso até chegar de dez em dez. Depois que eu aprendi a fazer a sequência de números, ele falou: “eu vou perguntando e você vai pondo as bolinhas: duas vezes um...” ‘Dois’. “Dois vezes dois, filha...” Tinha que por quatro. Num instantinho aprendi a tabuada do dois. No começo não foi ensinada a questão do zero. É como se o zero não valesse nada. Nunca fizeram dois vezes zero quando eu era pequena. Eu tinha dificuldades! Demorou muitos anos para eu aprender que dois vezes zero era zero, três vezes zero...

Quando ele via que eu estava bem, passava para o papel, mas não era papel folha de caderno, era papel amarelo que vinha as compras. Ele fez até eu chegar ao nove. Eu falei: “dá para ir para frente”? Ele falou: “não, as outras vão chegando...” A professora ficou encantada porque eu estava sabendo a tabuada melhor que o pessoal que limpava... Fiquei com a mesma turma durante os quatro anos. No começo era assim, todos juntos. Mesmo quando fui estudar na cidade, estudei com os mesmos alunos.

De quinta a oitava fui para o Colégio Santa Maria, um colégio interno das Irmãs Claretianas, em Assis, no Estado de São Paulo. Quando cheguei, tive muita dificuldade porque o pessoal do Estado de São Paulo estava muito mais adiantado, em conteúdos do que eu, em coisas que eu não sabia, nunca tinha ouvido falar. Mas a Língua Portuguesa, que tinha que escrever e falar as palavras, as continhas, máximo divisor comum, mínimo múltiplo comum, eu aprendi muito bem. Eu tinha facilidade porque a professora de primeira à quarta me ensinou.

A experiência, no Estado de São Paulo, foi muito boa, mas tive muita dificuldade em línguas. Naquela época, ela ensinava francês. Nossa! Que dificuldade! A coisa que mais me marcou foi que quem não sabia os verbos em francês ficava sem assistir ao filme. Tinha filmes seriados, no final de semana, para todos os alunos. Fiquei duas vezes no refeitório sem assistir ao filme porque eu não sabia os verbos em francês.

Mas, como eu tinha muita vontade de aprender, na hora do recreio, eu corria atrás das minhas primas que estudavam lá. Elas estavam no Clássico. Eu corria atrás da Iracema e da Diva, uma agora é juíza e a outra é professora na UEL, em Londrina. Elas são de Londrina, mas, na época moravam e estudavam em Assis. Elas ficavam doidas! As primas eram moças e eu era pequena: “me ensina isso aqui”. Eu corria, com o caderninho, atrás delas. Tinha um aquário muito grande com a Nossa Senhora em cima de uma cobra. Elas falavam: “vamos sentar aqui porque lá vamos atrapalhar os outros que estão fazendo barulho”. Elas se sentavam ao meu pé, com o caderninho, e me explicavam os conteúdos que eu não tinha aprendido de Ciências, Geografia, História... Muita coisa eu não sabia! A professora ensinava, mas eu não conseguia assimilar.

Mas, na Matemática eu era boa, eu ganhava dos outros porque eu sabia! Eu aprendia os conteúdos novos que ensinavam, num instantinho, porque onde eu estudei a professora ensinava as continhas depois que a gente aprendia a tabuada

decorada. Eu sabia a tabuada na “ponta da língua”! Aprendi a fazer as quatro operações, tirar a “prova dos noves fora”, a prova real que meu pai me ajudava em casa: “tem que saber tirar a prova dos noves fora e a prova real”. Eu sabia os problemas, os decimais... Eu me deliciava!

Meu pai me buscava uma vez por mês. Numa época, fiquei muito tempo fora do colégio porque passei pela gripe espanhola, isso em 1957. Eu não podia ir para Primeiro de Maio, então fiquei na casa de um parente, em Assis. O colégio ficou interditado porque faleceram estudantes. Meu pai, coitado, nem trabalhava porque ficava me cuidando. Ele ia mais do que a mãe porque ela tinha muitos filhos para cuidar. Éramos nove irmãos. Eu era a mais velha e estava estudando fora, os outros ficaram em Primeiro de Maio.

Fiz Exame de Admissão[45] para entrar nessa escola. A turma do quarto ano tinha que fazer um período preparatório para o Exame de Admissão para entrar na quinta série. Tinha um livro grande e grosso. A gente estudava no mesmo lugar, em Primeiro de Maio, mas em horários separados. Fiz uma prova para saber se eu estava apta a acompanhar a turma. Não sei se eu estava apta, mas passei. Imagino que me colocaram lá porque era um colégio particular, e eu era mais uma aluna...

Não cheguei a concluir e pegar o diploma do colégio Santa Maria porque viemos para Cascavel em 1959, quando eu estava no comecinho da oitava série. Meu pai estava aqui desde 1955. Como aqui não tinha de quinta a oitava, entrei no Normal Regional[46]. Aqui tinha de primeira à quarta e Normal Regional, depois veio o Segundo Grau. Para entrar no Regional, tive que fazer testes e mais testes. Ele batia com o Ginásio, de quinta a oitava, mas as disciplinas eram para ser professor. Quando cheguei aqui, fiz adaptação. Entrei adiantada no Normal Regional. Era a Escola Normal Irene Rick, acho que entre a Rua Paraná e a avenida Brasil ou entre a rua Pio XII e a avenida Brasil, era um casarão de madeira antigo.

No Normal Regional se trabalhava muito a Língua Portuguesa e pouco a Matemática. Nossa! Muitos trabalhos de História e Geografia, que naquele tempo se falava Conhecimentos Gerais. Como se trabalhava menos a Matemática, quem queria

---

[45] No Anexo 4 se encontra uma cópia digitalizada do Boletim da primeira série ginasial do Colégio e Escola Normal Particular Santa Maria, em Assis (SP), com o resultado do Exame de Admissão.

[46] Nos arquivos do Colégio Estadual Wilson Joffre, encontrei um Boletim da professora Maria de Lourdes onde está registrado o aproveitamento das disciplinas de segunda série ginasial da Escola Normal de Grau Regional Carola Moreira. Esse foi o único documento da professora que encontrei sobre a Escola Normal Regional e se encontra no Anexo 5.

fazer Engenharia, nessa época, fazia o Científico porque se ensinava mais Matemática. A pessoa fazia no Ginásio a quinta, a sexta, a sétima e a oitava série, daí ia para o Científico. A gente entendia que o Normal Regional valia como Ensino Médio para ser professor, mas terminou, quando uma coisa não dá certo, termina.

Os documentos do Normal Regional devem estar guardados em algum lugar daqui de Cascavel. Antigos! Nossa! Interessante que os professores que davam aula eram formados, todos com muito estudo, porque trabalhavam bastante com a gente. Quem entrava no Normal Regional queria ser professor.

Fiquei durante o ano de 1959 no Normal Regional, mas parei porque comecei a dar aula em 1960. Do lugar que eu dava aula até aqui dá uns 40 km. Naquela época, não tinha nada; era tudo mato. A região pertencia a Foz do Iguaçu, divisa ente Foz e Cascavel. Hoje o local pertence à Vera Cruz do Oeste. Naquela época, não tinha Vera Cruz, e Céu Azul e Matelândia estavam começando. Tudo pertencia a Foz. Hoje essas cidades estão evoluídas.

No começo eu conseguia ir e voltar da escola da Fazenda Santo Antônio, porque meu pai me trazia. Eu estava fazendo o Normal Regional, em Cascavel, e indo para lá. Acho que fiz isso por meio ano, mas as dificuldades eram muito grandes. Como a estrada era de chão, quando chovia, era difícil chegar até lá.

O Normal Regional era quatro anos, mas não cheguei a concluir, não cheguei a pegar o diploma. Não pude terminar porque aumentou muito o número de alunos da Escola Isolada da Fazenda Santo Antônio. Eu queria estudar lá e vir prestar as provas. Meu pai tentou, tentou, mas na época não tinha o que se tem hoje... Hoje se faz de tudo para a pessoa estudar...

Quando comecei a trabalhar como professora, nessa escola no meio rural, no meio da mata, eu era considerada uma professora leiga. Ali comecei a ensinar as crianças e quem me fez professora foi meu pai. Ele abriu uma propriedade e derrubou as matas para cultivar a terra, formar pastagem e criar gado. Como era uma plantação de café, precisava de muita mão de obra. Eram sessenta famílias com crianças pequenas de faixa etária de zero, cinco, seis até quatorze anos, jovens e adultos, todos sem saber ler e escrever. Meu pai com uma preocupação muito grande por ter trazido esse povo do norte do Paraná, fez uma escola no meio da mata e me tirou dos estudos, quando eu estava estudando e morando em Cascavel. Ele disse que eu já sabia muito e que eu tinha que parar para ensinar as crianças.

A escola que ele construiu era grudadinha com a casa da Fazenda.

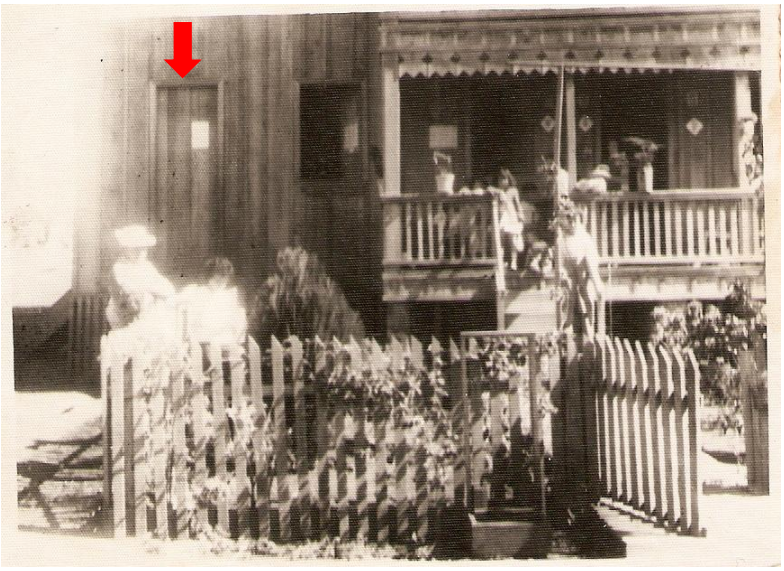


FIGURA 6 – MORADIA DE DELFINO DO PRADO E SUA FAMÍLIA EM 1960[47]
FONTE: Adaptado de arquivo pessoal da Professora Maria de Lourdes (2014)

Ele mandou fazer as carteiras e o armário. Tenho saudades desse tempo porque ganhei tudo novinho! Ele buscava o material didático aqui em Cascavel. Tudo por conta dele! Comecei a ensinar as crianças com quinze anos, mas muito assustada. Eu falava: “papai como é que eu vou ensinar?”

Como aquela localidade não pertencia a Cascavel, era comarca de Foz, no início de 1959, fomos várias vezes a Foz do Iguaçu. Como era tudo estrada de chão, levava muito tempo para chegar até lá. Tinha a prefeitura, mas era a Inspetoria... Eles não tinham o que oferecer e não sabiam o que fazer porque no meio da mata não tinha treinamento, não tinha material... Meu pai falou: “estamos complicando demais, vamos ensinar essas crianças, eu vou te ajudar, vou ensinar do jeito que aprendi e, do jeito que você foi alfabetizada no norte do Paraná, você vai ensinar essas crianças”.

Devo muito a meu pai! Ele me escorou! Por isso, falo que ele foi um grande educador! Ele sabia ler e escrever porque quando era criança, com muita dificuldade, no Estado de São Paulo, andava léguas, a cavalo, para aprender a ler com as famílias de Alemães. Onde ele morava não tinha escola. Os irmãos mais velhos dele eram analfabetos. Um professor alemão o ensinou a ler, a escrever e a fazer as continhas. Ele deu lousinhas de pedra, porque, naquela época não tinha caderno, meu pai

[47] Tendo ao lado direito da casa a sala de aula da Escola Isolada Fazenda Santo Antônio.

nasceu em 1918. A lousinha era pequenininha e retangular. Ficou uma lousinha para cada filha que depois se tornaram professoras também.

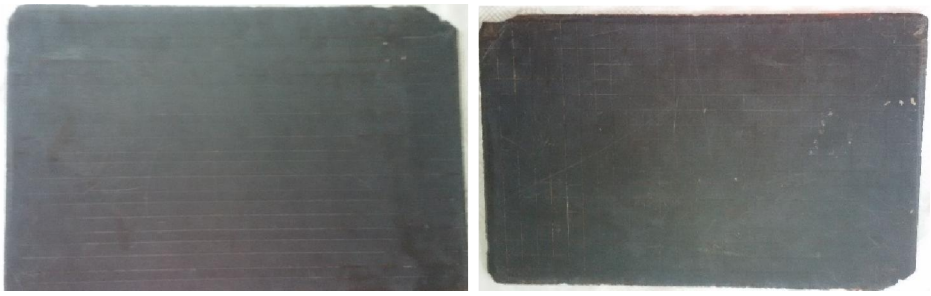


FIGURA 7 – LOUSA DE PEDRA USADA POR DELFINO DIAS PRADO[48]
FONTE: A autora (2014)

A primeira coisa que ele fez foi construir o alfabeto, os quatro tipos de letras e colocar em cima do quadro. Comecei a ensinar a Matemática sem saber que a estava ensinando, porque, conforme eu trabalhava o nome das letras, meu pai falava: “conte com essas crianças quantas letras tem”. Eu começava a contar as letras: “vinte três letras mais três estrangeiras, vinte e seis”. Ele trabalhou a primeira letra, a segunda, a letra do nome das crianças... Fui trabalhando a alfabetização, mas trabalhava Matemática, Estudos Sociais... Naquele tempo se falava Estudos Sociais. Não tinha nada de material da Região. Eram tempos difíceis!

O material que eu tinha para ensinar era de um professor aposentado, professor Sílvio Ribeiro Coutinho, que me ajudava trazendo de Londrina. Eram materiais que sobravam como folhas mimeografadas, revistas e livros do estado e do município. Vinham em caixas e meu pai ajudava a separar o material para trabalhar com as crianças, porque a preocupação, naquele momento, era ensinar a ler, a escrever, a fazer as continhas, as quatro operações e saber a tabuada. Meu pai falava: “tem que ensinar a tirar a prova dos noves fora”!

As primas que eu corria atrás para me ensinar, em Assis, quando eu fiz de quinta a oitava, se tornaram professoras e, nessa época, estavam em Londrina. Esse

[48] A lousa antiga, de pedra, usada pelo Senhor Delfino Dias Prado, pai da Dona Darlene, quando foi alfabetizado pelas famílias de alemães, apresenta um lado com linhas e outro com quadriculado. Na última visita que fiz à Dona Maria de Lourdes, em outubro de 2014, momento em que nos encontramos para ela me passar documentos pessoais e fotos antigas, além da lousa utilizada por seu pai, ela comentou, informalmente, sobre uma lousa de madeira que seu pai mandou confeccionar para os alunos da Fazenda, diante da dificuldade de ir, frequentemente, à Cascavel para comprar cadernos. Na moldura da lousa está registrado os algarismos de 1 até 10 e as letras do alfabeto. Uma foto da lousa de madeira se encontra no Anexo 6.

pessoal passou no concurso do Estado do Paraná. Uma das primas, a Iracema Cardoso, nessa época, trabalhava como se fosse da equipe de Núcleo, falava: “junte tudo o que estiver sobrando de material nas escolas porque eu vou mandar para minha prima na escola do mato”. A outra, a Diva, estava ingressando na UEL como professora concursada. Essa não entrou na área da Educação porque fez concurso para juíza, mas foi a que mais ajudou porque buscava...

Então, esse material era dessas primas que ficaram encantadas com aquele monte de crianças: “pode deixar, nós vamos juntar material das escolas estaduais”! Enchiam duas, três caixas e quem buscava esse material, de ônibus, era esse professor aposentado que era de Londrina, também. Ele comprou o sítio do meu tio, que foi embora para Rondônia, perto das terras do meu pai.

Vinha de tudo, tudo... Deixavam na Boa Vista, pela BR 277. Naquela época, tinha um comércio ali e meu pai buscava. O professor Sílvio falava: “você pode aproveitar tudo porque é tudo bom”. Meu pai ajudava a selecionar. Lembro-me, como hoje, que ele sentava no assoalho da sala e separava: “esse é da primeira, esse é da segunda...” Separava: “esse é de Português, esse é de Matemática...” As folhas mimeografadas eram divididas, muitas vezes, dava-se uma folha para dois, três alunos porque não vinha material suficiente. Inclusive, as crianças não podiam levar os livros para casa, usavam na sala. Eles não podiam escrever no livro, usavam o livro para escrever no caderno.

O professor Sílvio olhava como eu estava trabalhando, mas nunca interferia nas coisas que eu ensinava. Seu Sílvio era muito alto! Papai o buscava: “vê se ela está ensinando certo”. Ele saía encantado com o jeito que eu estava ensinando: “você está fazendo certo, as crianças estão bem”! Ele dava uma olhadinha e conversava com meu pai. Como ele morava pertinho, sempre estava por lá. Ele pedia os caderninhos para olhar e falava: “eles estão adiantados, continue assim”! Ele comentava com meu pai que os alunos estavam aprendendo mais do que quando ele estava dando aula, em Londrina, e tinha um planejamento, tinha que seguir uma papelada certinha. O professor Sílvio me ajudou muito porque trouxe livros que tinha em casa para eu ler. Livros de professor! Eram tantos livros antigos! Ele fazia cursos em Londrina, então tinha tudo.

As turmas eram misturadas e por causa da faixa etária, totalmente diferente, uns sabiam menos, outros sabiam mais, depois dividimos em três turmas: das oito às onze, das onze às duas e das duas às cinco. O espaço era para vinte e cinco alunos.

Vinha criança de muito longe, a cavalo, para essa escola, porque naquela época não tinha escola.

A escola funcionava em três períodos por causa do tamanho da sala de aula, vinte e cinco alunos era demais. Meu pai aproveitou duas salas da nossa casa, desmanchou a parede e mandou fazer as carteiras de três lugares. Colocou uma mesa e um armário. A sala tinha três portas e muitas janelas. No começo ficou tudo misturado, era muito difícil! Daí, meu pai começou a chamar os pais: “Nós temos que dividir os alunos”. Os pequenos, de primeira e segunda série, ficaram juntos porque moravam mais próximos dali, mas não era próximo como o pessoal [de hoje] que anda poucas quadras ou precisa de um ônibus, eram quilômetros. Eles vinham a cavalo ou de carroça. Para os que estavam na fazenda, era perto.

Na parte da manhã, das oito às onze, começaram a vir os maiores, do nível de terceira à quarta série porque eles chegavam em casa e podiam ir para a roça ajudar os pais. Os pequenos vinham das onze às duas. Incrível! Daí, no final da tarde, vinha a última turma, que era mais difícil porque, às vezes, vinham grandes e pequenos. Ajeitávamos para colaborar com os que vinham de muito longe como os alunos do Tatujupi, entre Cascavel e Vera Cruz, na BR 277, que vinham a cavalo por dentro dos sítios, no meio da mata. Muitas vezes, chegavam molhados e minha mãe trocava as roupas deles. Esses do Tatujupi, que eram seis, vinham no final de semana. Meu pai e minha mãe arrumavam um lugar para eles dormirem. As pessoas, antigamente, confiavam umas nas outras. Eles ficavam na aula pela manhã e à tarde. Eu atendia as crianças até sábado, mas essa turma ficava até domingo. Eu ensinava para eles, tudo o que os outros, mais adiantados, aprendiam. Eles voltavam, a cavalo, no domingo à tarde.

Dos maiores, muitos não chegaram até o quarto ano porque precisaram ajudar na lavoura. Daí, uns, que já estavam em sala de aula, saíram do diurno e começaram a ir para a noite. À noite tinha muitos analfabetos, só que eram os mais de idade. Vinha o pai, o irmão, mulheres... Mas, não foi no início, quando montamos a escola, levou uns dois anos. Foi uma necessidade da época porque as crianças que não sabiam ler, começaram a chegar em casa lendo e escrevendo, então começou a aguçar os mais velhos que tinham quinze, dezesseis, vinte anos. Tinha jovens e adultos. Tinha uma família, que vinha para trabalhar, que o pai, a mãe e os filhos mais velhos eram todos analfabetos. Então os mais novos, até treze, quatorze anos, vinham durante o dia. Os pais precisavam do trabalho das crianças, mas ninguém ficou

analfabeto, nessa época, porque vinham à noite. O perigo para os que estudavam à noite, os que tinham que atravessar a mata, era onça e cobra. Os alunos do noturno vinham todos os dias, até sexta feira, no sábado não, porque eu tinha que atender as crianças que vinham de muito longe, do Tatujupi.

Vejo o quanto meu pai me ajudou com a Matemática, porque ensinamos tantas coisas para as crianças sem se preocupar com o conteúdo: tenho tantos conteúdos para ensinar, estou devendo, tenho um planejamento... O planejamento da gente era que eles lessem e escrevessem. Na época era a cartilha Sodré, muitos anos de cartilha Sodré: “a pata nada, pata pá”, mas quando eu trabalhava, o papai falava: “minha filha, conte com essas crianças quantas letras tem nessa palavra. Quatro. Então, trace o número quatro”. Ensinava traçar os números, mas não era só decoreba, era com significado.

Meu pai tirava as crianças para tomar a lição da cartilha, tomar uma leitura: “vamos ler: esse é o “a”, o “b” tem barriguinha...” Ele ajudava com os que não aprendiam e os maiores, aqueles mais adiantados, me ajudavam com os pequenos, a pegar na mão, ir ao quadro ajudar a fazer a continha, traçar o número... Sempre cobrei o traçado dos meus alunos.

Ele vinha da lavoura e subia as escadas para entrar na sala de aula. Havia duas entradas: uma com sete degraus e a outra, mais baixa, com uns cinco degraus. Ele falava: “minha filha, enquanto você vai trabalhando a leitura, me dá estes que estão com dificuldades para contar que eu vou ensinar na escada”. Ele fazia as crianças subirem: “vamos contar: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete degraus, agora volta: sete, seis, cinco, quatro, três, dois e um”. Ele me ajudava quando vinha para o almoço porque passava ao lado da casa. As crianças tinham respeito por ele! Por isso que, naquela época, não tinha bagunceiro.

Na hora de ensinar a tabuada, não me esqueço até hoje, meu pai colhia as bolinhas do pé de cinamomo santa bárbara. Ele colhia aquelas sementinhas e dava uma penca: “agora vocês vão contar isso aqui”. Ele separava as bolinhas e dava para as crianças que ele ia trabalhar enquanto eu trabalhava no quadro com as outras crianças que estavam com outras dificuldades na aprendizagem. Ele ficava, um pouco, ali antes de voltar para a lavoura e ensinava as crianças a contar com aquelas bolinhas de cinamomo. Ele falava: “minha filha, já está na hora de começar a tabuada”. Começava a tabuada do dois: “duas vezes um, dois...” Decorava a tabuada... Todos tinham que aprender, não tinha esse negócio de estar na terceira série. Não! Todos

tinham que aprender a tabuada! Ele falava: “vamos estudar a tabuada com as bolinhas”. Ele contava de dois em dois: “dois, quatro, seis...” Foi ele quem me ajudou a ensinar as crianças a contar de dois em dois, de três em três, de quatro em quatro... Ele me ensinou a tabuada com as sementinhas de cinamomo, depois eu ensinei as crianças.

Sinto que todos aprenderam a tabuada, porque, além de decorar, tinham que construir com as bolinhas de cinamomo só que não faziam cartazes porque após dois, três dias já tinha que jogar fora porque as sementinhas cheiravam mal e tinha que trazer outras pencas de sementinhas. Incrível! Depois de muitos anos, nos cursos da ASSOESTE, do município de Cascavel para trabalhar a Matemática, faziam cartazes para colar, para construir a tabuada... “Ah... Meu Deus! Obrigada! Ensinei tudo isso para as crianças, lá no meio da mata e não sabia que estava ensinando tão integrado”!

Antigamente, tinha uma tabuadinha para ensinar Matemática. Papai trazia caixas daquelas tabuadinhas quando ia para Londrina. Hoje, quase não se vê, acho que nem existe. As tabuadinhas eram uns livrinhos que tinham os principais dados da Matemática. Na escola do mato, as crianças não levavam para casa porque eram três turmas.

As crianças aprenderam a somar, subtrair, multiplicar e dividir. Na parte de situações-problema, meu pai jogava: “quem acertar...” Ele entrava na sala: “vamos dar um descanso para a professora”? Porque eu não ganhava nada de ninguém. Ele fazia situações-problema: “Paulo foi ao cafezal e colheu cinco sacos de café. Seu irmão mais novo colheu três. Quanto que os dois colheram juntos?” Ele inventava da imaginação dele historinhas, colocava frutas, sacos de café nas situações-problema para dividir, subtrair e multiplicar. Ele inventava uma historiazinha para aguçar a memória das crianças e quem respondesse ganhava uma surpresa. Ele sempre tinha alguma coisa, paçoquinhas, que hoje se compra os pacotes, mas, naquela época, era feito em casa com amendoim e ele trazia enroladinhas. Era bonito de ver, todos queriam acertar!

Eu passava probleminhas para as crianças, no quadro de giz, de um livrinho que o professor Sílvio Coutinho me deu. Era um livrinho pequenininho que tinha os probleminhas para primeira, segunda, terceira e quarta séries, para o mês de fevereiro, março... Tudo certinho! Seu Sílvio falou: “isso aqui é uma coisa que você segue...” Isso é muito antigo!

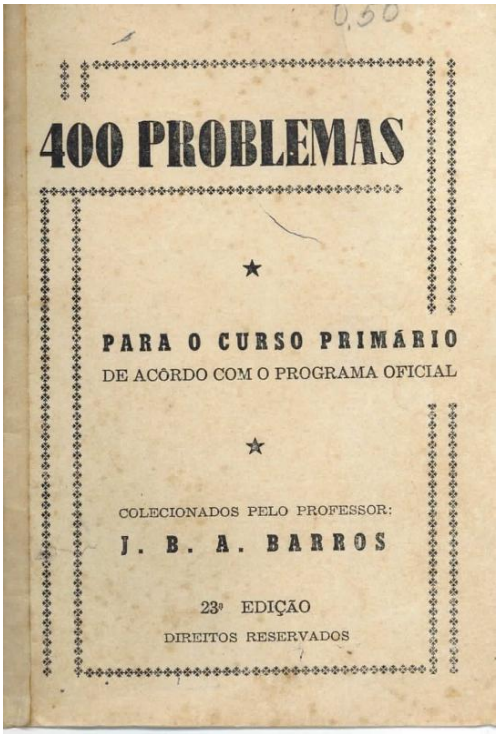


FIGURA 8 – LIVRO COM PROBLEMAS USADO PELA PROFESSORA MARIA DE LOURDES NA ESCOLA ISOLADA FAZENDA SANTO ANTÔNIO[49]
FONTE: Arquivo pessoal da Professora Maria de Lourdes (2014)

Papai passava rápido na sala para ver como estavam: “minha filha, está dando certo? Quem não está apendendo”? Aquele que não estava aprendendo direito, ele mandava chamar o compadre, porque eram todos muito próximos. Os vizinhos, também, vinham para saber o que estava acontecendo com as crianças que não estavam aprendendo. Ele falava: “todos têm que estudar em casa também”. O tempo era muito curto!

Lindo de ver tudo isso nos cursos, mais tarde, quando vieram os joguinhos de dominó, até dei um para minha neta de Santa Catarina. Como eu gosto! O jogo de dominó traz lembranças de meu pai porque ele trazia as caixinhas de dominó para jogar com as crianças e dizia: “vamos fazer as continhas”. Ele pegava as pecinhas de dominó, se era cinco de um lado e três do outro: “vamos inventar uma história”? Naquele tempo se usava as frutas, galinhas, ovos, as coisas que tinha. Então, lá no mato, em 1959, 1960, 1961, foi usado muito o jogo de dominó.

Para quem tinha dificuldades na subtração, meu pai comprava o baralho para

[49] No Anexo 7 se encontram algumas páginas desse livro ilustrando problemas da época.

jogar *scopa.* Quem marcasse quinze, marcava uma *scopa*. Punha as cartas e se tinha seis, tinha que somar para dar quinze, tinha que juntar as cartas e fazer os cálculos de cabeça. Era uma maneira de aprender brincando. Joguei *scopa* para ensinar a adição, fazer o cálculo de “quanto falta”. Na sala, eu desenhava a escadinha no quadro para ver quantos degraus faltava para chegar no topo da escada. Daí, eu passava as continhas, inventava uma historinha e falava: “você está no segundo degrau, seis menos dois, dois para seis falta quanto”? Consegui fazer isso porque eu ajudava as crianças na sala e meu pai na escada, contando, ajudando a subir: “quanto falta para chegar no sete se você está aqui”? Eles foram incorporando os conhecimentos...

Tinha uma mesa grande na qual o pessoal fazia churrasco e jogava truco no final de semana. O pessoal, quando se juntava, jogava muito bingo. Essa mesa, que ficava desmontada no galpão, meu pai punha, lá fora, no sol e buscava o bingo. Ele levava os mais velhos para jogar bingo para praticar os números, porque tinha uns que não aprendiam, não tinha jeito de memorizarem. Aqueles que eram bem grandes e não sabiam: “mas você não sabe que esse é 99?” Estava perdido! Meu pai falava: “vou ensinar estes”. Punha os maiores na mesa e jogava bingo, mas o bingo, naquela época, era um saquinho que alguém tirava as pedrinhas e “cantava” para que os outros marcassem as cartelas com feijão, milho. Ele jogava com os mais velhos porque eles não estavam conseguindo gravar os números, com isso a turma ficava menor e eu podia levar ao quadro aqueles que não estavam conseguindo traçar a letra ou não estavam sabendo fazer a continha. Meu pai me ensinou a fazer as continhas para aqueles que não conseguiam aprender. Meu pai falava: “faz assim: três mais dois, faça três risquinhos na frente do três, e para o dois: um, dois... junte os risquinhos”, depois, contava com a criança no quadro de giz.

Eu fazia provinhas e dava nota para eles, mas não mandava para casa, para os pais, guardava tudo. Na reunião da escola com os pais, não faltava ninguém, porque aquilo era um passeio para eles. Meu pai deixava um mundo de coisas para comer, muitas vezes até assava leitão. Eles vinham para ver o que acontecia. Eu sentava e mostrava para cada pai. Vinham no mesmo horário porque dependia do local, não tinha uma flexibilidade... Eles olhavam e se encantavam com as letras das crianças, com os caderninhos... Meu Deus!

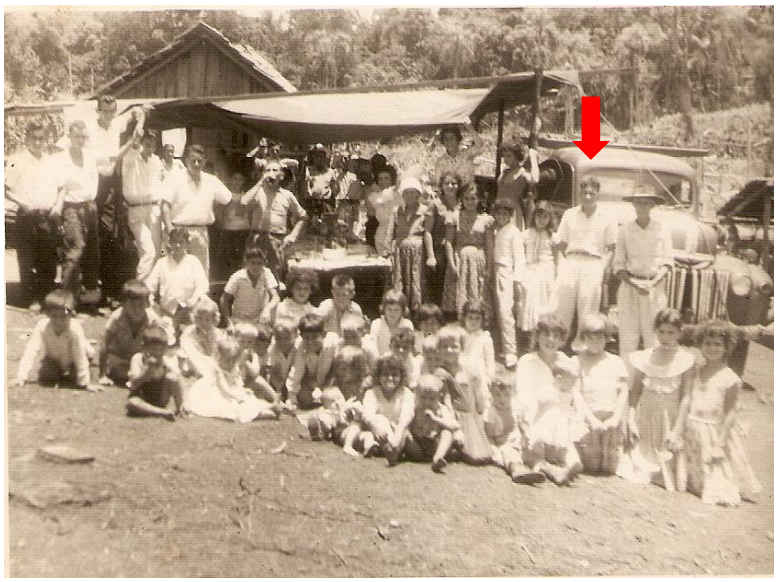


FIGURA 9 – ENCONTRO COM OS PAIS E OS ALUNOS DA ESCOLA ISOLADA FAZENDA SANTO ANTÔNIO (1962-1963)[50]
FONTE: Arquivo pessoal da Professora Maria de Lourdes (2014)

Veja que usar o tinteiro, com aquelas penas, só depois da terceira série. Os da segunda série ficavam morrendo de vontade, meu pai falava: “só depois da terceira série com a letra bonita”. Ele comprava os tinteiros, que eram canetas de madeira com uma pena.

Vejo que a Matemática está integrada em tudo da nossa vida. Vim de uma época em que se trabalhava o Português e a Matemática, “um em cada caixinha”, “em cada gavetinha”, mas quando iniciei fiz da maneira certa sem saber. Por isso, foi o maior presente quando as crianças da Fazenda foram para Céu Azul prestar Exame de Admissão em 1963-1964 para entrar no Ginásio! Os alunos da escola isolada Fazenda Santo Antônio se saíram muito bem na Matemática. A criançada não errou nada! As crianças estavam bem na frente porque foram passando os anos e sabiam somar, diminuir, multiplicar, dividir, ler e resolver probleminhas. Naquela época, ensinava-se os decimais, lógico que da maneira tradicional como aprendi, frações, mínimo múltiplo comum, máximo divisor comum, porcentagem... Para eles era tudo “canja de galinha”! Sabiam tudo! Depois, isso foi passado só para a quinta série, mas lá eu ensinava tudo para as crianças.

[50] Ocasiões em que a família da Dona Maria de Lourdes organizava um almoço festivo e ela e seu pai aproveitavam para conversar com os pais a respeito do aprendizado de seus filhos. Delfino Dias do Prado se encontra à frente do caminhão, ao lado do homem com chapéu.

Eu estava angustiada e ansiosa porque eu achava que os meus alunos deveriam fazer o Exame de Admissão. Só que em Céu Azul, de agosto em diante, eles faziam o período preparatório para o curso de Admissão para entrar no Ginásio. No ano anterior, procurei o diretor do colégio estadual da época que falou: “não dá porque a turma aqui está muito adiantada”. Não deu porque meus alunos eram do meio rural, do meio do mato, da roça, do interior: “eles não estão preparados porque esses aqui fizeram, de agosto em diante, num período o quarto ano e no outro o curso de Admissão”. Não só em Céu Azul, mas em todos os lugares, para entrar no Ginásio, tinha que fazer esse período preparatório, tanto que eu também fiz. Voltei para casa, para a Fazenda... Às vezes, eu mexia com as minhas flores, com as plantas no final de semana. Plantei muitas flores! As crianças traziam mudas. A gente via as cores das flores... Ensinei muito da natureza e vejo que tudo que fiz, na época, era material didático.

No ano seguinte, falei para o papai: “esse ano, todos os alunos que estão mais adiantados farão Exame de Admissão”. Papai falou: “será que os pais deixam? Eles têm que assinar e pagar uma taxa”. Eu falei: “a taxa o senhor paga, e vai comigo, porque, naquela vez, senti que o diretor me achou muito nova, e que as minhas crianças não estavam aptas para fazer a prova, o exame para fazer o Ginásio”. Fomos durante as férias, na metade do ano. Meu pai era muito alto e muito conhecido na região! Tinha a postura de uma pessoa que sempre ajudava muito, todos sabiam. Para todos que iam à fazenda buscar prendas de festa, para as igrejas, sempre dava um boi, podiam vir de qualquer cidade!

Mas com meu pai foi diferente. Quando eu tinha ido falar com o diretor, eu pedi para levar meus alunos, mas o papai não foi pedir, chegou e falou: “Valdir, vim aqui para você passar o material para eu ensinar essas crianças de agosto até o dia do Exame de Admissão”. Ele se apertou porque não tinha material, seguia um livro que vinha pronto. Falei: “é esse livro”? Nem todos podiam comprar. Papai falou: “não vou levar um para cada criança, cinco está bom porque eles estão acostumados de três, quatro alunos com o mesmo livro”. Ele providenciou o material da época. Era pouco, muito restrito o que seria ensinado. Quando cheguei, sentei na sala e olhei... Que alegria! Folhando o bendito livro para o Curso de Admissão, falei: “papai isso aqui eles já sabem"! Eu folheava os conteúdos e falava: “está muito fácil ajudar essa turma”! Foi quando aconteceu aquela reviravolta de horário.

Foi difícil para os pais aceitarem que os grandes tinham que vir todos num

horário só: pela manhã ou na última turma, à tarde. Deu trabalho! Eles iam para a roça e vinham no final do horário, mas eu queria o primeiro horário porque eles levantavam da cama, descansados, e vinham estudar. Foi quando consegui por como se fosse o nível do terceiro e quarto ano na turma da manhã. Continuei ensinando, não tinha que prestar conta para ninguém, trocava ideias com meu pai e com o professor Sílvio. Tudo que estava naquele livro, eu tinha ensinado.

Quando chegou a época do Exame de Admissão, meu pai fez várias viagens, no jipão, para levar as crianças. Uns foram de carroça. Meu tio falou: “os meus e os do compadre Zezinho vão de carroça...” Eu tinha muitos tios que vieram para cá. Fizeram várias viagens para levar os alunos de carroça.

FIGURA 10 – CAMINHÃO QUE TRANSPORTAVA OS ALUNOS DA ESCOLA DA FAZENDA SANTO ANTÔNIO ATÉ A CIDADE DE CÉU AZUL (1963-1964)
FONTE: Arquivo pessoal da Professora Maria de Lourdes (2014)

Minha turma quase encheu uma sala, mas não ficaram todos em uma sala. Tinha uma muito pequenininha, a Vera, que começou a chorar. A Nereide que, também, chorou, porque estava com medo de fazer a prova faz parte, hoje, do Núcleo. Falei: “professor, sinto muito, mas eles estão fazendo provas em duas turmas, as minhas crianças estão misturadas com as daqui, eu preciso ficar na sala onde estão as três meninas pequenas: Vera Lúcia Lopes, Nereide Lopes e a Marta, minha irmã caçula. Elas não vão conseguir fazer porque estão muito nervosas”! Era tudo diferente, a sala, as pessoas... Ele falou: “Não é permitido, só os fiscais”. Falei: “então, me dê um crachá de fiscal”. “Ah... não dá”. Meu pai estava esperando no carro. Falei:

“papai, têm três que não vão aguentar ficar na sala porque estão nervosas”. As três pequenininhas eram bem novinhas porque começaram a primeira série com seis anos. Papai falou: “se você não pode entrar como fiscal nessa sala, minha filha, serei eu”. Falei: “veja se ele me deixa ficar porque as crianças estão mais acostumadas comigo”. Papai falou: “sinto muito, mas minha filha terá que ficar na sala, como tem três fiscais, tira um e põe ela, por causa das três crianças, porque os colegas que estão aqui estão acostumados juntos”. Até o jeito de se trajar, a criança da cidade tem outro jeito de se vestir, o pessoal do mato é mais simples. Quando entrei na sala, as três menininhas pararam de chorar e começaram a trabalhar. Eu passava pelo corredor e via os outros com a maior dificuldade para resolver os probleminhas. Eu passava, olhava para cada um dos meus e dava um sorriso. Que alegria!

Quando saíram os resultados, o diretor mandou chamar o papai. As primeiras notas foram da Fazenda Santo Antônio! Meu pai fez uma festa na Fazenda e chamou todos os pais das crianças. Meu tio-padrinho Amado assou leitões naqueles fornos antigos, outros assaram frangos recheados. Papai quando matava um boi chamava todos os funcionários e as crianças. Ele fez uma festa e me colocou no pé da escada: “essa festa é para vocês e para minha filha porque vocês deram um show”! Isso é uma coisa que eu nunca mais esqueci. Foi gratificante!

FIGURA 11 – PROFESSORA MARIA DE LOURDES ENTREGANDO CERTIFICADOS DE MELHORES ALUNOS DAS TURMAS DA ESCOLA FAZENDA SANTO ANTÔNIO (1963-1964)
FONTE: Arquivo pessoal da Professora Maria de Lourdes (2014)

Como a escola não pertencia a ninguém, chegou um determinado momento, 1963, 1964, que alguns queriam ir embora e precisavam de documentos. A gente estava ensinando, mas não ganhava nada, não cobrava nada, era tudo gratuito. Essas

famílias foram para outros lugares, por exemplo, para São Paulo, para Salto, por causa das indústrias. A gente só se preocupou em ensinar Matemática, Português, a ler, a escrever e a fazer continhas. Fomos para Foz, mas nenhum lugar tinha como legalizar a escola para colocar que as crianças foram bem em Matemática, em Português, em que séries estavam por causa dos conteúdos. Meu pai ficou muito preocupado!

Nossa escola tinha muitos alunos. Chegamos a ter noventa alunos. À noite, eu trabalhava com a alfabetização de adultos com lampião a querosene, porque, naquela época, não tinha luz elétrica. Papai sempre me ajudava muito à noite. Ele assinava a revista Manchete e deixava lá para que lessem as reportagens. Ele sempre trazia jornais para a sala de aula, principalmente para os adultos.

Com os adultos, não tinha problemas porque ninguém queria documentos. Eles queriam aprender a ler e a escrever, mas as crianças que mudavam com os pais, começaram a dar problemas por causa da documentação e, como não conseguimos nada, em lugar nenhum que era público, para assumir aquela escola, papai falou: “tem uma escola Adventista no meio do mato e quem coordena é de Curitiba”. Lembro-me até hoje dos professores adventistas que trabalhavam com crianças adventistas e de outras religiões, também, daquela região.

Meu pai explicou nossa situação para ele: “é uma escola gratuita, só que tem uns que estão indo embora e querem os documentos, já fomos a Matelândia e não tem como, vai demorar por causa da parte burocrática”. O professor da escola Adventista falou: “vou falar com os meus chefes, em Curitiba, quando eu for à reunião para ver o que a gente pode fazer”. Nesse período, ele foi para Curitiba, papai até pagou a passagem para ele. Ele trouxe de lá que daria para colocar todas as crianças como alunos daquela escola Adventista. Ele trouxe material para fazer uma prova, para avaliar se o aluno era do primeiro, do segundo, do terceiro ano. Ele ficou junto na sala durante a prova. Foi aplicada a prova com os alunos dos três horários e ele se encantou com a turma porque o pessoal escrevia e lia bem. Quando terminou, lembro-me até hoje: “mas como eles são bons na Matemática”! Ele falou: “como você ensinou para eles estarem tão firmes na divisão”?

Eles sabiam tirar a prova real, a prova dos noves fora. Acho que muita gente, hoje em dia, nem sabe o que é a prova dos noves fora. Ele se encantava quando mandava uma criança no quadro fazer uma continha de dividir e ela tirava a prova dos noves fora, a prova real: “como essas crianças estão bem”! Ele levou todas aquelas

provas e todas as crianças receberam documentos e passaram a pertencer àquela escola Adventista. Isso aconteceu entre os anos de 1963, 1964. Todas as crianças ficaram com a vida legalizada com os documentos[51].

Vejo que, mesmo sem ter cursos de capacitação, na época, a gente conseguiu ensinar o que era principal para eles. Muita gente já se formou, fez faculdade de Matemática, todos bem empregados. Trabalhei com crianças que eram filhos de pais que eu ensinei por primeiro. Era muito bom! Mas, tinha diferença a Matemática que eu ensinava no mato, com a da professora que seguia o planejamento, as coisas todas certinhas. Era uma coisa que eu senti na pele!

Mais tarde, nos cursos, eu ficava... Meu Deus do céu! "Já ensinei isso para as minhas crianças"! Devo muito a meu pai porque ensinei a Matemática de uma forma integrada, diferenciada. Para a subtração, nos cursos, colocavam tirinhas coloridas, tudo com cartolina. Depois, a gente fez isso com giz de cor no quadro para as crianças. Então, voltavam lembranças gostosas de que eu tinha feito muita coisa, na época, sem saber que eu estava ensinando a Matemática de uma forma diferente, diversificada daquilo que era seguido à risca: primeira série até o número nove, segunda série vai até tantos números, terceira série a adição... Tinha um planejamento, mas no mato a gente não tinha isso. Ensinei as crianças a fazerem a subtração subindo a escada: "dois para oito, quanto é que falta?" Mais tarde aprendi que aquele "um" que subia era da dezena. A gente somava ali para tirar lá. Era mais difícil, mas todos aprenderam. A gente fala para os netos que os alunos sabiam tudo na ponta da língua.

Fui professora durante muitos anos, até o final de 1965, depois, a escola que se chamava Escola Isolada Fazenda Santo Antônio passou para o município de Matelândia, e mudou o nome para Escola Municipal Castro Alves, porque eu gostava muito de ler Castro Alves. Saiu da Fazenda e foi construída de material, pequenininha.

Casei em 1966 e fui morar em uma serraria que meu marido tomava conta, dava uma diferença de cinco quilômetros da Fazenda de meu pai. Casei em maio, e passei uns meses, noventa dias convivendo na serraria. Lá tive minhas filhas mais velhas e Cássia, minha filha caçula, nasceu aqui em Cascavel.

---

[51] No Anexo 8 se encontra a cópia digitalizada do boletem do aluno José Devanir Lopes comprovando que, após realizar os exames da Escola Adventista, estaria na 2ª ´serie primária na Escola Fazenda Isolada Santo Antônio. O boletim apresenta além do aproveitamento e da frequência do aluno, a média final e a informação de que está apto a matricular-se na 3ª Série.

FIGURA 12 – EXTRAÇÃO DE MADEIRA NAS TERRAS DA SERRARIA CARAZINHO NO FINAL DA DÉCADA DE 1960.
FONTE: Arquivo pessoal da Professora Maria De Lourdes (2014)

Nesse período, minha prima Nereide foi ensinar as crianças que ficaram com meu pai. Mas não durou muito tempo porque os alunos começaram a ir para a cidade de ônibus. Por um lado é bom, mas por outro tira as crianças do meio rural. Essa Escola Castro Alves, hoje, está abandonada, só existe o esqueleto, porque as crianças das escolas do meio rural vieram todas para a cidade. Quantas escolas abandonadas no meio rural!

Quando saí de lá, papai já estava mexendo com a papelada para passar a Escola Isolada Fazenda Santo Antônio para o município. Para passar, tinha que doar as carteiras de três lugares, mas aquelas coisas tinham muito valor para nós. Não tinha como doar! As carteiras que vinham do município eram diferentes.

Quando casei, fui para a Serraria Carazinho. Nesse local, também tinha muitas crianças que não sabiam ler. Tinha uma quantidade de trabalhadores, setenta empregados e não tinha escola. Esse pessoal trabalhava com madeira, era muita gente. Daí, falei para o meu marido que eu sentia falta de ensinar, recém casada e querendo ensinar. O Luiz Carlos falou: “vamos fazer uma escola”. A mesma coisa, uma história parecida com a história do meu pai, só que a escola do meu pai pertencia a Foz, e no lugar que eu fui morar, meio rural também, pertencia a Céu Azul porque os municípios foram desmembrados.

Então, nós passamos para um casarão, uma casa muito grande que tinha um corredor onde se fazia o churrasco. Ele fez o quadro e as carteiras, tipo bancos, para

as crianças, com a madeira da Serraria Carazinho. É uma história parecida com a história do meu pai, só que lá era uma escola chique e bonitinha e ali era de aproveitamento.

FIGURA 13 – MORADIA DE LUIS CARLOS BECKER E MARIA DE LOURDES BECKER NA SERRARIA CARAZINHO (1969-1970)[52]
FONTE: Arquivo pessoal da Professora Maria de Lourdes (2014)

O primeiro prefeito, Emílio Henrique Gomes, morava em Céu Azul e também foi prefeito de Foz. Nossa! Ele ficou interessado demais na escola, só que naquela época a Educação não era como hoje, não tinha dinheiro mesmo, as coisas eram difíceis, tinha que esperar para arrumar todas as coisas.

Quando o irmão do prefeito que era vereador chegou na Serraria Carazinho sabia que tinha uma escola lá, daí foram olhar. Nossa! Ele ficou indignado dos alunos estarem sentados naqueles bancos. Nós tínhamos bastante alunos, os filhos dos trabalhadores da Carazinho que trabalhavam nas máquinas para serrar madeira. Ele falou: “pode deixar, nós vamos dar um jeito”. Na outra semana, começou a chegar as carteiras. Como não tinha muitas carteiras, pegavam das escolas que estavam sobrando, uma carteira mais novinha, outra, meio estragada. As que vinham estragadas o meu sogro e o meu marido Luiz Carlos arrumavam. Aquela sala ficou uma sala multisseriada, com alunos de todas as idades e como eu já estava acostumada a trabalhar dessa maneira, não achei difícil. O Luiz Carlos também não me contrariou, aceitou.

[52] A Escola Isolada da Serraria Carazinho funcionava no corredor dessa casa.

Aos domingos, eu levantava cedinho porque vinham três alunos que trabalhavam nas máquinas e não podiam vir durante a semana: um de catorze, um de quinze e uma mocinha. Nessa época, para ser mais precisa 1968, eu já era professora contratada desses alunos, mas não com carteira assinada. A gente assinava o pagamento num balcão.

Todo esse período foi difícil para a aposentadoria porque eu não tinha nada, mas não me estressei. Tem gente que vai procurar os anos de serviço e fica estressado. Todo o tempo que trabalhei, a parte burocrática, que a gente fala hoje, não tinha. Consegui tantos depoimentos de pais de alunos para comprovar meu tempo de serviço, mas nada deu, então, já aqui em Cascavel, década de oitenta, falei: “não vou mais atrás desses papéis, se eu não tenho como comprovar que eu trabalhei, vou continuar trabalhando”. Trabalhei com a maior alegria! De anos de serviço, trabalhei quarenta e dois anos, e na serraria trabalhei de quatro a cinco anos.

Fui para Vera Cruz no ano de 1971, 1972, década de setenta, por causa da Rosana, minha filha mais velha, porque estavam montando uma escola para ter o Pré, mas os pais tinham que pagar. Queriam fazer uma turminha para ficar mais fácil entrar na primeira série. Fui para lá para ela entrar nesse Pré, mas não deu certo, porque não conseguiram arrumar todos os pais para pagar as mensalidades para montar uma turma de Pré. No outro ano, ela entrou direto na primeira série, foi minha aluna. A outra filha, Maristela, também, entrou direto na primeira série, essas meninas não fizeram Pré. Quantos anos o pessoal batalhando para ter Pré, mas tinha que ser pago. Hoje é diferente.

Então, fiquei quatro anos com a Escola Carazinho. Os proprietários da Serraria vieram de Carazinho, Rio Grande do Sul e botaram o nome da escola e a localidade de Carazinho. A escola no começo ficou conhecida como Escola Isolada da Serraria Carazinho, que começou a funcionar em 1967, depois ficou Escola Municipal Bom Jesus. Hoje, não tem mais nada disso lá.

Indo para Vera Cruz, à esquerda, uns três, quatro quilômetros, no máximo, era a fazenda do meu pai, de solteira, atravessando a estrada, já na beirada, era as terras dessa Serraria Carazinho. Nessa época, a Serraria Carazinho não era no meio do mato igual a escola do meu pai, já estava aberta, tinha gado, muita gente, setenta moradores, muitas casas, mas hoje não existe mais nada, tudo ficou mecanizado.

Fui para Vera Cruz porque tinha uma campanha para que a escola isolada municipal que tinha lá, que era pequenininha e pertencia a Céu Azul, passasse para

grupo escolar. Mas, para ser grupo escolar, tinha que ter quatro salas de aula e não tinha turma para isso. Como fui para Vera Cruz, as crianças da Carazinho começaram a ir para Vera Cruz porque era perto, não só as da Serraria, mas da região, aumentando o número de alunos. Daí, deixou de ser escola isolada e passou a ser grupo escolar, era uma questão do Estado, daquela época, isso mais ou menos em 1972, 1973.

Nesse período, trabalhei nas salas de primeira série. Quando cheguei, a diretora, que ficou muitos anos porque era do Estado, foi ao fundo da minha sala para ver como eu ensinava, porque sabia que os meus alunos saíam sabendo. Quando Vera Cruz começou a surgir, muitos alunos que estudavam no interior, no meio rural, vieram e, quando entravam na escola, sentiam diferença. Aquele aluno que vinha da roça, geralmente, chegava na escola da cidade e não acompanhava os alunos, mas os que saíam da escolinha onde eu dava aula chegavam e acompanhavam a turma muito forte!

Então, quando cheguei, a diretora falou: “você vai dar aula na primeira série”. Nessa época, eram tempos difíceis, quarenta alunos, sala lotada. Mas, quando o primeiro ano passou, as professoras de segunda série sentiram a diferença dos alunos e começaram a conversar com a inspetora e com a diretora que os alunos que vinham da Dona Lourdes Becker eram melhores na Matemática e no Português[53]. Sabiam bem a Matemática, resolviam as quatro operações e tinha aluno que sabia tirar a prova real, a prova dos noves, que nem a professora sabia. Aprendi lá atrás com meu pai, ensinei para os alunos da fazenda e para os outros.

A diretora ficava no fundo da minha sala para ver como eu ensinava os alunos a ler e ficava anotando para passar para os outros colegas. Quando tinha aluno, na outra sala, que não aprendia, ela trazia para mim. A gente trabalhava até no sábado, mas nunca trabalhei com as minhas turmas, os meus alunos ficavam em casa, os pais ganhavam um bilhete que eles estavam muito bem de conteúdo.

Para mim, era uma satisfação! Nessa época, tinha onze salas de primeira série, pegavam de cada uma, dois, três alunos e montavam a minha turminha do sábado. Eles não sabiam ler e escrever, mas eu não trabalhava só a alfabetização porque eu já tinha acostumado a trabalhar a Matemática sem saber que eu estava

[53] No Anexo 9 se encontra uma cópia digitalizada de um modelo de aula quando Dona Maria de Lourdes lecionava em Vera Cruz do Oeste, em 1982.

ensinado Matemática para as crianças. Mais tarde, vi que aquilo que eu fazia nos cursos, década de oitenta: “meu Deus, eu ensinava isso para as crianças, eu já estava dando Matemática junto”!

Meus alunos passavam lendo e escrevendo, lógico, fazendo textos e redações, só que tinha diferença, os textos eram fragmentados, fraseados, porque era o jeito que eu ensinava, as letras do alfabeto, “b com a dá ba”, ensinava a forma silábica, eles aprendiam tudo. Eles não saíam escrevendo errado, todo mundo sabia certinho, essas regrinhas de antigamente que eu tinha aprendido, passava para eles, então, meus alunos iam muito bem.

Senti diferença da redação e do texto, na década de oitenta quando comecei, com ASSOESTE, a estudar como alfabetizar com um texto em sala de aula. Os cursos trabalhavam Matemática, História, Geografia.... Tudo integrado. Eu ficava feliz: “meu Deus, já fiz isso”! Mas, eu não comentava, ficava dentro de mim com alegria...

Na década de setenta, veio o Erasmo Pilotto[54] para a região. O diretor de Vera Cruz que tinha feito o curso ensinou os professores a darem o método Erasmo Piloto. Não sei se era um projeto, mas a gente tinha que ficar: “o que que eu tenho na mão?” “Bola”![55] Tinha que seguir uma cartilhazinha, onde vinha a regra. Das onze turmas, eu e mais uma colega fugimos da regra, a gente fez dois diários: um apresentado dentro do Erasmo Piloto e o outro para ensinar do jeito que a gente sabia. Chegou o final do ano e os alunos das outras turmas que seguiram à risca o método Erasmo Piloto não sabiam ler e nem Matemática porque estava tudo fragmentado, tudo pela metade, mas os nossos foram melhores.

Na primeira prova, muita gente reprovou. Eles tiveram que fazer outra prova e passaram muitos alunos fracos porque não estavam com os conteúdos de Matemática e Português prontos. Nesse projeto, as crianças ficaram comprometidas na alfabetização. Se a criança não está alfabetizada, a Matemática fica comprometida, História, Geografia..., tudo fica comprometido.

No ano seguinte, os professores de segunda série ficaram desesperados porque os alunos não liam, tinha que (re)alfabetizar aquelas crianças. Foi uma loucura! Então, passaram-se dois ou três anos e deixaram de cobrar o Erasmo Piloto

---

[54] O Erasmo Pilotto foi um método de ensino para a alfabetização de crianças, redigido no ano de 1964 pelo professor Erasmo Pilotto.

[55] Nesse momento a professora Maria de Lourdes bateu palmas ao pronunciar as duas sílabas da palavra bola numa tentativa de mostrar como deveria utilizar o método.

no Grupo Escolar Vital Brasil.

Acredito que em outros municípios do Paraná, o Erasmo Pilotto também existiu e passou. Falo porque trabalhei com isso, não só eu, tenho colegas frustradas porque, na época, sabiam ensinar a ler, a escrever e a Matemática, mas ficaram presas com esse método e saíram prejudicadas também. Você vê, tudo aquilo que foi trabalhado, porque foram aprender fora, iam a Cascavel, a Foz, recebiam de Curitiba, mas não durou muito. Até gostaria de ler, um dia, sobre Erasmo Pilotto para ver quando chegou, quanto tempo durou, porque para mim não durou nada. Trabalhei com meus alunos sessenta dias e vi que aquilo não daria certo. Nos anos anteriores, com sessenta dias, as minhas crianças sabiam ler e escrever algumas palavras e lá a gente estava só na oralidade, não foi uma boa experiência.

Quando uma colega chegou em minha casa, desesperada, bem novinha, dezesseis, dezessete anos: “Dona Maria de Lourdes, estou recém contratada pelo município, o que eu faço”? Falei: “se você topar, vamos fazer o seguinte, só para nós duas...” Daí, mostrei para ela que eu tinha dois diários: um para apresentar o Erasmo Piloto, que tinha que treinar para falar todas aquelas regras e o outro jeito que era meu. Eu dividia o quadro em duas partes porque vinham à sala e se sentavam para ver se eu estava dando o Erasmo Piloto. Avaliavam se a gente estava apresentando de acordo com o que foi visto no curso. Então, usei essa estratégia, continuei ensinando do jeito que eu estava acostumada a ensinar, só que eu preparava um diário para apresentar para inspetoria sobre o Erasmo Piloto, e o outro jeito eu trabalhava escondido.

Como eu era uma professora leiga, para poder fazer a faculdade, eu tinha que ter um comprovante de quinta a oitava, e de Ensino Médio. Eu podia fazer o Magistério, mas teria que ir até Cascavel ou à Matelândia. Naquele tempo, em Cascavel, não tinha Magistério no Wilson Jofre, só no Auxiliadora, que estava começando e era uma casa de madeira. Em Matelândia, também, era um colégio de irmãs. Nessa época, a estrada já estava melhor, não tinha asfalto, mas era empedrada.

Nesse período, não sei explicar como, os prefeitos conseguiram trazer, de Curitiba, o Logos II que era um curso de bastante tempo, dois, três anos. Comecei o Logos II em Matelândia, na década de setenta. A gente assistia às aulas e ganhava as apostilas de todas as disciplinas. O professor dava Português, Matemática... A gente levava as apostilas para estudar em casa. Era uma vez por semana, durante o

dia. Nesse período, minha irmã, Terezinha, ficava com os alunos para eu poder ir. Iniciei o Logos II em Matelândia e terminei em Céu Azul.

Lecionei em Vera Cruz do Oeste até o final de 1982. Antes de iniciar as aulas, em 1983, voltei para Cascavel, por causa das duas filhas mais velhas que queriam ser professoras e lá em Vera Cruz não tinha Magistério, só tinha ensino para ser contador no CNEC. Em Cascavel, tinha o Colégio Wilson Joffre, um colégio estadual que tem até hoje, era o melhor Magistério da Região. Também tinha Magistério o colégio particular Nossa Senhora Auxiliadora.

Quando cheguei, trabalhei no Ideal, um colégio particular. Trabalhei por pouco tempo porque fiz concurso do município. Eu queria continuar dando aula porque era uma coisa que eu sabia fazer e gostava. Procurei no município, mas não tinha vaga, as que tinham era só para o meio rural. Ir para o meio rural ficou difícil porque eu tinha as meninas, a Cássia, filha caçula, veio para cá com cinco anos, pequenininha. Ela está em Santa Catarina, fez Direito, não entrou na área da Educação, mas as duas mais velhas são da área da Educação: uma Matemática e a outra Português.

Uma prima disse: “o Ideal está precisando de professora para a primeira série, porque você não vai lá? Você ensinou na roça”. Essa prima ainda está aqui, fazendo salgadinhos. Como o Ideal estava precisando, fui até lá e fiz minha inscrição. Tinha várias professoras para a vaga. A diretora, na época, era a Tia Izailda, ela fez perguntas para todos os professores que estavam lá. Fui a segunda a ser entrevistada e já peguei a sala de primeira série.

Trabalhei pouco lá, dois anos, mas foi uma experiência boa para quem veio do meio rural. Na escola particular tem mais fartura, tem tudo, mas tem as cobranças. Tinha um planejamento, mas seguindo a apostila que, na época, era a apostila Positivo para a alfabetização. O Ideal não oferecia cursos para os professores, mas foi fácil porque eu seguia a metodologia e o planejamento deles, mas na hora de ensinar as crianças a aprender a ler e a escrever, ver o nome e o sonzinho das letras e produzir textos, eu aproveitava minha prática.

Eu precisava do Magistério, mas não tive coragem de voltar porque eu já tinha estudado muito e fui parando... Daí, no começo de 1983, fui a Céu Azul terminar o Logos II que eu comecei em Matelândia, mas parei. Meu marido me levava a cada quinze dias. O Logos II valia como o Magistério. Terminei esse Logos II em 1984,

1985, mais ou menos. Foi o primeiro diploma[56] que comprovou que eu não era mais uma professora leiga. Fiz o Logos II, e falei: “ainda vou fazer a faculdade de Pedagogia”.

Nessa época, teve o concurso do município, fiz, passei e, em 1985, eu estava com quatro horas na escola pública, no Emília Galafassi, no Parque São Paulo, e quatro horas no Ideal. Nessa escola fui professora, diretora e supervisora.

Fiz outro concurso, passei e não pude assumir a turma, porque eu não podia deixar o Ideal. Quando entreguei tudo no Ideal, fui à Secretaria de Educação e assumi o segundo concurso.

O Colégio Emília Galafassi é muito antigo, era um colégio do estado que, depois, passou para o município. Quando saiu o Colégio Castelo Branco, a documentação foi para lá e aqui ficou o Emília Galafassi, municipal.

Quando saí de Vera Cruz do Oeste e vim para Cascavel, foram outros tempos, difíceis também, porque não eram como hoje, mas já tinha cursos para os professores. Logo em seguida, vieram os cursos da ASSOESTE. Devo meu crescimento na área da Matemática e na Língua Portuguesa à equipe da ASSOESTE e à UNIOESTE, que investiram no trabalho com os professores. Nossa! Quantos professores davam cursos da ASSOESTE! Reuniam os professores da rede municipal para dar cursos, trabalhar a Matemática para não ficar só naquela decoreba. Nesses cursos que fazíamos, sempre me saí muito bem. Conforme me explicavam, eu me lembrava da escola do mato em que a gente trabalhava tudo aquilo sem saber que estava trabalhando a Matemática do jeito certo, para não ficar só na decoreba.

A professora Sílvia Fabro, que já faleceu, era da Matemática, da UNIOESTE, e era professora do Colégio Wilson Joffre. Ela estava, sempre, trabalhando com o professor do município, mas podia ser do estado. Fazia aqueles encontros, mas não eram todas as escolas que avançavam, porque dependia do diretor e do supervisor. Quando a gente ia com a Sílvia, eram os projetos que eles faziam na UNIOESTE e se acertavam com a Secretaria, e tiravam alguns professores das escolas.

Quantos professores participaram! Quando vem de cima para baixo, que a Secretaria manda, vai todo mundo, mas, naquela época, não era assim, só algumas escolas tinham gente disponível para ficar com as turmas, para as professoras aprenderem. Então, quando tinha essas coisas, eu sempre estava junto com as que

---

[56] No Anexo 10 se encontra a cópia digitalizada do diploma de conclusão do Logos II da professora Maria de Lourdes, com as respectivas disciplinas cursadas e aproveitamento.

iam. Quanta coisa aprendi! Construíamos o metro para ensinar as unidades menores e maiores de medida. A Sílvia ensinava “como a gente vai medir com este metro daqui até a capital”, daí entrava o quilômetro, unidade maior. Mas, eu lembro bem que a professora Sílvia trabalhava a Matemática. Não pense que a gente vinha aqui no centro, íamos lá no Cascavel Velho, que tinha uma sala sobrando. Naquele tempo, a UNIOESTE não tinha sala sobrando, era tudo muito difícil. Quanta coisa! A gente aprendeu, com a professora Sílvia, a montar o Tangran para trabalhar com as crianças. Hoje o material vem prontinho.

Comecei a participar dos cursos da ASSOESTE de 1987 para 1990, mas não eram todas as escolas que iam. Muitos colegas conseguiram avançar, outros não porque não é como hoje que o professor sai para fazer cursos e não tem que repor. Naquela época, para participar dos grupos de estudos da ASSOESTE, que aconteciam todas as quartas feiras à tarde, fiz uma coisa corajosa no Emília Galafassi. Fiz uma reunião com todos os pais e assumi o compromisso com todos os alunos, para dar aula aos sábados pela manhã. Os professores não se animaram tanto: “e se acontecer alguma coisa”? Os pais assinaram na reunião e sabiam que não tinha lanche, não tinha nada. Hoje, se você vai para um curso não tem que repor, é diferente, mas repor no sábado não foi difícil porque eu vim de uma história de já trabalhar nos finais de semana com os alunos. Eu ia para a escola sozinha para trabalhar com as crianças, só o vigia abria o portão. O Tolentino chegou, num sábado, no Emília Galafassi: “você está trabalhando”?

A gente aprendia com a professora Sílvia, depois vieram outros. Na área da Matemática tinha a Neiva Galina, que ensinou muito, a professora Tânia Bassoi, a professora Leila, no início, tive alguns encontros com ela; a Maria Lídia Szymanski, muito dinâmica, acho que está até hoje com os grupos de estudos da ASSOESTE, cresci na produção de textos, a Matemática, também, entrou forte.

Participei bastante dos cursos da ASSOESTE, muitos anos fazendo e avançando na Língua Portuguesa. Antes de me aposentar, saímos na Revista Nova Escola por causa do trabalho feito com a Matemática e com a Língua Portuguesa. Nossa! Foi lindo! Foi um texto em sala de aula no Emília Galafassi. Ali começou a crescer a questão do texto em sala de aula, mas trabalhando a Matemática junto. Esse trabalho envolveu tudo, porque a alfabetização está em tudo, principalmente na Matemática. Não tem como fugir da Matemática na nossa vida!

Tudo que se trabalhava no dia, não se pagava nada, a gente ganhava o

material xerocado para estudar. Foram épocas muito boas com a Sílvia porque esses materiais didáticos, que hoje vem tudo pronto, só para usar, a gente construía. O dado... Meu Deus! Aquilo era muito gostoso! A gente aprendeu a construir o dado para trabalhar os números e as letras do alfabeto juntos. O primeiro alfabeto com a Matemática junto foi construído na ASSOESTE, depois mais tarde, o município mandou fazer para todas as escolas. Nos grupos de estudos da ASSOESTE, a gente aprendia que tinha que sair das "gavetinhas", uma gavetinha de Matemática, uma gavetinha de Português: "está alfabetizando, trabalha tudo". Nesse momento, ensinaram História, Geografia e Ciências, mas era muito enfatizado a Matemática junto com a alfabetização.

Os outros cursos nunca tinham lugar bem certo, mas os da ASSOESTE eram na ASSOESTE, na Rua São Paulo. Era tudo pequeno, uma meia água... Hoje, a ASSOESTE é só uma gráfica. Esses grupos de estudos, no começo, foram em Cascavel, depois começaram a atender toda a Região Oeste. Fui, pela ASSOESTE, em dois municípios dar curso de alfabetização para os professores, acho que em Terra Roxa e em Assis Chateaubriand, porque eu tinha aprendido a ensinar a alfabetizar, mas junto com a Matemática. Não fui muito, só em dois municípios, porque além das oito horas de aula, eu já estava me preparando para fazer a faculdade. Avancei com a ajuda dos outros! Eu tinha facilidade para ensinar a Matemática, eles viam que dava para trabalhar os números ordinais com as letras.

Participando dos cursos da ASSOESTE, eu não aprendi só a prática, eles ensinavam a parte teórica. Numa mesma tarde, você trabalhava Português, Matemática, na outra, Ciências... Eles diversificavam para a gente que estava participando dos cursos. A Baltadar Vendrúscolo ensinava a alfabetização integrando com a matemática. A Odete Vendrame trabalhou muito a questão da História. A Darci Alda Barros trabalhava a Geografia. A Enedina ensinava a gente cantar para ensinar a Matemática. Enfim, eu não via a hora de chegar quarta feira, eu ia preparada para estudar e aprender. Hoje estou usando aparelho no ouvido para escutar melhor, mas, na época, eu escutava muito bem e queria aprender tudo. No intervalinho do café, eu ficava conversando com as outras colegas: "o que vocês estão aprendendo? O que estão mostrando?" Curiosa para ver o material que estavam fazendo, o que aprenderam na parte teórica e na prática. A Enedina, para relaxar cantava "a majestade o sabiá". Às vezes, eu nem participava, só de ver o material que estavam construindo, de História, de Geografia..., eu já ficava ligando como eu faria para

trabalhar. Meu Deus do céu! Amei muito os cursos que fiz na ASSOESTE, foi uma formação diferente que me qualificou.

Fiz muitos cursos de treinamento e capacitação do professor do município de Cascavel. Há muitos anos atrás, quando cheguei, era o prefeito Tolentino. Vão trocando os prefeitos, mas os nossos professores continuam firmes. Entra um prefeito e sai o outro, os secretários também, mas quem faz mesmo a Educação acontecer é o professor na sala de aula, então esses cursos de capacitação ajudam muito.

A professora Rosana Becker, minha filha que alfabetizei, ajudou-me muito. Hoje é professora da UNIOESTE, de Língua Portuguesa, mas me ajudou na Matemática: “mãe, tem que trabalhar a Matemática junto com a Língua Portuguesa”. Eu já trabalhava lá atrás, mas os avanços foram muitos. Teve muitas outras professoras, também da rede municipal, que estavam na UNIOESTE e sentiram necessidade de melhor formar os professores, de ajudar aqueles que estavam em sala de aula. Investiam muito! A rede municipal vem investindo no professor e o estado também.

Tenho duas filhas professoras, uma que trabalha na UNIOESTE e a outra trabalha na Secretaria de Educação, formada em Matemática. A caçula é advogada, mas também é professora porque vive ajudando as pessoas. Acho que “a fruta não cai muito longe do pé”, [porque] no espaço em que está, vive ajudando gente que está com dificuldades para mandar [os filhos] para os colégios, e atendendo as famílias para acompanhar as crianças. Não é nada da profissão dela, mas, indiretamente, está ajudando as pessoas na Educação.

Tivemos épocas em que todas as professoras se sentiam muito felizes porque a rede municipal estava ganhando mais cursos do que a rede estadual. Mas, são fases porque cada governante tem uma cabeça. Aqueles que amavam mais a Educação investiam mais, porque tudo precisava de dinheiro. Tinha que pagar os professores para poderem vir dar o curso.

Além dos cursos do município, quem colaborou, não só com os professores de Cascavel, mas da Região [Oeste] foi a ASSOESTE que deixou de existir por questões financeiras. Ela custeava as despesas dos professores que iam à Universidade Federal, em Curitiba, para Santa Catarina, para o Rio Grande do Sul e UNICAMP buscar mais conhecimento para passar para os professores da rede municipal. Cada município tinha uma parcela de colaboração financeira, mas, com o passar dos anos, esse dinheiro foi deixando de entrar e a ASSOESTE deixou de

existir. Hoje quem está fazendo o papel da ASSOESTE é o Departamento Pedagógico da AMOP. Mas, o município continua, até hoje, tendo cursos.

Vejo que uma década atrás, um pouquinho mais, tinha mais cursos, investia-se mais, até na questão da Matemática. Era bonito os professores da rede municipal, aqueles formados em Matemática pela UNIOESTE, se aperfeiçoarem para ensinar os colegas professores, nos outros colégios. Lógico, ganhavam porque todos têm que sobreviver. Tempo de trabalhar “dado” foi quando eu comecei. Demorou muitos anos para eu fazer o Curso de Pedagogia.

Batalhei junto com os outros diretores, supervisores e professores da rede municipal de Cascavel para o curso de Pedagogia sair no noturno porque só tinha no diurno e eu tinha que trabalhar oito horas para poder sobreviver. Não podia! Foi uma luta, não só minha como de outros diretores e professores. Todo ano a gente ia para a UNIOESTE reivindicar Letras e o Curso de Pedagogia noturno para os professores porque a maioria dos cursos, Matemática também, não saiu à noite.

Quando saiu o primeiro Curso de Pedagogia noturno, fiz a inscrição e o vestibular. Foi uma alegria muito grande porque eu sempre quis fazer Pedagogia, desde quando eu estudava no estado de São Paulo. Devo isso a ASSOESTE pela questão de estar sempre estudando e fazendo cursos. Isso me ajudou a passar no vestibular da UNIOESTE. Fazendo os grupos de estudos da ASSOESTE, tive que ler muito, você tinha que levar livro para casa para ler, e lendo fui crescendo.

Quando saiu o curso noturno, minha filha Rosana Becker, que está terminado o doutorado e me ajudou em sala de aula, não só ela, teve outros, mas ela foi fundamental para eu mudar quando estava trabalhando: “mãe, a senhora vai conseguir”. Ela, nessa época, estava muito forte na equipe da ASSOESTE, e dava apoio para eu continuar: “mãe, a senhora vai fazer o vestibular da UNIOESTE, da primeira turma do curso noturno”. Eu estava com cinquenta e quatro anos de idade, falei: “minha filha, eu não vou conseguir, não estudei, vou ter que fazer o vestibular com o que eu sei”. Ela disse: “mãe, a senhora sabe muito porque nunca parou de ler, participou quase quatro anos, nunca perdeu nenhum curso ou grupo de estudos, leu muito, a senhora sempre buscou”. Os livros da Matemática, meu Deus! Aquele livro que li me encantou, que a criança é matemática zero na escola e lá fora ela é dez... Ela falou: “mãe, a senhora já leu isso, já leu aquilo, faça o vestibular, a senhora vai passar, a senhora escreve bem”. Eu falei: “filha, acho que eu não vou ter condições de passar. Agora não dá mais tempo de pegar tudo o que tem que estudar”.

Não esqueço até hoje, fiz a inscrição no último dia, uma chuva! Ela foi me pegar na sala de aula, passou em casa e pegou meus documentos. Fiz a inscrição na Rua Paraná. Ela me levou embaixo de chuva, me molhei toda, acho que fui uma das últimas que fez a inscrição. Quando cheguei em casa, falei para o Luiz Carlos, meu marido: “a Rosana quis tanto que eu fizesse”, “mas mãe a senhora tem que fazer, a senhora sempre quis Pedagogia noturno, a senhora batalhou tanto e agora não vai fazer”?

Então, na reta final, dei uma olhada no programa e falei: “não dá tempo para nada”. Como eu tinha que escolher uma língua, escolhi o espanhol, fui à biblioteca pública, num sábado, e fiquei escutando, “no ouvido”, um pouco do espanhol. Fiquei lá, um dia inteiro, ouvindo espanhol, de tudo que passou, alguma coisa peguei, gravei os números... “Que língua a mamãe fez”? “Espanhol”. “A senhora pega umas aulas, que a senhora vai conseguir”.

Ah... que felicidade! Quando saiu o resultado, até chorei de alegria! Eram quarenta vagas. Era meu sonho fazer Pedagogia! O Curso de Pedagogia noturno era quatro anos. Foi uma alegria muito grande, agradeci a Deus naquele momento! No dia da formatura, eu estava tão emocionada que levei toda a minha família, não só as minhas filhas, genros e netos, levei todos os meus irmãos. Comprei cartão de todos os colegas que não iam para o jantar e para o baile, porque eu queria levar todos da minha família na formatura, porque eu estava muito feliz.

No Curso de Pedagogia, a Matemática, para ser sincera, precisa melhorar. Trabalharam muito a teoria e a prática na sala de aula, mas como a gente vem de uma experiência grande, eu achava que precisava ajudar um pouco mais. A Estatística, quase me matou! O Curso de Pedagogia é muito bom porque dá o todo, você consegue entender o todo de uma escola, não fica distante.

Consegui fazer tudo, mas dormia pouco, nunca dormia antes das duas, mais tarde fiquei sofrendo de labirintite, muito estresse, muito trabalho, ainda tinha a sogra com derrame em casa, só que eu não cuidava dela sozinha, quem estava em casa cuidava, então, o tempo era muito curto. Mas, vejo que a pessoa que tem muito tempo não consegue fazer bem as coisas. A família toda me ajudou nesse momento: a Rosana, minha filha mais velha; a Maristela; a Cássia, minha caçula e o meu marido. Quase matei a caçula porque eu a levava no Diva Vidal para me ajudar.

Essa época foi muito difícil, porque os alunos especiais do Diva Vidal não tinham sala especial, ficavam junto com a primeira série, então eu colocava essa

caçula lá fora, numa carteira, para trabalhar com aqueles especiais os jogos de Matemática. Nessa época, a escola já recebia jogos para trabalhar a Matemática, tinha quebra-cabeça, figuras geométricas, não era muito, mas ajudava.

Os materiais de Matemática eram fabricados em casa, a gente ficava o final de semana recortando caixa, pintando para trabalhar a Matemática... A Maristela me ajudou muito porque estava fazendo faculdade de Matemática na UNIOESTE, ela aprendia muita coisa e trazia para a mãe. Formei todas as filhas antes de fazer Pedagogia. A Maristela me ajudou muito, mas ela aprendeu com a Sílvia: “a professora ensinou isso mãe”. Então, no final de semana, todo mundo almoçava em casa, o material didático era feito em família, até o Rodrigo, meu neto, na época com seis, sete anos ajudava a recortar, eles aprendiam juntos.

Fiz meu Curso de Pedagogia e me formei com cinquenta e oito anos. Nesse período em que eu estava na UNIOESTE, fiquei muito feliz porque ali dentro da Universidade a gente começou a ver a preocupação dos professores em ensinar a Matemática. Iam às escolas municipais como a [professora Sílvia Fabro] que não está mais no meio de nós. Grande professora! Faleceu tão nova por causa de uma infecção no olho, uma cirurgia que parecia simples, mas ela deixou raízes porque tem tanta gente ensinado a Matemática.

Acho que ainda, como no passado, acontecem muitos erros ao ensinar Matemática, mas mudou muito. Quando conversava com uma colega, lá atrás, que estava ensinando: “qual letra você está ensinando”? Ela falava: “primeira, segunda, terceira letra do alfabeto, estou no f, estou no j, estou nas dificuldades”, mas não falava da Matemática, só falava da Língua Portuguesa. Em Matelândia, tive alguns cursos e a gente sentia que não ensinavam a trabalhar a Matemática junto com o Português, era tudo separado.

O avanço foi grande porque antes se ensinava a armar a continha: continha de pé, continha deitada... Era só isso! Vejo que os avanços foram muito grandes em Cascavel. Todos os prefeitos têm que investir na Educação, porque quando vem a caminhada o próprio professor cobra quando começa a faltar cursos. Houve muito avanço na área da Matemática. Demais! Mas ainda precisa muito investir nos professores, porque estão entrando professores novos. Vejo que as universidades têm que ir até as escolas para ajudar porque chega muita gente nova. Muitos dos novos que chegam são formados, fizeram faculdade e concurso, mas a prática do dia a dia é outro negócio, é difícil e não acontece de uma hora para outra.

Faz dez anos que estou aposentada, mas quando vim para Cascavel e estava com a primeira série, minhas turmas aprendiam de verdade! Professores da segunda e da terceira diziam: “esse aqui foi da Dona Lourdes”. Nossa! Nas escolas não me deixavam sair da primeira série!

Sinto que todos os professores que se aposentam deveriam ser aproveitados, mas muitos não estão aguentando mais falar em Matemática para ensinar as crianças. Acham que as crianças não aprendem Matemática. Colocaram um tabu na cabeça das crianças sobre a Matemática, e sobre ler e escrever é a mesma coisa.

Tem professores que estão se aposentando e não querem mais ver sala de aula. A verdade é essa! Querem sair e descansar. Eu não queria me aposentar. Eu queria continuar trabalhando, mas me aposentei, porque eu já tinha passado de sessenta anos. Bastante! Então, os professores que ainda estão com saúde, com bastante disposição, deveriam ser aproveitados para ajudar esses novos que estão entrando nas séries iniciais. No Emília e no Diva Vidal, se você conversar com as colegas antigas, porque as novas que estão chegando não vão saber, na Educação, como em qualquer outra coisa, falta passar as coisas dos colegas sobre os acertos e os erros, também. Inclusive tem colegas que faleceram, tem uma diretora, a Irene, que faleceu há poucos dias. Meu Deus, faz parte!

Hoje, tem ajudante nas salas de aula que tem alunos especiais, mas deveria ter alguém para os professores novos que estão entrando em sala. Eles têm o planejamento, os cursos, a formação acadêmica, mas o dia a dia é difícil. Algumas crianças da rede pública chegam com uma caminhada maior, mas outras chegam sem saber contar. Hoje, com o Pré para todas as crianças, que vai do primeiro ao nono ano, você não vê mais falar tanto da Matemática como um “bicho de sete cabeças”. Tivemos uma época que a criança não era culpada por a Matemática ser um “bicho de sete cabeças”, era o próprio professor, a família, a maneira de falar da Matemática.

Em relação à Matemática, quando comecei não tive que prestar conta, tem que ensinar isso, aquilo... Tive liberdade de trabalhar... Quando passei a ser professora municipal, eu ficava desesperada por ver as colegas encerrando... Chegava o final de outubro: “Ah... Já dei todo o conteúdo que está no planejamento”. Eu falava: “mas se você já deu tudo, então adiante para a série seguinte”. Como vim lá do mato, não estava preocupada... Queria que aprendessem e quanto mais aprendiam, melhor. Eu ensinava, ensinava, ensinava... Vou fazer setenta anos e fico indignada com meus colegas porque cobram do diretor, do coordenador, para

trabalhar quinze minutos, meia hora a mais na escola

Eu falava para as minhas colegas: “se você já terminou os conteúdos que estão no planejamento, ele está meio pobre, ensine mais um pouco, adiante para ajudar a colega da série seguinte.” Cansei de falar para as minhas colegas: “o planejamento não pode terminar, a gente tem que trabalhar em cima dele, mas nunca termina porque a vida continua”. Acho que é por isso que as professoras adoravam meus alunos de primeira série quando chegavam à segunda, porque eles tinham que saber ler e escrever, produzir textos com significado e resolver situações Matemática. O que eu queria era ensinar, por isso, nas escolas de Cascavel, quando os alunos chegavam à outra série estavam mais adiantados, porque acostumei a trabalhar sempre a mais e não para vencer o planejamento.

Nos cursos eu falava: “meu Deus!” Meu pai foi um grande educador sem ganhar nada de ninguém. Naquela época, meu pai estava com câncer e eu falava: “papai, quanta coisa o senhor me ajudou a ensinar para a criançada”. Fui muito nos cursos da UNIOESTE e voltava com material de formação dos professores da rede municipal e mostrava tudo para ele: “papai, hoje aprendemos isso no curso, lembra que o senhor me ajudou, lá no mato, a trabalhar com as crianças”? “Mas ajudou?” “Nossa! Só que agora está tudo atualizado. Você me ajudou tanto naquela época sem saber que estava ensinando uma Matemática concreta.” Não era uma coisa distante e estanque. Ela estava integrada com tudo. Foi uma coisa muito linda! Lembro-me com saudades! Acho que é por isso que eu tenho cálculo mental até hoje. Tem gente que só faz as continhas se pegar a calculadora e eu, com essa idade, pego a caneta e faço as minhas contas.

No Emília Galafassi e no Diva Vidal, eu trabalhava com a calculadora conforme a coordenadora orientava, mas já colocava as calculadoras dentro da caixinha porque as crianças tinham mesmo que fazer! Tive terceiras e quartas séries porque, às vezes, eu queria mudar um pouquinho, mas depois voltava para a primeira série. As crianças aprendiam fazendo, construindo... É muito bom lembrar essas coisas! Muito bom!

Eu vivia em todas as escolas do município porque os professores faziam encontros e me convidavam para trabalhar, para mostrar... Era gratificante mostrar como estava sendo feito, mas não fiz sozinha, aprendi com as crianças e com os professores. As universidades têm investido muito nos professores. Em todas as universidades tem aquele que “veste a camisa”.

Material didático de Matemática... Meu Deus! Muita coisa me ajudou! Os professores, nos cursos, trabalhavam os decimais e as frações com tudo recortável, mas não era cartolina, a gente pegava caixas de papelão, nos atacados, para fazer o material didático da sala de aula. Hoje não se faz mais isso porque o material didático vem colorido, pronto. Incrível o tangran! Na escola do mato, meu pai se sentava para ajudar a montar as pecinhas do tangran. Antes, eu não sabia explorar, mas os cursos foram me ajudando na questão da geometria.

Naquela época, a gente só aprendia as figuras geométricas. Falava-se na geometria como se fosse uma coisa difícil. Nos cursos da ASSOESTE, a gente aprendeu a recortar o papel, e pôr no chão para medir o metro quadrado. Ele era dividido em quadradinhos para dar cem. Isso foi aprendido com a Sílvia na ASSOESTE, daí a gente levava para a sala de aula. Era difícil!

Tinha, também, o jogo com palitinhos que, depois, foi fabricado colorido. Mas, lá atrás, usei esses palitos para aqueles que não aprendiam, meu pai tinha a paciência de pegar a tesoura, cortar as varinhas e amarrar em feixes com dez para estudar as unidades, as dezenas... Meu pai fez os palitinhos antes das indústrias fabricarem! Ele ia à sala com os macinhos fechados, contava só o primeiro: “todos tem dez, então vamos contar comigo: dez, vinte, trinta, quarenta... cem”. Trabalhei com os pedacinhos das árvores que ele cortava do mesmo tamanho e amarrava com aqueles barbantes para costurar os sacos de feijão. Eu era alfabetizadora, mas ninguém saiu traumatizado na Matemática, não saiu falando que a Matemática é difícil: “não gosto, odeio a Matemática”! Vejo que, de quinta a oitava, a Matemática assusta as crianças porque os conteúdos de primeira à quarta não ficaram bem resolvidos, bem ensinados, não importa, porque, às vezes, quando começam a dar muitos cursos, a cabeça do professor fica meio confusa e ele não ensina direito. Então, tem que ensinar mesmo, até que a criança aprenda e não se esqueça mais. Criança que aprende é igual a andar de bicicleta, não esquece mais. No começo, a criança de primeira série aprendia só até o nove, quer dizer, seguravam as crianças de aprender.

Muito bom! Os cursos me ajudaram muito! Eu ficava feliz porque eu ia aos cursos para aprender, mas sempre tinha alguma coisa que eu podia ajudar. Nunca tive medo de falar para a professora que estava explicando o conteúdo de uma maneira: “eu faço assim...” A professora Silvana e a professora Alda sabem disso, que eu sempre fui de ajudar os colegas em tudo que eu sabia. O que eu aprendia no curso, na hora do intervalo, que são muito curtos, para um cafezinho: “ensinaram isso, isso,

isso...”

A Silvana, companheira, me ajudou muito a responder os bilhetes no quadro. Eu saía para passear com crianças e deixava um bilhete no quadro, em caixa alta, com giz colorido. Eu escrevia com uma cor e quando a gente voltava do banheiro, do refeitório ou do parquinho, que naquele tempo era muito fraquinho porque a escola era pequena, tinha outra cor para as crianças. A Silvana, a Eloá..., muitos professores deixavam suas turmas e vinham à minha sala escrever: “estive aqui, Silvana”. Quando os alunos voltavam, no primeiro dia de aula, e viam: “professora, teve alguém, bem que você disse, teve alguém aqui”. Daí, eu lia o que eu escrevi com eles e lia o que a colega, que entrou na sala, respondeu.

A Silvana foi professora dos meus netos. Eles passaram pelas minhas mãos na primeira série, depois foram para a Marilda na segunda, na terceira e quarta com a Silvana. O Rodrigo, que se formou engenheiro, foi aluno dela.

Na alfabetização, eu trabalhava as quantidades, eles escreviam os nomes: “vamos ver quantas letras tem”? Assim, consegui trabalhar a Matemática de uma maneira que estava integrada a tudo, só que, naquela época, eu não tinha a consciência de que estava fazendo isso. Agradeço a Deus por ter feito tudo isso por causa da vivência daquele cotidiano, dos tempos difíceis, mas tive meu pai que me deu um apoio muito grande. Até tem uma rua com o nome dele porque, na época, um vereador chegou naquele mato e viu aquela escola com um monte de crianças: “aqui tem que ter uma rua com o nome desse homem, porque no meio do mato abriu uma escola”.

Em Vera Cruz, a gente não tinha curso de capacitação municipal. Eram os professores do Estado, daqui de Cascavel, que ensinavam, mesmo que lá pertencia a Foz[57]. Veja a união! Todos os municípios buscavam a ASSOESTE. Para, mais ou menos, quarenta e cinco municípios da Região iam professores para os cursos de capacitação. Os que estavam na ASSOESTE ensinavam os professores que estavam em sala. Tenho carinho porque eram professores formados que buscavam fora para ensinar na Região, traziam e trabalhavam o material didático. Nossa! Era bom demais quando vinham aqueles materiais concretos para a gente trabalhar! Ficava mais fácil trabalhar fração, a parte de geometria... Aqueles materiais tinham outra linguagem. Hoje... Nossa! Está melhor!

---

[57] No anexo 11 se encontra a declaração de participação de um curso da ASSOESTE em novembro de 1982.

Mas, precisa-se investir mais nos professores de primeira à quarta, no Ensino Fundamental até o nono ano. Mas, estão correndo atrás porque os municípios quando têm uma dificuldade com professor na alfabetização, buscam na Universidade, na UNIOESTE.

Nunca tive medo e vergonha de falar: “não sei fazer”. Quando eu não sabia fazer, pedia para alguém, que sabia mais, me ajudar a resolver aquela situação para eu ensinar as crianças. No encerramento a gente vê que mais aprende com as crianças do que ensina. Aprendemos com os alunos e com as pessoas. Essa aprendizagem não tem o que pague. É gratificante!

Viver no município de Cascavel é muito bom. Gosto de viver aqui porque a Educação é tratada de uma maneira diferenciada, tanto no municipal quanto no estadual, sempre tem cursos. Falei para minha filha: “veja quando tem cursos do Estado porque eu quero participar”. Estou aposentada, mas quando vêm pessoas para dar cursos de fora, [quero] ouvir o que elas estão falando, o que estão trazendo. A gente sempre acompanha nos jornais, nas revistas que são cursos e mais cursos que vem da Federal... Isso é muito bom!

Quando o professor quer avançar, ele se forma e vai buscar como ensinar melhor as crianças, vê porque aquela criança não está aprendendo. Vivi nos tempos difíceis que quando a criança não aprendia a Matemática, achava-se que ela tinha problemas. Meu Deus! Nunca assinei nada para mandar uma criança fazer tratamento psicológico, mas tive casos muito difíceis, porque naquela época não tinha sala especial, então os alunos especiais ficavam junto com as crianças da primeira série. Em todas as escolas em que trabalhei, era na minha sala que mandavam porque eu tinha postura para segurar. Nunca tive problemas de disciplina na minha sala, não sei se é porque eu tenho uma voz autoritária, mas sempre tive pulso firme, iam para a Dona Lourdes! Era tudo misturado. Tempos difíceis! Hoje não, quando a criança tem uma dificuldade, tem uma sala especial para ela, tem o professor e tem a ajuda. Hoje as coisas mudaram muito, mas mudaram para melhor.

Quando as coisas não davam certo eu ficava desesperada, tentava consertar. Eu não suportava o jeito que ensinavam corrigir a Matemática, certo, errado ou o meio certo, com a caneta vermelha. Nunca gostei disso! Quando começaram a ensinar, na ASSOESTE, que a correção da Matemática tinha que ser diferente, eu só louvava a Deus porque eu já estava fazendo aquilo. Eu dava uma avaliação, continhas, problemas, o que fosse, onde estava errado eu corrigia para tirar a nota porque tinha

que ter a “bendita” nota no boletim, mas anotava no caderninho as dificuldades de cada aluno e trabalhava com eles na hora do recreio.

Cargos assumidos... Colocaram-me na direção da escola porque eu tinha participado dos grupos de estudos da ASSOESTE. Fui para a Escola Diva Vidal. A escola era pequena, só tinha meio período. Eu trabalhava quatro horas na outra, e vinha quatro horas aqui, como supervisora, para ajudar os professores a trabalhar a Matemática e a Língua Portuguesa, do jeito que aprendi na ASSOESTE. Devo, também, a UNIOESTE, mas nessa época foi a ASSOESTE... Foi nesses grupos de estudos que avancei. Eu me lembrava de tudo que eu trabalhei lá atrás, o jeito que eu fazia, coisa que dava certo, coisa que não fiz. Nos cursos: “isso eu peguei, isso eu preciso melhorar...” É gratificante!

Acredito que cursos, treinamento e capacitação são para todos, não só para os professores. Qualquer área precisa ter, mas na Educação é fundamental. Nada é isolado e na escola, também, ninguém pode viver isolado. Sempre fui de partilhar, de ver o que está acontecendo. Nossa! Mas, sempre tentei fazer o melhor para ajudar os outros que não estavam conseguindo, naquilo que eu sabia.

Minha vida como professora foi muito feliz! Nossa! Sou feliz demais! Desde o início até hoje, com essa idade, sempre fiz com muito amor! Amei e amo demais ensinar. Tenho paixão pela Educação! Nunca imaginei que eu seria professora e quem me fez professora foi meu pai.

4.2 DARLENE GOMES GALAFASSI

A primeira entrevista com Dona Darlene Gomes Galafassi aconteceu no dia 08 de agosto de 2013. Sua indicação veio por meio do Senhor Dércio, seu marido, conhecido do Museu da Imagem e do Som de Cascavel (MIS). Conversamos por telefone e Dona Darlene me disse que havia lecionado durante pouco tempo e, talvez, não contribuísse com a pesquisa, mas aceitou e marcamos a entrevista para o mesmo dia.

Considerei importante o depoimento da Dona Darlene porque chegou em Cascavel no final da década de 1950, momento em que a cidade estava se compondo e havia apenas o ensino primário no município. Ela assumiu aulas no primeiro Grupo

Escolar de Cascavel, em 1959, com dezenove anos de idade. A família de Dona Darlene e do Senhor Dércio são pioneiras na cidade, e portanto muito conhecidos.

Dona Darlene, no momento do primeiro encontro, morava no centro, numa bela casa de esquina, próximo ao Colégio Cristo Rei, instituição de ensino particular em que lecionei durante muitos anos. Ela me recebeu em sua encantadora sala de visitas, onde as enormes janelas permitiam apreciar seu belo jardim com muitas árvores. Como já mencionado, nesse dia havia alguns trabalhadores cortando algumas dessas árvores e o barulho prejudicou a gravação da entrevista.

Dona Darlene é uma senhora distinta, muito amável e um pouco tímida. Ao chegar me apresentei e comentei sobre a pesquisa. Pedi que lesse a carta de apresentação e expliquei que faria duas entrevistas e que a primeira utilizaria fichas com temas que ela poderia escolher e falar livremente. Entreguei as fichas para Dona Darlene, que as olhou e as me devolveu. Então, organizei as fichas sobre a mesinha de centro que estava próxima a nós.

Mesmo comentando sobre o procedimento das fichas, percebi que a depoente me observava como quem estava esperando alguma orientação. Ela foi a primeira pessoa em que o primeiro contato foi no momento da entrevista. Já havia entrevistado a professora Leila, a professora Arleni e a professora Tânia, mas confesso que senti um certo desconforto para lidar com aquela situação, afinal meu propósito era fazer com que uma pessoa completamente desconhecida me falasse de sua vida, de suas experiências sobre sua escolaridade e sua carreira como professora.

Percebi que para essa depoente em especial seria necessário fazer algumas perguntas, apenas para orientá-la, pois ela não se preocupou com as fichas. No decorrer da entrevista, a depoente se sentiu mais à vontade, até buscou um álbum de fotos da época em que chegou em Cascavel.

Após finalizarmos a entrevista, Dona Darlene me mostrou sua casa e nos preparou um delicioso lanche. Sua casa chama a atenção porque há muitos quadros espalhados pelos cômodos, a impressão que tive é que a casa conta um pouco da história daquela família. Finalizei comentando que após fazer a transcrição e a textualização da entrevista entraria em contato para agendarmos um novo encontro.

Isso demorou um pouco. Entrei em contato com a depoente e agendamos a segunda entrevista para o dia 09 de abril de 2014. No entanto, na véspera da viagem, Dona Darlene me contatou para dizer que não havia necessidade de ceder outra entrevista porque já havia falado tudo e não tinha nada a acrescentar. Expliquei para

a depoente que a gravação anterior ficou prejudicada e que, também, era necessário complementar alguns aspectos da entrevista anterior. Ela compreendeu a situação e concordou em ceder a entrevista.

Nesse momento, Dona Darlene já havia mudado para o bairro da Neva. Ela me recebeu em sua sala de visitas. Iniciei a entrevista, fiz algumas perguntas, mas percebi que Dona Darlene poderia contribuir mais, mas não estava muito à vontade. Finalizei pedindo que assinasse a carta cessão.

Acredito que a demora para a realização da segunda entrevista possa ter sido o motivo para que Dona Darlene não compreendesse a razão de cedê-la.

FIGURA 14 – DONA DARLENE GOMES GALAFASSI EM SUA RESIDÊNCIA
FONTE: A autora (2013)

Meu nome é Darlene Gomes Galafassi. Nasci no dia 02 de março de 1937. Sou paranaense nascida em Cornélio Procópio, não morei, só nasci. Nós moramos muito no norte do Paraná, em Porecatu, Londrina, daqueles lados... Fiz, no norte do Paraná, Porecatu, o primeiro, o segundo o terceiro e o quarto ano. Era meio fraco, naquela época, os professores não eram...

A gente morava na fazenda, mas meu pai fazia questão de construir uma escola. Meu pai tinha as fazendas em volta de Porecatu. Tinha a Fazenda Alvorada, Fazenda Tabarruam... Sempre tinha escola nas fazendas. Meu pai fazia sempre! Minha mãe era professora, naquela época. Ela já era formada. Tinha dezesseis anos quando se casou e lecionava. Ela fez o Normal. Era um Segundo Grau que se formava professora. Ela tinha quatorze, quinze anos quando começou a ser professora. Não

tinha quinta, sétima, oitava, era primeiro, segundo, terceiro e o quarto do Ginásio. Minha mãe foi professora em todas as fazendas que nós moramos. Ela foi minha professora só de primeiro ano, depois mudamos para a cidade e fui matriculada numa escola de Porecatu. Comecei o segundo ano no Grupo Escolar Porecatu. Não lembro o nome certo porque eu era bem criança. Eu tinha sete anos quando iniciei os estudos nessa cidade. Ela lecionava também, mas eram outros professores.

Minha mãe sempre acompanhou meus estudos. Não estudei mais de preguiçosa. Quando fomos morar em São Paulo, mamãe deu aula à noite para adultos e eu podia ter aproveitado, estudado mais um pouco.

Era uma casa de madeira com três salas. Naquela época, não tinha o que tem hoje, biblioteca... Hoje não estuda quem não quer! A gente não tinha conforto nenhum, casinha no fundo do quintal da escola, banheiro... Aqui mesmo em Cascavel, quando casei, era isso no fundo do quintal, não tinha água encanada, não tinha nada. Tinha uma livraria na cidade onde compravam cadernos, os livros, lápis, caneta tinteiro, essas coisas.

A caneta era um vidrinho em cima da carteira que tinha um buraquinho para molhar uma pena, uma coisinha que se encaixava naquele pauzinho para escrever. As professoras, às vezes, eram folgadas. Não eram tão enérgicas, e todo mundo se comportava quietinho, não tinha problema nenhum. Eu estudava, fazia o que mandavam e as notas eram boas. Nunca tirei nota baixa! Punham de castigo no canto da sala se não fizesse as coisas direito, se fizesse bagunça... Mas ninguém fazia bagunça! A coisa era bem diferente de hoje em dia que ninguém tem respeito por ninguém, os alunos...

No Grupo Escolar [Eleodoro], uma vez, peguei uma sala que você tinha que se encostar e dizer: “Façam o que vocês quiserem!” Vou dar aula de que jeito? Sem respeito nenhum, nenhum, nenhum... A professora faltou e a diretora me incumbiu de cuidar daquela sala. Acho que foi em 1958, 1959, eu ainda era solteira, não tinha casado. Nossa! Tomavam conta, mas vou fazer o que? A bagunça era tanta que não tinha condições de dar aula. Não paravam! Não respeitavam! Assim começou naquela época e hoje é pior ainda.

O estudo de Matemática era decorar a tabuada, fazer as continhas, problemas, era isso que a gente aprendia, o básico. As séries eram separadas, tinham as salas, igual aqui. No meu tempo era mais...

Lembro-me do Sete de Setembro, Quinze de Novembro... Fui dizer uma

poesia que até hoje eu lembro. Todo mundo deu risada quando eu comecei a falar da Proclamação da República. Eu tremia tanto... tanto... tanto... de vergonha, que eu nunca esqueci a poesia! Meu marido começa a mexer comigo por causa da poesia. Eles mexem comigo...

Depois fomos para São Paulo: meu pai, minha mãe, uma irmã e um irmão. A irmã mais velha já era casada, morava no norte do Paraná. Meu pai era Júlio Gomes Sobrinho e minha mãe era Amélia Melo Gomes, minha irmã mais velha era Doroti, tinha o moço, que mora aqui ainda, Darci, depois eu, Darlene e Derci, que mora em Curitiba.

Eu já tinha terminado a quarta [série] quando fomos para São Paulo, capital, em 1950. Morávamos na Freguesia do Ó. Eu e minha irmã mais nova estudamos numa escola estadual, perto de casa, que eu nem lembro o nome mais. Depois, quando viemos para Cascavel, a menorzinha foi para um colégio particular em Ponta Grossa. O papai pôs ali interna porque ela tinha um problema nas pernas e ele achava que tinha que ter mais cuidado. Não tinha condições. Era caro o colégio interno!

Quando fui para São Paulo eu tinha onze, doze anos. Naquela época era a Admissão e depois o primeiro. Fiz um ano, um ano e meio mais ou menos e parei porque viemos para Cascavel. Antes você começava a estudar com sete, às vezes até oito anos porque sete anos era muito criança, muito novinha ainda, muito bobinha. Não era como hoje que vão cedo para a aula, bem antes.

A gente sempre se reunia... Passeios... Eles programavam passeios para Santos, tinha turminha de ônibus para Santos... Os pais deixavam, o passeio era pelo colégio. A gente ia ao cinema, matinê à tarde, o pai levava e buscava na porta.

Gostei muito quando viemos morar em Cascavel porque em São Paulo eu não tinha liberdade nenhuma. Eu e minha irmã gostamos bastante. Gostei muito porque eu vivia trancada. Meu pai veio para Cascavel em outubro de 1953 para lutar com fazenda, plantar café. Nós ficamos na cidade, só ele foi para a fazenda. Plantou café, mas geou muito. Muito frio aqui. Chegou a dar uma temporada, mas deu uma geada negra no norte do Paraná, queimou tudo, acabou com os cafezais. Ele ia e voltava da fazenda. Assim que viemos para cá, moramos lá em cima, onde é o Banco do Brasil, no final da Avenida. Depois, ele abriu um armazém e a gente foi trabalhar com ele.

FIGURA 15 – DONA DARLENE COM SUA MÃE E SUAS DUAS IRMÃS NA RESIDÊNCIA EM CASCAVEL FINAL DÉCADA DE 1950[58]
FONTE: Adaptado de arquivo pessoal de Darlene Gomes Galafassi (2013)

Nós estávamos todos casados quando ele resolveu ir embora para Curitiba. Eles foram para Morretes. Ele e a mamãe andaram uma porção de lugares, para o Mato Grosso, também. Ele viajou bastante, ia trabalhar...

Quando viemos para cá, não tinha nada, nada! A prefeitura era ali onde tem aquele prediozinho, casa de madeira, o correio era na outra esquina, também casa de madeira, do lado de lá tinha um armazém, onde é a Igreja Santo Antônio agora, onde nós casamos, era a Igreja Nossa Senhora Aparecida, a primeira igreja daqui.

A Avenida Brasil era larga, como está agora e tinha um relojoeiro, uma farmácia, um hotel que tinha começado e uma agência de aviação. Tinha avião naquela época, nós chegamos aqui de avião. Três vezes por semana descia avião porque para chegar aqui com mudança, era uma semana. Meu pai e meu irmão vieram de caminhão com a mudança. Meu pai com um jipe e o caminhão com a mudança, mas nós viemos de avião. Não tinha outro jeito, para chegar aqui, era só avião, porque era muito longe... Não tinha asfalto, não tinha nada. No norte do Paraná, para os lados de lá tinha asfalto.

[58] Dona Darlene é a segunda pessoa da direta para a esquerda.

FIGURA 16 – INAUGURAÇÃO DO AEROPORTO DE CASCAVEL COM A CHEGADA DO AVIÃO DA REAL AEROVIAS EM JANEIRO DE 1953
FONTE: Museu da Imagem e do Som de Cascavel (2013)

Não tinha luz, não tinha água, não tinha nada. Água de poço! Em São Paulo não era assim, era tudo conforto, uma casa boa que nós morávamos... O pai trabalhava numa empresa que tem em São Paulo. Nossa! Água, banheiro, tudo dentro de casa, era uma casa... Minha mãe, onde ele queria ir ela acompanhava, sempre acompanhou, coitada... Era uma Santa, não se queixava de nada!

A escola surgiu porque, naquela época, era difícil também, não tinha muitos professores, tinham poucos, daí falaram e tal. A prefeitura encaminhava a gente direitinho para tudo. Meu cunhado, casado com uma irmã do Dércio, Helberto [Edwino] Schwarz, foi o segundo prefeito, o primeiro foi [José] Neves Formighieri. O teste foi em Curitiba. A minha mãe foi junto para Curitiba porque naquela época ninguém viajava sozinho. Não lembro como foi o teste, mas foi fácil, eu passei. Depois fiz todos os exames médicos, também, em Curitiba e comecei a lecionar. Acho que só podia fazer esse teste depois dos dezoito anos.

Sempre trabalhei. Cheguei aqui e arrumei emprego. Com dezesseis anos eu trabalhava em uma firma de contabilidade. Naquela época, não tinha carteira, um seguro, não tinha nada. Comecei a trabalhar no escritório. Depois eu trabalhava meio dia no escritório e comecei a lecionar das onze horas da manhã às duas horas da tarde.

Não guardei nenhum documento, dessa época, não tenho nada. Até queria me aposentar, ver se eu podia terminar de pagar, mas não guardei nada. O Dércio

pegou uns papeis, algumas coisas, mas eu tinha que ter lecionado pelo menos... Tinha que ter pagado, pelo menos, mais quinze anos e não podia pagar ali, para depois eu me aposentar, pegar o seguro, tinha que pagar por mês, eu ia morrer pagando... Mas não consegui a aposentadoria.

Comecei a lecionar em 1956, eu tinha quase 19 anos. Na esquina da Avenida Brasil, na Pio XII, onde tem um lugar de doces, era o Grupo Escolar Eleodoro [Ébano Pereira][59] que dei aula, depois ele foi lá para cima. A escola era de madeira. Eu morava no começo da cidade e vinha dar aula aqui a pé porque não tinha ônibus, não tinha nada. Barro que você não imaginava quando chovia! Dei aula uns sete ou oito anos, mais ou menos. Parei de lecionar em 1964.

Levantava cedo, até chegar aqui a pé... Dava aula até às duas horas, ia até em casa para comer alguma coisa, porque eu começava dar aula às onze horas, não almoçava, tinha que sair de casa dez horas. Tomava um café e vinha. Café bom! Naquela época nem fruta existia aqui, até frutas era difícil, era mais pão, bolo, essas coisas. Daí, eu descia, dava aula, ia até em casa e voltava, na metade da cidade onde tem o cinema, um pouquinho mais para lá, trabalhava na contabilidade até às seis horas da tarde, depois ia a pé para casa e assim foi...

As aulas no Eleodoro... A gente tinha o livro, fazia a ata do que se fazia e o que não fazia... Eu tinha, mas mudei, a gente começa a fazer limpeza, então, vai jogando, é uma pena... Dei bastante aula de catequese, também, mas essa foi de graça.

Tinha o quadro negro, a diretora fazia assistência com todos... Tinha três salas de aula no Grupo e uma sala para a diretora. Não tinha sala para os professores. Não tinha biblioteca, não tinha nada, casinha como eu disse... As salas eram pequenas, poucos alunos e era por série. Tinha o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto ano, só que era em horários diferentes. Tinha três períodos: das oito às onze horas, das onze às duas horas e das duas às cinco horas. Eu lecionava das onze às duas horas. Sempre dei aula para o primeiro ano!

Tinha um quintal para as crianças brincarem, mas era terra pura, pó, pó...

---

[59] Na Ata de Exames de 1960 que se encontra no Colégio Estadual Eleodoro Ébano Pereira encontrei o registro de um exame em que a Dona Darlene participou como professora Regente. O nome da escola consta como Grupo Escolar Moysés Lupion. Conversei com o pessoal da secretaria que realizou uma pesquisa no livro de história da instituição, mas não encontraram nada sobre isso. Dona Darlene, durante toda a entrevista se referiu à instituição de ensino como Colégio Eleodoro. Uma cópia digitalizada desse documento se encontra no Anexo 13.

Quando chovia, eles chegavam com o sapato que era puro barro. A sala virava uma sujeira total, com barro no calçado. Naquela época, ainda não tinha tênis, era só sapato, às vezes aparecia alguma conga. Tinha secretária, zeladora para a limpeza, mas não tinha cozinha na escola, cada um levava o seu lanchinho.

Naquela época não existiam outras escolas em Cascavel, não tinha quase nem professor, as pessoas eram mais humildes, era difícil para ter colégio particular. Fui professora da primeira escola de Cascavel. Acho que de viva, daquela época, só tem eu. Pode ser que tenha uma professora, a diretora “pegou muito no pé dela”, queria que ela fizesse um teste, mas ela estava grávida, de licença e acabou não fazendo. A diretoria queria por ela na rua, então como ela precisa trabalhar, se sujeitou a ser zeladora do Grupo, nomeada pelo Estado.

Eu ensinava... O Português era ditado, cópia, leituras... Tinha a cartilha que eles liam e você acompanhava. O governo dava as cartilhas, eu era funcionária do governo estadual, que era de Curitiba. E a Matemática era a tabuada e continhas, só contas: de mais, de menos de dividir... Mandava eles fazerem continhas no quadro... Era só o que se dava. Tinha História, Geografia, pouca coisa porque o primeiro ano... Não tinham Ciências. Tinha Educação Física, eles iam lá fora e faziam um pouco de ginástica.

Não tinha livro de Matemática, tinha o manual que a diretora dava para a gente passar as continhas no quadro negro. Ela fazia uma reunião e explicava o que tinha que fazer, o que não tinha que fazer e a gente aplicava. Ela só passava, nunca me interessei, recebia o que tinha que fazer e só. Eram continhas, não tinha outra coisa. No segundo, terceiro ano tinha probleminhas, mas no primeiro ano não, eram as continhas de dividir, somar, multiplicar... Passava os deveres, eles faziam, a gente olhava o que estavam fazendo, recolhia os cadernos, terminava a aula e levava para casa para corrigir. Para a tabuada tinha o livrinho que eles mesmos compravam nos armazéns que tinha.

A mamãe sempre me ajudava porque tinha sido professora tanto tempo. Ela me ajudava porque às vezes tinha que fazer ata contando o que você deu, o que você não deu, o que você fez, o que você não fez... A gente tinha um livro só para presença também. A diretora ajeitava o que tinha que dar, prova...

Meus alunos gostavam muito, aprendiam bem, bem, bem... Eram bem adiantados. Com a primeira turma que eu dei aula, ganhei um prêmio, porque os nove alunos que eu tinha foram aprovados. Eu nem sabia, era dia da entrega dos diplomas,

encerramento das aulas. Foi no cinema porque naquela época não tinha salão, não tinha nada. A diretora me chamou para me dar um prêmio porque eu tinha aprovado todos os alunos. Ela estava entregando os diplomas para os alunos de quarta série e avaliando todas as outras professoras.

Eu passava tarefa, os pais acompanhavam... Tinha reunião para os pais e para os professores. Para preparar as aulas, eu fazia mais ou menos um rascunho, para explicar direitinho o que estava fazendo. Era bem organizadinho. Os alunos foram todos aprovados, durante todo o tempo que eu lecionei sempre meus alunos iam bem.

A nota era de zero a dez. Eles davam, às vezes, as provinhas, a diretora dava uma “basesinha” do que se tinha que fazer, do grau deles, como eles estavam. As crianças tinham seus cadernos porque nem papel almaço se achava. Eu passava a prova no quadro, eles copiavam nos seus cadernos, faziam e eu mesma corrigia. A diretora passava o visto para ver se eles estavam indo bem. Que eu me lembre não tinha um inspetor, era só a diretora da escola.

Depois que mudamos para o Eleodoro lá em cima, tinha sala para reuniões, biblioteca, banheiro dentro, tudo melhor. Nossa! Acho que isso foi em 1958, 1959. Daí, já tinha a Admissão, que se falava naquela época. Fazia Admissão e fazia de novo primeiro, segundo, terceiro e quarto do ginásio. Começou a melhorar, vieram professoras formadas.

Nessa época em que eu lecionei eles faziam cursos e testes para os professores. Todos tinham que fazer. Faziam no Grupo mesmo, era uma semana no máximo, todos os dias à noite. Os professores eram advogados, de contabilidade, pessoas do comércio... Às vezes era só um professor que dava tudo, geralmente de contabilidade. O que mais tinha era de contabilidade. Não eram professores, eles pegavam aqueles com mais estudos. Os professores eram de Cascavel, mas a ordem vinha de Curitiba, tinha que ser porque era estadual.

Eles conversavam bastante na sala e depois faziam um teste para ver se você podia continuar lecionando ou não. Davam umas perguntas de Português, de Matemática, de História, de Geografia, faziam ditados, essas coisas. Passavam um problema no quadro, você copiava, resolvia e era isso. Eles só escreviam no quadro, a gente copiava, depois respondia e entregava a prova. Eles faziam esses cursos uma vez a cada dois, três anos, não era seguido, não era todos os anos. Eu tive o primeiro curso, acho que em 1956, 1957. Naquela época, não tinha os cursos que tem hoje em

dia, não tinha nada.

A Matemática era a tabuada, fazer conta... Era simples assim, não era uma coisa muito... Não ensinavam joguinhos, coisas divertidas para os professores. Quando eu parei de lecionar, sei que melhorou. Parei de lecionar em... Casei em 1959, eu parei de lecionar em 1964, não tinha muito estudo aqui ainda.

Mais tarde, quando eu era casada, os cursos foram mais intensos, tinha uns cursos melhores porque eles pegavam pessoas que já eram formadas. Começou a chegar professoras formadas de fora... Vinha contador...

A Léia Cruz, mulher do Aroldo que era tenente, era daqui de Cascavel, era professora. Acho que, também, não tinha formação de professora, mas foi a diretora na minha época. Os professores saíam... Depois, entrou a que era esposa de um advogado, Epifânio, ele era juiz. Quando eu parei de dar aula, que eu pedi exoneração, ela era diretora do colégio, lá em cima, Maria Tereza Epifânio.

Eu só tinha mesmo até o quarto ano do primário. Depois eles vieram com um curso, era uma espécie de um Normal Regional[60] para você se formar. Comecei a fazer aqui mesmo no Eleodoro, mas não cheguei a terminar. Foi em 1959, não cheguei a fazer um ano, se eu fizesse os três anos me formaria, mas parei porque estava chegando a época de casar e não tinha tempo para mais nada. Uma porção de colegas minhas se formaram.

Casei, tive o primeiro filho, tive o segundo filho, no terceiro filho, já com um aninho, parei de dar aula. Foi quando mudei para cá, porque quando eu casei, morava do lado da escola. O meu sogro deu uma casa para nós morarmos na rua São Paulo que era encostadinha, bem pertinho do Eleodoro.

Casei e levei quase dois anos para ter o primeiro filho, depois, “quando abriu a fábrica”, veio um atrás do outro! Tive três em três anos! Daí, parei. Naquela época, eu tinha empregada, tinha tudo, mas a gente não gostava de estar largando. Eu deixava com a empregada, mas quando chegava em casa, as crianças, coitadas, estavam todas sujas, fralda que não tinha trocado, não tinha condição.

Naquela época, não tinha gente de fora, a maior parte era gaúcho e catarinense. Depois, vieram italianos do Rio Grande [do Sul]. Meu marido mesmo, o avô dele era italiano que veio da Itália. Meu avô, por parte do meu pai, era português.

---

[60] No Anexo 14 se encontra uma cópia digitalizada de um documento da Escola Carola Moreira, que encontrei no Colégio Estadual Wilson Joffre, onde consta o resultado do Exame de Admissão da Dona Darlene realizado em 1957 em Cascavel.

Minha mãe era espanhola, mas era tudo brasileiro, brasileiro meio do Rio Grande, a italianada, família de italiano... Então, eu não tive problemas de criança que falavam outra língua na escola.

Até uma vez, tinha um casal que antes de casar... Ele era militar, não tinha quartel naquela época. A mulher dele me viu tocando sanfona e quis aprender. Eu toco sanfona e fui ensiná-la e ela me dava aula de inglês. Meu marido também estudou inglês...

FIGURA 17 – DONA DARLENE COM SEU PAI JÚLIO GOMES SOBRINHO EM CASCAVEL
FONTE: Arquivo pessoal de Darlene Gomes Galafassi (2013)

4.3 LEILA DEIXUN FRANZINI

A professora Leila Deixun Franzini foi a primeira pessoa a ser entrevistada e sua entrevista aconteceu no dia 29 de julho de 2013. Cheguei à residência da professora no dia vinte e oito, no final da noite, acompanhada de meu marido, Mario Varela, que tinha compromissos profissionais em Taquaritinga (SP), no dia seguinte. Durante nossas conversas, por telefone, para negociarmos a data do nosso primeiro encontro, a professora Leila insistiu para que eu ficasse hospedada em sua casa. Como, já mencionado, conheço a professora Leila de longa data, desde o momento

do curso de Matemática na UNIOESTE, então resolvi aceitar o convite.

Como já era muito tarde, a professora já havia se recolhido para descansar. Conversamos pela manhã, antes dela sair para sua rotina de atividades físicas. Apesar dos sessenta e quatro anos de idade, a professora Leila é uma pessoa muito ativa e dedicada aos seus compromissos. Frequenta a academia diariamente. Segue uma rotina de exercícios que inicia com uma caminhada às seis horas da manhã até a academia e retorna perto das nove horas.

Foi um reencontro muito agradável! A professora Leila é uma pessoa muito amável! Conversamos por algum tempo, tomamos o café da manhã juntas e iniciamos a entrevista. A casa da professora Leila é muito ampla e agradável. Ela preferiu ceder seu depoimento em uma ampla sala subdividia em sala jantar e em uma confortável sala de TV. A professora se acomodou em uma poltrona, enrolou-se em um cobertor felpudo e passou a afagar seu gatinho Nino.

Entreguei à professora a carta de apresentação, que a leu com muita atenção. Retomei alguns aspectos da pesquisa e do momento da entrevista. Ao falar que a proposta do primeiro momento era comentar sobre os temas das fichas, ela preferiu sentar-se à mesa para organizá-las. Assim que as organizou começou a recordar e narrar experiências de sua vida acadêmica e profissional. Percebi o tom saudosista na voz da professora Leila, que em algum momento da entrevista falou: “como é bom contar”.

Como já havia proposto nos procedimentos metodológicos, procurei não interferir naquele primeiro momento apesar de sentir que era necessário aprofundar alguns temas. A professora Leila tem um tom de voz baixo e suave, como uma melodia, e fala pausadamente. Fiquei atenta a sua história. Ela contou detalhes de todo seu percurso escolar e profissional, falando por mais de uma hora. Durante a entrevista, sugeri que parássemos para ela descansar, já que eu estava hospedada em sua casa e poderíamos terminar mais tarde, mas ela preferiu continuar, dizendo que à tarde sairíamos para eu conhecer a cidade de Barretos.

Encerrei a entrevista pedindo à professora que separasse documentos e fotos para serem incorporados à sua entrevista. Combinei que, após terminar a transcrição e a textualização dessa entrevista, entraria em contato para agendarmos um novo encontro. A professora se prontificou em ceder a segunda entrevista.

A segunda entrevista com a professora Leila Deixun, aconteceu em sua residência, em Barretos, no dia 27 de agosto de 2013. Aproveitei que meu marido

tinha, novamente, compromissos profissionais em Taquaritinga e Matão, municípios próximos de Barretos para viajarmos juntos e realizar a entrevista com a professora Leila. Saímos de Curitiba, no domingo, dia 18 de agosto, com destino a Taquaritinga. Foi uma viagem bastante cansativa, próximo de 800 km de distância. Em Taquaritinga, nos hospedamos no Hotel Central, bastante pitoresco, pois trata-se de um imóvel bastante antigo, mas confortável. Durante a semana, enquanto meu marido cuidava de seus compromissos, realizei leituras sobre a Metodologia da História Oral.

Combinamos de viajar para Barretos no domingo, dia 25 de agosto, mas meu marido precisou levar um equipamento para manutenção em Curitiba. Saímos de Taquaritinga com destino a Curitiba na quinta-feira, dia 22 de agosto perto das quatro horas da manhã. Foi uma viagem bastante cansativa.

Durante o final de semana não consegui confirmar a entrevista com a professora e como meu marido precisa voltar para Taquaritinga, decidimos viajar no domingo com destino para Barretos. Enviamos uma mensagem para o celular do marido da professora Leila sobre nossa chegada. Quando estávamos perto de Ourinhos, a professora ligou e comunicou que estava em Araraquara (SP), por conta do estado de saúde de um tio do seu marido, com noventa anos de idade. Comentou que confirmaria na segunda-feira, pela manhã, se poderia ceder a entrevista, pois dependia do estado de saúde do tio que estava hospitalizado. Mesmo com o contratempo, decidimos seguir viagem e chegamos a Taquaritinga no final da noite.

Pela manhã, a professora me contatou e confirmou a entrevista para terça-feira. Assim, aproveitei o dia para organizar as perguntas que faria para a professora Leila no dia seguinte. No fim da tarde, por volta das dezoito horas seguimos viagem para Barretos. Fomos recebidos calorosamente pelo Arnaldo, marido da professora Leila, pois no momento a mesma estava na aula de inglês.

Eles também haviam se deslocado de Araraquara para Barretos no final da tarde. Enquanto esperava a professora Leila chegar, lanchamos e nos instalamos num confortável quarto que eles nos prepararam. A professora retornou da aula perto das vinte e duas horas, nos cumprimentos, conversamos um pouco sobre as viagens e nos recolhemos para dormir, pois todos estávamos muito cansados das viagens e compromissos.

Combinamos de iniciar a entrevista pela manhã, após sua rotina de atividades físicas. A professora passou a semana em Birigui para acompanhar o tratamento de saúde de sua mãe. Na terça feira, dia em que ocorreria a entrevista, percebi que ela

estava muito preocupada com a saúde de sua mãe. Havia passado a semana acompanhando a mãe em exames e consultas. Estava preocupada, também porque precisa alugar uma casa em Barretos para sua mãe com intenção de facilitar os cuidados com a mesma.

Pela manhã, assim que ela chegou da academia, perguntei se gostaria de adiar a entrevista para outro momento devido aos seus compromissos e preocupações, mas ela disse que não e que poderíamos fazer a entrevista naquele momento. Convidou-me para nos acomodarmos em uma sala de jantar ampla e ensolarada. A sala tem uma mesa, estilo colonial com oito lugares, e duas enormes estantes dispostas em paredes opostas, com muitos livros de Matemática e fotos de seus familiares e colegas de profissão. O ambiente é muito agradável e acolhedor. O único barulho que se ouvia eram os latidos de seu cachorrinho, Biro-Biro e de sua cachorrinha Fofa. Ela é muito amorosa e cuidadosa com seus animais de estimação.

Como na entrevista anterior, pedi à professora para digitalizar, caso ela permitisse, documentos sobre sua formação, como diplomas, certificados e fotos, ela retirou da gaveta de uma das estantes, algumas pastas e plásticos contendo muitos documentos. Comentei que não era necessário, naquele momento, procurarmos documentos, mas a professora disse que gostaria de separar alguns documentos para confirmar locais e datas. Sugeri que fizéssemos as pesquisas dos documentos após a entrevista.

Iniciei a entrevista comentando que faria algumas perguntas sobre o que ela havia narrado no encontro anterior e que, caso desejasse, poderia acrescentar outros fatos. Ela perguntou se deveria falar apenas sobre sua vivência e experiências até 1990 ou se poderia relatar fatos depois desse período. Disse que poderia ficar à vontade para colaborar com seu testemunho.

Pensei que para esse segundo encontro o tempo de entrevista seria menor, mas não foi. O primeiro momento de entrevista durou 1:34:11 e abordamos os temas sobre sua formação e atuação em São Paulo. Fizemos uma pausa para o almoço. Ao retornarmos para sua casa já iniciamos a segunda parte da entrevista que durou 02:13:55. Durante esse período, perguntei à professora se gostaria de descansar e terminar a entrevista em outro dia, mas ela não concordou. Durante os relatos, fazia pausas para procurar documentos para verificar datas e disciplinas cursadas em Penápolis e Bebedouro.

A professora Leila, então, sugeriu que interrompêssemos a entrevista para

lancharmos. Fomos até a cozinha e preparamos um delicioso café. Eu estava preocupada, pois percebi o cansaço da minha colaboradora.

Havia conversado por e-mail com meu orientador sobre o número de perguntas a serem realizadas na segunda entrevista. Orientou-me a fazer as perguntas que fossem necessárias para esclarecer assuntos que ficaram pendentes e interessavam para a pesquisa, desde que não embaraçasse ou ofendesse minha colaboradora.

O terceiro momento da entrevista durou 00:17:30 e abordamos sua atuação na FECIVEL que depois se tornou UNIOESTE. Fizemos uma pausa e a professora finalizou sua entrevista narrando suas lembranças por mais 00:11:46. Finalizei agradecendo a participação da professora Leila, que disse que ficou muito contente em poder participar da pesquisa.

FIGURA 18 – PROFESSORA LEILA DEIXUN FRANZINI NO COLÉGIO POLIVALENTE (1998)[61]
FONTE: Arquivo pessoal do Centro Estadual de Educação Profissional de Curitiba (CEEP) (2013)

Eu sou Leila Deixun Franzini. Nasci no Rio de Janeiro, Estado de Guanabara em 1949. Tenho cinco irmãos, sendo duas irmãs e três irmãos. Vivi até os sete anos

[61] Minicurso de Matemática no Colégio Polivalente em 1998. A professora Leila Deixun, à frente com a supervisora Ângela Gomide.

no Rio de Janeiro e, a partir de então, meus pais Maria Dib Deixun e Abidu Deixun mudaram para Araçatuba, interior do Estado de São Paulo, onde fiz parte de minha escolaridade: primário, ginasial e colegial.

De primeira à quarta série, estudei no Grupo Escolar Luís Gama[62]. Iniciei o curso em 1956. As salas eram mistas e por séries. A maior lembrança é na área de Matemática, talvez, pelo fato dela ser mais concreta e manipulada e com maiores representações pictóricas, sendo mais ilustrativa. A professora que me marcou, nessa época, foi a professora Mariana do primeiro ano primário. Uma excelente alfabetizadora, de um rigor em todos os sentidos, tinha que ser da forma que ela desejava. Ela era uma professora exigente com a disciplina escolar e produção de seus alunos. Não admitia, em qualquer momento, o erro. Não podia ter brincadeira! A educação da nossa família, também, vinha completar o que nós tínhamos na escola: o rigor, o dever...

Meus pais não acompanhavam meus estudos porque na época não havia isso e, na realidade, eu fui uma aluna muito “Caxias”, muito rigorosa com meus deveres. O lema de casa era: “A obrigação e o dever em primeiro lugar”. Então, meus pais não precisavam nos atender porque íamos nessa mesma linha. Era uma exigência da nossa educação.

Mas, o que mais me marcou na área de Matemática é que ela usava o lúdico, quer dizer, fugia um pouco da normalidade das demais disciplinas como História e Ciências. Em uma situação-problema, nós tínhamos indicação e solução, então dividíamos o caderninho e tínhamos uma representação lúdica ao lado. Nós tínhamos que desenhar as galinhas, os patinhos, as bolinhas... Depois de fazer essa representação lúdica, você tinha o cálculo ao lado, a conta, a solução. Você tinha que escrever matematicamente aquele lúdico. Usava a Sentença Matemática. A resposta tinha que ser completa. Tinha que escrever toda a sentença. Acho isso importantíssimo porque comparando o meu tempo, época de 1956, 1957, com hoje, vemos que a única representação que o professor está aceitando é a resposta, deu tanto e acabou. E o professor tem que admitir como você fez isso, como você pensou e registrou. Então, essa professora me marcou pela sua representação na Matemática e acho que a partir daí comecei a gostar da Matemática. Fui ótima em Matemática! Gostava da Matemática! Era a aula mais empolgante!

---

[62] No Anexo 16 se encontra uma cópia digitalizada do Diploma do quarto ano primário da professora Leila Deixun Franzini.

Em Ciências fazíamos experiências em sala de aula, levávamos feijãozinho para a germinação... A presença do ar, ver como o ar existe... O ovo, tirar o ar do tubo, do vidrinho... Com essas duas experiências nós conseguíamos ver, sentir e entender o que estávamos fazendo. As demais disciplinas eram “decoreba” e questionário.

Não me lembro de livros, sei que se usava muito o quadro de giz, tudo era colocado nele. Você copiava os probleminhas, no silêncio... A tabuada era uma exigência. Ela cobrava e tomava a tabuada todos os dias. Era feito, também, um momento de interpretação da tabuada, mas pouquinho. Você tinha que realmente decorar como eram feitos os cálculos, o algoritmo. Você era mais mecanizado. Era um rigor... Caso você não decorasse a tabuada ela ficava “possessa” e você tinha que ficar sem recreio para decorar aquela tabuada. Usava-se, também, o quadro de pregas... Acho que a Matemática dessa época era representativa e tinha sua interpretação.

A prova era feita no caderno, tinha o caderno de provas que você fazia seguindo um modelo de aula. Havia três cadernos: o de classe, o de tarefas e o de provas. O caderno de classe e o de provas ficava no armário da professora. O caderno de tarefa, ela passava visto e corrIgia no quadro. Cada um ia ao quadro explicar e resolver... Ela tinha uma varinha de bambu com a qual acentuava o que estava colocando no quadro.

Outra coisa, antes de entrarmos na sala, no início, cantávamos os hinos e fazíamos oração. Íamos todos em filas, cada um para sua sala, não podia arrastar o pé porque a diretora ficava no corredor: “Olha o andar!” Tinha o uniforme... Os colegas tinham medo de não saber aquilo porque havia uma punição. Hoje, eu tiraria, daquela fase, um pouquinho do rigor, do medo e pensaria mais em Psicologia, mas acho que as escolas de hoje precisam de um pouco daquele rigor.

Fiz o Ginásio no Instituto de Educação Manoel Bento da Cruz[63], que era público. Era o tempo de Ginásio, que nós falávamos ginasial. Ao terminar o curso primário, íamos para o ginasial, mas, para ingressar na quinta série, você tinha que ser admitida no Exame de Admissão. Era como se fosse o vestibular hoje. Era a política vigente da época. Você não podia ingressar no ginasial sem fazer uma seleção. Então, fiz Exame de Admissão, que constava de prova de Português e

[63] No Anexo 17 se encontra uma cópia digitalizada do Boletim do curso ginasial no Instituto de Educação Manoel Bento da Cruz de Leila Deixun Franzini. Nesse documento está registrado o resultado do Exame de Admissão das disciplinas de Matemática, Português, Geografia e História.

Matemática. Era feito no Instituto de Educação que recebia todos os alunos que ingressavam no ginasial. Para a prova de Português se estudava o Cegalla, e para a Matemática, nós tínhamos um livro texto que era um tipo de um caderno de brochura, mas não me lembro do nome. Tinha o conteúdo programático, a ementa de todos os conteúdos estudados no curso primário. Eles davam uma ementa e exigiam uma bibliografia, um livro.

A vizinha da minha casa, a professora Dona Alice, trabalhava no Colégio Luís Gama e dava o curso preparatório para o Exame de Admissão. Ela dava aula na casa dela porque a escola não ofertava essa preparação. Você tinha que pagar para ter uma preparação, então quem podia, pagava e quem não podia, ficava sem.

Cursei esse preparatório, no período de férias, de recesso escolar, com essa professora. Ela dava Português e Matemática. Eu amava Matemática! Então, eu e minhas coleguinhas nos reuníamos em casa para estudar todo o programa de Matemática. Era cobrado todo o Sistema Métrico Decimal, todo o Sistema de Medidas, área, perímetro e volume, toda a Geometria e toda a Aritmética. Lembro-me da Potenciação, das Propriedades da Potenciação... Potência de Potência... Coisas que eram um rigor... Eram situações que o aluno do colegial de hoje, com certeza, não resolveria.

Era uma prova de seleção com rigor, se aprovado você entrava e quem não era, era excluído e faria no outro ano. Não sei, também, se apenas o Instituto de Educação fazia o Exame de Admissão para receber os alunos no Ginásio, acho que sim, porque ele atendia manhã, tarde e noite. Ao lado do Instituto de Educação tinha o Colégio Normal que preparava normalistas.

A escola e o ensino eram, na realidade, uma formação acadêmica, um estudo voltado ao conteúdo do livro didático. O livro que nós tínhamos que seguir para ingressar ao Exame de Admissão de Matemática era um livro voltado à Matemática Pura. Ela dava a definição e fazia os exercícios. Na realidade, não tinha a construção do conceito. Era definição, formalismo, sentença matemática fechada, fazer e desenvolver equações e resolução de problemas não voltados ao contexto. Não tinha experiências de atividades. Eram exemplos irreais. Você tinha muito mecanismo.

No Instituto nós tínhamos as disciplinas de Matemática, Ciências Física e Biológicas, História, Geografia, Desenho Pedagógico, Educação Física, Música, Canto Orfeônico e Artes Plásticas.

No Ginásio, eu era considerada a melhor aluna em Matemática. Eram

demonstrações, demonstrações geométricas e teoremas. Seguíamos, totalmente, o livro do Osvaldo Sangiorgi, que me marcou muito, e do Ary Quintella. Os professores de Matemática que me marcaram foram os professores Artur e Moacir, no terceiro e quarto ano do ginasial, que seria a sétima e oitava séries hoje. Na quinta série era a Aritmética, na sexta a Álgebra e na sétima você tinha Álgebra com rigor e Geometria. A Geometria era demonstrativa, não era aplicada. Davam-se teoremas, tudo tinha que provar. Eram demonstrações que hoje é feito no primeiro e no segundo ano do Curso de Matemática.

Nós tínhamos dois quadros de giz, um na nossa frente e outro na lateral. O professor começava uma demonstração de um teorema, quando terminava no quadro de giz da frente seguia no quadro de giz da lateral, no final cqd: como queríamos demonstrar. Não podíamos nos manifestar. Acompanhávamos o professor e copiávamos em silêncio absoluto, sem perguntar nada. Então, eu e algumas colegas, em casa, estudávamos verificando as passagens que ele tinha feito. Eu, a Maria Alice, a Nilma... Cada uma estudava a matéria que gostava mais. Tínhamos o hábito de estudar juntas.

Mas, nós tínhamos o Desenho Pedagógico que mostrava aquilo que não era representado na Geometria. Você tinha o caderno de desenho e fazia as construções com muito rigor, com muitos detalhes, por milímetros era desconsiderado todo o seu desenho. Você tinha que ter um pano para limpar o compasso para não ter sujeira, para não ter borrão.

Eu gostava desse formalismo e entendia o que eles tinham feito! Tive um estudo muito acadêmico mesmo, comparando com o tempo da faculdade que trabalhei como professora de Geometria. Aquelas demonstrações que eu fazia com meus alunos no Curso de Matemática, no Curso de Formação de Professor de Matemática eram, às vezes, inferiores as que eu tinha na sétima série. Terminei o curso ginasial em 1966.

O Instituto de Educação Manoel Bento da Cruz oferecia o ginasial e o colegial, mas o colegial era uma vertente porque tinha o Colegial Científico e o Colegial Clássico. Quem optasse para exatas, as engenharias, ia para o Colegial Cientifico e quem optasse para as Línguas e Humanas ia para o Clássico e, ao lado do Instituto, tinha a Escola Normal para formar as normalistas e o nome do curso era Curso Colegial de Formação de Professores Primários. Tanto o Colegial quanto o Normal eram três anos: o primeiro, o segundo e terceiro ano.

Como eu gostava de Matemática e precisava trabalhar, fiz os dois cursos. Pela manhã, fiz o Normal[64] que era uma escola de formação de normalista aptas para lecionar de primeira à quarta séries e, no noturno, o curso Científico. É interessante colocar que, quando estudei no noturno e optei pelo Científico, eu era a única mulher na minha sala e era vista como uma intrusa no meio. Havia uma discriminação da mulher nessa época. O próprio professor tinha um preconceito em relação a uma mulher fazer o Cientifico.

Mas isso foi um estímulo para mim porque eu estudava muito para concorrer com eles. Eu era estudiosa mais do que podia, passava parte da madrugada acordada estudando. Foi muito interessante porque minha vontade era fazer Matemática e eu sabia que o Normal não era voltado para a formação de professora de Matemática, mas eu precisava do Normal porque eu tinha que trabalhar para me sustentar.

O Normal era oferecido no período da manhã porque à tarde, era um colégio de aplicação, onde você fazia o estágio. O estágio era oferecido no próprio Colégio Normal, você não ia aos colégios. À tarde tinha aula de primeira a quarta série.

O primeiro ano do Normal era mais teórico. Lembro-me que tinha uma professora que mudou toda a nossa grafia. Não sei o nome da disciplina, mas você fazia caligrafia mesmo, exercitava a mão, fazia movimentos e mudava a letra conforme o modelo que era exigido.

A Matemática era representativa, usava-se material manipulativo como o quadro de pregas, o Sistema de Numeração e de Medidas... Você fazia Artes em todos os sentidos: pinturas, desenhos, bordados... Eram só meninas, não tinha nenhum menino, só moças. Nós tínhamos Matemática, Português, História da Educação, História Geral...

Em Ciências nós usávamos o laboratório. A manipulação no Normal era legal. Fazíamos experiências e usávamos no colégio de aplicação. Lembro-me de que, no colégio de aplicação, fiz uma experiência que tinha no livro, e quando isolei o ar do recipiente e coloquei o ovo, ele tinha que cair, mas não caiu, então, os alunos falaram: “Professora, não caiu!” Tinha que cair no tubo, lógico, mas acho que não tirei o ar suficiente e fui para casa frustrada.

No segundo ano do Normal, no segundo semestre, começamos a trabalhar com as crianças. Éramos auxiliares de regência de sala, no período da tarde e

---

[64] No Anexo 18 se encontra uma cópia digitalizada do Diploma do Curso Colegial de Formação de Professores Primários no Instituto de Educação Manoel Bento da Cruz de Leila Deixun Franzini.

tínhamos que passar por todas as séries.

Na época em que eu estava no terceiro ano, a professora regente teve que se ausentar porque ficou doente e aí a gente entrava. Foi difícil porque a postura da professora era o rigor e as crianças tinham medo de responder. Caso não soubessem a tabuada, eram xingamentos e ofensas. No terceiro ano do Curso Normal, a professora faltou duas semanas. Tive que assumir a sua turma. Eu tinha que ter toda a aula estruturada e planejada. Tinha que justificar o que estava fazendo no diário de classe. Era um rigor, um trabalho fora de sala, impressionante! Tinha que ficar presa ao modo de aula planejada.

Fui do meu jeito! Mas eu não conseguia... Eu amo e adoro crianças e queria me aproximar delas na sua forma de pensar, de sua aprendizagem e participação. Ao me deparar, a primeira vez, com a realidade do que seria o quarto ano primário, hoje, quarto ano do Ensino Fundamental, tentei uma postura diferente da professora regente, que era de voltar ao aluno para saber o que eu estava passando, mas os alunos não estavam preparados para isso, confundiram liberdade com bagunça.

Veio cobrança da direção porque eu não conseguia manter a disciplina como os demais professores mantinham. Minha postura era diferente da professora regente porque eu queria participar, ir à carteira do aluno e ver o que estava acontecendo, analisar seu desenvolvimento didático, mas meu estado e minha didática eram diferentes, então, foi difícil para eu manter a disciplina. Quando chegava em casa, eu chorava dizendo: “Eu não posso ser professora!”

A matéria que eu mais tentava manipular e dar exemplos, nessa turma de quarta série primária, era a Matemática. Os recursos que nós tínhamos, na época, eram o ábaco e o cartaz de pregas, que você coloca unidades e dezenas. Exigia-se muito que se decorasse a tabuada. Tinha que tomar a tabuada. Eu procurava primeiro dar a interpretação e depois, aos poucos, dava a liberdade deles usarem a tabuada, mas era proibido não podia. Então, tive um probleminha maior nesse sentido.

Fiz o Normal para que eu tivesse um certificado e pudesse trabalhar como professora primária, ter os meus rendimentos financeiros, poder dar continuidade aos estudos e me formar como Professora de Matemática. Então, saí do Normal para o Estado, porque eu não conseguia dominar uma sala.

Como iniciante, fui uma professora muito tímida porque não fomos educados para participar na sala, para fazer perguntas. Tínhamos que ficar quietos esperando o que o professor falava, mas tive uma boa formação acadêmica no sentido de

construção de conceitos, manipulação e representação, mas aplicações da área, bem poucas.

Minha infância, minha juventude e minha adolescência foram totalmente dedicadas aos estudos. Eu e minhas colegas estudávamos manhã, tarde e noite. Cuidava dos afazeres de casa, ajudando meus pais, mas a formação era isso.

Após minha formação como professora do Primeiro Grau, séries iniciais, ou seja, professora primária, trabalhei como professora normalista. Fiz a inscrição na Delegacia de Ensino e aguardei ser chamada para lecionar. Não precisava fazer prova. Você permanecia no Grupo, todo o período, manhã ou tarde, e se faltasse alguma professora, nós entrávamos para substituí-la. Você era chamado com antecedência porque tinha que conversar com o professor e pegar o diário de classe, mas foram poucas vezes que fui chamada. Você tinha uma remuneração desde que atuasse na sala de aula.

Lecionei em uma escola como professora normalista somente por duas semanas porque a professora regente se ausentou, conseguiu uma licença, pois estava com labirintite. Ela era uma professora experiente, rigorosa na disciplina, evidentemente autoritária e trabalhava com o quarto ano. Graças a Deus que foi o quarto ano primário! Porque eu tinha medo de pegar uma primeira série porque eu não saberia alfabetizar de jeito nenhum!

Eu gostava da Matemática e trabalhei com as crianças o Sistema Métrico Decimal, mas com pouco material manipulativo porque ela já tinha trabalhado isso. Era trabalhado o quadro de medidas com material manipulativo, usava-se o papel quadriculado, a fita métrica... Metro, decímetro, centímetro, milímetro, decâmetro, hectômetro e quilômetro. A criança tinha que colocar cada um na sua casa, pegar a vírgula para a direita, pegar a vírgula para a esquerda... Tinha o metro do carpinteiro que se trabalhava assim: o metro tem 10 decímetros, tem 100 centímetros... Trabalhei probleminhas... Você seguia o que ela tinha lá, não podia fugir do modelo que era exigido.

Na área de línguas, Português, era feita a descrição de um quadro, do que estava vendo ou inventar uma história segundo esse quadro... Tinha a descrição e a narração.

As turmas eram mistas e a escola tinha uma biblioteca. Nós pegávamos livros de História Geral, História da Educação... A escola não tinha laboratório de ensino, como nós temos hoje, mas tinha a sala dos materiais didáticos com o cartaz de prega,

o cubinho, material dourado de madeira, todo o Sistema Métrico para você usar, a balança, o litro... Mas usei pouca coisa desse material, mais o Sistema Métrico. No Grupo Escolar não tinha laboratório cada professor fazia e levava o seu material.

Terminando a Escola Normal e o Cientifico prestei vestibular na Faculdade de Ciências e Letras de Penápolis e fui aprovada. Até começar o calendário da faculdade, que não era igual ao calendário do começo das aulas de primeira à quarta, peguei duas semanas de aula, mas quando eu fui chamada, parei.

Fiz o primeiro ano de faculdade no Curso de Matemática, em Penápolis porque na cidade em que eu morava, Araçatuba, não tinha. Penápolis fica a 60 km de Araçatuba, então, eu viajava todos os dias para o curso, no período da tarde. Ele funcionava das treze às dezessete horas. Nós íamos para Penápolis numa perua que passava meio dia, meio dia e quinze, perto de Araçatuba. O curso oferecia de formação a Matemática Pura, as disciplinas de Geometria, Desenho Geométrico, Desenho Descritivo, Álgebra, Cálculo... Era de um formalismo “ferrado”, mas eu acompanhava direitinho. Tive uma boa formação Matemática.

Como eu tinha livre o período da manhã, consegui reger de primeira a quarta durante duas semanas como professora substituta, mas, como eu gostava e gosto da Matemática, compensava com aulas particulares, pela manhã. Dona Alice me indicava alunos para aulas particulares. A noite eu deixava livre para estudar para a faculdade. Tive ajuda para custear meus estudos, pois tinha que pagar o transporte e a faculdade, mas fiz só o primeiro ano.

No segundo ano, me casei em janeiro e mudei para Barretos, interior do Estado de São Paulo. Então, pedi transferência para a Faculdade de Ciências e Letras de Bebedouro[65], a 30 km da cidade que casei. Permaneci do segundo ao quarto ano na Faculdade de Ciências e Letras de Bebedouro e terminei meu curso de graduação em Matemática em 1973.

Dos meus professores da época, o que mais me marcou no curso de formação foi o professor Ruy Madsen Barbosa. Ele morava em Araraquara, próximo de Bebedouro, e foi meu professor de Prática de Ensino e de Cálculo Numérico. Tem os livros dele do MEC, até hoje tenho os livros desse professor.

Foi o professor que mais me marcou na minha graduação. Ele dava aula de Prática de Ensino e a metodologia que ele usava e como ele procedia... Para a época,

---

[65] No Anexo 19 se encontra uma cópia digitalizada do Certificado de Conclusão do Curso de Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bebedouro de Leila Deixun Franzini.

tudo o que era feito era especial. Ele usava muito o quadro de giz com representações geométricas, gráficos, acentuando os pontos mais importantes em giz colorido, bem definidos. Que perfeição! Lembro-me da parábola... Ele era muito detalhista, caprichoso e as representações eram perfeitas. Ele nos dava algumas orientações e nós usávamos material manipulativo, mas era pouca coisa, era mais representação geométrica e muita representação pictórica, por exemplo, você desenhava dez quadradinhos, vale outra representação, vamos supor um quadrado maior.

Ele escolhia um tema, sorteava as unidades matemáticas e a classe lecionava os temas envolvidos. Ele assistia as nossas aulas com seu cachimbinho e dava o seu parecer. Tínhamos muitos registros ilustrativos do livro dele, então, não deixava de sair do papel. Hoje o aluno pega, experimenta, observa os objetos, mas, naquela época, era mais a representação gráfica, o desenho, a grafia. Os conteúdos matemáticos da disciplina de Prática de Ensino eram mais relacionados aos do curso ginasial e segundo grau.

Meus professores e as disciplinas de Álgebra Algébrica, Álgebra Linear, Cálculo Numérico, Estruturas Algébricas... Eram ótimas! Para a Álgebra Linear, eles precisavam de representações... Toda a aplicação era no Cálculo, não era como eu vejo, hoje, na UNIOESTE, que tem Álgebra Linear separado. O professor Espada era muito detalhista nas demonstrações. Explicava cada transformação de uma passagem para outra. Fui uma ótima aluna! Gostava e passava as questões. Para o Cálculo era usado o Granville, era conceito e fórmula de manipular com pouquíssimas aplicações. Eu era boa de manipulação!

No curso de graduação em Matemática não tive o Estágio Supervisionado com acompanhamento do professor orientador nos colégios de aplicação, nos davam uma ficha, indicavam a escola e nós íamos assistir às aulas. Não nos davam licença para reger em sala de aula, não era permitido, mas poderíamos fazer algum projeto.

Conciliar a vida profissional e familiar foi bem difícil. Comecei a lecionar no terceiro ano do Curso de Graduação em Matemática. Fui lecionar em Colina, uma cidade próxima de Barretos. Em Colina estavam construindo uma barragem no Rio Grande, na divisa de São Paulo com Minas Gerais, e eles precisavam de professores para os filhos dos operários da construção da barragem.

Fiz a inscrição na Delegacia de Ensino e consegui algumas aulas de Matemática. Peguei oito aulas de Matemática, só que era uma única turma, multiseriada, pois eram poucos alunos para quinta, sexta, sétima e oitava. Eu

preparava aula para todas essas séries. Foi difícil! Eu ficava a tarde toda com essa turma. Preparava o material e começava com a quinta série enquanto que os outros ficavam com alguma coisa deles, mas havia muita disciplina. Por ser uma escola de periferia, os alunos eram mais obedientes, tinha mais rigor dos pais. Então, você dava aula para quinta enquanto os outros assistiam, quando terminava a aula da quinta, eles já tinham um material para fazerem no livro. Tinha o livro didático que era dado pelo Estado. Assim, você atendia a todos, depois eles vinham pedir dúvida. Era mais a parte de explicar, de dar exemplos, de mostrar no quadro, pouquíssimas vezes usei material manipulativo porque não tinha e não dava tempo.

Tive dificuldades. Foi um trabalho cansativo, mas, depois, você via que uma dúvida de quinta era comum a todos, então falava com todos que ficavam no mesmo espaço, na mesma sala. Havia duas fileiras para a quinta, uma fileira para a sexta e a sétima e a oitava não chegava a ser uma fileira. Depois de um tempo, eu conhecia os alunos e não tinha aquela separação em filas porque a sala era nossa, o espaço era nosso e eu não achava aquilo legal. A interação entre eles era ótima!

Eu trabalhava duas tardes, nas demais iam outros professores. Tinham poucos alunos, era uma turma fácil de trabalhar. A escolinha tinha duas ou três salas de aula. Não tinha supervisor, orientador e diretor, mas tinha alguém respondendo pelo colégio porque essa escola pertencia à outra escola maior que ficava dentro da cidade e esta escola ficava na barragem, onde os peões dormiam. Era uma escola que foi criada para atender os filhos dessas pessoas. Era uma escola isolada de tudo, mas pertencia ao município de Colina.

Eu seguia o mesmo programa da Secretaria de Educação do município, o aluno tinha que seguir o programa oficial do Estado de São Paulo. Nunca participei de reuniões, planejamentos e discussões com outros professores, talvez porque eu não era professora efetiva, apenas peguei a programação e tinha que seguir aquilo.

As provas eram feitas no papel almaço, depois, eu recolhia, corregia, entregava ao responsável da escola e guardava. Tinha esse registro. Não me lembro de ter conversado com alguém que veio à escola para fiscalizar as atividades, mas com certeza eles passavam para ver o andamento da escola. Tinha alguém que respondia pela escola, mas qual a função dele e qual a sua formação eu não me recordo. O diretor desse colégio e de um colégio em Colina, era esposo de Olga, uma colega de classe da graduação de Matemática. Nós íamos juntas para Bebedouro.

A escola funcionava no período da tarde. Nós tínhamos uma locomoção, uma

perua, que pegava os professores e levava até a escola isolada, em Colina. A escola começava às treze horas e terminava às dezessete horas, então eu retornava de Colina até Barretos, questão de quinze minutos. Quando chegava em casa, já me arrumava e pegava o ônibus porque em Barretos só tinha a UNIFEB[66], uma escola particular que só tinha as engenharias, não tinha Curso de Formação de Professores na graduação, então, nós íamos para Bebedouro. Chegávamos às dezenove horas, no horário de começar. Assistíamos às aulas e chegávamos aqui quase meia noite.

Eu tinha o período da manhã para me organizar com a casa, mas minha irmã Selma morava comigo e me auxiliava. Ela me ajudou muito nessa fase porque eu tinha um filho pequeno, o Alexandre. No final de semana, ou, muitas vezes, depois que nós chegávamos da faculdade, íamos todos para minha casa estudar. Eu tinha um barracão, isolado, e amanhecíamos estudando. No outro dia, cedo, cada um ia para sua casa para os seus afazeres, para suas tarefas. Nós tínhamos aula, também, aos sábados à tarde, uma aula de Desenho Geométrico, [Geometria] Descritiva, no laboratório. Foi difícil, mas valeu em termos de conhecimento.

Terminei meu curso, na faculdade, em 1973[67]. No início de 1974, mudamos para Goioerê, mas ficamos pouquíssimos meses, pois a firma que meu esposo trabalhava o transferiu para Cascavel. A diferença do Estado de São Paulo para o Estado do Paraná foi quanto à situação geográfica, o aspecto da cidade, porque ela estava em formação. Cascavel, no início de 1974 era um distrito, praticamente. A cidade não tinha avenida. A grande maioria das ruas era sem asfalto, tinha apenas cinco quilômetros de asfalto. Havia muita dificuldade no transporte, quanto à locomoção de ônibus, o coletivo para ir até o colégio. Você tinha problemas, também, de locomoção pela dificuldade de não ter asfalto.

Supermercados já tinham porque estavam explorando Cascavel. Havia dois hospitais: o Hospital São Lucas e o Hospital Santa Catarina. Não sei se já tinham começado a Policlínica. Havia poucos médicos, pediatras, dentistas... Eram um ou dois que tinha na cidade. Não tinha prédios. As casas eram de tábuas, não tinha casas de tijolos... Era difícil conseguir uma casa para alugar. Poucos lugares tinham esgoto. As casas não tinham água encanada e o abastecimento era por poços. Não sei o número de habitantes da cidade e, se ela foi reconhecida como município em 1951,

---

[66] Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos.
[67] No Anexo 20 se encontra uma cópia digitalizada do Histórico Escolar do Curso de Matemática de Leila Deixun Franzini.

deveria ter vinte e três anos, praticamente, então a cidade estava começando e, lógico, foi difícil a adaptação.

Comecei minha vida como professora de Matemática, em Cascavel, em 1974. Ao chegar, fui ao Núcleo Regional de Ensino que era situado no Colégio Eleodoro, hoje um Colégio no centro de Cascavel, me inscrevi na seleção e me apresentei como professora para lecionar Matemática. O professor Marcos Schuster era responsável pela classificação de professores para lecionar em Cascavel e Região e consegui algumas aulas no Colégio Estadual Marilis Faria Pirotelli.

Trabalhei de 1974 a 1978 nesse pequeno colégio com colegas maravilhosos. Comecei minha vida social dentro da escola, no convívio com os colegas. Foi uma recepção bem calorosa, muitas pessoas também eram de outros estados. A Rosa Maria se tornou minha comadre, veio da Bahia e a professora Vitória Sá, veio do Rio Grande do Sul. Várias pessoas vieram de outros estados e isso fez uma união. Nós tínhamos uma ligação forte porque nós estávamos substituindo famílias que nós deixamos.

Os costumes da cidade... Eram muitas pessoas do Rio Grande do Sul e eles se reuniam porque gostavam muito do tradicional churrasco gaúcho. Tinha poucos restaurantes, então, havia muito o convívio de passar um domingo juntos, tanto meu marido, na empresa em que trabalhava, como eu com os colegas da escola. Nós nos reuníamos nos aniversários, em datas especiais para comemorar, visitar os colegas, nos preocupávamos em fazer uma surpresa: “Hoje é aniversário de um colega. Vamos lá fazer uma recepção. Vamos fazer uma surpresa!” Era um momento muito bom porque nós não tínhamos o convívio social de família, então, havia necessidade dessa união.

Quando cheguei, em 1974, o colégio só tinha quatro salas de aula e, apenas, uma salinha pequena que era a sala dos professores e outra sala ao lado que era da direção, responsável por tudo. Ali funcionava a quinta, a sexta, a sétima e a oitava séries. Tinha turmas pela manhã, a tarde e à noite. Trabalhei Matemática na oitava e Desenho Geométrico nas demais turmas no período da tarde e da noite. Éramos eu, o professor Belkis e o professor Câmpara.

O professor Walmor Belkis era ex-vereador de Cascavel. Ele veio de Curitiba e tinha formação acadêmica em Matemática e lecionava Desenho Geométrico. Foi muito participativo na política de Cascavel, mas desistiu das aulas porque ocupou um cargo dentro do Núcleo Regional e essas aulas foram passadas para mim. O professor

Virgílio Câmpara tinha formação em Matemática, mas era pela CADES[68], aquela formação rápida de dois anos porque eles precisavam de professores. Mas nem o Walmor e nem o professor Câmpara estão mais vivos.

A diretora era a professora Elizabete Lacet Batista. Ela era muito dinâmica! Não tinha supervisão e coordenação, era o diretor e um auxiliar de secretaria que atendiam os pais, os alunos, os professores e nos passavam o livro ponto. O ensino, na realidade, seguia o livro didático, mas usei muito o mimeógrafo porque eu não conseguia segui-lo ao "pé da letra" como se deveria. Eu tentava mudar. Eu tinha livros do Ruy Madsen [Barbosa], que eram um guia do professor, diferentes da época atual porque tinham poucos exemplos do contexto. Era um formalismo muito grande, então, eu usava muitas, muitas folhas... Minhas mãos viviam com as unhas roxas de tanto passar no mimeógrafo.

Eu usava pouquíssimo material manipulativo. No Desenho Geométrico, eu trabalhava as construções geométricas. A Geometria era fácil porque eu deixava tudo pronto. Tinha todos os instrumentos para fazer essa "mostração" e o aluno percebia o que estava acontecendo com os seus desenhos, com suas figuras geométricas usando régua, compasso e transferidor.

Em 1978, quando eu era uma professora suplementarista, não tinha o concurso público legal, mas falava-se no Núcleo que teria um concurso público do Estado do Paraná, de primeira à quarta séries, e que todos os professores que lecionavam de quinta a oitava deveriam fazê-lo, desde que tivessem o Normal. Era importante para os professores ter um concurso, mesmo que fosse de primeira a quarta porque teriam preferência na distribuição de aulas.

Fiz esse primeiro concurso, passei e assumi de primeira à quarta, no período da tarde, no próprio Colégio Marilis Faria Pirotelli e, paralelo fiquei com aulas de Matemática, à noite e pela manhã. Como professora de primeira à quarta pude usar bastante materiais manipulativos, mais recursos didáticos. No próprio colégio, tinha uma sala especial com esses materiais. Foi gratificante ministrar aulas nas séries iniciais, me realizei! Pude usar muitos recursos manipulativos.

Tinha os planos de aula... Tinha o Programa Geral da escola, que vinha da Secretaria do Estado e, a partir dele, nós nos reuníamos por áreas afins, e discutíamos o planejamento anual. O importante era saber até onde você tinha ido, o que faltava,

---

[68] Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário. Ver Baraldi (2003).

os objetivos. As reuniões aconteciam no início do ano, durante uma semana. Havia reunião por parte do corpo administrativo, direção, orientação, supervisão, secretárias e, depois, por área pelos professores. Por área eram dois dias e nós ficávamos manhã e tarde. Nós tínhamos muita liberdade para discutir questões sobre o ensino e a aprendizagem.

E, quando nós fomos lecionar de primeira à quarta, por ter professores de todas as áreas, professores formados em Ciências, em Matemática, em Letras, em Língua Estrangeira, em História... A coordenação de primeira à quarta do colégio decidiu dividir os professores por suas áreas de atuação, por suas disciplinas. Fiquei responsável pelo terceiro e quarto anos e lecionava Ciências e Matemática. A professora de Português lecionava línguas, o Inglês, Artes... Isso foi maravilhoso! Uma experiência que favoreceu os professores e os alunos. O professor de História, vamos supor, tinha a formação especifica para lecionar essa disciplina. Isso aconteceu na época em que a Cristina Zurek era diretora, uma excelente diretora que dava abertura e apoio para as modificações. Ela revolucionou o colégio de primeira à quarta. As pedagogas nos auxiliavam porque tinham toda uma experiência. Elas nos davam apoio no planejamento das matérias. Nós ficamos com essa experiência, praticamente dois anos.

Era tudo documentado. Tínhamos que escrever a justificativa do por que estávamos fazendo. A Cristina era pedagoga e veio de Curitiba, ela falava assim: “Se amanhã, você estiver ausente, qualquer um tem que ler o seu planejamento e entender o seu objetivo.” Então, você tinha que usar o verbo certo, porque aquilo era ação, aquilo não era ação, esse é o verbo do objetivo geral, mas aquele é específico... Era uma coisa muito minuciosa.

Nas reuniões com professores eram tratados o ensino e a aprendizagem, mas discutiam, também, questões políticas da Educação e do Núcleo Regional como nomeações, quem seria Inspetora de Ensino, quem seria a chefe do Núcleo... Discutíamos sim, na sala dos professores, lógico, que perante a diretora, sem constrangimento.

O controle das atividades realizadas pelas escolas e colégios era feito pela Equipe de Ensino do Núcleo Regional, que fazia visitas nos colégios e se reuniam com os coordenadores de ensino e com os professores para ver o andamento. Eles passavam nos colégios, mas não nas salas, então, prolongava-se o recreio porque tinham que fazer uma reunião, dar algumas normas ou conversar com alguns

professores.

Cursos, treinamentos ou capacitações... Quando cheguei em Cascavel, em 1974, e me dirigi ao Núcleo Regional, o professor Schuster, funcionário do Núcleo Regional disse: “Professora, antes da senhora se inscrever para pegar aulas, tem que fazer um curso.” Todo ano, o Núcleo Regional de Ensino dava um curso de capacitação para todos os professores da região no Colégio Wilson Joffre, que era o maior colégio de porte com ensino de primeiro e segundo graus[69].

Os professores da FECIVEL[70] davam o curso: a professora Silvia [Gomes Vieira] Fabro, o professor [Ivo] Oss Emer, o professor [José] Kuiava... Nessa época o professor Calssavara já era diretor do colégio. O curso se estendia durante toda a semana, antes do início das aulas, pela manhã e à tarde, oito horas, e vinham professores de Cascavel.

O curso não era específico da área[71], eram tratadas novas propostas educacionais, as didáticas, o mundo em formação, o aluno de hoje, nada de específico, era orientação geral, e o pessoal da SEED[72] tratava das normas da Educação. Depois, nos dirigíamos aos colégios de atuação e nos reuníamos com nossos pares das áreas afins e discutíamos o planejamento. Nessa época, a professora Silvia Fabro era do Marilis e ia para outros municípios ajudá-los nessas discussões.

Nas reuniões, você entregava as notas. Não havia conselho de classe. A Mitiko, uma japonesa, era orientadora educacional e nós nos reuníamos e discutíamos as questões específicas da sala, do aluno. Havia entrega de boletins, mas os pais participavam pouco.

Em 1978, houve o concurso primário, de primeira à quarta, acho que dois anos depois, em 1980, houve concurso especifico na área de Matemática. Fiz Matemática e Física e passei nos dois. Com o PREMEN[73] tentaram mudar a política, a legislação porque precisava ter uma escola que desse não só o ensino normal colegial, mas também, o ensino técnico, então, abriu-se o Colégio Polivalente Pedro Boaretto Neto e fui convidada a trabalhar nesse colégio.

---

[69] No Anexo 21 se encontra uma cópia digitalizada do Certificado do Curso de Atualização em Educação Geral de Leila Deixun de 1976.
[70] Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cascavel.
[71] No Anexo 22 se encontra uma cópia digitalizada do Certificado de Curso de Especialização em Nível de Pós-Universitário para Professores para Suplência.
[72] Secretaria de Estado da Educação do Paraná.
[73] Programa de Expansão e Melhoria do Ensino.

A professora Pascoalina Gasparetto, era professora de Matemática no Marilis, no noturno, e foi convidada a ser diretora desse colégio. Ela me convidou para pegar aulas do noturno no Polivalente, porque pela manhã e tarde era municipal, depois as turmas foram se extinguindo, foram fechadas, passando para onde é o Parque Verde, um bairro próximo do Polivalente.

Com o concurso peguei as aulas de Matemática no noturno no Polivalente e abandonei as turmas de primeira à quarta séries porque tinha que renunciar. Comecei em 1978, mas como suplementarista, depois com o concurso, em 1980, passei do quadro de suplementarista para efetiva, onde permaneci no mesmo colégio até aposentar. Houve outro concurso depois e passei, então fiquei com dois padrões, tudo no Polivalente com ensino profissionalizante.

Esse ensino profissionalizante começou no noturno, então, saí do Marilis em 1978 e fui ter essa experiência de trabalhar com o ensino técnico. Nós tínhamos cursos de Construção Civil, Crédito e Finanças, Saúde e Agropecuária. Eu trabalhava Matemática e Física com a Construção Civil. Foi ótimo trabalhar, mas a programação não deixou de ser uma preparação para o vestibular. Poucas coisas tinham ligação com o curso. Era Matemática fechada, desligada de todo um contexto, dentro dela mesmo, com suas propriedades, com seus formalismos, formalismo... Não se preocupando com interpretações, apenas com resultados, não com o desenvolvimento do aluno, fechada nela mesma, fora... Fora de tudo... Do mundo... Como se só existisse a Matemática com suas propriedades, seus axiomas, seus teoremas... Sem usar a Matemática como uma ferramenta para a leitura do mundo... Entender o que acontece... O imposto de renda, o que era o imposto, como eu pago os impostos, para onde é que vai esse dinheiro... Para muitos é gostoso lecionar assim! Você não tem preocupação de nada, com preparações de aulas, bastaria seguir os modelos dos livros didáticos e o aluno pouco se “lincha”, também. Tinha que ligar para uma profissão, também, mas cada um ficava no seu “quadrado”.

Mediante esses problemas, iniciaram as reuniões, os encontros das áreas afins. Então, chegaram os engenheiros, os profissionais das áreas profissionalizantes, nos auxiliando na ordenação das matérias, das disciplinas. E pediram: “Primeiro preciso que vocês trabalhem a Trigonometria porque nós vamos precisar disso.” Assim, teve várias reuniões e nós tínhamos o supervisor de ensino que dava condições de nos reunirmos por áreas. Houve muita transformação! Foi maravilhoso trabalhar no Colégio Polivalente porque havia a necessidade dos formadores de

profissão, os engenheiros, os médicos... Eles precisavam de certos conteúdos. Nós vimos que não podíamos seguir aquele conteúdo como estava. Tínhamos que dar o conteúdo dentro das necessidades primeiras dos formadores de profissões.

Os professores de formação específica técnica profissionalizante eram engenheiros, médicos, contadores e professores de formação na área de agropecuária, então, nós nos reuníamos, e a escola foi maravilhosa... Houve a primeira reunião, uma reunião de duas semanas, antes de começar as aulas, dentro dos conteúdos para ver as necessidades que eles precisavam. Cada professor técnico e do núcleo comum expunham sua ementa e objetivos.

Os engenheiros só nos falavam o que eles precisavam da Matemática, por exemplo, quando você dava Trigonometria, eles falavam: “Eu preciso que seus alunos saibam, muito bem, a definição de Trigonometria, as relações trigonométricas, fazer as suas transformações, radianos, graus.” Ele nos falava que precisava daquilo, mas porque precisava não nos contava. Ele não dava metodologia, mas o que ele precisava. Então, você, começava com o triângulo, sempre com aplicações, eu tenho que fazer distâncias inacessíveis, eu preciso que o aluno saiba visualizar distâncias inacessíveis, localizar, medir terrenos irregulares. Eu não vou precisar de fórmulas, pelo menos a área do quadrado, do retângulo e do triângulo, mas que ele saiba medir distâncias inacessíveis, calcular distâncias que o homem não possa medir.

O técnico em saúde falava assim: “Comece com o sistema de medidas porque eu preciso que o aluno saiba medir decímetro cúbico, capacidade...” Trabalhava-se com unidades de medidas muito pequenas, milionésimo e potência de base 10.

No início do ano, eram feitas as reuniões e cada um colocava sua matéria, sua ementa, era legal... Os professores de Matemática se reuniam e apresentavam a ementa do primeiro, do segundo e do terceiro ano colegial. Os professores que trabalhavam no colégio, no ensino profissionalizante, também apresentavam suas ementas. Na época, o professor de saúde era o Gimenes e o professor de engenharia era o professor Jardel, bem querido. Esses profissionais das áreas específicas eram professores que trabalhavam no noturno. Na reunião eram professores da área específica com os profissionais e os engenheiros que atuavam.

Tinha por primeiro a reunião do colégio com a orientação e a supervisão. Cada uma apresentava sua função dentro do colégio. Depois, os professores, nas devidas áreas, reuniam-se para apresentar seus objetivos: No primeiro ano colegial, a Matemática vai trabalhar isso... Ele falava assim: “Você vai trabalhar, no começo, esse

conteúdo que está aqui na tua sequência.”

Cada curso tinha o seu coordenador. O Curso de Construção Civil tinha um coordenador que não era pedagogo, era alguém da área específica daquele curso. O Curso de Créditos e Finanças tinha um coordenador que era um contador, mas tinha a orientação e a supervisão geral. Qualquer coisa que eles precisavam, podiam chamar a Valdete, nossa supervisora do noturno.

Então, nós não seguíamos livros, ótimo! Maravilhoso não seguir livro porque nós construíamos com o apoio de vários livros didáticos e nós tínhamos o mimeógrafo disponível. Assim, na Construção Civil, se eu precisava primeiro da Trigonometria, nós víamos rapidinho o conceito de Função e íamos para Funções Trigonométricas, relações trigonométricas, direcionando no conteúdo que eles precisavam, sem deixar de dar o conteúdo da Trigonometria.

Lógico, que nós priorizávamos vários conteúdos que eles precisavam, mas sem ter que deixar de dar os conteúdos planejados. Foi ótimo! Foi maravilhoso porque deixamos o livro de fora. O professor construía os conteúdos propostos tentando fazer ligações entre eles porque precisavam estar inseridos na disciplina de Construção Civil, que é Matemática pura.

O que ficou legal, porque nós fomos atrás, pesquisamos, porque para nós era tudo escuro. A partir daí comecei a ver a Matemática com essa junção e ter a oportunidade de fazer essa união dos conteúdos. Mas, buscar isso aonde? Mediante essas dificuldades e a pedido da diretora Pascoalina, o professor [Luiz Márcio Pereira] Imenes veio ministrar cursos aos professores de Matemática. Os professores da área específica, também, podiam fazer o curso, mas não era obrigado porque eles davam aulas no diurno. Esses professores eram engenheiros e contadores, e quem podia participava.

Fazer cursos com o professor Imenes, foi maravilhoso demais! Ele já tinha seus livros de Matemática Aplicada voltados para essa concepção de Matemática no mundo. Ele ficava a semana toda conosco dando cursos dentro do Colégio Polivalente. Não era somente para nós, eram convidados alguns professores da região de Cascavel, do Ensino Médio, que era o antigo Colegial.

Ele trabalhava todos os conteúdos do Ensino Médio, mas uma Matemática aplicada. Na Contabilidade tinha descontos, juros, porcentagem, entender a tabela Price. Essa tabela é horrível, você não entende, nem o bancário entende aquela conta de capitalização que você paga e continua devendo mais ainda.

Dentro da Construção Civil, ele usava toda a Geometria. Tinha uma experiência interessante: você tem um mapa, uma área de terra, então ele ensinava a usar o paquímetro. Nós construímos nosso paquímetro. Aprendi a usá-lo com ele. Vamos supor que eu quero calcular a área do Brasil, então, você corta um centímetro quadrado e pesa... Sei que nós pesávamos, que ele usava a balança... Tinha o centímetro quadrado... E via quanto dava a ligação, que transformações...

Era interessante como ele trabalhava porque ia à conceituação e usava recursos manipulativos. Na Análise Combinatória ele estudava os eventos, os jogos da sorte... No ensino de Probabilidade vou fazer um evento, jogo um dado, vejo quantas vezes pode ter o número um, o número dois, o número três... Registro a possibilidade de repetir um evento.

Vamos pegar outro exemplo, cara ou coroa, são duas alternativas, tenho a cara ou a coroa, então, o número de vezes que o evento acontece dividido por todas as possibilidades dará a porcentagem daquele evento acontecer. Ele apresentava primeiro uma experiência qualquer, não definia nada, e a partir dessa experiência tirava dados. Fazia a análise em uma tabela para, apenas, conceituar porque a definição requer um formalismo, mas primeiro preciso dessa manipulação. Usava-se a construção, a manipulação e a aplicação. Assim, por exemplo, no estudo da Parábola era a construção.

Ele construía a Parábola a partir de sua definição como Lugar Geométrico manipulando com régua e compasso o seu gráfico. O Imenes fazia um gráfico de linhas com preguinhos. Ele colocava um “V” e fazia as linhas, o que significa que foi virando uma Parábola, uma Parábola não, mas uma Catenária porque é limitada. E todas aquelas linhas que ele foi tirando e trançando eram as retas tangentes a essa curva no ponto determinado. Assim, posso conceituar o que é uma Parábola, posso definir de outra maneira, que é o lugar geométrico dos pontos de retas que tangenciam a Parábola. Ela vai ter os pontos que tangenciam a Parábola em determinado ponto e pontos impróprios. Nesse caso, ele manipulou, conceituou, e definiu.

Foi a partir daí que comecei a ver os Lugares Geométricos. Que é o Lugar Geométrico? É o conjunto de propriedades que uma figura tem, mas somente ela tem aquelas propriedades. Ele priorizava a conceituação e, depois, nós íamos para a manipulação e aplicação. Todo momento nós fazíamos essa ligação: conceituar, manipular e aplicar. Até hoje tenho seus livros: Aplicações da Matemática voltada ao...

Acho que não eram professores da Região [Oeste], eram só os de Cascavel,

mas como era uma parceria com o Núcleo Regional de Ensino não podia deixar só o Polivalente, outras escolas participavam. Eram professores de quinta a oitava e Ensino Médio. Vinham muitos professores, nós tínhamos um salão enorme, o laboratório da área de Construção Civil. Mas, fico em dúvida porque eu me lembro de uma excelente ex-aluna que era de uma cidade pertinho de Cascavel, a Romilda. Ela fez o curso do *Cabri*.

O Imenes veio, várias vezes, dar cursos, também, pelo Colégio Marista de Cascavel e os professores do estado podiam participar. A Cleidinha é uma professora de Matemática casada com um japonês. Ela participava de todos, mas com o marido, o Jairo que era professor do Marista e de outra escola particular, também. Não participei de todos os cursos porque a gente não era dispensada, mas participei de todos os cursos no Polivalente.

Nessa época, também, a professora Maria Lídia Szyimanski e a professora Sílvia [Gomes Vieira] Fabro trabalhavam na FECIVEL. Eram da área da Matemática. Junto com a Helena de Barros, que é da Biologia e aposentou pela [Universidade] Federal [do Paraná], e com a Zélia Miotto, fizeram o primeiro Curso de Especialização no Ensino da Matemática. Logicamente que eu fiz. Era aos sábado e domingos.

Nesse Curso de Especialização que a Sílvia e a Maria Lídia coordenavam o professor Imenes veio várias vezes dar cursos. Ele vinha com malas de material. A Célia Rupp Kavanag fez todos os cursos com ele, também. Vieram vários professores, na Semana da Matemática, também. Fiz um curso, pela CETEPAR, com um professor de Curitiba que se aposentou. Eram convidados professores da UEM, da Universidade Federal do Paraná... que ministravam cursos no Curso de Especialização da FECIVEL, mas, no Polivalente, o professor Imenes era “batata”. Quando abriu o Curso de Especialização em Educação Matemática na FECIVEL, eu ficava na primeira carteira. Eu era aluna e não formadora. Mas, no primeiro curso que elas abriram, não fiz a Monografia, porque eu já tinha Curso de Especialização. Eu só tenho o certificado de que participei.

O Colégio Polivalente viu que os alunos vinham com pouco conteúdo e com deficiência, não, talvez, de conteúdo, mas da sua forma de trabalhar. Então, decidiu-se abrir o ensino ginasial, mas com preparação para o aluno entrar no ensino profissionalizante. Abriu-se no período da tarde, depois, ampliou-se o ensino técnico para manhã, tarde e no noturno. Os professores se reuniram e discutiram a ementa, porque deveríamos fazer o máximo com aplicação. Para a distribuição de aulas,

procurou-se, ao máximo, esgotar os professores que já estavam ali.

Quando começou a funcionar o Ginásio foi lindo porque depois de primeira à quarta, ficamos, não lembro quantos anos, só com o ensino profissionalizante colegial. Vou colocar que, na realidade, demorou a ser profissionalizante porque os alunos saíram mais preparados para o vestibular do que para o profissionalizante. Eles tinham pouca aplicação nas específicas. Acho que a área em que os alunos mais se profissionalizaram foi a engenharia, porque conseguiam fazer projetos.

Havia, naquela época, uma maneira de duas horas-aula serem matérias optativas. Elas faziam parte do currículo, mas o aluno não reprova e era ciente disso. Nós tínhamos o Desenho Geométrico como matéria optativa, mas que precisava para a engenharia porque ela precisava das construções e dos conceitos. Tinha uma aula semanal em todas as séries, e a de Noções Básicas de Crédito e Finanças eram duas na sétima e duas na oitava série. O aluno precisava de hábitos de ordem e destreza com os instrumentos geométricos, assim, a partir da quinta série, ele já tinha o Desenho Geométrico e via a Geometria todinha, todos os Lugares Geométricos. Um fato maravilhoso, é que fui trabalhar Desenho Geométrico da quinta à oitava série.

A primeira experiência com o Desenho Geométrico, na quinta série, foi maravilhosa! Impressionante ver os alunos de quinta série com todos os instrumentos nas suas carteiras: régua, compasso e transferidor. No primeiro dia de aula eles já queriam usar todos esses instrumentos. Construí conceitos através das construções geométricas, eles sentiam “maravilhas” com o Desenho Geométrico e com a geometria.

Para a disciplina de Créditos e Finanças havia os escritórios-modelo equipados com as máquinas elétricas de datilografar. Começaram a dar cursos para o aluno trabalhar nos escritórios. Eles gostavam, gostavam...

Depois que eu me formei professora, eu quis fazer Curso de Especialização, não no ensino, mas na Matemática. Ele começou em 1987 e foi até 1989, com uma carga horária de 420 horas. Era para ser um ano da teórica e o outro para Monografia, mas teve uma greve.

Em 1986, abriu-se na UEM – Universidade Estadual de Maringá, o primeiro Curso de Especialização[74], não no Ensino da Matemática, mas o primeiro Curso de Especialização em Matemática. Eu e um grupo de professoras fomos para Maringá, e

[74] No Anexo 23 se encontra uma cópia digitalizada do Certificado de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em Maringá de Leila Deixun Franzini.

nos inscrevemos. Houve muitos inscritos, mas não teve uma seleção, todos os que se inscreveram foram aceitos. Houve uma turma de praticamente sessenta alunos, da região de Maringá e outras regiões como Cascavel, sendo que de Cascavel fomos em doze.

Esse curso aconteceu as sextas à noite e aos sábados o dia todo. A primeira disciplina foi Fundamentos da Matemática com a professora Maria Aparecida e os cinco melhores alunos dessa disciplina receberam uma bolsa da CAPES. Fechando essa disciplina, com 80 ou 60 horas, eu fui uma das classificadas para receber a bolsa. Esse curso foi, realmente, um Curso de Especialização para Matemática Pura, uma preparação para o Curso de Mestrado em Matemática Pura, que eles tinham intenção de abrir, futuramente.

No entanto, eu não consegui licença remunerada do Estado para frequentar o curso. Não se dava licença para os estudos. Eu consegui trabalhar lecionando e fazer o curso durante um ano, mas, depois que eu consegui esse financiamento da CAPES, pedi afastamento por dois anos do Estado para me dedicar, totalmente, ao Curso de Especialização. Terminei o curso na UEM em 1989. Houve uma greve na época, uma paralização das universidades, assim fiquei um ano parada, mas terminei minha Monografia. Trabalhei com a Teoria dos Quaternos e meu professor orientador foi o Osvaldo Germano do Rocio.

Esse curso me serviu muito porque nós tínhamos Geometria, Cálculo, Análise, Álgebra Linear e Estruturas Algébricas. Na realidade, era uma retomada do que foi meu curso de graduação, mas, com certeza, mais avançado. A Geometria foi interessante porque o professor de Geometria, Nelson Martins Garcia, quando soube que eu trabalhava Desenho Geométrico de quintas à oitava séries e era apaixonada pelo Desenho Geométrico, foi um motivador. Nós conversávamos muito: “Já que seus alunos são assim... dê isso... dê aquilo...” Quando eu lembro que nós trocávamos essa “conversação”.... É emocionante! Conceitos que eram de oitava, eu conseguia na quinta. Eu seguia com a mesma turma na quinta, na sexta, na sétima e na oitava série. As disciplinas que eles mais gostavam era a Geometria e o Desenho.

Foi dificílimo conciliar o curso, o trabalho e a família porque o curso exigia muito, tanto como a escola e a família, também. A pessoa que mais me ajudou, nesse momento, foi meu marido Arnaldo Franzini. Minha família me ajudou muito! Isso foi fundamental, mas foi muito difícil!

Quando terminei o Curso de Especialização, voltei para o Colégio Polivalente,

mas não senti mudanças. Assumi, na época, o Desenho Geométrico para as quintas, sextas, sétimas e oitavas e, em Matemática, peguei o Ensino Médio pela manhã porque a noite era para a Faculdade de Ciências e Letras de Cascavel que iniciei em 1986.

Em 1989 houve um concurso na Faculdade de Ciências e Letras de Cascavel. Ela era municipal e precisava de professores de Estruturas Algébricas. Era a época em que eu estava terminando o Curso de Especialização na UEM. Eles falaram: "Leila você pode se inscrever e fazer a prova seletiva". Fiz e, na minha banca de seleção, estava o professor Nelson Martins Garcia, de Geometria, o Professor Osvaldo Germano do Rocio e uma pedagoga da Federal do Paraná que é amiga da Célia[75] e da Tânia[76]. Era Estruturas Algébricas: Grupo, Anel, Corpos... Essas matérias. E, nós já tínhamos terminado, quem deu essa matéria para mim [na UEM], Álgebra, foi o professor Valdemir, que foi meu orientador na Monografia. Ele foi um ótimo professor! Eu e outro professor de Foz do Iguaçu, um baixinho, que eu não sei o nome, fizemos a prova. Quando eu vi a ementa... Meu Deus do Céu! Eu sabia, eu gostava de Álgebra e o Valdemir dava uma aula muito boa. Fui aprovada, mas era fácil, você sorteava um ponto e preparava uma aula. Foi duro se apresentar porque eu tinha que falar de modo que a pedagoga, também, entendesse.

No primeiro dia, sortearam um conteúdo, o mesmo para os dois, e você tinha que descrever sobre a disciplina para eles compararem. Tinha um horário para entregar. Você tinha, também, uma hora para usar o livro que quisesse, mas não podia fazer anotação era só para dar um encaminhamento metodológico, o que iria descrever. Acho que caiu Corpos. No outro dia, você dava uma aula de outro conteúdo, para mim caiu Grupo Abeliano. Tinha que falar sobre o conteúdo em si, definir o que é um Grupo Abeliano, as propriedades, porque eles eram Matemáticos.

Na FECIVEL não havia departamento por área, não havia Departamento de Exatas e se trabalhava, na época, Ciências e Matemática. Depois, houve uma separação. Na época que eu assumi já havia tido a separação. Os alunos eram do noturno, trabalhadores, de uma realidade escolar como qualquer outra universidade, com poucas opções para formação, para cursos de graduação: Ciências, Letras e Matemática. Tinha só essas três áreas na época. Lembro-me que na primeira turma houve somente dois formandos na área da Matemática e uma não exerceu a

[75] Célia Rupp Kavanag.
[76] Tânia Stella Bassoi.

profissão.

As Práticas eram em conjunto com o Curso de Ciências. Existiam professores que coordenavam as Práticas de Ensino nos cursos de formação, tanto das Ciências como da Matemática: a professora Zélia Miotto e a professora Helena de Barros... Não se fazia uma disciplina, mas a forma, a execução, o tempo, as atividades e os estágios. A Monografia de conclusão de curso era em conjunto, porque antes era Ciências e Matemática. Após alguns anos, separou as Pedagógicas da Matemática.

Os alunos eram atenciosos e queriam estudar. Muitos queriam, realmente, ser professores. Eram alunos mais maduros, sabiam o que queriam, não tinham uma postura infantil. Havia muitos alunos que já atuavam na área, mas não tinham formação específica da Matemática pela falta de cursos. Isso é um ponto chave! Talvez, muitos eram formados somente em Ciências, que dava oportunidade de lecionar Matemática.

Um fato que posso relatar que marcou o início da minha carreira e me acrescentou, foram as disciplinas Metodológicas. Eu tinha Estágio Supervisionado e a disciplina de Estruturas Algébricas. Nessa época, eu tinha uma carga horária de vinte ou vinte e quatro horas, então complementei com Estágio Supervisionado. Peguei alunos da Matemática e da Ciências. Ocorreu a separação do Curso de Ciências e Matemática e se criou o Curso de Matemática, mas ainda havia alunos que não tinham terminado. Eu trabalhava Desenho Geométrico e algumas aulas de Prática de Ensino, nessa turma de Ciência e Matemática.

Quando os alunos da Matemática foram para as Práticas de Ensino, também peguei alguns alunos. O trabalho com as Práticas me marcou! Foi interessante porque o grupo formado era unido, coeso, ativo, mas o Matemático, cada um no seu gabinete, cada um no seu “quadrado”. Eu, a Helena [de Barros], a Zélia [Miotto], a Tânia [Stella Bassoi] e a [Maria] Lídia [Szymanski] tínhamos reuniões. Trabalhávamos em conjunto, discutíamos, planejávamos, pedíamos auxilio.

A Prática de Ensino me marcou muito porque eu nunca tinha atuado nessa disciplina. Os alunos eram interessados, superpreparados. Iam aos colégios e ministravam aulas. Eles tinham mais horas do que é atualmente. Nós fizemos Estágio Supervisionado no Colégio Marilis no período da manhã e da tarde.

Um fato que marcou é que uma aluna não tinha o conteúdo necessário para ensinar. Ela tinha didática, mas ensinava o conteúdo de sétima série errado. Então, como orientadora dessa aluna, dei oportunidade, auxiliei, mas ela tinha mesmo falta

de segurança no conteúdo. Essa aluna foi reprovada, não só em Matemática, mas em Ciências, também. A Zélia Miotto dava Ciências e eu trabalhava com a Matemática, mas a nota era dada em conjunto. Nós fazíamos uma média. Tivemos uma reunião e retemos a aluna. A dificuldade dela era na Álgebra, então, ela fez a disciplina dentro do Curso de Ciências com o professor Nilton.

Depois que a FECIVEL passou para UNIOESTE ocorreram mudanças nos cursos de formação. Primeiro houve separação das Ciências e da Matemática. Havia queixa do pessoal das Ciências, da Helena [de Barros], pois o curso não preparava bem para Ciências nem para a Matemática. Com a separação houve melhor transmissão de conteúdos, de conhecimento específico das áreas nas suas matérias especificas: Ciências, Biologia, Matemática, Física, Química... Mas não houve tanta modificação nas Práticas. Elas ficaram para os últimos anos do curso e não havia Pedagógica no terceiro ano. Depois, a cara da Universidade foi se modificando porque os professores fizeram seus cursos. A professora Tânia fez o Mestrado e o Doutorado, a professora Sílvia fez o seu Doutorado.

As universidades federais e estaduais se reuniram em Curitiba, na Universidade Federal do Paraná, para discutir... Até a professora, dentro da Educação, Ettiene Cordeiro Guérios deu a maior contribuição. Houve uma transformação! Todos os cursos do Paraná tiveram a primeira reformulação referente às Pedagógicas, na época de 2000, 2002. As práticas tiveram outra cara, tiveram a teórica. Experimentou-se, uma época, a Psicologia ser no primeiro ano...

De FECIVEL para UNIOESTE houve uma mudança tremenda porque ela teve que se enquadrar com todas as universidades. Houve uma terceira reformulação depois de 2000 que gerou uma discussão da área específica: “Porque tanta prática?” Sorte que tinha um pessoal... Mas foi uma determinação. Houve uma mudança. Mudou muito, muito... A dissertação, quanta contribuição! O relatório, antigamente, era pequeno, de algumas páginas passou para uma Monografia, tudo documentado e com fotos do que tinham feito. Ficou maravilhoso! Ótimo! Apresentação de Monografias, porque antes não havia... Grupos, maravilhosos... Nesse momento é que eu gostaria de começar a lecionar e estar preparada...

Fui considerada pelos meus alunos uma professora super preocupada com o desenvolvimento do estágio supervisionado. Participava com meus alunos em todos os momentos das realizações de projetos de ensino no ministrar aulas em salas no colégio. Esse era e é o momento mais sagrado, o momento do fazer de sua prática.

No Estágio a gente ouvia: “Você é mãe. Você é mãezona...” Tem gente que acha isso ruim... O que significa esse mãezona... “Mãe” é saber ouvir em primeiro lugar. Primeiro ouço o que o aluno fala, paro e penso no que ele falou, tenho um diálogo com esse aluno, com respeito, logicamente falo, acrescento em relação ao conteúdo que ele está mostrando. Então, o professor tem que sempre ser orientador em todos os sentidos: na formação, nos conteúdos. Mostrar o que está errado naquele exercício, mas nunca apagar, nunca falar que está tudo errado e sim que houve um equívoco. Existem maneiras e maneiras de arrumar aquilo, mas arrumar com carinho, sem agredir o trabalho, porque se o aluno fez um trabalho não posso desprezá-lo totalmente.

Logicamente, muitos professores e amigos me conheciam porque nós trabalhávamos na Faculdade de Ciências e Letras de Cascavel, eu dava curso de capacitação em Cascavel e Região [Oeste] para professores de primeira a quarta.

Na época já tinha a ASSOESTE [Associação Educacional do Oeste do Paraná]. Trabalhei anos com cursos de formação da ASSOESTE, desde 1984. A professora Sílvia Fabro foi uma colega que sempre me convidava para eu trabalhar na faculdade, mas, como eu queria fazer o Curso de Especialização, eu falava: “Sílvia, agora eu não posso.” Então, ela me convidava para esses cursos de capacitação com ela e com a professora Maria Lígia Szymanski. Nós íamos para as cidades. Primeiramente, discutíamos e preparávamos os recursos... Todo material como cola e tesoura, você pedia para a ASSOESTE. Nós recebíamos tudo. Nós tínhamos prazo para entregar a apostila. Os cursistas recebiam as apostilas que preparávamos. Havia uma sugestão da ASSOESTE sobre os conteúdos, os materiais e as metodologias utilizadas nos cursos e quem encaminhava era a Neiva [Galina Mazzuco], a Sílvia e a Maria Lídia.

Todos os professores de primeira à quarta séries, da Região Oeste, eram abrangidos pelos cursos da ASSOESTE, mas quando o curso acontecia em Nova Aurora eu não sei dizer se só vinham professores de Nova Aurora ou se vinham professores de Cascavel, de Dois Vizinhos, de outros municípios porque isso era uma deliberação e tinha que suspender as aulas para os professores não terem aula naquela semana. Acho que o município atendia os colégios da sua região porque vinha gente de fora, professor que trabalhava no rural.

A ASSOESTE tinha vários recursos metodológicos e manipulativos. Trabalhávamos com material dourado e com cartaz de pregas. Levávamos a ideia de

comprimento, área e volume. Os materiais eram os canudinhos coloridos que você trocava: cada dez canudinhos verdes vale um amarelo, cada dez amarelos vale um azul, cada dez azuis vale um branco... Em cima de trocas você via o sistema de base dez. Você trabalhava com várias bases: jogo do nunca dois, jogo do nunca três, do nunca cinco... Depois do nunca dez, você ia na dezena e trabalhava com o Sistema Decimal. Construía o conceito de número, de numeral e ligava isso ao Sistema Métrico. Trabalhava suas várias mudanças: o pé do rei, a polegada... Trabalhava os vários sistemas juntos, a construção, o ato de medir, o que é medir, comparar medidas. Você usava vários instrumentos, o palmo do aluno, o palmo do professor e via que isso dava diferença, que precisava de uma unidade universal. Logicamente, você usava a aplicação e a manipulação.

Nós fazíamos todos os materiais. Construíamos o metro quadrado e víamos quantas pessoas cabiam em um metro quadrado... Levávamos o cubo... Conseguíamos construir, na sala, um metro cúbico com um papelão duro... Um decímetro cúbico construído de latão... Um decímetro cúbico pesa um quilo... O metro cúbico, várias formas de cilindros, cones, a balança... Você fazia ligações com esses recursos. Construía tudo com material manipulável, tudo visualizando, tirando de situações-problema. Nós tínhamos nossos materiais, materiais didáticos que os alunos sentiam... Construíamos conceitos... Para o trabalho de conceitos Geométricos usávamos quadros de madeira quadriculados com linhas e preguinhos. Você trabalhava os quadriláteros, os polígonos, figuras abertas e fechadas...

O professor João Cândido trabalhou muito com os deficientes visuais. No vestibular, nós ajudávamos os deficientes visuais com esses recursos, construindo as figuras com cartolina, cola e linha e ele tinha o que é uma circunferência ou uma parábola.

O material que eles têm lá [UNIOESTE], nenhuma faculdade tem igual, enquanto que o estágio supervisionado, na área, caminhava que nem tartaruga, eles tinham recursos assim...

As salas eram enormes... Nós viajávamos para todas as cidades do interior: Dois Vizinhos, Goioerê, Nova Aurora... Quando nós viajávamos para ministrar os cursos, a ASSOESTE pagava todas as despesas dos professores formadores e dos professores cursistas porque nós íamos de ônibus. Tinha um carro da ASSOESTE que passava na nossa casa e, também, pegava todos os professores. Nós íamos juntos, passávamos o dia todinho e à tardinha, cinco horas, terminava o curso.

Ficávamos a semana toda porque eles tinham que participar e fazer seus materiais. Éramos muito bem recebidos! Era maravilhoso! Era uma troca de experiências porque a gente aprendia muito com eles, como eles faziam e você olhava e repensava a maneira deles executarem seus trabalhos. Isso foi muito enriquecedor para mim.

Nós preparávamos todos os conteúdos igualmente porque cada um ia para uma sala. Nós nos reuníamos na ASSOESTE: a professora Sílvia Fabro, a professora Tânia Bassoi, a professora Maria Lídia e a menina que é psicóloga, professora da Universidade, a professora Neiva Galina, que era da ASSOESTE. Ela era maravilhosa! Ela é da Pedagogia, da área da Educação, e atende de primeira à quarta, mas nenhum matemático é como ela.

Nós nos juntávamos, aos sábados e domingos, na casa da professora Sílvia Fabro porque nós tínhamos um prazo para entregar as atividades. Tínhamos que colocar situações, aplicações, dar conceitos e manipulação para o professor. Passávamos o dia inteiro discutindo e cada uma dava a sua ideia. Discutíamos os conteúdos pela manhã e à tarde e víamos as metodologias e os materiais. Nós fazíamos um planejamento não fechado porque você sabe que nada é fechado na Matemática. Você começa e, daqui a pouco, um professor tem mais experiência do que você que está lá na frente. Você escuta o professor.

A Neiva tinha todos os recursos para trabalhar. Nós construíamos com os professores porque cada um tinha que levar esses recursos para as suas regiões, seus municípios, suas comunidades, suas escolas. Nós trabalhávamos com os professores de primeira à quarta das regiões e dos municípios. Não ficávamos nos exercícios, usávamos construção, conceito, manipulação e aplicação. No papel tinha conceitos através de materiais manipulativos e, a partir dos conceitos construídos, você definia e tinha algumas manipulações, exercícios, situações-problemas para eles aplicarem, usarem aqueles conceitos que nós dávamos para eles. Era tudo documentado e durante o desenrolar do curso, logicamente, trocávamos as experiências.

Aprendi muito, muito... Porque, na realidade, eu não ensino ninguém... O ensinar exige amor, paciência, dedicação e você tem que ouvir o outro. Assim, no curso da ASSOESTE, em primeiro lugar, nós pedíamos como eles faziam, você escutava, não só eu falo, não é monólogo. Ensinar é trocar. Logicamente, eu tenho um objetivo ao ensinar que é passar do empírico, da experiência deles para certa construção que eu tenho que definir e registrar. Depois, que definiu, construiu

conceitos através dos lúdicos, dos exemplos do seu contexto, do seu dia a dia, construía tabelas... Tabelas é tudo! Na tabela eu tenho o registro de tudo o que está acontecendo. Quando o aluno constrói uma tabela, vê o que está acontecendo com aquela formação com aquela sequência de acontecimentos e pode generalizar. Então, eu posso definir, mas para isso tenho que dar liberdade para o outro pensar. Eu tenho que saber ouvir...

Assim, o segredo em qualquer que seja a profissão é amar o que faz. Hoje, quando eu tenho aulas particulares, vejo que os alunos de escolas particulares seguem a apostila e, quando olho aquilo, “dói na alma” porque é tudo resumido, fechado, não dá liberdade para o aluno expandir, pensar e construir. Ele tem que pensar preso no que está ali. Não há nem espaço suficiente para alguma construção geométrica com régua e compasso.

Os professores do nosso grupo eram só da Matemática e trabalhamos muito tempo, praticamente uns seis anos, depois, a professora Sílvia Fabro se aposentou e a Maria Lígia e a professora Tânia foram para o doutorado. Sei que o trabalho deles continuou, porque já tinham um alicerce, um grupo de professores de Matemática formados pela UNIOESTE que trabalhava dentro da ASSOESTE. Isso foi na década de oitenta.

Em meados da década de noventa, tentei fazer o Mestrado em Educação Matemática na [Universidade] Federal do Paraná, o Curso de Mestrado em Educação Matemática. Fiz, mas eu tinha pouquíssima leitura em Educação Matemática. Na prova escrita eu tinha experiências, mas eu não tinha leituras dentro da Educação Matemática, dos autores que eles pediam, que eles recomendavam. Fui crente de que minha experiência bastava e não basta, com certeza. A experiência tem que ser unida à Educação Matemática, você tem que pegar tua experiência segundo “fulano”, segundo “beltrano”, então, não fui aprovada e continuei minha vida de escolaridade, trabalhando na Faculdade de Ciências e Letras de Cascavel, que depois passou para UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Trabalhei com Desenho Geométrico, Geometria Euclidiana e Estágio Supervisionado na formação de professores e, outras vezes, trabalhei com Álgebra Linear, Cálculo, Geometria Analítica, nas engenharias. No curso de formação, não tínhamos [Geometria] Descritiva. A gente trabalhava um ano de Desenho Geométrico, com pouquíssimas coisas como o rebatimento, questões de rotação e translação. No curso de formação de professores, trabalhei muitos anos, também, com Prática de

Ensino. Fui orientadora de várias Monografias e a maioria optava pela Educação Matemática. Com isso, logicamente, eu lia vários livros e isso me acrescentou muito. Aprendi muito orientando alunos do Curso de Formação de Professores de Matemática, na Educação Matemática.

Trabalhei com Cursos de Extensão Universitária da Universidade UNIOESTE. Íamos para as regiões: um ano era no centro de Cascavel, outro ano era em Foz do [Iguaçu], outra vez era em Toledo... Acontecia cada ano em um dos campos da UNIOESTE.

Eu trabalhava, também com Curso de Especialização em Educação Matemática da UNIOESTE. Depois que tiveram esses cursos, que o Imenes deu, a professora Maria Lídia coordenou o primeiro Curso de Especialização na área da Matemática. Quando a Sílvia se aposentou e saiu, ficou a Maria Lídia, mas, como era muito ocupada, a Célia Rupp Kavanagh ficou na coordenação geral e me convidou: “você vai trabalhar um módulo, você vai trabalhar Geometria”. Eu só tinha Especialização na Matemática [UEM] e a professora Célia também tinha só Especialização. Aí, expus a ementa, para elas verem o que eu ia trabalhar. Trabalhei alguns módulos com o *Cabri [Geometre]* na Geometria, precisei das Novas tecnologias e do Desenho Geométrico com régua e compasso.

A professora Célia trabalhou com Modelos Matemáticos voltados para primeira à quarta. O Curso de Especialização não era só de primeira à quarta porque uma professora do Colégio Marilis fez e não era de primeira à quarta, mas podia participar porque o curso era muito aplicativo. A Célia usou uns modelos para aplicação de primeira à oitava séries, não tinha nada de Ensino Médio.

Viver no município de Cascavel foi maravilhoso! Trabalhei vinte e cinco anos na escola pública e me aposentei no Colégio Pedro Boaretto Neto que, no final de 1998, mudou-se as políticas. Dizia-se que a escola não dava formação acadêmica para o aluno seguir o vestibular, então, o Governo do Estado do Paraná, fechou, infelizmente, todos os cursos profissionalizantes. Então, se fechou tudo o que nós, o colégio, os diretores, os professores, com a ajuda da comunidade... Laboratórios com aquelas máquinas que eles precisavam, os laboratórios de Construção Civil, de Saúde, de Agropecuária, Crédito e Finanças tinham computadores, tudo isso ficou inutilizado. A comunidade de Cascavel e região lutaram contra o fechamento desses cursos porque eles atendiam ao conteúdo, lógico, nossos alunos passavam nos vestibulares e muitos trabalhavam da sua formação. Muitos alunos foram para a

Construção Civil, outros tinham empregos na Saúde. Eles tinham uma excelente formação com os professores da Saúde. A região, realmente, precisava dos alunos do Curso de Agropecuária. Os alunos do Curso de Crédito e Finanças iam às Contabilidades.

Iniciei no ensino público, no estado do Paraná em 1973. Foram vinte e cinco anos de trabalho gratificante no Ensino Fundamental e Profissionalizante. Foram anos de lutas para melhoria do ensino público estadual, participações nas lutas de nossa categoria. No Polivalente participamos juntos para arrecadar fundos para a construção dos laboratórios do ensino profissionalizante. Foram anos de trabalho de docentes, técnicos, direção, APM [Associação de Pais e Mestres] e comunidade. Foi maravilhoso colaborar com o crescimento estrutural e com a formação acadêmica de nossos alunos.

Uma coisa interessante é que os alunos do curso de formação de professores de Matemática faziam estágio, também, no Colégio Polivalente e viam como as aulas eram e que davam formação acadêmica, formação matemática. Os professores eram excelentes porque nós tínhamos um quadro de professores permanentes. Não havia oscilação, conseguíamos ter uma estrutura. Era importante manter uma estrutura de professores que permaneciam na escola porque, com isso, tinham cursos e orientações.

O Colégio era muito de capacitação, de cursos que formavam mesmo. O educador era preocupado com seu ensino, com seu conteúdo e com sua prática.

A escola buscava professores da Faculdade ou de outras faculdades para nossos cursos. Então, vinham, primeiramente, dar um curso da Educação em si. O CENAFOR[77] era um Centro de Formação para os cursos técnicos profissionalizantes e vinham professores de São Paulo, do Paraná...

O professor Calssavara lecionava na Faculdade [UNIOESTE] e era coordenador do curso profissionalizante. O Polivalente era um colégio nacional, tinha Polivalente no Brasil todo: em São Paulo, em Minas [Gerais]... As reuniões de orientação eram em São Paulo, Capital. Havia momentos que ele convidava professores porque era um dos representantes. Ele era coordenador de todos os cursos técnicos do Colégio Polivalente, mas os de quinta a oitava era do Núcleo

[77] Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional. No Anexo 24 se encontra uma cópia digitalizada de um certificado de participação de um curso promovido pela CENAFOR EM 1986.

Regional.

Os cursos tinham uma formação para trabalhar com cursos profissionalizantes, como o SENAI[78] que dá um curso maravilhoso. Os professores ministravam cursos para todos os professores da área comum e da profissionalizante, coordenadores de área, direção, orientadores, secretaria... Eles tratavam de orientação geral: como é o mundo, as modificações do mundo... Não era específico como o curso do professor Imenes. O professor Carlos chamou vários professores pela CETEPAR[79] que oferecia cursos mais abrangentes, da ideia do profissional, do que precisava. O curso "Atualização das Equipes da Secretaria Especialista em Professores das Escolas Industriais" era um acordo MEC com os colégios Polivalentes, foi o professor Carlos que chamou. O curso "Treinamento e Medida de Avaliação, Técnico de Instrumentos de Medida, CETEPAR", foi feito em Cascavel. Fiz vários cursos pela CETEPAR.

Os cursos tinham como objetivo o aluno porque ele precisava do conteúdo construído para sua aplicação e sua manipulação. Ele tinha que ter raciocínio geométrico e espacial, saber manipular, onde e como aplicar as relações Matemáticas, fazer cálculos matemáticos, saber ler, interpretar e buscar na sua formação aquilo que ficou construído interiormente.

Eu e a Tereza viajamos para São Paulo participar de um curso do CENAFOR, o Carlos nos acompanhou. Parece-me que nós tivemos três anos consecutivos, mais do que isso nós não tivemos do CENAFOR. Isso aconteceu depois de que eu voltei da Especialização.

Assim, trabalhar no Colégio Polivalente Pedro Boaretto Neto foi enriquecedor, também, para minha formação. Muitas vezes fui convidada para trabalhar em escolas particulares, mas eu nunca tirei o Estado porque ele me dava liberdade para eu atuar à maneira que eu gostava. Nós tínhamos livros do MEC, mas não seguíamos fielmente. Eu era dona do mimeógrafo, vivia mimeografando os probleminhas, as atividades que eu realmente pudesse aplicar. Tirava de vários livros ou inventava. Tínhamos o livro do professor Imenes com várias aplicações para o Ensino Médio. Não era o MEC que mandava o professor Imenes, o Colégio fechava juntamente com a Regional de Ensino, a Secretaria de Educação e pedia os cursos de capacitação

---

[78] Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

[79] Centro Excelência Tecnologia Educacional. No Anexo 25 se encontra uma cópia digitalizada do Certificado de um curso promovido pela CETEPAR em 1986.

para toda...

Políticas educacionais vivenciadas... Tive Políticas Educacionais vindas de cima para baixo. Tinha que ser como estava escrito, mas houve uma mudança a partir da década de noventa. Nós nos reunimos nas escolas porque tínhamos que formar um projeto educacional. Ficamos uma semana discutindo como deveria ser a escola, o ensino, a ação do diretor, do orientador, do supervisor... Depois, nos reuníamos, especificamente, pelos conteúdos, como deveriam ser os conteúdos, o que dar no Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Aí, mandaram isso para a estância maior, para o Núcleo. Não sei como está hoje, se veio alguma reposta sobre isso, se mudou alguma coisa, se aproveitaram aquilo, porque me aposentei e sai da escola em 1998. Sei que essas políticas valeriam por dez anos, eles falavam decágono. Era uma luta porque ficávamos manhã, tarde e noite discutindo, planejando, argumentando, sonhando com um projeto educacional para a nossa realidade.

Depois de 1990, falando dessas políticas educacionais, houve uma ação do orientador, do supervisor e do diretor. Nós nos fechávamos, discutíamos e fazíamos um relatório. O Colégio Polivalente se ocupava muito das reuniões pedagógicas que eram feitas, geralmente, aos sábados pela manhã, e, a partir dessas discussões, houve muita mudança, até nos conselhos de classe e nas reuniões com os pais que eram primordiais.

Acontecimentos políticos e sociais... Na época em que cheguei a Cascavel, não lembro o prefeito, falava-se que havia muita área de terra sem registro. Tinha a questão da tomada de posse, uma briga judicial sobre a posse da terra. Chegavam pessoas de fora e tomavam aquele lugar, e não tinha registro. Havia muito a questão da grilagem. Não presenciei isso, apenas ouvia o comentário de alunos sobre pessoas que foram mortas pela briga de posse de terra. Elas moravam em lugares retirados e falavam que a documentação tinha sumido. Havia muita briga na questão de posse de terra porque tinha muita área para ser explorada.

Motivos que me fizeram escolher a carreira docente... Acho que pela experiência que eu vivi do ensino da matéria, matéria linda, maravilhosa, a matéria Matemática! Minha vida como professora foi maravilhosa! Eu me aposentei no Estado em 1998 e me aposentei na Faculdade [UNIOESTE], tenho duas aposentadorias. Em 2010 voltei para Barretos porque minha família é toda daqui da região. Foi uma opção ficar mais perto da mãe, dos familiares. Morei em Cascavel de 1974 a 2010 e deixei muitas recordações boas, amigos bons, professores, colegas da Universidade, do

Estado. Tenho um grupo grande de ex-alunos... Gosto do que eu faço, amo e sempre amarei o que eu faço! Resolvi não voltar para escola, mas dou aulas particulares em casa.

Ainda hoje, acompanho e recebo os livros da Revista do Professor de Matemática e faço leituras das publicações, de algumas coisas dos jornais, que a gente recebe, dentro da Educação. Sinto falta da sala de aula... Eu trabalhava, praticamente, manhã tarde e noite, mas tinha um empenho, uma dedicação! Em primeiro lugar a escola, a minha vida sempre foi assim... Em primeiro a escola e em segundo lugar a minha família. Sempre voltei, sempre para a escola... Amava e amo! Amei muito o que eu fiz e não me arrependo de nada.

Acho que plantei um pouco do ensino que, na realidade não tem segredo... Sempre falei para os meus alunos, nos meus cursos, que a sala de aula é o tempo, é neste momento que eu tenho que dar tudo de mim para conseguir um mínimo, mas que não tem importância, porque se eu estou exigindo o máximo de mim e, em cada aula, eu conseguir um mínimo, um pouco, ao final do ano, eu vou conseguir que seja metade. E a escola nos dava a liberdade de seguir turma, assim, no outro ano, você já sabia tudo daquele aluno, como trabalhar com ele.

Então, eu sou muito feliz... Se fosse para voltar, voltaria igual... Não tão igual porque eu teria minha experiência de trinta e cinco anos dentro de uma sala de aula, começaria certinho... Assim, em minha opinião, o aluno de qualquer Curso de Formação deveria, já no primeiro ano, ter certas experiências de sala de aula. Hoje, a escola precisa tanto de projetos, porque não, no primeiro ano, ter um começo desses estágios? O aluno ter experiências com projetos com o objetivo de construir conceitos? Porque, conteúdo Matemático Puro, lógico que ele tem, pois passou no vestibular, mas para formar conceitos ele tem que aprender, porque ainda tem professores que não sabem conceituar um conteúdo. Então, eu mudaria isso, primeiro passaria por projetos depois, para o estágio supervisionado, mas, lógico, com um professor, da Educação Matemática, orientando esses alunos na formação de grupos.

Eu estou muito contente, feliz e agradecida por estar contribuindo com esta pesquisa. Que beleza é contribuir e, logicamente, gostaria de contribuir muito mais porque nada é perfeito, qualquer que seja nosso trabalho, a gente vai dizer: “Eu deveria ter feito melhor, deveria apresentar melhor isso.” Sua experiência faz você, pensar, atuar e a partir daí você vai consertando e crescendo. Num curso de formação, antes de tudo, precisa mesmo o querer. Pena que muitos jovens não têm opção por

falta de oportunidades porque, às vezes, vai trabalhar num curso de graduação noturno porque não tem outros cursos para ele, e seria um excelente profissional.

A gente vê no olhar do aluno quando ele quer aquilo, está determinado, com o objetivo construído, mas vejo, hoje em dia, que o aluno é muito imaturo, no primeiro ano, em todos os sentidos: conhecimento, ter um objetivo concretizado, saber o que vai fazer... Porque aquele que sonha e busca, faz e ninguém segura, ele vai longe.

Sempre me dediquei exclusivamente para a Educação e estou feliz pelo fato de que uma ex-aluna venha de Curitiba para Barretos, para fazer uma entrevista comigo. Eu me senti muito feliz mesmo!

4.4 CARLOS ROBERTO CALSSAVARA

A primeira entrevista com o professor Carlos aconteceu no dia 24 de setembro de 2013 no período da tarde. O professor preferiu ceder seu depoimento no seu local de trabalho, na UNIOESTE, onde, atualmente, exerce a função de Coordenador Geral de Concursos e Processos Seletivos. O professor Carlos foi indicado pelas professoras Leila Deixun e Tânia Bassoi pela sua dedicação ao magistério por mais de quarenta anos, participando de cargos administrativos e lecionando a disciplina de Matemática e Física tanto em escolas estaduais de Cascavel como na UNIOESTE. O professor Carlos também era um velho conhecido da UNIOESTE.

Apesar de eu ter encaminhado a carta de apresentação por e-mail e ter conversado com o professor, pelo telefone, sobre os procedimentos da pesquisa, ele pensou que eu faria perguntas e sugeriu que ficássemos em sua sala, mas além de dividir a sala com mais duas pessoas, naquele dia, havia alguns trabalhadores fazendo reformas na sala ao lado inviabilizando a entrevista por conta do barulho das furadeiras.

O professor percorreu alguns setores da Universidade a procura de alguma sala para nossa entrevista. Comentou que por estar aposentado não tinha mais o direito de solicitar salas de aula, mas como o professor Carlos é uma pessoa bastante conhecida na Universidade, conseguiu uma sala. Percebi que essa situação deixou o professor um pouco desconfortável e fiquei com receio de que a entrevista ficasse comprometida.

Após nos acomodarmos na sala, pedi ao professor que lesse a carta de apresentação, mas ele disse que não havia necessidade. Iniciei nossa conversa retomando os interesses e procedimentos da pesquisa. Entreguei as fichas com os temas ao professor, que as leu e disse que poderia comentar um pouco sobre cada uma. O professor Carlos selecionou algumas fichas, as colocou em uma determinada ordem e comentou brevemente sobre alguns temas, deixando outros de lado como sua escolaridade na infância e juventude.

O professor comentou brevemente sobre sua participação na implantação de cursos profissionalizantes e na formação docente para atender essa modalidade de ensino, quando trabalhou no Núcleo de Educação. Outro fato de destaque é sua participação em diversos cargos administrativos da UNIOESTE e no Colégio Estadual Wilson Joffre, primeiro a oferecer o ensino colegial de Cascavel. No entanto, preferi deixar as perguntas para a segunda entrevista.

Finalizei nosso encontro comentando que após transcrever e textualizar a entrevista gravada, marcaria uma segunda entrevista. Aproveitei para pedir documentos e fotos da época e o relembrei da necessidade de assinar uma carta cessão. O professor disse que não havia problemas, mas que eu deveria ligar com antecedência porque ele viaja com regularidade para Foz do Iguaçu por conta de assuntos profissionais.

Agendamos um novo encontro para o dia 10 de dezembro de 2013. O professor preferiu ceder a segunda entrevista, também, na UNIOESTE, no entanto havia reservado uma sala com antecedência. Iniciei explicando que faria perguntas sobre as questões levantadas na entrevista anterior. Percebi que para esse encontro o professor estava mais à vontade e descontraído para contar sobre sua escolaridade e vida profissional. Pude identificar na fala do professor Carlos o tom saudosista sobre a qualidade do ensino do grupo escolar e do ginásio em Cosmorama. Sua contratação na UNIOESTE, a participação no Núcleo Regional de Ensino de Cascavel com a implantação dos cursos profissionalizantes na década de 1970 e a carreira como docente e diretor do Colégio Estadual Wilson Joffre ocupam um lugar de destaque nas lembranças contadas pelo professor Carlos.

Encerrei nosso encontro, como fiz para os demais depoentes, pedindo documentos antigos e fotos sobre a época e comentando da necessidade dele assinar a carta de Cessão.

Encaminhei o texto final para apreciação e validação no dia 25 de setembro

de 2014, no entanto, o professor preferiu que fizéssemos esse trabalho de correção conjuntamente, em sua sala na UNIOESTE, na segunda quinzena de outubro, quando estive em Cascavel para finalizar a pesquisa. Foi uma situação bastante interessante e proveitosa. Lemos conjuntamente o texto fazendo as correções e ajustes necessários. Aproveitamos esse momento, também, para listar alguns documentos que seriam interessantes anexar em sua entrevista, que o professor cedeu para digitalização no dia seguinte.

FIGURA 19 – PROFESSOR CARLOS CALSSAVARA EM SUA SALA NA UNIOESTE
FONTE: A autora (2014)

Eu me chamo Carlos Roberto Calssavara. Nasci no dia 08 de novembro de 1950. Sou paulista, do interior do Estado de São Paulo. Meu pai, falecido, chamava-se João Calssavara, minha mãe Alzira Manholer Calssavara. Minha família é composta de sete irmãos, uma família grande de italianos, mas, no Estado do Paraná sou único, porque os demais moram no interior do Estado de São Paulo, cidade de Mirassol que fica ao lado de São José do Rio Preto. Uma cidade boa! Morei em Cosmorama até os treze anos, depois vim para o Estado do Paraná, na cidade de Cianorte, onde fiz a minha vida profissional. Morei junto com um tio, irmão do meu pai. Depois de Cianorte vim para Cascavel e nessa época já estava graduado.

Atuei a vida toda na escola pública estadual, na educação básica, inicialmente como professor primário, depois, em cargo administrativo no Núcleo de Educação e, paralelo, também, na Universidade como docente de Matemática dentro do Colegiado de Matemática, com ênfase, principalmente, na parte de Educação. Sou formado, também, em Pedagogia com habilitação em Administração Escolar.

Estudei o ensino primário, de primeira à quarta série, e o ensino ginasial, de quinta a oitava série, na cidade onde eu nasci chamada Cosmorama que é bem próxima a Mirassol. Foi onde vivi até os meus treze anos, depois vim para o Paraná fazer o Segundo Grau. Fiz o Ensino Fundamental, em Cosmorama, interior de São Paulo, muito bem feito! Considero que toda a base da minha escolaridade foi recebida nessa escola, nesse colégio estadual. Foi na década de sessenta para setenta, sessenta principalmente, um regime militar duríssimo, aonde muitos professores meus foram presos, torturados e nunca mais os vi. Mas acho que foi uma boa escolaridade, uma boa formação.

Era o Grupo Escolar de Cosmorama[80] e Ginásio Estadual Professor Álvaro Duarte de Almeida[81]. Eram estruturas separadas, mas fazendo parte do mesmo complexo. Os dois locais que fiz a minha escolaridade de primeira a oitava série, eram escolas estaduais, estruturadas, com uma disciplina mais rígida e organizada. Não havia falta de professores. Nunca havia falta de aula, o calendário era cumprido integralmente. Era bem disciplinado, tinha horário para entrar e horário para sair. Caso, um ou outro dia, eu não fosse para a aula, eu teria que levar justificativa da minha ausência. Existia um controle de entrada e saída de alunos por uma caderneta escolar[82]. Era carimbada a presença ou ausência, diariamente, pelo inspetor de alunos, tanto na entrada como saída. A gente usava uniforme, obrigatoriamente. Os portões se fechavam em determinado horário, na entrada, e abria só na saída. Você tinha que entrar naquele horário uniformizado. Havia um controle muito rígido, só os alunos entravam na escola. Não havia elemento estranho dentro do estabelecimento, tanto na escola primária, quanto no ginásio. Era um controle muito grande. Por ser uma cidade pequena era mais fácil de controlar, e também porque a sistemática era desse jeito. Então, aprendi a ter disciplina na minha vida, exatamente, por isso, em função dessa escolaridade. Desde o início, tudo era muito rigoroso, muito disciplinado. Nós estávamos na época do regime militar no Brasil, mas de qualquer forma a escola também seguia o mesmo modelo.

---

[80] No Anexo 27 se encontra uma cópia digitalizada do Diploma do Quarto Ano Primário de Carlos Roberto Calssavara.

[81] Nos Anexos 28 e 29, respectivamente, se encontram uma cópia digitalizada do Boletim do Ginásio Estadual Professor Álvaro Duarte de Almeida onde consta o aproveitamento das quatro séries ginasiais e, também, do Exame de Admissão; e do Diploma de Conclusão do Curso Ginasial do professor Carlos Roberto Calssavara.

[82] No Anexo 30 se encontra a cópia digitalizada de algumas páginas da caderneta mencionada pelo professor Carlos Roberto Calssavara.

Nesse tempo, estava em vigor a Lei de Diretrizes e Bases de 1961, a lei Orgânica do Ensino. Os professores eram, na grande maioria, já formados, graduados, tanto da escola primária como, também, do ginásio, em cada uma das disciplinas. Ás vezes, havia um ou outro professor que ainda estava fazendo a graduação.

Embora, com a idade de aluno, a gente conhecia bem os professores, tinha uma relação mais estreita com todos eles. Era um quadro de docentes mais efetivo, raramente se trocava ou se remanejava professor. A gente sabia quem seriam os professores das quatros séries. Seriam sempre os mesmos de Matemática, de Português, de Inglês e, assim por diante. Não havia muita variação do quadro docente, sendo efetivo ou temporário, eram sempre os mesmos.

Tinha uma estreita relação de amizade entre professor e aluno. Apesar do tempo difícil, de regime militar, a gente tinha essa relação muito boa. Os professores conheciam todos os alunos, inclusive as famílias, da mesma forma, os alunos para com os professores, sabendo nome, sobrenome, a cidade de onde vinham, até os detalhes da vida pessoal de cada um. Isso era muito importante, uma coisa que marcou muito minha vida. Foi por isso, talvez, que escolhi a profissão de professor.

Não era apenas um aluno que estava presente para receber o conteúdo, havia, também, uma interação extra escola, familiar e tudo mais. Considero que a Educação foi bem integral, nesse período, porque além dos conteúdos repassados, no sistema da época, a gente também tinha uma Educação mais ampla, de perspectiva de vida, daquilo que a gente planejava ser no futuro. A escola repassava essa ideia, essa perspectiva de profissão, de trabalho e tudo mais. Até porque a gente tinha algumas disciplinas vinculada aos trabalhos manuais e às artes que nos descobria, revelava as vocações dos alunos. Havia, na escola, oficinas de trabalhos manuais e laboratórios, justamente, para nos despertar o interesse pelo trabalho, pelas profissões de um modo geral. A gente desenvolvia uma série de atividades, desde pintura, escultura, trabalhos em madeira, dobraduras... Tinha os trabalhos voltados para cada data comemorativa do calendário. A gente confeccionava materiais dentro das oficinas.

Nunca estudei em classe multiseriada, sempre foram turmas de séries únicas. Era sempre mista, só que nas aulas das oficinas e na Educação Física, a gente fazia tudo separado. Tinha atividades de artes e trabalhos manuais para os meninos e para as meninas.

Então, a escola me deu um potencial muito grande de formação. Além dos conteúdos programados, aquilo que eu não tinha em casa, a escola complementava, realmente. Foi um período que eu gostei muito! Aprendi muito! Considero que a escola era muito boa, excelente porque tudo que eu aprendi dentro dos conteúdos essenciais de Língua Portuguesa e Matemática foi naquelas oito séries.

Obviamente, entre a quarta e a primeira série ginasial fiz, paralelamente, nesse próprio estabelecimento, o exame preparatório de Admissão. Fazia parte do sistema da época que você só passava para a primeira série ginasial, hoje quinta série, pelo Exame de Admissão. No meu caso, como eu tinha tempo disponível, fiz um ano, no contra turno, de exame preparatório para a Admissão. Isso significa que eu não precisei fazer o exame em si, fiz a escolaridade de um ano para poder fazer a matricula na primeira série ginasial. Fiz o preparatório ofertado pelo próprio Colégio, em Cosmorama, e fui aprovado. Ele equivaleu, na época, ao exame de admissão. Essa preparação foi importante porque realmente preparou, não só em termos de exame, de ganhar aquela vaga para matrícula, mas, também, como em termos de conteúdo. Fui para a primeira série ginasial bem preparado.

No grupo escolar a professora foi a mesma, porque nós tínhamos, em alguns momentos, professores separados por disciplina. Na terceira e na quarta série do primário, por exemplo, tive professores de Língua Portuguesa, de Matemática, Geografia e História, tudo separado e ocorreu de serem, praticamente, os mesmos professores na quinta e na sexta série. Então, para mim, não houve um estrangulamento dessa passagem. Não percebi a passagem da quarta para a primeira série do ginásio. Para mim foi um prosseguimento normal.

Na Matemática não houve quebra nessa passagem. Não percebi diferença nenhuma. E a professora Julieta Kfouri, o que eu me lembro, tinha uma didática maravilhosa para ensinar, porque além de ser professora primária, era, também, professora do ginásio, então tinha metodologias apropriadas para cada momento do conteúdo. Isso eu percebi claramente! Ela tinha facilidade para ensinar, principalmente a Matemática. Ela ensinava aquilo com gosto, primeiro porque gostava e era da área de Matemática; segundo porque tinha facilidade, tinha didática, então, atenuava os conteúdos de forma que a gente saía de lá aprendendo.

Nunca tive necessidade de fazer muito estudo paralelo fora da sala de aula. Tudo o que eu aprendia na sala, eu lograva êxito, porque além dos professores serem bons, eu tinha facilidade de aprendizagem. Mas da Matemática, lembro que ela usava,

logicamente, simbologias da Matemática Moderna, quadradinho no lugar do “x”, alguns símbolos que facilitavam a aprendizagem. Como fazem muitos anos, não vou lembrar detalhes da história toda, mas sei que foi muito tranquilo tanto a Língua Portuguesa como a Matemática.

No caso da Língua Estrangeira, uma coisa que marcou toda minha escolaridade, desde o início até o Ensino Médio, foi que sempre fiz a Língua Inglesa. Nunca peguei outro tipo de língua, embora, na época, tinha Latim, Francês e tal, mas sempre estudei a Língua Inglesa.

Associado a tudo isso, coisas que marcaram, é que nós tínhamos canto orfeônico, por exemplo, aula de Música. Acho que a Matemática e a música têm muito a ver. A gente entendia as notas musicais, ou solfejo, pauta de Música... Na quinta e na sexta série, a gente sabia tudo isso. Veja que era um currículo bem enriquecido, porque além de ter disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Educação Artística, Música, trabalhos manuais, Língua Inglesa..., a gente tinha uma boa formação, mais completa, professores bons.

Eu gostava muito de ir para a escola. Dá para contar os dias que eu faltei. A escola era um atrativo porque cada dia era um dia novo, era um novo conteúdo. Essa escolaridade foi significativa na minha vida. Ela fazia parte, se eu não fosse à aula, parecia que estava faltando alguma coisa. Porque o colégio era bom, os professores eram bons e os conteúdos eram bem trabalhados.

A família participava efetivamente. De um pai adotivo ou um parente tinham que comparecer às reuniões, obviamente, acompanhavam. Eram obrigados a acompanhar.

Mas, com relação às tarefas do dia-a-dia, não muito. Meus pais eram mais humildades, não tinham muita escolaridade. Eles não me ajudavam, mas a gente procurava os amigos, os colegas de sala, e aí um ajudava o outro. A gente se reunia, estudava e fazia os trabalhos juntos. Tirávamos as dificuldades em conjunto. Por ser uma cidade pequena, obviamente, era tudo mais fácil. A relação de amizade entre os colegas era muito importante.

FIGURA 20 – FORMATURA DE QUARTO ANO PRIMÁRIO DE CARLOS ROBERTO CALSSAVARA
FONTE: Adaptado de arquivo pessoal de Carlos Roberto Calssavara (2014)

Logicamente, a escola, tanto de primeira à quarta quanto ginasial, era bem dotada de biblioteca e laboratórios. Tinha todo o conforto possível que uma escola pública merecesse, na época. Além disso tinha a merenda escolar, os lanches que a escola ofertava gratuitamente. A gente utilizava o consultório dentário, para fazer tratamento dentro da escola. Era uma escola bem estruturada.

Assim que eu terminei o ginásio, vim para o Estado do Paraná, cidade de Cianorte. Fiz de novo o processo seletivo chamado de “Vestibulinho” para entrar no Magistério. Era obrigado pela lei para a passagem de uma escolaridade para outra. Como eu era um aluno bem preparado, só fiz os exames admissionais para entrar na Escola Normal de Cianorte que era denominada de Escola Normal Colegial Estadual Cândido Portinari.

FIGURA 21 – FOTO DE FORMATURA DO GINÁSIO DE CARLOS ROBERTO CALSSAVARA
FONTE: Arquivo pessoal de Carlos Roberto Calssavara (2014)

Passei, logicamente, e comecei a estudar no Estado do Paraná. Senti uma grande diferença. Apesar de ser Segundo Grau Normal, voltado para a formação docente, percebi que o Estado de São Paulo, pelo menos a escolaridade anterior, era mais forte, mais puxado. Então, eu tive muita tranquilidade para fazer o Magistério. Comecei em 1966 e me formei em 1968.

Em Cianorte tinha a Escola Normal, mas em 1967 iniciou o Científico que hoje, seria equivalente ao Ensino Médio. Estudei no Científico em 1967 e um pedaço de 1968. Como eu tinha Escola Normal, logicamente, fui prosseguir estudos de universidade e larguei o Científico. Fiz dois anos de cientifico só para pegar mais base na disciplina de Matemática, ou seja, das Ciências Exatas para poder fazer a Faculdade de Matemática. A Escola Normal era de manhã e à tarde eu fazia o Científico.

Paralelamente, no segundo ano de Escola Normal, eu dava aula, à noite para a escola primária como contratado temporário pelo Estado. O primeiro ano foi para adultos, era a segunda série primária. Depois, quando eu estava concluindo o terceiro ano da Escola Normal, dei aula para uma quarta série primária, diurno.

Então não concluí o Cientifico, mas como eu havia concluído o Normal[83], consegui fazer, em 1969, o concurso de professor primário do Estado do Paraná para vinte horas. Foi o meu primeiro concurso. Eu tinha dezoito anos de idade. Passei, fui

[83] No Anexo 31 se encontra uma cópia digitalizada do Diploma de Professor Primário de Carlos Roberto Calssavara.

nomeado e assumi. Fiquei dois anos em estágio probatório. Não dei mais aula para o primário. Fui para o colégio, onde estudei, trabalhar na parte administrativa. Fui diretor, vice diretor e secretário. Onde eu era aluno, virei professor e funcionário do Colégio Estadual de Cianorte.

A Escola Normal foi muito importante na minha vida. Como eu tinha uma certa vocação para ser professor, descoberta lá no Estado de São Paulo, quando eu fiz de primeira a oitava série, a Escola Normal me configurou, definitivamente, como professor. Virei professor aos dezesseis anos. Dei aula, no contra turno, de primeira à quarta série quando fazia a Escola Normal.

Fiz a graduação Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari[84], no norte do Paraná, em Mandaguari, próximo de Maringá. Em 1970, passei no vestibular de Matemática e fui ser professor na escola onde estudei. Eu era acadêmico do primeiro ano de Matemática e fui ser professor de quinta a oitava e Ensino Médio, nas disciplinas de Matemática e de Física.

Como eu tinha dezenove anos não podia dar aula, porque eu era menor de idade, naquele período era vinte e um anos. Então, o próprio diretor do colégio abonou dizendo que eu tinha capacidade para ser professor. Tive um salvo conduto do diretor porque eu fui um excelente aluno, passei no vestibular e estava cursando. Havia necessidade de docentes, naquela época, tinha pouca gente formada, então ele fez toda uma justificativa, um acolhimento para a Secretaria de Educação Estadual.

Eu dava aula de manhã e de tarde e às cinco e meia eu pegava o ônibus para Mandaguari estudar à noite. Cento e dez quilômetros, viajava e voltava todos os dias. De Cianorte a Maringá não tinha asfalto, era estrada de chão. Mandaguari é um pouquinho para frente de Maringá. Inclusive, a minha faculdade, que era municipal, oferecia uma carga horária maior de disciplinas na sexta e no sábado devido às dificuldades da semana. Isso porque nem sempre os alunos conseguiam chegar à faculdade.

O Paraná, naquela época, quase não tinha rodovias asfaltadas. O deslocamento entre as cidades era em estradas de chão e os professores que trabalhavam no interior tinham que se deslocar à noite para estudar. Não era só o meu caso, a maioria dos meus colegas, da época que eu estudei a faculdade, eram docentes de dia e estudavam a noite. Vinham “às duras penas” de ônibus, de Kombi,

---

[84] No Anexo 32 se encontra uma cópia digitalizada do Diploma de Licenciado em Matemática de do professor Carlos Roberto Calssavara.

carro próprio, com o carro que tinha, por estrada de chão. Quando chovia, não tinha passagem, não ia, não voltava, dormia na estrada e assim por diante.

Foi um período bastante difícil porque em 1970, 1974, mais ou menos, o Paraná tinha poucas rodovias e todo mundo dependia de se deslocar, e poucos cursos de graduação. Dava para contar nos dedos as cidades do Estado do Paraná que tinham faculdades para formação de professores: Maringá, Mandaguari, Jandaia do Sul, Paranavaí, Jacarezinho, Londrina, Ponta Grossa, Palmas... Se você pegar o recenciamento das faculdades e universidades de 1970 não chega a dez no Estado do Paraná, tirando as de Curitiba e de Ponta Grossa, tanto é que Maringá virou universidade em 1970, quando eu estudei. Londrina e Ponta Grossa também.

Eu pagava o curso como todos os demais. Depois, em 1985 estadualizou, completamente, o ensino no Estado do Paraná. Morei em Cianorte com meus tios até terminar a faculdade. Eu trabalhava e custeava meus estudos, com certeza.

Psicologia da Educação e Filosofia da Educação eram as disciplinas que eu tinha paixão! Hoje, a gente chama de Fundamentos da Educação, mas no meu currículo da universidade era bem separado: Psicologia da Educação, Filosofia da Educação e Didática da Matemática. Eram só três disciplinas dentro das de Fundamentos. Eu gostava muito! Tudo aquilo que eu estudei na Escola Normal, dentro dos Fundamentos da Educação: Psicologia, Filosofia, Sociologia, História da Educação, Didática da Psicologia, eu aproveitei no curso de graduação. Logicamente, foi me complementando.

O professor Antônio Simon que era Doutor em Psicologia, na época, era muito bom. Ele conseguia responder aos nossos problemas educacionais. Tudo o que a gente tinha de dúvidas, durante a aula, ele dava resposta, dava solução, dava encaminhamento. Então, os problemas metodológicos e pedagógicos foram revelados dentro das aulas de Psicologia. Tive Psicologia da Educação nos três anos da faculdade e ela foi uma disciplina essencial na minha formação de professor.

Uma coisa que eu gostei muito, dentro da minha graduação, foi a disciplina de Física, tanto que fui professor de Física muitos anos. A gente trabalhava no laboratório. Todas as aulas de Física eram feitas dentro do Laboratório de Física. Tinha todo o material apropriado didaticamente. Fazíamos as pesquisas, ou as atividades com livro e, daí, fazíamos o relatório no final da aula. A gente aprendeu muito dentro das disciplinas de Física.

É uma disciplina que eu gostei demais, tanto que fiz um concurso de Física e

passei em primeiro lugar no Estado do Paraná. Fiz, se não me falha a memória, em 1980, mas como eu tinha um padrão primário e o padrão de Matemática não fiz a escolha de Física, porque eu não podia dar sessenta horas, era só quarenta. Então, optei pela Matemática e fiquei com meu padrão primário que fiz em 1969, que era antigo, salário melhor e tudo mais.

Os professores da graduação eram bons, graduados, especializados, alguns mestres, bem preparados. Eram professores adequados para trabalhar com a formação de professores, com certeza. Os professores da faculdade não tinham uma relação muito estreita como aconteceu no Ensino Primário, Fundamental e Médio que tinha uma intimidade. Eles, também, viajavam de outras cidades, mas se percebia que a formação era boa.

As nossas Licenciaturas, pelo menos da minha faculdade, foram voltadas para a formação de professores, não para professor pesquisador, nem para dar prosseguimento para o mestrado, ou uma pós-graduação. Elas foram voltadas para a formação docente, para ser professor de sala de aula de quinta a oitava e Ensino Médio. Isso a gente percebia, claramente, no currículo da graduação. Claro que os currículos de hoje têm uma dimensão maior de preparação para o pesquisador, para o prosseguimento de estudos. Por isso que eu considero que a faculdade e os professores foram excelentes e providenciais na minha vida.

Morei em Cianorte durante noves anos, quando iniciei minha carreira, depois, transferi para Cascavel, quando eu estava fazendo os créditos de Mestrado. Eu já era professor efetivo da Rede Estadual, concursado, quarenta horas, dois padrões, mas vim para Cascavel com a ideia de entrar como docente aqui na UNIOESTE, em 1975. Esse foi um dos grandes motivos que eu vim para cá, justamente para trabalhar com o Ensino Superior.

Na transição de Cianorte para Cascavel, eu estava fazendo os créditos de Mestrado para Matemática na Universidade de Londrina num convênio com a UNICAMP, no ano de 1974 para 1975. Viajava todo final de semana. Concluí o curso em 1976, mas não defendi tese. Como eu estava muito distante e era muito difícil, tive que fazer uma opção, entre trabalhar, ganhar dinheiro e concluir meus estudos. Parei. Simplesmente desisti.

Como a UEL virou universidade em 1970, tinha essa necessidade de profissionais habilitados, com Mestrado para poder cumprir com o papel da universidade. Então, ela fez uma arrecadação de formados e recém formados, no

Estado do Paraná, dentro da área de Matemática e em outras áreas, para ter esse contingente de professores. Só que nesse ínterim mudei para Cascavel. Era muito distante. Não tinha asfalto de Cascavel até Maringá. Era muito difícil! Então tive que fazer uma opção, trabalhar ou fazer o Mestrado. Talvez se eu tivesse concluído tudo, feito minha tese, teria sido professor da UEL e não da UNIOESTE.

Em 1976 virei diretor do Colégio Estadual Wilson Joffre e senti a necessidade de fazer Pedagogia, para ter a visão de administrador, já que eu tinha a visão de professor. Por eu ser licenciado na Matemática, não necessitei passar em um novo vestibular, me matriculei em uma complementação pedagógica de dois anos. Tive a oportunidade de fazer o curso de Pedagogia com habilitação em Administração Escolar, porque, paralelo ao ensino de Matemática, sempre fui administrador de escola e de colégio. Fiz a Pedagogia no Centro Universitário de Votuporanga[85], interior do Estado de São Paulo, se eu não me engano, em 1978, 1979.

O Colégio Wilson Joffre necessitava de mudanças radicais em termos de ensino, de educação, de organização... Estavam chegando professores graduados, professores concursados, na cidade. Era o único colégio estadual da cidade, então senti necessidade de dar acolhimento a esse corpo docente e a esses alunos que estavam querendo estudar. Então, achei que a Pedagogia me ajudaria bastante.

Fiz os créditos de Mestrado pela UEL com a UNICAMP, mas fiz um curso de Especialização. Quando entrei na universidade fiz um curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior[86] ofertado pela faculdade FECIVEL, mas com a possibilidade desse curso de Especialização ser convertido em créditos de Mestrado na área da Educação. Tanto que, nos documentos que eu tenho, está escrito que eles são aproveitáveis, só que não fiz o Mestrado em Educação. Não fiz aproveitamento nenhum. O Mestrado de Educação ficou fora dos meus planos. Não tive interesse nenhum.

A UNIOESTE, na época, se chamava FECIVEL. Era uma faculdade municipal. O processo de admissão era fazer o curso de Especialização, esse de Metodologia do Ensino Superior. No momento em que fiz o meu trabalho de conclusão de curso e fui aprovado, fui admitido como docente. Existia um concurso público, mas existia uma

---

[85] No Anexo 33 se encontra uma digitalizada do Diploma de Licenciado em Pedagogia de Carlos Roberto Calssavara.

[86] No Anexo 34 se encontra uma cópia digitalizada do Diploma do Curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior.

seleção pela Especialização. Foi uma Especialização de quase dois anos, 360 horas que era o mínimo de qualquer Especialização *Lato Sensu*.

Na verdade os professores da Faculdade de Educação da UFRGS, Federal do Rio Grande do Sul, eram professores da Faculdade de Educação, não eram da Matemática. Então, o objetivo desse Curso de Especialização, que substituiu o concurso, era de preparar, de forma pedagógica, os docentes para darem aula na faculdade, seja na parte mais genérica de metodologia de ensino ou ter essa visão de Educação Superior. Tive uma série de disciplinas voltadas aos Fundamentos da Educação. Não teve nenhuma específica da área de Matemática ou de outra área, era mais de Fundamentos da Educação: Filosofia, Psicologia, Sociologia, História da Educação, Metodologia e Didática de Ensino.

Nesse momento a universidade aplicou um trabalho que eles chamavam de TIP[87], um tipo de instrução programada. Tive que fazer um manual, uma coletânea de como eu daria minha aula de Matemática na universidade. Um livro que o aluno pudesse ler e compreender, sem necessidade de auxílio do professor. Uma programação específica, que muito pouco a gente usou, tanto da minha área como de outras áreas, mas, de qualquer forma, era aquilo que os professores se propuseram a fazer na Faculdade de Educação da UFRGS.

Então, fiz um trabalho de como eu daria minhas aulas. Tive que fazer de toda minha programação anual, preparar todas as aulas de um ano. Foi importante porque aprendi a preparar aula para a universidade, a dosar os conteúdos, a avaliação. Isso me facilitou a vida, independente de ter usado ou não aquele material didático.

A parte importante é que eles nos auxiliaram a montar um plano de ensino completo, com todas as aulas que eu daria dentro daquela carga horária anual da disciplina que eu ia pegar. Quando terminei, eu já estava com aula preparada para um ano, pelo menos o esboço, porque, muitas vezes, você prepara uma aula e tem que fazer adequações. No ano seguinte, 1976, assumi a disciplina de Matemática Básica dos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas.

Eu tive muita sorte na vida nesses prosseguimentos de estudo. Claro, eu viajava. Dava aula durante o dia e viajava para Londrina quinta à noite, ficava sexta e sábado e voltava no domingo. Ainda tinha esse curso de Especialização à noite. A vida era cheia. Era manhã, tarde e noite, atividades de segunda a sábado. Só tinha

---

[87] Tarefas Individuais Programadas.

descanso no domingo.

Ao longo da minha carreira profissional, assumi vários cargos, várias funções. Logicamente, exerci todas as funções administrativas possíveis dentro uma escola, de Ensino Fundamental e Médio, como, também, dentro da própria Universidade como: Chefe de Departamento; Coordenador de Curso; Vice-reitor, outras funções administrativas, inclusive exerci o mandato de Reitor por trinta dias; Diretor Geral da Faculdade do Campus de Cascavel, na UNIOESTE, e, também, numa instituição particular.

Como eu tive formação na área de Matemática e na área pedagógica, também, sempre gostei da parte administrativa da escola e da Universidade. Atualmente exerço um cargo comissionado da Diretoria de Concursos e Processos Seletivos da Universidade, concurso interno e concursos externos. Isso me fez enxergar a Educação como uma coisa importante na minha vida e, também, naquilo que eu pude fazer pelos outros, dentro da minha caminhada. Essa minha caminhada, logicamente, não foi tão simples, tão fácil, mas por eu gostar, por eu estar inserido dentro deste contexto, fiz uma carreira profissional que eu acho que foi vitoriosa. Venci vários obstáculos! Em todos os momentos a gente encontra obstáculos, mas eu fui vencendo e consegui alcançar aquilo que eu desejava que era ser um docente experiente, de qualidade e, também, contribuir para a Educação.

Tive a oportunidade, ao longo dessa caminhada, de participar de todas as atividades possíveis porque eu tinha tempo e espaço, na minha vida, na parte da formação profissional. Sempre acompanhei toda a evolução, no caso da Matemática: a Matemática tradicional, antiga, pela Moderna e os contextos atuais dentro de uma formação.

Vivenciei como estudante e, depois, como docente a Matemática Moderna, na década dos anos sessenta para setenta. Aquilo era novidade em termos de publicação, de livros, de periódicos. As publicações eram interessantes porque eram contextualizadas e apropriadas para a época, chamada de Matemática Moderna. Ela foi quase uma revolução na década de setenta. Logicamente, os métodos evoluíram e surgiram novas pesquisas, novos trabalhos e foram se contextualizando a uma realidade mais próxima dos dias atuais.

Vejo que, na década de setenta, a Matemática fez revolução em termos da inserção de uma série de mecanismos, de utilização de recursos pedagógicos para ensinar Matemática. Ela fez revolução, principalmente, nas bibliografias da época, que

eram inovadoras, logicamente. Acho que tem que ser mesmo dessa forma, tanto que nos anos oitenta, noventa e agora, na atual década, tem métodos mais atualizados, mais modernos, mais contextualizados para a realidade, mas, de qualquer forma, entendo que ela foi inovadora para a época.

E como docente eu participava muito, como cursista principalmente, desses cursos de capacitação feitos pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná para a inserção dessas novas metodologias. Isso me fazia enxergar o que é, realmente, a Educação, o que é participar como educador “ao pé da letra”, porque, muitas vezes, a gente se considera apenas professor, mas acho que é um pouquinho mais do que isso. Essa formação que me foi concedida, ao longo da minha profissão, me deu formação de educador, diferente apenas de ser um professor.

Educador é muito mais do que um professor, porque no momento que você tem o aluno, na sala de aula ou como diretor da escola, você tem que ajudar educar naquele momento que ele está contigo. Acho que a educação mais completa é: aquilo que a família faz em casa, eu via que a escola devia fazer para o aluno na sala de aula, no colégio onde ele estava.

Eu tinha essa ideia, essa visão de que educador é um pouco mais do que ser professor, do que passar os conteúdos, passar aquilo que está sistematizado dentro do contexto dos livros. Seria uma educação um pouco mais completa, não ser professor só para transmitir conhecimento, mas para, também, dar um seguimento de vida para o estudante, mostrar para ele a importância da cidadania, da vida, do ser humano nesse contexto social que a gente vive.

Por isso que esses espaços de formação que eu tive, ao longo da minha vida, foram importantes nesse sentido, para dar essa visão, que além do contextualizado da Matemática, aplicada no dia-a-dia, no cotidiano, também, dar uma visão de mundo, de homem para aqueles alunos que estavam à minha frente enquanto professor, enquanto dirigente de escola.

A Matemática Moderna esteve presente quando eu estava fazendo a graduação. Tanto no ensino da Matemática, quanto no ensino da Física nós tínhamos e usávamos, na faculdade, livros textos mais modernos. Comecei minha carreira profissional como professor de Física. O livro chamava-se, na época, de Instrução Programada. Era um livro, um material de fácil aceso, de fácil compreensão, onde você tinha um percurso bem didático, bem pedagógico.

Os cursos que eu fiz, tanto de capacitação da Secretaria de Educação, como

da própria Universidade, da escola onde eu participava das reuniões, dos encontros de capacitação, me possibilitaram enxergar essa forma mais pedagógica de trabalhar uma Matemática mais contextualizada.

Foram inúmeros cursos, mas o da Faculdade de Educação da Federal do Rio Grande do Sul foi, realmente, um momento importante na minha vida porque eu estava entrando na Universidade, na UNIOESTE como docente. Essa capacitação me fez enxergar, exatamente, a transição daquilo que se chamava de Matemática Moderna, de uma educação mais contemporânea para a atual. O Grupo de Pesquisa da Faculdade de Educação da UFRGS me fez enxergar a importância disso, principalmente com a aplicação e a metodologia do Ensino Superior. De todos os cursos, de todas as formações, esse foco foi bem importante porque me deu essa visão mais moderna, mais contemporânea, mais pedagógica da Matemática na sua aplicação no dia a dia.

A Secretaria de Educação fez, ao longo da minha carreira, muitos cursos, muitos encontros com o pessoal da Federal do Rio de Janeiro, da USP, principalmente, com vários professores, da UNICAMP, Federal do Paraná, tanto da Matemática, quanto da Educação Matemática, mas, para mim, o foco principal foi o pessoal da pesquisa da Federal do Rio Grande do Sul, foi a Faculdade de Educação que me fez ter uma visão de docência um pouco diferenciada daquilo que eu tinha. Optei pelo Magistério por vontade própria, por gostar de ser professor. Sempre tive isso como vocação, como projeto de vida realmente.

Toda minha vivência, minha experiência de docente, aquilo que eu acrescentei na minha formação, aconteceu, realmente, aqui em Cascavel, porque eu tive a oportunidade do exercício profissional, desde 1975 até os dias atuais. Aqui eu não era mais estudante, eu era professor e, como docente, fui conduzido a tomar atitudes, fui me especializando dentro das minhas áreas. Com essa minha atuação me tornei professor da Universidade por gostar, realmente, de ser professor, por opção, um profissional mesmo, sem sombra de dúvida!

Em Cascavel, fui para o Colégio Estadual Wilson Joffre. Na época, era o único colégio, em Cascavel, onde havia de quinta a oitava e Ensino Médio. Só existiam escolas de primeira à quarta. Iniciei no Colégio Wilson Joffre em 1975, como professor efetivo com uma carga horária de trinta e seis horas. Na verdade, era vinte do padrão, mais dezesseis aulas suplementares, que era o máximo na época. Eu dava dezesseis horas de Geometria Analítica à noite: segunda, terça, quarta e quinta, porque na sexta

e no sábado eu estava em Londrina. Tudo cronometrado. Vinte horas era o cargo do concurso de 1969. Foram seis anos, um de Secretário Geral, em 1975, e cinco de Diretor Geral. E, num dado momento, atuei mais no Ensino Superior, com uma carga reduzida na Educação Básica. Fiquei com vinte horas no Estado e vinte horas na universidade. Comecei a atuar na Educação Básica em 1966, quando eu era estudante, em Cianorte ainda, então me transferi para Cascavel e continuei até 1994. Depois, saí para o cargo administrativo no Núcleo de Educação onde me aposentei no ano 2009.

A grande maioria dos professores já eram formados e efetivos, que fizeram o último concurso do Estado, em 1972. Logicamente, escolheram o interior por ter oportunidade de trabalho, já que a capital, as maiores cidades tinham excesso de profissionais. Mas, Cascavel era carente de professor e tinha muita vaga para docente.

A maioria das disciplinas não, eram professores leigos, professores que estavam cursando faculdade, eram estudantes, professores apenas autorizados a exercer a profissão. Como na cidade tínhamos apenas um colégio estadual, com mais de três mil alunos, na época, era necessário fazer a oferta de ensino a nível de Educação Básica.

Como era a única escola de Cascavel, tinha uma certa facilidade de professores porque todos os que vinham removidos de outras cidades, localidades queriam aquela escola, que era a maior. Então, o meu quadro docente era propício.

Eu, recém formado, novo, com vontade de fazer mudança, tinha o pessoal disponível. Eu tinha uma equipe de coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, monitores que nós implantamos, inspetor de alunos, uma equipe boa de professores, zeladoras e funcionários para todos os setores. Então, fiz acontecer. A gente revolucionou um pouco a escola.

O colégio era bem focado. A gente preparava os alunos para a vida e, também, para prosseguir estudos. Logicamente, uma Educação mais completa. Essa era a meta da escola, porque a gente tinha que mostrar para o aluno que a vida não terminava no Ensino Médio, que a vida continuava e que a vida profissional era para frente, também. Essa perspectiva de vida era colocada para cada um: por onde, qual o caminho.

Nós tínhamos um serviço de orientação educacional que resolvia os problemas familiares e de escolaridade dos alunos. Fazia reunião com pai, com mãe,

com família e orientava os alunos. Dava uma perspectiva de vida para cada um, que a vida não parava ali, que ele tinha que prosseguir os estudos, de ser um profissional.

Tinha uma série de atividades! A gente fazia um calendário de atividades para todas as datas comemorativas do ano e designava cada turma para desenvolvê-las: Feira de Ciências, Cultural, Hora Cívica, atividade esportiva, parte recreativa... Quando se falava em jogos colegiais entre salas, era uma loucura! Todo mundo participava e gostava. Tanto a aula de Educação Física como a parte desportiva aconteciam, realmente. O colégio fazia uma série de atividades em que os alunos se envolviam e as famílias, também. Foi revolucionário, na época!

Esse colégio foi revolucionário, também, na perspectiva de preparar para o vestibular. A gente trabalhava cursos paralelos, no contra turno, pagos pela Associação de Pais e Mestres (APM), para preparar o aluno para fazer o vestibular fora, para quem queria fazer Engenharia, queria Medicina porque aqui não tinha. Depois começou a entrar outros cursos como as Engenharias, Engenharia Agrícola... Os alunos passavam no vestibular. Faziam Odonto, Engenharia, Medicina da Federal do Paraná e passavam sem sombra de dúvida.

Naquela época, não tinha cursinhos, pelo menos no início, quando fui diretor. Depois, muito mais para frente, surgiu o Colégio Alfa como o primeiro curso preparatório de vestibular, que está aí até hoje. Mas, de 1975 até 1985, nesses dez anos, foi por conta e risco nosso, do colégio, essa preparação.

Quando comecei, só tinha Ensino Médio, exclusivamente, no Wilson Joffre. Nós tínhamos várias áreas: Ensino Fundamental, Escola Normal, Ensino Profissionalizante e Propedêutico, para a Educação Geral, para cumprir a LDB 5692. O Ensino profissionalizante era por cursos técnicos: Técnico em Administração, Edificações, em Economia Doméstica...

No colégio tinha praticamente três mil alunos, um colégio grande, dentro da cidade. O aluno fazia opção. Os cursos técnicos de três anos com formação de auxiliar e se fizesse um quarto ano seria técnico. Nós tínhamos uma série de atividades para auxiliar esses alunos na preparação, na recuperação de disciplinas, de conteúdos... Os alunos participavam com certeza! O maior gosto da escola era essa participação!

No Núcleo, atuei por mais de quinze anos, em uma parte da Educação Profissional, no Ensino Médio Profissionalizante. Na verdade, eu era Coordenador Geral da Educação Profissional, dentro do Núcleo de Educação, e atuava com uma função pedagógica dentro das escolas da rede estadual e da rede particular de ensino.

O Estado do Paraná reassumiu a Educação Profissional porque, antes, ela era terceirizada, era um outro tipo de gerenciamento dentro do Estado. O Lerner criou uma agência dentro da Secretaria e terceirizou, então ela não tinha uma veiculação direta. Esse fomento aconteceu no primeiro Governo do Requião após o Governo Lerner sair. Eu não tive uma ação direta no ensino da Matemática, eu fazia parte da Educação Profissional em nível de Educação Básica.

Acho que fizemos uma revolução em termos de Educação Profissional no Estado do Paraná. Uma professora de Londrina, a Pedagoga Sandra Regina Garcia da UEL, tinha uma visão atualizada de gestão e também de Educação. Ela tinha Mestrado em Educação. A gente conseguiu tirar essa agência da Secretaria, PARANATEC se eu não me engano, e colocar a Educação Profissional como uma educação regular, uma escolaridade regular. Acho que foi a parte mais importante para mim, para o Estado do Paraná e para a própria Secretaria de Educação como Política Pública dentro da área do Ensino Profissionalizante.

A nossa ação era pedagógica, de dar assessoramento às escolas para a montagem dos projetos pedagógicos e, também, de autorização e reconhecimento dos Cursos Profissionalizantes dentro das escolas, tanto das escolas estaduais quanto das escolas particulares, ou seja, reascender essa chama da Educação Profissional juntamente com a equipe da Secretaria de Educação em Curitiba, no Estado do Paraná. Então, tivemos a possibilidade de fazer a implantação e reconhecimento dos Cursos Técnicos dentro da rede estadual que possibilitou uma formação profissional aos jovens, na forma de educação continuada, ou pós-médio, como se chamava na época. Isso em Cascavel e Região, para os dezenove municípios que pertencem ao Núcleo de Cascavel.

Na Rede Estadual atuei em duas escolas: no Colégio Pedro Boaretto Neto, o Polivalente, como Coordenador de Curso, Técnico Profissional e Diretor; e no Colégio Wilson Jofre. Trabalhei, um pouco, no Colégio Costa e Silva e no Marilis Faria Pirotelli, mas foi uma questão temporária.

O Polivalente, na época, era uma escola montada pelo governo federal, para cursos técnicos específicos. Fiquei, na verdade, dois para três anos, como diretor e coordenador pedagógico de curso, na implantação dos cursos. Tenho a impressão de que em 1991, 1992. Fiquei pouco tempo. Fui para dar uma ajuda na implantação de cursos técnicos no colégio. Depois, desse período, não voltei mais nem para o Wilson Joffre e nem para o Polivalente, fui para o Núcleo de Educação.

Como o colégio foi montado pelo projeto chamado PREMEN[88], ficou meio esquecido porque os alunos não buscavam, naquela época, os cursos técnicos. Eles tinham dificuldade de entender essa formação de forma profissional. Eles não tinham vontade de fazer os cursos técnicos porque eram de quatro anos e, com três, eles já saíam do colégio e iam para a universidade. Ficava sempre um ano a mais. Houve um probleminha de tempo porque eles queriam terminar logo o Ensino Médio e ir para a faculdade.

Hoje a mentalidade é diferente. A lei é diferente, a LDB que ampara o Ensino Profissional é bem flexível, tem a possibilidade de fazer um pós-médio que é um ano ou dois, fazer concomitante ou fazer paralelo de quatro anos. E, na época não, a lei era muito rígida, era quatro anos e fim. Não podia ser diferente.

O chefe do Núcleo, então, pediu para que eu fosse ajudar a despertar na comunidade o interesse pelos cursos técnicos. Nesse momento, essa injeção de ânimo foi exatamente para dar esse fortalecimento de que os cursos técnicos seriam cursos bons para formação e qualificação profissional.

Trabalhei num período em que nós estávamos reativando a Educação Profissional, então, a gente dava um acompanhamento na parte de obras físicas, construção de laboratórios, construção de projetos pedagógicos para os cursos e, também, no programa de capacitação dos docentes para ter essa atuação no ensino profissionalizante. Nossa atuação mais direta era, nesse sentido, de fomentar junto ao Governo do Estado, à Secretaria de Educação, que na época se chamava Departamento de Ensino de Segundo Grau e Educação Profissional, e ao Conselho Estadual de Educação, a possibilidade dessa capacitação para a implantação desses cursos profissionalizantes.

Eu participava de cursos de capacitação pelo MEC, logicamente, por conta e risco, porque a gente tinha uma orientação direta da Educação Profissional do Ministério da Educação. O CENAFOR era o centro de capacitação e treinamento do Brasil que capacitava os gestores e os docentes dessas escolas. Uma das sedes era em São Paulo. Eu participava, lógico! Eu tinha toda a orientação! Isso me despertou o interesse pela Educação Profissional. Fui, mais tarde, para o Núcleo de Educação de Cascavel atuar nessa área. Preparei-me, justamente, dentro do CENAFOR.

Os professores se deslocavam para Curitiba, para Faxinal do Céu, ou mesmo

---

[88] Programa de Expansão e Melhoria do Ensino.

vinham para a Sede em Cascavel para fazer essa capacitação. Claro que com professores de outras instituições, outras universidades, trabalhando todos os aspectos pedagógicos e conteúdos específicos nessa capacitação. Eu era o coordenador local disso naquela época. O pessoal vinha para cá, não só por meu intermédio, mas também pelo intermédio da própria Secretaria de Educação que financiava.

A minha participação no Núcleo foi de cumprir a Legislação, os programas e os planos de gestão da Secretaria de Estado da Educação. A gente não fazia nada diferente daquilo que era estabelecido em conjunto, junto com as escolas técnicas do Paraná, escolas estaduais. Era uma nova lei, a LDB 9394, uma nova dimensão para a Educação Profissional.

A gente discutia os projetos, os planos e as políticas públicas, principalmente, que o governo e o estado queriam para a Educação Profissional. Os gestores dos Núcleos participavam dessas discussões e colaboravam com sugestões. A gente contribuía, com certeza, devido à nossa maturidade, no caso, de muitos anos dentro da Educação. Era um plano trabalhado em conjunto para do Estado do Paraná.

Isso foi um aprendizado profissional muito grande, tanto que eu tinha verdadeira paixão pela Educação Profissional ao nível de Ensino Médio! Fui me aposentar dentro desse setor. Eu levava aquilo à risca, à sério, como se fosse uma coisa muito especial. A minha vida foi a Educação Profissional! Acho que contribui muito em termos de ensino na Educação Profissional no município, Núcleo e, também, dentro do estado porque eu participei, praticamente, de todos os projetos, programas, reuniões, enfim, as atividades.

Tive dois momentos importantes na minha vida profissional que considero social e político, principalmente, que foi participar da retomada da Educação Profissional do Estado do Paraná e do processo de transformação de faculdades isoladas como uma faculdade estadual e depois como uma universidade estadual que é a UNIOESTE.

A FECIVEL era uma instituição municipal que começou em 1972, iniciando o Ensino Superior no Oeste do Paraná, e os alunos pagavam. Em 1985 foi estadualizada pelo governador Álvaro Dias, que os professores não gostam muito do episódio dos cavalos naquela greve, mas ele foi importante para a estadualização e decretou a gratuidade do Estado do Paraná. É um acontecimento político muito importante, principalmente para a Região Oeste do Paraná, a estadualização das

faculdades que hoje compõem a UNIOESTE e, também, a isenção de mensalidades, assumindo os encargos financeiros dos estudantes a partir de 1985.

Participei, efetivamente, de todos os atos e processos para a implantação e reconhecimento da UNIOESTE como universidade. Eu era professor desde 1975. Isso foi muito importante porque aprendi muito nessa caminhada. Eu coordenava equipes de trabalho, dentro da universidade, para a elaboração de Estatuto, Regimento, juntamente com outras pessoas.

Veja que havia uma carência, então, a Faculdade, na época, formava os professores para Rede Básica, tanto de primeira à quarta, como de quinta a oitava e Ensino Médio. Logicamente, nós tínhamos a necessidade porque nem todos eram formados. A FECIVEL, na época, que era no campus de Cascavel, tinha essa função principal que era fazer a formação de docentes para a Educação Básica. Os quatro primeiros cursos da Região Oeste do Paraná foram Matemática, Ciências, Letras e Pedagogia. Ela foi a pioneira a dar essa oportunidade para aqueles que queriam seguir a carreira de docente se prepararem. Com isso, houve uma expansão sensível dentro da Rede, uma expansão de escolas em função do Ensino Superior ser implantado.

Então surgiu a FACISA[89], a FACITOL[90] e a FACIMAR[91], que são as outras coirmãs da época, a FACITOL em Toledo, a FACIMAR em Marechal Cândido Rondon e a FACISA em Foz, também, com cursos de formação de professores, ou seja, as Licenciaturas.

Nesse interim, um fato importante político e social foi, justamente, o período em que o MEC/OEA desempenhou um papel importante na formação de profissionais, no Oeste do Paraná, principalmente para a Rede de Educação. Houve financiamento externo do MEC/OEA para a Educação. Havia projetos multinacionais, como capacitação para os professores porque com a construção de Itaipu, nesse período, 1972, 1973, 1974, o início das obras, o Oeste explodiu. Houve uma explosão na parte educacional, principalmente, e em outras áreas.

Logo que surgiu a Itaipu, as cidades circunvizinhas do Oeste do Paraná, participaram desse projeto MEC/OEA. Esse projeto surgiu como obrigação, como contra partida porque inundaram muitas terras. A implantação da Itaipu, logicamente,

---

[89] Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguaçu.
[90] Faculdade de Ciências Humanas Arnaldo Busato de Toledo.
[91] Faculdade de Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon.

ia revolucionar o Oeste do Paraná, mas não bastava apenas fazer uma usina hidrelétrica para atender dois países, precisava ver as consequências. Era necessário estudar e minimizar os problemas que se dariam como consequência dessa obra gigantesca.

Então, foi feita uma atuação de forma regional abrangente e, logicamente, a minha participação foi na parte educacional. Eles atuaram em todas as áreas. Esse projeto estava aqui dentro da universidade. Ele foi muito importante para a região. Ele revolucionou o Oeste do Paraná em termos educacionais. Todos os municípios participaram, cinquenta e tantos municípios, com projetos de inovação tecnológica, de inovação educacional, de metodologias de ensino, de livros didáticos, além de fazer o resgate histórico social e político da Região.

Foi um projeto que deu uma nova cara para o Oeste do Paraná. Aqui em Cascavel, o professor José Kuiava, que era docente dentro da Universidade, era o coordenador e diretor presidente desse projeto. Participei de várias atividades como docente e, também, como assistente do professor em formação.

Esse projeto deu cobertura financeira e orientação para toda a população dentro do magistério, tanto para os professores da rede municipal e estadual da Educação Básica, como bons cursos de capacitação para o Ensino Superior porque a maioria dos professores, da própria Universidade, não tinham Mestrado, não tinham Pós-Graduação *Stricto Sensu*, era apenas o *Lato Sensu.* Todos nós éramos especialistas.

Então, esse projeto possibilitou cursos de capacitação para os docentes do Ensino Superior com a Fundação Getúlio Vargas, com a UNICAMP, com a Federal do Paraná, com a Federal do Rio Grande do Sul, Federal do Rio de Janeiro.... Tinha uma série de universidades, expoentes, no Brasil, que vinham aqui, trabalhar com os docentes. Eram cursos de Metodologia do Ensino Superior, cursos de Especialização para, posteriormente, os profissionais, os professores do Ensino Superior fazerem o Mestrado. Esse foi o grande incentivo desses cursos.

Um curso de preparação que eu achei maravilhoso foi o de gestão educacional, promovido em parceria com a Fundação Getúlio Vargas. Foi um curso maravilhoso! Foi um curso que deixou marcas em todos que fizeram, marcas de compromisso educacional entre os participantes e os docentes da Getúlio Vargas, da Federal do Rio de Janeiro e alguns da Federal do Paraná, também. A gente aprendeu uma série de coisas, uma revolução educacional! Um dos palestrantes foi o Saviani e

Wanderlei Giraldi da UNICAMPI. Os professores Julieta e Gaudêncio Frigotto, da Getúlio Vargas eram famosos, fora de série!

A ASSOESTE era uma associação que organizava toda a capacitação da Educação Básica Municipal, para todos os municípios do Oeste do Paraná.

O Projeto MEC/OEA tinha recursos, tinha todo esse empenho, uma equipe local e também traziam professores de outras instituições para fazer capacitação dos docentes da Rede Municipal, que seria de primeira à quarta série, na época.

Esse projeto foi importante para a Região porque fomentou o desenvolvimento e expansão da Rede com novas escolas e colégios em todo o Oeste do Paraná, que era carente também. Tinha cidades em que os alunos se deslocavam para estudar o Ensino Fundamental ou Médio, mas, com esse Projeto, houve uma sensibilização dos prefeitos para a implantação de escolas, de colégios na própria localidade, atendendo sua comunidade.

Então, minha atuação profissional foi um pouco dupla nesse sentido de estar na rede pública e, também, na universidade. Isso me fez enxergar os dois lados da moeda: como acontece na rede básica e como acontece no ensino superior.

O importante nessa minha caminhada, na minha carreira profissional, é que iniciei na base, nas séries iniciais e dei prosseguimento. O Magistério me possibilitou o exercício da docência, me fez ter como meta, como vocação, a docência, inicialmente nas séries iniciais, depois, no Ensino Fundamental, no Médio e no Ensino Superior. Não tive outra atuação a não ser na Educação. Isso foi muito importante para a minha formação e, logicamente, fiz meus estudos tanto de graduação, quanto de pós-graduação.

Isso foi importante porque eu tinha a teoria, na escolaridade, e, paralelamente, a prática em sala de aula. A minha vida profissional iniciou cedo, aos dezesseis anos até o ano passado, quando me aposentei aos sessenta e dois anos. Isso foi um dos grandes motivos que me incentivaram ao exercício profissional de carreira de professor.

Estar em sala de aula e em cargos administrativos me deu a possibilidade de ter uma visão da escola como um todo e da Educação no sentido administrativo, político e pedagógico, principalmente. Esses dois lados da Educação estiveram sempre presentes na minha vida.

O maior motivo para eu estar na carreira docente foi essa vivência, esse contato, desde muito cedo, por necessidade financeira, inicialmente, e, também,

porque, na época que eu comecei, o Estado do Paraná tinha carência de professores. Iniciei minha carreira muito cedo, muito jovem.

Então, a parte mais importante na carreira docente foi ter iniciado e feito tudo paralelamente porque você conseguia vislumbrar a profissão, a carreira docente como uma coisa importante para nossa vida. Foi por isso que escolhi a carreira docente e me aposentei como professor, com muita honra.

4.5 ARLENI ELISE SELLA LANGER

A primeira entrevista com a professora Arleni aconteceu no dia 07 de agosto de 2013, quarta-feira pela manhã, na UNIOESTE. Por meio de contato telefônico combinamos que a entrevista seria realizada no Laboratório de Ensino da Matemática Sílvia Fabro. Ao chegarmos ao local, a sala estava ocupada pelos alunos do PIBID e seus orientadores. Assim, a professora me conduziu até outra sala.

Inicialmente, apresentei a proposta da pesquisa, a metodologia utilizada e lhe entreguei a carta de apresentação. A professora a leu e concordou em assinar, posteriormente, a carta de cessão. Expliquei, também, que teríamos dois momentos de entrevista sendo que no primeiro eu lhe entregaria fichas com temas sobre meu objeto de estudo para falar livremente.

A professora Arleni escolheu livremente os temas. Percebi que sentiu-se bastante à vontade para ceder a entrevista. Procurei não interromper minha colaboradora e deixei as perguntas para o segundo momento. Fiz, apenas, algumas interferências, em momentos de pausas da professora Arleni com o objetivo de compreender ou complementar a narrativa.

Ao se aproximar o horário do almoço, percebi que a professora Arleni começou a olhar constantemente para seu relógio. Perguntei se tinha algum compromisso e se gostaria de terminar a entrevista em outro momento. Ela disse que não, que apenas estava preocupada com o pessoal que precisava sair para o almoço e fechar a sala em que estávamos.

Durante a entrevista fomos interrompidas por dois alunos, provavelmente do Ensino Fundamental, que entraram na sala, conversando, para buscar seus materiais. Sinalizei para que fizessem silêncio e não interrompessem a entrevista que estava

sendo gravada. Encerrei a entrevista dizendo que entraria em contato assim que finalizasse o trabalho de transcrição e textualização da primeira entrevista. Aproveitei para pedir documentos e fotos para serem incorporados ao trabalho.

A segunda entrevista aconteceu no dia 23 de setembro de 2013. A confirmação ocorreu por meio de contato telefônico no dia 19 de setembro de 2013. Combinamos de nos encontrarmos na sala de materiais que se encontra ao lado do Laboratório de Ensino de Matemática Sílvia Fabro, no início da tarde. Ao chegar ao local, a professora já me aguardava, entretanto a sala estava sendo ocupada pelos alunos e professores da Licenciatura que estavam corrigindo as provas da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP).

Assim, nos deslocamos para o bloco das salas de aula, onde também se encontram as salas dos professores. Realizamos a entrevista na sala da professora Arleni. Iniciei a entrevista explicando, novamente que naquele momento faria perguntas sobre os relatos da entrevista anterior, mas que a professora tinha liberdade para acrescentar fatos novos.

Durante a segunda entrevista, a professora Arleni, também, estava bastante à vontade para responder as perguntas. Além de esclarecer e complementar passagens de sua narrativa anterior, acrescentou, também, fatos novos. Finalizei a entrevista agradecendo à professora pela participação e informando que após elaborado o texto, o encaminharia para apreciação e validação.

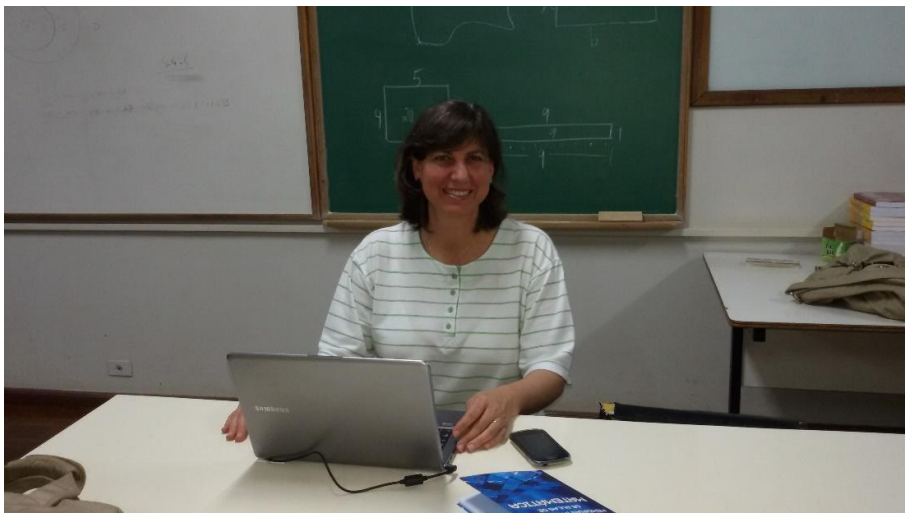


FIGURA 22 – PRFESSORA ARLENI ELISE SELLA LANGER NO LABORATÓRIO DE ENSINO DA MATEMÁTICA SÍLVIA GOMES VIEIRA FABRO, NA UNIOESTE
FONTE: A autora (2014)

Meu nome é Arleni Elise Sella Langer e eu sou professora. Concluí minha graduação em 1987, a Licenciatura Plena. Em 1986 eu tinha concluído a Licenciatura Curta, então minha formação é em Ciências com habilitação plena em Matemática aqui na FECIVEL que depois deu origem a UNIOESTE.

Eu nasci em 12 de fevereiro de 1967. O nome dos meus pais é Luiz Enio Sella e Arlete Maria Sella. Sou casada e tenho duas filhas. Meu esposo é Raimundo Rodolfo Langer. Tenho cinco irmãos, uma irmã que faleceu e outros quatro irmãos que são vivos. Tenho dois irmãos homens, ambos são engenheiros e três irmãs que são professoras. A minha irmã, que é mais próxima a mim em idade e professora de Música, é formada em Pedagogia e se chama Carla Angélica Sella. Ela concluiu o Mestrado em Educação esse ano. A minha irmã mais nova é formada em Nutrição, mas não se identificou mais com sua carreira e fez Letras. É professora de Português e Inglês e está no Mestrado, agora. Ela se chama Poliana Sella. Acabou que a gente virou uma família de professoras. Meus dois irmãos, que são engenheiros, foram professores por algum período na escola, passaram pela rede [Estadual de Ensino]. Um foi professor de Física e outro foi professor, por um período mais curto, de Matemática.

A primeira coisa que eu quero falar é sobre esses estudos na infância. A gente vê e é impressionante como a pessoa da gente, que hoje atua como professora, foi formada não apenas durante o período da graduação. A vida escolar, a vida como pessoa é muito marcante, e na escola sempre fui uma boa aluna, sempre tive facilidade, especialmente na oralidade, de aprender todas as disciplinas. Nunca tive dificuldades. Sempre me julgaram uma pessoa pouquinho mais lenta que a grande maioria, mas tive um ambiente muito privilegiado e isso favoreceu para tudo acontecer assim. Não que eu seja uma pessoa com alguma superdotação, simplesmente o ambiente foi muito favorável.

Sou oriunda de Cafelândia, um município menor que está a 50 km daqui [Cascavel] e, até os sete anos, morei lá. Durante a primeira série, primeiro ano agora, vim morar aqui em Cascavel. Mudei de escola e sofri com esse novo período de adaptação.

Do período de primeira à quarta série eu me lembro de vários professores. Estudei o primeiro ano em Cafelândia, no Colégio João XXIII, que era um colégio particular de freiras, bem pequeno. Lembro que eu tinha uma professora que se chamava Irmã Inocência. A gente sempre guarda o nome da professora da primeira

série. Essa escola era bem próxima da minha casa, uma quadra e meia, talvez duas e acho que eu ia com alguém que me levava, andando. Quando entrei na escola, eu já tinha sido alfabetizada pelos meus pais. Na verdade, eu fazia aquelas cruzadinhas... Eu era diferente das outras crianças porque elas ainda estavam para ser alfabetizadas, mas eu não achava isso muito sensacional.

FIGURA 23 – PROFESSORA ARLENI ELISE SELLA LANGER NO CURSO PRIMÁRIO
FONTE: Arquivo pessoal da Professora Arleni Elise Sella Langer (2014)

Essa questão de biblioteca, não tinha um ambiente que tivesse livros, mas lembro de que, na classe, tinha um cantinho com livros que a gente lia em algum momento da aula, talvez em algum dia especial. Para mim, a escola sempre foi um ambiente muito agradável. Sempre achei a escola muito boa, nunca tive nenhuma memória ruim. Tive algumas dificuldades na minha escolaridade de primeira à quarta série, como por exemplo, separar sílabas porque eu não compreendia aquele ritmo. Eu tinha muita dificuldade em algumas palavras: necessidade, muito... Como é que muito não tinha “n”? Mas em Matemática eu não consigo me lembrar de nenhuma dificuldade que fosse expressiva. Sempre fui mais ou menos bem.

Daí, às vésperas de terminar o ano, a gente mudou. Lembro-me de ter mudado no mês de novembro, então, eu devo ter concluído o ano lá. Foi um período bem tumultuado para o meu pai e minha mãe, a mudança não foi uma coisa muito de acordo entre eles.

Eu não me imaginava como professora no futuro, não tinha essa ideia, mas a comunicação sempre foi uma coisa muito forte na minha vida, ouvir e falar com as pessoas. Num modo geral, eu gostava de saber das pessoas, de suas histórias. O [meu] pai é médico, e lembro-me de eu sentada no consultório e vinha aquela gente

do interior, de tudo que é lugar. Eu gostava de ficar ali, enquanto elas esperavam, ouvindo aquelas histórias das pessoas, de onde elas vinham, por que elas estavam ali.

E, minha mãe era professora, meu pai também era professor na escola em Cafelândia. Porque Cafelândia era um lugar pequeno e a escola foi formada por iniciativa da comunidade, chamava-se Escolas da Comunidade e as pessoas trabalhavam como voluntárias. Elas se organizavam e iam atrás dos políticos, digamos assim, para organizar uma escola. Então, meus pais foram dessas pessoas que tiveram essa iniciativa, que compuseram esse grupo de pessoas que se dirigiam aos políticos para que tivessem toda essa organização escolar. Como, na época, não havia pessoas com formação, mesmo sendo médico, meu pai trabalhava na escola como professor de Ciências. Eu me lembro de participar das festas da escola e minha mãe trabalhava como professora de Matemática.

FIGURA 24 – DESFILE DE SETE DE SETEMBRO NO CURSO PRIMÁRIO
FONTE: Arquivo pessoal da Professora Arleni Elise Sella Langer (2014)

Nesse período, ela estava fazendo uma graduação, se eu não estou muito enganada, era na tal de FUNDAMES[92], em Santo Ângelo, no Rio Grande do Sul. Meus avós eram de lá, moravam em Giruá, uma cidade entre Santo Ângelo e Santa Rosa que são duas cidades maiores do Rio Grande do Sul, que tem uma tradição. Giruá é

[92] Fundação Missionária de Ensino Superior.

uma cidade situada no meio desse percurso, e de Giruá até a faculdade, onde minha mãe ia dá mais de 40 km, 50 km, 60 km... Ela ficava na casa deles. Eu ainda não estava na primeira série. A gente ficava na casa dos meus avós e ela, à noite, ia para esse outro lugar. Acho que ela fez dois anos de Pedagogia dessa maneira. Ela ia e a gente ficava lá uns quinze ou vinte dias, depois nós voltávamos. Imagino que, algumas vezes, nós fomos juntos e outras ficamos com o pai e com alguma empregada de certo.

O que detonou isso, na verdade, foi o fato deles estarem trabalhando na escola. Ela estava trabalhando, era formada no Magistério. Quando ela casou, renunciou a formação anterior. Mas, mesmo que já éramos dois filhos, a gente fazia tudo isso, de ir dentro do ônibus, atravessar a balsa, passar por um friozão do período e ficar lá uns quinze dias.

Eu não sei se o curso, de fato, era de férias, mas sei que tinha momentos que ela voltava para cá [Cafelândia]. Nesse período, também não sei se ela estava lecionando ou como fazia para ajustar as coisas, mas sei que ela tinha essa visão, esse interesse de ser professora da escola ou já estava sendo, eu não consigo ter essa memória.

Minha mãe me contou que ela fez vestibular em Guarapuava, quando começou o ensino superior lá, mas, quase simultaneamente, começou aqui em Cascavel, que era muito mais conveniente e mais prático. Acho que ela só fez vestibular, nem sei se ela chegou a ir até lá, ou se ela fez apenas a inscrição.

Quando mudamos para Cascavel, lembro que tive dificuldades emocionais, nesse período, porque não foi muito fácil a mudança. Nós vínhamos de um lugar pequeno onde a gente conhecia e era conhecido por todo mundo e ficou muito diferente aqui. Isso deve ter sido em 1972, 1973... Certamente 1972, porque, nesse ano, minha mãe já estava fazendo faculdade aqui. A FECIVEL foi criada a partir de agosto de 1972. Foi complicado para minha mãe porque ela fez vestibular com a minha irmã, no colo, chorando para ser amamentada. O vestibular da FECIVEL foi no Clube Comercial. Não existia esse prédio da UNIOESTE. A FECIVEL, no caso, funcionava nas dependências do Colégio [Nossa Senhora] Auxiliadora. Ela estava recém começando a se constituir, tanto que o primeiro Diretório Acadêmico se chamava 16 de Agosto, porque no dia 16 de agosto de 1972 foi a data oficial. Fez quarenta anos há pouco tempo. Então, nesse período, minha mãe já vinha de Cafelândia para cá [Cascavel]. Ela abandonou aquele curso de Pedagogia e estava

fazendo o curso de Matemática aqui.

Minha mãe lecionou provavelmente até 1974, mas não foi o ano todo. Ela parou porque não tinha mais condições de cuidar de todos nós. Ela não chegou a concluir o curso, acho que fez até o terceiro ano. Daí, viu que era inviável continuar porque, também, não tinha tempo para estudar e quando a gente começa o terceiro ano de graduação tem que estudar. As coisas ficaram mais difíceis e ela não conseguiu concluir. Acho que, depois, a mãe engravidou novamente.

Comecei a estudar, no ano seguinte, no Colégio Santa Maria. Não consigo me lembrar da professora do segundo ano, mas no terceiro ano tive uma que foi marcante: professora Jovita Biscaia. Depois, estudei com o sobrinho dessa professora no primeiro ano de faculdade. Ela não era uma freira, era uma professora normal. Lembro-me muito da minha dificuldade com separação de sílabas. Acho que foi a coisa mais traumática, porque eu tinha muita dificuldade na questão do ritmo e ela enfatizava muito isso. Eu não conseguia absorver aquilo porque, às vezes, ela pronunciava determinadas palavras de maneira diferente do que eu pronunciava.

A gente tinha aquelas carteiras que se sentava de dois e erguia aquele tampo, inclusive tinha uma cavidade para o lápis. Eu sentava com um rapaz e sempre fui muito de conversar. Ele se chamava Carlos Alberto e tinha muita dificuldade, então, eu sempre o ensinava, por isso, a gente tinha mais conversas do que o normal, mas eu sempre fui de falar bastante. Então, a queixa das professoras para os meus pais é que eu conversava demais. Eu nunca tinha problemas de nota. Eu me lembro de ter algum tipo de castigo... Assim, eu tinha muito medo dessa professora, um pânico terrível! Eu tinha muito essa função de ajudar alguém da classe e talvez ela não encarasse isso muito bem. Eu sentia que eu e ela não tínhamos um relacionamento muito bom.

O segundo e o terceiro ano eu fiz no Colégio Santa Maria, mas era muito distante da casa dos meus pais e começava muito cedo, às sete e meia da manhã. Era complicado para mãe levar a gente. Daí, da quarta série em diante, eu fui para o Colégio Auxiliadora que era uma escola mais do centro e mais perto de casa, mas também era particular.

Na quarta série eu tive uma professora que foi muito brava e eu não me sentia livre para perguntar nada. Ela se chamava Gilka. Era uma pessoa muito rígida, praticamente não sorria, então, a gente não se sentia à vontade.

Mas, em relação à Matemática, senti muita facilidade. É uma disciplina que eu

não consigo me lembrar de nenhuma dificuldade, de nenhum momento marcante, talvez, porque foi passando e, aquilo que me era exigido, eu fui conseguindo resolver. Sinto que eu sempre tinha dificuldade em coisas como desafios, que não são a forma usual de trabalho, aquele jeito mais tradicional. Tive dificuldade quando era apresentado um desafio, uma maneira de pensar mais divergente, fora do convencional.

Eu era uma aluna literalmente muito “tapada”, digamos assim. Você faz exatamente o que o professor pede, então, você é excelente porque não cria problemas para ele e, até aonde ele te cobra, você é muito bom. Assim, nunca tive problemas na escola, sempre foi tudo bem porque era dessa maneira. Depois, quando você chega à faculdade, na universidade ou mesmo na tua própria prática você encontra desafios que não tinham sido apresentados na tua formação. Daí você identifica as tuas fragilidades.

Uma delas, sinto que eu gostaria de trabalhar, e cada vez me cobro mais, essa questão de desafios, atividades desenvolvendo raciocínio lógico, de olhar a Matemática de outra maneira. Eu me cobro de fazer isso com meus alunos porque eu não tive essa experiência. É uma coisa que faltou para mim.

Depois, de quinta a oitava série eu sempre achei que eu fui uma aluna muito “babaca” porque eu não conseguia, apesar de ir muito bem, ter uma compreensão clara das coisas. Acho que as professoras queriam esse tipo de pessoa... A gente repetia bastante os exercícios, era aquele negócio bem maçante. Lembro-me de poucas atividades diferentes que tenham sido feitas. Tinha uma professora que sempre comparava alguns tópicos da Geometria com o relacionamento das pessoas, por exemplo, paralelas ela falava que eram pessoas que não tinham relacionamento nenhum, coisas desse tipo que eu achava muito engraçado.

Em casa, minha mãe me ensinava as coisas de forma diferente do que a professora na escola. Elas, geralmente, não gostavam que a gente viesse com uma abordagem diferente das que elas tinham dado. Isso criava certa animosidade. Então, quando eu aprendia uma coisa que minha mãe ensinava, que era diferente da professora na escola, eu evitava falar porque criava confusão. Elas se sentiam inseguras. Eu tinha percebido que isso acontecia. Assim, eu nunca demonstrava que eu tinha outra maneira de resolver as coisas. Eu tentava fazer a resolução padrão, conforme elas faziam para evitar problemas.

Na quinta série, o ensino da Matemática era uma coisa horrível, era muita

Teoria dos Conjuntos. Em todas as séries, praticamente, a gente tinha uma retomada desse conteúdo. Estudei na quinta série o livro do Orlando Zambuzzi[93]. Não era um livro atraente como os livros são hoje. Era um livro em que as folhas eram de papel jornal, por fora tinha uma capa colorida, ilustrada, mas por dentro era preto e branco. Não tinha muito como fazer as coisas no livro, então, a gente fazia a maior parte das atividades no caderno.

A professora de Matemática de quinta série no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora era a professora Eugênia Maria Morelli. Ela era uma pessoa de bastante idade e impaciente. Já tinha dado aula durante muito tempo e estava cansada do Magistério. Ela não era muito fácil e todo mundo ria dessa professora Eugênia.

Era difícil porque ela tinha sido colega de faculdade da minha mãe e eu não podia fazer nada errado porque ela tinha intimidade com minha mãe e poderia lhe falar alguma coisa. Na mesma sala tinha um menino, filho de uma professora de Matemática, que se chamava Gibson. Parecia que ela tinha alguma coisa com a gente. Nós não éramos tão mansos. Essa professora sofreu porque ela usava “chapa” nos dentes e devia não se encaixar muito e a gente ria dela. Às vezes, de certo, ela nos pegava rindo. A gente quando é criança já viu... Faz comentário de tudo que pode fazer. Ela foi minha professora só de quinta série, depois acho que foi a professora Deise Maffei e a professora que eu mencionei das paralelas que se chamava Zandira.

A professora Zandira era solteira, tinha certa idade e tinha estudado ou já tinha sido freira, não consigo ter certeza. Tudo isso no Colégio Auxiliador. Estudei lá até o final do Ensino Médio, o Segundo Grau. Lembro-me de que essa professora se casou nessa série que nós estávamos, como se fosse a sétima série. A gente se reuniu para comprar um presente para ela porque nós gostávamos muito dela. Eu fui tendo experiências melhores com essa professora de Matemática que era mais aberta e gostava de fazer comentários. Ela era uma pessoa mais feliz, talvez isso fizesse com a gente ficasse mais à vontade nas aulas dela.

Com relação ao ensino de Matemática, não me lembro de ter tido nenhuma experiência didática diferente durante o Ensino Fundamental. As professoras apresentavam o conteúdo, ilustravam por meio de exemplos e nós fazíamos exercícios de repetição à exaustão. A gente sempre tinha tarefa e utilizava o livro didático. Acho que nós usávamos muito mais o caderno do que a gente usa hoje

---

[93] Matemática com Estudo Dirigido – Primeiro Grau 5ª série.

porque não tinha tanto espaço para responder no livro.

Parece que todo ano eles tinham uma coleção nova de livros. Não era uma sequência, por exemplo, o livro que eu estudei na quinta série, não era do mesmo autor na sexta, o da sétima era de outro... Inclusive, muitas vezes, meus irmãos, que eram mais novos do que eu, não podiam usar os mesmos livros que eu usava.

Então, no início do ano, era muito caro para os meus pais manterem a gente, porque éramos cinco. Era bem oneroso porque era uniforme e livro para todo mundo. A própria mensalidade não era uma coisa barata. A gente estudava Música, Inglês e mais óculos, aparelho e tudo... Penso, hoje em dia, que eles deveriam ser heróis porque não era fácil para manter. Era bem caro!

Meus pais acompanhavam muito meus estudos. Vejo, por exemplo, a diferença de atitude que eu tenho com minhas filhas. Nunca vi meus pais cobrarem: “Vocês têm que ter esse desempenho!” Não sei se eu fazia aquilo porque eu gostava, mas não me lembro deles dizerem: “Olha, se você não se esforçar o que vai ser de você?” Falei isso, muitas vezes, para as minhas filhas, mas, nunca ouvi isso dos meus pais. Nunca ouvi uma cobrança porque eu queria tanto agradá-los e eles eram motivadores. Assim, eles não tiveram a necessidade de me cobrar, a não ser, essas coisas das conversas paralelas na classe, fora isso, acho que tive, na escola, o desempenho que eles esperavam.

Assim, ser professor eu via, pelos meus pais, que era uma coisa importante, que era valorizada, eu percebia isso. Continuei minha formação, mas eu não tinha claro que eu seria professora e quando eu cheguei ao final, do Ensino Médio, em que você começa a tomar as decisões profissionais, eu já estava aqui em Cascavel.

Na escola, sempre ajudei meus colegas. Eu fazia uma espécie de monitoria na sala. Eu sempre tinha essa facilidade de tentar traduzir aquilo que o professor falava em palavras mais simples. A gente sempre faz isso! Estudei numa escola particular chamada Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, e o curso que eu fiz de Ensino Médio se chamava Auxiliar de Farmácia[94], Oficial de Farmácia, tenho um pouco de dúvida. Optei por esse curso porque não existia outro e, na época, a legislação impunha que a gente tivesse algum tipo de formação profissional no Ensino Médio. A lei que estava em vigência na época era a 5692/72, que deveria obrigar esse tipo de coisa ou alguma outra regulamentação posterior.

---

[94] No Anexo 36 se encontra uma cópia digitalizada do certificado de conclusão do Curso de Auxiliar de Farmácia da professora Arleni Elise Sella Langer.

Tinha, também, o Magistério, mas todo mundo que queria continuar os estudos fazia o Curso de Farmácia porque tinha a maior carga horária de todas as disciplinas como, por exemplo, de exatas. No Magistério a carga horária para Química e Física era muito reduzida. Então, meus pais sempre pensando que a gente faria uma graduação, e o vestibular era, realmente, uma barreira para estudar no Ensino Superior, escolheram esse curso.

No Colégio Marista, nessa mesma época, tinha um curso como se fosse Técnico em Laboratório, em Análises Clínicas, alguma coisa assim. Então era pela força da lei que todas as pessoas que, também, estudavam lá optavam por esse curso. Não que elas gostariam de ter isso como profissão, mas era a forma de obedecer a lei e ter a maior carga horária que pudesse fazer a pessoa enfrentar o vestibular sem maiores dificuldades.

O caráter do curso, na escola particular, era totalmente Propedêutico. O objetivo era preparar para o vestibular, só que era uma forma de cumprir a lei, então tive disciplinas, por exemplo, de aplicação de medicamentos. Tive disciplinas voltadas para a prática profissional, mas a gente estudava no período diurno e sabia que a formação não terminaria naquele terceiro ano do Ensino Médio. Então, nós não dávamos tanta ênfase e também não valorizávamos muito essa parte da formação profissional.

Lembro de que o ambiente escolar era muito produtivo porque a carga horária era grande. A gente tinha aulas aos sábados. Hoje em dia, isso não existe mais. Acho que a gente tinha três aulas aos sábados, isso supõe uma carga horária de 28 horas semanais. Eu gostava muito das disciplinas e da escola nessa época! A professora de Matemática fazia uma coisa muito legal, chamava a gente para olhar o que tinha errado na prova. Nós sentávamos juntos e ela mostrava e esclarecia: “Olha aqui... O que você quis dizer com isso?” Não sei se ela fazia isso para todos porque era no período de aula, talvez, para quem tivesse terminado a prova por primeiro. Ela tinha uma faixa etária muito próxima da nossa e era bonita. Era uma pessoa atraente. Todo mundo gostaria de ser como ela. Ela tinha se formado aqui na FECIVEL e o nome dela era Cleir Sachet. Acho que ela foi minha professora nos três anos do Ensino Médio.

Essa forma de abordagem foi muito produtiva para mim. Gostei muito e fiz isso, depois, com meus alunos. Era uma coisa que eu achei difícil, mas muito interessante, uma relação muito franca porque o aluno olha aquilo diferente, que ele

está sendo avaliado e, também, no sentido de que o professor pensa: “Você entendeu o que eu disse?”

Era muito engraçado, por exemplo, a gente tinha um professor de Física, um ex-irmão Marista, que tenho certeza de que ele não tinha formação para ser professor, se tinha formação, não tinha documentação. A Igreja Católica, muitas vezes, fazia isso com as pessoas, elas tinham formação, mas com outro nome e não tinham papéis que comprovassem legalmente. O nome desse professor era Juvelino Mondadori. Ele era um tipo de polímata, dava aula de História, de Física, de Ensino Religioso e era muito competente naquilo que fazia, teoricamente, era muito capaz de dar aquelas disciplinas. Ele se preparava, também, mas era, logicamente, uma pessoa hilária porque ele era bem velho e a gente achava que tudo era rabugice dele. Aquilo enjoava um pouco e era ruim porque ele dava aula de muita coisa para a gente. Isso foi no Colégio Auxiliadora, mas ele tinha sido professor no Marista, também. O irmão dele, irmão de sangue, também tinha sido professor aqui na cidade. Acho que a formação deles era do Rio Grande do Sul, porque eu imagino que essa província Marista tinha sede em Porto Alegre ou em Santa Maria, não sei. Eles eram descendentes de italianos. Eu imagino que ele tinha graduação só que era desse jeito, a Igreja fazia isso para manter as pessoas vinculadas a ela e, quando elas saiam, como não tinham papéis, documentos, perdiam a possibilidade de fazer um concurso público e tinham que se sujeitar a certo domínio da escola.

Ele contava muito da história de vida dele e isso, às vezes, dava possibilidades para que os colegas o ridicularizassem, mas eu sempre o tratei com muito respeito. Ele tinha uma maneira de fazer as avaliações que era interessante. Ele sempre dava antes um trabalho, com consulta, que seria muito próximo do que ele iria fazer na prova, quase que com as mesmas características. Como resultado, no dia do trabalho, estávamos, de fato, estudando para prova dele. Quando a gente fazia a prova, quem era uma pessoa minimamente interessada saberia como resolver, porque tinha resolvido coisas semelhantes, bem similares à aquelas. Ele dava peso igual para o trabalho e para a prova, o que tornava as coisas mais ou menos fáceis. Então, sempre achei que a escola ofereceu poucos obstáculos para mim. Ela me cobrou muito pouco, mas a graduação foi pior. A graduação foi muito pior porque ela era muito mais fácil.

Depois, nesse período de tomar decisões, minha primeira decisão foi prestar vestibular para Jornalismo e não fui aprovada, mas também fiz vestibular aqui

[UNIOESTE, na época FECIVEL]. Esse Jornalismo era na Universidade Federal do Paraná em Curitiba, e aqui eu fiz vestibular para o Curso de Ciências que era com o qual eu me identificava mais, que eu percebi que eu tinha maior identidade. Isso foi em 1984.

Posso falar da graduação? O Curso de Matemática, aqui, tinha se extinguido. Como existia o Curso de Ciências e o Curso de Matemática, a legislação obrigou que os cursos de Ciências dessem origem a vários tipos de habilitação. A única possível aqui na UNIOESTE era a Matemática. Não sei direito quais eram as contingências... Por causa de professores... Então, cursei Matemática na Licenciatura Plena e, nesse período, continuava trabalhando em Cafelândia. No final do ano de 1987 eu me formei.

Mesmo que eu tive um curso de Ciências e Matemática e que as professoras eram excelentes professoras de Biologia, de Zoologia, de Botânica e Química, talvez pela heterogeneidade da turma, a exigência era muito pequena. Acho que tinham que resolver muitos problemas de conteúdos que as pessoas tinham, então, a gente parecia ótima diante da dificuldade dos outros.

O último ano de faculdade, a Licenciatura Plena, foi um ano que, na verdade, tive que estudar, mas basicamente era muito trabalho. Eu tinha muita coisa para fazer: insetário, borboletário... Trabalhos grandes, por exemplo, portfólios de botânica que você tinha que secar e organizar. Tudo na graduação deu muito trabalho para fazer, mas não era difícil. Tive facilidade para guardar nomes e, também, um ambiente propício e adequado.

Na Licenciatura Plena tive dificuldades quando vi, por exemplo, Cálculo II, essas disciplinas que eu tinha que estudar. Na Licenciatura Curta tinha disciplinas da Matemática, mas era Matemática I, Matemática II que, em minha opinião, funcionavam como uma retomada do Ensino Médio. Fiz Álgebra, mas olhando a formação que os alunos da graduação têm hoje, foi muito pouco. Nossa! Hoje, de fato, eles estudam Fundamentos de Lógica e eu não tive isso aprofundado. A formação dos professores que atuavam na graduação era muito deficiente. Essa é a impressão que eu tenho até hoje. Eles não tinham Mestrado e nem Doutorado... Eles não tinham formação adequada. Não tinham mais o que dar para você. A minha impressão é que os professores da parte de Ciências, da Biologia, de Botânica e de Geologia tinham uma formação melhor.

Fazendo uma análise, hoje, penso que a minha formação não foi a melhor possível, mas quando eu chamo esses professores PDE para virem aqui e pergunto

como foi a formação deles, os que são contemporâneos meus, de mesma faixa etária, vejo que a deles foi muito pior do que a minha porque muitos tiveram, por exemplo, cursos precários, estudaram cursos de férias, cursos que não tiveram nenhuma vivência estudantil de assembleia de luta. Porque a gente teve a experiência de muita luta quando esta Universidade foi estadualizada. Passamos anos aqui entendendo, um pouco, o que era um movimento acadêmico. A gente tinha uma biblioteca... Participei de muitas reuniões de conselho e colegiado. Tive uma vivência, mas essa gente nem isso teve.

Penso que a formação do professor, de um modo geral, foi muito ruim e penso, também, como ela poderia ter sido. Conheço muitos professores, colegas meus com os quais eu trabalhei, aqui em Cascavel, que fizeram esses cursos aligeirados e não uma graduação. Por exemplo, a professora que trabalha comigo no Marilis, que é nossa colega e supervisora do PIBID, trabalha com a Iniciação à Docência, conseguiu pelo esforço dela uma formação que eu julgo até apropriada. Ela estudou em Presidente Prudente. O nome dela é Maria Júlia de Carvalho. Ela era de Assis Chateaubriand. Ela mora aqui em Cascavel e está aposentada de um padrão, mas o caso da formação dela é interessante. Eu não tenho certeza, mas deve fazer doze ou quinze anos que ela veio para Cascavel. Acho que ela estudou, talvez, na UNIPAR e depois foi para Presidente Prudente.

Isso não é pouco comum, mas Cascavel até que é um núcleo que tem bastante professor formado, pois se você pegar outros municípios verá que esse tipo de formação aligeirada, que não é uma formação consistente, é abundante. É uma formação que eu considero improvisada, mas não é só culpa das pessoas porque elas, às vezes, não tinham oportunidade de fazer diferente. Não culpo as pessoas, porque, na verdade, o MEC deu chance para isso acontecer, não foi à revelia da lei. Isso aconteceu sob os seus auspícios.

Uma coisa que pode ser interessante na minha vida durante a graduação foi que eu tive contato com a professora Silvia Fabro. Ela foi minha professora de Didática com a professora Maria Lídia, que ministrava Psicologia. Elas eram muito envolvidas com o polo do Magistério que formava professores por meio do curso de Magistério.

Eu também era aluna Representante do Curso aqui na Universidade. Eu não me lembro como se chamava essa função, mas sei que tinha reuniões em que a gente ficava até tarde da noite discutindo, por exemplo, quais critérios seriam utilizados para o afastamento de docentes para estudos, quais seriam os critérios para escolha de

alunos representantes. Depois, esse aluno acabava, nos anos seguintes, vindo trabalhar como colaborador na Universidade e indo para as pós-graduações. A gente via que era tudo muito próximo de quem estava ali.

Uma coisa que eu lembro que era importante na FECIVEL é que era uma entidade que tinha algum tipo de convênio com a Prefeitura porque os meus colegas, que eram funcionários da Prefeitura, professores municipais, tinham isenção das mensalidades e os demais pagavam. Tive muitas colegas, durante a graduação, que eram professoras do município em Cascavel, por exemplo, a Rosa Pacheco, a Sonia e a Elizete Carminati. Um bom grupo eram professores que tinham feito curso de Magistério e estavam completando sua formação. Para nós era uma coisa muito rica porque eu não tinha tido a experiência do curso de Magistério até esse terceiro ano da graduação e elas tinham. Elas buscavam encontrar alternativas ou saídas de atividades e logo viam o que fazer com aqueles conteúdos nas classes. Elas tinham essa visão e a gente, talvez, não conseguisse olhar a menos que fosse chamada a atenção por elas, fosse destacado. Elas atuavam de primeira à quarta série no município, depois, lecionaram de quinta a oitava série, também.

No período que eu estava na graduação, acho que houve muitas mudanças na Região Oeste do Paraná. A própria organização da ASSOESTE, em minha opinião deve ser posterior ou contemporânea a esse período. Lembro que logo que eu estava na graduação, comecei a atuar como professora. Por uma questão de trabalho, voltei para Cafelândia. Comecei a atuar lá porque aqui em Cascavel parecia que não tinha lugar para uma espécie de contrato, porque os professores eram mais ou menos efetivos e estavam nas escolas. Quando fui fazer estágio, durante a graduação, por exemplo, em uma escola perto da minha casa, no Colégio Estadual Marillis Faria Pirotelli, fui percebendo que não tinha espaço. Você fazia a inscrição, não lembro direito por que modalidade no Núcleo, mas não conseguia porque não tinha experiência anterior e acabava sendo aquele ciclo vicioso e, num lugar menor, tinha mais possibilidades.

Então, ocorreu que se combinaram as coisas, meu marido seria responsável pela fazenda que era da minha família e eu trabalharia na escola. Inicialmente, fui para Cafelândia sondando essas possibilidades e, conversando na escola, uma professora entraria em licença maternidade. Acho que o período da licença maternidade era de quatro meses. Então, durante a graduação, fui substitui-la indo e voltando, diariamente, ainda tendo aulas à noite.

Naquela época, só tinha uma escola, o Colégio Alberto Santos Dumont. Depois, esse colégio queimou e construíram outra escola. Como estava em andamento a abertura de uma nova escola, usaram aquela estrutura física para essa escola que funcionou por um tempo até que foram criadas duas escolas. Creio que hoje deve ter mais escolas, mas, naquele período, escola estadual só tinha uma e eu lecionei lá de 1986 a 1989[95].

No ano seguinte da minha formação, acho que no ano de 1987, eu já tinha concluído a Licenciatura Plena e assumi aulas de toda espécie. Lecionei, também, para o Curso de Magistério em Cafelândia. Eu tinha aula de Desenho Geométrico, Física, Química, Biologia... Eu tinha aula de várias coisas porque, naquele tempo, eram raras as pessoas com formação e uma pessoa que é graduada em Ciências tem essas disciplinas na sua formação. A pessoa que eu fui substituir na licença maternidade, por exemplo, não tinha graduação completa, fazia um curso em [Presidente] Prudente ou em Umuarama. Nem era uma licenciatura curta e eu estava terminando uma graduação. Sei que era um curso praticamente à distância, o nome dela era Maria Aparecida. Assim, eu já estava casada morando na fazenda e morando aqui, tinha duas casas. Alguns dias eu ficava lá [Cafelândia], mas a maior parte dos dias eu vinha à noite porque eu tinha aula, estava cursando a Licenciatura Plena.

Com relação ao preparo das aulas, apesar de que eu tinha tantas disciplinas diferentes, todo aquele conteúdo eu tinha visto na graduação e no Ensino Médio, então eles não apresentavam um desafio para mim. O difícil era que você tinha uma turma de Química, uma turma de Biologia, então era trabalhoso para preparar e eu ainda estava estudando. Isso foi complicado porque foi o ano que eu tive que estudar porque tinha coisas mais difíceis.

Por outro lado, foi bom porque eu via significado para as coisas que eu tinha estudado, via utilidade, porque, na verdade, quando a gente ensina a gente aprende. Então, você se vê obrigado a aprender e se alguma coisa ficou na dúvida, você vai atrás de compreender aquilo de fato. Por que como é que você vai ensinar uma coisa que você não tem segurança? Sempre fui muito assim... Só que, naquela época, não tinha internet, não tinha outros recursos, a gente usava muito o livro, a biblioteca da Universidade.

Nessa época, os alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio não

---

[95] No Anexo 38 se encontra uma cópia digitalizada da Declaração de Experiência Profissional no Colégio Estadual Alberto Santos Dumont, na disciplina de Matemática.

tinham livros. Não tinha Programa Nacional do Livro Didático, PNLD, não tinha livro para distribuir aos alunos. A gente tinha que registrar o conteúdo, passar no quadro e isso, claro que reduzia a abordagem que você escolhia. Não tinha como ele ter outra possibilidade, ter outra visão. Isso tornava o professor, ainda, com muita autoridade, no sentido de autoridade em relação ao conteúdo.

Eu me lembro de que era muito diferente, os alunos levantavam quando você chegava. Eles respondiam em coro quando o diretor da escola... Bom Dia! Bom Dia! Era tudo assim... Senhora... Hoje em dia não tem esse tipo de tratamento, nem sei também se isso era adequado. Era certa distância, mas, também, nunca me senti no direito de ser autoritária com os alunos.

O convívio com os outros professores era muito bom porque meus pais tinham sido professores fundadores dessa escola, então eles me respeitavam muito. Eles tinham expectativa de que eu ficasse trabalhando com eles por muito tempo. Facilitaria muito a vida deles porque, sempre, faltavam, muitos professores. Quando distribuí convites de casamento, eles me deram um presente... Tinha dias em que eu tinha que vir mais cedo porque eu tinha aula de Inglês e, depois, aula da faculdade à noite. Para eu poder pegar o ônibus tinha um “periodozinho” que os alunos ficavam sozinhos, mas não tinha problema porque você dava uma atividade e eles ficavam, quietinhos, trabalhando. Nunca tive problemas! Era uma coisa que todo mundo cooperava e eu me sentia muito bem lá.

Existia um grupo de professores que estava muito interessado em que os alunos tivessem a melhor formação possível. Pense bem, era a única escola estadual no município que tinha Ensino Médio. Então, as pessoas, os pais, contavam que os filhos tivessem aquela formação porque não tinham condições de transportá-los até Cascavel. Hoje em dia, sei que muita gente faz isso. Vêm vans de lá para estudar aqui, em Cascavel, o Ensino Médio e outras coisas. Lá [Cafelândia] já tem outros colégios particulares que concorrem, no caso, com o colégio estadual, mas nessa época não existia isso. Então, os pais contribuíam para que aquela fosse a melhor formação que eles poderiam dar.

O currículo básico do Estado do Paraná de 1990, que o professor Carlos [Roberto Vianna] é um dos autores, é posterior a isso, mas creio que deveria ter algum outro documento que a gente utilizava e norteava nosso planejamento. Uma coisa que eu lembro muito é que abríamos os livros didáticos, consultávamos as sequências propostas quando a gente fazia o planejamento.

Como autoridades da escola tinha o diretor, o vice-diretor e o secretário. Parecia que o secretário da escola tinha uma responsabilidade maior. Não sei se esse secretário era, de fato, um professor que estava naquela função. Na minha impressão, o papel do secretário, naquela época, era diferente. A pessoa tinha mais responsabilidades, mais interferência no que acontecia. Sei que a gente tinha que dar bastante satisfação, era mais burocrático do que é hoje.

Acho impressionante que, naquela época, não tinha nada de hora atividade. A gente tinha que levar tudo para casa. Tudo o que a gente tinha que planejar, qualquer coisa diferente que você queria fazer com os alunos, era feito em casa. Até mimeografar um trabalho você tinha que fazer na escola, mas era no teu horário de folga. Você tinha que vir de manhã, por exemplo, se você queria dar aquilo à tarde. Não tinha ninguém, na escola, que pudesse fazer isso. Além disso, você não tinha, na tua carga horária, nenhuma disponibilidade, todo tempo você estava em sala. Hoje em dia, quem entra no Magistério não tem ideia do que foi aquilo. Foi um período em que a gente não tinha praticamente vida, não tinha final de semana, não podia levar os filhos para lugar nenhum. A gente só trabalhava.

Então, mudei para Cascavel porque ficou muito difícil. Eu engravidei, tive filhos. Como eu faria para ir e voltar todos os dias, ter duas casas e cuidar de tudo? Minha família estava morando aqui. Eu tinha uma casa aqui e a outra possibilidade era morar no sítio que ficava a 11 km da cidade. Quando chovia, era inviável eu dar aula em Cafelândia. Não tinha condições de sair no barro e chegar até lá. Assim, era mais fácil eu ficar aqui e trabalhar do que eu ficar morando no sítio, mas meu marido ficou trabalhando lá, na agricultura. Depois, ele começou a trabalhar com a formação dele e ficou muito melhor, mais fácil eu continuar trabalhando aqui.

Nesse período, fiquei dois anos sem trabalhar na escola. Trabalhei um tempo com roupas infantis. Eu fazia roupas de bebê. Gosto muito de artesanato, é outra coisa que me atrai muito, mas senti muita falta da escola e resolvi voltar. Tentei voltar para o Estado, mas foi bem difícil porque eu não tinha como deixar as crianças para eu trabalhar os dois períodos. Então, por dois anos, 1992, 1993, trabalhei só na escola particular, até que comecei no Colégio Estadual Marilis Faria Pirotelli. Fiz o concurso e 1994 foi a data da minha posse. Eu tinha passado no concurso em Ciências e em Matemática, que fiz na mesma data, mas pedi exoneração e não assumi o concurso de Ciências. Pedi exoneração porque o salário era tão pequeno que não tinha condições nem da gente pagar uma empregada doméstica para ficar em casa.

Exonerei, também, porque eu achava muito difícil. Uma das coisas que eu acho, até hoje, é que o professor de Ciências tem que estar sempre estudando, tem que ter lido o último artigo, tem que estar atrás da última informação do momento... Porque o aluno vinha com aquele interesse de descoberta e eu não me sentia tão interessada pelas coisas que eles se interessavam. Eu sempre gostava mais de Matemática. Então, quando pude, preferi que as minhas aulas fossem só de Matemática. Mas não tive muito tempo de aula de Ciências. Acho que fiquei uns dois anos com essas coisas de todos os tipos, mas logo peguei Matemática.

Mas, na escola particular, tive, por muito tempo, aulas de Ciências porque era o único jeito de eu ficar um período na escola pública e um na escola particular, na qual as minhas filhas estudavam. Era conveniente para mim porque o número de turmas era muito reduzido e não daria a carga horária para uma pessoa trabalhar naquele período todo. Então, eu tinha aulas de Ciências, Matemática e de Desenho Geométrico, na escola particular. Para ver como a carga horária era maior...

No [Colégio Nossa Senhora] Auxiliadora eu tinha cinco aulas de Matemática por semana no Ensino Fundamental e mais uma de Desenho Geométrico. Lembro-me da gente ter livro de Desenho Geométrico para os alunos, então, a escola e os pais também investiam... Lecionei por bastante tempo Desenho Geométrico, acho que uns cinco anos.

Trabalhei por muitos anos tendo um vínculo com o estado e outro com a escola particular. Isso durou mais ou menos onze, doze anos da minha vida. Assim, eu tinha muita dificuldade de fazer cursos e participar de reuniões pedagógicas porque a escola particular exigia a tua presença o dia todo. Fui muito pouco para Faxinal do Céu[96] porque eu não conseguia ficar distante da escola. Demorei bastante para chegar ao topo da carreira porque eu não conseguia ter o número de horas necessárias.

Nessa época, já tinha bastante regulação e normas para cumprir. Teve bastante reformulação curricular porque foi implantado, por exemplo, o PROEM – Programa de Emancipação e Melhoria do Ensino Médio. Isso mudou bastante a grade do Ensino Médio. Eu lembro que, na escola, começou a não ter mais demanda do Curso de Auxiliar de Enfermagem porque ele mudou para o CEEP, o Colégio Polivalente Pedro Boaretto Neto que ficou como um núcleo de ensino técnico. Esse

[96] O Centro de Capacitação de Faxinal do Céu oferecia cursos para a formação do professor do Estado do Paraná.

Curso de Auxiliar de Enfermagem foi se extinguindo, gradualmente, e foi se criando o Curso de Técnico de Enfermagem que é do nível médio e pós-médio. Isso deve ter sido, provavelmente, depois de 2000. O CEEP é de 1978. Ele é um colégio muito antigo, mas só que aos poucos eles foram concentrando isso lá...

Com relação às atividades, sempre tentei fazer muita coisa do que eu via num curso ou em outro, por exemplo, a ideia do Lair [Buchner] [e do] [Vilson] Scwantes, tentei trabalhar. Eu tinha material dourado e procurava trabalhar, com os alunos, pensando na fatoração de polinômios, quando eu tinha sétimas séries, hoje oitavos anos. Hoje, com a visão do complemento de quadrados e suas possibilidades na resolução de equações do segundo grau, percebo o quanto um trabalho bem feito seria importante, poderia facilitar a visualização e dar significado à resolução das equações e às raízes.

Quando a gente estava lecionando, tinha que usar muito o mimeógrafo. Durante muito tempo eu tinha pastas e pastas de material mimeografado porque era o que você tinha para fazer. Os alunos não tinham livros, então você passava o conteúdo no quadro ou produzia material no mimeógrafo. Isso nem sempre era fácil porque você não tinha uma pessoa, na escola, para rodar aquilo. Às vezes, alguém, algum secretário, fazia isso, mas era bem raro, a gente é que tinha que preparar o material. Por isso, nesses cursos, a gente guardava tudo o que poderia ser usado e reproduzido.

Eu sempre gostei de trabalhar com o Ensino Médio. Fiquei muitos anos trabalhando com os segundos e terceiros anos. Mas quando vim para a UNIOESTE, perdi a possibilidade de fazer a minha escolha em primeiro lugar. Fiquei “graneando” bastante tempo até que eu consegui escolher em primeiro e, quando eu escolhia, a minha primeira opção era para o Ensino Médio porque eu gostava de usar uma linguagem mais objetiva. Eu tinha mais facilidade de lidar com eles. Eu ainda gosto muito de trabalhar com o Ensino Médio porque é um aluno com o qual você não precisa trabalhar tanto com material, mas pode usar muita analogia mental e metáforas. Você pode trabalhar com os recursos da própria língua, ouvindo eles e promovendo representações... Gostava muito de trabalhar com Probabilidade e com Função Trigonométrica.

A autoridade da escola, naquele período, era a direção. Era diferente de hoje que a gente tem a equipe pedagógica. Havia, também, a figura de uma pessoa que se chamava supervisora, mas não me lembro dela ter entrado na sala ou vistoriado

meu diário. Na verdade, era alguém que tinha, talvez, autoridade para isso. Era uma pessoa como a gente, um professor a quem o diretor da escola delegava essa função. Então, era uma pessoa que não tinha formação específica em Pedagogia para ser supervisor. Acho que, talvez, não tivesse gente formada suficiente, mas depois, com o tempo, o estado foi abolindo isso e exigindo que, para ser supervisor, tivesse formação adequada na área. Assim, com o tempo, não existiu mais essa figura do supervisor. Hoje a gente chama de Equipe Pedagógica e a pessoa é o professor pedagogo que tem, entre outras funções, a de observar se aquilo que está proposto no planejamento está sendo cumprido. Não tem esse caráter de regular, mas houve época que tinha essa figura na escola, uma pessoa que era responsável, por exemplo, por passar o horário no livro ponto, porque tudo era feito à mão. Acho essa atribuição mais boba que pode ter. Isso não era função do funcionário da secretaria, era função do supervisor, então, ele passava um bom tempo só nisso porque tinha que fazer todo o horário para a gente assinar ao lado. Hoje em dia, muitas dessas tarefas burocráticas da escola, com o advento do computador, foram reduzidas nas suas dificuldades e na exigência de pessoal para isso. Imagine todos os históricos para serem preenchido à mão. Tudo isso, hoje em dia, ficou muito mais ágil e necessita de menos pessoal para isso. Só que, em compensação, talvez, tenham outras exigências.

Lembro que essa figura do supervisor era uma pessoa da qual todo mundo tinha receio porque aquelas pessoas das quais eles não gostavam, de fato, perseguiam. Uma dessas professoras, que era supervisora da escola, falava muito que a gente não tinha que dar palpite quando era novo na escola, que tinha só que ouvir o que os outros mais velhos tinham a falar. Eles colocavam a gente no lugar da gente. Decidiam o lugar em que sentávamos na sala dos professores e a turma que tínhamos que pegar, as últimas turmas naturalmente, mesmo que tivéssemos formação melhor do que a outra pessoa e fôssemos aprovados pelo concurso. Isso é praxe até hoje, a pessoa que já está lá escolhe aula na sua frente, não interessa se ela não tem formação, é assim que funciona.

Todo mundo fala sobre inspetores de ensino que controlavam as atividades da escola, mas eu não me lembro disso ter acontecido, talvez, isso era por amostragem. Naquela época, não tinha provas como a Prova Brasil, ou alguma coisa

do tipo SAEP[97] ou SAEB[98].

Todas as vezes que eu trabalhei na escola, nunca fui só eu como professora de Matemática. Por menor que fosse a escola, mesmo em Cafelândia, sempre tinha outros professores. Havia, também, um rol de conteúdos mínimos e a gente preparava o planejamento bimestral. Todos os professores se sentavam para fazer e tinha bastante consenso. Caso a gente resolvesse trocar, por exemplo, a ordem ou a abordagem do conteúdo, nós negociávamos e víamos o que a pessoa havia trabalhado no ano anterior. É muito parecido com o que a gente faz hoje. Só que na escola particular isso não era possível porque a gente tinha que seguir a ordem da apostila. Não tinha como fazer diferente, caso você quisesse "puxar" outro conteúdo.

Quando temos o livro didático em mãos é diferente, por exemplo, se eu quiser posso trabalhar primeiro o Plano Cartesiano e depois os Sistemas de Equações. Trabalho o Plano Cartesiano e a construção de uma lei de formação de uma função. Construo as retas e vejo o sistema como a possibilidade de interseção dessas retas ou não. O livro traz outra abordagem e eu posso ser o autor da minha aula, eu o uso ou deixo de usá-lo. No caso da apostila não, porque você tem que vencê-la, pois ao final do bimestre outra virá, então era sempre aquele problema.

Quando eu trabalhava no Colégio [Nossa Senhora] Auxiliadora, bem nos primeiros anos, o foco dos distribuidores de livros era a escola particular, porque os grandes consumidores de livros didáticos eram os alunos da escola particular que, posteriormente, começaram a usar apostilas. Nesse período, começou o PNLD[99] e mudou o foco. Os distribuidores de livros, os divulgadores agora atendem e se interessam pelo professor da escola estadual porque na escola particular são usadas apostilas. Então, não é mais o professor que decide qual o título que vai ser adotado, como, por exemplo, o professor do Colégio Auxiliadora, a rede toda de ensino, Sistema Scalabriniano, adotava a apostila Positivo, ou a apostila Expoente. Lembro-me que, em 1992 e 1993, quando eu trabalhava lá, eu pegava os livros que eu ganhava no Auxiliadora e os usava para dar aula na escola do estado como livro do professor ou como material de apoio.

Trabalhar na escola particular e no estado era dois níveis muito diferentes. Isso aconteceu por bastante tempo. Eu lecionei na escola particular de 1992 até 2003,

---

[97] Sistema de Avaliação da Educação Básica do Paraná.
[98] Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica.
[99] Plano Nacional do Livro Didático.

onze anos, e durante boa parte desse período, de 1993 até 2003, eu já trabalhava no estado, também. Então, por nove anos, isso ocorreu simultaneamente. Tinha época que eu tinha todas as séries, de quinta série ao terceiro ano do Ensino Médio. Isso foi muito bom para minha formação como um todo, porque eu olhava um conteúdo, por exemplo, a potenciação e logaritmo e pensava assim: “Meu Deus! Logaritmo é um expoente, então estou lidando com as propriedades da potenciação quando eu lido com as propriedades do logaritmo.” Então, fui aprendendo o jeito de abordar o que eu tinha que destacar e enfatizar. Eu conseguia olhar como um todo, mas dava muito trabalho para preparar. Mas, mesmo assim, achei que foi muito legal e, por vários anos, tive esse tipo de formação.

Eu estava falando da diferença, por exemplo, o aluno da escola estadual é muito faltoso, o aluno da escola particular não é faltoso, porque o pai acompanha, leva e deixa na porta. Se alguém liga, o pai vai lá, fica preocupado com aquilo, diferentemente da escola pública. Alguns se interessam, estão envolvidos, mas a maior parte das famílias acha que ele está fazendo a obrigação se faltar para ir ao dentista ou se faltar porque tem que cuidar da avó, do irmãozinho ou de qualquer coisa porque, na verdade, não está pagando a escola. Eles têm essa visão simplista de que ele não está pagando a escola. Então, o pai, de um modo geral, muitas famílias investem muito pouco nos filhos. Na escola particular, também, tem problemas. Tive muitos problemas no sentido de que os pais não querem que a gente cobre o quanto se cobra, acham que tudo deve ser mais fácil do que deveria ser porque a gente exige...

Mas, sempre foi muito difícil conciliar os estudos e a família. Por isso que eu acho que essa questão, por exemplo, da criação da carga horária da hora-atividade é fundamental porque senão a pessoa não consegue se profissionalizar, acaba misturando tudo. É uma coisa importante na atuação do professor, dele ter um tempo para preparar suas aulas.

Vejo que as políticas mudam, mas mudam, também, as exigências. Parece que a gente teve grande ganho na hora-atividade, estamos chegando aos 33%, mas, hoje em dia, tem outras demandas que, naquela época, a gente não tinha e isso é importante considerar. Por exemplo, tenho que atender alunos com necessidades especiais. Tenho que fazer flexibilização curricular e adaptação de atividades para esses alunos. Isso demanda muito tempo de planejamento e de busca para fazer uma atividade diferenciada para aquele aluno que tem, por exemplo, dislexia, ou para o

aluno que tem discalculia, ou outra dificuldade.

Esses alunos estão inseridos nas minhas turmas e tenho que pensar nessas atividades. Tenho, também, vários alunos que têm dificuldades para fazer a avaliação num tempo normal. Mesmo que ele seja atendido na sala de recursos, preciso fazer atividades para ele durante o período que está comigo e isso demanda muito tempo. No passado, não tinha esse tipo de coisa, então, a inclusão gerou esse tipo de demanda que a gente tem hoje.

Hoje em dia, a gente é responsável, também, por preencher aquelas fichas do FICA[100], quando um aluno se evade da escola. Então, eu tenho que pedir para a pedagoga chamar os pais, tudo isso no meu horário de hora-atividade. Ela não é centrada só na preparação de atividades, correção ou avaliação do meu trabalho. Ela, também, está envolvida com todas essas outras exigências. Então, durante esse período da minha formação, tive que ir mudando e absorvendo outras exigências. Surgiram necessidades que, no início, não tinha. Acho que eu nem via que tinha gente portadora de necessidades, pois eles não estavam na escola.

Outra questão, tem muito mais indisciplina do que tinha. A gente tinha a cooperação da família e era considerada autoridade, mas, hoje em dia, temos que estar o tempo todo ganhando a confiança deles e, muitas vezes, é desgastante essa tarefa de ficar tentando conquistá-los e tentando quase cooptá-los para gente.

Então, fica duro você ter que ficar, o tempo todo, usando moeda de troca e, o tempo todo, eles estarem perguntando se vai valer nota alguma atividade. Porque muita gente usa isso como padrão de troca, mas eu tento sempre despertar neles o gosto pela aprendizagem, o prazer que dá aprender, a liberdade, a autonomia, mas nem sempre isso é uma coisa fácil, até porque a cultura não é essa.

Outra coisa que acontece é que em Matemática, as coisas, muitas vezes, não são tão imediatas e essa geração é muito imediatista. Eles querem apertar o botão e já obter um resultado. A gente nota, também, que qualquer coisa que dispenda, exija um esforço para ele aprender, ele vai deixar de lado. A tendência é fugir da dor, de qualquer sofrimento, de qualquer exigência. Isso tem gerado muita dificuldade e a gente tem muitos problemas.

---

[100] O programa FICA (Ficha de Comunicação do Aluno Ausente) é uma parceria entre a Secretaria de Estado da Educação, representantes municipais, conselhos tutelares, Ministério Público, pais, alunos e comunidade para combater a evasão escolar nas escolas estaduais do Paraná. O principal instrumento é uma ficha utilizada para controlar a frequência dos alunos menores de dezoito anos do Ensino Fundamental e Médio. Disponível em www.educacao.pr.gov.br.

Acho que a desagregação familiar não é explicação para tudo, mas acontecem muitas coisas que são advindas desse tipo de situação porque ninguém quer cobrar, ninguém quer fazer esse papel difícil. A gente tem bastante crianças que, hoje, são criados pelos avós, ou seja, os pais estão terceirizando essa função porque eles arrumam outros casamentos e não querem que aqueles filhos fiquem lá perturbando a relação. Querem fazer de conta que estão começando tudo de novo, mas nem sempre é assim. Hoje mesmo, tivemos uma mãe que falava assim: “Eu não me sinto culpada, eu não sei mais o que fazer, eu vou desistir.” Meu Deus do céu! Você não pode desistir do teu filho! Como você vai desistir de um filho? Desistir de um filho de treze anos? Mas a vontade de muitos pais é entregar para o Conselho [Tutelar], quer dizer, você não pode pegar o teu filho e entregar para o Conselho, passar ele para frente como se fosse uma coisa descartável. Você tem tua responsabilidade... Vejo que essa geração é bastante complicada.

No início, quando eu atuava em Cafelândia e entrava na escola, os alunos levantavam e diziam: “Bom Dia!” Eu era a senhora, mesmo que eu era uma menina em termos de idade. Era muito diferente! A gente sofreu muita mudança como pessoa. Penso que é similar ao que minha avó viveu. Ela viveu cozinhando no fogão à lenha e, depois, antes de falecer, tinha micro-ondas. A minha vida profissional é parecida com isso. Quando eu comecei não tinha computador, não tinha internet, não tinha nenhum tipo de uso de filmes. A utilização de vídeos era muito restrita durante o início da nossa atuação profissional.

Hoje em dia, os interesses são outros e o acesso à informação é muito maior. Por isso, penso que o papel da escola não pode ser mais só de informar, tem que mudar, preparar coisas diferentes, ter grupos de estudos. Assim, a hora-atividade não é suficiente, inclusive, porque ela não acontece simultaneamente com os professores. Não temos momentos de contato.

Creio que se a modalidade de curso não funciona, o que funcionaria seriam grupos de estudos com interesses convergentes: grupos de estudo dos pesquisadores da Universidade, dos professores da escola, dos bolsistas, por exemplo, do PIBID[101], dos acadêmicos que estão em formação, licenciados... Esse tipo de grupo de formação em serviço seria adequado, só que não acontece, não há espaço porque as pessoas teriam que fazer isso fora do seu horário profissional.

---

[101] Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

Acho que é rico demais, por exemplo, aquele grupo de sábado que tem na UNICAMP[102]. É um grupo que eu adoraria participar, mas significa que você teria que priorizar a tua atuação profissional em detrimento da tua família ou de outras coisas, e eu acho que tem pouca gente disposta a fazer isso hoje.

Comecei a trabalhar na UNIOESTE em 2005 e fiquei um ano e meio como colaboradora. Como eu continuava com minhas aulas na rede[103], pedi licença sem vencimento de um padrão, mas eu precisava do dinheiro do salário da aula extraordinária, então, eu trabalhava quarenta horas mais essas vinte e quatro horas aqui [UNIOESTE], quer dizer, não eram horas cem por cento porque o professor colaborador tem que atingir uma carga horária de ensino de quase noventa por cento. Era muito sufocante e, outra coisa, eu tinha ficado com um padrão no qual eu ainda estava em Estágio Probatório, então, o salário era bem pequeno, mesmo considerando que eu tinha as aulas extraordinárias.

Depois de um ano e meio, não aguentei mais porque a diferença de salário era muito grande e não compensava muito. Lembro que eu perdia, mensalmente, de quatrocentos a setecentos reais. Assim, quando terminou esse um ano e meio falei: “Não tem mais condições”, apesar de que eu gostava muito. A licença sem vencimentos é por um período de dois anos, então, estava quase acabando. Eu já tinha perdido a lotação na escola, e até perderia a chance de voltar porque outra pessoa viria naquela vaga. Então, achei que era importante voltar. Daí, consegui voltar para o Colégio Marilis Faria Pirotelli porque foi bem no período em que uma pessoa saiu de licença. Pedi remoção e consegui a fixação de novo lá.

Nesse período, a UNIPAR[104], também, me convidou para trabalhar. Fiquei de novo com as minhas quarenta horas na rede e mais umas quinze horas na UNIPAR, só trocou de endereço porque eu continuei com a mesma carga horária. Na UNIPAR lecionei Geometria Analítica, uma disciplina de Instrumentação para o Ensino, uma disciplina de História da Matemática e orientava alunos no Estágio.

Fiz o concurso aqui [na UNIOESTE], em 2007, mas fui aprovada em segundo lugar, daí continuei na escola e na UNIPAR. Eram três noites, mais ou menos, na UNIPAR, todas em sala. Nas outras tardes, eu orientava estágio e tinha aulas. Fui negociando do jeito que dava ou, então, alguns alunos estagiários ficavam nas minhas

---

[102] Universidade Estadual de Campinas.
[103] Rede Estadual de Ensino do Paraná.
[104] Universidade Paranaense.

turmas.

Mas o marido da pessoa que tinha assumido a vaga era juiz e ficou fixado em Palmas e era muito difícil porque ela tinha bebê e aí, ela pediu exoneração. Uma colega que trabalhava na UNIIPAR e, também, aqui [UNIOESTE] me falou: “Vá se preparando porque eles vão te chamar.” Eu me apavorei porque eu não saberia mais como organizar a minha vida porque eu já tinha descartado essa possibilidade e estava vivendo normalmente. Foi muito difícil quando eu não fui aprovada, mas tive que reabsorver a ideia de como eu organizaria a minha vida, que decisão eu tomaria porque quando eles me chamassem eu teria que decidir se eu pediria exoneração porque eu não podia ficar com tudo. Licença sem vencimento não dava porque era acúmulo de cargo e você não podia assumir um concurso. Então, eu não tinha muito tempo para pensar. Fui amadurecendo a ideia até que achei que era muito importante estar na Universidade, mas foi muito complicado porque eu não vou ter aposentadoria integral e isonomia e paridade por que aqui [na UNIOESTE] a coisa é diferente.

Mas eu estava sofrendo tanto na escola, eu sentia que aquilo era um momento de “emburrecer”, porque a escola, até certo ponto, por causa das rotinas, te faz não questionar e dá uma sensação de que você está ficando cada vez mais “burro” como se você não tivesse um desafio, que não tivesse nada que se apresentasse, que desse significado para tua atuação. Os alunos têm cada vez menos interesse e os colegas também porque muitos só veem a aposentadoria pela frente. Então, parecia que não tinha nada que chamasse a atenção e eu tinha muita dificuldade para manter aquela rotina. Nesse sentido, eu gostava muito da UNIPAR porque, pelo menos, me desafiava.

Eu tinha gostado muito, também, da experiência de trabalhar aqui [UNIOESTE], mas tive dificuldade porque o colegiado era uma “brigaceira”, uma confusão, tinha muita animosidade entre as pessoas e isso me apavorava, mas lidar com os alunos é o que eu queria.

Desisti. Pedi exoneração de um padrão e fiz todos os exames. Nesse período eu tinha quarenta anos e você vai vendo que a vida vai chegando... Por exemplo, meus pais nunca tiveram problemas de saúde e naquele ano, em que fiz o concurso, foram os dois para a UTI[105] e, eu não conseguia olhar direito para fazer o exame de vista para a renovação da carteira e tive que fazer óculos. Comecei, também, a ter

[105] Unidade de Terapia Intensiva.

pressão alta e tive que ir ao cardiologista. Hoje em dia, tenho que tomar medicação de uso contínuo para pressão alta.

Então, toda essa questão da mudança, da decisão de vir para cá [UNIOESTE], foi muito difícil, mas decidi e teria me arrependido muito caso não tivesse vindo. Eu teria vivido como uma “morta viva”, era a sensação que eu tinha se eu ficasse na escola, não cresceria nadinha porque, naquela época, nem o deslumbre do PDE[106] tinha se efetivado de fato. Eu continuaria fazendo sempre a mesma coisa, parecia que nada valia a pena. Foi um momento bem difícil. O salário parecia que não era... Mas, hoje em dia, sinto que o salário é diferente, é um pouco melhor.

Assim, decidi vir para cá [UNIOESTE] e fui mantendo possibilidades de outras coisas, de crescer, de me desafiar, de estudar... Gosto de estudar, de ver outras abordagens, de ver esperança nos olhos dos alunos da licenciatura que querem aprender.

Funções na Universidade atualmente... Agora sou colaboradora do PIBID, que é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Fui coordenadora do Sub – Projeto da Matemática, e depois do Projeto Institucional, mas minhas forças se exauriram e decidi que trabalharia como colaboradora porque eu não consigo, é muita atividade para mim. Gosto muito dessa função de colaboradora. Acho melhor que a responsabilidade da coordenação institucional porque tudo tem data e não tenho essa disponibilidade por causa da escola.

Tenho orientação de estágio e uma disciplina de Metodologia e Prática de Ensino. No Estágio Supervisionado, oriento duas duplas no Ensino Fundamental, que atuam, na verdade, na minha sala de aula. Assim, posso acompanhar tudo o que os estagiários fazem e posso contribuir com eles.

Tenho, também, uma disciplina com a professora Tânia de Laboratório do Ensino da Matemática em que a gente trabalha a revisão do ensino de Complementos com uma abordagem que possa ser feita para sala de aula. A gente trabalha bastante

---

[106] Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) é uma política pública do Estado do Paraná regulamentada pela Lei 130 de 14 de julho de 2010, desenvolvida com professores da rede pública estadual para dar subsídios teórico-metodológicos e que redimensione a sua prática, por meio de diálogo entre professores do ensino superior e da educação básica, por meio de atividades teórico-práticas orientadas. Os professores que participam das atividades devem ser do quadro próprio do magistério (QPM) e que estão num certo nível na tabela de vencimentos do plano de carreira. Quando começam a fazer parte do Programa, os professores recebem afastamento remunerado de 100% de suas atividades no primeiro ano e 25% no segundo ano.
Disponível em < http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/>

com *software*, seja utilizando material, seja pensando, discutindo com os alunos sobre qual a melhor saída para determinadas... Basicamente os conteúdos de Funções e de Sistemas de Numeração.

Viver no município de Cascavel... Era muito diferente do que é hoje, por exemplo, a Avenida Brasil tinha uns canteiros que tinham aquelas pedras enterradas. Acho que era o estacionamento, os pontos de taxi. Ônibus eu não lembro se tinha, nesse período. A grande massa da população era católica, isso é uma mudança muito grande hoje em dia. Desde a nossa família, que não é mais católica há muito tempo. No início, foi muito difícil porque foi uma mudança muito grande. Meus pais eram muito envolvidos com a Igreja, com os movimentos e essa mudança chocou muito as pessoas. Eles achavam que a gente tinha ficado louco ou queria convencer todo mundo. Na verdade, não foi isso, foi uma decisão da gente como família.

Quando foi para eu pedir aulas no Colégio Auxiliadora achei que isso seria um impedimento, mas nunca aconteceu nenhum tipo de pressão, pelo contrário, sempre buscavam coerência na gente. Nunca tive problemas porque eu não era mais católica, eu estava lecionando em uma escola católica, mas respeitava os outros e assim por diante.

Era muito diferente, por exemplo, supermercado não abria aos domingos. A gente tinha que fazer tudo no sábado, até às seis horas da tarde.

A vida era muito mais pacata e o foco das pessoas era trabalhar. Até as propagandas da televisão eram todas baseadas em produtos e máquinas agrícolas. Hoje em dia, o consumo é de coisas acessórias e desnecessárias, digamos assim, de viagens de carros, propagandas de roupas e outras coisas que não tinham na época.

Telefone era uma coisa que não tinha na casa de todo mundo. Eu lembro que, quando meu pai foi estudar em São Paulo, para gente conversar com ele tínhamos que ir num posto telefônico da Telepar[107] que se localizava dentro de um posto de gasolina que tinha algumas cabines nas quais a gente conversava. Hoje em dia, isso é uma coisa impensada. O trânsito, não tinha problema de lugar para estacionar e não tinha prédio grande como tem hoje. Muitas coisas que você achava que nunca mudariam e vê que estão diferentes. Alguns lugares se modificaram muito e outros desapareceram.

O prefeito, o Senhor Jacy [Miguel] Scanagatta era uma pessoa que cometia

---

[107] Telecomunicações do Paraná.

muitos erros de português. Ele era prefeito quando nós mudamos para cá. Ele falava “caroça” e fala até hoje! Melhorou bastante, mas é uma pessoa muito rica, “endinheirada” digamos assim. Quando a gente ia para Curitiba, para qualquer lugar, as pessoas riam de Cascavel. Era considerado tipo um brejo, interior mesmo e tinha muita coisa que não era esclarecida, crimes que não foram solucionados, inclusive, imputados ao vice-prefeito, pessoas importantes, nessa época. Cascavel era conhecida como um lugar de jagunço onde a lei não imperava, imperava o dinheiro das pessoas. Isso era muito ruim e eu não gostava de morar aqui, tinha vergonha.

Eu achava que ninguém respeitava muito a gente e o curitibano... Quem morava em cidade maior, como Londrina e Maringá, que tinha uma tradição de cultura, era mais respeitado. A gente era considerada sempre o “grosso”. Depois, com os anos, fui percebendo que as pessoas vinham morar para cá e era aqui que elas sobreviviam, então, tinham que pensar diferente, que não interessava de onde a gente vinha. Daí, eu vi que os outros não eram tão super-pessoas.

Era muito diferente! Eram raras, na escola, pessoas com formação completa num curso superior. Não consigo ter certeza se todas as professoras tinham uma graduação. Às vezes, elas tinham, mas atuavam numa outra área. Era tudo meio improvisado. O Estado tinha muitos professores leigos. Acho que as coisas não eram da maneira como elas são hoje.

Mas, até hoje, não estão resolvidas, por exemplo, sou uma pessoa muito indignada com o fato de que uma pessoa que tenha concluído um curso de Administração e tenha visto 120 horas-aula de Matemática escolha aula na frente de um aluno da Licenciatura. Isso é um absurdo completo e está acontecendo agora! Literalmente tem gente, hoje, nas escolas escolhendo aulas na frente dos nossos alunos. Isso é um absurdo! Estamos há tantos anos adiante desse processo e, ainda, estamos na mesma situação. É uma coisa muito triste! Naquela época muitas coisas se justificavam porque diziam que não tinham cursos, não tinham como formar a pessoa. E agora? Qual é a justificativa? Porque as pessoas não querem fazer esses cursos? Alguma coisa tem que ser feita. É com isso que eu me preocupo, porque se a gente age assim com quem está na Licenciatura, que apoio você dá?

No passado, num lugar pequeno como Cafelândia ou em outros municípios do entorno, a pessoa que tinha a função de professor era muito respeitada e conseguia, às vezes, ter um pedaço de terra, ter empregados e trabalhar na escola. Muitas pessoas dessas fizeram um grande patrimônio, mas, hoje em dia, isso é,

praticamente, impensado, tem que ter uma profissionalização daquilo que se está fazendo. Não pode mais viver de bico, tem que ser professor. O Estado não deveria apoiar esse tipo de coisa, em minha opinião. Opinião não, porque eu tenho certeza do que eu estou falando!

Acho que Cascavel floresceu muito depois das frustações de safra que ocorreram na década de 1970. Esse período foi de muito crescimento, do início da industrialização de muitos municípios. Cafelândia, por exemplo, a Cooperativa começou a se desenvolver muito e a criar um complexo avícola, que depois deu origem ao Frigorífico de Aves. Outras coisas, também, fizeram com que esse município triplicasse sua população inicial. Esse período que vivi lá foi bem o início de todo o “fermento”, de toda essa modificação, do modelo de uma agricultura intensiva, do binômio trigo e soja para uma mudança muito grande.

Em Cascavel, a gente vê desde a rede de esgoto que não existia, para construção de prédios. Toda ela teve que ser feita nesse período. A própria modificação depois da FECIVEL em Universidade na qual havia a gratuidade, foi uma experiência que eu não vivi enquanto aluna, mas quando eu estava saindo daqui tudo isso aconteceu, se não estou muito enganada, foi no governo Álvaro Dias. Foi uma mudança muito drástica no perfil da cidade. Muitas pessoas começaram a estudar fora para fazer graduação, voltavam e já começavam a atuar. Então, começou a ter bastantes trocas que favoreceram o desenvolvimento dessa região que eu acho que foram importantes para compreender como ocorreu esse processo.

As pessoas cursavam graduação fora, mesmo com a existência da FECIVEL, porque, na verdade, ela tinha pouquíssimos cursos. Enquanto eu estava aqui tinha o Curso de Ciências, o Curso de Matemática, anterior a mim, o Curso de Letras e o Curso de Ciências Contábeis. A Pedagogia também tinha. Acho que eram esses cursos, depois foram sendo criados outros como Administração.

No meu período tinha dois cursos integrais o que era muito luxo para essa região. O Curso de Enfermagem e Engenharia Agrícola eram cursos integrais. A gente, que fazia licenciatura, estudava em um período e no outro atuava como professor. Então, a gente julgava que eles eram a elite da faculdade porque tinham tempo para fazer outras coisas que nós não tínhamos porque estávamos trabalhando.

Estudei os três primeiros anos do curso pela manhã. Tinha turmas pela manhã e à noite e, como havia pouca procura, a gente foi forçada a migrar para a noite. Então, a minha Licenciatura Plena já foi no período noturno e pela manhã o curso foi extinto.

Não foi extinto gradativamente, simplesmente foi extinto. Todo mundo que estudava pela manhã, se ainda quisesse cursar, teria que vir no período da noite. As duas licenciaturas, Matemática e Letras, tinham duas turmas e foram extintas da manhã porque não tinha demanda, não tinha professores, não tinha como atender.

Cursos, treinamentos e capacitações... Vejo que foi importante esse período de cursos e treinamentos. Durante um bom tempo não teve nenhum evento e não consegui ver que alguns cursos, tivessem efeito porque eram muito pontuais. Acho que a gente precisa desses cursos de formação em serviço e formação continuada, mas esse modelo de curso está, a meu ver, em fase de extinção. A gente precisa procurar interesses comuns, grupos de estudos em outro formato, porque esse modelo de curso, mesmo nesse período, a gente já ouvia críticas dos colegas que estavam atuando.

Em 1987 ou 1988, os cursos de Magistério estavam sendo reformulados e sofreram uma movimentação intensa. A gente foi convocada. Teve um encontro em Foz do Iguaçu, que durou uns quinze dias, reunindo todos os professores dos cursos de Magistério da Região [Oeste]. Imagino que seja do Núcleo, mas como era em Foz, talvez fosse mais gente. Era um negócio grande. Acho que esse polo do Magistério envolvia mais do que um Núcleo, mas não tenho a clareza de como era a divisão territorial dos Núcleos naquele período.

Com relação às mudanças que ocorreram no ensino de Matemática com esse curso, toda essa abordagem por meio do ensino da Resolução de Problemas estava começando, era bem incipiente. Outra coisa é a utilização do material dourado, do jogo de trocas dos canudinhos e bastante uso da representação icônica que era uma coisa que eu nunca tinha aprendido. Fui aprendendo para fazer Estatística e usar representação para a resolução de equações ou problemas. Foi uma visão muito diferente do que eu tinha aprendido na graduação.

Nesse período, a professora Sílvia Fabro esteve lá dando palestra para a gente. A Tânia estava fazendo o curso, também, porque ela trabalhava com Magistério, em Cascavel. Lembro que a professora Gilda Poli que era Secretária da Educação, na época, esteve lá em Foz [do Iguaçu] dando palestra, falando um pouquinho sobre essas reformulações. Isso foi em fevereiro de 1987. Sei que a SEED organizou esse evento, mas esse curso penso que era desse polo do Magistério. Esse curso provavelmente deve ter acontecido em mais do que um lugar no Paraná.

Então, me aproximei muito da professora Sílvia e foi quando conheci a

professora Tânia Bassoi com quem eu trabalho tanto até hoje. A Tânia era professora de Matemática do Magistério do Wilson Joffre. Nesse período eu trabalhava as disciplinas de Matemática e Didática da Matemática do Magistério em Cafelândia. A gente fazia bastante contato com a professora Sílvia que coordenava esse polo. Eu sabia que ela atuava na ASSOESTE e tinha publicações. Inclusive a Emma Gnoato era uma das pessoas que tinha relação com a UNIOESTE, pelo menos é a minha memória desse período, pode ser que isso seja posterior.

Naquele período, a Secretária de Educação era a Gilda Poli. Eu não lembro quem era o governador, sei que teve o Álvaro Dias... Não lembro quem foi o governador seguinte, mas existia certa continuidade e a gente estudava algumas coisas relacionadas a documentos que depois começaram a dar origem ao Currículo Básico. Como a gente tinha a responsabilidade do Magistério, sei que tínhamos que estudar outros documentos com os quais as nossas alunas do Magistério teriam que lidar. Senti que eram estudos interessantes. Uma coisa que é interessante pensar é que no período, que eu era representante do curso na Faculdade [de Educação Ciências e Letras de Cascavel], cogitei a hipótese de ir para o Mestrado, que estava começando em Rio Claro... Cheguei a solicitar informações e tinha guardado, até algum tempo atrás, os primeiros exemplares do BOLEMA[108], impressos em formato de jornal.

Nesse período, a gente participava das Semanas Acadêmicas da Educação. Todos os Cursos de Licenciatura tinham as Semanas Acadêmicas juntas porque não tinha Semana da Matemática, Semana da Letras, Semana da Pedagogia, era tudo junto. Eram poucos alunos, então não tinha sentido fazer... Também, não tinha fundos, tudo era difícil porque não tinha financiamento da Caixa [Econômica Federal], Fundação Araucária, Capes[109], CNPq[110]. Não tinha nada disso. Pelo menos se tinha a gente, aqui no fim do mundo, não sabia. De certo tinha, porque o CNPq era muito antigo, mas nós não chegávamos a notar a existência de alguma entidade que financiasse eventos. Então, quando havia um evento era basicamente pelo esforço pessoal dos envolvidos.

Lembro-me de algumas palestras que a gente teve[111]. Elas foram marcantes

---

[108] Boletim de Educação Matemática.
[109] Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
[110] Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
[111] No Anexo 37 se encontra uma cópia digitalizada do certificado de participação da II Semana de Educação promovida pela FECIVEL em 1984.

porque parece que vinham no sentido de dar liberdade para o professor atuar. Lembro-me da palestra do José Vanderley Geraldi, um professor de Português, sobre que maneira o texto das crianças deveriam ser corrigidos. Parecia que aquilo era para os alunos da Pedagogia, mas para a gente chamava a atenção... que não se usasse caneta vermelha, que não destacasse os erros, mas procurasse valorizar os acertos. Ele tinha um caminho na fala... Às vezes, ele era muito radical, mas aquilo foi impactante para a gente que estava ali no público.

Os cursos tinham preocupação com relação à atuação da gente no Magistério. Uma palestra marcante, também, foi a do Paulo Botas. Eu não sei a formação dele, imagino que ele deva ser um sociólogo, um filósofo, alguém dessa área, pelo jeito que ele abordava as questões. Ele era um cara que falava da vida do professor, não simplesmente da atuação. Falava que o professor deve usar aquelas toalhas que ele deixa guardadas no seu enxoval, que nos dias de semana ele tem que desfrutar a vida... Porque a gente vivia momentos muito difíceis em termos salariais, era um achatamento salarial imenso. O professor era um cara muito descontente. O encontro de professores eram momentos de lamúria. A sala de professores era uma tristeza, era falar do carro que não funcionava, de alternativas de renda... Sempre tinha gente vendendo coisas na sala dos professores.

Então, eu me lembro do encontro do Paulo Botas porque ele falava dessas coisas que as pessoas queriam ouvir, que elas tinham a necessidade de desfrutar a vida, as coisas boas da vida, de ser positivo como professor. Não era motivação, mas isso foi marcante e vi que para as minhas colegas também. Todo mundo se identificava com aquelas falas e ficavam babando com aquela liberdade que aquela pessoa vivia.

Naquele tempo, ele já discutia o uso do brinco o que para nós, vivendo no interior do Paraná, era uma coisa estranha... Ele era um cara que tinha feito pós-graduação na França. Era uma pessoa de vanguarda e tinha gente que gostaria de ser, naquele momento, jovem. Assim, eu via que isso foi uma coisa interessante.

Não consigo me lembrar de nada, durante a graduação, que tenha sido feito especificamente para a Matemática. A minha mãe sempre me conta que em 1972, para a aula magna deles, veio o professor Júlio Cesar de Melo e Souza, o Malba Tahan, dar uma palestra para eles, mas eu nunca achei nada, nenhum documento que comprovasse essa vinda dele. Diz que ele tinha ido para a Argentina e, como aqui era próximo, fez uma parada e proferiu essa palestra. Acredito que seja verdade, mas

não tenho documentação que comprove.

Com relação a treinamentos fornecidos pela Secretaria [de Educação], não me lembro de coisas interessantes. Lembro-me de alguns que a gente fez que, mesmo atuando nos municípios, eram reunidos em Cascavel. Parece que eles eram sempre centralizados aqui e dificultava muito a vida das pessoas que vinham dos municípios para cá. Para mim não era complicado porque eu tinha uma casa aqui, uma família, tinha onde tomar banho, mas para as outras pessoas era difícil, muitas vezes tinham que voltar no mesmo dia e depois retornar. Não tinha um dinheiro para hospedagem, na verdade, nem para bolsas de alimentação. Era bem difícil! Tudo o que se fazia era muito complicado.

Lembro-me, até hoje, de um curso que fiz no Colégio Wilson Joffre onde o professor que ficou com a gente falou desde os setênios da vida, do biorritmo até alguma coisa de Matemática... Eu tinha cadernos de coisas que foram abordadas, mas acho que andei pondo fora. Um professor que eu lembro que deu estas palestras todas foi o Sidnei Mariano. Acho que ele era professor da UEM nessa época, mas falava sobre coisas que interessavam a ele, não que não interessasse a gente, mas, muitas vezes, não tinha como abordar aquilo na escola.

Outro curso que a gente fez, depois, foi no Centro Diocesano de Formação. Era um curso bem interessante. Veio um pessoal da Universidade de Erechim e eles falaram sobre a questão de trabalhar a Matemática envolvendo os conteúdos, porque naquela época a inflação era uma coisa galopante. Então, usando recursos da Matemática Financeira e de Funções, porque os preços subiam muito rápido, eles abordaram a questão da cesta básica. Achei muito interessante porque foi trazendo um pouco da conotação política das coisas, fazendo a gente olhar o que eram os índices e porque que, muitas vezes, eles eram maquiados. Então, fez a gente pensar nas coisas. Acho que foi, provavelmente, em 1988.

O Centro Diocesano de Formação fica na Jorge Lacerda, saída para Toledo. É um órgão da Igreja Católica que tem locais para as pessoas dormirem. Tinha que ter acomodação para as pessoas, porque elas não tinham recursos para pagar hotel. O máximo que se fazia era pagar a refeição, mas isso obrigava as pessoas a viajarem. Daí, teve acidente e gente morreu. O professor Edison Pietrobelli, que trabalhava na UEPG[112], veio dar curso e quando foi embora... Esse curso do Sidnei Mariano se

[112] Universidade Estadual de Ponta Grossa.

alternava com o do professor Edison Pietrobelli, que tinha sido professor na FECIVEL. Ele era palestrante, nessa ocasião, e indo para lá morreu em um acidente. O estado tinha bastante problemas com a questão de acidente, de confusão. Depois desse evento, o próximo curso foi nesse Centro Diocesano e as pessoas que não eram de Cascavel ficavam alojadas lá que era um local de encontro de líderes católicos.

Tinha quarto, com banheiro, para duas e três pessoas. Tinha uma estrutura de acomodação de alojamento, uma estrutura razoável. O estado deve ter locado esta estrutura para fazer esses cursos para os professores da rede [estadual de ensino do Paraná] da Região Oeste. Esse curso que estou falando, talvez não tenha sido especificamente de Matemática, mas era da Região Oeste. Isso deve ter sido em 1988, 1989... Devo ter algum certificado, mas não consigo me lembrar desse curso porque o CETEPAR[113], que era o órgão que organizava, fazia os cursos e punha na ficha funcional. A gente não precisava ficar com o certificado e, muitas vezes, essas coisas se extraviavam porque eram muitas para a gente receber. Esses recursos como a internet, que hoje, muitas vezes, favorecem a formação das pessoas, eu não conseguia ver nenhuma possibilidade. Era tudo muito oneroso em termos de tempo.

Durante a graduação, eu estava começando a me envolver com esses tipos de Clubes de Ciências que estavam sendo formados em todo o Paraná. O professor Jacó é um professor daqui do Paraná que era bem envolvido. Encontrei-o em Ponta Grossa quando fomos ao Primeiro Seminário Estadual do PIBID. Creio que ele era da rede estadual e era responsável pela formação dos Centros de Ciências.

Os Centros de Ciências eram um tipo de núcleo que agregava professores de Ciências. Eles se reuniam com o objetivo de estudar mais e de formar núcleos de formação continuada para professores e alunos. Eles tinham atividades envolvendo Astronomia e Geologia e muitas propostas inovadoras para o ensino de Ciências. As pessoas se reuniam com o objetivo de semear ideias. Sei que funcionou aqui em Cascavel.

Lembro-me da professora Zélia Miotto e da professora Helena Barros que foram minhas professoras na graduação e da professora Clara Bordignon que era professora de Geologia. Elas faziam parte desse Centro de Ciências e estavam sempre reunidas com esse tipo de prática, que funcionou, talvez, por uns 10 anos porque existia certo incentivo da SEED para que isso acontecesse. Lembro-me da

---

[113] Centro Excelência Tecnologia Educacional.

professora Sílvia [Gomes Vieira Fabro] e da professora Tânia [Stella Bassoi] nesses encontros em Ponta Grossa durante a graduação.

Isso dava uma formação muito diferente, porque a gente era diferente dos outros colegas, tinha clareza de que queria ser professor e queria ver outras possibilidades, talvez os outros colegas não tivessem essas oportunidades.

Lembro-me que fomos para o Simpósio Brasileiro Sul de Ciências num ônibus fretado pela Secretaria do Município e as professoras da faculdade também foram junto. O ônibus era deplorável, tinha buracos no assoalho e a gente ficava com receio de que ele não chegasse em Ponta Grossa. A gente ficou alojada no Colégio Agrícola que hoje é o Campus da Uvaranas da UEPG, mas era muito longe da cidade, parecia outro mundo e todos os cursos e treinamentos foram no campus central. Foi muito interessante, muitas coisas novas que eu nunca tinha visto. Fiz um minicurso de corantes e outras coisas que são adicionadas aos alimentos para modificar o sabor e a textura no qual destacaram o perigo que isso poderia causar para a saúde de quem consome esse tipo de alimento. Foi uma coisa que eu nunca tinha sido chamada a atenção durante a graduação. Lembro-me, também, de visitar as exposições, de coisas que foram muito diferentes.

Do ponto de vista matemático, lembro-me de alguns jogos e de participar dos minicursos. Apliquei os jogos na sala, depois. Eu me lembro de um jogo de números inteiros e algumas coisas envolvendo fração, coisas que iam sendo encaminhadas por meio de problemas. Por um bom tempo guardei anotações feitas em bloco de papel jornal, que com o tempo, transferiu a tinta de uma folha pra outra e você não consegue ler mais nada. Daí, joguei fora porque eu não conseguia mais ter proveito daquele material. Esses dias, alguém veio procurar a primeira edição do BOLEMA. De fato eu tinha, mas ela estava toda furadinha de traças.

Em algum desses cursos do Simpósio Brasileiro Sul de Ciências que eu fiz, eles convidaram um professor da rede para trabalhar com toda a parte de monômios e polinômios usando material manipulativo que parecia com o que, hoje, se chama de Algeplan[114], para trabalhar com toda aquela parte de fatoração de polinômios e produtos notáveis. Eu tinha, ou talvez ainda tenha, a apostila que era do Professor

[114] De acordo com a colocação da depoente, o Algeplan é um material manipulativo que foi criado com o objetivo de facilitar o ensino da Álgebra por meio de relações com a Geometria. Permite uma melhor compreensão dos conteúdos de fatoração e produtos notáveis. É composto por quadrados e retângulos.

Lair [Buchner] e [Wilson] Schwantes, que depois foi prefeito de Mercedes e era professor de Matemática. Mercedes é um município da Região Oeste, mais perto de Marechal Rondon. Então, ele foi um cara que, no município, foi se destacando como professor e dava bastante curso. Foi Secretário da Educação e de secretário a prefeito não foi muito difícil. A mulher dele também era professora de Matemática. Ela foi minha colega na especialização. Ele era um cara muito competente, estava muito interessado em desenvolver materiais e outras abordagens.

Tive, também, um colega de graduação que tinha bastante habilidade manual, ele construía caixinhas de blocos lógicos, de material dourado e para equivalência de frações, os círculos, os retângulos... Comprei tudo com ele, que se chamava José Airton. Ele foi professor durante bastante tempo no Colégio Castelo Branco. Ele foi embora do Paraná e quando voltou se tornou um empresário que constrói casas e não é mais professor.

O curso da FUNBEC – Fundação Brasileira para o Ensino de Ciências que eu fiz foi um curso a distância que me chamou muita atenção sobre o cálculo mental. Fiquei impressionada com as possibilidades do cálculo mental, naquele curso que vinha em envelopes que você recebia pelo correio, resolvia e mandava de novo. Então tinha um retorno com algumas sugestões, críticas, considerações a respeito do que você havia respondido. Foi muito legal! Fiquei fascinada, tanto que comecei a trabalhar isso com as crianças na sala de aula.

Depois, escrevi um Projeto do Vale Saber que estava relacionado a isso. No Vale Saber[115] você tinha que escrever e desenvolver um projeto com um professor da Universidade, recebendo uma bolsa. Eu já tinha terminado a graduação e estava atuando na escola em Cascavel. Você decidia fazer o projeto por várias razões e entre elas, o dinheiro. Era totalmente próximo à escrita da minha Monografia e foi muito interessante e prazeroso fazer aquilo.

Escrevi minha Monografia da Especialização, concluída em 1998, sobre cálculo mental e estimativas de resultados nas quatro operações. Foi uma das coisas que gostei muito de fazer, porque a gente não tinha muito incentivo para quase nada e esse período do governo Jaime Lerner foi bem difícil, porque além de eu estar no

[115] No Anexo 39 se encontra uma cópia digitalizada da Declaração de Participação do Projeto Vale Saber.

Estágio Probatório[116], o salário dos professores era um dos piores que poderia existir. Em 1994, 1995 era bem difícil, mas o projeto me fez voltar para a Universidade. No primeiro projeto, trabalhei com o Curso de Auxiliar de Enfermagem. Trabalhei isso, também, com minhas alunas do Magistério. Eu achava que para elas a potencialidade era imensa.

Fiz o projeto com a professora Sílvia Fabro, ela me orientou. Era voltado para o cálculo mental dos alunos da Enfermagem, porque o hábito deles era usar muito a calculadora, mas eles não podiam ter calculadora no jaleco e tinham muita dificuldade para fazer cálculos referentes à dissolução de medicamentos. Tinham muita dificuldade para perceber proporcionalidade. Era uma coisa bem complicada. Para fazer essas diluições, que muitas vezes a medicação vem num frasco cujo volume é grande, eles têm que fracionar. Isso não é um problema só para eles porque não é tão simples. Na época, eu encarava como se fosse uma coisa simples e nem chegava a entender direito quais eram as dificuldades deles. Quero dizer que, hoje, amadureci e faria esse projeto totalmente diferente. Até porque escuto o que a minha filha, que é formada em Medicina, fala quando tem que resolver esses problemas de diluição de medicamentos porque ela trabalha com crianças, com bebês. Ela tem que enfrentar esse tipo de problema, mas vejo que ela tem um aplicativo no celular, quer dizer, eles acham uma alternativa.

Trabalhei com esse primeiro projeto porque eu sentia isso, eu queria que os alunos ficassem autônomos e isso me ajudou a enxergar... Lembro a primeira vez que li um artigo bem legal a respeito disso de autoria da Renata Anastácio Pinto, que trabalhava com problemas envolvendo volumes. A Renata sempre teve artigos publicados no BOLEMA e fui identificando essa pessoa quando comecei a estudar mais. A professora Sílvia sempre me ajudou e me orientou bastante como eu podia olhar...

Eu trabalhava no Colégio Marilis com o primeiro ano do Ensino Médio que era profissionalizante. Tive que trabalhar toda aquela parte de Funções e olhar para a realidade deles, as dificuldades que tinham na diluição de medicamentos. Tentei fazê-los olhar os cálculos de volume com o ponto de vista do volume como uma função do

---

[116] Estágio Probatório do servidor do Estado do Paraná é um período de adaptação onde será verificado o desempenho do servidor recém admitido na instituição e que servirá para determinar a efetivação ou não no cargo para qual foi nomeado. Atualmente o período é de trinta e seis meses a partir da data de sua entrada em exercício. Disponível em
< http://www.progep.furg.br/arquivos/procedimentos/000084.pdf>.

produto da área da base pela altura, quando eu diluía e usava as unidades e suas transformações procurando relacionar a proporcionalidade. Estudar isso foi muito legal e importante para mim.

O segundo Projeto Vale Saber durou mais ou menos um ano, um ano e meio e a gente tinha bolsa. Fiz com o segundo ano do Ensino Médio. Foi resultado da minha Monografia, mas também envolvia cálculo mental e estimativa de resultados. O primeiro acho que o título era Redescobrindo o Gosto da Matemática, o foco era cálculo mental, mas o segundo tinha por nome o título da Monografia e quem me orientou foi a Tânia [Stella Bassoi], porque ela já tinha me orientado na Monografia.

A professora Sílvia ficou meio chateada de eu não tê-la escolhido como orientadora porque ela sempre tinha me orientado em tudo na minha vida. Os dois estágios que eu tinha feito de Matemática no Ensino Fundamental e no Ensino Médio tinham sido orientados por ela e o primeiro Vale Saber, também. Mas, eu quis fazer uma mudança, ver outra coisa, e ela ficou meio chateada. Depois, a gente conversou normalmente. Acho que ela ficou meio magoada achando que eu a estava desprezando, mas não era assim.

Nesse período eu tinha, também, a assinatura da Revista Brasileira do Ensino de Ciências, onde começou a aparecer notas e uma reportagem sobre a fundação da SBEM[117] e teve um ENEM[118] em São Paulo. Lembro-me de que na revista aparecia a foto do encontro dos professores e tinha um texto do [Luiz Márcio Pereira] Imenes.

O Imenes era uma pessoa que estava muito envolvida com cursos e com um Telecurso. Com o Telecurso a gente conseguia ver, na televisão, muitas possibilidades de encaminhamentos para as aulas, diferente do que víamos na graduação. Eles tinham acesso a recursos, materiais e a própria TV, que dava uma agilidade. Muitas vezes, levantei cedo para acompanhar as aulas do Telecurso porque eu achava que aquilo era muito legal. Eu gostava muito! Eu tinha os livros do Telecurso que eram impressos em papel jornal, os primeiros de qualidade muito ruim, mas a abordagem era muito interessante. Eu achava muito fascinante o jeito que ele ensinava a Divisão Americana. O Imenes e o Luiz Barco ministravam e a maneira como eles falavam daquele processo da Divisão Americana em que você não precisa dividir pelo máximo quociente, vai dividindo por parcelas de qualquer valor e posteriormente soma essas parcelas e obtém o quociente correto. Nossa! Aquilo, para

---

[117] Sociedade Brasileira de Educação Matemática.
[118] Encontro Nacional de Educação Matemática.

mim, era a coisa mais linda do mundo, porque nem na graduação eu tive essa experiência. Tudo era novidade. Acho que ele era, também, orientador daqueles cursos da FUNBEC, uma das pessoas que estava envolvida naquelas coisas.

Então, o tive como uma referência, não só eu, mas muita gente no Brasil por causa dessa exposição pública que ele teve. Ele era uma pessoa na qual a gente via o desejo de que os outros aprendessem coisa que, às vezes, em outros professores a gente não via. Eles só queriam dizer que sabiam e não se interessavam que os outros aprendessem. O professor que tem isso, quer dizer, que mostra para o aluno que ele quer ensinar, que quer que o aluno aprenda, entenda, faz toda a diferença. O aluno sente isso.

A gente buscava qualquer material, não era como é hoje, essa disponibilidade de relatos de experiência, narrativas, materiais... Não tinha nada, parecia que éramos sozinhos no mundo. Não tinha interlocutor. Vejo que teve uma evolução imensa ao acesso a material científico, nesse tipo de possibilidades.

Esses tipos de encontros foram importantes na minha formação, me fizeram considerar a hipótese de ir depois para a pós-graduação. Foram coisas bem marcantes, mas a escolha por casar, constituir família, assumir responsabilidades que a família estava delegando foram coisas mais importantes. Mas não acho que foi ruim fazer as coisas desse jeito.

Por outro lado, estar atuando na escola enquanto estava na graduação me fez enxergar o quanto minha formação tinha lacunas, e o enquanto eu ainda precisaria me formar. Isso é uma coisa que a gente vê até hoje nos alunos [da Licenciatura em Matemática], na fala deles, que na escola é que a gente vê o quanto precisa de formação, quantas coisas ainda não se conhece. Tem um artigo antigo na revista Nova Escola, uma entrevista com o Nóvoa na qual ele afirma que o professor se forma na escola.

Como os cursos oferecidos pela SEED eram basicamente fora da cidade e a pessoa tinha que se distanciar, eu não conseguia fazer isso por causa do meu vínculo com a escola particular. Então, tive que procurar outros cursos e outras coisas para fazer durante esse período.

Fiz em 1996, aqui na UNIOESTE, uma Especialização em Ensino de Física Química e Matemática, a primeira que eles produziram. Tinha que ser interdisciplinar, não sei se era por causa de atender o público ou se era por exigência de algum órgão de fomento. A gente pagava uma mensalidade para cursar essa Especialização.

Depois de concluída a Especialização, fiz um curso de atualização em Estatística. Foi o primeiro curso que recebi dinheiro para fazer. Eles tinham aprovado esse projeto de Atualização em Estatística Básica para professores. Não lembro se era um projeto da Capes ou se era fornecido por alguma entidade, mas era a primeira vez que, por participar de um curso, a gente recebia uma bolsa significativa. O valor não era irrisório. Claro que tinha uma seleção porque o número de inscritos e interessados era grande. Era um curso de 160 horas e era realmente para quem era professor. Deve ter sido em 1998, 1999, mais ou menos nesse período.

Foi muito importante porque foi um curso longo, coisas que a gente nunca tinha visto e estudado como a utilização de um *software* de recursos, inclusive de programação. Era nos finais de semana, sexta à noite e sábado o dia todo. Eu tinha reservado a sexta feira à noite para não ter aula para poder participar do curso porque não era no horário da aula, da atividade de trabalho, era extra, por isso que a gente ganhava bolsa. Acho que era um órgão do governo chamado Pró Ciências em que os professores, daqui da UNIOESTE, fizeram um projeto que, talvez, ganhou algum edital e tinha essa bolsa para participar do curso. Eu me lembro de professores que vinham de [Francisco] Beltrão e era especialmente para quem estava com o Ensino Médio nessa época. Tinha, também, professores de núcleos de ensino de jovens e adultos e muitos professores da região. Considerei que era um grupo quase que uma elite, gente formada e bastante experiente. Foi um curso muito bom, bastante gente comprometida que não estava fazendo o curso para cumprir aquela exigência e ganhar a bolsa, que queriam aprender mesmo.

Conciliar o trabalho e a família durante esse curso não foi nada fácil... Essas coisas, até hoje, quando a gente pensa não sabe como, mas fez. Nossa! O marido lavava roupa, deixava as crianças aí, por fora, brincando, andando de patins enquanto a gente estava na aula, largava na casa da mãe um dia ou outro... Fazia do jeito que dava. Nossa! Eu nem sei... Fazer os trabalhos, ir ao supermercado para fazer compras, as crianças com aniversário, com isso com aquilo...

Experiências com a ASSOESTE... A AMOP[119] já tinha assumido essa função da ASSOESTE, e a Fátima Lokyama, em 2001, havia organizado esse ciclo de palestras, no início da Semana Pedagógica, mas não era obrigado a participar. Sempre fui uma pessoa muito inquieta, sempre estava indo atrás daquilo que me

[119] Associação dos Municípios do Oeste do Paraná.

interessava e tentava resolver meus problemas porque eu sabia que a minha formação não era adequada. Eu tinha clareza disso. Então, queria buscar mais coisas porque eu sentia que faria falta para mim e para os meus alunos.

Foi por iniciativa minha e, também, por meus custos que fui para o Mestrado. Fui aceita no Programa em 2002 e foi uma experiência inédita, um sonho ter a possibilidade de entrar para o Mestrado porque eu não conhecia nada, nem como o Mestrado funcionava. O professor Carlos [Roberto Vianna] veio aqui dar um curso pela ASSOESTE. Na verdade, era um curso que eu não tinha a exigência de participar, mas eu tinha muito interesse e fui. Teve uma palestra inicial no Clube Comercial, depois, os cursos por disciplina foram na UNIPAR. Fiquei na turma do professor Carlos e ele comentou, vagamente, sobre a existência do Mestrado na Federal do Paraná. Entrei no *site*, nessa época já tinha internet e eu tinha internet em casa, e comecei a pensar na hipótese de fazer um projeto.

Uma coisa que me angustiava muito era a questão da linguagem aritmética e da abordagem algébrica, de como você faz essa transferência. Eu pensava: “Porque os alunos vão bem até a sétima série e depois começam a não entender mais nada?” Não poderia porque a Álgebra dá significado para muitas propriedades da Aritmética quando generaliza. Mas porque que não acontece isso? Porque que a gente como professor não consegue fazer essa abordagem de modo que se tenha esse significado para os alunos? Via limitação nas minhas leituras, não conseguia ter clareza disso.

Isso foi bem no meio dessa preparação quando meu sogro veio fazer uma cirurgia do coração. Ele pôs ponte de safena e ficou hospedado na minha casa. Eu tinha mudado de casa, estava tudo uma bagunça muito grande. Fiz o projeto no meio de todo esse tumulto e o mandei pelo *Sedex*.

Fui fazer a prova em Curitiba e, para aproveitar o tempo, pensei: “Vou marcar uma aula de violino para minha filha e aproveito o dia para fazer as duas coisas.” Aí, a levei junto e ela ficou ali embaixo, no hall daquele prédio da [Rua] General Carneiro. Ela ficou na cantina e saí para procurar a lista porque eu nem imaginava onde é que eu faria a prova. Foi tudo sem tanto planejamento.

Procurava nas listas e meu nome não estava lá, porque o meu projeto estava perdido, mas eu tinha uma cópia do comprovante do envio dos documentos. A Federal estava em greve e eu tinha medo de curitibano porque eu achava que era gente muito “metida”, que nem responderiam se eu perguntasse e eu não sabia de nada. Fui à secretaria e a dona Francisca, que era secretária do Mestrado, disse: “Você faz a

prova, se nós encontrarmos o teu material você participa da seleção normalmente."

E no meio dessa correria toda atrás da prova, deixei minha filha lá embaixo. Quando chegou ao meio da prova, eu estava desesperada porque essa menina pensaria que eu fui embora, que eu a larguei. Pensei: "Esses professores são gente de verdade porque chegou um casal para fazer a prova e eles tinham um bebezinho, e o professor Cifuentes e a professora Maria Tereza se revezaram trocando esse bebê de colo. Chegou uma altura que me deu um desespero tão grande que eu tentava terminar a prova e não conseguia porque tinha muita coisa para escrever. Chamei a professora Maria Tereza e pedi para ela descer e avisar minha filha que me aguardasse porque eu ainda estava ali. A professora achou muito engraçado e me perguntou como ela encontraria aquela criança. Então, eu disse: "Professora, outra criança não vai ter com "oclinhos" e violino nas costas. Vai achar fácil." Ela desceu e falou com a Sarah. Foi assim, não conhecendo ninguém, com um projeto perdido que acabei sendo selecionada, então provavelmente era para ser.

Depois, fiz a entrevista sempre imaginando que não seria aprovada porque eu nunca tinha feito uma disciplina como aluna especial, não conhecia nada, nem como aquilo funcionava. Mas, fui aceita e isso me fez acreditar nos programas de seleção porque eu sempre achava que era meio indicação e que todas as coisas funcionavam assim.

Foi muito legal essa experiência e com a entrevista, você vai conversando com um ou com outro, com gente que já tentou uma, duas, três vezes, mas fui aprovada e consegui fazer uma pesquisa relacionada com o tema do meu interesse. Outra coisa que me impressionou muito foi que os professores vinham dar aula, eles estavam lá, porque aqui, às vezes, o professor não aparecia. Então, eu achava que em Curitiba, eles não dariam aula, mas não, a gente estava lá e sempre tinha aula, no máximo éramos avisados, com antecedência, quando havia alguma mudança de calendário. O professor tinha toda a preparação da disciplina com antecedência. A organização me deixou abismada, uma coisa que eu não conhecia!

Foi muito interessante e estou muito grata por tudo que pude fazer, olhar, conhecer e ler, porque eu imaginava que não teria condições. Os primeiros seis meses foi bem difícil, por exemplo, ter que ler em espanhol, pois eu não era acostumada a ler em outra língua. Inglês eu tinha capacidade porque eu tinha formação suficiente, mas não escrevia com toda precisão e o espanhol eu nunca tinha estudado.

Mas Deus guardou todas as coisas porque conheci a Adriana Dambros que

era de Toledo e fazia Doutorado. A gente ia aos mesmos dias fazer as disciplinas e acabamos ficando juntas no hotel. Ela era conhecida da minha cunhada, para ver como o mundo é engraçado. Nesse mesmo final de ano, quando a gente tinha sido aprovada, ela apareceu na minha casa para deixar essa pessoa amiga da minha cunhada, que vinha participar do casamento do meu irmão. Conheci a Adriana antes mesmo da gente começar o Mestrado. Ela havia sido selecionada em segundo lugar, mas foi chamada porque a Violeta tinha ido para a USP[120]. Foi muito bom porque ela tinha feito o Mestrado na UFSC[121] e conhecia a Regina Dam, toda aquela parte da didática francesa, os autores e lia com bastante naturalidade os textos. Ela foi me introduzindo nessas leituras e a gente lia os textos em espanhol como o do Lakatos. Líamos os textos juntas e tínhamos como discutir. Foi uma benção. Tive coragem para persistir porque, no início, fiquei com medo, mas valeu muito. Foi muito importante para mim.

Foi muito oneroso para mim porque eu continuava atuando na escola particular, Colégio Auxiliadora e no estado, Colégio Marilis. Então, eu tinha que fazer toda minha carga horária ficar bem próxima do início da semana para poder viajar. Financeiramente foi muito difícil, passei bastante tempo no vermelho para poder dar conta das despesas, mas valeu muito a pena porque abriu muito minha cabeça para outras coisas e me deu a possibilidade de estar na Universidade.

Os motivos que me levaram a seguir a carreira docente... Na verdade prestei vestibular para Jornalismo e para Licenciatura, o curso de Ciências com habilitação em Matemática, mas depois que entrei, nunca mais pensei, cogitei a hipótese de fazer outro curso. É isso mesmo que eu quero, é com isso que eu me identifico, gosto de ser professora, então nunca voltei atrás. Foi uma carreira que de fato eu abracei e, embora as agruras que a gente tem, até hoje, me sinto feliz, me sinto bem.

Uma das coisas que para mim foi muito importante e não senti necessidade de mudar de profissão é porque tive uma aprovação muito grande da minha família. Mesmo que financeiramente eu não tinha o rendimento que eles esperavam e, talvez, que eles tivessem investido para eu ter, senti que eles me valorizaram por isso. Muitas pessoas não sentem isso e vejo colegas que falam que os pais dizem: “Mas quanto você vai ganhar nesse curso que você vai dar?” As pessoas sofrem por isso, porque na verdade a gente também quer satisfazer as expectativas dos outros a nosso

[120] Universidade de São Paulo.
[121] Universidade Federal de Santa Catarina.

respeito e isso é uma coisa importante.

4.6 TÂNIA STELLA BASSOI

A primeira entrevista com a professora Tânia aconteceu no dia 07 de agosto de 2013, no início da tarde, no Laboratório de Ensino de Matemática Silvia Fabro na UNIOESTE. Fiz contato telefônico com a professora no mês de julho, que aceitou prontamente colaborar com minha pesquisa. A professora Tânia é uma pessoa muito comunicativa e prestativa. Como eu a conhecia desde o período da graduação, nosso primeiro encontro foi muito agradável.

Antes de ligar o gravador, entreguei a carta de apresentação e retomei o objetivo da pesquisa, o que eu pretendia delinear. A professora disse que não precisava ler a carta e prontamente concordou em assinar a carta de cessão que seria entregue futuramente. Entreguei as fichas temáticas. A professora as leu e as organizou conforme seu interesse. Expliquei que cada ficha correspondia a um tema e que poderia escolher livremente os temas sem seguir uma ordem e que não era necessário falar sobre todos. Perguntei se poderíamos marcar, futuramente, uma nova entrevista e que nesse momento faria perguntas sobre seu depoimento. A professora concordou prontamente. A professora sentiu-se muito à vontade para narrar suas experiências sobre o período de sua escolaridade e, também, aspectos profissionais.

A segunda entrevista com a professora Tânia aconteceu no dia 25 de setembro de 2013, na UNIOESTE. Combinamos de nos encontrarmos no Laboratório de Ensino de Matemática Silvia Fabro, no início da tarde, porém tanto o laboratório, quanto a sala ao lado onde ficam guardados muitos materiais de ensino da Matemática, estavam ocupados por professores e alunos que estavam fazendo as correções das provas da OBMEP. Telefonei para a professora e ela disse que estava me aguardando em sua sala. Quando cheguei ao local, a professora Tânia procurou outra sala, pois dividia sua sala com outra professora que estava preparando aula e precisava se concentrar. Agradou-me encontrarmos outra sala, visto que precisávamos de tranquilidade para a segunda parte das entrevistas. Acomodamo-nos em uma sala de reuniões. Servimo-nos de chá e iniciamos a entrevista. A

professora comentou que havia deixado a tarde livre para nossa entrevista. Percebi que a professora estava bastante à vontade, seus relatos complementaram os depoimentos anteriores e, também acrescentaram fatos novos. Na última viagem que fiz a Cascavel, em outubro de 2014, nos encontramos na UNIOESTE porque a professora queria me mostrar suas avaliações do primário. A professora Arleni, também, estava presente, e conversamos durante bom tempo. Foi um momento bastante agradável!

FIGURA 25 – PROFESSORA TÂNIA STELLA BASSOI NO LABORATÓRIO DO ENSINO DA MATEMÁTICA SÍLVIA GOMES VIEIRA FABRO NA UNIOESTE
FONTE: A autora (2014)

Meu nome é Tânia Stella Bassoi. Eu nasci no dia 09 de maio de 1951. Sou filha de Altevir João Stella e Aydée de Lara Stella. Nós somos três irmãos e eu sou a primeira dos filhos desse casal. A minha vida como professora... Eu nunca me reconheci como tal, minha mãe era professora primária e meu pai trabalhava como fiscal de rendas do estado. Nós morávamos em uma cidade do interior. Dos meus dois anos e meio até doze para treze anos morei no interior, depois voltei para a capital, Curitiba, sozinha, sem meus pais, porque eu havia reprovado em Matemática e minha mãe achou melhor me colocar num colégio particular de freiras para ver se eu tomava jeito.

A primeira escola que eu fui, antecedendo a escolaridade normal, foi o Jardim de Infância, que eu frequentei desde os quatro anos. Estudei em Guarapuava, no Grupo Escolar Visconde de Guarapuava. Era a única escola pública que tinha Jardim

da Infância, na época. Era a maior e bem no centro da cidade. Então, estudei nesse [Grupo] até um pedaço da minha escolaridade primária.

As turmas eram mistas, tinha a turma de primeiro ano, a de segundo ano, assim por diante... Era uma escola mesmo, escola de cidade, tinha as seriações todas separadas. Eu já entrei no primeiro ano alfabetizada porque minha mãe era professora e eu queria aprender a ler. Aprendi a ler com cinco anos. Eu não queria ir mais para o Jardim porque eu estava cansada. Na realidade, quem cuidava do Jardim de Infância não eram professoras, eram as serventes que ficavam cuidando das crianças e davam algumas atividades que as professoras orientavam.

As coitadas não tinham nem preparação técnica para trabalhar com as crianças, então, eu cansava daquelas coisas, sempre as mesmas coisas... Eu não gostava de ter aquelas repetições. Mas, o que me marcou foi um quadrinho que nós tínhamos. Ele era um retângulo dividido em duas partes com uma parte lisa e uma áspera e a gente tinha que fechar o olho e dizer... Eu achava aquilo muito para minha inteligência! Quem não sabia que aquilo era liso e áspero? Não precisava ficar falando de novo, de novo, de novo, de novo... fiquei no Jardim da Infância dos cinco até antes de completar sete porque eu completei sete quando estava no primeiro ano.

No ano seguinte, quando eu tinha cinco anos, eu falei pra minha mãe que eu não ia mais, que ela podia me bater, o que ela quisesse, mas eu não ia, porque eu detestava! A única coisa que eu amava fazer no Jardim da Infância... Eles entregavam um retângulo que era recortado em tiras como se fossem margens inteiriças, como grades soltas que eles colocavam tiras de papel colorido encaixado na extremidade de um palitinho de picolé. E, com esse papel colorido, você fazia tramas. Você podia tramar como se fosse uma costura, fazer um painel. Aquilo eu gostava porque eu mudava. Eu percebi que se eu mantivesse de um em um e eu colocasse fitinhas coloridas diferentes eu teria um painel todo colorido, mas se eu mantivesse uma cor primeira e uma segunda eu percebia alguns padrões. Eu gostava daquilo porque eu podia desmanchar e começar de novo. Aquilo me entretinha, podia ficar o dia todo naquilo. Mas, acho que aquilo era caro porque não era sempre que tinha. Fizemos só uma vez essa atividade no Jardim da Infância. Nunca mais a gente fez, não sei se não tinha mais material porque era uma coisa já produzida, não era uma coisa que a professora produziu. Esse material vinha de algum lugar. Isso eu amei! Comecei a pensar, ver os padrões e que com os padrões eu podia fazer desenhos diferentes. É o começo do ensino da Geometria para as crianças, você manter um padrão

geométrico. Isso eu gostei.

Mas, eu falei para minha mãe que eu não ia mais. Minha mãe era alfabetizadora, então ela falou que eu podia ficar na sala dela sem me mexer. E quando ela falava sem se mexer era sem se mexer mesmo! Não podia nem tossir diferente. Ela tinha cinquenta e dois alunos na alfabetização e comigo cinquenta e três. Eu era como uma ouvinte.

Lembro-me de que em setembro a primeira palavra que eu li para o meu pai... Ele estava lendo o jornal, e eu falei pra ele: “Eu sei o que é essa palavra aqui.” Ele falou: “Que palavra é essa?” Eu falei: “Independência.” Então devia ser setembro. Ele não acreditou muito que eu li porque naquela época, as datas Nacionais eram comemoradas a semana inteira na escola, não era só um dia. Então, sempre antes de entrar nas salas de aula tinha que cantar um dos Hinos. Eu sabia todos eles. Eu sei o Hino da Bandeira, o Hino da Independência, o Hino Nacional, o Hino da Marinha... Todos os Hinos eu sei porque, antigamente, a gente aprendia. A gente tinha toda essa vivência. Penso que meu pai achava que eu sabia porque eu tinha visto cartazes na escola. Aí, ele começou a apontar palavras e eu comecei a ler. Ele ficou surpreso porque eu já sabia e me mandava ler frases e via que eu lia. Logicamente, acredito que devagar porque no começo da alfabetização eu não entendia muito, não conseguia guardar o que eu lia porque eu estava preocupada em ler a palavra. Isso eu lembro muito bem! Eu queria ler rápido a palavra para poder entender o que estava escrito no todo, na frase. Isso era uma coisa que eu tinha vontade porque eu queria saber o que eram todas aquelas letras. Era como um trabalho de decodificação.

Eu tinha muita vontade de aprender a ler, então quando completei cinco falei para a minha mãe que eu não ia mais ao Jardim. Quando chegou o final do ano, quando completei seis anos, eu estava no Pré. Eu não podia ir para o primeiro ano porque, naquele tempo, era rígido, você tinha que ter sete anos. No mínimo, completar sete anos até julho. Como eu tinha completado em maio, pude entrar no primeiro ano[122], mas entrei lendo. Então, eu fingia, lia devagarzinho para não humilhar as colegas.

Comecei, ao final das aulas, ir à biblioteca e pegar livros para eu ler. Eu conheço histórias... Por isso que os povos me encantam, porque peguei livros que tinham lendas, por exemplo, histórias sobre a Rússia, histórias sobre a África... Tinha

---

[122] No Anexo 41 se encontra uma cópia digitalizada do boletim de primeira série do primário de Tânia Bassoi, e no Anexo 42 se encontra uma avaliação de primeira série da professora Tânia Bassoi.

uma coleção de livros sobre história. Eu li tudo isso no primeiro ano.

Com sete anos eu lia, escondido, as revistas do meu pai. Ele e minha mãe compravam muitas revistas. Meu pai gostava daquela revista Detetive, que é uma revista que falava de contos ficcionais, mas, também, tinha reportagens verídicas no meio da revista, nas páginas amarelas.

Com sete anos li toda a história do Al Capone e eu não entendia o que era imposto de renda, porque para mim renda era o que se punha no vestido. Meu pai trabalhava como fiscal de rendas do estado, então lembro que ele falava de imposto, era uma coisa que ele conhecia. Perguntei para ele o que era imposto de renda. Ele quis saber onde é que eu tinha lido isso. Imagina! Uma criança de sete anos perguntar o que é isso! Naquela época, década de cinquenta, 1958, que ninguém sabia o que era imposto de renda! Não existia imposto de renda, existia imposto sobre os bens das pessoas... De indústria... Mais tarde é que veio imposto de renda.

Meu pai perguntou e tive que confessar que eu tinha lido. Ele explicou que imposto era uma taxa que se cobrava. Ele tentou me explicar, com as palavras dele, que se a pessoa tinha dinheiro, uma parte ela tinha que pagar para o estado. Eu entendi isso. Agora, o que mais me marcou foi porque o Al Capone não foi pego pelos crimes que ele cometia e todo mundo sabia que ele é que mandava matar. Ele foi pego pelo imposto de renda, então falei assim: “Se ele não pagou um tanto de dinheiro para alguém e esse alguém era o governo, porque que isso era mais importante do que ter matado pessoas?” Porque ele matou e as pessoas não o pegavam porque não tinha provas. O problema é que não tinha provas e nos Estados Unidos as pessoas tinham que ter provas, mais tarde eu fui saber disso. Essas coisas me “encucavam”.

Então, a leitura me trouxe muitas coisas, de ver o mundo com antecedência, de antecipar essas coisas. Sempre gostei de ler... Tenho grande problema na Universidade [na UNIOESTE] porque eu tenho que ler só por técnica[123], sobra muito pouco tempo... A não ser nas férias...

Na infância, o que me marcou de Matemática foi a parte da escrita matemática. Eu tinha muito problema com a escrita. Eu não me conformava que $\frac{1}{2}$ era maior que $\frac{1}{3}$, mas nem com Deus descendo na terra eu achava que isso era verdade! Eu não enxergava aquilo daquele jeito. Eu enxergava como dois e três e não como $\frac{1}{2}$

[123] A depoente se refere às leituras necessárias para sua atuação profissional na Universidade.

e $\frac{1}{3}$. A subtração, também, que tinha que emprestar um do zero. Para mim era terrível! Até se fosse tirar um do três, tudo bem! O três tinha um para emprestar, mas o zero não tinha nada, então tive muitos problemas na Matemática[124].

Eu fazia cálculo mental porque meu pai me ensinou muito cedo. O pai me ensinava assim...” A soma, por exemplo, dos números que davam dez: é nove com o um, o oito com o dois, seis com quatro, sete com três... Tudo isso o pai me ensinou. Ele falava, eu repetia... Ele falava, eu repetia... Ele mostrava e eu colocava quanto faltava para dez. Como eu era a mais velha, eu fazia compras no armazém e sabia quanto vinha de troco. Essas coisas eu entendia muito bem. Mas o que eu não entendia realmente era a escrita. A escola, para mim, foi um problema muito grande porque eu sabia...

Lembro que fiz uma conta que tinha zero. Eu sabia o resultado de cabeça, por exemplo, fazia mil menos trezentos e noventa e cinco. Eu fazia mil menos trezentos, dava setecentos; setecentos eu tirava cem, deixava seiscentos de lado; pegava cem e tirava noventa, dava dez; de dez eu tirava cinco dava cinco, e dava o resultado. Era assim que eu fazia. Eu colocava o resultado, mas a professora dizia: “Mas porque você não colocou o “unzinho” que empresta?” “Ah, professora porque eu fiz de cabeça... O “um” na minha cabeça”. “Não, mas tem que colocar.” Ela achava que eu tinha colado e me dava errado. Tinha que riscar, emprestar um. Aquilo para mim era um drama! Porque eu não admitia aquele tipo de convencimento.

Depois, com quase vinte anos, vi no Material Dourado o que aquilo significava. Anos depois! Então, o que marcou na Matemática foi isso, embora eu gostasse, fizesse tudo, muita coisa... Mas era aquela época do ensino tradicional, muito algoritmo, muito treino matemático. Então, o que eu continuava fazendo fora me ajudava na escrita. Nunca fui uma excelente aluna em Matemática, mas ela me fascinava pela maneira de pensar. Eu gostava de pensar daquele jeito. Acho que é por isso que me tornei professora.

Quando eu estava na terceira série, minha mãe mudou para outro colégio, para o Grupo Escolar Professor Tupy Pinheiro. Eu e meus irmãos fomos, juntos, estudar no Tupy Pinheiro. Nesse Tupy Pinheiro existia o Ginásio que se chamava Ginásio Estadual Professor Miguel Bolmoletz. Fiquei nele até ir embora de

---

[124] Nos Anexos 43 e 44, respectivamente se encontram o boletim e uma avaliação da segunda série do primário de Tânia Stella Bassoi.

Guarapuava.

Estudos na Adolescência... Passei parte da minha adolescência no interior do Paraná, em Guarapuava. Estudei o Ensino Primário e uma parte do ensino ginasial em Guarapuava, nesses colégios que mencionei. Estudei até os onze anos na escola pública, em Guarapuava, depois, dos doze aos quinze anos, na escola particular, em Curitiba.

Nunca tive problemas de estudar porque sempre gostei muito de ler e, como todo adolescente, achava que tinha coisa mais interessante para fazer, como ler gibi. Nessa época, estava começando a televisão, mas a gente nem tinha. Quando falo para meus filhos que li todo o livro da Odisseia, eles ficam: “Eu vi o filme.” Mas eu li o original, o escrito traduzido. Vivi, plenamente, essas coisas da adolescência. Eu era uma aluna média. Nunca me preocupei com nota. Isso em qualquer instância, Mestrado, nada... As coisas que me preocupavam era saber.

Comecei meus estudos, no Ginásio, em Guarapuava, mas como reprovei em Matemática no segundo ano do Ginásio, fui para Curitiba. Isso foi em 1963, eu tinha de doze para treze anos. Então, fiquei morando com minha avó e frequentava o colégio de freiras. Minha vó se chamava Clotilde e fiquei com ela porque morava sozinha. Tinha ficado viúva uns três ou quatro anos antes. O vô morreu quando eu tinha oito, nove anos. Não lembro direito da data que o vô faleceu.

Fiquei morando com ela pelo fato de eu ter reprovado em Matemática, em Guarapuava. Minha mãe achou melhor me afastar de lá e me mandar embora, de certo achou que a vó dava um jeito em mim. Estudei no colégio de freiras, no Colégio Santa Terezinha do Menino Jesus, os três anos do Ginásio que faltavam.

Fui para uma escola que só tinha meninas, não tinha meninos. Para mim, mudou muita coisa. Inclusive, na escola pública, eu me dava melhor com os meninos. Eu brincava com eles no recreio. Eu gostava mais do brinquedo dos meninos do que das meninas. Na escola pública, tentavam nos separar, não deixavam a gente se misturar com os meninos na hora do recreio, mas eu ia jogar bola, correr... Essas coisas eram com os meninos. Eu não gostava das meninas porque elas ficavam quietinhas, num canto, e isso não era muito da minha natureza.

Mesmo sendo uma escola de freiras não contratavam só professoras. Meus professores de Matemática foram todos homens. Eles não contratavam mulher. Português, História, Geografia, Inglês... Eram todas mulheres, os de Matemática eram homens.

Tinha tarefa de casa e era tudo corrigido. Isso era muito típico dos professores da época. Tudo que era dado pra casa era vistoriado e corrigido. Isso era ponto para qualquer área do conhecimento, não só para a Matemática. Então, o professor de Português, de Inglês, de Geografia, de História... Todos tinham essa postura: passou deveres para casa, corrigia-se tudo no quadro. Mas, era o aluno que corrigia. O professor pouco interferia porque obrigava o aluno a fazer. Ele tinha certeza que era o aluno que fazia. Depois, ele tirava as dúvidas. Caso não soubesse não tinha problema. Estar certo ou errado isso não era o mais importante, o importante era que o aluno tivesse feito, nem que deixasse pela metade, mas alguma coisa tinha que ter feito, tinha que mostrar as tarefas. O professor passava de caderno em caderno vistoriando a tarefa.

O professor Danilo Cheida foi meu professor de Matemática do segundo e do terceiro ano do Ginásio. Ele era bastante jovem para a época. Os professores, naquela época, eram muito velhos, pessoas de bastante idade. Em Guarapuava tinham professores de bastante idade que tinham sido professores dos meus tios que tinham quarenta e poucos anos. Eram professores acima de sessenta anos. E, quando chego a Curitiba, o professor de Matemática era novo e gostava do que ensinava.

O Danilo tinha uma forma de abordagem da Matemática, um pouquinho diferenciada, sempre fazia alguma coisinha para adivinhar, punha uma questão que desse uma liga com o conteúdo que ia trabalhar. Como eu tinha reprovado naquela turma que ele dava aula, eu já sabia e falava. Ele achava que era por acaso.

Então, começou minha vida como professora, mas só que eu não sabia disso, eu achava que estava ajudando minhas colegas. Como eu dominava algumas coisas da Matemática, porque eu havia reprovado, eu fazia antes que todas elas. O professor de Matemática viu que eu conseguia explicar, então quando trabalhava com exercícios e passava pelas carteiras, pedia para eu ajudar as meninas que não entendiam. Eu passava nas carteiras das minhas colegas, ensinado, ajudando a aprender alguma coisa que não tinham visto, sobre fração, sobre adicionar...

Ah, Números Inteiros! Foi na sexta série que começamos com os Números Inteiros. Eu tinha só treze anos, mas conseguia explicar para os colegas o que eu pensava. Comecei muito cedo, mas só que eu não me via como professora, me via ajudando os colegas, quer dizer, eu não professava essa profissão.

Ele perguntou por que eu tinha reprovado em Matemática e eu falei que era porque eu não soube como fazer o quadrado perfeito, ou melhor, falar o quadrado

Perfeito. Daí, ele me deu uma nota baixa e fui para o exame. Fui para a segunda época e reprovei.

Minha mãe ficou “doente”, ela era professora, inspetora de ensino. Acho que ela queria me “enforcar” porque eu tinha reprovado, mas eu não estava preocupada porque eu era criança. Ela falou um monte de coisas para mim: “Você não é uma boa filha...” Aquelas coisas que marcam uma criança de doze anos! Ela esperava, de certo, que eu fosse muito melhor, mas eu não tinha feito nada de errado. Mais tarde, ela me contou que foi ver minha prova e eu precisava de 5,5 para passar na segunda época.

Eu tinha uma amiga que estudava comigo. Eu a achava tão bonita, só que ela era um pouquinho mais velha. Eu tinha uns doze e ela tinha uns quatorze anos. Aquela menina era bonita, tinha o cabelo bonito, a pele bonita e era carioca, falava diferente. Não lembro porque ela foi para a cidade, mas que precisava de 6,7 e ela tirou 6,5.

Minha mãe pediu para ver a minha prova e a dela, também, porque nós tínhamos estudado juntas e a mesma questão que eu e ela havíamos acertado, o cara deu pesos diferentes. Então, o objetivo era reprovar a gente porque se eu e ela não conseguíssemos a nota, tudo bem, mas... Falei para minha mãe: “Você não reclamou? Você não foi lá falar?” Ela falou: “Não, eu preferi mandar você embora porque você seria perseguida do mesmo jeito no ano seguinte.” Quer dizer, ela não foi questionar a questão do critério de avaliação desse professor porque se ele quisesse reprovar, isso era um problema dele, ele tinha autonomia, agora ele dar pesos diferentes para as questões que estavam certas, me desculpe, isso é intencional!

Depois, descobrimos que as pessoas pagavam para ele dar aula no período de férias, para a segunda época e nós não fizemos, então acredito que esse foi um dos critérios que ele talvez usou... Mas eu não tive nenhum problema de ser reprovada, embora, naquela época, tivesse uma conotação meio pesada. Não liguei muito. Acho que eu não esquentava com essas coisas.

No colégio de freiras eram só meninas e no colégio estadual era misto. Então, tive muitos amigos homens que, até hoje, tenho gratas lembranças, são médicos, engenheiros químicos... Pessoas que fizeram faculdade. Não nos vimos mais, mas a gente guarda uma lembrança muito boa daquela época.

Quando terminei o antigo Ginásio, eu não quis fazer a famosa Escola Normal, fui para o chamado Ensino Propedêutico, Científico em um colégio estadual chamado Nilson Baptista Ribas. Fiquei dois anos no Nilson Ribas, mas eles não tinham o último ano, o terceiro ano, então terminei meus estudos no Colégio Estadual do Paraná.

Naquela época, você tinha duas opções: o Propedêutico ou o “Anormal”, como a gente chamava! Então, eu não queria fazer Normal porque eu não queria ser como minha mãe, uma alfabetizadora, eu queria ir para a universidade fazer alguma coisa em Matemática. Eu não sabia o que eu queria, mas eu não queria fazer Normal. Isso eu sabia!

Na realidade, eu ia para o Colégio Estadual do Paraná, mas o Colégio Estadual fazia um exame de seleção, não lembro bem se era em outubro, ou em novembro, para o ano seguinte, e eu perdi a inscrição para fazer esse exame. Mas o Nilson Ribas aceitava alunos desde que morasse ali pelo bairro. Então, fiz a matricula no Nilson Ribas porque perdi no Estadual.

Nós éramos vinte e cinco na sala, não mais do que isso. Era uma sala grande de Ensino Médio e era à tarde porque pela manhã era o Ensino Fundamental, até oitava série. Eu não gostava de estudar à tarde, só pela manhã. Lembro-me que a gente fez um grupo. Tenho muitas saudades daquele grupo de colegas que era misto, novamente. Tenho bons amigos desde aquela época. Eu poderia ter feito, no final do primeiro ano, o concurso para o Colégio Estadual, mas eu não quis sair. Mas, no segundo ano, nós fomos obrigados a fazer porque o terceiro ano era só para meninos. Não sei por que a escola adotou, naquela época, esse tipo... Então, eu e as minhas amigas fizemos aquele exame para ter matrícula no Colégio Estadual do Paraná, no ano seguinte.

Lembro o nome de alguns desses amigos: era a Vilma, o Alexandre... Inclusive esses dois colegas se casaram, mas não sei se estão casados até hoje porque perdi o contato. Faz uns vinte anos que eu não os vejo; o Lauro; teve um amigo nosso, o Roberto, que morreu de acidente de carro. Ele era bem jovem, nós tínhamos todos uns quinze, dezesseis anos, mas o Roberto era mais velho que nós, tinha uns dezoito anos no primeiro ano. Ele foi nosso colega só nesse primeiro ano; tinha o filho do Nilson Ribas, que foi um deputado, o Nilson Ribas Filho que foi estudar na nossa sala, só que ele era muito “metido”. A gente não se dava com ele porque, como se diz hoje, ele “se achava”. Ele sentava na frente e não falava com, absolutamente, ninguém, então a gente deixou ele no jeito dele; tinha a Rosane que eu nunca mais soube o que foi feito; tinha uma menina que ficou pouco tempo, hoje ela mora em Guarapuava, meu Deus como é o nome dela? Então, era uma amizade dentro da sala. Nessa época, eu ainda morava com minha avó. Morei com a vó até casar.

No segundo ano, eu e o japonês, o Lauro, fizemos um trabalho de Ciências.

Nossos professores do Ensino Médio eram todos professores da Universidade Federal do Paraná. Nossa professora de Biologia trabalhava no Colégio [Estadual Nilson Baptista Ribas] e na Universidade. Para as provas de Biologia, a professora trazia lâminas prontas para você identificar o tipo de células, que para mim era tudo igual. Deus que me perdoe! Era tudo igual, não tinha nenhuma diferença. Eu ficava injuriada com aquelas lâminas! Tinha célula de fígado, célula não sei de que... A única que eu sabia era a de músculo porque era “compridinha” e a célula nervosa porque tinha as aberturazinhas que mostravam a composição dela.

Tanto que para o estudo da genética nós fomos para a Universidade porque, na época, o papa da genética do Paraná, era o Newton Freire. Nós fomos para a Universidade e ele fez uns experimentos, mostrou para a gente um monte de coisa da genética humana e da genética de vegetais. Foi muito legal! Eu gostava de genética, era o que me salvava na Biologia porque eu não precisava decorar, era só fazer proporção, então era mais fácil. Mas, o resto eu odiava porque precisava decorar aquelas “nomaradas”.

Então, essa professora quis que a gente fizesse um trabalho para a Feira de Ciências da escola. Um dia, quando nós estávamos no laboratório, achei muito interessante ver o sistema reprodutor do musgo. No microscópio ele é muito lindinho, parece um sininho, me encantei com aquilo. Daí, eu e o japonês fizemos um trabalho sobre a reprodução dos musgos. Nós ganhamos um prêmio na Feira de Ciências em Curitiba e tivemos que concorrer no Rio Grande do Sul, só que eu não fui. Esse meu amigo foi apresentar nosso trabalho no Sul.

Lembro-me muito pouco dos meus professores de Matemática do meu Segundo Grau. No meu segundo ano do Ensino Médio, tinha uma professora de Matemática que era bastante doente, tinha uma fragilidade de saúde. Ela ficou pouco tempo, dois ou três meses, e depois saiu. Então, começou a mudar muito professor. Ela estava sempre doente, por isso acho que ela tinha problemas sérios de saúde, principalmente na voz, ela quase não conseguia falar, vivia com aquelas pastilhas Valda. Não lembro o nome dela, apenas que era uma pessoa muito frágil, bem loira, magrinha, miudinha e falava baixinho. Quando falava mais alto, tossia.

Lembro-me que quando ela foi ensinar Análise Combinatória, eu nunca entendia. Ela punha aquelas fórmulas e eu não entendia porque ela usava tudo aquilo. Quando fui entender que Análise Combinatória era só um processo de contagem... Podia ter sido tudo diferente. Eu teria aprendido bem diferente, mas era a forma de

trabalhar as aulas. Porque era dado primeiro as fórmulas, depois o jeito... Eu queria achar um jeito de contar, de não usar as fórmulas porque eu não conseguia.

Quando fui trabalhar, lembro que sofri muito porque eu tinha que achar um jeito mais fácil, até que resolvi trabalhar sem fórmulas, pelo processo de contagem mesmo. Acho que tive sucesso porque eu não estava preocupada com a fórmula. Eu não queria que meus alunos usassem fórmulas, no final é que a gente foi ver o que significava. Não dei o que era Fatorial, o que significava aquele “três vezes dois vezes um”. Um aluno pegou uma fórmula e disse: “Aqui vai dividir por zero.” Eu disse: “Não divide por zero, você divide por zero fatorial que é um sinal diferente, uma representação diferente, não é zero. Zero fatorial não vale zero, vale um, só que pelas fórmulas, como o **n** e o **p** ficam iguais, você vai zerar.” Então, você não tem fórmula que de conta dessa situação. Foram coisas que eu fui descobrindo e tive que ensinar.

No terceiro ano, no Colégio Estadual do Paraná eu tinha um professor de Álgebra e um de Geometria. O professor de Álgebra era o Secon e o professor de Geometria era o professor Osni Dalcol que também era o diretor do Colégio Estadual. Tive, também, uma excelente professora de Português, na realidade, a melhor que eu tive em toda a minha escolaridade, a professora Maria Inês. Além de ser uma pessoa de uma polidez, ela sempre estava bonita na sala de aula. Parecia que ia numa festa. Alguns falavam: “Essa professora perua.”

Eu não entendo essas pessoas que acham que o professor tem que dar aula com a cara que acordou, com cara de “molambento” porque se você está bem fisicamente e apresentável, você chama, também, a atenção dos alunos para aquilo que você quer falar. Estar de qualquer jeito não é só uma questão de preconceito, que o professor tem que ser “metido”, que o professor tem que usar... Ele tem que estar bem apresentado. Tem professor aqui na Universidade [UNIOESTE] que parece que levantou da cama e veio dar aula. Não lavou a cara e nem escovou os dentes. Faz uns dez anos que não passa pente naquele cabelo. Pelo amor Deus! Um cara desses, quando entra na sala de aula, dá um desgosto na gente. Estudar que é bom, nada!

Tive bons professores no terceiro ano, mas lembro mais do Ginásio do que do Segundo Grau. Dos professores de Matemática que mais marcaram o meu Ginásio, foi o professor Water, no quarto ano. Ele era um japonês daquele tipo “nazista”, que você não podia errar nada e não podia conversar, mas ele era uma pessoa muito justa. Ele trabalhava a Matemática de uma forma muito textual. Era como se você estivesse lendo um livro. Às vezes, eu lia a aula antes para ver o que

teria na aula seguinte e era impressionante, ele tinha essa capacidade de ler o livro e pegar a sequência. Você via que ele preparava as aulas muito bem. Era como um ator de cinema. Ele era um professor de Matemática que eu gostava! Tinha o quadro bem arrumado, era muito caprichoso. A forma de expor, de escrever... Falava devagar, com calma, respondia com calma... O professor Water era muito tradicional! Punha as definições muito bem colocadas numa sequência, num tom de voz... Eu entendia muito bem!

Lembro-me de uma prova do professor Water em que ele passou um problema de triângulo retângulo para a gente achar a área, só que ele estava com o ângulo reto para cima. Tinha um monte de fórmulas que ele deixou usar. Minhas amigas fizeram conta, conta... E eu fiquei pensando, olhando aquilo... Era a última questão. Eu sempre tenho que achar um jeito mais fácil. Pensei, pensei... Eu vou ter que achar a área, tem que ter base e altura, base e altura... Falei: “Mas se eu movimentar esse triângulo, se eu colocar ele sobre um dos catetos, não vou mudar a área, vou mudar só a posição dele, a medida que eu tenho dentro da figura não vai mudar”. Comecei a pensar e falei: “Se eu tenho os dois catetos, acabou, porque eu multiplico um pelo outro e divido por dois.”

Quando o professor entregou as provas, me chamou lá na frente e disse que o resultado estava certo, mas queria que eu contasse o jeito que eu tinha feito. Eu expliquei para ele como eu fiz. As meninas ficaram loucas da vida, porque fizeram um monte de conta e não conseguiram terminar a questão! Erraram! Como dizia minha avó: “Quando a cabeça não pensa o corpo padece.” Elas ficaram gastando o dedo para fazer e apagar, fazer e apagar... Eu fiz um pouquinho mais rápido só. Então, é uma coisa que me marcou porque ele queria que eu contasse para as minhas colegas como é que eu tinha feito. Daí, você vê como o ensino de geometria sempre foi estático, quer dizer, eu tenho que calcular daquele jeito que está? Não! Posso movimentar a figura, posso calcular de outro jeito.

Geometria eu gostava bastante. Nós tínhamos Geometria Projetiva no Desenho e isso ajudou muito. Durante todo o Ensino Médio tive Geometria Projetiva, os três anos, você acredita? Era uma aula separada da Matemática. Hoje não tem mais. O professor que dava Geometria Projetiva para nós era professor da Escola das Belas Artes. O nome dele era Mário Rubinski. Nunca mais esqueci o nome dele porque ele era artista, ele pintava. Por isso estou dizendo que tive um Ensino Médio muito rico, com professores da Universidade.

No Colégio Estadual do Paraná nós tínhamos as chamadas provas paralelas, que interrompiam a aula e davam prova para saber se você estava por dentro, estudando. Tinha uma prova surpresa.

Lembro que no segundo ano do Ginásio a gente adotava o livro do Ary Quintela e que no Ensino Médio foi o Bezerra nos três anos. Eu comprei aquele grosso compilado do Bezerra que a gente usou os três anos.

Quando foi para eu fazer a minha faculdade, para eu escolher, fiquei em dúvida entre Arquitetura... Porque uma das coisas que eu sempre gostei, mas nunca tive facilidade, não aprendi, foi o desenho. Eu gostava muito das formas, tinha muita curiosidade. Gostava de formas diferentes de casas. Eu sempre dava um jeito de reparar quando eu entrava nas casas, na maneira de dispor os cômodos. Isso era uma questão minha... Fiz o vestibular, mas como eu não sabia desenhar, nem fui aprovada na primeira prova que era de desenho.

Mas, no ano seguinte, o pai falou: “Eu pago o cursinho para você.” Eu falei: “Eu não sei se eu quero bem isso. Acho que eu vou fazer Matemática.” Então, fiz um ano de cursinho no antigo Dom Bosco. Na realidade, Curitiba era dividida em dois grandes cursinhos: das áreas das Engenharias e da Medicina. A parte de Matemática e Engenharia era tudo com o Dom Bosco e a parte de Medicina era com o Positivo. Aliás, foi no ano que eu fiz cursinho que fundaram o Positivo. Porque eles brigaram e no ano seguinte, que eu saí do cursinho, abriram o Positivo. Tinha o Camões que era para o pessoal de Letras. Os cursinhos, em Curitiba, na época, eram meio focados nas áreas em que você ia fazer vestibular.

Lembro que foi muito engraçado a minha avó falando assim: “Mas você vai fazer Matemática mesmo? Minha filha, uma mulher não deve fazer Matemática.” “Mas porque vó?” “Porque é uma coisa tão difícil de ser aprendida. Minha filha, não faça porque mulher não deve fazer essas coisas.” Minha vó me deu um monte de conselhos, mas não adiantou muito. Era muito interessante a visão da vó.

Daí, fiz a inscrição para a Católica[125]e para a Federal[126]. Passei nas duas, mas fiquei na Federal. Meu pai era funcionário público e eu não queria que ele pagasse a faculdade para mim e, como eu estudaria de dia, optei por ficar na Federal. No ano seguinte, fiz Matemática. Entrei em 1972 na Universidade Federal do Paraná já com a Reforma Universitária, com aquele ensino semestralizado. A Reforma

[125] Universidade Católica do Paraná.
[126] Universidade Federal do Paraná.

Universitária foi implantada em 1972 para o Brasil inteiro, para as [Universidades] Federais. Então, eu peguei o primeiro ano da Reforma. Não sei o que mais aconteceu de diferente porque eu não tinha noção do que tinha antes na Matemática.

Sei que o pessoal que entrou antes que a gente tinha matérias anuais e continuou com disciplinas anuais até acabar a grade deles, mas nós tínhamos semestrais. Por exemplo, o Cálculo [Diferencial e Integral] que se daria no ano todo era dividido em Cálculo I e Cálculo II, depois Cálculo III e Cálculo IV. Então, você tinha que passar por todos eles, tudo era pré-requisito, se reprovasse ficava preso. Tinha que terminar o I para fazer o II, terminar o III e assim por diante. A Física também foi repartida em quatro semestres. Os Desenhos foram dois semestres. Aquela professora do Colégio Estadual que dava Desenho... Como era o nome dela? Meu Deus! Eu não lembro o nome dela. Ela foi minha professora do Colégio Estadual, mas, também, nos deu Desenho Geométrico na Federal.

Todos os professores que estavam na Universidade [Federal do Paraná] tinham um problema, se você reprovasse, por exemplo, em uma disciplina, você tinha que fazer no semestre seguinte todas e mais essa. Como extrapolava o número de créditos por semestre, a coordenação do curso tinha que avalizar a tua matrícula naquela disciplina, caso ultrapassasse a carga horária semanal que você tinha. Digamos assim, você só podia ter quatro créditos por semana, que dava 24 horas. Não lembro bem, por semestre... Caso você quisesse fazer vinte e oito, tinha que pedir aval para o coordenador. Ele é que validaria ou não, a tua matrícula para que você fizesse os vinte e oito créditos por semestre.

Isso eu sei porque terminei a faculdade em três anos e meio, porque tranquei um semestre. Como eu casei no meio do segundo ano, no começo do terceiro ano, quinto período, eu ia embora para Jacarezinho, então não fiz matrícula e pedi transferência para Jacarezinho. Quando foi para eu mudar aconteceu um problema. Jacarezinho é uma cidade antiga do Norte do Paraná, então, ela não tinha muitas casas de aluguel e não tinha imobiliárias, era por “boca”. Quando fui mudar, o meu ex-marido falou: “Pode suspender a mudança porque o cara alugou a casa para outra pessoa.” Eu estava com tudo pronto para ir embora. Isso era começo do quinto período, mas quando eu vi que eu não ia conseguir casa para mudar, fui para a Universidade e cancelei o trancamento e a transferência para a Faculdade de Jacarezinho. Indeferi a transferência, mas tranquei a matrícula para o quinto período porque não dava mais tempo, já era meados de março, quase abril e eu reprovaria

por falta. Tentei voltar, mas a secretária acadêmica falou: “Não dá porque você reprova por faltas por causa do número de aulas que já transcorreram.” Então, tranquei um semestre e tive que fazer o semestre seguinte com esse excesso de carga horária que foi avalizado pela coordenação do curso.

Assim, terminei o meu curso, na realidade, em três anos e meio porque fiquei um semestre sem fazer. Terminei junto com as colegas que eu comecei, mas só que em três anos e meio. Tive os filhos um atrás do outro, dentro da faculdade. Fiz todas as disciplinas acumuladas com dois bebês. O outro nasceu no meio do quarto ano, com estágio, mas a gente só consegue dar conta porque é muito nova.

Foi bastante difícil porque no meu sexto período eu já estava grávida da segunda e no oitavo período eu me formaria. Quem ajudou foi a Providência Divina! Na realidade, eu não tinha ninguém para me ajudar. Minha mãe ficava com meu filho Adrianus para eu ir para a faculdade. Eu tinha que sair de casa e deixa-lo na casa dela. Depois da faculdade, pegava ele para ir para casa. Era sempre essa rotina. Mas quando a Manuela nasceu eu consegui uma menina para cuidar deles. Ela tinha dezoito anos, era muito jovem, mas cuidava muito bem dos meus filhos. Eles gostavam dela. Minha primeira preocupação era com os meus filhos. Comecei a observar o comportamento dos dois. Ela era um bebê, tinha três dias quando a menina foi para a minha casa. Então, comecei a observar o menino que era maior porque você sabe que se ela estava maltratando, a criança muda o comportamento. Mas não, ele ficava do mesmo jeito, calmo. Então vi que ela tinha paciência e me ajudou bastante. Eu dizia para ela: “Primeiro as crianças, você cuida deles, depois quando eu voltar da escola a gente dá um jeito na casa.” Eu deixava as crianças e a alimentação deles tudo mais ou menos encaminhado para ela fazer. Deixava o almoço das crianças porque eles almoçavam antes, tinham horário diferenciado da gente. Ela me ajudou bastante porque a minha mãe não podia mais porque meu pai estava bastante doente. Meu pai morreu quando minha filha tinha cinco meses, um pouco antes de eu me formar. Ele tinha câncer de pulmão e minha mãe estava cuidando dele, então eu não podia sobrecarrega-la com dois bebês. Quando a Manuela nasceu ele tinha um ano e sete meses. Então, terminei a faculdade com um bebê de cinco meses e um de dois anos.

No último semestre eu também trabalhava, dava aula na Escola Técnica de

Enfermagem Catarina Laboure[127]. Fazia tudo isso, tinha aquele excesso de aulas, trabalhava e cuidava das crianças. Eu dava aula duas vezes por semana, eu tinha duas manhãs cheias.

Mas comecei a perceber o meu papel, na realidade, quando saí como profissional, quando tive o meu primeiro emprego porque a minha formação pedagógica foi supérflua. Tivemos Psicologia e a parte de Estágio. Lembro que em Psicologia os meninos iam de manhã para a aula, quando tinha prova, faziam e pegavam o gabarito, depois, à tarde, sorteavam quem tirava mais nota, menos nota, de tão bom que foi a tal da Psicologia.

Tinha um professor de Química que orientava. Acho que ele deu Didática para nós, não lembro o nome dele. Ele não te cobrava nada, não fazia... A gente lia uma coisa ou outra, preparava uma aula e apresentava para ele. Era só isso, não tinha como a gente faz com os alunos do PIBID hoje. Eles voltam e vão, a gente questiona, monta a aula, está de acordo, não está, o que está acontecendo, o que você vai fazer, vai desenvolver essa atividade e não essa... Quando o aluno apresenta você interfere. Então, eu gostaria de estar há quarenta anos atrás com a formação que tenho hoje, com o mesmo empenho... Acho que nós seriamos muito diferentes, muito diferentes...

Lembro que quando fiz estágio, tinha que fazer observação e participação como tem hoje, só que a professora não ia. A nossa professora nunca foi. Tenho colegas que mentiram que foram. Ficaram um pouquinho e fugiram do colégio. Assinavam a folha porque ninguém tinha controle, e não fizeram nada. Criaram uma coisa, inventaram e ela deu nota do mesmo jeito.

Mas eu e a professora Célia Finck Brandt, que era minha colega e que hoje está na UEPG[128], fizemos a graduação juntas. Fazíamos, também, algumas atividades da parte pedagógica juntas. A gente era muito “Caxias” naquela época!

Naquele tempo estava em voga a Matemática Moderna. Então nós tínhamos que preparar atividades, por exemplo, que não achávamos para que aquilo servia porque era muito teórico. Mas tínhamos que fazer e ensinar tudo aquilo, como Expressões Algébricas através de jogos e brincadeiras. Nós achamos uma atividade que tivemos que fazer no colégio particular, no Sion[129]. Nós pegamos o Dienes, Zoltan Dienes. Ele era daquele grupo da Matemática Moderna e dava sugestões para

---

[127] Escola Técnica de Enfermagem Vicentina Técnica Catarina Laboure.
[128] Universidade Estadual de Ponta Grossa.
[129] Colégio Nossa Senhora de Sion.

trabalhar toda aquela estrutura em sala de aula. Nós pegamos uma atividade dele e fomos aplicar na escola. Era uma relação de achar o elemento neutro da adição. Depois, a gente questionava: “O que nós vamos fazer com isso? O que significa isso? Para que a gente está ensinando isso?” Mas não tinha o que fazer, era a moda.

Lembro, também, que a professora nunca se preocupou em dizer: “Vocês procurem, preparem uma aula... Então, se a gente levasse para discutir a aula...” Na época, isso não existia na parte pedagógica, nadinha, nadinha, nadinha... Leitura não tinha. Lembro-me do Piaget, mas falavam das estruturas. Era uma coisa bem teórica, não tinha nada que você pudesse entender do ponto de vista do fazer matemático. Então, começou nosso primeiro impasse, mas como tínhamos muita coisa para fazer e para terminar o curso, não pensávamos muito.

Depois, a gente estudou, mais tarde, na pós-graduação e começou a se interessar, mas não tinha muito na época. Na verdade da Matemática Moderna tinha só que eu achava um absurdo porque as crianças não tinham que entender sobre Conjuntos, União... União não era soma e os professores do antigo Primário ensinavam como soma. Aquilo era um horror! Então, não era nem Matemática Moderna, nem Teoria dos Conjuntos. Para que estudar desse jeito? Contar os objetos, colocar a soma, mas fazer Sagitais e o Diagrama de Venn não tinha nada a ver.

Acho que o primeiro impacto foi quando virei profissional. Meu primeiro emprego foi na Escola Vicentina Técnica de Enfermagem Catarina Labouré, em Curitiba. Comecei a lecionar, efetivamente com carteira assinada, em julho de 1975. Minha filha tinha um mês quando fui dar aula. Foi um amigo nosso, de adolescência, que trabalhava lá e falou que precisava de professor de Matemática. Fui contratada por indicação dele. Fui ao colégio, conversei com a irmã que era coordenadora. Falei que eu estava no quarto ano, terminando o curso, daí ela me contratou.

Comecei a trabalhar com Matemática. Eu tinha três turmas: uma de primeiro ano, uma de segundo e uma de terceiro. Dava-se um semestre de disciplinas do Propedêutico: Português, Matemática, Física, Química, Biologia, Filosofia... Tinham todas essas disciplinas e no outro eram só as disciplinas de ordem técnica mesmo, as questões de Enfermagem que eram trabalhadas pelo pessoal da área de saúde.

Eu trabalhava, por exemplo, no primeiro e no segundo ano no primeiro semestre e no terceiro ano no segundo semestre, porque como era uma Escola Técnica de Enfermagem, eles tinham de forma trocada. Às vezes, trabalhei com o primeiro e com o terceiro anos no primeiro semestre e com o segundo ano no segundo

semestre. Porque as disciplinas que eram de ordem da Enfermagem, de ordem profissionalizante, tinham que ter os professores disponíveis, então, eles trocavam as turmas.

Não sei se a escola era paga ou se ela tinha subsídio do Estado. Tenho a impressão que os alunos não pagavam. Eles faziam esse curso porque era profissionalizante e porque faziam estágio no Hospital Nossa Senhora das Graças, que era nos fundos da escola. Os profissionais do Nossa Senhora das Graças já pegavam as melhores alunas do curso como instrumentadoras. Tinha menina do primeiro ano que eles preparavam para ser instrumentadora cirúrgica porque percebiam que ela tinha o dom. Elas saiam de lá, geralmente, todas empregadas. Não tinha nenhuma que ficasse de fora, só se não quisesse mesmo.

A escola tinha recursos didáticos, era muito bem formada. Tinha até bonecos, com a musculatura, para a parte de Anatomia, não eram corpos. A gente sabia porque as meninas comentavam nas aulas. Às vezes, os professores as levavam às universidades para ver os corpos mesmos. Algumas voltavam horrorizadas porque viam as pessoas mortas, dissecadas, e não queriam mais saber daquela profissão.

A maioria das alunas eram pessoas de mais idade que há muito tempo tinham parado de estudar e voltaram ao Ensino Médio. Mas, tinha alunas bem novas. Tinha alunas com a idade de quatorze anos, mas tinha gente com trinta, quarenta anos cursando o mesmo colégio. Mas isso não causava problemas. Eu achava interessante que as pessoas de mais idade, às vezes, sentiam-se um pouco constrangidas por ter esquecido muitas coisas da escolaridade, então, as alunas mais novas ajudavam.

Pelo fato delas serem mais velhas, elas tinham outra maturidade em relação, por exemplo, a postura no fazer o estágio no hospital. Elas auxiliavam em algumas coisas do ponto de vista emocional porque elas viam casos e casos de pessoas doentes. Elas voltavam chorando porque tinha morrido alguém que elas tinham visitado num dia anterior. Então, aquilo abalava as meninas e essas pessoas as consolavam, falavam com as meninas com as mais jovens, embora a escola também tivesse assistência. A escola tinha um psicólogo.

Não sei dizer se havia algum controle oficial das atividades realizadas pelas escolas, mas a escola tinha uma diretora que cuidava da parte burocrática e a irmã que cuidava da aplicação pedagógica. Tudo era discutido. A reunião das áreas do Propedêutico era separada da Enfermagem, mas, às vezes, quando tinha alguma coisa em comum, ela juntava. Não tinha reunião de pais porque se supunha que todas

as pessoas que estavam lá tinham interesse em se tornar Técnicos em Enfermagem.

Com relação à Matemática eles seguiam o conteúdo normal, de qualquer Ensino Médio da época. Era o conteúdo oficial. O mesmo conteúdo que eles trabalhavam era o conteúdo que eu tive no Ensino Médio. Tinha se passado quatro anos e não mudou.

Os alunos não eram obrigados a comprar livros porque alguns tinham muitas dificuldades, eram bastante carentes. Estavam fazendo o profissionalizante para poder trabalhar, porque terminavam o Ensino Médio já empregados. Isso era importante para eles. Então, a gente passava o conteúdo no quadro.

Mas, como era Ensino Médio, eu seguia o livro didático porque a tua prática vinha daí, quer dizer, você preparava as aulas através do livro didático. Não participei de nenhum curso, treinamento ou capacitação, nessa época, porque não existia, mas havia uma troca entre os professores, a gente conversava. Na realidade, ficava aquela situação informal da hora do recreio. Os professores se encontravam na sala e comentavam alguma coisa, eu comentava outra, você ia pegando as coisas.

Mas, foi através de uma conversa na hora do intervalo que me flagrei de qual era o meu papel como professora de um Ensino Médio Técnico, não teria só que dar conta dos conteúdos previstos no currículo da escola, mas, também, de questões muito básicas como, por exemplo, proporcionalidade e razão.

Aquele dia uma colega entrou na sala e falou: “Os professores de Matemática não ensinam nada!” Falei: “Jesus! Isso é para mim!” Tentei explicar que eu estava seguindo o programa que a escola havia me apresentado para trabalhar, mas que não teria problema nenhum eu fazer uma aula voltada para a questão da razão e da proporção.

As meninas faziam estágio no Hospital Nossa Senhora das Graças, atrás do Colégio. Então, elas tinham feito a seleção dos medicamentos para serem ministrados aos pacientes e essa professora chegou muito abalada porque se ela não tivesse olhado um por um, todos os medicamentos, que eram para serem dados aos pacientes, um paciente poderia ser morto pela proporção. Não me lembro do que era, mas era “um para sete” e a menina não entendeu e colocou dezessete porções deste medicamento então, como ela falou, só de olhar já teria um problema, não precisava nem ser aplicado.

Quando você está trabalhando e percebe que o aluno não entende nem uma forma proporcional, uma razão, quer dizer, se você tem “um para sete”, “dois é para

quatorze” e assim vai... Comecei a questionar o que eu fazia, quer dizer, tenho que ensinar só Geometria Espacial, Logaritmo, Funções? E isso como é que fica? Isso também faz parte da aprendizagem. Então, comecei a procurar algumas coisas, mas naquela época, na década de setenta, não existia praticamente nada para você poder se referendar. Não existia literatura.

Eu queria ver se tinha algumas referências para o trabalho de proporção que eu montei junto com as enfermeiras. A gente fez um tipo de guia mostrando como usar a Regra de Três para fazer a proporcionalidade dos medicamentos. Fiz alguns exercícios para treinar as alunas, por conta do susto da menina misturar de forma, totalmente, errada o medicamento. Não só devido à invalidação do medicamento que você vai jogar no lixo, mas a questão da vida da pessoa que está sendo medicada. Não adiantava eu ensinar tanta coisa de conteúdo de Segundo Grau se essas coisas ainda não estavam resolvidas para o aluno.

Comecei a fazer algumas atividades bem simples de proporção. Trabalhava meia hora, quinze minutos com essas professoras e com as alunas delas para ensinar essas coisas, fazer matematicamente, escrever, calcular coisas muito básicas e fazia, também, coisas práticas para elas entenderem o que era proporção de “um para sete.” Elas foram entendendo isso no fazer. Usava, por exemplo, um copinho de água para meio copinho de uma mistura. Eram essas coisas bem práticas, como se escrevia, matematicamente, um inteiro e a outra metade, “um para meio...”

Eu ia ao Laboratório de Química para mostrar as medições em mililitros naqueles vidros que têm todas as medidas. Elas traziam as prescrições verdadeiras de medicamento, não era nada ficcional. A gente punha no quadro e elas tinham que fazer na prática, na frente. Estudavam o significado de concentração, por exemplo, para uma quantidade de água e uma de medicamento tinha uma relação de concentração em que você aumentava o remédio, mas mantinha a água. Isso aumentava a concentração... A gente explicava tudo isso para elas.

Essas questões foram discutidas e foi a primeira vez que comecei a pensar no que eu estava fazendo. Acho que aí começa minha história, mesmo, de me sentir como um ser que tinha que ter responsabilidade com o que ensinava.

Viver no município de Cascavel... Gosto muito de viver no município de Cascavel... Quando cheguei, há trinta e quatro anos atrás, no meio de 1979, era uma carência em todas as áreas. Senti bastante diferença porque vim de Londrina, uma cidade que tinha tudo. Eu tinha saído de Curitiba e morado dois anos em Londrina que

era uma cidade como Curitiba, mas de um porte menor, de dimensões bem menores, mas de muito conforto, bons supermercados. Tinha um perto de casa que era muito bom. As feiras eram muito boas, muito diversificadas, em duas quadras... Tinha tudo: peixe, carne, verduras... Aprendi muito sobre verduras quando morei em Londrina porque tinham verduras diferentes que eu procurava saber como fazia. Os japoneses são muito pródigos nisso.

Cascavel era uma cidade com tudo muito a gosto dos pioneiros. Uma cidade muito precária numa série de coisas. A primeira coisa que eu estranhei, quando cheguei aqui, é que não tinham muitos supermercados. Tinha o antigo Trento. Eu morava na Praça Getúlio Vargas e bem na esquina tinha o "armazenzão" dos Muffato. Era aquele armazenzão que todo mundo vinha de botina e cavalo e tinha aquelas bruacas[130] para colocar tudo dentro. Mas tudo que eu queria de diferente não tinha. Não tinha feira. Você só encontrava no mercado alface, tomate e cebola. Não tinha uma verdura diferente. Fruta tinha laranja, banana e maçã que vinha da Argentina, aquelas maçãs que parecem isopor. Eu ficava assustada! Depois, mais tarde, veio o Riomar que era um mercado grande. Nossa! Foi um sucesso quando abriu porque me senti em uma capital. A Medicina, embora não fosse tão ruim, era de cidade de interior.

Era uma cidade cheia de terrenos baldios. Era a questão da especulação imobiliária porque naquela época, ninguém comprava nada em Cascavel. Apossavam-se das áreas, registravam aquilo e nunca pagavam nada pela terra, nem imposto. Depois vendiam a preço de ouro, quer dizer, só lucravam em cima do que não era deles.

Cascavel começou a crescer muito rápido quando as gerações foram estudar fora. Foi uma coisa muito interessante em Cascavel porque quando essa geração voltou, a cidade se modifica, inclusive os costumes. Começou, também, a virem pessoas jovens de fora, que tinham um potencial muito grande, trabalhar aqui. Isso na década de oitenta, mas começa a explodir mais na década de noventa. Você vê toda modificação não só física da cidade.

Então, Cascavel é uma cidade de sessenta e dois anos que tem uma estrutura muito boa para se viver. A parte médica foi todinha muito bem estruturada. Muitos médicos jovens vieram para cá e isso tudo modificou o perfil da cidade. As pessoas investiram na alimentação, lazer e entretenimento. Começaram a investir mais no

---

[130] Mala de couro utilizada para levar em viagem a cavalo.

gosto desse pessoal que estava vindo de fora e a cidade perde aquela característica para os pioneiros. Roupa, também era horrível. Eu comprava tudo em Curitiba.

Ao chegar em Cascavel, como meus filhos já estavam maiores e podiam ficar sozinhos, fui ao Núcleo[131] procurar aulas para eu dar. Fiquei muito surpresa porque consegui aulas em setembro porque uma professora tirou licença. Fui trabalhar no Costa e Silva[132], cuidar de quintas séries, vinte horas aulas para a outra professora tirar a licença dela. Fiquei até o final do ano, dezembro de 1979.

Foi a primeira vez, inclusive, que eu dou de cara com uma turma de quinta série que tinha um aluno em inclusão. Isso em 1979. Ele era deficiente mental, tinha Síndrome de Down bem acentuada, mas fazia parte da turma... Logicamente, ele reprovou. Tinha dezoito anos na quinta série. Reprovou muitos anos, mas fazia, por exemplo, todas as operações. Dominava todos os algoritmos operatórios com uma destreza que nenhum aluno fazia! A multiplicação, a divisão, qualquer... Podia colocar com quantas casas você quisesse, ele dominava. Só que ele tinha um problema grave de visão e eu chamei a atenção, várias vezes, na escola: “Gente, como é que vocês não mandaram esse menino para...” Ele grudava na folha para escrever e não usava óculos. A família dizia que ele foi um castigo porque o pai bebia. Foi muito difícil lidar e convencer a mãe de que ele não era um castigo, que era um ser humano capaz de produzir, mas que tinha que ser ajudado, também.

Hoje em dia, tenho preparo, mas peguei essas situações sem preparo nenhum. O menino se chamava Cesar. Tive que assumir o Cesar, na escola, com toda essa dificuldade. Mas não foi difícil porque os alunos o tratavam como outro qualquer. Nunca vi, em todo tempo em que eu trabalhei, eles usarem alguma chacota ou pejorativo no processo, só diziam: “Professora, hoje o Cesar está incomodando.” Mas como qualquer outro colega que eles poderiam falar. Essa foi minha primeira experiência com a inclusão.

Para o ano seguinte, 1980, fui chamada no Colégio Marista e quando falei com a coordenadora, ela perguntou em que eu tinha experiência. Falei que em Ensino Médio, então ela falou que eu podia começar a trabalhar: “Você já está empregada porque não temos professor de Ensino Médio.” Fiquei lá quatro anos como professora de Matemática e de Física.

Minha experiência com colégios particulares foi só no início, quando vim para

---

[131] Núcleo Regional de Ensino de Cascavel.
[132] Colégio Estadual Presidente Costa e Silva

cá. Não me lembro de alguém pagar o Catarina Labouré, mas como as freiras que cuidavam, acho que era privado. Acho que tinha um subsídio do governo nos colégios particulares porque você tinha muito apoio material. Mas não te incentivam a fazer nada, a fazer um curso.

O fato de eu ter trabalhado no Ensino Médio abriu as portas, facilitou, porque professor de Ensino Fundamental tinha um monte, mas de Ensino Médio não, porque não tinha professores preparados. A Faculdade[133] era recente, de 1972, então tinha poucos professores para darem conta. A primeira turma se formou em 1975, mas a gente não sabe, também, quantos se formaram. Então, em 1979, ano que cheguei aqui, não tinha muitos professores e a maioria, mesmo formados, ia para o Ensino Fundamental, não assumia o Ensino Médio.

Inclusive, quando fui para o Ensino Médio do Estado, no Costa e Silva, tive que dar Física porque eles não tinham professor e como viram, na minha carteirinha, que eu podia lecionar Física, peguei aulas. Mas fiquei muito decepcionada! Foi uma coisa bastante difícil, me achei um fracasso, fiquei muito chateada, muita reprovação, essas coisas... Foi muito horrível porque eu não conseguia entender que uma coisa é o fenômeno e a outra é a medição do fenômeno feito pela Matemática. Quando eu consegui entender isso, modifiquei e melhorei a qualidade de todas as minhas aulas para o ano seguinte.

Só para ter uma ideia, o aluno fazia uma confusão do que era trajetória e do que era deslocamento. Para mim isso era claro, mas para eles não, porque com deslocamento vem a questão vetorial. Eu precisava introduzir para eles esse novo ente matemático. Que a Matemática teve que lançar mão disso para poder explicar e montar as equações da Física, medir os fenômenos físicos.

Trabalhei Física enquanto fiquei no Ensino Médio, até 1989, porque não tinha quem trabalhasse, não tinha professor, como não tem até hoje. É uma carência muito grande de professor de Física. Mas, não era a minha área e não tinha muito acesso a materiais para fazer as coisas de laboratório. Eu pegava lâmpadas usadas... Veja só o perigo! Abria e tirava aquele pozinho de dentro lavando com detergente. Depois, eu punha uma rolha para fazer a bolha d'agua deslizar para eles medirem a velocidade, que não dava exato porque não era uma velocidade constante. Era tudo improvisado, bastante precário! A gente fazia o que dava.

---

[133] FECIVEL – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cascavel.

A maioria dos professores, nessa época, tinha aqueles cursos aligeirados de três anos, como em Presidente Prudente e outros tinham cursos, mas não se sentiam aptos, não queriam enfrentar. A maioria dos professores que trabalhava comigo na escola iam a Presidente Prudente. Já existia a antiga FECIVEL, mas eles faziam porque não precisava ir para a aula. Eles iam uma vez por mês e faziam prova. Os trabalhos eram feitos em casa. Era um curso que se pagava e era reconhecido pelo MEC. Tinha o diploma, mas o curso era um horror na questão do conhecimento. Ele era reconhecido como uma graduação porque eram as antigas habilitações que eles faziam para Ciências, para Matemática, para o que eles quisessem... Mas era feito em três anos, então o conteúdo era muito precário.

Às vezes, os professores comentavam algumas coisas, na sala de aula, que não podiam trabalhar com os alunos. Mas, eles eram bastante empenhados, procuravam conversar, trocar ideias. Quando tinham dúvidas, um consultava o outro na hora do recreio. Nessa época, não tinha hora-atividade. Eram quarenta ou vinte aulas fechadas. Na área de Ciências tinha a professora Neide Lombardi que fazia o curso em Presidente Prudente. Na área da Matemática tinha o Cláudio, mas eu não sei se ele fez a habilitação aqui na UNIOESTE. Mas aqui, pelo menos, era presencial, as pessoas tinham prova e um subsídio melhor de conhecimento.

Cascavel, na época, era um município que tinha bastante falta de profissionais, mas isso foi muito atrativo para Cascavel porque tinha tudo para não ter dado o que é, porque era uma cidade de passagem. Toledo tinha muito mais... A etnia de Toledo era uma... Foram outros fundadores, outra visão de mundo, mas foi Cascavel que se desenvolveu.

Mas, eu gosto de viver aqui porque Cascavel ainda tem muitas oportunidades. É uma cidade que hoje tem tudo. Na época dos meus filhos, por exemplo, não tinha faculdade nenhuma. Tive que mandar todo mundo embora para fazer o que queriam porque aqui não tinha Engenharia Mecânica e nem Oceanografia. Hoje, temos Engenharia Mecânica em Foz do Iguaçu, mas Oceanografia não porque é uma coisa diferente. Cascavel, em trinta e quatro anos, se desenvolveu muito, explodiu em conhecimento e em oportunidades. Isso se refletiu bastante na questão do ensino.

A vida como professora tem uma trajetória... Como meu ex-marido era uma pessoa que mudava muito, fui largando o lado profissional para acompanha-lo. Então, minha vida profissional foi muito picada, fazia concurso, mas não assumia porque tinha mudado de cidade.

Quando cheguei a Cascavel, em 1979, fiz concurso para professor da rede estadual e passei. Mas, quando foi para eu assumir, em 1984, eu não assumi porque meu ex-marido foi trabalhar em Piracicaba, fazer o Mestrado dele. Saímos daqui e ficamos dois anos no Estado de São Paulo, depois é que retornamos para Cascavel. É a partir do meu retorno que começa mesmo minha história interrupta de ensino. Antes de eu ir para São Paulo lecionei aqui, em Cascavel durante quatro anos no Colégio Marista.

Fiz outro concurso, também, em 1976, em Curitiba, mas esse não tinha nada a ver comigo, era de Meteorologista. Passei e não assumi porque era em São Paulo. Passei em segundo lugar, tinha duas vagas e quem assumiu foi a terceira pessoa.

Fiquei dois anos em Piracicaba, 1984 e 1985, e fiz a Pós-Graduação em Matemática Pura no IMECC[134], na UNICAMP[135]. Não lecionei, nesse momento, porque não tinha como, mas fiz, também, disciplinas como aluna especial da Educação Matemática no curso de Mestrado em Rio Claro, que estava iniciando.

Fui atrás de bibliografia para me basear e trabalhar melhor. Porque a angústia da gente, como professor, era que, apesar do esforço, os alunos não conseguiam aprender alguma coisa. Lógico, isso é maturidade do ponto de vista profissional, mas de qualquer maneira você não tinha apoio, não tinha aonde ler que alguém tinha feito alguma coisa.

Consegui fazer disciplinas com o professor Mario Tourasse, com o professor Ubiratan D'Ambrósio, com o Eduardo Sebastiani, com a Maria Bicudo... Foi bem legal! O que eu mais queria era ter acesso à bibliografia, mas de qualquer maneira as outras universidades mandavam... O pessoal trazia material da UNICAMP, da USP, para gente... Era tudo em língua estrangeira. A maioria dos textos que a gente recebia eram todos em inglês. Para você ter uma ideia da pobreza de materiais que existia na época. Como eu dominava e gostava de inglês, para mim era tranquilo. Então, fiquei feliz porque eu estava conseguindo ter subsídio das coisas que eu queria.

Na UNICAMP, eu tinha Matemática Pura, aquelas "loucuradas" de devorar um Apostol, livro de Álgebra, em um semestre. Aquela coisa devastadora da Matemática Pura! Inclusive, tive oferta para fazer o Mestrado da Matemática Pura, mas eu não quis. O que eu vou fazer de trabalho de finalização? Pegar um *paper* e provar que ele é verdadeiro? Eu não quis isso porque eu queria dar conta de tentar ensinar melhor.

---

[134] Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica.
[135] Universidade Estadual de Campinas.

Com bolsa e tudo, a hora que eu quisesse eu passava direto da pós-graduação para o Mestrado. O professor Paques da UNICAMP que me ofereceu.

Quando voltei de São Paulo, em 1986, comecei a trabalhar como professora celetista no Wilson Jofre[136] e no Costa e Silva. O professor celetista é o professor contratado pelo Estado. Eu tinha cinco turmas de Ensino Médio de primeiro ano no Costa e Silva, aqui em Cascavel. A escola era repleta de alunos que iam para a noite para poder estudar. Lembro que os alunos saiam, sem cursinho, para fazer vestibular e passavam. Não era só em Cascavel, iam fazer na UEL e na UEM e tinham sucesso. Eram alunos que saiam da escola pública. O mesmo conteúdo que eu trabalhava pela manhã eu trabalhava à noite. Não tinha nada de diferente.

Na época, não tinha a adoção de um livro. Eu não pedia para os alunos do Segundo Grau adotar um livro. Eu trabalhava o conteúdo e passava alguns exercícios, e quem tivesse estudava no livro. O professor se quisesse pedia algum livro, mas era muito raro porque na escola pública, ainda mais à noite, eles trabalhavam, geralmente, para ajudar a família porque a vida não era fácil na década de oitenta. Assim, pedir um livro onerava bastante a vida deles. Mas, alguns tinham do primo, do irmão, de alguém que estudou no Ensino Médio, então, se alguém quisesse, eu deixava aquele livro.

Eu adotava o que era mais completo na época, o Bonjorno da FTD, mas nunca gostei muito de adotar um único livro porque eu achava que eu ficava muito presa. À medida que você vai entendendo teu *metier,* você varia as coisas, procura alguma coisa diferente, um livro diferente, um exercício diferente para desafiar os alunos. Então, eu procurava variar, mas a escola pública não exigia livro por causa dessa questão econômica.

Em todos os colégios eu trabalhei com o Ensino Médio normal, mesmo no noturno. Mas, no Wilson Jofre trabalhei com o Magistério. Fiquei três anos no Wilson Joffre, 1986, 1987 e 1988, mas só trabalhei no Magistério em 1987. Eu gostava bastante, mas eles não me deram no ano seguinte porque as professoras efetivas escolhiam antes. Eu queria ficar no Magistério porque aquilo me fascinou bastante.

Tive o privilégio de ter dois primeiros anos de Magistério que eram turmas bem diferentes: uma só de meninas recém-saídas da oitava série e a outra com pessoas adultas que voltaram a estudar depois de um longo tempo. Foi muito

---

[136] Colégio Estadual Wilson Joffre.

interessante porque a reação das duas turmas, ao mesmo tipo de trabalho, foi completamente diferente. Achei que as pessoas adultas teriam muito mais dificuldade, pelo contrário, foram as que mais evoluíram.

Na questão de por que estudar a Teoria dos Conjuntos, discutimos tudo isso. Fomos aos livros didáticos e vimos o erro que existe em trabalhar a Teoria dos Conjuntos. Para que trabalhar a Teoria dos conjuntos? Trabalha a quantificação! Já é muito difícil de entender a forma escrita do nosso sistema. Tem tanta coisa para você resolver! Porque ficar insistindo... Foi muito legal! Foi um trabalho que eu quis fazer. Até hoje, quando os alunos me encontram falam: “Ah professora...”

Eu queria ficar no segundo e no terceiro ano dessas turmas, acompanhar até o final porque eu trabalhava a Matemática. Eu fazia todo esse trabalho do conteúdo matemático que elas tinham que saber em paralelo ao livro didático, como se fosse uma atividade a parte, por exemplo, de olhar o livro didático, como é que aqueles conteúdos matemáticos que elas estavam trabalhando tinham alguma coisa a ver com o livro didático delas. Era bem legal. Não havia um programa de ensino diferente para trabalhar com essas meninas do Magistério. Era o programa normal do Propedêutico, só que era menos conteúdo porque elas tinham menos aulas de Matemática que as turmas do Ensino Médio.

Depois, fiz o concurso do Estado e fiz, também, no CEFET[137] de Medianeira. Entrei no Estado como efetiva no começo de 1989 e, no final do ano, pedi demissão e entrei no CEFET porque pagava mais. Trabalhei como celetista no Costa e Silva e no Wilson Joffre até começo de 1989. A minha lotação oficial saiu no Polivalente, mas eu pude continuar na escola que eu estava lecionando. Fiquei no Costa e Silva porque eu já tinha saído do Wilson Joffre. Mas, tenho tempo contínuo no Estado desde 1986.

Fizemos o concurso do CEFET em 1989 e, logo após sair o resultado do concurso, fomos contratados porque estava findando o governo Sarney. Eles tinham que contratar antes que o governo terminasse para poder instalar a escola e começar no ano de 1990. Eu e mais quatro professores de Matemática fomos professores fundadores da CEFET, fora, lógico, as outras áreas de conhecimento. Todos os professores eram de Cascavel. Tinha o Gilberto, que fez a faculdade em Cascavel; o Joãozinho, que hoje é o diretor do Alfa[138], fez aqui na UNIOESTE também; o Valdivino que era diretor do Wilson Joffre, na época e a Roseli que era uma professora que veio

[137] Centro Federal de Educação Tecnológica de Medianeira.
[138] Curso e Colégio Alfa.

do noroeste do Paraná, de Umuarama. Mas, o João e o Valdivino saíram, a partir do primeiro, segundo ano e entrou o Sérgio. A mulher dele era professora de Português. Entrou, também, a Vera, uma professora transferida de outra unidade.

Foram oferecidos apenas dois cursos: Eletromecânica e Alimentos. Tinha aula nos três períodos: manhã tarde e noite, mas eu trabalhava só pela manhã. Os cursos de Eletromecânica e Alimentos foram colocados em detrimento das Indústrias Frimesa e, também, para dar conta da Lar[139], em Matelândia. Os deputados da região reivindicaram esses dois cursos para Medianeira para atender as necessidades da região, para dar conta de todo maquinário de produção industrial. Fiquei nove anos só com o Ensino Médio.

O ensino da Matemática era direcionado para o ensino técnico. Era muita Função Trigonométrica, por causa dos gráficos. Era para a leitura dos osciladores elétricos... Os meninos que falavam isso para a gente. Eu não sabia para que usava, mas a gente ensinava.

Lógico, a parte das Funções Circulares, você ensinava tudo... A avaliação era por objetivo, se o aluno não tinha atingido aqueles objetivos que você tinha proposto, ele tinha que refazer novamente. Todo mundo achava isso ruim! Se não conseguiu, por exemplo, diferenciar uma Função Trigonométrica de uma Razão Trigonométrica, você tinha que trabalhar isso até ele conseguir fazer. Isso era avaliação por objetivo. Você mudava as coisas... Tem altas críticas... Eu não sou tão... Acho que não foi uma época de ensino ruim.

Acho que os alunos aprendiam sim, mesmo no ensino tecnicista. Os conteúdos de Matemática que eu deveria trabalhar eram os mesmos do Ensino Tradicional. Era o mesmo de qualquer ensino. Eles tinham que dar conta. Só que, logicamente, esse trabalho com a Matemática... Vamos supor Funções, nos livros do CEFET, Funções tentava abranger todas as áreas como Física, Química... Assim, quando aparecia um problema de Física, de Química, de Biologia...

O programa de ensino, toda a parte técnica, vinha pronto de Curitiba. Você tinha que trabalhar Matemática I Funções, Matemática II Trigonometria, Matemática III... O que eu trabalhava com eles era mais completo ainda do que eu trabalhava com o Ensino Médio de outras escolas. Mas, a ordem dos conteúdos, às vezes, mudava porque você trocava o semestre, mas ficava tudo no mesmo ano. A Geometria, por

---

[139] Cooperativa Agroindustrial Lar.

exemplo, ficava no quarto semestre, em vez de ficar no terceiro, mas isso era no segundo ano do mesmo jeito.

Eles tinham livros editados pelo próprio CEFET. Tenho até hoje as coleções. Eram livrinhos fininhos, um para cada módulo, porque eram módulos separados: Funções, PA[140], PG[141], Exponencial, Logaritmo... Cada livro tinha um conteúdo para trabalhar no semestre, porque a escola era semestral. Os livros eram elaborados pelos professores do CEFET Curitiba, então nós recebíamos prontos. No último ano que eu estava lá, nós começamos a elaborar as nossas apostilas porque ficava mais fácil para os alunos. O CEFET imprimia tudo e entregava para eles.

Tenho muitas saudades... Pode o pessoal da Educação se lamentar do Ensino Técnico, mas eu tenho muitas saudades porque eu era respeitada como professora. Tudo que você pedia era atendido de forma quase que imediata. Caso você precisasse de algum auxílio, um material didático para trabalhar, até se uma porta de armário quebrasse...

No CEFET tinha todos os recursos didáticos que você precisasse. Tivemos Laboratório de Informática muito antes que a Universidade aqui. Em 1994, 1995 todas as nossas notas já eram por sistema de computadores. Não fazíamos mais a mão, a gente entrava no sistema, cada um tinha uma senha, e registrava a nota, a presença, o conteúdo, tudo no computador.

Pela manhã eu trabalhava com as disciplinas e à tarde eu tinha horas de permanência para atender os alunos e, também, para fazer um cursinho para preparar os alunos, que eram das escolas da cidade, para fazerem o vestibular do CEFET. A gente dava uma parte do tempo para fazer esses cursinhos. Às vezes, eu precisava de material para trabalhar a questão da Geometria e eles providenciavam tudo para ontem!

Geralmente, não havia discussões entre os professores sobre aspectos do ensino e da aprendizagem. Uma das coisas que eu achava avassaladora é que o diretor sempre me convocava para eu resolver os problemas da Matemática. Eu falava: “O senhor tem que chamar as outras pessoas da área.” Mas, ele falava que eles não tinham tempo e não se interessavam. Eu ficava meio constrangida porque, afinal de contas, nós éramos um grupo, mas íamos em dias diferentes. Eles sabiam que eu tinha vinte horas lá [CEFET] e quarenta aqui [UNIOESTE, na época FECIVEL].

---

[140] Progressão Aritmética.
[141] Progressão Geométrica.

Eu ficava dois dias. Eu ia às segundas feiras. Às seis horas e quinze eu saía de Cascavel, porque sete e meia eu tinha que estar lá. Trabalhava a manhã inteira, almoçava, e, à tarde, ficava no colégio trabalhando nesse curso ou atendendo aluno. À noite, eu também atendia aluno. No dia seguinte, eu dava aula durante toda a manhã novamente. Ao meio dia terminava a aula, pegava meu carro porque eu tinha que estar uma e meia, aqui na Faculdade. Trabalhava aos sábados, também, por causa dos estágios. Não tinha como escapar porque toda a preparação de aulas era aos sábados.

Mas, as questões pedagógicas as coordenações discutiam comigo. Eu falei: "A questão dos pré-requisitos, acho que a única coisa que não pode deixar de ter pré-requisito é Funções para trabalhar, depois, Limites e Derivadas." Que era a última Matemática... Matemática VI. "Mas o resto não, para não segurar muito aluno." Tivemos essa liberdade de abolir os pré-requisitos. Mas Curitiba não aboliu.

Deixei o CEFET. Pedi demissão em 1998 porque eu não queria mais ficar pegando estrada, nove anos já chegava. Porque essa estrada é para acabar! Daqui até lá pista simples, cheia de ônibus de muambeiro[142]. Foi uma experiência nada agradável. Mas saí com dor no coração porque eu gostava muito de trabalhar. Mas, também, tinha acabado o Ensino Médio porque virou aquela Universidade Federal Tecnológica. Mas, na Universidade, estou num campo que eu gosto que é a Licenciatura.

Tenho vinte anos de trabalho só com Ensino Médio. Acho que isso faz muita diferença quando se trabalha com estágio. O professor que vivenciou ou vivencia sala de aula, como é o meu caso e da professora Arleni, vê completamente diferente dessas meninas como, por exemplo, a professora Dulcyene e Andreia que saíram direto da graduação para Mestrado e Doutorado. Elas têm muito para colaborar e colaboram muito conosco, são muito competentes, mas não tiveram essa vivência, a sensibilidade do que fazer na sala de aula quando algumas coisas acontecem, que atitude tomar, como devemos proceder quando as coisas derem erradas. Porque dá a impressão que é só para eles que dá errado e para nós não.

Os alunos que estão estagiando, por exemplo, a gente conta que para nós não funcionou, que preparávamos uma aula que achávamos que seria tudo e os alunos não participavam e, um dia, em que preparávamos uma aula mais simples, não

---

[142] Muambeiro é a pessoa que transporta ou comercializa produtos de contrabando.

tão rebuscada, eles adoravam, quer dizer, não existe uma forma de você dar aula, existe uma sensibilização da tua sala para o que você está apresentando para eles. Isso a gente aprendeu ao longo dos anos e tenta mostrar para eles quando estão fazendo estágio. Os alunos falam: “Professora eu fiz, mas os alunos não acompanharam.” Isso é uma coisa que você vê muito próximo, mas acho que o que eu aprendi e o que a professora Arleni aprendeu ajuda muito nos estágios e, agora, no PIBID.

Em 1989, quando fiz o concurso do CEFET, fiz, também, o concurso aqui[143]. Comecei a trabalhar na FECIVEL em 1987, como professor colaborador na parte de Estágio Supervisionado, porque eles não tinham professor. Tinha que fazer teste. Tinha várias pessoas concorrendo. Fazia o teste, tinha nota, passava e você tinha emprego por seis meses. Era emprego temporário. No outro semestre, eram outras disciplinas e, no ano seguinte, fazia de novo. Trabalhei como colaboradora em 1987 e em 1988. Mas, em 1988 fiz o concurso e comecei em 1989.

Fiz o concurso para Estatística, para trabalhar no Curso de Economia! Quando li o programa falei: “Estatística a gente teve na graduação.” Meu professor de graduação foi o Ivo Arzua [Pereira] que foi prefeito de Curitiba. Ele faleceu agora, faz pouco tempo. Para fazer o concurso entrei com doze horas aulas, mas começaram a me encher de aula.

A Célia Kavanagh, na época, levantou que no Departamento de Matemática tinha dois professores que há muito tempo não estavam trabalhando, não davam mais aula, mas as vagas deles existiam e impediam de abrir vaga para quarenta horas. Quando abriram, assumi e passei a trabalhar na Licenciatura. Comecei a trabalhar em 1990 com as Licenciaturas porque em 1989 eu trabalhei só com o Curso de Economia.

Em 1998, assumi o cargo de chefe de Departamento de Matemática e Estatística. A minha função era coordenar todas as disciplinas abertas no Departamento de Matemática que, na época, eram Matemática, Física, Química... Todas as disciplinas atreladas ao Departamento de Matemática, de todos os campi: Cascavel, Foz do Iguaçu, Toledo e Rondon. Era eu quem distribuía aulas para essas pessoas. Lógico, vinha de lá pronto, aqui a gente homologava. As reuniões com os chefes de cada área eram todas aqui na UNIOESTE.

Além disso, eu tinha quatro disciplinas diferentes e alunos de estágio. Tinha

---

[143] A depoente refere-se à UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, na época FECIVEL – Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel.

Didática, História da Matemática, Prática de Ensino I e Prática [de Ensino] II. Naquela época, nós tínhamos Monografia, só que ela estava dentro dessas disciplinas, então ninguém ajudava. Você tinha que tocar sozinha toda a parte que os alunos tinham da Monografia. Às vezes, alguns colegas se prontificavam de ajudar, mas não contava nada para ninguém no plano de atividade docente. Agora que conta, todo mundo fica brabo quando não tem porque todos querem. Eu sou a coordenadora da Monografia, então eu digo: “Agora vocês pedem água!”

Depois que a FECIVEL passou para UNIOESTE ocorreram mudanças nas Licenciaturas. Na realidade, começou com o curso de Licenciatura em Matemática, depois foi para aquele curso de habilitação quando entrei aqui. Com a implantação da UNIOESTE, resolveram retornar ao antigo curso de Licenciatura em Matemática. No curso de habilitação em Matemática, nós trabalhávamos todas as disciplinas correlatas aos três anos que era de Matemática mais a parte de formação que era especificamente da Matemática.

Os membros do Conselho Estadual de Educação, porque quem cuida das Universidades é o Conselho Estadual das Universidades Estaduais, vieram para ver como estava sendo proposto o novo curso de Licenciatura e deram algumas sugestões. Eu e a professora Sílvia elaboramos o novo curso com esse perfil. Nós pedimos sugestões para o pessoal da Matemática Pura, mas ficamos com a parte das áreas pedagógicas. A gente conseguiu ampliar o rol das pedagógicas, aumentar um pouco as horas, não muito, mas conseguimos. O Cálculo, a Geometria Analítica e a Álgebra tinham tantas horas por semana, e nós tínhamos aquela “coisinha” lá no final. Então, nós conseguimos, a partir do terceiro ano, colocar algumas disciplinas de Matemática da parte pedagógica como História da Matemática. Se eu não me engano, somos os pioneiros do Estado do Paraná em colocar História da Matemática. Tenho que me certificar porque não tenho certeza disso. Falei para a Sílvia: “Quem vai trabalhar?” “Você!” “Mas Sílvia, eu não tenho nada, nem bibliografia!” Mas ela me enfiou... O primeiro ano em que eu trabalhei História da Matemática comecei sem nada, com pouco, só com o Boyer, aquela coisa indecente do Boyer! Depois, você vai conseguindo pegar as coisas, conseguindo achar uma coisa ali, uma coisa aqui. A gente foi melhorando o conteúdo e como a gente trabalhava, mas não tinha nada, não tinha nem ideia de como trabalhar a disciplina. Vamos trabalhar! Como eu tinha pouco tempo, 60 horas na época, agora 68, trabalhar pelo menos os conteúdos que afetam o ensino da Matemática no Ensino Fundamental e Médio. Eu e a Sílvia aumentamos

um pouco as Práticas de Ensino: Prática I, Prática II e Prática III. A Prática III seria a Monografia. Não sei quando mudou, se eu não me engano foi em 1994, mas não tenho certeza. Embora que eu já tinha voltado do Mestrado em 1995.

Fiz o Mestrado e, alguns anos depois, fiz o Doutorado, terminei na Federal do Paraná. Acho que a pós-graduação serviu simplesmente para me dar o tempo que eu tinha para ler e aprender sobre coisas que eu tinha dúvidas. As minhas pesquisas sempre foram coisas que eu tinha dúvida. Nunca fui muito fiel a uma linha teórica, sou meio volúvel nessa área, tanto que meu Mestrado não tem nada a ver com meu Doutorado, são coisas diferentes que eu fui olhar.

O tema de minha pesquisa foi “O Ensino de Matemática e a Formação do Cidadão.” Foi bastante interessante porque eu não sabia que tinha existido no Estado do Paraná esse tipo de preocupação, mas como são projetos de governo, [quando] o governo acaba o projeto vai junto com ele. Descobri isso quando fui buscar dados para fazer a minha dissertação.

Tinha uma professora que eu não lembro o nome dela, mas lembro do Moacir Gadotti, que foi um dos mentores desse projeto aqui no Paraná. Acho que o Gadotti era do Rio Grande do Sul e essa professora também. Eles implantaram esse projeto falando da questão dos Eixos Axiológicos, da questão dos conteúdos. Na realidade, não tinha uma relação de conteúdos era mais as diretrizes de como se trabalhar para se formar o cidadão.

Algumas escolas da época guardaram os projetos que os professores fizeram para esse período e eu achei que tinha sido alguma coisa diferenciada. Mas não, eles trabalharam os mesmos conteúdos que sempre trabalharam na escola. Alguns trabalharam juros, porcentagem, mas fizeram como curso de recuperação, não teve uma... Quando fui entrevistar os professores perguntei para eles: “Que Matemática você acha que se deve ensinar para formar o cidadão?” “Ah... Juro, porcentagem, correção monetária...” Essas coisas ligadas à economia, mas falei: “Isso é suficiente para formar o cidadão?” “Lógico, para economizar dinheiro...” Quer dizer, a concepção de cidadão do próprio professor já era bastante restrita. Fui percebendo isso.

Então, peguei os programas e mostrei na minha dissertação o que eles fizeram, como é que os professores se posicionavam, mas falei: “Os próprios professores não se consideram cidadãos, como é que eles querem ensinar o aluno a ser um cidadão?” Perguntei se quando apareceu esse projeto, se eles tinham algum projeto na escola para contemplar, para construir uma escola cidadã e o que eles

promoveram.

Na época, ainda não existia PPP[144], então fui aos arquivos da escola mesmo. Eles abriram os arquivos para eu olhar quais eram os projetos da época, como é que os professores faziam esses projetos de Matemática. Fui a três escolas em Cascavel: Marilis, no Wilson Joffre e no Costa e Silva, mas não tinha na época. Consegui achar o material...

Fiz o Mestrado em Guarapuava, que hoje chamam de MINTER, que é o Mestrado Interinstitucional, mas todo o corpo docente era de Campinas. Tanto que fiz a minha qualificação e a minha defesa em Campinas. O nome do Mestrado era a Metodologia de Ensino. Foi em 1992 e o meu orientador foi o Sérgio Lorenzato. Tive o prazer de ter o professor Sérgio como meu orientador, mas ele ficou doente, bem nesse período. Eu o conheci no final do terceiro ano, porque foi quando eles conseguiram um orientador para mim e para a Izolete de Foz do Iguaçu.

Mas o professor Sérgio ficou doente durante dois anos. Um ano ele teve um problema grave renal e a gente não quis mandar o trabalho porque ele estava se recuperando. No ano seguinte, deu um problema de coluna, então defendi muito tarde. Ele só pode me atender a partir de 1997. Não que ele falasse... Mas você não mandaria para uma pessoa que está se recuperando da coluna. Ele foi operado. Fez fisioterapia um tempão. Como é que a pessoa ia ficar sentada lendo o seu trabalho? Então você não mandava. Nossa! Ele foi uma pessoa muito boa, me ajudou bastante. Ele estava preocupado com meu trabalho. Eu falei “Professor, todo mundo, na Universidade, está dizendo o que está acontecendo com a minha dissertação que não sai.” Ele falou: “Nós vamos marcar a data.” Só finalizei as coisas que ele pediu para eu arrumar e estava pronta.

Defendi no dia 16 de março de 1998. Nessa época, eu estava trabalhando. Naquele tempo tudo era difícil. Você não tinha computador. Uma vez, perdi o meu trabalho com vírus, aqui na Faculdade, porque eu não tinha computador e eu trouxe para trabalhar aqui. Perdi com aquele vírus em que as letras começavam a despencar. Gente, eu fiquei horrorizada! Lembro até hoje que eu punha a mão na tela para tentar segurar as letras. A sorte foi que eu não perdi toda a minha dissertação porque eu tinha tirado uma cópia impressa uma semana antes porque eu gostava de ver no papel. Mas, o que eu escrevi ao longo da semana, eu perdi tudo. Eu quis morrer!

---

[144] Projeto Político Pedagógico.

Fiquei três meses em estado de choque!

Eu ficava em Guarapuava, uma semana, porque eles fecharam uma semana de disciplinas. Fui liberada, durante dois anos, da UNIOESTE e do CEFET para fazer... Tudo o que me mandavam fazer eu fazia. Como se estendeu, trabalhava e fazia o que tinha que fazer. Eu ia atrás das escolas e de professor para entrevistar. Fiz tudo isso.

O Doutorado foi mais tranquilo. Comecei em 2001 e terminei em 2006, mas fiquei doente no meio do doutorado, no segundo ano. Foi a primeira turma de doutorado na Federal dentro da Educação. Eu e a Denise Grein dos Santos éramos da área da Educação Matemática. No primeiro ano, tive que extrair a vesícula. Fiquei quinze dias de molho porque eu não podia viajar porque fiz por videolaparoscopia e tinha os pontos internos.

No começo do ano seguinte, foi detectado câncer, aí não teve jeito, fiz a cirurgia e fiquei o ano inteiro de molho. Não teve jeito, quimioterapia e radioterapia não tem como você pegar ônibus e viajar para fazer a disciplina, daí, pedi liberação. Voltei em 2003, achando que eu podia fazer... Conversei com a Maria Tereza: “Eu não estou conseguindo entender o que eu leio. Meu médico falou que não tem o que fazer. Não existe remédio para recuperar isso. Vou ter que recuperar sozinha. Não sei o que fazer porque eu tenho disciplina pendente.”

Tinha disciplinas pendentes na época porque eu não tinha feito todas. A faculdade não me liberou no primeiro ano [2001]. Fiz o primeiro ano trabalhando quarenta horas porque não tinha, ainda, aquele aval do MEC, da CAPES com créditos. No meio do segundo ano, se eu não me engano, eles ganharam e, no terceiro ano, 2003, eles me liberaram porque já tinha aquele crédito, aquele aval da CAPES do Mestrado. Fiquei liberada 2003, 2004 e 2005 e, em 2006, eu defendi.

Todos os meus trabalhos de pesquisa têm a ver com as coisas que eu acho que tem que ser. Não tenho muita fidelidade do ponto de vista teórico. Tem gente que começa a vida com um teórico e termina com ele, mas eu não quero saber disso, eu quero responder algumas perguntas.

Uma das preocupações que eu tinha era de os alunos não reconhecerem, por exemplo, quando eu ensinava Funções, as outras Ciências como Química e Física, Funções correlatas dessas áreas. Aquilo me perturbava muito. Meu Deus! Os professores de Física cobravam como se você tivesse a obrigação de ensinar e aquilo me incomodava, não por causa dos outros, mas por mim mesma, porque eles não

reconheciam, não conseguiam conceber. Eu fazia tabela, fazia gráfico, fazia tudo, procurava mostrar as relações que variavam e nada.

Quando fui fazer o Doutorado quis, pontualmente, ver isso. Embora eu esteja no Ensino Superior, me incomoda que os alunos ainda tenham problemas e, mesmo no Ensino Superior em reconhecerem uma Função, o que significa a Função nesse ponto de vista. O projeto inicial era para trabalhar com alunos, mas, quando comecei, eu já tinha lido alguma coisa do Raymond Duval sobre os registros das Representações Semióticas naquele livrinho da PUCPR[145]. Em 1999, ela editou um livrinho com os principais focos da didática francesa. Quando li aquele livro, me identifiquei com o Duval quando ele fala que os objetos matemáticos só são reconhecidos pelas suas representações, que não existe outro jeito. Falei: “Meu Deus! Está aí. É isso que eu preciso!” Então, comecei a ler o Duval para entender e fazer o projeto de pesquisa, mas era uma leitura muito supérflua porque era só aquilo que eu tinha. Porque a “bíblia” do Duval está em francês. Tive que ler tudo em francês! A parte teórica que fundamentava a teoria dele era toda em francês. Foi quando voltei, em 2003, e entrei com uma professora de francês e comecei a melhorar minha compreensão de leitura.

Tive que fazer outras coisas correlatas para melhorar minha capacidade de entender o que eu lia, porque as quimioterapias afetaram até isso. Meu médico falou: “Não tem como fazer. Falei para você que podia ficar cega, ficar surda, perder todos os dentes, ter perda de memória, ter tudo isso. O que você ganhou não tem reversão.” Então, era uma coisa que me preocupava muito. Ele falou: “Você vai ter que recomeçar de novo. Você vai ter que começar lendo alguma coisa que não seja muito difícil.” Então, em 2003 acabei as disciplinas e fiz o francês para melhorar a minha compreensão do Duval.

Em 2004, comecei a recolher todo o material porque eu precisava de dados para minha tese. Mas, tive outro problema, começou a necrosar a prótese que eu tinha colocado. Tive que fazer outra cirurgia grande, mas essa cirurgia foi enorme, de onze horas. Então, fiz um Doutorado com câncer e três cirurgias, mas eu sabia que eu tinha que terminar. O médico pressionou porque eu não tinha circulação em alguns pontos da prótese, tanto que você pegava em alguns pontos da prótese, onde não tinha mais corrente sanguínea, e meu seio era gelado. Ele falou que se necrosasse não tinha

[145] Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

nem como o tecido se juntar mais, não tinha mais como fazer.

Acabei de coletar os dados em outubro, mais ou menos dia dezessete, dezoito e, no dia nove de novembro, fiz a cirurgia. Tive que esperar tudo de novo, recuperar o braço, para inclusive, bater no computador, transcrever as aulas. Tive que transcrever com a esquerda porque com a direita eu não conseguia porque eu estava com corte aqui, corte atrás. Foi bastante difícil! Como tive que fazer com a esquerda, rendia muito pouco porque eu tinha que ir e voltar a fita. Foi tudo gravado em fita. Tive que fazer tudo isso até eu recuperar de novo o braço.

No começo de 2005 fiz a minha qualificação e em 2006 defendi. Mas foi bastante pesado. Porque, às vezes, eu parava: “Será que isso está certo?” E voltava, e voltava... E tentava organizar os dados de novo, e voltava e voltava... Foi bastante... Mas a gente termina do jeito que dá. Tanto que eu não gosto da minha tese porque eu não pude fazer as coisas que eu queria porque não deu tempo. O tempo foi cortado por todos esses embates que eu tive, mas a gente faz o que é possível.

Eu não me considero uma pesquisadora. O pessoal da academia, quando fala pesquisador, fala daquele cara ortodoxo, preso a um monte de teorias. Eu não pertenço a esta classe. Sou uma pessoa curiosa. Quero tentar entender do ponto de vista do ensino e da aprendizagem e procuro me inteirar bastante disso, tanto que procurei um teórico bastante difícil como o Duval para fazer a minha Tese. Acho que ele me ajuda a olhar determinadas coisas e ajuda, também, meus alunos quando eles dizem: “Professora, eles não conseguem!” Então, a gente tenta explicar, teoricamente, porque isso não é tão simples, que não é só eles falando que o aluno aprende.

Esses teóricos nos ajudam a enxergar essas coisas dessa forma, mas não sou ortodoxamente fiel a uma linha teórica. Eu estudo o Duval até hoje, uma série de temas de estudo. Quando a gente vai entrar na questão da Álgebra, por exemplo, que é ainda um ponto fulcral, e o Duval diz que é totalmente ao contrário, nós queremos não só estudar, mas testar toda essa teoria dele para ver até que ponto isso se concretiza para podermos, já que estamos no ensino, difundir isso mostrando que as pesquisas, os teóricos não estão aí à toa. Eles têm um estudo sério, uma perspectiva quando eles olham e que saber teoria nos ajuda a fazer melhor, mas não nos ajuda a ser melhor, sem se dedicar mesmo. É isso que eu acho.

Cursos, treinamentos e capacitações... Ao longo da minha vida tive poucos porque comecei no Ensino Médio e, de repente, me vi dando curso de treinamento. Era muito difícil ter quando comecei no Estado em 1986. Eu não lembro se tinha e se

a gente não podia fazer por ser celetista.

Nos colégios particulares que eu trabalhava não existia e eles não incentivavam, nem faziam no próprio colégio algum curso, treinamento ou capacitação. Hoje parece que está diferente. Sei pelos meus netos que estão no Colégio Santa Maria, em Curitiba. Eles têm capacitação para os professores. A minha nora fala que a cada seis meses, uns dois ou três dias, o professor sai da sala de aula e outro professor dá aula para eles fazerem capacitação. Mas, na minha época, não tinha nada disso. Nunca fiz treinamento. Eu me lembro de cursos em que o “cara” falava sobre alguma coisa, mas não tinha um fazer.

Em 1982, fui por conta para Curitiba participar de um Encontro que teve no Colégio Estadual do Paraná. Ninguém me pagou nada. Foi um convite para todas as escolas participarem para discutir sobre a questão dos conteúdos de Matemática do Ensino Médio e do Ensino Fundamental. Aproveitei que a minha mãe morava em Curitiba, e fui. Esse Encontro está na Dissertação de Mestrado da professora Maria Antonieta, uma professora de Matemática do Colégio Estadual do Paraná que escreveu sobre a História do Ensino Médio no Paraná. Na verdade, era um fórum de discussões sobre que conteúdos deveriam sair ou entrar no Ensino Fundamental e Médio.

Estavam presentes todos os professores de Matemática do Colégio Estadual do Paraná. O professor Osni Dalcol e todo um grupo de professores de Matemática, estavam discutindo... De fora só estava eu e mais não sei quem ali de perto, acho que de São José dos Pinhais. Eu me interessei por esse Encontro porque eu queria alguém para discutir algumas questões de ordem de conteúdos, porque alguns conteúdos ainda eram tão ferozmente defendidos e outros não, como, por exemplo, frações, com aquele excesso de operações, em vez de problemas ou questões que fossem mais interessantes. Fui só por uma questão de curiosidade mesmo. Porque não existia nada, então o que tivesse da área para discutir eu ia, porque eu queria aprender, saber sobre as coisas que estavam acontecendo. Como eu só trabalhei, depois, em colégio privado, não tinha curso de especialização, de atualização, não tinha nada. Mesmo o Estado dava poucos cursos, na época. Eu lembro porque eu tinha colegas professores que não tinham treinamento. Isso veio depois de muitos anos. Acho que em meados da década de noventa, começou o treinamento para os professores do Estado, como em Faxinal do Céu.

Em 1987, quando eu estava trabalhando no Wilson Joffre fiz um curso em Foz

de Iguaçu por causa dos trabalhos da Matemática do Magistério, mas eram só palestras. Tive que fazer o curso de Português, também, porque não tinha professor de Português para ir, então, anotei tudo para passar para o pessoal. Estamos vendo o reflexo disso, do final da década de oitenta, até hoje porque não se deve corrigir mais os erros de Português. Para que ensinar ordem alfabética? Meu Deus! Como é que ele [o aluno] vai conseguir achar no dicionário e na lista telefônica que, naquela época, ainda existia? Como é que ele vai conseguir ordenar? Porque hoje o computador coloca na ordem alfabética, mas, naquela época, não existia isso. Meu Deus do céu! Hoje você vê aluno escrevendo tudo errado. Isso é fruto dessa época, possivelmente. Para o pessoal da Matemática não teve cursinho, foi só palestra sobre as diretrizes de ensino, uma coisa bem teórica. Depois, nos nossos encontros dos ENEM[146] fiz alguma coisa específica de conteúdo, de saber como usar um material.

Na década de oitenta, trabalhamos um tempo, com a ASSOESTE que é a Associação Educacional do Oeste do Paraná. Os municípios mantinham um grupo de educadores, como se fosse um polo de assistência, para cursos de capacitação e treinamento para os professores das séries iniciais dos municípios do Oeste do Paraná. Eu, a professora Sílvia, a professora Maria Lídia e a professora Neiva Gallina, que hoje está aqui na Educação, mas não é da Matemática, é da Pedagogia, trabalhamos com a ASSOESTE sobre cursos. Inclusive, tem livrinhos que nós publicamos sobre o que escrevemos sobre esses projetos. Eles foram editados pela ASSOESTE. A Leila [Deixun Franzini] não participava nesse momento, talvez num período antes do que eu estava porque eu participei menos tempo. Deve ter sido, porque ela organizava as aulas com a Silvia que era nossa mentora, a mãe.

Comecei a ministrar cursos para os professores das séries iniciais em 1989. Trabalhei com a Sílvia em outros projetos, quando entrei como professora colaboradora. Ela me convidou para trabalhar nesses cursos. Nunca tive formação de primeira à quarta, mas a Sílvia tinha. Ela não só fez a Escola Normal como fez, também, Pedagogia e Matemática. Então, muito do que eu aprendi com o trabalho das séries iniciais, senão tudo foi com a Sílvia. Até hoje, sinto muita falta dela, não só pelo diálogo de ordem profissional, mas também da pessoa dedicada que ela era. Nunca falou mal de ninguém e ajudava todo mundo.

A Sílvia colaborou bastante porque como ela tinha Matemática e Pedagogia,

---

[146] Encontro Nacional de Educação Matemática.

foi uma excelente referência nesses processos. Mas, hoje, não existe mais a ASSOESTE, só tem a gráfica, se eu não me engano, mas existe a Associação dos Municípios do Oeste do Paraná, a AMOP que assumiu todas as funções que a ASSOESTE tinha antes.

Não sei quando a ASSOESTE começou com a Matemática porque, na época, ela já tinha um grupo que começou a trabalhar antes, por exemplo, a professora Leila de Locco e o [José] Kuiava, que foi presidente da ASSOESTE por um tempo. Ele convidou a Sílvia para fazer parte desse grupo. Ela tinha muita entrada porque era uma pessoa bem conhecida na época.

A ASSOESTE tinha cursos de formação continuada desde 1982, mas nós ficamos em torno de um ano, um ano e meio. As reuniões eram de ordem técnica, como trabalhar determinados conteúdos, mas a Sílvia ia à ASSOESTE trabalhar com a Neiva Gallina que era a pessoa de área. A Sílvia falava como é que ela deveria trabalhar determinados conteúdos e eu ia junto para aprender também.

O coordenador da ASSOESTE não era mais o Kuiava, era a Fátima que estava na Secretaria de Educação, em Curitiba. A Fátima tem uma história muito grande porque ficou um tempo como coordenadora da ASSOESTE. As professoras de área tinham apenas formação de Magistério, não tinham formação de Matemática. A Maria Lídia, também, trabalhou algumas questões da Matemática, mas não eram muitas. Ela ficava mais na área de coordenação, na parte pedagógica. A questão da Matemática era eu e a Sílvia.

Foram dois anos de discussões e elaboração de material para a ASSOESTE. As discussões eram as necessidades... Porque os professores que trabalhavam nesses interiores não tinham nenhuma formação. Eram os chamados professores leigos. Então, a gente discutia, por exemplo, a forma de abordagem das atividades, como é que deveria proceder. Não adiantava promover uma discussão a nível muito teórico porque eles não acompanhariam porque não tinham leitura. Então, nós resolvemos fazer diferente, uma coisa “mais chão”, mais perto deles, mas também mostrar que existia uma teoria que suportava aquilo, que não era do nada, que não tiramos da nossa imaginação.

Nós não preparávamos materiais para os professores cursistas, a Sílvia preparou um, mas foi para a prefeitura do município de Cascavel. A gente não tinha um material pronto, era mais uma apostila para eles lembrarem. Nós mandamos para as escolas livrinhos para eles terem um subsidio, alguma coisa para ler, mas era mais

teórico. Para mostrar que o que eles faziam tinha um respaldo teórico.

Nós íamos para o interior, para as cidadezinhas vizinhas como São Miguel do Iguaçu, Santa Terezinha do Itaipu e Medianeira. Em Cascavel teve, mas eu não dei curso, trabalhei nas cidades do interior. Geralmente, os cursos, eram no final de semana, um ou dois dias, durante o dia todo, dependia do curso e da cidade porque eram projetos que as cidades faziam. Vinham professores da periferia, das cidades próximas, por exemplo, quando o curso era em Medianeira tinha pessoas de toda circunvizinhança que vinham fazer. Acho que não tinha professores de outros municípios da Região Oeste. Eles faziam para todas as cidades circunvizinhas que estavam sobre a égide da ASSOESTE. Nós não recebíamos certificados, não davam nada, só pagavam.

Ah! Trabalhei, também, em Nova Aurora. Foi bem marcante porque os professores levavam as crianças para a sala porque não tinham com quem deixar. Essas crianças ficavam no pátio da escola, enquanto eles trabalhavam. Às vezes, nós pegávamos as crianças para trabalhar as questões matemáticas que eram difíceis para os professores entenderem. Os professores faziam com o material e nós mostrávamos para eles que dava para fazer, que a dificuldade estava neles. Eles é que não conseguiam entender. Eles tinham que manipular o material e fazer as perguntas adequadas para trabalhar.

A ASSOESTE providenciava todo o material que nós precisávamos. Nós construíamos bastante material manipulativo. Às vezes, construíamos na sala para os professores poderem levar, mas fazíamos coisas mais simples como o cartaz de pregas e da tabuada. Não sei por que todo mundo tem aquela história que não precisa decorar a tabuada, mas tem que saber! Pendura na sala, mas dá sentido para aquela tabuada existir.

A ASSOESTE se responsabilizava por todas as nossas despesas. Vinha um motorista que nos buscava em casa, nos levava até a escola e trazia de volta. O material já estava todo no carro. Iam outros professores daqui participar, também, porque, às vezes, não era só um encontro da área da Matemática, eram de todas as áreas nos mesmos dias. Acho que suspendiam as aulas nas escolas para os professores se deslocarem porque ficava mais fácil para os municípios que comandavam os cursos.

Geralmente, a ASSOESTE tinha um projeto, algumas diretrizes para você se orientar. Segundo os comentários da Sílvia, na época, ela mantinha a mesma linha de

conteúdos de estratégia do Estado do Paraná, não eram os do município de Cascavel. Antigamente, tinha de primeira à quarta série do Estado, então eles seguiam esse padrão. Lembro que quando eu trabalhava no Wilson Joffre e no Costa e Silva, em 1986, 1987, ainda tinha o Ensino Primário subjugado ao Estado.

Nunca sentei para decidirmos alguma coisa, eu pelo menos não, talvez a Sílvia que era uma pessoa mais antiga, muito ouvida aqui na região. Nós preparávamos a aula, sentávamos e organizávamos o trabalho, por exemplo, frações, dentro dos objetivos que eles tinham para esse conteúdo.

Lembro que eu e a Sílvia fomos para o primeiro CIBEM[147] na Espanha, Sevilha, em 1990. Um dos trabalhos que eu apresentei foi sobre o levantamento do conhecimento desses professores, porque eles tiveram que fazer uma prova para poderem ser efetivados. Era uma prova de todos os conteúdos baseados nos conhecimentos do professor de primeira à quarta série. Eles contratavam a ASSOESTE para fazer o concurso porque eles tinham conhecimento. Então, ela preparava e aplicava essas provas para os professores. Tinham professores que eram aprovados e professores que não eram. Os que eram aprovados eram efetivados no município. A lei preconiza que os professores deveriam fazer o concurso mesmo que estivessem no Magistério há anos.

Em cima das provas que a ASSOESTE preparou fiz o levantamento sobre o tipo de conhecimento que eles tinham, o que não conseguiam entender, o que não dominavam, como por exemplo, a questão das medidas, da quantificação, a questão operatória... Comecei a questionar como eles pensavam e resolviam determinadas situações matemáticas. Nós pedimos para que eles deixassem tudo resolvido na prova porque não valeria só a questão, mas o que produzissem. Eles deixaram registrado como resolviam determinados problemas.

Tudo foi levantado com os professores do município do Oeste do Paraná. Fiz com todas as provas. Estudei uma por uma. Lembro que levei aquele calhamaço de papel... Tinha um monte de coisa para olhar. Meu Deus do céu! Levei um tempão fazendo levantamento. Mas, o trabalho não foi uma pesquisa, uma coisa mais elaborada, foi um levantamento. Depois, levei, também, em um encontro na Federal do Paraná em que a gente mostrou como esses professores enxergavam essa questão do ensino e como resolviam determinadas situações matemáticas. Fiquei de

---

[147] Congresso Ibero-americano de Educação Matemática.

trazer essa minha pesquisa, mas meu computador foi zerado. Acho que eu tenho algumas lâminas...

Em todo trabalho, encontrei a professora Silvia, a falecida professora Silvia que até hoje tenho muitas saudades como pessoa, mas também como profissional... Ela era uma profissional de muita qualidade. Ela me ensinou muita coisa, muita do que eu sei até hoje eu aprendi graças à Silvia. Essa é a homenagem que eu posso prestar a ela.

Políticas educacionais vivenciadas... Posso falar de algumas porque vivenciei tudo na minha vida. No Paraná lembro que a gente, como aluno, não entendia isso, mas quando fui fazer o meu trabalho de Mestrado, vi que o Paraná teve momentos de políticas educacionais, como por exemplo, o chamado Construindo a Escola Cidadã. O Moacyr Gadotti era um dos mentores desse projeto.

Minha Dissertação foi sobre o Ensino de Matemática na Formação do Cidadão e fui ver o que preconizava essa política educacional no Paraná, o que os professores projetaram para o ensino de Matemática em cima desse projeto. Eu me surpreendi porque não mudou absolutamente nada, ficou a mesma coisa. Fiquei perguntando até que ponto as políticas educacionais chegam à sala de aula. Acho que existe uma barreira feita pelo próprio professor em que ele finge que faz isso. As escolas que eu investiguei usaram como um reforço, em contra turno, que não tinha na época, para formar o aluno cidadão. Não houve uma ação que diferenciasse disso, outros continuaram não fazendo absolutamente nada, não mudou nada na escola. Quando você fala políticas vivenciadas fico me perguntando, até que ponto isso acontece na escola, porque para ser vivenciada, o grupo de professores, coordenadores e diretores da escola tem que assumir isso como projeto da escola.

Na época em que eu era professora celetista, por exemplo, não existia PPP. Eu chegava à escola e queria saber como eles trabalhavam, o que queriam para o aluno, o que pensavam do aluno, que ele saísse da escola como que tipo de pessoa, mas não tinha isso. Eu queria entrar em consonância com aquele grupo para trabalhar da mesma forma, para não perder o espírito de vivenciar alguma coisa. Era assim que a gente trabalhava. Embora fosse chamado de Ensino Tradicional, ele funcionava. Os alunos aprendiam e era no Ensino Fundamental e Médio noturno. Era integral, não existia aquela história de fazer EJA[148] e o antigo Supletivo era restrito.

---

[148] Ensino de Jovens e Adultos.

Os motivos que me levaram a seguir a carreira docente... Foi meio por acaso. Aos treze anos me vi ajudando as amigas, eu dava aula particular... Mas resolvi fazer Matemática porque eu achava que conseguiria entender um pouco mais do que eu sabia. Era um curso de Licenciatura, não tinha Bacharelado na época. Então, como eu tinha a mãe professora, acho que isso ficou meio normal. Não tive apoio da minha mãe, ela achava que eu deveria fazer outra coisa na vida do que ser professora, mas ela nunca interferiu dizendo: “Não vá.” Ela falou: “Você podia não ser professora. Você vai padecer tanto porque a gente sofre.”

A minha mãe foi alfabetizadora, daquelas que tinha cinquenta e dois alunos e cinquenta e dois saíam lendo perfeitamente no final do ano, bem alfabetizados. Porque antigamente tinha aqueles exames orais e as crianças tinham que ler na frente do diretor. Tinha uma série de bancas para atestar que o aluno sabia ler. Então, ela achava que era uma vida bastante...

Na década de setenta, meus pais já estavam morando em Curitiba. Minha mãe estava nos últimos anos de trabalho dela, tinha mais dois ou três anos... O pai ficou doente em 1973, então, ela mudou em 1971 para Curitiba porque o ano em que eu passei no vestibular, 1972, a mãe já estava lá. No final da carreira, em 1971, minha mãe teve uma turma de alunos especiais, que para não serem reprovados, passavam para um segundo ano. Eles não precisavam reprovar, eram crianças que não tinham graves problemas de aprendizagem. Essas crianças eram atestadas com *déficit* de aprendizagem, mas não por questões de alguma deficiência mental, era só por questões emocionais. Eles não aprendiam porque tinha uma barreira de ordem emocional. Eles se desenvolveram normalmente e, de repente, bloqueavam. Descobriram que era por causa afetiva, porque alguém “gozava” por causa da questão alfabetização. Como era década de setenta, daquela Alfabetização da Abelhinha, que era por som, tinha crianças que bloqueavam porque os pais achavam engraçado ficar “bzzzzzz...” “emmmmmm...” Fazendo som da letra em vez de dizer “ma”, “ta”, fazer a silabação. Essas crianças bloqueavam e não aprendiam mais. A minha mãe trabalhava exatamente com essas crianças. Ela tinha uma turma de dez crianças, mas o atendimento era individual. Independentemente dos problemas tinha o psicólogo que acompanhava e, a cada quinze dias, eles tinham uma reunião com a minha mãe para ela contar sobre as crianças, sobre como os pais deveriam se portar quando as crianças falassem alguma coisa, para ajuda-los a superar aquele momento.

Era no Colégio Dom Pedro II, na Avenida Batel, quase em frente do Colégio

Paranaense. Era o colégio em que ela trabalhou os últimos anos da vida profissional dela. A escola, se não me falha a memória, pediu para fazer essa turma, como se fosse uma turma teste. Então, a Secretaria deu um curso. Tinha uma série de pressupostos da teoria com a qual se trabalhava, mas eu não lembro quem era. Nunca me interessei.

Foi aí que conheci o Material Dourado e comecei a entender como é que se usava porque minha mãe pediu para eu ajudá-la. Como eu estava fazendo cursinho pela manhã, à tarde eu estudava, mas quando minha mãe precisava, eu a ajudava. Nossos Ensinos Médios eram bons, então você fazia cursinho só para relembrar algumas coisas que você já sabia. Você não ia para aprender no cursinho, ia para recordar, ver algum conhecimento, mas era muito raro, tudo que passava no cursinho era só um *replay.*

Lembro que fiquei um mês inteiro trabalhando com ela e com as crianças. As crianças trabalhavam completamente diferente. Ela fez um curso de treinamento para trabalhar com essas crianças. Foi uma coisa muito interessante porque a mãe me explicou algumas coisas, como é que ela aprendeu nos cursos de formação continuada a usar o Material Dourado. Ela trabalhava a parte de alfabetização e matemática e era um método em que você não podia repetir atividades, eram todas diferentes todos os dias. Lembro de um papel quadriculado, que tinha que fazer uma árvore que saia de um risco e fazia um para cá, um para cá, daí, no dia seguinte, saia daquele risco, um para cá, um para cá e uma bolinha, no outro dia um para cá e um para cá...Aquela atividade ia modificando. Eles tinham que copiar por causa da atenção, mas não podia ser a mesma, tinha que ser totalmente diferente. Então, as crianças começaram a criar certa autonomia porque existia um fichário onde elas pegavam as fichas seguindo uma sequência, por exemplo, tinha que pegar a cinco, da cinco pegar a seis.

Eu ajudava com a Matemática e conheci e me interessei pelo Material Dourado, que eu nunca tinha visto na minha vida. Eu não estava nem na faculdade ainda, estava fazendo cursinho e achei interessante e entendi o porquê do “vai um”. Foi com o Material Dourado, quando fui ensinar as crianças, que entendi, exatamente, a questão do sistema posicional que eu tive muito problema no meu segundo ano primário. Eu não entendia porque de zero você emprestava um, emprestava de uma coisa que não tinha nada e aquilo para mim, na questão escrita, era um conflito terrível. Eu não aceitava. Eu sabia que zero era nada, então como você vai emprestar

um de nada? Porque, na realidade, é isso e para você expressar a questão escrita... E o Duval fala que são registros diferentes... Eu sabia fazer a conta de cabeça, mas os registros são diferentes. Cada registro é um tratamento diferente. Por isso que eu não sabia mesmo. Sabia argumentar que é outro tipo de registro.

Então, o que me levou à carreira docente foram essas coisas que foram acontecendo, mas antes de tudo você tem que gostar do que faz porque se você não gostar, ser professor não é a melhor escolha que você faça na vida. Primeiro porque ganha pouco, depois porque trabalha um monte, mas estou há trinta e quatro anos e agora estou relutante em deixar o Magistério porque veio o PIBID que é o meu sonho de consumo.

O PIBID é um programa em que os alunos vão à escola, voltam e fazem esse movimento muito rápido antes de irem, realmente, para os estágios. Isso está sendo uma coisa muito interessante porque você vê, exatamente, é palpável a questão do Ensino, Pesquisa e Extensão, de fazer as três coisas juntas com esses alunos e ver o progresso deles.

Hoje nós discutimos algumas coisas, na reunião do PIBID e é comovente ver nossos alunos, futuros professores, tão jovens, entendendo o que têm que fazer, coisas que não tivemos na nossa época. Nós fomos colocados na sala de aula para aprender fazendo, mas nós aprendemos, também, com os outros e não só fazendo. É fazendo e trazendo, é um movimento, nós aprendemos no movimento. É discutindo nossos próprios fazeres e discutindo os fazeres dos outros. É assim que a gente aprende, se nós tivéssemos pares que nos criticassem, nós teríamos sido melhores professores.

Eu já tenho trinta e quatro anos, estou para lá de me aposentar e o PIBID é tudo que eu sempre sonhei dentro de um curso de Licenciatura. Participando do Segundo Fórum Estadual dos PIBID do Paraná fui saber que ele é o curso mais barato que eles têm, que o investimento é muito pequeno em relação aos outros projetos em nível de CAPES. Com professor é sempre assim, tudo é mais barato! Tudo é menos!

Quando você entra numa Universidade, não tem muita noção da dinâmica de Ensino, Pesquisa e Extensão. Mas, o PIBID é a própria dinâmica, é ali que você consegue fazer tudo. E isso é pontuado, a todo momento, pelo aluno que faz essa ponte entre escola e universidade. O professor da escola como co-orientador também é muito importante. Durante uma reunião, as professoras contaram como elas modificaram as próprias aulas de medo de os alunos estarem na sala para ensinar.

Elas falaram: “Nós tivemos que parar de fazer o arroz com feijão e procuramos implementar.” Os alunos “pibidianos” ajudam quando elas querem, por exemplo, trazer um material diferenciado para a sala de aula. Eles ajudam a preparar e a aplicar esse material.

Essa vivência da escola é para o nosso aluno licenciando. A volta deles para a universidade, quando eles trazem tudo isso, a gente discute e parte para a teoria... Nossos alunos “pibidianos” estudam Matemática mesmo. Nos encontros, nós os fizemos elencarem uma série de conteúdos que eles não tiveram no Ensino Médio. Eles estão pesquisando aqueles conteúdos que eles têm mais dificuldade em explicar para o aluno, porque aquilo acontece. Eles estudam, resolvem e discutem os problemas juntos. Então, tem alunos dando Análise Combinatória, fazendo uma sequência didática para não usar fórmula... Tenho três alunos trabalhando com as frações...

Os alunos “pibidianos” prepararam um minicurso para trabalhar Geometria com os professores do Magistério do Colégio Wilson Joffre, em 2013, pelo menos, para eles usarem os nomes próprios dos objetos geométricos. Trabalharam, também, com outras Geometrias como a Geometria Fractal e a Geometria Topológica. Foi muito interessante porque a própria professora da metodologia em Matemática não sabia como trabalhar isso. Ela ficou com a apostilinha que eles bolaram. Teve Fractal com dobradura, o Fractal feito com canudos... Nós trabalhamos um monte de coisas para mostrar para eles que é possível explorar aquele material.

Com relação à seleção desses alunos, o primeiro PIBID requereu que os alunos fossem a partir do segundo ano de graduação, na realidade, é para manter o aluno licenciando no curso, diminuir a evasão. É interessante que não tivemos desistência de alunos do PIBID. No ano passado [2013], como saíram muitos alunos, porque muitos se formaram, tivemos que completar com alunos do primeiro ano. Então, nós temos alunos que estão há dois anos no PIBID e você vê como eles são empenhados, vestem a camisa mesmo.

Todos os alunos podem participar. Nós tomamos como norma abrir para todos os alunos da Matemática que quiserem, a partir do primeiro ano, mas a gente faz uma seleção, uma entrevista... No projeto anterior pegamos dezoito alunos, agora, no Edital II que nós não sabemos se vai ser aprovado ou não, foi para vinte e um. Sou coordenadora, mas trabalho com mais duas professoras, a Arleni [Elise Sella Langer] e a Andreia [Bütner Ciani]. No ano que vem [2014] volta a Francieli [Cristina

Agostinetto Antunes], daí nós racharemos em duas coordenações e cada uma ficara com uma professora porque o trabalho é bastante. Mas, todas as ações dos dois grupos serão conjuntas, como se fosse um grupo só. No ano que vem, vou trabalhar com o Mestrado em Foz [do Iguaçu] e tenho que diminuir a carga horária. Cortei tudo, menos o PIBID porque eu amo.

Conhecimentos políticos e sociais... Lembro-me das antigas greves do Estado quando a gente foi para Curitiba, em 1987, e o Álvaro Dias colocou os cavalos atrás da gente. Eles infectaram a água, também. Nós ficamos em um acampamento em frente ao Palácio Iguaçu. Acho que eu e o pessoal do sul escapamos porque tomávamos chimarrão com água fervida e o pessoal tomava a água direto de uma torneira que colocaram lá. Noventa por cento dos professores foram parar no HU[149] com diarreia e vômito. A água estava contaminada.

Participei intensamente daqueles movimentos profissionais da década de oitenta, mas vi muita coisa errada, então me retirei do movimento porque eu não admitia misturar determinadas coisas. Não admitia, por exemplo, que eu fosse dar uma aula ruim ou uma aula depreciada porque eu ganhava pouco. Uma coisa era meu compromisso com aqueles alunos que estavam lá, a outra era a minha postura política profissional e as pessoas confundiam essas coisas.

Elas diziam que não iriam trabalhar porque ganhavam pouco, mas isso não é desculpa porque ninguém as obrigou a estarem lá. Por isso e por outros causos que eu não gostaria de falar resolvi me retirar. Cansei desse tipo de coisa, de discurso e ação que não combinam porque o que eu tiver que falar eu falo, e o que eu acho que tem que ser é, e acabou. Mas cansei de ver muita gente com discurso incoerente com a prática. Então, porque vou ficar desperdiçando a minha energia e o meu tempo com coisas destoadas? Mesmo aqui na universidade, de vez em quando vou numa assembleia e, também, fico brigando, porque vejo as mesmas coisas, não muda! O discurso e a ação não andam juntos! Não sei por que, mas não andam.

Legislação vigente... O que abalou bastante foi a questão da mudança no Ensino Médio, em 1998, porque com os PCN[150] do Ensino Médio muda toda uma concepção sem o professor estar preparado para mudar. Antes era um Ensino Tradicional, mas mudou, tanto que os PCN do Ensino Médio saíram sem conteúdos. Eles tinham a forma de você trabalhar a questão da interdisciplinaridade, mas que

---

[149] Hospital Universitário de Cascavel.
[150] Parâmetros Curriculares Nacionais.

ninguém sabia como. Daí, diminuiu aula de Matemática e de Português para colocarem outras disciplinas. Isso foi um horror! Porque como os PPP eram independentes e poderiam colocar as disciplinas que julgassem mais convenientes, começaram a tirar, geralmente, das que tinham mais, que era Português e Matemática.

Então, modificou, mas não quer dizer que a gente não trabalhasse diferente, porque cada professor trabalhava o seu lado, mas podia ter alguma coisa que você podia integrar com o professor de Química, de Física... Algum trabalho interessante com Funções. Mas, não era propriamente uma interdisciplinaridade, era um trabalho eventual. Aí a legislação vem e diz que você tem que trabalhar, mas não mostrou para o professor como teria que ser. Vieram os projetos para você trabalhar, quando o professor não sabia o que era isso.

Acho que esse esvaziamento... Acho até que vão me jogar pedra aqui, mas vou falar nisso... Esse esvaziamento “conteudista” que houve no Ensino Médio afetou a sociedade como um todo, o mercado de trabalho, tudo... Quer dizer, o aluno escreve menos, lê menos, sabe menos... Embora, às vezes, as pessoas critiquem a Escola Tradicional, ela pode ter todos os defeitos que tinha, mas pelo menos aquilo que era para ser ensinado se ensinava. O aluno nem que soubesse de cor, ele sabia... Hoje nem de cor ele sabe mais. Ele não sabe absolutamente mais nada e isso me abala bastante porque quando vou aos estágios supervisionados, vejo as escolas, as perguntas que os alunos fazem. Você não via, naquela época, aluno perguntar coisa desse tipo porque era uma coisa tão básica que não existia nem pergunta. Se ensinava melhor? Não! Acho que tinha que ensinar, não sei se ensinava melhor ou pior, mas ensinava o que se tinha que ensinar. Hoje em dia, não se ensina nada. Embora o professor faça um grande esforço, parece que é em vão, é inócuo. Lógico, você vai ensinar, digo assim, você tem que ter a essência do outro para ele aprender, mas acho que são outros campos.

Outra legislação que peguei porque vim de uma escola... De uma época que vigorava o Ensino Tecnicista. Que tem altas críticas, pelo menos por causa dos educadores. Era um ensino muito focado no Tradicional, tem que ensinar isso voltado para o Ensino Técnico. No caso do CEFET era bem direcionado o ensino da Matemática. Era tudo para o Ensino Técnico. Foi a época que nós pegamos essas legislações do ensino, que eu peguei a escola técnica. Eu saio do Ensino Médio em1998. No começo do ano eu pedi demissão e saio, exatamente, quando é para ser

implantado os PCN do Ensino Médio. Acho que isso está se refletindo muito na questão de conhecimento desses alunos que vêm para nós, até hoje.

Essa diminuição da aula de Matemática, a equiparação do professor, essa fusão de cursos, aligeirados, que, também, está acontecendo agora, não só pelo custo de licenciaturas com três anos, enquanto que os nossos ficam quatro, que é o tempo normal, mas, aqui a média de formatura é oito anos, é o dobro. Esse aluno que está aqui, que a gente cobra, a questão mesmo de conhecimento, de saber escrever uma Monografia, de saber escrever um artigo, ler, questionar, opinar... Todas essas questões são bastante desgastantes para nós, mas nosso aluno sai melhor preparado, sai mais subsidiado. Depois que ele recebe aquele canudo, depende dele optar pela questão ética e moral e seguir o que ele aprendeu aqui.

Isso mexe exatamente com essa questão, espaço e contexto de formação... A história de um professor tem a ver com tudo isso, com o que ele fez... O que nos manteve na profissão... A gente podia ter desistido. Tem muita gente que começou e desistiu, não quis mais ser professor porque não valia mais a pena. Para mim conhecimento é o que vale nessa vida. Você conhecer é a única coisa que te diferencia dos outros, não por ser melhor ou ser pior, mas que te permite olhar o mundo de uma forma diferente. Permite até compreender o outro que não quer aprender.

Quando você fala de contextos de formação, o que nós estamos mostrando para os nossos alunos, principalmente quando se fala no contexto de formação do PIBID que é um momento precioso que nós temos, exatamente, para preparar esse aluno para ser um professor. Eu falo para eles: “Se nós aqui e, com tudo que vocês estão recebendo...” Falei para eles: “É um legado de anos de nossas vidas profissionais...” Anos meus, da professora Arleni, da professora Dulcyene e da professora Andreia que são as que trabalham conosco. Falei: “Vocês estão recebendo... Isso nunca foi dado para a gente, se nós tivéssemos partido de onde vocês estão partindo, vocês podem ter certeza de que nós não seríamos o que somos hoje, seríamos pessoas muito melhores, professores com muito mais chance de negociar algumas coisas, até politicamente.” Então eu falo para os nossos alunos: “Então, vocês aproveitem, não só porque vocês estão recebendo dinheiro do povo brasileiro, não se esqueçam de que vocês estão recebendo dinheiro de pessoas que nem são alfabetizadas, para que vocês melhorem a qualidade de vida dos descendentes deles. As pessoas que compram alimento, por exemplo... Porque não

têm condições de irem para a escola porque não têm dinheiro, não têm oportunidade, mas eles estão pagando impostos, no que eles comem, no que eles usam, que vem para as bolsas que vocês usam. Esse dinheiro vocês têm que fazer retornar para a sociedade. É obrigação de vocês como estudantes de escola pública que estão recebendo uma bolsa."

Essas questões são muito interessantes porque os alunos não se veem como cidadãos que estão usando o dinheiro... Acho que no Brasil é tão intrínseco que o dinheiro é nosso, como diz o Lula: "Nosso, não é de vocês..." E como eu ganho o meu dinheiro, é meu e não é seu... Você está ganhando, você está tendo uma concessão do povo brasileiro para se formar e melhorar esse país. Portanto você tem que dar o troco. Você tem que retribuir de alguma forma, como um profissional melhor, se esforçando para ser um profissional melhor e reivindicando a sua posição, o seu espaço na escola. Porque professor que é respeitado, falei para eles, não tem aluno que não queira aprender.

Lembro que no Costa e Silva como eu trabalhava à noite tinha professores que não entravam em determinadas salas... Não entravam! Não tinha como fazer, os alunos não paravam. Era um horror! Eu entrava em todas elas. Trabalhava com todo mundo. Nada! Nenhuma "criatura" me desafiava como tinha professores que eles desafiavam. Não sei se é porque eles achavam que o professor não preparava aula, fazia de qualquer jeito, e a gente fazia. Nossa! Tinha tudo ali no ponto, pois eu tinha cinco turmas para dar conta e mais as de dia ainda. Eu tinha primeiros à noite, segundo e terceiro de dia.

Falo hoje para os meus alunos: "O professor tem que saber a que veio. Se ele demonstrar segurança no que está fazendo, eles podem até bagunçar no começo, mas quando eles veem que tem outros alunos se interessando, vão querer saber o que está acontecendo. Eles começam a entrar no clima. Começam a se interessar e a aprender." Adolescente é desse jeito!

Então, esse espaço de formação que nós estamos tendo com o PIBID é único! É a melhor coisa que aconteceu na minha profissão! Estou muito feliz de estar no final da minha carreira e poder legar o pouco que eu sei para esses jovens que estão iniciando agora. Muitos dos que estão no PIBID vão ficar... É muito interessante, pois temos relato de experiência que diz: "Nunca pensei em ser professor porque eu não sabia o quanto era difícil, tanta coisa que a gente tem que dar conta." Eles falam aqui: "Mas agora que eu estou compreendendo o que é, estou entendendo o que eu tenho

que ensinar, que eu vou lá na frente dos alunos e que tenho que ensinar, estou vendo o quanto isso é muito bom...” Isso me comove bastante porque mostra que mesmo sendo jovens de dezoito, dezenove anos... Nós temos alunos “pibidianos” com dezoito anos que completaram esse ano! Estão no segundo ano do PIBID! Novinhos que eles são, como diz, de leite ainda. São essas cabeças que a gente tem que formar. Deixá-los preparados para serem profissionais inquietos, que critiquem, que façam que mostrem que têm coerência entre o discurso e a ação. Que mostrem que fizeram, não só pelo discurso, mas que mostrem pela ação. Acho que isso é imprescindível!

Outros cargos... Detesto cargo administrativo! Não gosto! Gente, não peçam para eu fazer essas coisas! Odeio preencher formulário! Mas, fui a última Chefe de Departamento dessa Universidade em Matemática e Estatística. Era o maior departamento da Universidade. Além de eu dar quatro disciplinas diferentes, ter aluno de estágio e de Monografia, eu tinha, ainda, que cuidar de todos os campi da Universidade. Distribuição de aula, professor que dava aula, professor que não dava, professor que me ameaçava, me ligava ameaçando, professor que eu dei sessenta dias de faltas consecutivas, engavetaram o processo... Aí para frente... Isso foi em 1998 para 1999, em 2000 acabou.

O departamento de maior força na Universidade era o nosso. Porque só não dávamos aula no curso de Línguas, de Língua Portuguesa. O resto, para todos os cursos nós dávamos aula de Matemática e Estatística: na Medicina, na Odontologia, na Física, na Química, na Engenharia Química, na Engenharia Civil, na Engenharia Agrícola... Em todos os cursos porque o Departamento de Matemática e Estatística congregava Matemática, Física, Química e Estatística. Todas essas pessoas estavam ligadas ao nosso departamento. Ele era o maior e tinha muita força política. Isso fez com que muitas coisas nessa Universidade, como sempre foi, transformassem em colegiado, em diretorias de centro, aí pulverizou. A diretoria do CCET[151] de Cascavel, CCET de Foz do Iguaçu e assim por diante...

Cargos eu detesto! Não assumo! Agora, coordenação PIBID é um cargo, mas eu faço com gosto. Porque isso está dentro do que eu faço, embora tenha coisa administrativa. Temos que fazer relatório final do encontro do nosso projeto, que vai ter agora e dá um trabalho! Benza Deus! Um monte de coisa burocrática, mas é dentro daquilo que a gente faz. Não tem que lidar com pessoas ou com alguém que tem que

[151] Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas.

dar aula, fazer reunião... Ah, eu não gosto disso! Para mim é uma coisa bem penosa! Procuro não arriscar, não me meto, nem me candidato, porque eu não gosto! Antigamente, quando fui Chefe de Departamento, o que se tinha de salário era ridículo! Hoje em dia, sendo coordenador, são dois mil e quinhentos reais a mais no seu salário. Todo mundo quer isso a mais por mês, mas nem isso me seduz.

Essa é minha vida como professora... É a profissão que eu escolhi. Adoro dar aula! Acho que, na realidade, gosto mais de aprender do que ensinar. Estou há trinta e quatro anos em sala, mesmo. Nem mesmo os cargos e outras atividades que assumi me fizeram parar de ir para a sala de aula.

5 CENÁRIOS: OLHARES E VOZES ENTRELAÇADAS

Neste capítulo procurei delinear alguns aspectos históricos elencados pelos professores entrevistados sobre seu processo de formação e atuação, a partir de suas experiências. Para construir essa “análise síntese” busquei, também, alguns documentos escritos para dialogarem com os depoimentos dos professores, por considerar que se tratam de fontes complementares.

Usamos a História para trazer os acontecimentos do passado até o presente. Podemos apresentar a História, os vestígios, as pistas do passado por meio de livros, documentos, artigos, documentários, depoimentos, imagens... Mas, o passado não é, apenas, esses documentos ou vestígios deixados por ele, porque há uma “trama histórica” que os envolve a ser compreendida (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 54).

O objeto de investigação é interpretado porque não há uma única maneira de ler qualquer fenômeno. O mesmo objeto de estudo pode apresentar diferentes interpretações por diferentes práticas discursivas. O acontecimento do passado não é transparente, é “uma intriga, um tecido que vai ser retramado e refeito pelo historiador” (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 63).

Outro aspecto que merece nossa atenção quando produzimos um trabalho de cunho histórico é que somos nós que elegemos determinado conjunto de eventos e, no mesmo momento, esquecemos ou deixamos de lado outros tantos acontecimentos como nos aponta Albuquerque Jr.

> Qualquer evento histórico é uma mistura tal de variáveis, é fruto do entrelaçamento de tantos outros eventos de natureza diferenciada, que sempre visualizamos apenas parcialmente e pomos em evidência apenas alguns destes elementos que o constituem. (ALBUQUERQUE, 2007, p. 29)

Sobre isso Jenkins (2005) coloca que a subjetividade do historiador determina suas escolhas, suas predileções, sua perspectiva, seu modo de interpretar o objeto de investigação. Ao olhar os acontecimentos do passado no tempo presente o historiador, além de evidenciar coisas que ficaram esquecidas, tem a possibilidade de perceber situações não observadas pelas pessoas envolvidas naquele momento histórico.

Os historiadores interpretam de maneiras distintas as mesmas fontes e

documentos privilegiando um ou outro elemento que surge como novo nas suas narrativas.

> Consultando arquivos, compila uma série de textos, leituras e imagens deixadas pelas gerações passadas, que, no entanto, são reescritos e revistos a partir dos problemas do presente e de novos pressupostos, o que termina transformando tais documentos em monumentos esculpidos pelo próprio historiador, ou seja, o dado não é dado, mas recriado pelo especialista em História. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p. 63)

Desse modo, considerando que fiz algumas escolhas e que as interpretei de acordo com minhas compreensões sobre os depoimentos cedidos, procurei organizar este texto de modo a favorecer outras possibilidades de narrativas em torno do tema pesquisado, pois muitos elementos surgiram durante o momento das entrevistas, sendo possível suscitar outras pesquisas a partir desse estudo.

A educação brasileira ao longo de seu processo histórico passou por alterações na estrutura de suas legislações, nas políticas educacionais, nos currículos, no processo de formação do professor, em especial de Matemática. Assim, acredito que as percepções atuais que temos sobre o passado nos ajudam a compreender os processos educacionais presentes e os jogos de poder que os permeiam.

Ao narrarem suas vivências, os professores contaram sobre suas experiências escolares desde a infância, a formação no nível primário ou de primeiro grau, passando pela adolescência, os estudos do colégio, até a formação superior. As vozes dos professores “se cruzam e se sobrepõem, alternam as falas e as lembranças, confirmando o mesmo testemunho de pontos de vistas diferentes” sobre alguns aspectos da formação docente em Cascavel (PORTELLI, 2010, p. 29).

Nesse percurso, nossos depoentes contaram, também, sobre outros cursos buscados com o objetivo de melhor se qualificarem para desenvolverem seus papeis tanto como professores em sala de aula ou assumindo cargos administrativos da escola ou da universidade, como podemos observar nos depoimentos da professora Tânia Bassoi e do Professor Carlos Calsavara.

O professor Carlos, por exemplo, contou que ao assumir o cargo de diretor do Colégio Estadual Wilson Joffre sentiu necessidade de cursar Pedagogia para ter, além da visão de professor, “a visão do administrador”. Podemos considerar que essa etapa de sua formação acadêmica foi relevante, também, para desempenhar suas funções

no Núcleo Regional de Ensino em Cascavel. Ao narrar recordações sobre o período em que estudou no Grupo Escolar de Cosmorama e no Ginásio Estadual Professor Álvaro Duarte de Almeida atribui, aos anos em que estudou lá, a base de sua formação no ensino de Português e de Matemática.

Durante as entrevistas, muitos elementos apareceram relacionados à aquela época de estudantes, nos anos da infância e da juventude, diante da tentativa de contarem suas histórias a partir de suas experiências. Como já mencionado, os depoimentos dos professores, suas experiências e compreensões sobre sua formação e atuação são a base desse trabalho. O contato com os professores, o momento das entrevistas, deu-me a oportunidade de abordar questões que eu não conseguiria caso olhasse apenas para documentos oficiais.

Uma situação que chama a atenção, por exemplo, é o fato de o professor Carlos Calssavara e a professora Leila Deixun terem cursado o Curso Científico concomitante ao Curso Normal por considerarem que ele oferecia uma carga horária maior da disciplina de Matemática, preparando-os para o Curso de Matemática.

Ao narrarem sua trajetória de formação, os professores não contaram apenas aspectos específicos de sua escolaridade, mas avaliaram suas vivências, suas escolhas e algumas repercussões desse momento em suas vidas. Para Rios (2012, p. 22) “as narrativas de memória contam aquilo que os entrevistados viveram, impregnadas pelo modo como ainda se relacionam com seu passado e pelos significados que atribuem, no tempo presente, a tudo aquilo”.

O professor Carlos, por exemplo, menciona que se, talvez, tivesse concluído o Mestrado na UEM, hoje seria um professor dessa universidade e não da UNIOESTE. Já a Dona Darlene ao contar sobre sua breve trajetória como estudante no Normal Regional expressou que não concluiu o curso porque preferiu dedicar-se à sua família, mas que uma “porção” de colegas se formaram. A maneira como conta essa passagem de sua vida oferece indícios de que ela avalia as repercussões de suas escolhas sobre aquele momento peculiar.

É perceptível a forte carga de emoção dos professores ao narrarem recordações sobre a época de escolaridade, os lugares e as pessoas que foram importantes nesse momento de suas vidas. Dona Maria de Lourdes ao narrar recordações sobre o tempo que lecionava na Escola Isolada Fazenda Santo Antônio deixa transparecer a importância do apoio de seu pai no início de sua carreira profissional. A casa na Fazenda, o espaço escolar, as atividades desenvolvidas em

conjunto com o pai, o modo particular que buscaram para ensinar as crianças, os materiais improvisados, os almoços festivos, o envolvimento da comunidade, o desejo de aprender para atender aos alunos... A maneira como conta tais detalhes revela a importância que atribui àquele momento e às pessoas que participaram de sua vida.

Como observado nas entrevistas, os professores chegaram ao município de Cascavel no final da década de 1950, momento das correntes migratórias para as regiões interioranas favorecidas pelos projetos colonizadores do governo federal e estadual e, também, em meados da década de 1970 quando a Região Oeste do Paraná passava por uma grande transformação social e econômica.

Esses professores vieram de diferentes regiões paranaenses: Tânia, Arleni e Carlos, ou paulistas: Leila, Darlene e Maria de Lourdes, e buscaram a formação para a docência, em alguns casos, em outros municípios. Para facilitar a compreensão do leitor apresento, na sequência, um quadro onde consta a distância entre os municípios que os professores residiam e os que buscaram a formação docente (QUADRO 2) conforme os depoimentos dos entrevistados.

Professor	Curso	Município onde residia	Município de formação	Distância (Km)
Leila Deixun	Escola Normal Matemática (licenciatura plena)	Araçatuba (SP) Araçatuba (SP) Barretos (SP)	Araçatuba (SP) Penápolis (SP) Bebedouro (SP)	0 54 51
Arleni Longer	Ciências com habilitação em Matemática	Cafelândia (PR)	Cascavel (PR)	56
Tânia Bassoi	Licenciatura e Bacharelado em Matemática	Curitiba (PR)	Curitiba (PR)	0
Carlos Calssavara	Escola Normal Matemática (licenciatura plena) Pedagogia com habilitação em Administração	Cianorte (PR) Cianorte (PR) Cascavel (PR)	Cianorte (PR) Mandaguari (PR) Votuporanga (SP)	0 110 705
Darlene Galafassi	Normal Regional (incompleto)	Cascavel (PR)	Cascavel (PR)	0
Maria de Lourdes	Normal Regional (incompleto) Logos II Logos II Pedagogia	Cascavel (PR) Vera Cruz do Oeste (PR) Cascavel (PR) Cascavel (PR)	Cascavel (PR) Matelândia (PR) Céu Azul (PR) Cascavel (PR)	0 36,5 40 0

QUADRO 2 – MUNICÍPIOS DE RESIDÊNCIA E OS BUSCADOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE, E AS DISTÂNCIAS PERCORRIDAS PELOS PROFESSORES
FONTE: Depoimentos dos professores (2014)

Boa parte dos professores entrevistados iniciou a escolaridade, o Ensino Primário, a partir da década de 1950, momento em que vigorava a Lei Orgânica do Ensino Primário para as séries iniciais e a Lei Orgânica do Ensino Normal para a formação do professor primário[152].

As professoras Leila Deixun, Arleni Langer, Tânia Bassoi e o professor Carlos Calssavara residiam em centros urbanos e cursaram o ensino de nível primário em um Grupo Escolar caracterizado pela organização em classes seriadas. Já as professoras Darlene Galafassi e Maria de Lourdes Becker, que residiam em regiões interioranas, fizeram seus estudos da infância em Escolas Isoladas de caráter multisseiadas com um único professor para todas as séries.

De acordo com o artigo 27 da Lei Orgânica, o Ensino Primário poderia ser ofertado por quatro tipos de estabelecimentos: Escola Isolada que possuía uma única turma de alunos para todas as séries entregues a um único docente, geralmente localizadas em zonas rurais; Escola Reunidas quando havia de duas a quatro turmas de alunos com igual número de professores; Grupo Escolar quando possuía cinco ou mais turmas com igual ou superior número de docentes e Escola Supletiva para o Ensino Supletivo com qualquer número de turmas de alunos e de professores.

Os professores entrevistados contaram que no Ensino Primário foram alfabetizados, aprenderam a fazer as quatro operações e a resolver situações-problema usando situações do cotidiano e tiveram noções de Geografia, História e Ciências. A tabuada era um conhecimento obrigatório e era tomada com frequência pelos professores, na sala de aula. Contaram também que seus professores eram muito rigorosos e que a disciplina escolar era uma exigência da época. A realização de trabalhos manuais, como pinturas, artesanatos, desenhos e carpintaria, o culto às datas cívicas e a religiosidade, faziam parte da rotina escolar dos professores.

A Lei Orgânica de 1946 que regulamentava o Ensino Primário, nesse período, estabelecia duas categorias de ensino: o Ensino Primário Fundamental para crianças

[152] Essas leis foram expedidas, em janeiro de 1946 pelos decretos nº 8.529 e nº 8.530, respectivamente, durante o governo provisório de José Linhares após Getúlio Vargas e seus ministros terem sido depostos do governo pelos militares no final de outubro de 1945. Portanto, essas Leis foram elaboradas durante o período em que estava instaurado o Estado Novo, conduzido por Getúlio Vargas, caracterizado por um regime político de caráter centralizador e autoritário. Ver Castanha e Fachi (2012).

de sete a doze anos e o Ensino Supletivo para adolescentes e adultos, que não será discutido nesse trabalho. O Ensino Primário Fundamental era gratuito pelos poderes públicos e poderia ser ofertado em dois cursos: o elementar, obrigatório, e o complementar. O Ensino Primário também podia ser ofertado por instituições de ensino particulares de acordo com a referida lei.

A modalidade de Ensino Primário Elementar, com duração de quatro anos, propunha, além das disciplinas gerais como Língua Portuguesa, Iniciação à Matemática, Desenho e trabalhos manuais, Geografia e História do Brasil, estudos voltados para o conhecimento da vida social, a educação à saúde e ao trabalho, ligado aos cursos de artesanato e aos de aprendizagem industrial e agrícola. O Canto Orfeônico, como mencionado pela professora Leila e pelo professor Carlos, a Educação Física e a realização de trabalhos manuais com a intenção de revelar as aptidões profissionais dos alunos, fazia parte das exigências para a escolaridade inicial nessa época, como também relatado pelos professores entrevistados.

O Ensino Primário Complementar, de acordo com o artigo 08 da referida Lei, seria de apenas um ano e poderia ser cursado pelos alunos que tivessem concluído o Ensino Elementar. Nessa modalidade os alunos estudariam Língua Portuguesa, Aritmética e Geometria, Ciências Naturais, Desenho, História e Geografia do Brasil, receberiam noções de Geografia Geral e História da América e conhecimentos que valorizassem as atividades econômicas da região, além das disciplinas e atividades artísticas e de cunho profissional voltadas às práticas educativas referentes às atividades da região. As meninas deveriam receber, também, noções de economia doméstica e puericultura.

Apesar da Lei propor o mesmo grupo de disciplinas para os diferentes tipos de estabelecimentos de ensino percebe-se, na fala dos depoentes, que o ensino não ocorreu da mesma forma para todos os tipos de escolas devido as condições de cada realidade local. Os Grupos Escolares por se localizarem em centros urbanos eram melhor estruturados, ofereciam lanche para os alunos, tinham biblioteca e não havia falta de professores como ressaltado pelo professor Carlos e pelas professoras Leila, Tânia e Arleni.

Já as Escolas Isoladas situadas em regiões interioranas eram geralmente organizadas pela comunidade local e as aulas eram ministradas por uma pessoa com mais estudos como exposto pela Dona Maria de Lourdes que interrompeu os estudos do Ginásio, a pedido do seu pai, para lecionar para as crianças da Fazenda Santo

Antônio. A professora contou que seu pai abriu a mata para construir uma fazenda de cultivo de café e como não havia escola para as crianças dos trabalhadores rurais, por iniciativa própria, separou um dos cômodos da própria casa para sala de aula e providenciou o material didático. Isso aconteceu, também, quando Dona Maria Lourdes e seu marido separaram um corredor da casa onde residiam na Serraria Carazinho para construíram uma escola para atender os filhos dos trabalhadores da Serraria.

História semelhante foi narrada por Dona Darlene ao recordar que seu pai "sempre construía uma escola" na fazenda em que estavam e que sua mãe, que tinha formação em uma Escola Normal, assumia as aulas dessa escola isolada.

Tanto Dona Darlene, quanto Dona Maria de Lourdes que estudaram e depois lecionaram em escolas situadas em zona rural, comentaram que havia uma professora que atendia os alunos de todas as séries, que não havia biblioteca, que o material escolar, como lápis e caderno, era buscado na cidade mais próxima. A água era tirada do poço, não havia luz elétrica, os alunos traziam o lanche de casa e a limpeza da escola era responsabilidade de todos. As coisas simples do cotidiano serviam como material didático como nos contou Dona Maria de Lourdes que, com a ajuda de seu pai, usava sementinhas de cinamomo para estudar a tabuada com os alunos e os degraus da escada para ensinar a contar os números e fazer continhas.

Como ressaltei anteriormente, a Região Oeste do Paraná recebeu um grande contingente de moradores de várias regiões brasileiras, pessoas que se deslocaram para o interior para se dedicarem à agricultura e ao comércio. Ao chegarem à Região abriam as matas fechadas e construíam suas casas. No caso das professoras Darlene e Maria de Lourdes suas famílias chegaram em Cascavel no final da década de 1950 e se dedicaram ao cultivo do café nas regiões próximas do município.

Dona Darlene contou que ao chegar em Cascavel em 1956, assumiu aulas no Grupo Escolar Eleodoro Ébano Pereira e que para isso precisou passar por um processo seletivo em Curitiba. Ela comentou, também, da estranheza e das dificuldades enfrentadas ao chegar ao município, uma vez que estava acostumada ao conforto da cidade grande, de São Paulo. Podemos inferir, como comentado pelos professores entrevistados, que havia falta de professores no município, pois Dona Darlene nos disse que havia terminado o curso primário, mas fez um teste em Curitiba e foi considerada apta para lecionar no primeiro Grupo Escolar de Cascavel.

A depoente disse que percorria grandes distâncias a pé pelas ruas de terra,

que sentia dificuldade para chegar a escola quando chovia, que não havia uma estrutura de saneamento, de água encanada e de luz elétrica, queixou-se da pouca variedade de alimentos e vestimentas. Essas dificuldades também foram ressaltadas nos depoimentos das professoras Leila e Tânia quando chegaram em Cascavel na década de 1970. Segundo a fala da professora Tânia a cidade estava estruturada "muito a gosto dos pioneiros", o comércio atendia às atividades agropecuárias da região. Já a professora Leila comentou sobre a falta de ruas asfaltadas na cidade. Percebe-se na fala dos professores que a falta de estrutura, naquele momento, era a difícil realidade dos municípios em formação da Região Oeste do Paraná.

Tanto Dona Darlene, como a Dona Maria de Lourdes interromperam seus estudos do Ginásio quando seus pais se mudaram para Cascavel. As professoras comentaram que ao chegarem ao município, no final da década de 1950, iniciaram o Curso Normal Regional, ofertado pela Escola Normal de Grau Ginasial Carola Moreira, que correspondia ao primeiro ciclo do Ensino Normal. Já a professora Leila e o professor Carlos cursaram a Escola Normal que correspondia ao segundo ciclo do Ensino Normal.

A Lei Orgânica do Ensino Normal de 1946 foi uma política pública criada com a intenção de padronizar a formação docente para o Ensino Primário. O artigo 1º da Lei definiu três finalidades objetivas: a primeira referia-se a necessidade de "prover a formação do pessoal docente às escolas primárias", considerando que havia carência de professores em todo o país e muitos que lecionavam não estavam habilitados para a prática docente como aconteceu com as professoras Darlene e Maria de Lourdes, os chamados professores "leigos"; a segunda estabelecia a necessidade de "habilitar administradores escolares destinados as mesmas escolas" e, a terceira propunha "desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância" (BRASIL, Decreto-Lei nº 8530, de 1946).

O Ensino Normal foi ofertado em dois ciclos. O primeiro ciclo, ofertado apenas por estabelecimentos de ensino denominados de Curso Normal Regional, era de nível ginasial, durante quatro anos e formava o regente de ensino primário para atuar nas escolas isoladas. O segundo ciclo, ofertado por estabelecimentos denominados Escolas Normais, era de nível colegial, durante três anos e formava o professor primário para atuar nos grupos escolares. Além desses dois tipos de estabelecimentos, havia também o Instituto de Educação que se destinava a habilitar administradores escolares do grau primário, além de poder ofertar também os dois

ciclos mencionados (BRASIL, Decreto-Lei nº 8530, de 1946).

A estrutura do curso de regentes do ensino primário, primeiro ciclo, previa, conforme artigo 07 da Lei, as seguintes disciplinas mais gerais: Português, Matemática, Geografia Geral, Geografia do Brasil, História Geral, História do Brasil, Ciências Naturais, Noções de Anatomia e Fisiologia Humanas, Noções de Higiene, Desenho e Caligrafia, Canto Orfeônico, trabalhos manuais, economia doméstica, atividades econômicas da região obedecendo a programas específicos que conduzissem os alunos ao conhecimento das técnicas regionais de produção e da organização do trabalho na região, recreação, jogos e Educação Física.

O aluno teria a disciplina de Matemática em quatro séries e o saber ali adquirido deveria dar consistência ao trabalho como professor.

Havia apenas duas disciplinas específicas para a formação pedagógica que viabilizaria a ação docente, voltadas para a prática do ensinar, a Psicologia e Pedagogia e, a Didática e Prática de Ensino ofertadas apenas no último ano do curso. A Lei também previa que o Curso Normal Regional que funcionasse em zonas de colonização, deveria dar, nas duas últimas séries, noções do idioma de origem dos colonos e explicações sobre o seu modo de vida, costumes e tradições (BRASIL, Decreto-Lei nº 8530, de 1946).

O Curso Normal Regional tinha por objetivo formar o professor para atuar no meio rural que estava em serviço mas com a formação incompleta. A função desse professor era alfabetizar o aluno das zonas rurais e atender as necessidades de produção na localidade em que se encontrava. Segundo Miguel (2011) essas necessidades eram entendidas pelo governo como às vinculadas ao setor agropecuário. Desse modo, caberia ao professor adaptar os programas de ensino às condições muitas vezes desfavoráveis das zonas rurais procurando aproximar o estudo da realidade do aluno.

Essa é uma atitude que observamos que foi tomada por Dona Maria de Lourdes e seu pai, quando lecionavam na escola da Fazenda Santo Antônio, pois quando entrevistada, contou que elaboravam probleminhas de Matemática para as crianças a partir das coisas que tinham disponível como sacas de café, galinhas, frutas... Usava sementinhas de cinamomo para estudar a tabuada, gravetos amarrados com barbante para estudar o sistema de numeração decimal, a escada para o estudo da subtração e desenvolvia atividades ao ar livre com as crianças como plantar flores.

Cabe destacar que Dona Darlene ao iniciar o Curso Normal Regional na Escola de Grau Ginasial Carola Moreira, coloca que eram outros profissionais, como “advogados, contadores, pessoas do comércio”, que ministravam as aulas. Ela recorda que estudaram, as quatro operações, faziam probleminhas, leitura e ditado. Já a Dona Maria de Lourdes comenta que o ensino do Português, da Geografia e da História foi mais valorizado do que o ensino da Matemática e que realizavam muitos trabalhos sobre essas disciplinas.

O curso de segundo ciclo, o Curso Normal, conforme artigo 08 da Lei, dispunha das seguintes disciplinas: Português, Matemática, Física e Química, Anatomia e Fisiologia Humanas, Música e Canto, Desenho e Artes Aplicadas, Educação Física, Recreação, Jogos, Biologia Educacional, Psicologia Educacional, Higiene e Educação Sanitária, Metodologia do Ensino Primário, Sociologia Educacional, História e Filosofia da Educação, Higiene e Puericultura e Prática do Ensino.

Esse curso apresentava uma melhor articulação das disciplinas gerais com as especificas da formação docente, pois desde o segundo ano, os alunos estudavam disciplinas pedagógicas. Para ambos os ciclos, o Ensino Religioso e a Educação Moral e Cívica estavam contemplados. A religiosidade e comemorações cívicas foram também ressaltadas nos depoimentos dos professores entrevistados que comentaram que faziam oração antes de iniciar a aula, que aprendiam os Hinos pátrios e que havia um calendário com datas comemorativas.

Alguns dos professores colaboradores, contaram que para ingressarem ao ginasial foi necessário fazerem o Exame de Admissão para comprovar que estavam aptos a seguir os estudos do Ginásio.

Esse exame foi instituído em 1931 pelo Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, e era utilizado para selecionar os alunos que poderiam estudar o curso secundário de ensino. Essa Lei, conhecida como Reforma Francisco Campos, reformulou e modernizou todo o ensino secundário brasileiro e deu ao Exame de Admissão um caráter nacional, ou seja todo o aluno que pretendesse cursar o ensino secundário teria que se submeter ao exame. Essa Lei foi consolidada pelo Decreto nº 21.241 de 04 de abril de 1932.

Nos documentos pessoais cedidos pelo professor Carlos e pelas professoras

Leila e Maria de Lourdes encontrei os Boletins Escolares[153] desses professores onde consta, além do rendimento e frequência escolar, informações sobre o Exame de Admissão: local, data e média das disciplinas de Aritmética, Português, História e Geografia. Assim, podemos conferir ao Exame de Admissão um caráter de documento que fazia parte da documentação escolar.

Com a Reforma Francisco Campos o ensino em todo o país foi dividido em Ensino Primário e Ensino Secundário. O Ensino Primário, de quatro anos, compreendia as séries iniciais. O Ensino Secundário passou a ter duração de sete anos, dividido em dois cursos seriados: curso secundário fundamental, durante cinco anos, e curso secundário complementar, de dois anos intensivos, obrigatório para os alunos que tinham a intenção de cursar o ensino superior (BRASIL, Decreto nº 19.890, de 1931).

De acordo com os artigos 18, 19 e 21 do referido Decreto, para ingressar ao Ensino Secundário o aluno deveria ter idade mínima de onze anos e prestar Exame de Admissão no estabelecimento de ensino em que pretendia se matricular. O artigo 22 do Decreto descrevia que o exame consistia em provas escritas de Português (redação e ditado) e Aritmética (cálculo elementar), e também de provas orais de elementos dessas duas disciplinas e mais conhecimentos rudimentares de Geografia, História do Brasil e Ciências Naturais. Os alunos aprovados recebiam certificado de habilitação no Exame de Admissão e poderiam se matricular na escola pretendida (BRASIL, Decreto nº 19.890, de 1931).

Um fato a ser considerado é que a escola primária, nesse período, não se constituía em um curso único e homogêneo para todos, pois as escolas que se encontravam em grandes centros urbanos, como já mencionado, eram melhor estruturadas e tinham condições de seguir os programas propostos para a escolaridade inicial, enquanto que as escolas reunidas ou isoladas, localizadas em zonas rurais, dada às dificuldades materiais e a falta de professores habilitados, na maioria das vezes, não ensinavam os mesmos conteúdos e as exigências escolares eram voltadas às necessidades regionais. Assim, o ensino secundário se tornou elitizado, sendo cursado apenas pelos poucos alunos que tiveram um ensino primário de qualidade ou puderam custear um curso preparatório para a aprovação no Exame de Admissão (ABREU; MINHOTO, 2012).

---

[153] Os Boletins Escolares do professor Carlos e das professoras Leila e Maria de Lourdes se encontram nos Anexos.

Desde a homologação do Decreto nº 18.890 de 1931, o ensino brasileiro passou por algumas modificações como a Lei Orgânica do Ensino Secundário instituída pelo Decreto-Lei nº 4.244 de 09 de abril de 1942, conhecida como Reforma Capanema. Essa Lei organizou o Ensino Secundário em dois ciclos: o primeiro ciclo que compreendia o Curso Ginasial, com duração de quatro anos e era ofertado pelo estabelecimento de ensino chamado Ginásio, e o segundo ciclo que oferecia o Curso Clássico e o Curso Científico, cada qual com a duração de três anos, ofertado pelo estabelecimento de ensino chamado Colégio, que poderia ofertar, também, o Curso Ginasial. (BRASIL, Decreto-Lei nº 4.244, de 1942).

Em seu depoimento, a professora Leila comentou que cursou o Ensino Normal pela manhã para ter uma qualificação para poder trabalhar e se sustentar e o Científico à noite para melhor se preparar para fazer o Curso de Matemática. A professora colocou que, no Colégio, o aluno que optava pelas “Línguas” e pelas “Humanas” cursava o Colegial Clássico, enquanto que o aluno que optava pelas “Exatas” cursava o Colegial Científico.

Essa informação está em consonância com o artigo 17 da referida Lei que ressaltava que as disciplinas de Matemática, Física, Química e Biologia teriam maior amplitude no Curso Científico, enquanto que Filosofia teria um estudo mais aprofundado no Curso Clássico. Outro aspecto a ser evidenciado é que havia um conjunto de disciplinas comuns aos dois cursos, mas havia disciplinas próprias de cada um como o Latim e o Grego que fariam parte apenas do Curso Clássico, enquanto que o Desenho seria ensinado apenas no Curso Científico (BRASIL, Decreto-Lei nº 4.244, de 1942).

Quando a professora Maria de Lourdes prestou Exame de Admissão no Colégio e Escola Normal Santa Maria, em Assis (SP), em 1957, o ingresso dos alunos do primário para o ciclo ginasial ainda dependia da aprovação do Exame de Admissão. A depoente comentou que fez um curso preparatório para esse exame na mesma escola em que cursava a quarta série em Primeiro de Maio (PR), no contra turno. Isso foi possível porque foram criados os Cursos Intensivos de Preparatórios para os candidatos ao Exame de Admissão à primeira série ginasial por meio do Decreto nº 27.017, de 14 de dezembro de 1956. Esses cursos preparatórios foram criados com a intenção de diminuir o quadro de reprovações dos alunos que se submetiam ao Exame de Admissão.

A Lei previa que os Cursos Preparatórios deveriam ser gratuitos e ofertados

nos estabelecimentos de Ensino Secundário que dispunham de vagas: Ginásios, Colégios Estaduais, Escolas Normais e Institutos de Educação. Poderiam se matricular nesse Curso os alunos que apresentassem provas de idade e escolaridade que comprovassem que tinham condições gerais para submeter-se ao Exame de Admissão ao Ginásio.

De acordo com o artigo 8 do Decreto, a preferência de inscrição e matrícula ao curso preparatório era assegurada ao candidato que comprovasse falta ou insuficiência de recursos financeiras. No entanto, a professora Leila, quando, prestou o Exame no Instituto de Educação Estadual Manoel Bento da Cruz, em Araçatuba (SP) em 1967, comentou que os alunos que podiam pagavam curso preparatório para a realização desse exame, mas muitos não tinham condições financeiras e acabavam reprovando dada a rigidez das provas.

Isso nos leva a inferir que o número de vagas ofertadas para os cursos preparatórios, pelos estabelecimentos de ensino, não era suficiente para atender a demanda de candidatos ao Exame de Admissão, sendo necessário, muitas vezes, pagar um professor particular como foi o caso da professora Leila.

Era previsto na Lei que os cursos preparatórios iniciariam na segunda quinzena de dezembro e terminariam com a realização do Exame de Admissão, que de acordo com o artigo 18 do Decreto nº 19.890 de 1931 deveria ser realizado na segunda quinzena do mês do fevereiro, totalizando dois meses de preparatório. O quadro docente seria composto por três professores que deveriam, no mínimo, ter o diploma do Ensino Normal: um professor para o Português, um para a Matemática e um para História e Geografia (BRASIL, Decreto nº 27.017, de 1956).

Com a homologação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) em 20 de dezembro de 1961 sob o Nº 4.024 houve modificações na estrutura do ensino brasileiro. O Ensino Primário passou a ter duração de quatro anos podendo ser ampliado em mais dois anos com a finalidade de iniciar os conhecimentos de técnicas de artes que se diferenciavam de acordo com a idade e com o sexo. O Ensino Médio que abrangia os cursos secundários, técnicos (industrial, agrícola e comercial) e de formação de professores (primário e pré-primário) foi dividido em ciclo ginasial, de quatro anos e colegial, de três anos. Com relação ao Exame de Admissão, o artigo 36 da referida Lei previa que o ingresso do aluno na primeira série dos ciclos de Ensino Médio dependia ainda da aprovação do Exame que deveria demonstrar “satisfatória educação primária”. (BRASIL, Lei nº 4.024, de 1961).

Segundo Machado (2002) somente após a consolidação da LDBEN em 1965, os estabelecimentos de ensino passaram a ter mais autonomia com relação à seleção dos alunos podendo optar, de acordo com o artigo 1º dessa Lei, entre o aluno prestar o Exame de Admissão ou a verificação da autenticidade da aprovação do curso primário, desobrigando o aluno de fazer a prova.

O professor Carlos Calssavara, quando entrevistado, contou que não foi necessário prestar o Exame de Admissão porque fez um ano de curso preparatório em Cosmorama (SP), no contra turno da escola primária, em 1961. As médias obtidas, durante o curso, para as disciplinas de Aritmética, Português, História e Geografia foram consideradas para aprovação no Exame, não sendo necessário fazer a prova.

A partir de 1962, com o Decreto nº 39.900, houve uma modificação no tempo de duração dos cursos preparatórios que passaram a ser ministrados de abril a novembro, conhecidos como “cursos de admissão ao Ginásio” (MACHADO, 2002).

O Exame de Admissão perdurou até a promulgação da Lei 5.692 de 1971 quando foi instaurado o Ensino de Primeiro Grau com duração de oito anos, sendo integrados o ensino primário e ginasial em um único ciclo de estudos, abolindo, desse modo, a obrigatoriedade do exame no mesmo ano. Essa Lei fixou as diretrizes e bases para a educação nacional para o Primeiro e o Segundo Grau. A nova Lei estabelecia para o Segundo Grau, além das disciplinas do núcleo comum, disciplinas para a habilitação profissional. A formação profissional estaria em consonância com as necessidades de trabalho local ou regional.

A existência do ensino profissionalizante para o Segundo Grau também foi ressaltada pelos professores entrevistados no que se refere à própria formação de Segundo Grau, como é o caso da professora Arleni Sella, ou como docente, como mencionado pelas professoras Leila Deixun e Tânia Bassoi.

A professora Leila, em 1978 foi convidada a lecionar para os alunos do Curso de Construção Civil no Colégio Estadual Pedro Boaretto Neto, em Cascavel. Já a professora Tânia, em 1975 quando morava em Curitiba, lecionou para o Curso de Auxiliar de Enfermagem na Escola Vicentina Técnica de Enfermagem Catarina Labouré. Depois que se mudou para Cascavel, lecionou para os cursos técnicos do CEFET de Medianeira e para o curso de Magistério no Colégio Estadual Costa e Silva.

A professora Arleni contou que a escolha do curso de Auxiliar de Farmácia no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Cascavel, deveu-se ao fato do curso oferecer uma maior carga horária das disciplinas exatas: Matemática, Física e Química, porque

tinha o interesse de prestar o vestibular, uma vez que o curso de Magistério oferecia uma carga horária reduzida dessas disciplinas.

A Lei 5.692 de 1971 estabeleceu a obrigatoriedade da formação profissional como foi mencionado pela professora Arleni. A formação docente foi tratada entre os artigos 29 e 40 da referida Lei. A formação a nível de Segundo Grau, a habilitação para o Magistério formava o professor para lecionar de primeira à quarta série; a formação de nível superior representada pela licenciatura curta formava o professor de primeira à oitava série; e para todo o ensino de Primeiro e Segundo Grau o professor deveria ter formação de nível superior correspondente a licenciatura plena (BRASIL, Lei nº 5.692, de 1971).

Com a Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971 o Curso Normal Regional que formava o docente a nível ginasial foi extinguido e transformou o Curso Normal em uma das habilitações do ensino de Segundo Grau.

Segundo os professores entrevistados, a partir da década de 1970, o processo de colonização e ocupação da Região Oeste do Paraná foi bastante acentuado e Cascavel começou a se modificar com a chegada de profissionais de diferentes áreas vindos de diferentes regiões brasileiras. Não apenas em Cascavel, mas em toda a Região Oeste do Paraná chegaram profissionais para atuar no comércio, em bancos e em escritórios de contabilidade, na maioria pessoas formadas em cursos técnicos. Isso ocorreu também, de acordo com o depoimento da professora Tânia, porque muitos pais encaminhavam seus filhos para completarem os estudos em outras cidades em que havia ensino superior, depois, esses jovens retornavam formados e aptos para trabalhar em diversas áreas.

Como já mencionado, a partir da década de 1970, a situação econômica do município encontrava-se em pleno desenvolvimento e exigia pessoas qualificadas e habilitadas para atuar nos diversos ramos do comércio, nos hospitais e nas escolas, que estavam surgindo em Cascavel, e não apenas conhecimentos para desenvolver as atividades rurais.

Assim, surgiu a necessidade de qualificar, também, os alunos da região que não tinham condições de buscar formação superior fora do município, para que tivessem as mesmas oportunidades profissionais diante dos novos empregos que foram criados. Essa situação contribuiu com a expansão do número de escolas de nível ginasial e colegial do município, requerendo também aumentar o número de professores qualificados e habilitados para exercer a docência.

A falta de professores qualificados era evidente desde o final da década de 1950, como pudemos observar no depoimento de Dona Darlene que nos disse que era uma pessoa com mais estudo, como “um contador”, que lecionava as disciplinas quando ela estava cursando o Normal Regional na Escola Carola Moreira. Dada a carência de professores, nessa época, o ensino, muitas vezes, era delegado a profissionais de outras áreas, como comentado pela Dona Darlene. Esses profissionais tinham formação em cursos técnicos, como por exemplo o de Contabilidade, e diante da falta de professores, a formação que tinham era considerada suficiente para assumir uma sala de aula.

Em Cascavel começou a chegar, também, professores formados pelas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras como é o caso da professora Leila que chegou em Cascavel em 1974 e havia cursado o primeiro ano de graduação em Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Penápolis e concluído na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bebedouro, ambas no interior do estado de São Paulo. Já o professor Carlos Calssavara chegou em Cascavel em 1975 e havia cursado Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari, no interior do estado do Paraná. A professora Tânia concluiu a graduação em Matemática na Universidade Federal do Paraná em 1975. Dona Maria de Lourdes e a professora Arleni conquistaram sua formação superior na UNIOESTE.

As Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, surgiram a partir de 1934 com a intenção de formar professores para atuar nas escolas secundárias. Com a criação do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1935, os Estados e Municípios tiveram incentivo para ampliar o número de cursos secundários. Assim, houve um considerável aumento na oferta do número de vagas nas escolas primárias e secundárias em todo o país, mas o número de professores não era suficiente para atender a demanda das escolas criadas (CURI, 2000).

Esse problema também foi sentido em Cascavel, pois mesmo com a chegada de professores formados em licenciaturas ao município, como comentado pelos professores depoentes, ainda havia muita falta de professores. Um exemplo dessa situação pode ser observado no depoimento da professora Tânia que nos contou que conseguiu aulas de Matemática e Física no Colégio Marista, em 1980, um ano após a sua chegada em Cascavel, porque tinha experiência com Ensino Médio, e havia uma carência muito grande de professores, principalmente, para atuar no segundo Grau. Segundo a professora, nesse período, a FECIVEL já havia formado a primeira turma

de Licenciatura em Matemática, mas esses profissionais preferiam lecionar no Ensino Fundamental.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cascavel foi a primeira Instituição de Ensino Superior da Região Oeste do Paraná. Como colocado pelo professor Carlos Calssavara foi a “pioneira” a dar a oportunidade de formação docente para aqueles que queriam seguir a carreira do magistério. Teve início em meados da década de 1970, e foi reivindicada pela população cascavelense devido à necessidade de formar professores para atuar nas escolas municipais e estaduais e também para atender aos estudantes que precisavam se deslocar para outras regiões, em busca da formação superior após terminarem a escola secundária. Embora, como já mencionado anteriormente, apenas as famílias mais abastadas economicamente enviavam seus filhos para os grandes centros urbanos, enquanto que muitos pais não dispunham de condições financeiras para dar continuidade aos estudos de seus filhos.

Além do mais, as transformações econômicas da Região Oeste do Paraná, como já comentado, exigiam pessoas qualificadas para o mercado de trabalho em expansão e não apenas com a formação secundária. Da mesma maneira, os professores que se encontravam em serviço, porém não tinham uma titulação, sentiram-se ameaçados pela chegada de professores licenciados ou concursados vindos de outras regiões (EMER, 1991).

Essa situação foi evidenciada pela professora Maria de Lourdes, quando retornou a Cascavel na década de 1980 e assumiu aulas no Colégio Ideal. A professora comentou que se sentia preparada para lecionar, mas não tinha uma certificação.

Assim, em Cascavel, a sociedade, o poder público municipal, a imprensa, os professores, alunos e a Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (AMOP) mobilizaram-se para acelerar a criação do ensino superior no município. Desse modo, a FECIVEL foi autorizada a funcionar em maio de 1972 por meio do Decreto Federal 70.521 de 15 de maio de 1972, que autorizou a implantação da Fundação Universidade do Oeste do Paraná (FUOP), como entidade Mantenedora, ofertando os Cursos de Pedagogia, Matemática, Ciências de Primeiro Grau e Letras – Português, Francês/Inglês (BRASIL, Decreto nº 70.521, de 1972).

A escolha dos primeiros quatro cursos da Região Oeste do Paraná foi pensada no sentido de suprir as áreas percebidas como mais carentes de professores habilitados. Como colocado pelo professor Carlos, a FECIVEL “tinha essa função

principal que era fazer a formação de docentes para a educação básica".

As primeiras turmas de formandos da FECIVEL foram constituídas, em sua maioria, por profissionais da educação que buscavam na graduação uma certificação para garantir o "espaço de trabalho conquistado" (EMER, p. 290, 1991).

Em seu depoimento, a professora Arleni Langer nos contou que sua mãe, Arlete Sella, participou do primeiro vestibular da FECIVEL, que foi realizado na Associação Atlética Comercial, e iniciou o Curso de Matemática em agosto de 1972[154]. A FECIVEL, segundo a professora, iniciou suas atividades nas dependências do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Na Ata de Formandos de Licenciatura em Matemática Junho/Dezembro de 1976 da primeira turma que concluiu o curso, encontrei informações sobre o Histórico Escolar dos cinquenta alunos que se formaram em dois momentos: colação de grau realizada no dia 26 de junho de 1976, para os alunos que prestaram vestibular em julho de 1972; e em 11 de dezembro de 1976 para os alunos aprovados no processo seletivo no início de 1973. Para o primeiro processo seletivo, os candidatos fizeram provas de Português, Matemática, Física e Química.

O primeiro Curso de Matemática na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cascavel começou, portanto, no segundo semestre de 1972, com duração de quatro anos, e incluía as disciplinas de: Física Geral, Fundamentos da Matemática Elementar, Geometria Analítica, Cálculo Numérico, Cálculo Diferencial e Integral, Física Experimental, Estudo de Problemas Brasileiros, Educação Física. Geometria Descritiva, Desenho Geométrico, Psicologia da Educação Adolescência e Aprendizagem, Didática, Álgebra, Mecânica Racional, Geometria Superior, Estrutura e Funcionamento de Ensino de Primeiro e Segundo Grau e Prática do Ensino de Matemática.

Pude constatar que muitos alunos haviam cursado o Ensino Normal, tanto em Cascavel, como em outras regiões brasileiras. Em Cascavel, os alunos estudaram na Escola Normal Ginasial Carola Moreira e na Escola Normal Colegial Estadual Irene Rickli.

Em 1974, o nome da Fundação mantenedora passa a ser Fundação

---

[154] A inscrição ao primeiro vestibular da FECIVEL foi entre os dias 1 e 15 de julho de 1972, e as provas foram realizadas na sequência. Os candidatos inscritos se deslocavam até o local de provas, com um ônibus especial, que ficou à disposição, em frente à Catedral Nossa Senhora Aparecida durante os dias provas. Disponível em < http://cac-php.unioeste.br/cnu/node/489> Acesso em 29 de outubro de 2014.

Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel, surgindo a FECIVEL. Essa denominação foi mantida até o reconhecimento da UNIOESTE, em 1994, como Universidade Regional e Multi Campi (MARTIN, 2006).

FIGURA 26 – FUNDAÇÃO FACULDADE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS DE CASCAVEL
FONTE: Museu da Imagem E do Som de Cascavel (2013)

Na Ata de Formandos do Curso de Licenciatura em Matemática de dezembro de 1977, consta que se formaram quarenta e um alunos. Para essa segunda turma foram ofertadas as mesmas disciplinas dos anos anteriores, no entanto o processo seletivo constou de provas de Matemática, Português, Física, Química, Biologia e Inglês.

Nos anos seguintes, como observado no depoimento da professora Arleni Langer, já havia ocorrido mudanças na estrutura dos cursos de Licenciatura em Matemática e Ciências, quando ela iniciou a graduação em 1984. A professora comentou que, por força da legislação, os Cursos de Ciências passaram a dar origem a vários tipos de habilitações, sendo ofertado, na FECIVEL, a habilitação em Matemática.

Segundo Baumann e Bicudo (2010), com a resolução do Conselho Federal de Educação nº 30/1974 os cursos de Licenciatura em Matemática, Física, Química e Biologia foram transformados em um único curso de Licenciatura em Ciências. Esse curso poderia ser feito em duração curta, formando o professor para atuar com a

disciplina de Ciências do Primeiro Grau, ou em duração plena formando o professor para atuar, também, com o nível de Segundo Grau, com o ensino da área de sua habilitação: Matemática, Física, Química ou Biologia.

Na FECIVEL, de acordo com Toillier (2013), com o Parecer nº 7.607 de 1978, os cursos de Matemática e de Ciências foram convertidos em um único curso De Licenciatura em Ciências com dois planos distintos: a licenciatura curta que habilitava o professor para atuar no Primeiro Grau e a licenciatura plena, com habilitação em Matemática.

A professora Arleni cursou a licenciatura curta quando morava em Cascavel, mas decidiu assumir aulas em Cafelândia, no Colégio Alberto Santos Dumont, após ter observado, durante o estágio no Colégio Estadual Marilis Faria Pirotelli a dificuldade para uma posterior contratação. Assim, a professora viajava, diariamente, de Cafelândia a Cascavel para cursar a licenciatura plena, a habilitação em Matemática.

Como nos contou em sua entrevista, as disciplinas do curso eram diversificadas e sentiu facilidade para cursá-las. Segundo a professora, as avaliações eram realizadas, na sua grande maioria por meio de trabalhos. As disciplinas de Matemática cursadas na licenciatura curta, Matemática I e Matemática II, por exemplo, tratavam, segundo a professora, dos conteúdos de Segundo Grau. Comentou que apenas na licenciatura plena cursou disciplinas específicas do Curso de Matemática, mas que em comparação com os cursos atuais, eram fracas. Apontou como um provável motivo a falta de formação de alguns professores, que não tinham Mestrado e nem Doutorado.

Após ter concluído a licenciatura plena, em 1987, a professora assumiu aulas de diferentes disciplinas: Desenho Geométrico, Física, Química, Biologia... Segundo a professora Arleni, era possível assumir essas disciplinas porque eram ofertadas no Curso de Ciências e havia carência de professores formados naquela época. A professora atuava de uma maneira polivalente como era almejado pelas políticas públicas com a implantação dos cursos de licenciatura curta.

A obrigação dos cursos de licenciatura curta provocou reações contrárias da comunidade acadêmica que considerava mais adequado uma formação por meio de uma Licenciatura Plena e Específica, como observado pela professora Leila que “havia queixa do pessoal” de que aquela opção de curso não preparava bem para Ciências e nem para a Matemática.

De acordo com Fillos (2008), a licenciatura curta foi perdendo terreno na década de 1990, sendo extinguida definitivamente com a promulgação da LDBEN 9394/96. O artigo 62 da referida Lei previa que a formação do professor para atuar na educação básica deveria ser a nível superior por meio de cursos de graduação de licenciatura plena.

Ao comentarem sobre a FECIVEL, a professora Arleni e o professor Carlos colocaram que era uma instituição municipal que cobrava mensalidade dos acadêmicos, mas a partir de 1985, segundo o professor Carlos, as faculdades que hoje compõe a UNIOESTE foram estadualizadas durante o governo de Álvaro Dias: Fundação Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel (FECIVEL), Faculdade de Ciências Humanas Arnaldo Busato de Toledo (FACITOL), criada em 1980; Faculdade de Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon (FACIMAR), também criada em 1980 e a Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Foz do Iguaçu (FACISA), criada em 1979.

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) foi instituída pela Lei 2352, de 27 de janeiro de 1988 culminando com o processo de reconhecimento em 23 de dezembro de 1994, com a integração dos quatro campi: FECIVEL, FACISA, FACITOL e FACIMAR. A sua sede, a Reitoria, está estabelecida no município de Cascavel. Com a junção das universidades “coirmãs” diversos novos cursos foram implantados.

A UNIOESTE passou a ser a universidade mais importante da Região Oeste do Paraná. Desde a sua criação vem formando muitos profissionais para o mercado de trabalho, não só de Cascavel, mas extrapolando o limite geográfico do município. Dentre os profissionais formados pela UNIOESTE se encontram os professores que atuam, não apenas em Cascavel, mas em todos os municípios paranaenses, trajetória análoga à minha que me formei em Licenciatura Plena em Matemática, na UNIOESTE, em dezembro de 2007 e, atualmente, atuo nas escolas estaduais de Curitiba.

Durante as entrevistas, além de recordar aspectos sobre a escolaridade inicial e a graduação, os professores comentaram sobre diferentes modalidades de cursos de formação ofertados pelas secretarias municipais e estaduais de educação e, também, estudos de pós-graduação em diferentes instituições de ensino superior. Entretanto, dois projetos desenvolvidos na Região Oeste do Paraná foram destacados pelos professores depoentes por promoverem inovações no campo educacional,

científico e cultural nas regiões de intervenção e atuação: Projeto MEC/OEA criado em meados da década de 1970[155] e o Projeto ASSOESTE[156], criado no início da década de 1980.

Sobre o Projeto MEC/OEA, o professor Carlos Calssavara comentou que tratava-se de um projeto que desempenhou um importante papel na formação de profissionais no Oeste do Paraná, em especial, da educação. Acrescenta que, com a construção da usina hidrelétrica de Itaipu, foi necessário "estudar e minimizar os problemas" ocasionados por essa "gigantesca obra" que envolveu dois países: Brasil e Paraguai. Segundo o professor, não bastava apenas construir uma usina hidrelétrica, era necessário ponderar as consequências advindas das grandes inundações de terras em virtude do lago de Itaipu.

O reservatório do lago da Itaipu inundou uma gigantesca área desapropriando propriedades em áreas rural e urbana, removendo brasileiros e paraguaios. Com o alagamento das terras, várias cidades e vilas da Região Oeste do Paraná ficaram submersas. Além do deslocamento de pessoas das terras alagadas, houve o deslocamento de um grande contingente de trabalhadores, de diferentes regiões brasileiras para Foz do Iguaçu. Além da cidade de Foz do Iguaçu, as cidades de Cascavel, Toledo, Marechal Cândido Rondon e Guaíra vieram a sentir os "impactos demográficos, econômicos, sociais, educacionais, culturais e tecnológicos" por força da construção da hidrelétrica de Itaipu (KUIAVA, 2012, p. 274).

O Projeto Especial Multinacional de Educação Brasil/Paraguai/Uruguai conhecido como MEC/OEA foi criado e instituído, em Brasília, no dia 20 de setembro de 1973 por iniciativa da Secretaria Geral da OEA que promoveu entendimento entre três países: Brasil, Paraguai e Uruguai, atendendo regiões específicas de cada um deles: a Região Oeste do Paraná e o Paraguai por conta da construção da usina hidrelétrica de Itaipu e a região de fronteira do Oeste do Rio Grande do Sul e do Uruguai em virtude da construção de uma hidrelétrica na Bacia da Lagoa Mirim. O Projeto foi aprovado em 1974 e as obras iniciaram, nas duas regiões de fronteira, em maio de 1975 (KUIAVA, 2012).

O Projeto Especial Multinacional teve suas bases e origens em três fatores: o primeiro no caráter multinacional que foi estabelecido pelo Conselho Interamericano para a Educação, a Ciência e a Cultura (CIECC/OEA), cuja missão era fortalecer a

---

[155] Ministério da Educação e Cultura/Organização dos Estados Americanos.
[156] Associação Educacional do Oeste do Paraná.

cooperação interamericana entre os países membros por meio de programas e ações de natureza educacional, científica e cultural; o segundo fator estava relacionado à situação de áreas limítrofes de fronteiras dos países envolvidos, procurando intervir com as comunidades influenciadas pelos problemas gerados por grandes empreendimentos de caráter social, econômico e cultural, e o terceiro de amenizar os impactos que a construção da usina de Itaipu viria provocar (KUIAVA, 2012).

Para a execução do Projeto MEC/OEA, foram criados sete subprojetos: Coordenação Administrativa Interna e Orientações Técnica do Projeto, Estudos e Pesquisas, Assistência Técnica a Instituições e Programas Educativos, Capacitação e Aperfeiçoamento de Pessoal para a Educação, Capacitação e Aperfeiçoamento de Mão-de-Obra, Assistência Técnica à Educação Especial e Publicações, todos inseridos em um objetivo geral: “Apoiar e promover o desenvolvimento da Educação, com ênfase na Educação Técnica e Educação Especial, estudando e aplicando novos métodos e formas de Educação Geral, Especial e para o trabalho, preferencialmente, nos níveis da educação de 1º e 2º graus” (BRASIL, 1977, p. 2 apud Toillier, 2012, p. 247).

O Projeto apresentava como objetivos específicos para os três países participantes apoiar e promover projetos de desenvolvimento para a Educação Especial ao nível de Ensino Fundamental, médio, superior e supletivo; para a Educação Tecnológica, abrangendo o ensino médio e a formação profissional; promover estudos para a utilização de novos métodos para a educação geral, especial e profissional, principalmente nos níveis de educação fundamental e média, e promover o intercâmbio e a socialização de ideias e experiências entre as autoridades educacionais e professores dos três países. O Projeto propunha, também, formação e qualificação do quadro de professores e educadores, particularmente no Brasil para atender a demanda de professores formados “aligeiradamente”, como é o caso dos professores que cursaram as licenciaturas curtas (KUIAVA, 2012).

A partir das discussões sobre os problemas educacionais da Região Oeste do Paraná, o MEC/OEA foi implantado como um esforço internacional para minimizar os impactos e problemas sociais ocasionados pelas transformações econômicas advindas da construção da Usina de Itaipu, que já havia iniciado nessa época. O Projeto vislumbrava renovar, desenvolver e fortalecer a infraestrutura educacional da Região Oeste, criando condições para a população superar os diversos problemas gerados pelas transformações sociais, econômicas e culturais.

O Projeto tinha uma Coordenação no Ministério da Educação e Cultura (MEC) e uma Coordenação de Área, localizada em Cascavel, que compreendeu que para estabelecer ações de intervenção era necessário polarizar estudos sobre a realidade social, econômica e educacional da região. Assim, em 1977, a fim de identificar as reais condições de vida da população foi realizada uma pesquisa diagnóstica em três cidades polo da Região: Foz do Iguaçu, Cascavel e Toledo. Para o planejamento e realização da pesquisa foi necessário treinar uma equipe multidisciplinar envolvendo MEC, Estado do Paraná e municípios. O diagnóstico previa um controle, acompanhamento e avaliação do desempenho do sistema escolar. Com esse sistema de controle e acompanhamento foi possível avaliar a defasagem série/idade e número de crianças e adolescentes em idade escolar fora da escola. (KUIAVA, 2012).

O diagnóstico foi concluído em 1978 e revelou que a precariedade do ensino devia-se, também às deficiências da saúde da população. A partir dos resultados, foi feita uma relação dos problemas educacionais da região que deveriam ser sanados para reduzir o alto índice de reprovação, repetência e abandono escolar tanto do Primeiro Grau como do Segundo Grau. Os levantamentos realizados detectaram, também, que havia um percentual elevado de professores regendo salas de aula sem titulação ou uma qualificação para o exercício da docência; escolas carentes de recursos materiais para atender aos alunos e professores e prefeituras sem apoio técnico - pedagógico.

Desse modo, além de programas assistencialistas para a saúde da população, o projeto passou a proporcionar cursos de formação para os professores da Região Oeste em todos os níveis e áreas de atuação, elaborar materiais didáticos e prestar apoio didático-pedagógico, por considerar que uma melhor qualificação docente diminuiria os problemas educacionais e, eventualmente, sociais. O projeto, também, disponibilizou recursos financeiros para a aquisição de livros e materiais para as bibliotecas e instituições de ensino. O Projeto MEC/OEA foi concluído em 1982 e o relatório apresentado em 1983.

Como podemos observar nos relatos do professor Carlos Calssavara e da professora Leila, havia uma grande preocupação, por parte dos representantes do Projeto na Região Oeste do Paraná, de oferecer formação “metodológica de ensino” aos professores, não tratando, na maioria das vezes, das áreas específicas. Em seu depoimento, a professora Leila não fala sobre o MEC/OEA, no entanto, podemos perceber por meio de sua fala, que no período em que assumiu aulas nas escolas de

Cascavel, os cursos que eram ofertados tanto para os professores municipais quanto estaduais provinham de ações conjuntas entre o MEC/OEA e a FECIVEL.

Como o Projeto MEC/OEA tinha data para sua conclusão, a partir de 1979, prefeitos da Associação dos Municípios do Oeste do Paraná (AMOP), presidentes e diretores das cooperativas e COTRIGUAÇU[157], secretários municipais de educação, Faculdades e demais autoridades da Região Oeste mobilizaram-se no sentido de manter as propostas educacionais. Assim, em agosto de 1980, criou-se a Associação Educacional do Oeste do Paraná (ASSOESTE), que foi constituída e mantida pela AMOP, quatro Fundações mantenedoras das Faculdades – FECIVEL, FACISA, FACITOL e FACIMAR, seis Cooperativas da região, diversas Associações de Pais e Mestres das escolas e com o repasse do Projeto MEC/OEA que vigorou até 1982. Assim, a ASSOESTE contou, para sua subsistência, com as cotas de participação das instituições filiadas, pela prestação de serviços gráficos e com o recebimento de verbas federais e estaduais obtidas pelo encaminhamento de projetos aos respectivos órgãos.

As principais ações foram realizadas no âmbito educacional. Segundo Fabro (1993), a ASSOESTE tinha por objetivos: promover o desenvolvimento da educação em todas as suas formas níveis e graus; promover estudos e pesquisa no domínio da educação, para a busca de inovações metodológicas; desenvolver recursos humanos na área da educação; produzir material técnico-didático e instrucional para o professor e para o aluno; prestar serviços educacionais; apoiar e desenvolver ações e programas de caráter cultural.

Desse modo, a ASSOESTE ofereceu assessoria pedagógica aos municípios da Região Oeste do Paraná por ela abrangida. O projeto era composto por um grupo de profissionais, como mencionado pelas professoras entrevistadas, que se reuniam para estudar e planejar programas de aperfeiçoamento para o pessoal da educação, principalmente, como posto pelas professoras Leila, Tânia e Maria de Lourdes, para atender ao “polo do magistério”, os profissionais que atuavam de primeira à quarta série, no tratamento da Matemática, da Língua Portuguesa e de Estudos Sociais. Fabro (1993) coloca que o primeiro curso de Matemática ofertado pela ASSOESTE aos professores, aconteceu no segundo semestre de 1982 tendo como conteúdo o ensino da Matemática por meio de problemas usando material concreto.

---

[157] Cooperativa Central Regional Iguaçu LTDA.

Percebemos nos depoimentos dos professores entrevistados que a ASSOESTE foi de grande importância para a formação matemática dos professores primários, inicialmente. A professora Leila e Tânia contaram suas experiências como professoras formadoras do projeto, enquanto que a professora Maria de Lourdes, destaca, como cursista, a importância das atividades desenvolvidas pelo projeto para sua formação.

Ao que se refere aos projetos de Matemática ofertados pela ASSOESTE, a professoras Leila Deixun e Tânia Bassoi nos contam que se reuniam com as professoras Sílvia Fabro, Maria Lídia e Neiva Galina para discutirem os conteúdos, as metodologias e os recursos que seriam utilizados durante os cursos que aconteciam em cidades vizinhas de Cascavel, municípios da Região Oeste do Paraná como: Dois Vizinhos, Nova Aurora, Goioerê, São Miguel do Iguaçu, Santa Terezinha do Itaipu, Medianeira, dentre outros. Era preparado, para esse momento, segundo a professora Leila, uma apostila para facilitar o entendimento dos professores e a ASSOESTE dispunha de vários recursos metodológicos como o material dourado, o cartaz de pregas, blocos lógicos, dentre outros. Todas as despesas com materiais e deslocamento dos professores formadores e dos professores cursistas eram custeadas pela ASSOESTE.

A professora Tânia contou que as discussões durante as reuniões da ASSOESTE eram sobre as necessidades dos professores que trabalhavam nas regiões interioranas da Região Oeste e não tinham formação, como posto anteriormente, eram chamados de professores leigos. Então, a equipe de professores que coordenava os cursos de Matemática procurava elaborar e propor atividades próximas da realidade dos professores cursistas.

Ao contar suas experiências como cursista do projeto ASSOESTE, Dona Maria de Lourdes coloca que os professores do projeto socializavam metodologias, propunham estudos teóricos e construíam materiais didáticos para serem utilizados nas aulas de Matemática.

Percebemos nas falas das professoras que os projetos de Matemática desenvolvidos pela ASSOESTE tinham como meta atender, principalmente, os professores que trabalhavam nas regiões interioranas da Região Oeste do Paraná e não tinham formação para o exercício do magistério. Para tanto reuniam-se a fim de discutirem os conteúdos, os procedimentos metodológicos, as atividades que seriam propostas e os materiais que construiriam com os professores que participariam do

curso.

Fabro (1993), coloca que no final da década de 1980, a ASSOESTE passou a coordenar um grupo de estudos composto por professores envolvidos com a Educação Matemática de Cascavel ou com professores de outras instituições de ensino superior que eram convidados a proferir palestras para participantes de toda Região Oeste do Paraná. O grupo estabelecia discussões em relação ao embasamento teórico e sobre os conteúdos específicos da Matemática.

Outro papel de destaque da ASSOESTE é que sua estrutura administrativa foi utilizada para desencadear as atividades iniciais que deram origem à atual UNIOESTE, reconhecida como Universidade em dezembro de 1994 (EMER, 2006, KUIAVA, 2012).

A Associação passou a ter problemas financeiros, pois parte de suas ações começaram a ser desenvolvidas pelas instituições de ensino superior, desmotivando a aplicação de recursos por parte dos municípios, encerrando suas atividades em 2002. A AMOP continuou com parte das atividades educacionais promovendo reuniões, seminários e cursos, mas de uma maneira assistemática e nem sempre com a participação de todos os municípios. A UNIOESTE, também, promovendo cursos de pós-graduação, congressos, seminários, simpósios, grupos de pesquisa, revistas científicas e publicação de coletâneas com a presença de professores da Universidade (KUIAVA, 2012).

A partir da minha “análise-síntese” delineei alguns aspectos sobre como o professor que atuou em Cascavel buscou sua formação. Como já mencionado, esses são possíveis elementos que selecionei para desenvolver minha análise, mas há outros aspectos sobre a formação do professor de Matemática que podem ser estudados a partir dos depoimentos dos professores colaboradores dessa pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa me permitiu tecer algumas considerações sobre as questões educacionais do município de Cascavel, em especial, referentes ao processo histórico de formação e atuação do professor de Matemática.

Foi possível destacar que a partir da chegada dos primeiros moradores, início da década de 1930, a primeira escola foi instalada no povoado, nas dependências da primeira igreja, Nossa Senhora Aparecida, e assumida por um professor leigo da comunidade. Após três anos de sua existência, a escola foi assumida por uma professora normalista, a professora Genoveva Boiarski, que se formou pela Escola Normal Regional de Guarapuava.

Nas regiões interioranas do Estado, as escolas eram instaladas, na maioria das vezes, por iniciativa dos povoados que se formavam e eram assumidas por uma pessoa da comunidade considerada mais estudada ou, por uma pessoa, que se submeteu à uma avaliação realizada na capital. Essa avaliação como posto pela professora Darlene era constituída de uma prova de conhecimentos gerais da escola primária e aptidão para o ensino. Essa avaliação era conhecida como Exame de Habilitação.

A primeira instituição formadora de professores em Cascavel foi a Escola Normal de Grau Ginasial Carola Moreira que iniciou suas atividades em 1959 e foi criada em decorrência da precariedade de professores habilitados para o exercício da docência na região. Em 1963 foi criada, também, a Escola Normal Irene Rickli, de nível colegial, que, também passou a formar o professor primário.

A partir do final da década de 1960 a Região Oeste do Paraná passou por uma grande transformação econômica e social. Muitas pessoas se deslocaram para a Região, principalmente colonos vindos do sul do país para dedicarem-se às atividades de agropecuária. Novos empregos foram criados no comércio, bancos, hospitais, escolas, setores públicos requerendo pessoas qualificadas para assumir os novos cargos, não sendo suficiente apenas a formação primária. Era necessária uma melhor escolarização para ocupar as oportunidades de trabalho melhor remunerados e os espaços políticos e de conceituação social. Essa situação motivou a expansão de escolas em toda a Região Oeste do Paraná. Foram implantadas escolas de nível ginasial, colegial, técnico e normal.

No mesmo período, as famílias com maior poder aquisitivo encaminhavam seus filhos para completarem os estudos em grandes centros urbanos, no entanto, muitas pessoas não tinham condições financeiras, restando apenas as alternativas locais. Assim, à medida que os jovens terminavam o colegial, passa-se a ser requerido o ensino superior na Região.

Nesse contexto, foi autorizada a funcionar, em maio de 1972, a primeira instituição de ensino superior do Oeste do Paraná, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cascavel, oferecendo os cursos de Pedagogia e de Licenciatura em Matemática, Ciências e Letras. Esses cursos foram pensados no sentido de atender à necessidade de professores habilitados para o exercício da docência, visto que muitos professores em serviço não tinham nenhuma formação específica.

A partir das discussões sobre os problemas educacionais da Região Oeste do Paraná, foi implantado em 1975, o Projeto Especial Multinacional de Educação – Brasil – Paraguai - Uruguai – MEC/OEA, como um esforço internacional para minimizar os impactos e problemas sociais ocasionados pelas transformações econômicas advindas da construção da Usina de Itaipu, que já havia iniciado nessa época. O Projeto vislumbrava renovar, desenvolver e fortalecer a infraestrutura educacional da Região, criando condições para a população superar os diversos problemas gerados pelas transformações socioeconômicas e culturais. Assim, foi realizada uma pesquisa diagnóstica a fim de verificar as reais condições de vida da população. O diagnóstico foi concluído em 1978 e revelou um alto índice de reprovação ou evasão de alunos que cursavam tanto o primeiro quanto o segundo grau, um percentual elevado de professores não qualificados regendo sala de aula, além da precariedade das escolas.

Assim, além de programas assistencialistas para a saúde da população, o projeto passou a proporcionar cursos de formação para os professores da região em todos os níveis e áreas de atuação, elaborar materiais didáticos e prestar apoio didático-pedagógico, por julgar que uma melhor qualificação docente diminuiria os problemas educacionais e, eventualmente, sociais. Eram convidados professores de outras instituições de renome para ministrar os cursos. O Projeto MEC/OEA foi concluído em 1982 e o relatório apresentado em 1983.

Com o fim do Projeto MEC/OEA, prefeitos e demais autoridades da Região Oeste mobilizaram-se no sentido de manter as propostas educacionais. Assim, em agosto de 1980, criou-se a Associação Educacional do Oeste do Paraná

(ASSOESTE), que foi constituída e mantida por vinte municípios, instituições de ensino superior, cooperativas e com o repasse do Projeto MEC/OEA que vigorou até 1982.

As principais ações foram realizadas no âmbito educacional. Ofertaram formação aos docentes e ao pessoal técnico-administrativo, produziram material didático e socializaram novas metodologias de ensino. A ASSOESTE, por questões financeiras, encerrou suas atividades em 2002. Atualmente a AMOP e a UNIOESTE desenvolvem as atividades antes planejadas e efetivadas pela ASSOESTE (KUIAVA, 2012).

Ao tratar dos diferentes aspectos históricos sobre a formação do professor de Matemática em Cascavel, pude compreender que desde sua constituição houve uma preocupação muito grande com a constituição da escola e a formação do professor. A Região Oeste do Paraná traz consigo essa marca de busca pela escolarização e formação de sua população.

Encerro este trabalho de Mestrado, considerando que esse estudo foi de grande importância para constituir um cenário histórico da formação do professor de Matemática, não só de Cascavel como do Brasil. Os depoimentos dos professores colaboradores nos permitem compreender, além dos diferentes espaços de formação que foram buscados, questões históricas do ensino da Matemática e da Educação como um todo. A riqueza de informações desse período investigado traz outros elementos que possibilitam outras investigações e estudos. Espero que este estudo possibilite reflexões sobre como vem se delineando a formação do professor de Matemática para se repensar as condições postas atualmente.

Senti muita satisfação pessoal em desenvolver esse trabalho. Realizei duas viagens para Barretos, no interior do Estado de São Paulo e seis para Cascavel, município de motivação desse estudo. Reencontrei muitos amigos e conheci outros tantos. Conheci a história de um povo acolhedor, de uma cidade que vivi durante quase vinte anos. Falei com muitas pessoas, visitei muitos lugares. Fui, com certeza, bem recebida por todos. Meu trabalho permitiu que professores de Cascavel contassem suas histórias. Resgatei e registrei informações, pesquisei documentos antigos e fotos. Inevitavelmente, aspirei o pó dos documentos, livros e atas que encontrei nas escolas, na UNIOESTE, no MIS e recebidos pelos depoentes. Tornar-se pesquisadora foi uma experiência fantástica!

REFERÊNCIAS

ABREU, G. S. A. de; MINHOTO, M. A. P. **Política de Admissão ao Ginásio (1931-1945)**: conteúdo e forma revelam segmentação do primário. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas (SP), nº. 46, p. 107-118, jun. 2012.

ALBERTI, V. **Manual de História Oral.** 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **História:** a arte de inventar o passado - Ensaios de teoria da história. 1. ed. Bauru (SP): EDUSC, 2007.

ARRUDA, G. **Cidades e Sertões**. Bauru: EDUSC, 2000.

BAUMANN, A. P. P.; BICUDO, M. A. V. **Cursos de Pedagogia e Matemática formando professores de Matemática para os anos iniciais do Ensino Fundamental:** em busca de uma compreensão. *Revista ZETETIKÉ*, Cempem, UNICAMP, v. 18, nº 34, jul/dez 2010.

BARALDI, I. M. **Retraços da Educação Matemática na região de Bauru (SP):** uma história em construção. 288 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2003.

BRASIL. Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931. Lei Francisco Campos, dispõe sobre a organização do Ensino Secundário. **Diário Oficial da União:** República Federativa do Brasil: Poder Executivo, Brasília, DF, p. 6.945, 1 de maio de 1931. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19890-18-abril-1931-504631-publicacaooriginal-141245-pe.html> Acessado em 24 de outubro de 2014.

_____. Decreto-Lei nº 4.244, de 09 de abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. **Diário Oficial da União:** República Federativa do Brasil: Poder Executivo, Brasília, DF, 10 de abril de 1942. Disponível em: < http://www.soleis.adv.br/leiorganicaensinosecundario.htm> Acessado em 24 de outubro de 2014.

_____. Decreto-Lei nº 8.529, de 02 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Primário. **Diário Oficial da União:** República Federativa do Brasil: Poder Executivo, Brasília, DF, Seção 1, p. 113, 04 de janeiro de 1946. Disponível em: <Http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/6_Nacional_Desenvolvimento/lei%20org%C2nica%20do%20ensino%20prim%C1rio%201946.htm> Acessado em 08 de outubro de 2014.

_____. Decreto-Lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946. Lei Orgânica do Ensino Normal. **Diário Oficial da União:** República Federativa do Brasil: Poder Executivo, Brasília, DF, Seção 1, p. 116, 04 de janeiro de 1946. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8530-2-janeiro-1946-458443-publicacaooriginal-1-pe.html> Acessado em 08 de outubro de 2014.

_____. Decreto nº 27.017, de 14 de dezembro de 1956. Dispõe sobre a instalação em estabelecimentos Oficiais Estaduais de Ensino Secundário de Cursos Intensivos de Preparatórios a Exames de Admissão e sua Regulamentação. Disponível em: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1956/decreto-27017-14.12.1956.html> Acessado em 24 de outubro de 2014.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus. Brasília, 1961.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus. Brasília, 1971.

_____. Decreto nº 70.521, de 15 de maio de 1972. Autoriza o funcionamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cascavel – Paraná. **Diário Oficial da União:** República Federativa do Brasil: Poder Executivo, Brasília, DF, Seção 1, p. 4282, 16 de maio de 1972. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-70521-15-maio-1972-418881-publicacaooriginal-1-pe.html> Acessado em 29 de outubro de 2014.

_____. Ministério da Educação e Cultura; Organização dos Estados Americanos. Plano de Operações: 1978. Projeto Especial Multinacional de Educação Brasil - Paraguai -Uruguai. Brasília (DF), 1977.

CASTANHA, A. P. e FACHI, Z. C. **Memórias das Escolas Normais de Cascavel-PR:** desafios a preservação. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas (SP), número especial, p. 162-180, maio 2012.

CURI, E. **Formação de professores de Matemática:** realidade presente e perspectivas futuras. 2000. 179 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo (SP), 2000.

EMER, I, O. **Desenvolvimento do Oeste do Paraná e a Construção da Escola.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Estudos Avançados em Educação – Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1991.

_____. **ASSOESTE.** Faculdade Assis Gurgacz – FAG, Cascavel, 2006.

_____. Um pouco da História da Educação no Oeste do Paraná. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas (SP), número especial, p. 34-48, maio 2012.

FABRO. S. G. V. **Formação Matemática do Professor de 1ª à 4ª Série no Oeste do Paraná.** 329 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1993.

FILLOS, L, M. **A Educação Matemática em Irati (PR):** memórias e história. 232 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

FRANÇOIS, E. A fecundidade da História Oral. In: FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 8 Ed, 2006, p. 3–13.

FREITAG, L. da C. **Fronteiras Perigosas:** migração e brasilidade no extremo-oeste paranaense (1937-1954). Cascavel: EDUNIOESTE, 2001.

_____. **Extremo-oeste paranaense**: história territorial, região, identidade e (re) ocupação. 2007. 208 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca (SP), 2007.

GARCIA, C. M. **Formação de Professores para uma Mudança Educativa:** Porto, Portugal, 1999.

GARNICA, A, V. M. **A História Oral como recurso para a pesquisa em Educação Matemática**: um estudo do caso brasileiro. Texto submetido ao Congresso Ibero-Americano de Educação Matemática (Porto-Portugal), 2005.

_____. **História Oral e Educação Matemática:** um inventário. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo (SP), v. 02, n. 01, p. 137-160, 2006.

GREGORY, V. **Colonização e Fronteiras:** O caso do estado do Paraná (1930-1960). In: Lopes, M. A. Org. Espaços da Memória: Fronteira. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000.

_____. **Os euro-brasileiros e o espaço colonial:** migrações no Oeste do Paraná (1940-1970). Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

GAERTNER, R. **A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968**: da *Neu Deutsche Schule* à Fundação Universidade Regional de Blumenau. Rio Claro, 2004. 248 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

JENKINS, R. **A História Repensada**. São Paulo: Contexto, 2004.

JOUTARD, P. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 8 Ed, 2006, p. 43–62.

KUIAVA, J. **Formação continuada de professores em terras de fronteiras:** oeste do Paraná 1973-1992. 2012. 607 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas (SP), 2012.

LOZANO, J. E. A. Prática e estilos de pesquisa em história oral contemporânea. In: FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 8 Ed, 2006, p. 15–25.

MACHADO, R. de C. G. **Uma análise dos Exames de Admissão ao Secundário (1930-1970):** subsídios para a História da Educação Matemática do Brasil. 2002. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

MARTIN, É. **A gênese da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cascavel** (1968-1974). 2006. 137 f. Monografia (Especialização em História da Educação Brasileira) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2006.

MARTINS, R. M. **Cuidado de si e Educação Matemática**: perspectivas, reflexões e práticas de atores sociais (1925 – 1945). 304 f. Tese (Doutorado em Educação

Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2007.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas Técnicas Agrícolas e Educação Matemática:** história, práticas e marginalidade. 2007. 265 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2007.

_____. **A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo**: Um exame da década de 1960. 379 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2012.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 4 Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MIGUEL, M. H. B. **A Formação do Professor Para as Escolas Rurais no Paraná no Contexto das Políticas de Educação Nacionais e Internacionais**. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 43, p. 21-31, set 2011.

PADIS, P. C. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná.** São Paulo: HUCITEC; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981.

PORTELLI, A. **Ensaios de História Oral.** Tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RINALDI, R. N. **Adaptação Estratégica em Universidades Públicas:** o caso da Unioeste. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

ROLKOUSKI, E. **Vida de professores de matemática**: (im)possibilidades de leitura. 2006. 288f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro (SP), 2006.

RIOS, D. F. **Memórias de ex-alunos do Colégio de Aplicação da Bahia sobre o ensino da matemática moderna:** a constituição de uma instituição modernizadora. 2012. 504 f. Tese (Doutorado em Ensino, Filosofia e História das Ciências), Universidade Federa da Bahia, Instituto de Física, Salvador (BA), 2012.

SCHNEIDER, C. I. **Os senhores da terra**: produção de consensos na fronteira (oeste do Paraná, 1946-1960). 2001. 149 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba (PR), 2001.

SPERANÇA, A, A. **Cascavel:** a história**.** Curitiba: Lagarto, 1992.

_____. Cascavel: livro ouro, 50 anos de história. Cascavel, 2002.

TOILLIER, J, S. **A formação do professor de (Matemática) em terras paranaenses inundadas.** Rio Claro, 2013. 285 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

THOMPSON, P. **A Voz do Passado: história oral.** Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3 Ed,1992.
VANDER, P. **Terra, sangue e ambição:** a gênese de Cascavel. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013.

VARELA, S, M, B. **Livro Didático Público de Matemática para os Alunos do Ensino Médio do Paraná:** uma nova proposta. Monografia (Licenciatura em Matemática), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2007.

_____. **O Desenvolvimento Profissional do Docente do CEEP – Centro Estadual de Educação Profissional de Curitiba.** Monografia (Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade para Jovens e Adultos) – Departamento de Educação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

VERGUTZ, P, R. **Um Pouco da História da ASSOESTE.** Monografia (Especialização em História da Educação Brasileira) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2006.

VIANNA, C. R. **Vidas e circunstâncias na Educação Matemática**. São Paulo. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. Sem Título. In: GARNICA, A. M, organizador **Cartografias Contemporâneas:** mapeando a formação de professores de matemática no Brasil. Curitiba: Editora Appris, 1 ed, 2014, p. 67–85.

WACHOWICZ, R. C. **Obrageros, mensus e colonos:** história do oeste paranaense. Curitiba: Vicentina, 1987.

_____. **Paraná sudoeste:** ocupação e colonização. Curitiba: Litero Técnica, 1985.

ZAAR, M. H. A Migração Rural no Oeste Paranaense/Brasil: A trajetória dos "brasiguaios". **Scripta Nova:** ***Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales***. Nº 94 (88), Barcelona, v. 88, n. 94, sem paginação, ago 2001. Disponível em < http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-88.htm> Acesso em, 24 de mar. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – CARTA DE APRESENTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E EM MATEMÁTICA

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezado Professor (a),

Agradeço por aceitar participar da nossa pesquisa de Mestrado em Educação Matemática, que será apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Vianna. A pesquisa tem a intenção de delinear um cenário histórico do movimento de formação e atuação de Professores de Matemática, no município de Cascavel (PR), a partir de 1950 até o final da década de1980.

Assim, para alcançar nosso objetivo privilegiamos as entrevistas, cujos registros serão feitos com o uso do gravador. Seguindo uma orientação metodológica da História Oral Temática, é importante advertir aos entrevistados que se busca, por meio de seu testemunho, sua experiência pessoal, evidenciar situações e contextos vivenciados, suas lutas e compreensões do mundo. Assim, não é relevante recordar com precisão uma data ou um nome.

O entrevistado terá plena liberdade de interferir, no sentido de vetar a gravação de passagens da entrevista, bem como proibir a transcrição e a publicação de trechos que julgar inadequados. Entretanto as gravações serão salvas em CDs e ficarão sob a guarda da entrevistadora e/ou de uma instituição que se disponha a cumprir essas exigências, constituindo fonte histórica de referência para futuros trabalhos de outros pesquisadores.

O procedimento metodológico a ser adotado com as gravações compreende a transcrição, seguida da textualização. A transcrição consiste na “de-gravação” do registro oral. Nessa primeira etapa, procuramos nos aproximar o máximo possível das

gravações. Em uma etapa posterior, produzimos a textualização que consiste em recriar o texto em primeira pessoa, respeitando os dados dos depoimentos.

Ambas as formas textuais serão apresentadas ao entrevistado para apreciação e eventuais correções e mudanças pertinentes. Por fim, o entrevistado deverá assinar um documento de cessão de direitos dos documentos escritos.

Certa de que sua participação e contribuições permitirão compor um cenário histórico, para muitos, desconhecido, sobre como vem se delineando a Educação Matemática desenvolvida no Município de Cascavel (PR), coloco-me ao seu inteiro dispor para prestar outros esclarecimentos que desejar.

Atenciosamente
Sandra Maria Banak Varela

_____, _____ de _____ de _____.

_____
Sandra Maria Banak Varela

APÊNDICE 2 – TEMAS PARA AS ENTREVISTAS

TEMAS PARA AS ENTREVISTAS

1) Informações sobre o senhor (a).

- Nome, data de nascimento, filiação, casado (a), filhos (as).
- Cidade em que nasceu, caso não tenha nascido em Cascavel. Como chegou até Cascavel? Cidade em que reside atualmente.

2) Estudos na infância, adolescência e juventude:

- Escolas, colégios, faculdades, universidades.
- Ambiente escolar, rotina, atividades, bibliotecas, materiais, livros, provas, desempenho pessoal.
- Oportunidades de estudo na época.
- Facilidades e dificuldades.
- Pessoas importantes nessa época: familiares, colegas e professores.

3) Motivos, acontecimentos que o (a) levaram a seguir a carreira docente.

- Influências familiares, sociais, profissionais ou acadêmicas.

4) Espaços e contextos de formação buscados para atuar no magistério.

- Cursos, treinamentos, capacitações.
- Momentos de formação mais significativos.
- Experiências adquiridas, melhorias em sua vida.
- Pessoas que exerceram influências nas suas ações e pensamentos: colegas de profissão e professores.
- Expectativas, facilidades e dificuldades na busca por formação profissional.

5) Acontecimentos cotidianos ou profissionais que influenciaram sua carreira.

- Ações e atitudes tomadas no momento.
- Pessoas marcantes envolvidas nesses acontecimentos.

6) Acontecimentos políticos e sociais nacionais e internacionais que recorda e considera importante.

- Em sua família, em Cascavel, Região Oeste do Paraná, no Paraná, no Brasil.
- Repercussão na vida cotidiana.
- Repercussão na educação, na escola.

7) Políticas educacionais implantadas pelo governo que foram vivenciadas e praticadas.

- Mudanças na carreira profissional e na escola.
- Facilidades e dificuldades.

8) Viver no município de Cascavel.

- Costumes, crenças, profissões, vestuário, alimentação, moradia, hospitais, transporte, lazer, cooperativas, relacionamento entre as pessoas, preconceitos, líderes, dificuldades, facilidades.

9) Vida como professor.

- Escolas, Colégios, faculdades.
- Legislação vigente, programas de ensino, planos de aula, recursos didáticos, conteúdos, livros didáticos, autores, atividades pedagógicas, alunos e seus familiares, colegas de trabalho, diretores, administradores, supervisores, inspetores escolares.
- Autoridades da escola (municipal, estadual e nacional), controle oficial das atividades realizadas pelas escolas, colégios e faculdades.
- Discussões sobre questões políticas e cotidianas entre professores e com alunos.
- Outros cargos assumidos.

10) Como aprofundou seus conhecimentos?

11) Projeto MEC-OEA (Ministério da Educação e Cultura-Organização dos Estados Americanos).

12) Projeto ASSOESTE- Associação Educacional do Oeste do Paraná.

APÊNDICE 3 – FICHAS PARA AS ENTREVISTAS

ESTUDOS NA INFÂNCIA
ESTUDOS NA ADOLESCÊNCIA
ESTUDOS NA JUVENTUDE
ESPAÇOS E CONTEXTOS DE FORMAÇÃO
CURSOS, TREINAMENTOS, CAPACITAÇÕES
ACONTECIMENTOS POLÍTICOS E SOCIAIS
VIVER NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL
PROJETO MEC/OEA

PROJETO ASSOESTE
POLÍTICAS EDUCACIONAIS VIVENCIADAS
LEGISLAÇÃO VIGENTE
VIDA COMO PROFESSOR
OUTROS CARGOS ASSUMIDOS
MOTIVOS, ACONTECIMENTOS QUE O (A) LEVARAM A SEGUIR A CARREIRA DOCENTE

APÊNDICE 4 – FICHA PARA REGISTRAR OS DADOS CADASTRAIS DOS DEPOENTES

DADOS DO DEPOENTE

1) Nome do depoente: _____

_____

2) Local e data de nascimento: _____

3) Nome da mãe: _____

4) Nome do pai:_____

5) Nome do marido (da esposa): _____

6) Endereço atual: _____Nº_____

7) Bairro:_____ Cidade:_____ Estado: _____

8) CEP:_____ Telefone:_____

9) E-mail:_____

10) Documento de identidade: _____ tipo: _____

11) Local e Órgão de Emissão: _____

12) Escolas, faculdades e universidades em que estudou: _____

_____

_____

_____

13) Instituições de ensino em que lecionou:_____

_____

_____

_____

14) Local e data das entrevistas: _____

_____

_____

_____

15) Data da chegada em Cascavel ____/____/____ Procedência:_____

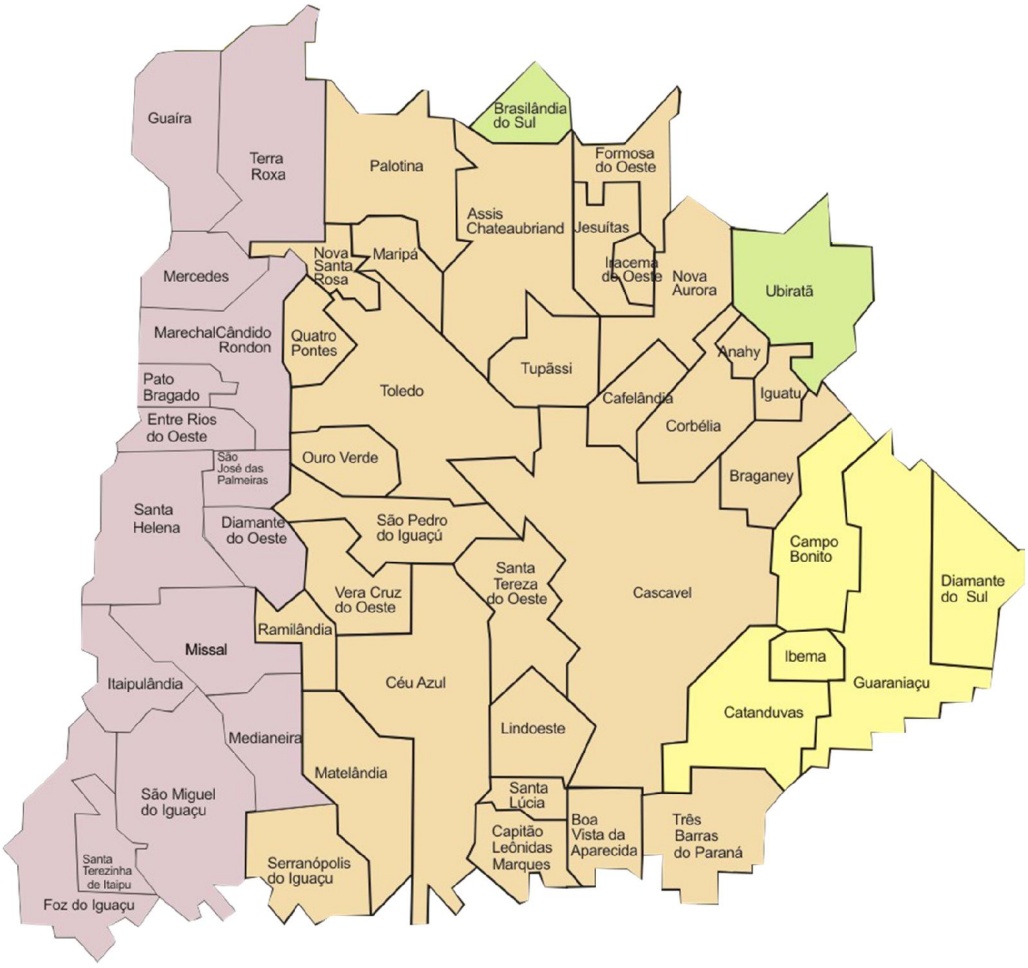
16) Observações: _____

_____

_____

ANEXOS

ANEXO 1 – MAPA DA REGIÃO OESTE DO PARANÁ



FONTE – ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DO PARANÁ (AMOP) (2014)

ANEXO 2 – ATAS DO COLÉGIO ESTADUAL ELEODORO ÉBANO PEREIRA EM 1946, 1947, 1957

1

Ata de exames

Aos vinte e um dias do mês de Novembro do ano mil novecentos e quarenta e seis, na Escola "Reunida Guairacá" de Cascavel, Município de Foz do Iguaçú, regida pela professora Maz Ros Ferreira, presentes as mnas professoras Teonila P. Girão e Dilair S. Fogaça, procedeu-se ao exame do presente ano letivo. Feita a chamada verificou-se a presença de quinze alunos do 1º ano "C" e nove do 2º ano.

Concluido o exame verificou-se o seguinte resultado:

1º ano "C" – Foram aprovados e promovidos para o ano seguinte:

Meninos	Meninas
1- Antonio Schumuski	1- Abgail da Silva
2- Adolfo Fardoski	2- Lodemila L. da Silva
3- Adelar Miotto	3- Maria Americano
4- Denisarte A. da Silva	4- Rosa Nepel
5- João Oviedo	5- Yolanda Morais
6- João Q. Carneiro	6- Yolanda Penteado
7- Jeronimo Brim	
8- Roberto P. Girão	
9- Solano Cavalheiro	
Total - nove	Total - seis

2º ano – Foram aprovados e promovidos para o ano seguinte:

Meninos	Meninas
1- Abrão Morais	1- Agripina P. Reis
2- Arnaldo Dala Costa	2- Otacila Bartinik
3- Edmundo Galeski	3- Teresinha de Jesus Camargo
4- João Nogueira	4- Vitória Trindade
Pedro D. Cardias	
Total - cinco	Total - quatro

(Continuação)

Verificou-se mais a existencia de 98 cadernos de linguagem 73 cadernos de caligrafia, 110 cadernos de aritmetica e 22 de desenho, feitos pelos alunos durante o ano letivo e mais 68 trabalhos manuais.

Nada mais havendo a constar, eu May Ross Ferreira, professora da classe, lavrei a presente ata, da qual disso cópia assinada por mim, e examinadoras.

Presidente da banca: May Ross Ferreira

Examinadoras: Teonilia Pompio Gião
Dilair Silvério Fogaça

Ata de exame

Aos dez dias do mêz de Dezembro do ano mil novecentos e quarenta e sete, numa das salas do Grupo Escolar de Cascavel, municipio de Foz do Iguaçú regida pela professora Iracema Josephi Nogueira presentes a Senhora diretora Dilair Silverio Fogaça e Senhora professora Emir Lacerda Portella procedeu-se a o exame do presente ano letivo. Feita a chamada verificou-se o comparecimento de sete alunos. Não compareceram quatórze alunos.

Concluindo o exame verificou-se o seguinte resultado Do 1º ano R. Foram aprovados para 1º ano B. os seguint alunos.

Meninos

1 Deli Dalres
2 Itacir Massaneiro

Total 2 (dois)

Meninas

1 - Laudi Paula Bastinhi
2 - Zelia Marino
3 - Olena Daluz.

Total 3 (tres)

Verificou-se mais assistencia de 15 cadernos de linguagem, e 19 de caligrafia, 10 de Calculo, feitos pelos alunos durante o ano letivo e ainda.

Nada mais, havendo a constar; eu Iracema Josephi Lacerda Nogueira prof.ª da classe, lavrei a presente ata, da qual vai assinada pela presidente da banca e escarnizadoras.

Presidente da banca
Dilair Silverio Fogaça
Escarnizadoras: Emir Lacerda Portella
Iracema Josephi Nogueira

Ata de exames

4º ano

Aos dezoito dias do mês de novembro do ano de um mil novecentos e cinquenta e sete, numa das salas do Grupo Escolar de Cascavel, município de Cascavel regida pela professora Leonora Bartnik Tonhoski, presente a a Snra. Diretora do Estabelecimento e snras professoras Estanislava Korzekwa, Leonora Viero, Sara Honorz Kotcheski; procedeu-se os exames do ano letivo.

Verificou-se que a classe nêste mês contava com 19 alunos matriculados. Feita a chamada, verificou-se a presença de 19 alunos.

Concluido o exame verificou-se o resultado seguinte:

Foram aprovados e concluiram o curso os seguintes alunos.

Meninos

1. Edino José Perboni - 8,8
2. Flori Ferreira - 8,1
3. Antonio Edson Gruber. 7,9
4. José Antonio da Veiga - 7,7
5. Romeu Tolentino - 7,5
6. Dseias Paulino de Souza 6,8
7. Olair José Ribeiro 6,1
8. Augusto Antonio Sartori 5,4 -

Obs. O aluno Augusto Antonio Sartori não foi aprovado por não alcançar média em Português.

Total - 7 meninos

Meninas

1. Maria Scherloski - 8,9
2. Alzira Maria Siqueira - 8,4
3. Plantila Maria Bohomenberger. 8,4
4. Neiva Longo 8,4
5. Helena Scherloski 8,1
6. Elza Dumin 7,9
7. Maria Sirlei Neto 7,2
8. Lenira Tromlini 7
9. Rosy Hollanda 6,9
10. Dseias Paulino de Souza 6,8 digo
11. Amelia da Rocha Prestes 6,7
12. Amelia Volochen 6,6

Total - 11 meninas

Nada mais havendo a constar eu Leonora Bartnik Tonhoski, professora da classe, lavrei a presente ata que assino com a presidente da banca

e examinadoras:

Presidente - Léa Cordeiro da Cruz

Examinadoras - Estanislava D. Karzekwa

Leonora G. Vieira

Sara Honorê Motecheski

Professora - Leonora Bartnik Tankoski

ANEXO 3 – CARTA DE CESSÃO MARIA DE LOURDES PRADO BECKER

Carta de Cessão

Eu, **Maria de Lourdes Prado Becker**, RG **980.365-3,** CPF **603.678.659-04**, declaro para devidos fins ceder a Sandra Maria Banak Varela, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação das entrevistas que lhe concedi nos dias 11/12/2013 e 03/06/2014 e também sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e validada. Da mesma forma, autorizo outros pesquisadores a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Sandra Maria Banak Varela, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Cascavel, 10 de outubro de 2014.

MON CARTÓRIO

Maria de Lourdes Prado Becker

1º TABELIONATO DE NOTAS - CASCAVEL - PARANÁ
RUA SOUZA NAVES, 3755 - CEP 85801-120 - FONE/FAX (45) 2101-7863
PAULO ROBERTO MION - TABELIÃO

Selo Nº ecMY6.g2xBs.GK6pU, Controle: 4yrAe.YwhS Valide em http://funarpen.com.br. Reconheço *por SEMELHANÇA*, a assinatura de MARIA DE LOURDES PRADO BECKER. Cascavel-PR, 17 de outubro de 2014.
Em Testº da Verdade.
Drielly De Freitas Grapiglia - Escrevente Notarial

Mion Cartório
Paulo Roberto Mion
1º NOTÁRIO

ANEXO 4 – BOLETIM DA PRIMEIRA SÉRIE GINASIAL DE MARIA DE LOURDES PRADO BECKER

(Reservado para reconhecimento de firmas)

TABELIONATO CHACON

Maria de Lourdes Prado
Nome do Aluno

25. 9. 1944
Data do Nascimento

1º de Maio
Cidade

Paraná
Estado

Delfino Dias do Prado
Nome do Pai

Ana Maria do Prado
Nome da Mãe

EXAME DE ADMISSÃO

Colégio e Escola Normal Part. Santa Maria
Estabelecimento que expediu o certificado

Assis
Cidade

São Paulo
Estado

RESULTADOS

Português	67	Aritmética	67
Geografia	45	História	50
Média Geral	54	Data	28. 2. 1957

Observações:

Dobre aqui

1.º CICLO

Col. e Esc. n. Part. "Santa Maria" Assis SP

	Português	Latim	Francês	Inglês	Matemát.	Ciências	História Geral	História do Brasil	Geografia Geral	Geografia do Brasil	Trabalhos Manuais	Desenho	Canto Orfeônico	Nota Global
1.ª série	630	678	863	x	663	x	x	708	731	x	910	786	720	731

Nome do Estabelecimento: Col. e Esc. n. Part. "Itahaiá" — Ano: 1957 — Nome do Inspetor: a) Newton Nogueira Brando

2.ª série														

Nome do Estabelecimento — Ano — Nome do Inspetor

3.ª série														

Nome do Estabelecimento — Ano — Nome do Inspetor

4.ª série														

Nome do Estabelecimento — Ano — Nome do Inspetor

Ir. Maria de Loudes Grossi
Diretor Reg. n: 2.269

Irmã Brandão
Inspetor Reg. n.º 3371

ANEXO 5 – BOLETIM DA SEGUNDA SÉRIE GINASIAL DE MARIA DE LOURDES PRADO BECKER DA ESCOLA NORMAL REGIONAL CAROLA MOREIRA

ESCOLA NORMAL DE GRAU GINASIAL "CAROLA MOREIRA" - CURSO: NORMAL REGIONAL - CASCAVEL - PR.

NOME DO ALUNO: Maria de Lourdes Prado

DATA DE NASCIMENTO: 25/09/44 LOCAL: Primeiro de Maio - PR

FILIAÇÃO: Delfino Dias do Prado e Ana Maria do Prado

	Português	Inglês	Francês	Latim	Matemática	Hist.Geral	Hist.Brasil	Geog.Geral	Geog.Brasil	Inic.Ciênc.	Ciências Fís.e Biol.	Ciênc.Nat.	Anatomia	Psicologia	Did.e Prat.	Desenho	Trab.Man.	Música	Canto Orfeônico	O.S.P.B.	Ed.Física	Higiene
Admissão																						
Estab:					Local:								Ano:			Diretor:						
1ª série																						
Estab:					Local:								Ano:			Diretor:						
2ª série	80				88			71				80				77	96	88			100	
Estab: EN de GJ Carola Moreira					Local: Cascavel - PR								Ano: 1959			Diretor: Irene G. Rickli						
3ª série																						
Estab:					Local:								Ano:			Diretor:						
4ª série																						
Estab:					Local:								Ano:			Diretor:						

OBSERVAÇÕES:

ANEXO 6 – LOUSINHA DE MADEIRA UTILIZADA PELOS ALUNOS DA ESCOLA ISOLADA FAZENDA SANTO ANTÔNIO

ANEXO 7 – PÁGINAS DO LIVRO “400 PROBLEMAS PARA O CURSO PRIMÁRIO” UTILIZADO POR MARIA DE LOURDES PRADO BECKER

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

1.° ANO

PROGRAMA INSTITUIDO PELO ATO Nº 17, DE 23/2/49 DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

1º ANO — FEVEREIRO

1	Duas galinhas quantos pés têm?	4
2	Maria tinha duas bonecas e ganhou outra boneca. Com quantas bonecas ficou?	3
3	Paulo tinha 3 balas e deu uma a seu irmão Carlos. Com quantas balas ficou?	2
4	Maria foi ao jardim e colheu um cravo, duas rosas e duas margaridas. Quantas flôres colheu Maria?	5
5	Quanto vale a metade de um metro de fita se um metro vale 4 cruzeiros.	2
6	Carlos tinha 5 bolinhas e perdeu 3. Com quantas bolinhas ficou?	2
7	Tenho 4 balas para distribuir por 4 meninos. Quantas balas receberá cada menino?	1
8	Dois meninos compraram uma borracha. Cada menino gastou 2 cruzeiros. Quanto custou a borracha?	4

1º ANO — MARÇO

1	Mário tem 5 livros e seu irmão tem um. Quantos livros têm os dois irmãos?	6
2	Paulo ganhou 5 balas e chupou uma. Com quantas balas ficou?	4
3	Em uma gaiola estavam 6 passarinhos e fugiram 2. Quantos passarinhos ficaram na gaiola?	4
4	Oscar comprou um frango, 3 galinhas e 2 galos. Quantas aves comprou Oscar?	6

5	Amélia repartiu 6 cruzeiros por 3 meninos. Quantos cruzeiros recebeu cada menino?	2
6	Dos automóveis quantas rodas têm?	8
7	Quantos dedos você tem nas duas mãos?	10
8	Laura tinha 10 balas e deu a metade a Pedro. Quantas balas ganhou Pedro?	5

1º ANO — ABRIL

1	Laura tinha uma dezena de laranjas e chupou 3 laranjas. Quantas laranjas sobraram?	7
2	A mãe de Oscar comprou 3 galos, 7 galinhas e 3 patos. Quantas aves comprou?	13
3	Paulo tem dois lápis e Maria tem o dobro. Quantos lápis tem Maria?	4
4	Em um ninho estavam 9 ovos e Alice tirou 4. Quantos ovos ficaram no ninho?	5
5	O avô de Oscar comprou 14 balas para Oscar e Maria. Quantas balas recebeu cada um?	7
6	Quanto custam 5 lápis se um lápis custa 3 cruzeiros?	15
7	Em 8 carteiras quantos alunos podem ficar estando 2 em cada carteira?	16
8	Roberto tem 4 bolsos e em cada bolso 5 balas. Quantas balas tem Roberto?	20

1º ANO — MAIO

1	Tenho 20 lápis para repartir por 4 meninos. Quantos lápis deve receber cada menino?	5
2	Rosa tem 7 bonecas e sua amiguinha Alice tem 5. Quantas bonecas têm as duas meninas?	12
3	Quantas balas há em 5 embrulhinhos se em cada embrulhinho há 5 balas?	25
4	Em uma árvore estavam 19 passarinhos e voaram 13. Quantos ficaram na árvore?	6

5	Augusto tem 12 bolinhas e Manuel tem 13. Quantas bolinhas têm os dois meninos?	25
6	Antenor tinha 23 cruzeiros e gastou 12. Com quantos cruzeiros ficou?	11
7	De uma cesta onde havia 37 ovos tirei 15. Quantos ovos ficaram na cesta?	22
8	Quanto vale a metade de um metro de fazenda se o metro vale 20 cruzeiros?	10

1º ANO — JUNHO

1	Um sitiante levou à feira 17 frangos e 20 galinhas. Quantas aves levou?	37
2	Recebi uma cesta de frutas com 10 laranjas, 3 mangas e 5 goiabas. Quantas frutas recebi?	18
3	Qual é o preço de um caderno se 4 cadernos custam 16 cruzeiros?	4
4	Em uma gaiola estavam 24 passarinhos e fugiram 14. Quantos passarinhos ficaram na gaiola?	10
5	5 meninos compraram um livro. Cada menino pagou 4 cruzeiros. Quanto custou o livro?	20
6	Duas dúzias de ovos quantos ovos são?	24
7	Comprei 3 metros de fazenda. Cada metro custou 10 cruzeiros. Quanto gastei?	30
8	Em um mês um operário só trabalhou 20 dias. Quantos dias deixou de trabalhar?	10
9	Marcos tinha 40 bolinhas e perdeu 10. Com quantas bolinhas ficou?	30
10	A avó de Otávio tinha 26 galinhas e matou 12. Com quantas galinhas ficou?	14
11	3 meninos compraram uma peteca por 18 cruzeiros. Quanto pagou cada menino?	6
12	7 cavalos quantas patas têm?	28

1º ANO — AGÔSTO

1	O pai de Oscar repartiu 45 balas por 5 meninos. Quantas balas recebeu cada menino?	9

2.° ANO

PROGRAMA INSTITUIDO PELO ATO Nº 24, DE 7/4/1949 DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

2º ANO — FEVEREIRO

1	Um menino vendeu 3 dezenas de laranjas, 4 centenas de bananas e uma dúzia de maçãs. Quantas frutas vendeu o menino?	442
2	Plínio comprou um cento de bananas, uma dúzia de peras e duas dúzias de marmelos. Quantas frutas comprou Plínio?	136
3	Carlos ganhou Cr$ 0,60 de seu padrinho, Cr$ 1,80 de seu irmão e Cr$ 0,30 de sua madrinha. Quanto ganhou Carlos?	Cr$ 2,70
4	Em um grupo escolar estão matriculados 345 meninos e 278 meninas. Quantos alunos há no grupo escolar?	623
5	No quintal da casa de Paulo há duas dúzias de patos, 46 frangos e 39 galinhas. Quantas aves Paulo tem no quintal?	109
6	Um operário trabalhou 4 dias; no 1º dia ganhou C$ 6.90; no 2º dia Cr$ 7,60; no 3º dia Cr$ 8,40 e no 4º dia Cr$ 7,80. Quanto recebeu?	Cr$ 30,70
7	Em uma fazenda há 59 colonos brasileiros, 69 portuguêses, 30 alemães e 146 japonêses. Quantos colonos têm a fazenda?	304
8	Um menino fêz uma viagem e gastou Cr$ 39,00 em passagem, Cr$ 31 00 em automóvel e Cr$ 27,00 num lanche. De quanto foi a sua despesa?	Cr$ 97,00

2º ANO — MARÇO

1	Pedro tinha Cr$ 20,00 e gastou Cr$ 11,80. Com quanto ficou?	Cr$ 8,20
2	Carlos comprou 4 centenas de laranjas e vendeu 7 dezenas. Com quantas laranjas ficou?	330

3	Um boiadeiro tinha 1.006 bois e vendeu 309. Com quantos bois ficou?	697
4	Quanto custam 5 quilos de feijão se um quilo custa Cr$ 9,50?	Cr$ 47,50
5	Qual é o preço de um metro de fita se 5 metros custam Cr$ 33 50?	Cr$ 6,70
6	Comprei um caderno por Cr$ 6,50 e dei em pagamento Cr$ 4,90. Quanto fiquei devendo?	Cr$ 1,60
7	Oscar tem 28 anos e seu avô tem 91. Quantos anos Oscar é mais moço?	63
8	Comprei 4 metros de chita a Cr$ 12,80 o metro. Quanto paguei?	Cr$ 51,20

2º ANO — ABRIL

1	Quanto custam 6 canetas se uma custa Cr$ 7,50?	Cr$ 45,00
2	9 metros de elástico custaram Cr$ 76,50. Quanto custou cada metro?	Cr$ 8,50
3	Fui à feira e comprei 8 peras por Cr$ 68,00. Qual foi o preço de uma pera?	Cr$ 8,50
4	Um fazendeiro tinha 246 bois. Vendeu para o açougueiro 32 e 95 para um seu vizinho. Com quantos bois ficou?	119
5	Em um ponto de automóveis estavam 25 carros, chegaram 8 e saíram 13. Quantos ficaram no ponto?	20
6	Lídia tinha Cr$ 12,50. Deu Cr$ 3,60 a seu irmão e Cr$ 0,60 de esmola. Com quanto ficou?	Cr$ 8,30
7	Paulo devia Cr$ 12,00 ao sapateiro, Cr$ 7 00 ao padeiro e Cr$ 0,50 ao verdureiro. Pagou essas dívidas com uma cédula de Cr$ 20,00. Com quanto ficou?	Cr$ 0,50
8	Carlos trabalhou uma semana ganhando Cr$ 9,50 por . Quanto recebeu?	Cr$ 57,00

2º ANO — MAIO

1	Um lápis custa Cr$ 1 50. Quanto custa uma dúzia de lápis?	Cr$ 18,00
2	Qual será o preço de uma arrôba de açúcar se um quilo custa Cr$ 12,00?	Cr$ 180,00

4	Uma lavadeira ganha Cr$ 13 80 por dúzia de roupa que lava. Quanto deve receber por 5 dúzias e 5 peças?	Cr$ 74,75
5	Comprei 7 dúzias e 8 ovos a Cr$ 28 80 a dúzia. Quanto paguei?	C.$ 220,80
6	Tenho Cr$ 75.00 para comprar sabonetes. Quantos poderei comprar se uma dúzia custa Cr$ 180 00?	5
7	Quanto valem 12 metros de chita se meia dezena vale Cr$ 42,50?	Cr$ 102 00
8	Comprei 18 metros de fita a Cr$ 6 40 o metro. Dei para pagar Cr$ 200 00. Quanto recebi de trôco?	Cr$ 84,80

2º ANO — REVISÃO

1	De uma cesta onde estavam 13 dúzias de ovos foram retirados 89 ovos. Quantos ovos ficaram na cesta?	67
2	Luiz tinha C.$ 42 00 e gastou 1/3. Com quanto ficou?	Cr$ 28,00
3	Antônio trabalhou 17 dias ganhando Cr$ 225,00 por mês. Quanto recebeu?	C.$ 127,50
4	Se um quilo de café custa C.$ 60,00, quanto custa uma arrôba?	Cr$ 900,00
5	Um menino trabalhou 6 dias e 6 horas ganhando Cr$ 18.00 por dia. Quanto deve receber se no dia de trabalho do menino e a de 8 horas?	Cr$ 121,50
6	Um chacareiro vendeu 3 centenas de mangas por C.$ 990,00. Qual o preço de cada manga?	Cr$ 3 30
7	Artur trabalhou 18 dias e recebeu Cr$ 121 60. Quanto tem ainda para receber se ganha diàriamente Cr$ 17 00?	Cr$ 184,10
8	Fui à feira com Cr$ 25 00 e voltei com Cr$ 2,50 e 7 abacaxis. Quanto custou cada abacaxi?	Cr$ 7,50
9	Comprei uma dezena de frangos duas dezenas de patos e meia centena de galinhas. Vendendo a metade dessas aves com quantas fico?	40

10	Um jornaleiro que ganhava mensalmente Cr$ 480,00 recebeu C.$ 96,00. Quantos dias trabalhou?	6
11	Paulo gasta por mês Cr$ 75,00. Em um ano quanto gastará?	Cr$ 900,0
12	Tenho em quatro gavetas dinheiro para comprar uma dúzia de cadernos a Cr$ 5,50 cada um. Quanto tenho em cada gaveta?	Cr$ 16,5
13	Mário comprou uma dúzia de metros de fita a Cr$ 7,20 o metro e Oscar comprou uma dúzia de lenços a Cr$ 28,50 cada um. Quanto gastaram os dois meninos?	Cr$ 428,4
14	Paulo e Sebastião têm 45 bolinhas. Paulo tem 5 bolinhas mais que Sebastião. Quantas bolinhas tem cada um?	20 e 2
15	Se um cento de tijolos custa Cr$ 120,00 quanto custam 7 dúzias e meia?	Cr$ 108,0
16	Qual é o ordenado mensal de um menino que ganha Cr$ 126,00 em 12 dias?	Cr$ 315 0
17	Um lápis custa a metade do preço de um caderno. Com Cr$ 14,40 posso comprar 6 cadernos. Quantos lápis poderei comprar com essa quantia?	12
18	Pedro trabalhou 5 dias e recebeu Cr$ 85,00. Quanto receberia se tivesse trabalhado um mês e 6 dias?	Cr$ 612,0
19	Vendi 12 quilos de tomate a C.$ 18,00 o quilo. Com o dinheiro recebido comprei 25 metros de chita de Cr$ 8 20 o metro. Com quanto fiquei?	Cr$ 11,0
20	Com Cr$ 18,00 quantas laranjas poderei comprar se uma dúzia custa Cr$ 24,00?	9

3.° ANO

PROGRAMA INSTITUIDO PELO ATO Nº 46, DE 26/7/49 DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

	3º ANO — FEVEREIRO	
1	Paulo comprou uma dezena de galos, 5 centenas de galinhas e meia centena de perus. Dessas aves morreram a metade. Quantas ficaram?	280
2	Um construtor comprou 8 milheiros de tijolos para fazer uma garage. Quanto gastou sabendo-se que uma centena de tijolos custa Cr$ 120,00?	Cr$ 9.600,00
3	De um bosque onde havia uma centena de ipês, 8 dezenas de carvalhos e um milheiro de eucaliptos, cortaram 390 árvores. Quantas ficaram?	790
4	Carlos plantou em sua chácara duas mil mudas de laranjeiras 8 centenas de macieiras e 6 dezenas de pessegueiros. Das mudas plantadas apenas morreram 9 dúzias. Quantas cresceram?	2752
5	Duas dúzias de maçãs custam Cr$ 352,00. Quanto custarão 4 dezenas de maçãs?	Cr$ 420,00
6	Um operário trabalhou 15 dias ganhando por dia Cr$ 180,00. Recebendo o que ganhou, comprou 36 metros de brim. Qual foi o preço de um metro de brim?	Cr$ 75,00
7	Fui à loja com uma cédula de Cr$ 200,00 e voltei com Cr$ 45,20 de trôco e uma dúzia de lenços. Quanto custou cada lenço?	Cr$ 12,90
8	Ganhei uma cesta contendo uma centena e quatro dezenas de frutas. Destas, 6 dúzias eram laranjas e as restantes abacates. Quantos eram os abacates?	68
	3º ANO — MARÇO	
1	Escreva em algarismos romanos os números: 58; 204 e 1529.	LVII; CCIV; MDXXIX

2	Dê em algarismos romanos o total das seguintes parcelas: 1147; 879 e 86.	MMCXII
3	Subtraindo-se 8.784 do produto de 108 e 657, quanto fica?	62.172
4	Qual será o minuendo de uma operação cujo subtraendo é 975 e o resto 1728?	2703
5	Ache o multiplicador da operação cujo produto é 22.356 e o multiplicando é 27?	108
6	O cociente de uma divisão é 608 e o divisor é 75. Qual é o dividendo?	45.600
7	Um menino trabalhou 106 dias ganhando Cr$ 25,00 por dia. Recebendo seu dinheiro presenteou o irmão com Cr$ 525,00 e, com o restante, comprou fazenda de Cr$ 85,00 o metro. Quantos metros comprou?	25
8	Com Cr$ 799,00 posso comprar 34 livros. Com Cr$ 423,00 quantos livros comprarei?	18
	3º ANO — ABRIL	
1	Com 1/4 de Cr$ 500,00 comprei 1/2 dezena de lenços. Quanto custou cada lenço?	Cr$ 25,00
2	José ganha Cr$ 600,00 por mês e apenas gasta 1/5. Qual será a sua economia anual?	Cr$ 5.760,00
3	Um rádio custou 2/8 de Cr$ 24 000,00. Quanto custou o rádio?	Cr$ 6.000,00
4	Paulo tinha Cr$ 216,00 e gastou 3/8 dêsse dinheiro na compra de 18 cadernos. Quanto custou cada caderno?	Cr$ 4,50
5	Artur comprou uma bicicleta de Cr$ 5.800,00 e só pagou 6/10. Quanto está devendo?	Cr$ 2.320,00
6	Comprei 200 frangos por Cr$ 11.000,00. Vendi 5/8 a Cr$ 60,00 e o restante a Cr$ 50,00 cada um. Ganhei ou perdi? Quanto?	Ganhei Cr$ 250,00
7	Sérgio tem 3/7 da idade de seu avô que conta 63 anos. Quantos anos Sérgio é mais moço que o avô?	36 a.
8	Gastei 3/5 do meu dinheiro e ainda fiquei com Cr$ 25 00. Quanto eu tinha?	Cr$ 62,50

13	Quanto vale 1 kg. de um medicamento se, 0,2 g. valem Cr$ 0,70?	Cr$ 3.500,00
14	Qual será o preço de 2/5 de 1 dal. de vinho se, 1/4 custa Cr$ 23,00?	Cr$ 368,00
15	Comprei alguns metros de brim por . . . Cr$ 70,00. Se eu tivesse comprado mais 3 metros teria pago Cr$ 154,00. Quantos metros comprei?	2,5 m.
16	Se 0,5 l. de vinho custam Cr$ 37,50, quanto custará um barril que tem 48 litros?	Cr$ 3.600,00
17	Lídia foi à loja e comprou 17,70 m. de flanela. Deu em pagamento uma cédula de Cr$ 500,00 e recebeu de trôco Cr$ 57,50. Qual foi o preço de um metro de flanela?	Cr$ 25,00
18	Um menino que ganha Cr$ 2.160 00 por ano trabalhou 15 meses e meio. Quanto tem ainda para receber se já tirou o ordenado de um semestre?	Cr$ 1.710,00
19	Um livro e um lápis custam Cr$ 21,00. O livro custa Cr$ 12,00 mais que o lápis. Quanto custa o livro?	Cr$ 16 50
	Quanto custa o lapis?	Cr$ 4,50
20	Em 10 dias de serviço um pedreiro fêz 43,87 m. de muro. Quantos metros fêz por dia?	4,387 m.

4.° ANO

PROGRAMA INSTITUIDO PELO ATO Nº 5, DE 9/1/1950 DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

	4º ANO — FEVEREIRO	
1	Em um dia uma senhora faz 2,25 m. de renda. Quantos metros fará em uma quinzena?	33,75 m.
2	De uma peça de fazenda que tinha 36,80 m. o comerciante vendeu a metade a Cr$ 35,00 e o resto a Cr$ 30,00. Quanto apurou?	Cr$ 1.196,00
3	De um depósito onde havia 6 kl. e 8 hl. de vinho retirei 12 dal. e 6,25 l. Quantos litros sobraram no depósito?	6.673,75 l.
4	Mário comprou a oitava parte de uma peça de fazenda que tinha 36 m. ao preço de Cr$ 36,00 o metro. Quanto pagou?	Cr$ 162,00
5	Em 100 dias de serviço um operário fêz 386,80 m. de muro. Quantos metros fêz por dia?	3,868 m.
6	Em janeiro Carlos trabalhou 19,5 dias; em fevereiro 18,75 dias; em março 17,25 dias; em abril 20 dias; em maio 8,1 dias e em junho 14,6 dias. Quantos dias trabalhou nesse semestre?	98,20
7	Se 3,85 m. de chita custam Cr$ 77,00, quanto custam 2,45 m. da mesma chita?	Cr$ 49,00
8	De uma peça de fazenda que media 36,90 m. o comerciante vendeu a têrça parte. Com quantos metros ficou?	24,60 m.
	4º ANO — MARÇO	
1	Aristides tem dinheiro para comprar 8 peras e 4 maçãs. O preço de cada maçã é o dôbro do preço de cada pera. Quanto tem Aristides se o preço de uma pera é de Cr$ 7,50?	Cr$ 120,00
2	Um padeiro comprou 6 sacas de farinha a Cr$ 17,00 o quilo. Quanto pagou se cada saca pesava 44 quilos?	Cr$ 4.488,00

ANEXO 8– BOLETIM DE 2ª SÉRIE DO CURSO PRIMÁRIO DO ALUNO JOSÉ DEVANIR LOPES, DA ESCOLA ISOLADA FAZENDA SANTO ANTÔNIO EM 1964.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DO PARANÁ

BOLETIM

Escola: Fazenda Sto Antonio
Aluno: José Devanir Lopes
Professor: Maria de L. Prado
Diretor: _____

Série 2ª
1964

INFORMAÇÕES

Idade do aluno (dia, mês e ano) _____
Nacionalidade _____
Lugar em que nasceu _____
Nome do pai ou tutor _____
Nacionalidade do pai ou tutor _____
Foi vacinado? _____ Quando? _____
Data da matrícula, _____ de _____ de 19____

NOTA — O pai ou tutor dará as informações pedidas neste boletim.

Exames Finais
Aritmética: 6,5
Português: 6,2
C. Gerais: 5,0

Médias
Anual: 6,4
De exame: 5,9

Classificação dos alunos pelas médias:
De 0 a 4,4 . . . . Fracos
De 4,5 a 7,4 . . . . Médios
De 7,5 a 10 . . . . Fortes

Meses	Port.	Arit.	C. Gerais	Média	Comport.	Aplic.	Faltas Just.	Faltas Inj.	Assinatura do pai ou tutor
Março	5,0	5,6	5,0	5,2	9,0	5,0	–	–	Amado Lopes Galdino
Abril	6,6	8,8	5,1	6,8	8,5	6,0	–	–	Amado Lopes Galdino
Maio	5,1	8,2	5,3	6,2	9,0	6,5	–	–	Amado Lopes Galdino
Junho	6,3	7,4	7,5	7,0	9,5	7,0	–	5	Amado Lopes Galdino
Agôsto	4,6	6,1	5,5	5,4	9,5	6,5	–	1	Amado Lopes Galdino
Setembro	7,5	5,0	6,0	6,1	9,5	7,0	–	–	Amado Lopes Galdino
Outubro	5,7	7,7	6,3	6,5	9,0	7,0	–	–	Amado Lopes Galdino
Média Anual	5,8	7,5	6,1	6,4					

Média de Aprovação: 5,9

OBS.: À vista das notas obtidas nas provas e exames finais, fica o aluno com direito a matricular-se na 3ª série do Curso Primário.

ANEXO 9 – MODELO DE AULA PARA A ESCOLA DE VERA CRUZ DO OESTE DE MARIA DE LOURDES PRADO BECKER EM 1982

22º dia de aula - 26.03.82 Sexta - feira

Oração coletiva e individual.
Trabalhar no livro do período preparatório a partir da página 25.
Entregar uma folha para cada aluno, com seu nome completo e as vogais para escrever e estudar em casa.
Obs: Neneide Substituta

23º dia de aula - 29.03.82 - seg. feira

Oração coletiva e individual.
Recapitular as vogais e os enc. vocálicos já ensinados.
Apresentar ou e uai, leitura e escrita com dramatização.
Leitura coletiva e individual no quadro. Cópia nos cadernos.

a e i o u ai oi ia eu au ao ei
A E I O U Ditado: e a i u o A I U E O

Ditado: ai eu ia oi uai

Vamos juntar?

1 + 1 = 2 1 +1 = 2
2 + 2 = 4 2 +2 = 4
2 + 1 = 3 2 +1 = 3
3 + 1 = 4 3 +1 = 4

Tabuada oral coletiva e individual

Visto
p/ Supervisão
23/03/82
Resp.

24º dia de aula - 30.03.82 - terça - feira

Oração coletiva e individual.
Recapitular as vogais e os enc. vocálicos. Leitura coletiva e individual no quadro. Cópia das mesmas.
Traçado da letra b, através da história da cadeira de balanço do vovô.
Tabuada oral. 0+0=0 1+1=2 2+2=4 3+1=4 ...
Trabalhar no livro período preparatório.

37º dia de aula - 20.04.82. terça-feira

Oração coletiva e individual.
Recapitular a lição do "nabo".
Leia e copie:

1. Ana é boa babá.
2. Nina abanou o bebê.
3. O nenê babou no bonê.
4. A banana é boa.

Leitura coletiva e individual no quadro.
Cópia nos cadernos.

Separar sílabas:

babá .... nabo .... danado .... bebê ....
boa .... bode .... bebia .... boné ....

Vamos tirar?

□ □ ▨ = 2
🍓 🍓 🍓 🍓 = 2
△ △ △ △ = 1
🕯 🕯 = 1
○ ○ ○ ○ ○ = 3
⛱ ⛱ ⛱ = 0

Apresentar a subtração em forma de problemas orais.

Ditado de numerais: 5 3 1 0 2 4.
Conversação sobre a data 22 de abril

38º dia de aula - 22-04-82. quinta-feira.

Oração coletiva e individual.
Recapitular as sílabas da lição "bola e nabo".
Formação de sentenças:

Nina é boa babá.
Nina é boa babá.
Ana abanou o bebê.
Ana abanou o bebê.
O nenê babou no boné.
O nenê babou no boné.

Fixar bem: começo de sentenças, letra maiúscula, e no final ponto final.
Leitura coletiva e individual no quadro.
Apagar, escrever palavras etc.

Leitura coletiva na cartilha. Completar pgs. 06-07-08
Tomar a leitura das vogais. Individual na cartilha

ANEXO 10 – DIPLOMA DE CONCLUSÃO DO LOGOS II DE MARIA DE LOURDES PRADO BECKER

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ
Estabelecimento de Ensino

RUA EMILIANO PERNETA, Nº 92 - CURITIBA
Endereço Completo

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ
Entidade Mantenedora

Número e Data da Resolução de Reconhecimento do Estabelecimento: 3.134/81 - 23/12/81

O Diretor DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ

nos termos do Artigo 30 Alínea A, e artigo 16, combinados com os artigos 4.º e 6.º da Lei n.º 5.692/71 com as modificações introduzidas pela Lei n.º 7.044/82 e com o disposto no Regimento Escolar, confere a MARIA DE LOURDES PRADO BECKER, *de nacionalidade* BRASILEIRA

Nascido (a) em 25 *de* SETEMBRO *de* 1.944, *no município de* PRIMEIRO DE MAIO, *Estado do* PARANÁ, *Cédula de Identidade N.º* 980.365, *Estado expedidor:* PARANÁ

o Título Profissional de Professor do Ensino de 1.º Grau de 1.ª à 4.ª série, por ter concluído a **Habilitação Profissional de Magistério do Ensino de 2.º Grau**, *no ano de* 1.985

O presente **Diploma** *outorga os direitos e prerrogativas estabelecidos nas Leis do País.*

CURITIBA, 27 *de* AGOSTO *de* 1.985

DIRETOR – RESOLUÇÃO N.º 2849/83

SECRETÁRIO – RESOLUÇÃO N.º 3442/83

TITULADO

CURSO DE 2.º GRAU: HABILITAÇÃO PROFISSIONAL DE MAGISTÉRIO

ALUNO: MARIA DE LOURDES PRADO BECKER

	DISCIPLINAS	TOTAL DE HORAS	1.ª SÉRIE 19XXXX	2.ª SÉRIE 19XXXX	3.ª SÉRIE 19.85
EDUCAÇÃO GERAL	LÍNGUA PORTUGUESA	125	-	-	91,00
	EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	50	-	-	100,00
	EDUCAÇÃO FÍSICA	10	-	-	100,00
	LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA*	60	-	-	89,00
	LITERATURA BRASILEIRA	200	-	-	92,00
	GEOGRAFIA	40	-	-	91,00
	HISTÓRIA	40	-	-	93,00
	O.S.P.B.	10	-	-	100,00
	EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA	10	-	-	100,00
	MATEMÁTICA	120	-	-	90,00
	CIÊNCIAS FÍSICAS E BIOLÓGICAS	115	-	-	94,00
	PROGRAMAS DE SAÚDE	60	-	-	88,00
	TOTAL DE EDUCAÇÃO GERAL	840			
FORMAÇÃO ESPECIAL	DIDÁTICA DA MATEMÁTICA	100	-	-	89,00
	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	100	-	-	95,00
	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	100	-	-	90,00
	PSICOLOGIA EDUCACIONAL	60	-	-	98,00
	BIOLOGIA EDUCACIONAL	40	-	-	100,00
	SOCIOLOGIA EDUCACIONAL	100	-	-	91,00
	ESTRUT. E FUNC. DO ENSINO DE 1ºG.	200	-	-	93,00
	CURRÍCULO DO 1º GRAU	40	-	-	86,00
	DIDÁTICA GERAL	200	-	-	88,00
	DIDÁTICA DA LINGUAGEM	100	-	-	94,00
	DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	100	-	-	99,00
	DIDÁTICA DOS ESTUDOS SOCIAIS	100	-	-	95,00
	DIDÁTICA DAS CIÊNCIAS	100	-	-	98,00
	DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	50	-	-	100,00
	RECREAÇÃO E JOGOS	100	-	-	100,00
	PREPARAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO	40	-	-	93,00
	INFORMAÇÕES PEDAGÓGICAS	100	-	-	94,00
	ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL	60	-	-	93,00
	TOTAL DE FORMAÇÃO ESPECIAL	1690			
	TOTAL GERAL	3030			
PRAT. DE E.	ESTÁGIO SUPERVISIONADO	500	-	-	98,00

CURSO ANTERIOR – ANO DE CONCLUSÃO

PROJETO LOGOS II - 1º GRAU

ESTABELECIMENTO: INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ

MUNICÍPIO: CURITIBA

ESTADO: PARANÁ

REGISTRO NO ESTABELECIMENTO

REGISTRO n.º

LIVRO n.º

FOLHAS n.º

ASSINATURA

OBSERVAÇÕES:

REGÊNCIA E CLASSE: 2160 H.

CONFORME A RESOLUÇÃO SECRETARIAL Nº 1700 DE 05/10/79 E DELIBERAÇÃO Nº 029/79.

* LINGUA ESTRANGEIRA MODERNA - INGLÊS *

ÓRGÃO – SEED
Entrada na C. D. E. em 04/12/85
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
Coordenação de Documentação Educacional
Curitiba, 13/12/85
SYLVIA RIBEIRO GUIMARÃES
Coordenadora

REGISTRO
MEC – SEED
ESTADO DO PARÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
Coordenação de Documentação Educacional
Convênio MEC – SEED, Portaria Ministerial nº de 28 de novembro de 1981
Diploma Registrado sob nº 63 44
Livro 50 Fls. 51
Curitiba 23 / dezembro / 19
CHEFE DO S. T. A.

ÓRGÃO DE FISCALIZAÇÃO PROFISSIONAL

ANEXO 11 – DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO DE CURSO DA ASSOESTE EM 1982 DE MARIA DE LOURDES PRADO BECKER

ASSOESTE
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL DO OESTE DO PARANÁ

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que o (a) professor (a) ....MARIA DE LOURDES PRADO BECHER..... participou do **Curso de Reforço em Elementos para o Planejamento Curricular, para Professores de 1ª a 4ª séries do Ensino Regular de 1º Grau — Zona Urbana,** com a duração de 56 horas, no mês de fevereiro de 1982, no município de...VERA CRUZ DO..... ...OESTE..... com .100%.. de freqüência e 85.... de aproveitamento.

Cascavel 30 de Novembro de 1982.

José Kuiava
Secretário Executivo

Rua São Paulo, 1425 — Cascavel, — Fone: (0452) 23-2547 — CEP 85.800 — Paraná

ANEXO 12 – CARTA DE CESSÃO DARLENE GOMES GALAFASSI

Carta de Cessão

Eu, Darlene G. Galafassi,
RG 651.154, declaro para devidos fins ceder a Sandra Maria Banak Varela, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação das entrevistas que lhe concedi nos dias 08/08/2013 e 09/03/2014 e também sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e validada. Da mesma forma, autorizo outros pesquisadores a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Sandra Maria Banak Varela, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Cascavel, 09 de março de 2014.

Darlene G. Galafassi

ANEXO 13 – ATA DE EXAMES DO GRUPO ESCOLAR DE 1960 COM A PARTICIPAÇÃO DE DARLENE GOMES GALAFASSI

27

Ata de exames

Aos nove dias do mês de Dezembro do ano de mil novecentos e sessenta no Grupo Escolar "Moysés Lupion" distrito de Cascavel município de Cascavel sob a regencia da professôra Maria Fany G. de Araujo, presentes sua diretora Irene G. Richli e professoras: Dilair Fogaça e Darlene Galafassi, realizaram-se os exames do presente ano letivo.

Pelo livro da matricula verificou-se a presença de 9 alunos do 1º ano dos 22 matriculados. Concluidos os exames apurou-se o seguinte resultado:

Foram aprovados e promovidos para o 2º ano os seguintes alunos

Juanita G. de Araujo	8,6
Rosi Passala	8,3
Maria Cristina	8,3
Alda Melo	8,3
Olivio Pereira	6,9
Aristo Vicente	7
Basilio Passala	6,1
Marmir Ferreira	7,6
Elvira Figueiredo	7

Não compareceram ao exame os seguintes alunos

Edison Luiz
Francisco Gomes
José Tolentino
Luiz Weiber
João Casimiro
Pedro de Alen

Nilo de Melo
Wilson Batista
Eva Maria Bertochi
Juanita Ahn
Luma da Silva
Maria R. Weiber
Silvida da Graça Soares

Nada mais havendo a constar, eu, professôra da escola, lavrei a presente ata em livro próprio da escola, a qual será assinada pela autoridade escolar que presidiu os exames, pela banca examinadora e por mim.

Diretora: Irene G. Ricieli
Examinadoras: Estanislava Definski Kozyckowa
Darlene G. Galafassi Prof. Maria Lamy G. de Araujo

ANEXO 14 – DOCUMENTO DA ESCOLA CAROLA MOREIRA ONDE CONSTA O RESULTADO DO EXAME DE ADMISSÃO DE DARLENE GOMES GALAFASSI

ESCOLA NORMAL DE GRAU GINASIAL "CAROLA MOREIRA" - CURSO: NORMAL REGIONAL - CASCAVEL - PR.

NOME DO ALUNO: Darlene Gomes

DATA DE NASCIMENTO: 02/03/37 LOCAL: ESTADO:

FILIAÇÃO: Júlio Gomes Solurinho e Amélia Melo Gomes

	Português	Inglês	Francês	Latim	Matemática	Hist. Geral	Hist. Brasil	Geog. Geral	Geog. Brasil	Inic. Ciênc.	Ciências Fís. e Biol.	Ciênc. Nat.	Anatomia	Psicologia	Did. e Prat.	Desenho	Trab. Man.	Música	Canto Orfeônico	O.S.P.B.	Ed. Física	Higiene	MÉDIA GERAL
Admissão	50				100	70		70															72
Estab: Esc. Téc. de Com. Rio Branco Local: Cascavel - PR Ano: 1957 Diretor: Antonio Cid																							
1ª série																							
Estab: Local: Ano: Diretor:																							
2ª série																							
Estab: Local: Ano: Diretor:																							
3ª série																							
Estab: Local: Ano: Diretor:																							
4ª série																							
Estab: Local: Ano: Diretor:																							

OBSERVAÇÕES:

ANEXO 15 – CARTA DE CESSÃO LEILA DEIXUN FRANZINI

Carta de Cessão

Eu, Leila Deixum Franzini,
RG 1 184 221, declaro para devidos fins ceder a Sandra Maria Banak Varela, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação das entrevistas que lhe concedi nos dias 29/07/2013 e 27/08/2013 e também sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e validada. Da mesma forma, autorizo outros pesquisadores a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Sandra Maria Banak Varela, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Barretos, 10 de março de 2014.

Leila Deixum Franzini

2o. TABELIAO DE NOTAS DE BARRETOS
RUA 18, 826 - BARRETOS - SP. FONE: 3324-1004
Reconheco por semelhanca a(s) firma(s) de:LEILA DEIXUM FRANZINI. Do que dou fe.
Barretos, 10 de março de 2014. Em test. ____ da verdade.

Seg: 49484851504849524954495485548 Uni: 4,50 Total:R$ 4,50
** VALIDO SOMENTE COM O SELO DE AUTENTICIDADE **

FIRMA 1
0100AA18130

ANEXO 16 – DIPLOMA DO QUARTO ANO PRIMÁRIO DE LEILA DEIXUN FRANZINI

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

ESTADO DE SÃO PAULO

Eu, Wanda Miranda Molina, diretor do Grupo Escolar "Luiz Gama", faço saber que, à vista da aprovação obtida no 4.º ano deste estabelecimento pela aluna Leila Deixum nascida em Rio de Janeiro a 12 de 9 de 1949, filha de Abido Deixum, lhe confiro, no uso da faculdade que me é dada pelas leis do Estado, o presente certificado de habilitação, visto haver concluido os estudos do curso primário em 14 de Dezembro de 1961, conforme se verifica a fls. 20 do livro competente.

O DIRETOR

Wanda Miranda Molina

Média: 85

MODELO 140 - D MATERIAL - P. G.

ANEXO 17 – BOLETIM DO CURSO GINASIAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MANOEL BENTO DA CRUZ DE LEILA DEIXUN FRANZINI

Reconheço verdadeira a firma de Carlos Roberto Lopes e Arthur Evangelista de Sousa — Dou fé.
Bebedouro, 18/09/1978
Em test.º da verdade,

CARTÓRIO DO 1.º OFÍCIO DE JUSTIÇA
JOSÉ F. KFOURI
OFICIAL MAIOR
BEBEDOURO - SP

SELO PAGO POR VERBA

RECONHECER A FIRMA NO
7.º TABELIONATO
RUA G. GOCAIUVA, 183 - S. PAULO

I. E. E.
"MANOEL BENTO DA CRUZ"
ARAÇATUBA

Estabelecimento: IEE."Manoel Bento da Cruz", de Araçatuba

Nome do aluno: LEILA DEIXUM

12 -9 -1949	Engenho Velho	Rio de Janeiro-Guanabara
Data do nascimento	Local	Estado

Abidu Deixum
Nome do Pai

Maria Dib Deixum
Nome da Mãe

Estabelecimento que expediu o certificado de Exame de Admissão:
IEE."Manoel Bento da Cruz", de Araçatuba

Português: 65 Matemática: 85 Outras: Hist e Geo-80: Média: 7,66

1.º CICLO	Português	Francês	Inglês	Matem.	Ciências	História	Geografia	Trabalhos	Desenho			Média
1.ª série	590	710	=	915	750	820	745	=	685			7,45
G.E. "Manoel Bento da Cruz" estabelecimento					1963 ano				a) Prof. Arthur E. de Souza nome do diretor			
2.ª série	775	790	"	930	780	770	595	"	780			7,74
G.E. "Manoel Bento da Cruz" estabelecimento					1964 ano				a) Prof. Arthur E. de Souza nome do diretor			
3.ª série	74	"	80	82	87	"	90	71	62			78
G.E. "Manoel Bento da Cruz" estabelecimento					1965 ano				a) Prof. Arthur E. de Souza nome do diretor			
4.ª série	86	"	83	96	99	89	"	74	79			89
G.E. "Manoel Bento da Cruz" estabelecimento					1966 ano				a) Prof. Arthur E. de Souza nome do diretor			

Êste documento não contém emendas nem rasuras.

Expedido ao(s) 5 dia(s) do mês de abril de 19 71

Observações: Cópia das fichas arquivadas nesta escola.

CONFERIDO

assinatura do secretário subst.

Carlos Roberto Lopes

VISTO

assinatura do diretor subst.

Prof. Arthur Evangelista de Souza

Modêlo 18 - 11-69

ANEXO 18 – DIPLOMA DO CURSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PRIMÁRIOS DE LEILA DEIXUN FRANZINI

ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

O Diretor do Instituto de Educação Estadual "Manoel Bento da Cruz", de Araçatuba à vista das aprovações obtidas no CURSO Colegial de Formação de Professôres Primários concluído no ano letivo de 1969, por

LEILA DEIXUM

nascida em Engenho Velho - RJ., Estado de Guanabara a 12 de setembro de 1949, confere-lhe o presente DIPLOMA, na conformidade da lei.

Araçatuba, 20 de dezembro de 1969

DIPLOMADA

Leila Deixum

DIRETOR

ANEXO 19 – CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE MATEMÁTICA DE LEILA DEIXUN FRANZINI DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE BEBEDOURO

- FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE BEBEDOURO -
Rua Prof. Orlando França de Carvalho, 325-Bebedouro-SP.
AUTORIZADA PELO DECRETO FEDERAL Nº 66.878 DE 16/07/1970.

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROF. BRAULIO DE LEMOS, DIRETOR DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE BEBEDOURO, Bebedouro, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições que lhe são conferidas pela lei, atendendo ao que consta dos arquivos da - Faculdade, certifica que:-

O(a) Sr(a) Leila Deixum Franzini

filho(a) de Abidu Deixum
e de Da. Maria Dib Deixum
nascido(a) aos 12 de setembro de 19 49,
na cidade de Rio de Janeiro Estado de GB.
concluiu o Curso de Matemática desta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bebedouro, no ano de 19 73. E, para que produza os efeitos legais, mandei expedir o presente certificado que vai também assinado pela Sra. Secretária, constando anexo o Histórico Escolar do Licenciado.

Bebedouro, 27 de dezembro de 1973.

Therezinha Izabel de Souza Lima
Secretária-Reg. Mec. 6653.

Prof. Braulio de Lemos
- DIRETOR -

SELO PAGO POR DARF
SEGUNDO CARTORIO DE OFICIO DE JUSTIÇA
Bel. ANTONIO ... ESCRIVÃO
BEBEDOURO
20 CENTAVOS

CARTORIO LUPPI
Reconheço a firma supra de Braulio de Lemos e Therezinha I. Souza Lima, dou fé
Bebedouro, 09 de Janeiro de 1974
Em test.º da verdade.

- FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS - DE BEBEDOURO -
Rua Prof.Orlando França de Carvalho,325-Bebedouro-SP.

AUTORIZADA PELO DECRETO FEDERAL Nº 66.878 DE 16/07/1970.

CURSO DE MATEMÁTICA

1. CURRÍCULO
   1,1, Fundamentos de Matemática Elementar
   1,2, Álgebra
   1,3, Cálculo Diferencial e Integral
   1,4, Cálculo Numérico
   1,5, Geometria Analítica
   1,6, Desenho Geométrico e Geometria Descritiva
   1,7, Física Geral
   1,8, Complementos de Matemática
   1,9, Psicologia da Educação
   1,10, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau
   1,11, Didática
   1,12, Prática de Ensino (Estágio Supervisionado)
   1,13, Estudo de Problemas Brasileiros
   1.14. Educação Física

2. TEMPO DE DURAÇÃO DO CURSO: 2.700 Horas.

3. AUTORIZAÇÃO: Decreto Federal nº 66.878 de 16/07/1970.

   RECONHECIMENTO: Processo nº 4272/73, em fase de Conclusão no Conselho Federal de Educação.

4. CARGA HORÁRIA JÁ CUMPRIDA: 2.774 Horas/Aula.

OBSERVAÇÕES: _____

BEBEDOURO, 27 de dezembro de 1973

Therezinha Izabel de Souza Lima
Secretária - Reg. Mec. 6653.

Prof. Braulio de Lemos
- DIRETOR -

CARTORIO LUPPI
Reconheço a firma de Braulio de Lemos e Therezinha I. Souza Lima, de 19 74
Bebedouro, 09 de Janeiro da verdade.
Em test.º
Tabelião
SEGUNDO CARTÓRIO OFÍCIO DE JUS
Bel. ANTONI ESCRIV
BEBEDOURO

SELO PAGO POR VERBA

FIRMA NO TABELIÃO UBALDINO
RUA DA GLÓRIA, 98 (Próximo ao Forum)

ANEXO 20 – HISTÓRICO ESCOLAR DO CURSO DE MATEMÁTICA DE LEILA DEIXUN FRANZINI

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Bebedouro – BEBEDOURO S.P.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE BEBEDOURO
Rua Prof. Orlando França de Carvalho, 325 Fones: 1097 e 252-BEBEDOURO
RECONHECIDA PELO DECRETO FEDERAL Nº 73.946 de 16/04/74

H I S T Ó R I C O E S C O L A R

NOME: LEILA DEIXUM FRANZINI
FILIAÇÃO: Abidu Deixum e Maria Dib Deixum
DATA DO NASCIMENTO: 12 de setembro de 1949
NATURALIDADE: Rio de Janeiro - Guanabara
DOCUMENTO DE IDENTIDADE: R.G. 5.183.625

I C I C L O

CURSO: Ginasial
ESTABELECIMENTO: I.E.E. "Manoel Bento da Cruz"
LOCAL: Araçatuba - S.P. DATA: 1966

II C I C L O

CURSO: Normal
ESTABELECIMENTO: I.E.E. "Manoel Bento da Cruz"
LOCAL: Araçatuba - S.P. DATA: 1969

C O N C U R S O V E S T I B U L A R

ESTABELECIMENTO: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Penapolis
LOCAL: Penapolis - S.P. DATA: 1970

DISCIPLINAS	NOTAS	MÉDIA
Portugues	6,00	
Conhecimentos Gerais	5,00	
		5,50
		29º lugar

CURSO SUPERIOR DE: MATEMÁTICA
ano letivo de: 1970 1ª :série

DISCIPLINAS	Média Final	Carga Horaria
Algebra-FFCL de Penapolis - S.P. - 1970	8,95	140
Geometria Analítica - F.F.C.L. Penapolis - S.P.1970	7,85	140
Fundamentos de Matemática Elementar-FFCL Penapolis70	9,20	170
Cálculo Diferencial e Integral-FFCL Penapolis- 1970	7,55	85
Estudo de Problemas Brasileiros	9,50	16
Educação Física	Apta.	55
TOTAL DE HORAS/AULA----------		606

Reconhecida pelo Decreto Federal N.º 73.946 de 16/04/74.

ano letivo de: 1971 — 2ª : série

DISCIPLINAS	Média Final	Carga Horaria
Algebra	8,50	200
Geometria Analítica	7,66	175
Cálculo Diferencial e Integral	8,41	135
Física	5,25	132
Estudo de Problemas Brasileiros	9,50	22
Educação Física	Apta.	26
TOTAL DE HORAS/AULA ----		690

ano letivo de: 1972 — 3ª : série

DISCIPLINAS	Média Final	Carga Horaria
Cálculo Diferencial e Integral	7,66	93
Álgebra	7,83	93
Física	7,83	89
Cálculo Numérico	7,50	124
Desenho Geometrico e Geometria descritiva	8,50	125
Psicologia da Educação	8,83	95
Estrutura e Funcionamento do Ensino de 2º Grau	8,16	78
Didática	7,66	91
Prática de Ensino	7,33	122
Educação Física	Apta.	25
TOTAL DE HORAS/AULA ----		935

ano letivo de: 1973 — 4ª : série.

DISCIPLINAS	Média Final	Carga Horaria
Álgebra Linear	9,50	72
Cálculo Diferencial e Integral	8,91	98
Física	7,83	90
Desenho Geométrico e Geometria Descritiva	8,83	92
Complementos de Matemática	7,83	44
Prática de Ensino	8,16	50
Educação Física	Apta	48
TOTAL DE HORAS/AULA ----		494

DATA DA CONCLUSÃO DO CURSO: 30 de novembro de 1973.
DATA DA COLAÇÃO DE GRAU: 05 de maio de 1974.
DATA DA EXPEDIÇÃO DO DIPLOMA: 05 de julho de 1974.

Bebedouro, 07 de janeiro de 19 75

Lucia Maria Elisa Pires
Secretária - Reg. n.º 32/IREP

Prof. Braulio de Lemos
Diretor - RG. 1.561.062

ANEXO 21 – CERTIFICADO DO CURSO DE ATUALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO GERAL DE LEILA DEIXUN FRANZINI

ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA
CENTRO DE TREINAMENTO DO MAGISTÉRIO DO ESTADO DO PARANÁ - CETEPAR -

CERTIFICADO

O Centro de Treinamento do Magistério do Estado do Paraná - CETEPAR e Escola Técnica Federal do Paraná certificam para os devidos fins que o(a) Professor(a) LEILA DEIXUM FRANZINI participou do CURSO DE ATUALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO GERAL - NÚCLEO COMUM DE 2º GRAU - DISCIPLINA FÍSICA - Resolução nº 1 296/76, realizado no período de 12 a 17 de julho de 1 976, com carga horária de 48 horas, obtendo 100% de frequência e Muito Bom de aproveitamento.

Curitiba, 17 de novembro de 1976.

Secretário de Est. da Ed. e da Cultura

Diretor Executivo

SEEC

CETEPAR

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO CURSO
CARGA HORÁRIA : 48 horas
CONTEÚDO

- Ensino de Física na Escola Técnica Federal do Paraná
- Uso do Carrinho de Fletcher
- MRU - Movimento Retilíneo Uniforme
- MRUA - Movimento Retilíneo Uniformemente Acelerado
- Segunda Lei de Newton
- Conservação de Energia
- Lei de Ohn
- Demonstrativo - Associação de Receptores
- Leis de Kirchhoff
- Transformadores
- Refração da Luz
- Cálculo do Comprimento de Onda da Luz
- Cuba de Onda
- Reflexão em Espelhos
- Foco e Distância Focal de uma Lente
- Luneta Astronômica e Luneta Terrestre
- Capacitadores - Circuito RLC
- Velocidade do Som no Ar - Ressonância
- Dispersão da Luz

CETEPAR-Rua Salvador de Ferrante, nº 1651
Telefone: 23-7255
Curitiba - Paraná

REGISTRO NO CETEPAR
Número 3284
Livro nº 2B
Página n. 89
Em 19/11/76
Resp. pelo Registro

ANEXO 22 – CERTIFICADO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM NÍVEL PÓS-UNIVERSITÁRIO DE PROFESSORES PARA SUPLÊNCIA

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

CAMPANHA NACIONAL DE ESCOLAS DA COMUNIDADE

Avenida L-2 Norte, Quadra 608/D - "Casa Benjamin Sodré"
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos
Atualização e Aperfeiçoamento de Professores para Cursos de Suplência

32

CERTIFICADO

A CAMPANHA NACIONAL DE ESCOLAS DA COMUNIDADE c e r t i f i c a, nos termos dos artigos 24, alínea b, 25, § 2º da Lei nº 5692 de 11 de agosto de 1971, e do Parecer nº 699/72-CFE, que . LEILA DEIXUM FRANZINI ..... Registro ....."L" 64.148..... concluiu, com resultado S A T I S F A T Ó R I O, o curso de ESPECIALIZAÇÃO EM NÍVEL PÓS-UNIVERSITÁRIO DE PROFESSORES PARA SUPLÊNCIA, promovido pelo Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos, no período de 19/outubro/79 a 31/maio/80....., com o apoio técnico e financeiro do DSU/MEC (Termo de Convênio nº 58/79)

BRASÍLIA (DF), 14 de dezembro de 19 79

FELIPE TIAGO GOMES
Superintendente

Senador HENRIQUE DE LA ROCQUE ALMEIDA
Presidente da Diretoria Nacional

CONTEÚDO DO CURSO

CRÉDITO	ASSUNTO	CARGA HORÁRIA	RENDIMENTO SUP. a 80 %
I	ENSINO PARA COMPETÊNCIA Objetivos de Ensino. Objetivos Expressivos. Ensino Relativo ao Critério. Ensino Individualizado.	150 h	S
II	METODOLOGIA DO ENSINO SUPLETIVO DA FUNÇÃO SUPLÊNCIA Ensino Supletivo do Primeiro Grau da Função Suplência: cursos diretos e semi-indiretos. Condições de Entrada. Logística dos Cursos Supletivos do Primeiro Grau da Função Suplência: instrumentos de aprendizagem; bibliotecas das salas de estudo; biblioteca central; recursos audiovisuais.	100 h	S
III	ESTRATÉGIA NACIONAL DOS CURSOS SUPLETIVOS DA FUNÇÃO SUPLÊNCIA Operações da Orientação da Aprendizagem. Estudo Individualizado e Consenso Grupal. Rodísio Operacional das Equipes. Sessões de Consenso Intergrupal e Auto-Avaliação. Testes de Prontidão e Verificações da Aprendizagem. Atividades para Sanar Deficiências e Orientação Suplementar. Demonstração da Aprendizagem e Padrões de Desempenho. Pós-Avaliação. Avaliação da Aprendizagem: critérios, tabulações dos resultados e reescalonamento. Operações da Secretaria: rotinas. Operações da Coordenação Pedagógica. Condições de Saída e Expedição do Certificado de Conclusão dos Estudos de Primeiro Grau.	100 h	S
IV	SUBSISTEMA ESTADUAL DO ENSINO SUPLETIVO Estrutura do Ensino Supletivo. Funcionamento do Ensino Supletivo: Centros de Estudos Supletivos, Cursos Supletivos e Exames Supletivos. Legislação Estadual e Normas. Programa do Ensino Supletivo do Primeiro Grau da Função Suplência.	50 h	S
V	SUBSISTEMA NACIONAL DO ENSINO SUPLETIVO Fundamentação Sócio-Econômica do Ensino Supletivo. Legislação Federal e Normas. O DSU/MEC e sua estrutura e funcionamento. Estratégia Nacional do Ensino Supletivo. Conteúdos Básicos do PLIDESU.	50 h	S
	TOTAL DE HORAS DO CURSO	450 h	SATISFATÓRIO

FELIPE TIAGO GOMES
Coordenador Geral do Curso

CDRH - CNEC
Registro Nº 1659
Livro 2, pág. 5

COORDENADORIA DE APOIO TÉCNICO

CARTÓRIO DELEGACIA REG. DE BRASÍLIA DR-10
Div. de Registro - Seç. de Registro
Cadastrado Sob Nº 5049
Livro 9 Folha 40
Brasília 19 / 3 / 1980
Resp. Visto
NÃO CONFERE GRAU ESCOLAR

Luiz Nelasco de Rezende
Diretor Divisão Registro - DR-1º

ANEXO 23 – CERTIFICADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NÍVEL DE ESPECIALIZAÇÃO PROMOVIDO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA DE LEILA DEIXUN FRANZINI

ESTADO DO PARANÁ

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

CERTIFICADO

CERTIFICAMOS que LEILA DEIXUM FRANZINI

CONCLUIU o curso de PÓS-GRADUAÇÃO EM MATEMÁTICA

a nível de ESPECIALIZAÇÃO

promovido por esta Universidade no período de 06 de fevereiro de 1987 a 17 de novembro de 1989, através do Departamento de Matemática ***

Maringá, 23 de maio de 1990

DIRETOR DE ASSUNTOS ACADÊMICOS
José Carlos Gomes

REITOR
Fernando Ponte de Sousa

COORDENADOR DO CURSO
Elizabeth Covessi Thom

HISTÓRICO

LINAS	C/H	FREQ.	NOTA	PROFESSOR(A)	TITULAÇÃO
ria Euclidiana.....	90	100%	7,0	Nelson Martins Garcia	DO. em Matemática
a Linear.....	75	100%	7,6	Valdeni Soliani Franco	ME. em Matemática Pura
entos da Matemática.....	75	100%	7,0	Aparecida Francisco da Silva	ME. em Matemática
ção à Pesquisa.....	30	100%	8,0	César Pereira	ME. em Estatística e Experimentação Agronômica
o Diferencial e Integral de uma el.....	90	100%	7,8	Alfredo Tadeu Cousin	ME. em Matemática
logia do Ensino Superior.....	60	100%	8,2	João Baptista de O. Mattosinho	ME. em Métodos e Técnicas de Ensino

HORÁRIA - TOTAL DE HOPAS/AULA 420

afia

Orientador

ificação de Álgebras Reais com ão de Dimensão Dois" ....."Aprovada" — Osvaldo Germano do Rocio — ME. em Matemática

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO
De 7,0 a 10,0 = Aprovado
De 0,0 a 6,9 = Reprovado
Frequência obrigatória mínima: 85%

OBS: Este Curso obedeceu a todas as disposições da Resolução nº12/83 do Conselho Federal de Educação - CFE.

Maringá, 23 de maio de 1990.

DIRETORIA DE ASSUNTOS ACADÊMICOS
Divisão de Registro de Diplomas
Nora Nei Ronconi Ganassin
- CHEFE -

º 07/90-DAA
RCCE-1
93 a 93v
04/06/90

ANEXO 24 – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DE CURSO OFERTADO PELO CENAFOR EM 1986

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

CERTIFICADO

A LEILA DEIXUM FRANZINI

tendo participado METODOLOGIA PARA A REVISÃO CRÍTICA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO TÉCNICO DE 2º GRAU ATUALIZAÇÃO ÀS EQUIPES DAS SECRETARIAS, ESPECIALISTAS E PROFESSORES DAS ETE's INDUSTRIAIS - IV ACORDO MEC/BIRD.

no período de 21.10.85 a 25.10.85 e cumprido com aproveitamento a programação prevista, conferimos o presente Certificado nos termos da Portaria Ministerial n.º 653, de 04 de dezembro de 1981.

São Paulo, 07 de fevereiro de 19 86

CENTRO NACIONAL DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL – CENAFOR

DÉCIO MOREIRA
Diretor Executivo

CONTEÚDO	CARGA HORÁRIA
. A Proposta de Capacitação de Recursos Humanos do CENAFOR para as Escolas Técnicas Estaduais no conjunto do IV Acordo MEC/BIRD.	04 h
. Constatação e análise das diferentes concepções de aluno e professor, a partir da vivência dos educadores das ETEs.	04 h
. Estudo e análise das determinações sócio-político-econômicas que interferem no trabalho escolar. Análise da relação escola-sociedade e escola-trabalho.	16 h
. Estudo da história da educação brasileira e os determinantes sócio-político-econômicos que produziram diferentes práticas pedagógicas na escola.	04 h
. Discussão e proposta de alternativas para a operacionalização de uma prática mais articulada entre os educadores da escola.	12 h
TOTAL	40 horas

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO NACIONAL DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL — C E N A F O R
Registrado sob o N.º 19847 Livro 13
Folha 43 São Paulo, 07/02/19 86

MARIA CRISTINA ALVES COSTA
Encarregado de Secretaria

ANTONIO JOSÉ FABRIS
Coordenador Administrativo

ANEXO 25 – CERTIFICADO DO CURSO DE ATUALIZAÇÃO EM MATEMÁTICA PARA O 2º GRAU DE LEILA DEIXUN FRANZINI

12

doc. (17.32)

ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
CENTRO DE TREINAMENTO DO MAGISTÉRIO
CETEPAR

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

CERTIFICADO

Certificamos que LEILA DEIXUM FRANZINI .-..-.-.-.-.-.-.-.-.-.-.-
participou do CURSO
DE ATUALIZAÇÃO EM MATEMÁTICA PARA O 2º GRAU,
autorizado pela Resolução 4.578/85
da Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná,
realizado em CASCAVEL, no período de 07 a 10 de outubro de 1985.
Freqüência 100 % e Aproveitamento Bom

Curitiba, 25 de fevereiro de 1986.

CETEPAR/SEED
Nilso Stradiote Branco

DESCRIÇÃO SUMÁRIA DO CURSO
Nº de horas/aula: 30 (trinta)

Conteúdo:

1. SISTEMAS DE COORDENADAS - ARCOS E ÂNGULOS
2. A TRIGONOMETRIA DO 1º QUADRANTE
3. EXTENSÃO DA FUNÇÃO DA TRIGONOMETRIA
4. NÚMEROS COMPLEXOS
5. AS FÓRMULAS DE ADIÇÃO DE ARCO E SUAS CONSEQUÊNCIAS
6. A LEI DOS SENOS E A LEI DOS COSSENOS

Registro no CETEPAR
Número 044
Livro nº 033
Página nº 062
Em 10/02/86
Responsável pelo Registro

CETEPAR
Rua Salvador Ferrante, 1651,
Boqueirão - Curitiba/Paraná
80000
Fone: (041) 276-5281

ANEXO 26 – CARTA DE CESSÃO CARLOS ROBERTO CALSSAVARA

Carta de Cessão

Eu, CARLOS ROBERTO CALSSAVARA, RG nº 1.001.421-2, declaro para devidos fins ceder a Sandra Maria Banak Varela, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação das entrevistas que lhe concedi nos dias 24/09/2013 e 10/12/2013 e também sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e validada. Da mesma forma, autorizo outros pesquisadores a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Sandra Maria Banak Varela, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Cascavel, 15 de Outubro de 2014.

MION CARTÓRIO

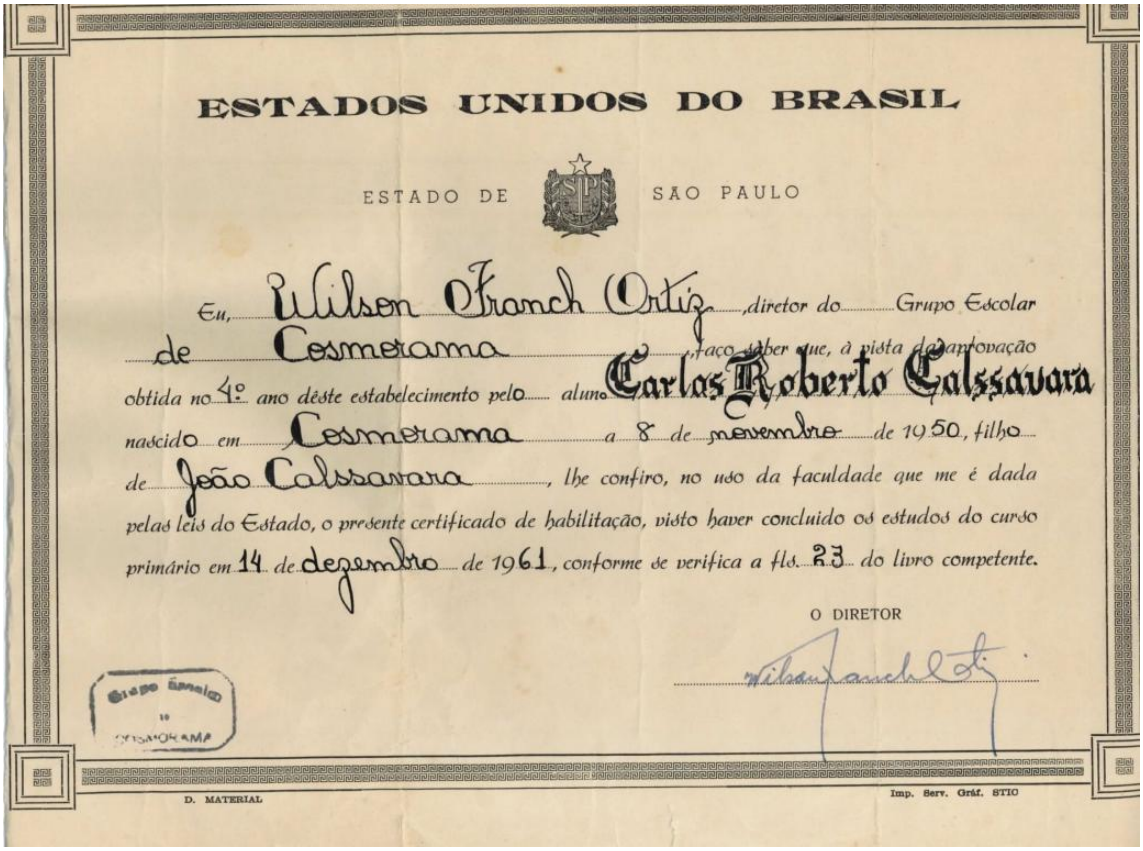
Mion CARTÓRIO Paulo Roberto Mion 1º NOTÁRIO

1° TABELIONATO DE NOTAS - CASCAVEL - PARANÁ
RUA SOUZA NAVES, 1755 - CEP 85801-120 - FONE/FAX (45) 2101-7863
PAULO ROBERTO MION - TABELIÃO

Selo Nº DcMY6.ghvns.LD0D2, Controle: sFFNX.k0YS Valide em http://funarpen.com.br. Reconheço por *SEMELHANÇA*, a assinatura de CARLOS ROBERTO CALSSAVARA. Cascavel-PR, 21 de outubro de 2014.

Em Testº da Verdade.
Marcelo de Moura Mion - Escrevente Notarial

ANEXO 27 – DIPLOMA DO QUARTO ANO PRIMÁRIO DE CARLOS ROBERTO CALSSAVARA



ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

ESTADO DE SÃO PAULO

Eu, Wilson Franch Ortiz, diretor do Grupo Escolar de Cosmorama, faço saber que, à vista da aprovação obtida no 4º ano dêste estabelecimento pelo aluno Carlos Roberto Calssavara nascido em Cosmorama a 8 de novembro de 1950, filho de João Calssavara, lhe confiro, no uso da faculdade que me é dada pelas leis do Estado, o presente certificado de habilitação, visto haver concluido os estudos do curso primário em 14 de dezembro de 1961, conforme se verifica a fls. 23 do livro competente.

O DIRETOR

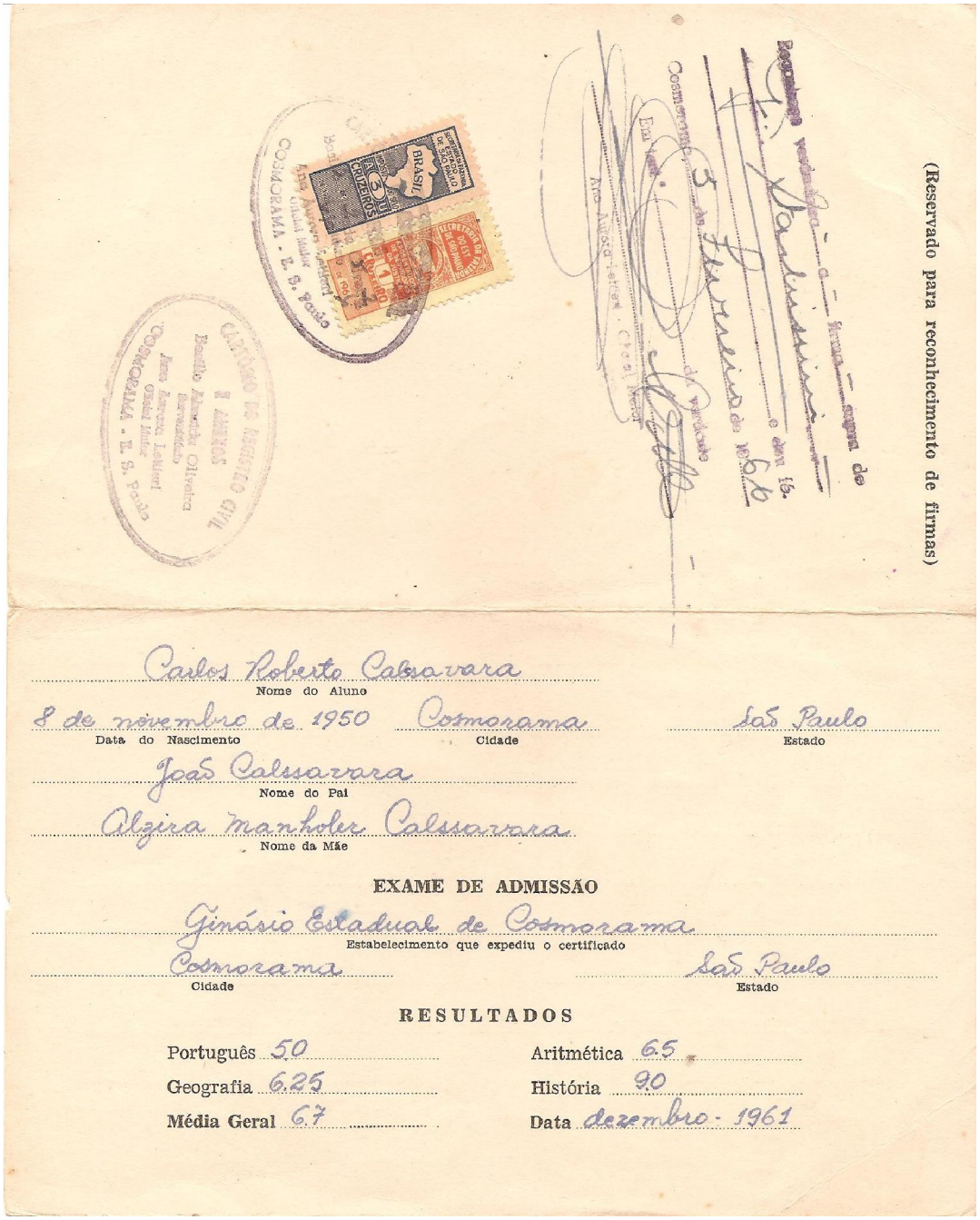
Wilson Franch Ortiz

Grupo Escolar de Cosmorama

D. MATERIAL

Imp. Serv. Gráf. STIO

ANEXO 28 – BOLETIM DO GINÁSIO ESTADUAL PROFESSOR ÁLVARO DUARTE DE ALMEIDA DE CARLOS ROBERTO CALSSAVARA



(Reservado para reconhecimento de firmas)

Carlos Roberto Calssavara
Nome do Aluno

8 de novembro de 1950 — Data do Nascimento
Cosmorama — Cidade
São Paulo — Estado

João Calssavara
Nome do Pai

Alzira Manholer Calssavara
Nome da Mãe

EXAME DE ADMISSÃO

Ginásio Estadual de Cosmorama
Estabelecimento que expediu o certificado

Cosmorama — Cidade
São Paulo — Estado

RESULTADOS

Português	50	Aritmética	65
Geografia	6.25	História	90
Média Geral	6.7	Data	dezembro - 1961

Observações:

Dobre aqui

1.º CICLO

	Português	Latim	Francês	Inglês	Matemát.	Ciências	História Geral	História do Brasil	Geografia Geral	Geografia do Brasil	Trabalhos Manuais	Desenho	Canto Orfeônico	Nota Global
1.ª série	5.1	~	~	~	6.6	5.1	~	5.3	7.1	~	~	5.4	7.2	6.0

Ginásio Est. de Cosmorama — Nome do Estabelecimento
1962 — Ano
Benedito Israel Duarte — Nome do Inspetor

	Português	Latim	Francês	Inglês	Matemát.	Ciências	História Geral	História do Brasil	Geografia Geral	Geografia do Brasil	Trabalhos Manuais	Desenho	Canto Orfeônico	Nota Global
2.ª série	6.10	~	~	~	5.40	7.6	~	5.60	~	6.7	~	5.0	7.3	6.24

Ginásio Est. de Cosmorama — Nome do Estabelecimento
1963 — Ano
Benedito Israel Duarte — Nome do Inspetor

	Português	Latim	Francês	Inglês	Matemát.	Ciências	História Geral	História do Brasil	Geografia Geral	Geografia do Brasil	Trabalhos Manuais	Desenho	Canto Orfeônico	Nota Global
3.ª série	5.1	~	~	7.20	6.6	6.3	~	~	5.7	~	7.10	6.90	~	6.41

Gin. Est. "Prof. Alvaro D. Alvaida" — Nome do Estabelecimento · Cosmorama - SP
1964 — Ano
Benedito Israel Duarte — Nome do Inspetor

	Português	Latim	Francês	Inglês	Matemát.	Ciências	História Geral	História do Brasil	Geografia Geral	Geografia do Brasil	Trabalhos Manuais	Desenho	Canto Orfeônico	Nota Global
4.ª série	5.2	~	~	5.4	5.7	6.4	6.9	~	~	~	6.2	7.8	~	6.22

Gin. Est. "Prof. Alvaro D. Alvaida" — Nome do Estabelecimento · Cosmorama - SP
1965 — Ano
Benedito Israel Duarte — Nome do Inspetor

Stachissini
Diretor
SERVASIO STACHISSINI
Escriturário - resp. p/ exp.

Cosmorama, 4/2/66
Inspetor

ANEXO 29 – CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO CURSO GINASIAL DE CARLOS ROBERTO CALSSAVARA

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GINÁSIO ESTADUAL "PROF. ÁLVARO DUARTE DE ALMEIDA" - COSMORAMA
(Nome do estabelecimento)

COSMORAMA = SP.
(Localidade)

N.º 1/66

CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO CURSO GINASIAL

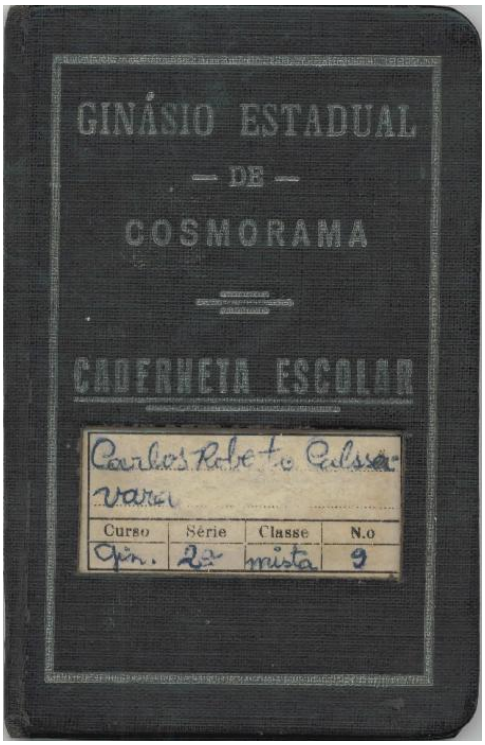
Certificamos que CARLOS ROBERTO CALSSAVARA
filho de João Calssavara
e de D.ª Alzira Manholer Calssavara
natural de Cosmorama - Sp., nascido em 8 de novembro de 19 50
tendo em vista os resultados obtidos no ano letivo de 19 65, na quarta série do Curso Ginasial é considerado habilitado no primeiro Ciclo Secundário, nos têrmos da legislação vigente.

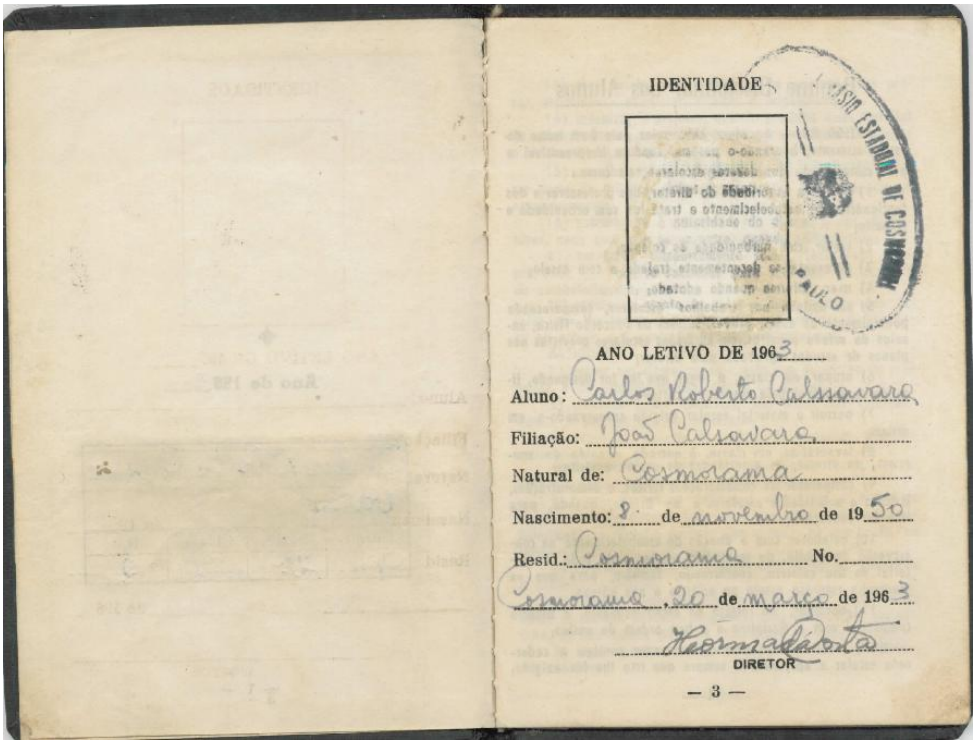
Cosmorama, 4 de fevereiro de 19 66

O Secretário, Stachissini
=Prof. Gervasio Stachissini=
O Diretor, = resp. p/ exp. =

Reconhecer verdadeira a assinatura de Gervasio Stachissini
Cosmorama, 5 de fevereiro de 1986
Em test.º da verdade

ANEXO 30 – CADERNETA DO GINÁSIO DE COSMORAMA DE CARLOS ROBERTO CALSSAVARA





IDENTIDADE

GINÁSIO ESTADUAL DE COSMORAMA — SÃO PAULO

ANO LETIVO DE 1963

Aluno: Carlos Roberto Calssavara

Filiação: João Calssavara

Natural de: Cosmorama

Nascimento: 8 de novembro de 1950

Resid.: Cosmorama No.

Cosmorama, 20 de março de 1963

DIRETOR

— 3 —

Regime Disciplinar dos Alunos

ARTIGO 89 — Ao aluno cabe zelar pelo bom nome do estabelecimento, honrando-o por sua conduta irrepreensível e pelo cumprimento dos deveres escolares tais como:

1) acatar a autoridade do diretor, dos professores e dos funcionários do estabelecimento e tratá-los com urbanidade e respeito;

2) tratar, com hurb[illegible]de os colegas;

3) apresentar-se [illegible]temente trajado e com asseio;

4) usar uniforme quando adotado;

5) ser assíduo nos trabalhos escolares, comparecendo pontualmente às aulas, provas, sessões de Educação Física, ensaios de orfeão e outros, em excursões escolares previstas nos planos de estudos aprovado pelo Diretor;

6) ocupar, em classe, o lugar que lhe for designado, ficando responsável pela respectiva carteira;

7) possuir o material escolar exigido conservando-o em ordem;

8) levantar-se, em classe, à entrada e saída do professor, do Diretor, de autoridades de ensino e visitas;

9) comparecer às comemorações cívicas, e demonstrações, desfiles e solenidades escolares e ao Orfeão, quando, para isso for convocado;

10) colaborar com a direção do estabelecimento na conservação do prédio, do mobiliário escolar e de todo o material de uso coletivo, concorrendo, também, para que se mantenha rigoroso asseio no edifício e nos páteos;

11) observar, no recinto do estabelecimento, o silêncio compátivel com a disciplina e a boa ordem do ensino;

12) justificar suas ausências e trazer consigo a caderneta escolar e apresentá-la sempre que isto lhe fôr exigido;

13) usar de rigorosa probidade na execução das provas, sabatinas e exercícios, sujeitos a julgamento;

14) indenizar o prejuizo, quando produzir dano material no estabelecimento ou em objetos de propriedade de colegas e de funcionários e professôres;

15) contribuir para o órgão de Cooperação Escolar e fazer parte de grêmios, clubes e associações que funcionem no estabelecimento;

16) submeter-se à autoridade do diretor e dos professôres, onde quer que se encon[illegible] quando uniformizado;

17) ter ótimo comportam[illegible]cial, concorrendo sempre, onde quer que se encontre, [illegible] elevação do conceito do estabelecimento;

18) manter-se atento às aulas e desincumbir-se das tarefas que lhe forem atribuidas pelos professôres, dedicando-se ao estudo e à execução dos deveres escolares;

ARTIGO 90 — É vedado ao aluno:

1) entrar em classe ou dela sair sem permissão do professor, e do estabelecimento, sem a do diretor;

2) transitar pelas imediações das aulas em funcionamento, a não ser quando necessário;

3) ocupar-se, durante as aulas, de qualquer trabalho estranho a elas;

4) promover, sem autorização do diretor, coletas e subscrições dentro ou fora do estabelecimento;

5) formar grupos ou promover algazarras e distúrbios nos corredores e páteos, bem como nas imediações do estabelecimento durante o período das aulas e no seu início ou término,

6) impedir entrada de colegas nas aulas ou concitá-lo a ausências coletivas;

7) solicitar, pessoalmente, ou por outrem, elevação de notas atribuidas, devendo dirigir qualquer reclamação, por escrito, ao funcionário para as explicações devidas;

8) trazer para a escola, material estranho ás atividades escolares;

9) assacar injúria ou calúnia contra alunos ou funcionários do estabelecimento ou praticar, contra os mesmos, atos de violência;

10) promover ou participar de movimentos de hostilidade ou de desprestigio à escola e a seus elementos;

11) praticar dentro ou fora do estabelecimento, ato ofensivo à moral e aos bons costumes, ou capitulado na lei das contravensões penais;

12) distribuir boletins no recinto do estabelecimento, e fazer publicar na imprensa, de assuntos que envolvam o nome da escola, de professôr ou de funcionário sem autorização do diretor,

13) deixar de assistir à primeira aula do dia e ausentar-se das demais, sem autorização do diretor ou de seu substituto legal;

14) utilizar de livros, cadernos e outros materiais de colegas, sem o consentimento dêstes;

15) distrair a atenção dos companheiros em aula, com objetos, ditos, ou qualquer outra forma;

16) permanecer, nos recreios e intervalos, fora dos lugares a êle destinado;

17) gravar, nas paredes, no assoalho ou em qualquer parte do edifício ou do material escolar, palavras, desenhos ou qualquer sinais;

18) fumar na sala de aula, corredores e outras dependências do estabelecimento.

ARTIGO 91 — Aos alunos do curso secundário, aplicar-se-ão, pela inobservância dos deveres das proibições fixadas nêste Regimento, as penalidades fixadas pela legislação federal em vigor.

ARTIGO 92 — Alunos dos cursos normal, post-graduados, Primário anexo e de preparatórios ao Ginásio, aplicar-se-ão, pela inobservância dos deveres e das proibições fixadas nêste Regimento, as seguintes penalidades:

1) admoestação verbal;

2) repreensão até 8 dias;

3) suspensão até 8 dias;

4) suspensão por mais de 8 dias até 15 dias;

5) transferência compulsória;

6) perda do ano;

7) exclusão, com interdição de estudos em estabelecimentos de ensino oficial,

§ 1.o — As penas de suspenção até 15 dias, as transferências compulsórias e a perda do ano no estabeleciento serão aplicadas pelo diretor, de plano, segundo a gravidade da falta;

§ 2.o — A pena da perda do ano implicará na retenção dos documentos de transferência, com interdição de estudos em estabelecimento de ensino oficial.

§ 3.o — A pena de exclusão será aplicada mediante processo julgado pelo Diretor, seguindo-se, sempre que possivel, as normas estabelecidas para o processo administrativo.

§ 4.o — Em se tratando de aluno que tenha prestado exames finais do curso, a pena de perda do ano ou de exclusão com interdição de estudos será convertida em retenção do certificado ou diploma pelo espaço de um ano.

§ 5.o — O aluno suspenso não tem direito a participar de qualquer ato escolar que ocorrer no periodo da pena.

§ 6.o — Embora não caiba responsabilidade, em relação aos alunos, quando fóra do estabelecimento, cumpre-lhes portar-se convenientemente, ficando passivel de penalidade, até o cancelamento da matricula, ou exclusão definitiva, o aluno que se tornar indesejável por causa de mau procedimento.

§ 7.o — O estabelecimento não é responsável pelo extravio, perda de objetos ou dinheiro em poder dos alunos.

ARTIGO 93 — Da pena de exclusão definitiva caberá recurso ao Orgão competente, interposto pelos pais do aluno.

Parágrafo Único — Os pais ou reponsáveis terão 5 dias de prazo para apresentação do recurso, depois de notificados de sua imposição.

MAIO

Dias		Dias	
1	FERIADO	17	PRESENTE
2	PRESENTE	18	PRESENTE
3	PRESENTE	19	DOMINGO
4	PRESENTE	20	PRESENTE
5	DOMINGO	21	PRESENTE
6	PRESENTE	22	PRESENTE
7	PRESENTE	23	FERIADO
8	PRESENTE	24	PRESENTE
9	PRESENTE	25	PRESENTE
10	PRESENTE	26	DOMINGO
11	PRESENTE	27	PRESENTE
12	DOMINGO	28	PRESENTE
13	PRESENTE	29	PRESENTE
14	PRESENTE	30	PRESENTE
15	PRESENTE	31	PRESENTE
16	PRESENTE		

Assinatura do pai ou responsável

— 10 —

JUNHO

Dias		Dias	
1	PRESENTE	17	PRESENTE
2	DOMINGO	18	PRESENTE
3	PRESENTE	19	PRESENTE
4		20	PRESENTE
5	PRESENTE	21	PRESENTE
6	PRESENTE	22	PRESENTE
7	PRESENTE	23	DOMINGO
8	PRESENTE	24	PRESENTE
9	DOMINGO	25	PRESENTE
10	PRESENTE	26	PRESENTE
11	PRESENTE	27	PRESENTE
12	PRESENTE	28	PRESENTE
13	FERIADO	29	FERIADO
14	PRESENTE	30	DOMINGO
15	PRESENTE	31	
16	DOMINGO		

Assinatura do pai ou responsável

— 11 —

NOTAS E TOTAIS

CURSO GINASIAL	Março		Abril		Maio	
	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas
Português			5,0		5,0	
Latim						
Francês						
Inglês						
Matemática			6,0		5,0	
Ciências Naturais			7,5		7,5	
História Geral						
História do Brasil			5,0		6,5	
Geografia Geral						
Geografia do Brasil			8,0		6,5	
Trabalhos Manuais						
Desenho			6,5		5,5	
Canto Orfeônico			5,0		10,0	
Economia Doméstica						
Educação Física						

— 16 —

MENSAIS DE FALTAS

Junho		Agôsto		Setemb.		Outub.		Novemb.	
Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas	Notas	Faltas
				5,0		7,5			1
	1			3,5		5,0			1
				8,5		9,0			
				6,5		5,0			2
	1			7,5	1	7,0			2
				5,0		7,5			1
				8,0		9,0			2

— 17 —

CURSO GINASIAL	MÉDIA EXERCÍCIOS (2)	1.a PROVA (2)	2.a PROVA (3)	PROVA FINAL (3)	NOTA FINAL	2.a ÉPOCA PR. ESCR.	2.a ÉPOCA PR. ORAL	2.a ÉPOCA N. FINAL
CULTURA GERAL								
Português				70	61			
Latim								
Francês								
Inglês								
Matemática				70	54			
Ciências Naturais				60	76			
História Geral								
História do Brasil				50	56			
Geografia Geral								
Geografia do Brasil				55	67			
Trabalhos Manuais								
Desenho				25	50			
Canto Orfeônico				45	73			
Economia Doméstica								
Educação Física								
NOTA GLOBAL					6.24 - Aprovado			

— 18 —

— 19 —

NOTA;

O pagamento das prestações deverá ser feito adiantadamente até o dia 10 de cada mês, salvo as de julho e dezembro que deverão ser pagas com as de junho e novembro respectivamente.

Os alunos em atrazo nos pagamentos não poderão prestar provas parciais e finais, podendo ainda, ser impedidos de frequentar as aulas.

No ato do pagamento, esta caderneta deverá ser entregue a Tesouraria, sendo restituida pela Secretaria, após feitas as devidas anotações.

HORÁRIO

Diurno. Início às ..... horas

Noturno: Início às ..... horas

— 28 —

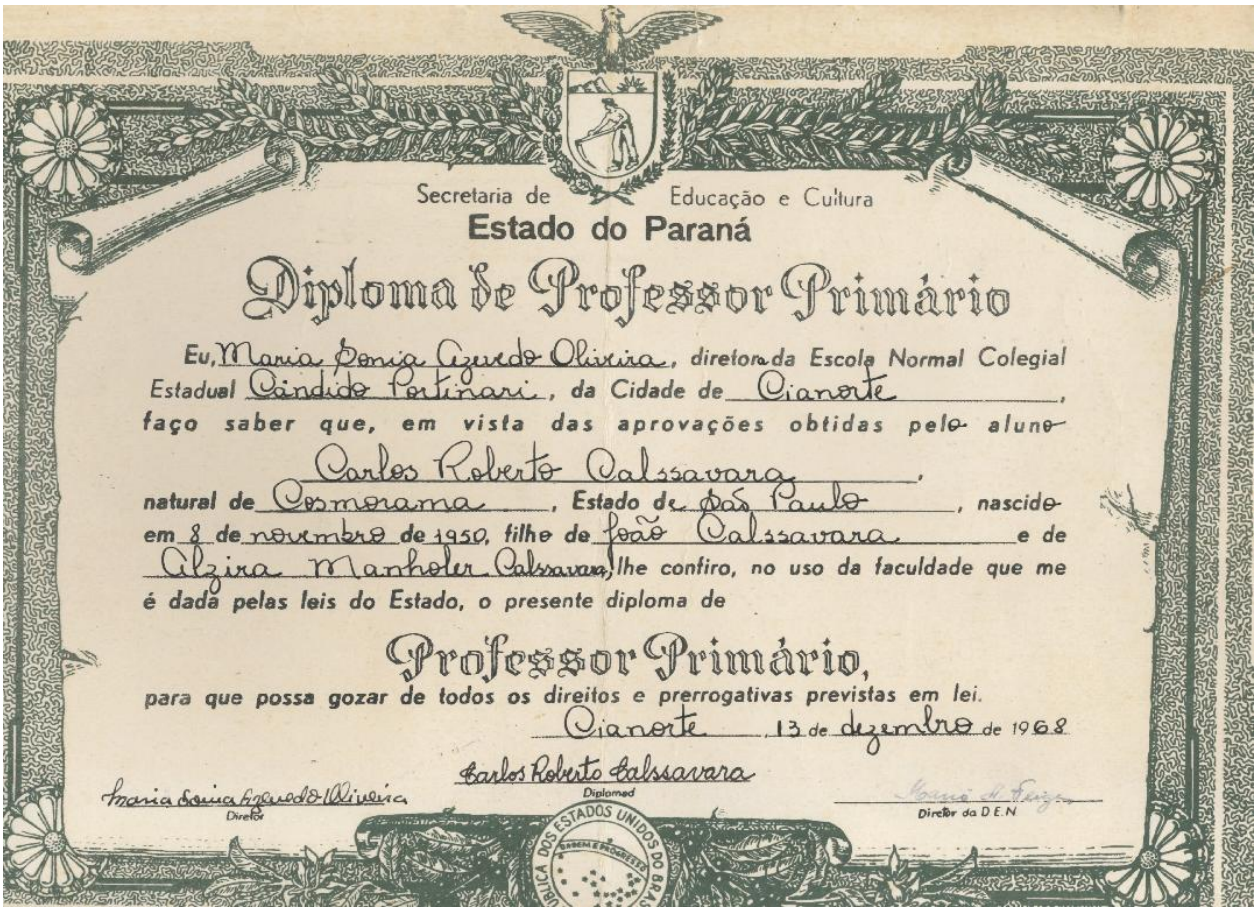
HORÁRIO

	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado
1.a Aula das 7,00 às 8,10						
2.a Aula das 8,10 às 9,00						
3.a Aula das 9,00 às 10,00						
4.a Aula das 10,00 às 10,50						
10,50 às 11,40						

OBSERVAÇÕES. - *O aluno deve chegar ao estabelecimento pelo menos cinco minutos antes da hora marcada, para início da primeira aula, e não se retirar sem consentimento da diretoria, antes de finda a última aula.*

— 29 —

ANEXO 31 – DIPLOMA DE PROFESSOR PRIMÁRIO DE CARLOS ROBERTO CALSSAVARA



Secretaria de Educação e Cultura

Estado do Paraná

Diploma de Professor Primário

Eu, Maria Sonia Azevedo Oliveira, diretora da Escola Normal Colegial Estadual Cândido Portinari, da Cidade de Cianorte, faço saber que, em vista das aprovações obtidas pelo aluno Carlos Roberto Calssavara, natural de Cosmorama, Estado de São Paulo, nascido em 8 de novembro de 1950, filho de João Calssavara e de Alzira Manholer Calssavara, lhe confiro, no uso da faculdade que me é dada pelas leis do Estado, o presente diploma de

Professor Primário,

para que possa gozar de todos os direitos e prerrogativas previstas em lei.

Cianorte, 13 de dezembro de 1968

Carlos Roberto Calssavara
Diplomad

Maria Sonia Azevedo Oliveira
Diretor

Diretor da D.E.N

ANEXO 32 – DIPLOMA DE LICENCIADO EM MATEMÁTICA DE CARLOS ROBERTO CALSSAVARA

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari

Reconhecida pelo Decreto Federal n.o 72.940 de 17/10/73

MANDAGUARI — PARANÁ

O Diretor da Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari, no uso de suas atribuições, tendo presente o termo de Colação de grau, conferido no dia 19 de agosto de 1973 a Carlos Roberto Calssavara filho(a) de João Calssavara e de Alzira Manhoberg Calssavara nascido(a) a 08 de novembro de 1950, natural de Cosmorama Estado de São Paulo outorga-lhe este Diploma de Licenciado em Matemática a fim de que possa exercer a sua profissão com os direitos e prerrogativas concedidos neste titulo pelas Leis da República.

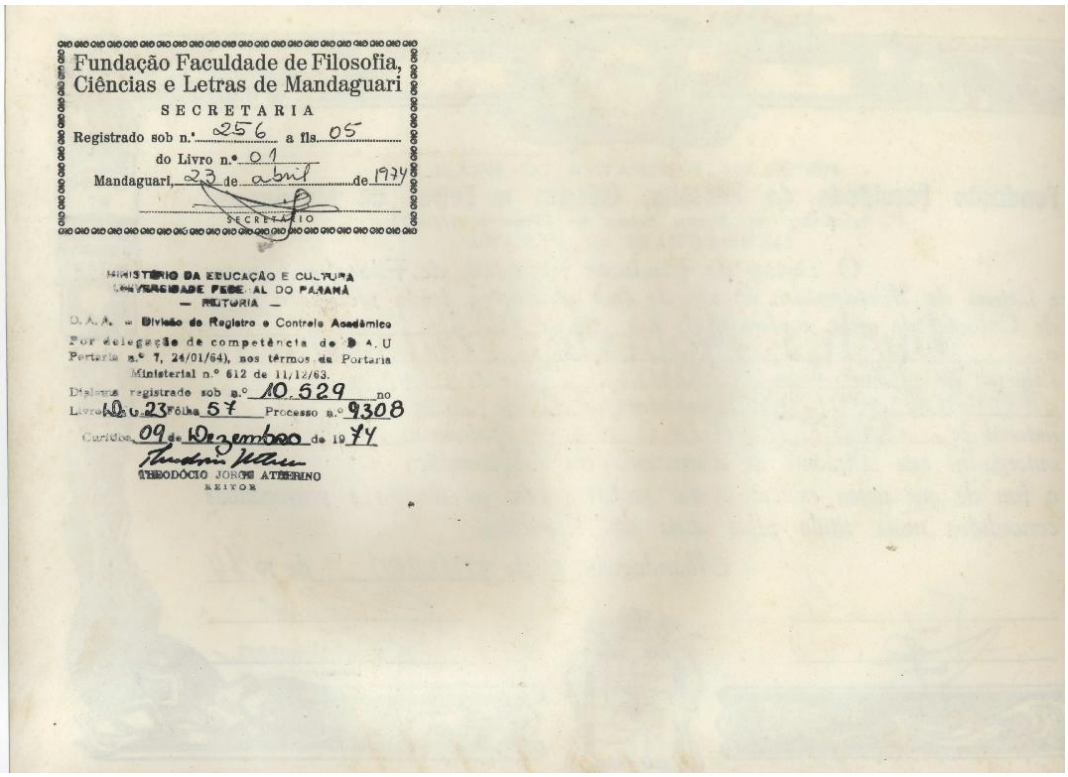
Mandaguari, 04 de março de 1974

Diretor

Secretário

Inspetor

Licenciado



Fundação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari

SECRETARIA

Registrado sob n.º 256 a fls. 05

do Livro n.º 01

Mandaguari, 23 de abril de 1974

SECRETÁRIO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
— REITORIA —

D. A. A. — Divisão de Registro e Controle Acadêmico

Por delegação de competência de D. A. U. Portaria n.º 7, 24/01/64), nos têrmos da Portaria Ministerial n.º 612 de 11/12/63.

Diploma registrado sob n.º 10.529 no Livro n.º 23 Fôlha 57 Processo n.º 9308

Curitiba, 09 de Dezembro de 1974

THEODÓCIO JORGE ATHERINO
REITOR

ANEXO 33 – DIPLOMA DE LICENCIADO EM PEDAGOGIA DE CARLOS ROBERTO CALSSAVARA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
REGISTRADO SOB N.º 065928
POR DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIA DO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
NOS TERMOS DA PORTARIA MEC/DAU
N.º 251, DE 12/05/74 E 71, DE 21/10/77.
REITORIA 09 DE 10 DE 1980
Maria Valentina
p/ Reitor: Delegação Port. GR 057/79

FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE VOTUPORANGA
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL

Eu, Professor José Garcia Martins, Diretor da Faculdade de Ciências e Letras, no uso das atribuições que me são conferidas e tendo em vista a conclusão do **CURSO DE PEDAGOGIA** em 20.12.1979, confiro o Título de

LICENCIADO EM PEDAGOGIA

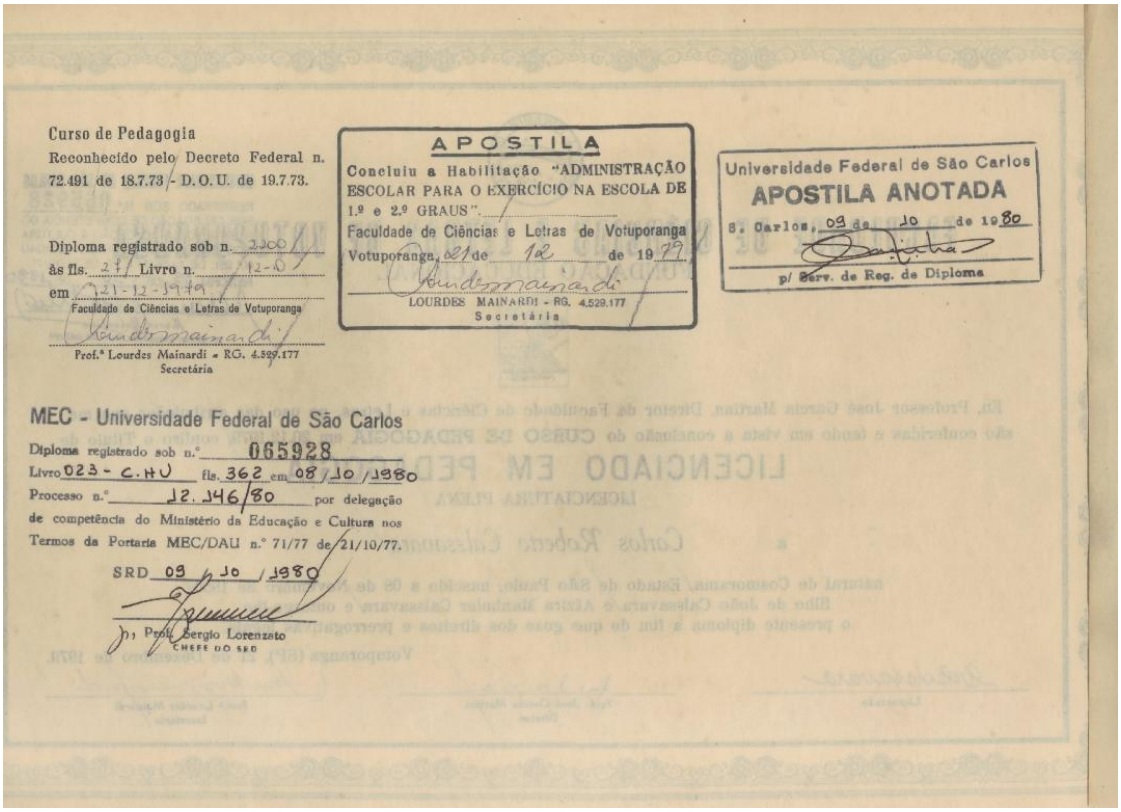
LICENCIATURA PLENA

a *Carlos Roberto Calssavara*

natural de Cosmorama, Estado de São Paulo, nascido a 08 de Novembro de 1950, filho de João Calssavara e Alzira Manholer Calssavara e outorgo-lhe o presente diploma a fim de que goze dos direitos e prerrogativas legais.

Votuporanga (SP), 21 de Dezembro de 1979.

Licenciado — Prof. José Garcia Martins, Diretor — Prof.ª Lourdes Mainardi, Secretária



Curso de Pedagogia
Reconhecido pelo Decreto Federal n. 72.491 de 18.7.73 - D.O.U. de 19.7.73.

Diploma registrado sob n. 2200
às fls. 27 Livro n. 12-0
em 21-12-1979
Faculdade de Ciências e Letras de Votuporanga
Prof.ª Lourdes Mainardi - RG. 4.529.177
Secretária

APOSTILA
Concluiu a Habilitação "ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR PARA O EXERCÍCIO NA ESCOLA DE 1.º e 2.º GRAUS".
Faculdade de Ciências e Letras de Votuporanga
Votuporanga, 21 de 12 de 1979
LOURDES MAINARDI - RG. 4.529.177
Secretária

Universidade Federal de São Carlos
APOSTILA ANOTADA
S. Carlos, 09 de 10 de 1980
p/ Serv. de Reg. de Diploma

MEC - Universidade Federal de São Carlos
Diploma registrado sob n.º 065928
Livro 023 - C.HU fls. 362 em 08/10/1980
Processo n.º 12.146/80 por delegação de competência do Ministério da Educação e Cultura nos Termos da Portaria MEC/DAU n.º 71/77 de 21/10/77.
SRD 09/10/1980
p/ Prof. Sergio Lorenzato
CHEFE DO SRD

ANEXO 34 – DIPLOMA DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR DE CARLOS ROBERTO CALSSAVARA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

CERTIFICADO

CONFERIMOS A CARLOS ROBERTO CALSSAVARA, DE ACORDO COM O REGIMENTO GERAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, O PRESENTE CERTIFICADO DE CONCLUSÃO

DO CURSO DE **ESPECIALIZAÇÃO** EM METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR

PROMOVIDO PELO LABORATÓRIO DE ENSINO SUPERIOR DO DEPART. DE ESTUDOS ESPECIALIZADOS DA FAC. DE EDUCAÇÃO

NO PERÍODO DE JUNHO DE 1980 A DEZEMBRO DE 1980

NUM TOTAL DE TREZENTAS E NOVENTA (390) HORAS/AULA.

PORTO ALEGRE, 22 DE JUNHO DE 1981.

PRÓ-REITOR
GERHARD JACOB

COORDENADOR
LOUREMI ERCOLANI SALDANHA

ALUNO: CARLOS ROBERTO CALSSAVARA

Docente	Titulação	Disciplina	Nº de horas	Crédito	Freqüência %	Conceito
ELIONORA DELWING KOFF MARIA CELINA BASTOS DE AMODEO	MESTRE MESTRE	HABILIDADES TÉCNICAS PARA O PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO ENSINO	75	05	100	B
ARTHUR DE MATTOS SALDANHA	LIV.DOC.	DINÂMICA INTERPESSOAL NA SITUAÇÃO DE ENSINO	30	02	100	A
JUAN JOSÉ MOURIÑO MOSQUERA	LIV.DOC.	PSICOLOGIA DO ENSINO	30	02	85	C
LÚCIA BEATRIZ VELLOSO GASPARY	MESTRE	EDUCAÇÃO E SOCIEDADE	30	02	85	B
ÁTTICO INÁCIO CHASSOT	MESTRE	TÉCNICAS DE AVALIAÇÃO	30	02	85	C
LOUREMI ERCOLANI SALDANHA	LIV.DOC.	PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	30	02	100	B
ROBERTO COSTA FACHIN	LIV.DOC.	ESTUDO DE PROBLEMAS BRASILEIROS	30	02	90	B
LOUREMI ERCOLANI SALDANHA	LIV.DOC.	TECNOLOGIA EDUCACIONAL	30	02	85	C
JUAN ANTONIO TIJIBOY	DOUTOR	PROCESSO DE PLANEJAMENTO CURRICULAR	30	02	85	C
ELIONORA DELWING KOFF MARIA CELINA BASTOS DE AMODEO	MESTRE MESTRE	ATIVIDADES DE LABORATÓRIO	75	05	100	A
....						

OBSERVAÇÕES: Este certificado não terá validade quando apresentado junto com Diploma de Mestre ou Doutor, obtido em Curso em que tenham sido aproveitados (no todo ou em parte) os créditos acima.

Porto Alegre, 22 de junho de 1981.

Coordenador
LOUREMI ERCOLANI SALDANHA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
REITORIA
CERTIFICADO registrado sob nº 09
Fls. 78 do livro RC-6
Em 24 de JUNHO de 1981
SEÇÃO DE CADASTRO E CONTROLE
VISTO:
DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE TOMADA DE CURSOS HUMANOS POR DELEGAÇÃO DE COMPETÊNCIA DO PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UFRGS

ANEXO 35 – CARTA DE CESSÃO ARLENI ELISE SELLA LANGER

Carta de Cessão

Eu, ARLENI ELISE SELLA LANGER,
RG 3945 319-3, declaro para devidos fins ceder a Sandra Maria Banak Varela, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação das entrevistas que lhe concedi nos dias 07/08/2013 e 23/09/2013 e também sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e validada. Da mesma forma, autorizo outros pesquisadores a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Sandra Maria Banak Varela, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Cascavel, 25 de fevereiro de 2014

Arleni Elise Sella Langer

ESTEVES SANTOS

TABELIONATO DE NOTAS ESTEVES SANTOS CASCAVEL

ESTEVES SANTOS CARTÓRIO 4º OFÍCIO DE NOTAS
Rua São Paulo, 559 - Centro - CEP 85801-020
Fone (45) 3037-7444 - CASCAVEL - PARANÁ
Marina Esteves Santos
Tabeliã

Selo Digital bG8k6.gFdrz.G0WHC, Controle: YqrZB.bVhS
Consulte esse selo em http://funarpen.com.br
Reconheço por Semelhança a assinatura de **ARLENI ELISE SELLA LANGER (41927)**.*0969* 966081*. Dou fé. Cascavel/PR, **25 de fevereiro de 2014**. Em Test° da Verdade
CRISTINE APARECIDA JACOBS ZUBELDIA - Escrevente

ANEXO 36 – CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE AUXILIAR DE FARMÁCIA DO ENSINO DE 2º GRAU DE ELISE LANGER

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO PARANÁ

COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA - ENSINO PRÉ-ESCOLAR E DE 1º e 2º GRAUS
Estabelecimento de Ensino

RUA RIO GRANDE DO SUL, 603 - CASCAVEL
Endereço Completo

SOCIEDADE EDUCADORA E BENEFICENTE
Entidade Mantenedora

Número e Data da Resolução de Reconhecimento do Estabelecimento: Nº 3458 DE 30/12/81 - SEED

O Diretor DO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA - ENSINO PRÉ-ESCOLAR E DE 1º e 2º GRAUS *nos termos do Artigo 16 combinado com o artigo 4.º, ambos da Lei n.º 5.692/71 com as modificações introduzidas pela Lei n.º 7.044/82 e com o disposto no Regimento Escolar, confere a* ARLENI ELISE SELLA *, de nacionalidade* BRASILEIRA
Nascido (a) em 12 *de* FEVEREIRO *de* 1967 *, no município de* CAPELÂNDIA
Estado de PARANÁ *, Cédula de Identidade N.º* 3.945.319-3 *, Estado expedidor:* PARANÁ
o Título Profissional de AUXILIAR DE FARMÁCIA *por ter concluído a* **Habilitação Profissional Parcial de** AUXILIAR DE FARMÁCIA **do Ensino de 2.º Grau,** *no ano de* 1983

O presente **Certificado** *outorga os direitos e prerrogativas estabelecidos nas Leis do País.*

CASCAVEL, 05 *de* ABRIL *de* 1984

DIRETOR – RESOLUÇÃO N.º
ANGELA THERESINHA PERIN
R.G.2.488.255

SECRETÁRIO – RESOLUÇÃO N.º
MARIA JOSÉ DOS ANJOS
R.G.1.150.764

TITULADO

CURSO DE 2.º GRAU: HABILITAÇÃO PROFISSIONAL PARCIAL DE AUXILIAR DE FARMÁCIA

ALUNO: ARLENI ELISE SELLA

	DISCIPLINAS	TOTAL DE HORAS	1.ª SÉRIE 1981	2.ª SÉRIE 1982	3.ª SÉRIE 1983
FORMAÇÃO GERAL	Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	476	76	95	91
	Inglês	102	–	–	100
	Geografia	68	92	–	–
	História	68	–	95	–
	Organização Social e Política Brasileira	34	–	–	100
	Matemática	306	83	86	93
	Física	238	–	90	92
	Química	204	74	93	98
	Biologia	204	80	93	91
	Educação Moral e Cívica	68	90	–	–
	Educação Artística	34	92	–	–
	Educação Física	204	85	87	80
	Programa de Saúde	34	78	–	–
	Ensino Religioso	34	95	–	–
	TOTAL DE EDUCAÇÃO GERAL	2.074			
FORMAÇÃO ESPECIAL	Noções de Administração Hospitalar	68	–	–	88
	Legislação Farmacêutica	68	–	87	–
	Noções de Organização e Func. de Farmácia	68	–	87	88
	Noções de Técnica Farmacêutica	136	84	92	–
	Técnica de Venda	68	–	–	80
	Microbiologia e Parasitologia	68	80	–	–
	Anatomia e Fisiologia Humana	34	71	–	–
	TOTAL DE FORMAÇÃO ESPECIAL	510			
	TOTAL GERAL	2.584			
	ESTÁGIO SUPERVISIONADO	–			

CURSO ANTERIOR – ANO DE CONCLUSÃO
1º GRAU – 1980

ESTABELECIMENTO: COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA
MUNICÍPIO: CASCAVEL
ESTADO: PARANÁ

REGISTRO NO ESTABELECIMENTO
REGISTRO n.º 477
LIVRO n.º 02
FOLHAS n.º 29
ASSINATURA

OBSERVAÇÕES:

ÓRGÃO – SEED
Entrada na C. D. E.
em 06/07/84
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
Coordenação de Documentação Educacional
O presente Certificado é autêntico e a Vida Escolar do Titular está em ordem.
Curitiba, 27/07/84
SYLVIA RIBEIRO CUNHA RAE
Coordenadora

REGISTRO
MEC – SEED
ESTADO DO PARANÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
Coordenação de Documentação Educacional
Convênio MEC - SEED, Portaria Ministerial nº 629, de 26 de novembro de 1981
Certificado Registrado sob nº 340
Livro 01-C Fls. 114
Curitiba, 06 agosto 1984
CHEFE DO S.T.A.

ÓRGÃO DE FISCALIZAÇÃO PROFISSIONAL

ANEXO 37 – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DA II SEMANA DE EDUCAÇÃO PROMOVIDA PELA FECIVEL DE ARLENI LANGER, EM 1984

DIRETÓRIO ACADÊMICO DA ÁREA DE EDUCAÇÃO — D. A. E.

Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Cascavel – "FECIVEL"

CASCAVEL

CERTIFICADO

CERTIFICAMOS que ARLENI ELISE SELLA participou da II SEMANA DE EDUCAÇÃO, realizada no período de 24 a 28 de setembro de 1984, na cidade de Cascavel, promoção da Coordenadoria de Cursos da Área de Educação, do Diretório Acadêmico da Área de Educação desta faculdade, com o apoio da Secretaria de Estado de Educação – SEED e FUNDEPAR, totalizando 45 horas/aula.

Cascavel, 02 de outubro de 1984.

Profª Maria Tereza de Abreu Figueiredo
Coodenadora Área de Educação

Prof. Ari Carlos Cantele
Vice-Diretor - Fecivel

Jane Elliete R. da Rosa
Presidente - D.A.E.

DIA 25 DE SETEMBRO	ATIVIDADES	
08:00 hs – 19:15 hs. :	ABERTURA SOLENE	
09:00 hs – 20:15 hs. :	PALESTRA: "Reflexões sobre os problemas básicos da Educação"	PALESTRANTE: Prof. Carlos Roberto Jamil Cury da UFMG.
DIA 25 DE SETEMBRO		
08:00 hs – 13:30 hs		
19:15 hs. :	ANÁLISE DE CURSOS em grupos de estudo	ESTUDO: Embasamento legal, Trajetória de curso, conhecimento curricular.
DIA 26 DE SETEMBRO		
08:00 hs. – 19:15 hs :	PALESTRA: "O currículo desejável dentro de uma perspectiva sócio-política"	PALESTRANTE: Profª Lizia Helena Nagel, Diretora do D.A.U.
DIA 27 DE SETEMBRO		
08:00 hs – 19:15 hs. :	PALESTRA: "A pedagogia de Deus"	PALESTRANTE: Irmão Firmino Bonatto
09:00 hs – 13:30 hs		
20:15 hs. :	ANÁLISE DE CURSOS em grupos de estudo	ESTUDO: Análise dos cursos, debate, propostas.
DIA 28 DE SETEMBRO		
08:00 hs. – 19:15 hs. :	PLENÁRIA GERAL	Exposição de propostas de cada curso
10:00 hs. – 21:00 hs. :	PALESTRA: "O papel da Universidade dentro de uma sociedade em mudança".	PALESTRANTE: Prof. Antonio João Mânfio da Secretaria de Assuntos Comunitários do Estado.

FUNDAÇÃO FACULDADE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS DE CASCAVEL
REGISTRO Nº 3031
Livro nº 02
Folhas nº 181-V
Cascavel, 09 / 11 / 84

Cascavel, ____/____/ 1984

Prof. Lourival de Moura
Secretário – FECIVEL

ANEXO 38 – DECLARAÇÃO DE EXPERIÊNCIA NA ÁREA DE MATEMÁTICA NO COLÉGIO ESTADUAL ALBERTO SANTOS DUMONT DE ARLENI SELLA

COLEGIO ESTADUAL ALBERTO SANTOS DUMONT - ENSINO DE 1º E 2º GRAUS

CAFELÂNDIA - PARANÁ

COLÉGIO ESTADUAL "ALBERTO SANTOS DUMONT" - ENSINO DE 1º E 2º GRAUS
Rua Plinio Costa, 240 - Fone 41-1394
N. R. E. Cascavel
DECRETO: 17.781
CAFELÂNDIA — PARANÁ

DECLARAÇÃO

Declaramos, para fins de comprovação de experiência profissional, que o Profº Arlene Elise Sella, R.G. nº 3.945.319-3, prestou serviços neste Estabelecimento de Ensino, na disciplina de: Matemática, no período de 16/02/87 a 31/12/89.

E, por ser verdade, firmamos a presente declaração.

Cafelândia, PR, 03 de novembro de 1993.

Núcleo Regional Cascavel PR 03/11/93

José de Souza Leite
DIRETOR - Resolução Nº 03926/93
RG 675.812-3

ANEXO 39 – DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO DO PROJETO VALE SABER

Colégio Estadual Marilis Faria Pirotelli

Ensino Fundamental e Médio

Decreto Lei 22115 de 30/12/70

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que **ARLENI ELISE SELLA**, RG: nº 3.945.319-3/SSP/PR, professora da disciplina de matemática, participou do **Projeto "VALE SABER"** nos anos de 1996, 1998 e 2002.

Por ser a expressão da verdade, firmamos a presente.

Cascavel, 16 de maio de 2003.

Janilda Veiga
Diretora
Res. 3069/2001 DOE 31/01/02

Rua Minas Gerais, 1555 - Fone/Fax 223-6262 - CEP 85812-030 - Cascavel - Paraná

ANEXO 40 – CARTA DE CESSÃO TÂNIA STELLA BASSOI

Carta de Cessão

Eu, Tânia Stella Bassoi, RG 778.589-5, declaro para devidos fins ceder a Sandra Maria Banak Varela, sem quaisquer restrições, os direitos sobre a gravação das entrevistas que lhe concedi nos dias 07/08/2013 e 25/09/2013 e também sobre a textualização do registro oral que me foi apresentada, conferida e validada. Da mesma forma, autorizo outros pesquisadores a ouvi-la e transcrevê-la, ficando vinculado o controle a Sandra Maria Banak Varela, que tem a sua guarda, ou a outro que ela possa vir a determinar.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Cascavel, 05 de março de 2014.

CARTÓRIO SMARCZEWSKI

Tânia Stella Bassoi

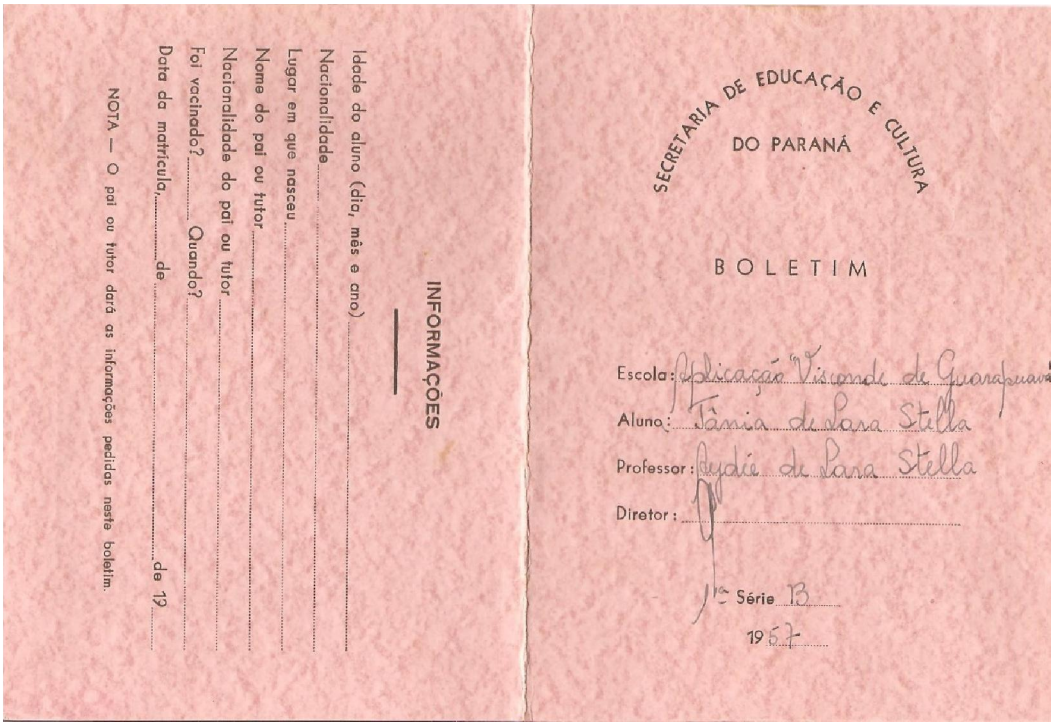
Cartório Smarczewski
3º Tabelionato de Notas

CARTÓRIO SMARCZEWSKI
3º TABELIONATO DE CASCAVEL
Rua Souza Naves, 3445 - CEP 85.801-120
Tel.: (45) 3038-5733 - Cascavel - Paraná

Selo Digital Nº F3aR6.g4obg.t2Ach-IBWRA.POYS
Consulte esse selo em http://funarpen.com.br
Reconheço por Semelhança a firma de TANIA STELLA BASSOI *0049* 599673*. Dou fé.
Cascavel-Paraná 05 de março de 2014 / 15:07:02h
Em Test° da Verdade
Michele Ducatti Carneiro da Silva - escrevente

CARTÓRIO SMARCZEWSKI

ANEXO 41 – BOLETIM DA PRIMEIRA SÉRIE DO PRIMÁRIO DE TÂNIA STELLA BASSOI



INFORMAÇÕES

Idade do aluno (dia, mês e ano) .....

Nacionalidade .....

Lugar em que nasceu .....

Nome do pai ou tutor .....

Nacionalidade do pai ou tutor .....

Foi vacinado? ..... Quando? .....

Data da matrícula, ... de ..... de 19 .....

NOTA — O pai ou tutor dará as informações pedidas neste boletim.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

DO PARANÁ

BOLETIM

Escola: Aplicação Visconde de Guarapuava

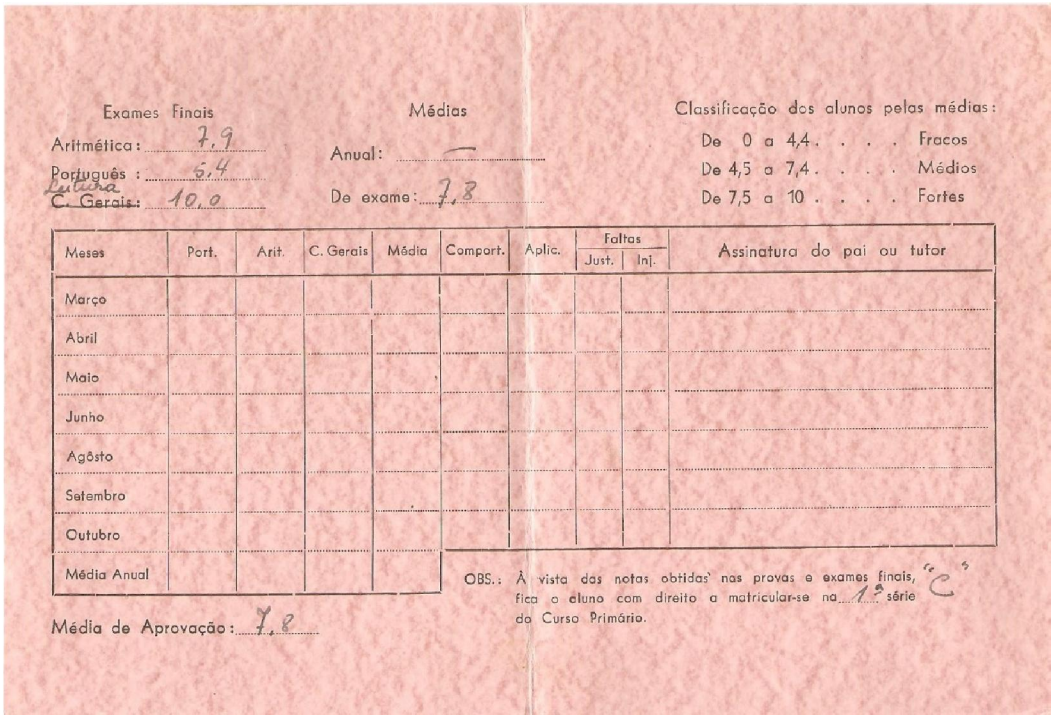
Aluno: Tânia de Lara Stella

Professor: Aydée de Lara Stella

Diretor: .....

1ª Série B

1957



Exames Finais

Aritmética: 7,9

Português: 5,4

Leitura

C. Gerais: 10,0

Médias

Anual: —

De exame: 7,8

Classificação dos alunos pelas médias:

De 0 a 4,4 . . . . Fracos

De 4,5 a 7,4 . . . . Médios

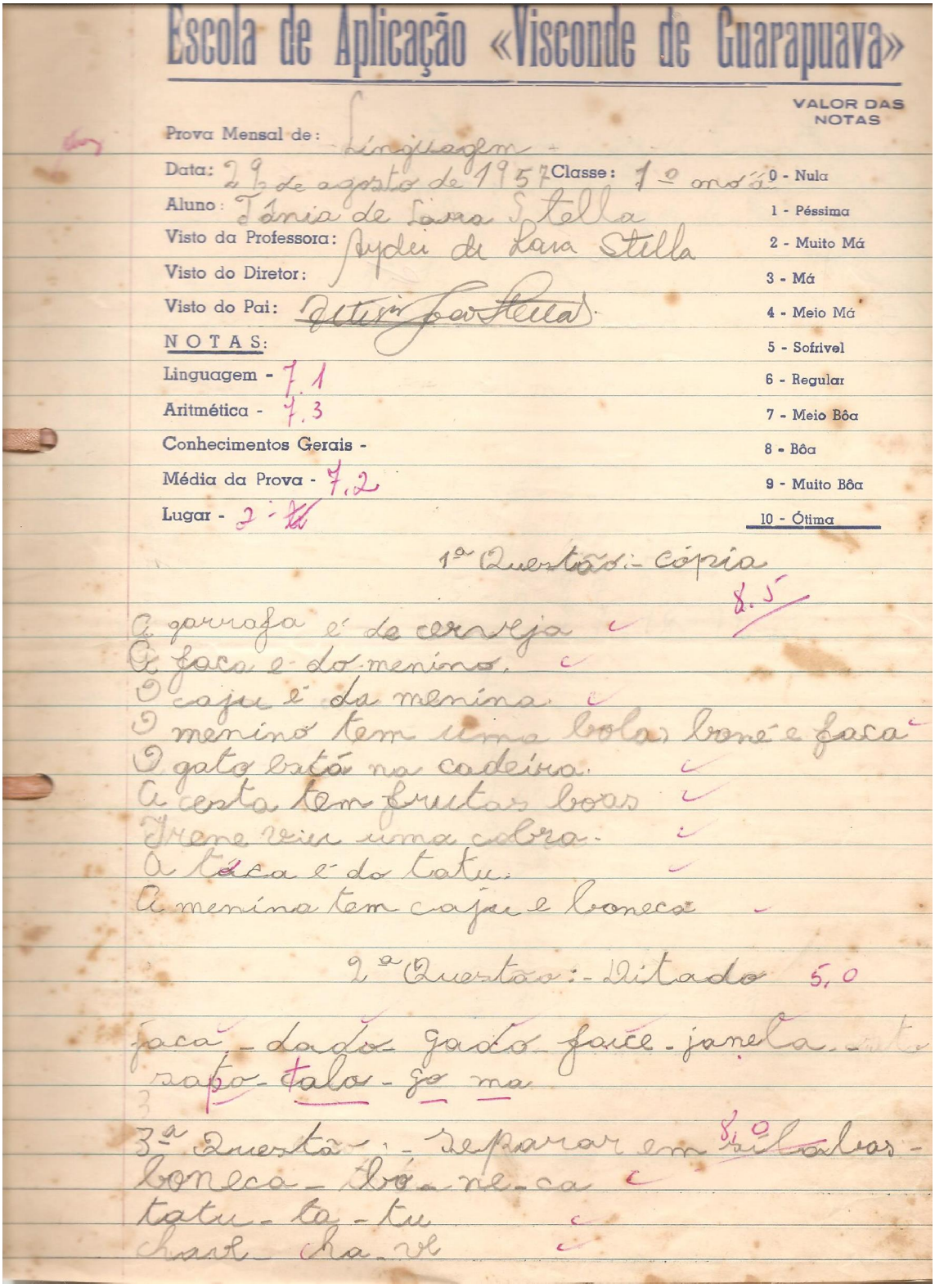
De 7,5 a 10 . . . . Fortes

Meses	Port.	Arit.	C. Gerais	Média	Comport.	Aplic.	Faltas Just.	Faltas Inj.	Assinatura do pai ou tutor
Março									
Abril									
Maio									
Junho									
Agôsto									
Setembro									
Outubro									
Média Anual									

Média de Aprovação: 7,8

OBS.: À vista das notas obtidas nas provas e exames finais, fica o aluno com direito a matricular-se na 1ª série do Curso Primário. "C"

ANEXO 42 – AVALIAÇÃO DE PRIMEIRA SÉRIE PRIMÁRIA DE TÂNIA STELLA BASSOI



Escola de Aplicação «Visconde de Guarapuava»

VALOR DAS NOTAS

Prova Mensal de: Linguagem

Data: 29 de agosto de 1957 Classe: 1º ano

Aluno: Tânia de Lara Stella

Visto da Professora: Aydée de Lara Stella

Visto do Diretor:

Visto do Pai:

NOTAS:

Linguagem - 7.1

Aritmética - 7.3

Conhecimentos Gerais -

Média da Prova - 7.2

Lugar - 2º

0 - Nula
1 - Péssima
2 - Muito Má
3 - Má
4 - Meio Má
5 - Sofrivel
6 - Regular
7 - Meio Bôa
8 - Bôa
9 - Muito Bôa
10 - Ótima

1ª Questão: - cópia 8.5

A garrafa é de cerveja
A faca é do menino.
O caju é da menina.
O menino tem uma bola, boné e faca
O gato está na cadeira.
A cesta tem frutas boas
Irene viu uma cobra.
A tesa é do tatu.
A menina tem caju e boneca

2ª Questão: - Ditado 5,0

faca - dado - gato - face - janela - sapo - tala - go - ma

3ª Questão: - separar em sílabas 8,0
boneca - bo - ne - ca
tatu - ta - tu
chave - cha - ve

Prova de Aritmetica

1ª Questão:- Escrever numeros de 5 em 5 até 100.

10,0

5 - 10 - 15 - 20 - 25 - 30 - 35 - 40 - 45 - 50 - 55 - 60 - 65 - 70 - 75 - 80 - 85 - 90 - 95 - 100

2ª Questão:- Escrever numeros de 50 á 100.

10,0

50 - 51 - 52 - 53 - 54 - 55 - 56 - 57 - 58 - 59 - 60 - 61 - 62 - 63 - 64 - 65 - 66 - 67 - 68 - 69 - 70 - 71 - 72 - 73 - 74 - 75 - 76 - 77 - 78 - 79 - 80 - 81 - 82 - 83 - 84 - 85 - 86 - 87 - 88 - 89 - 90 - 91 - 92 - 93 - 94 - 95 - 96 - 97 - 98 - 99 - 100

3ª Questão:- Contas 4,0

$$\begin{array}{r} 486 \\ +\ 433 \\ \hline 919 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 23 \\ +\ 12 \\ \hline 21 \\ 11 \\ \hline 64 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 356 \\ +\ 218 \\ +\ 512 \\ \hline 1086 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 968 \\ +\ 92 \\ \hline 1060 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 978 \\ +\ 879 \\ \hline 1847 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 463 \\ -\ 212 \\ \hline 251 \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 352 \\ -\ 211 \\ \hline 141 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 775 \\ -\ 37 \\ \hline 47 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 23 \\ -\ 19 \\ \hline 04 \end{array} \qquad \begin{array}{r} 56 \\ -\ 38 \\ \hline 28 \end{array}$$

Aritmetica 5,2

1ª Questão:- Escrever numeros de 3 em 3 até 99. 6,6

3 - 6 - 9 - 12 - 15 - 18 - 21 - 24 - 27 - 30 - 33 - 36 - 39 - 42
45 - 48 - 51 - 54 - 57 - 60 - 63 - 66 - 69 - 72
75 - 78 - 81 - 84 - 87 - 90 - 93 - 96 - 99 -

2ª Questão:- Escrever em algarismos romanos 7,0

2 - II ✓ 10 - X ✓ 11 - XI ✓ 12 - XIII ✓
4 - IV ✓ 6 - VI ✓ 8 - ?
5 - V ✓ 3 - III ✓ 7 - ?

3ª Questão:- Contar. 2,0

$$\begin{array}{r} 784 \\ +\ 78 \\ \hline 865 \end{array} \quad \begin{array}{r} 617\ 16 \\ -\ 98 \\ \hline 578 \end{array} \quad \begin{array}{r} 31010 \\ -\ 176 \\ \hline 134 \end{array}$$

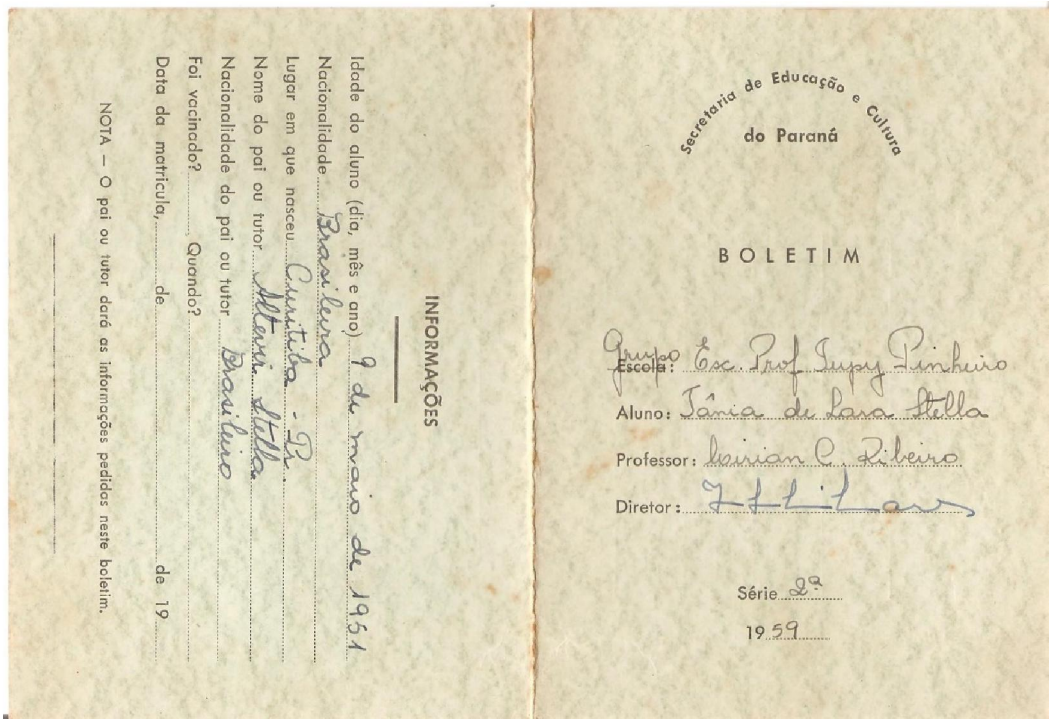
$$\begin{array}{r} 84 \\ \times\ 2 \\ \hline 168 \end{array} \quad \begin{array}{r} 236 \\ \times\ 21 \\ \hline 472 \end{array} \quad \begin{array}{r} 43 \\ \times\ 3 \\ \hline 129 \end{array} \quad \begin{array}{r} 426 \\ \times\ 34 \\ \hline 1488 \end{array}$$

418 | 12 ✓
08 241
02
0

616 | 2 ✓
06 33
0

298 | 12 ✓
08 143
08
0

ANEXO 43 – BOLETIM DA SEGUNDA SÉRIE DO ENSINO PRIMÁRIO DE TÂNIA STELLA BASSOI



Secretaria de Educação e Cultura do Paraná

BOLETIM

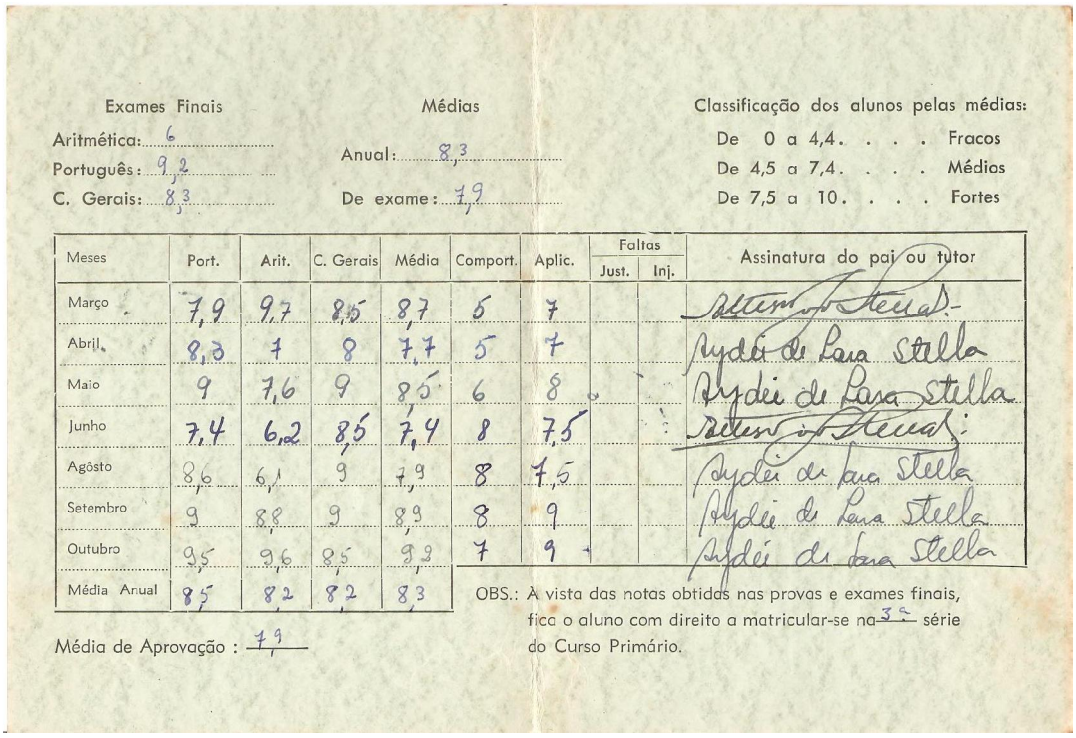
Grupo Escolar: Esc. Prof. Supy Pinheiro
Aluno: Tânia de Lara Stella
Professor: Marian C. Ribeiro
Diretor: [illegible]

Série 2ª
1959

INFORMAÇÕES

Idade do aluno (dia, mês e ano) 9 de maio de 1951
Nacionalidade Brasileira
Lugar em que nasceu Curitiba - P.
Nome do pai ou tutor Alceu Stella
Nacionalidade do pai ou tutor Brasileiro
Foi vacinado? Quando?
Data da matrícula, de de 19

NOTA — O pai ou tutor dará as informações pedidas neste boletim.



Exames Finais
Aritmética: 6
Português: 9,2
C. Gerais: 8,3

Médias
Anual: 8,3
De exame: 7,9

Classificação dos alunos pelas médias:
De 0 a 4,4 . . . Fracos
De 4,5 a 7,4 . . . Médios
De 7,5 a 10 . . . Fortes

Meses	Port.	Arit.	C. Gerais	Média	Comport.	Aplic.	Faltas Just.	Faltas Inj.	Assinatura do pai ou tutor
Março	7,9	9,7	8,5	8,7	6	7			[illegible]
Abril	8,3	7	8	7,7	5	7			Aydée de Lara Stella
Maio	9	7,6	9	8,5	6	8			Aydée de Lara Stella
Junho	7,4	6,2	8,5	7,4	8	7,5			[illegible]
Agôsto	8,6	6,1	9	7,9	8	7,5			Aydée de Lara Stella
Setembro	9	8,8	9	8,9	8	9			Aydée de Lara Stella
Outubro	9,5	9,6	8,5	9,2	7	9			Aydée de Lara Stella
Média Anual	8,5	8,2	8,2	8,3					

Média de Aprovação: 7,9

OBS.: À vista das notas obtidas nas provas e exames finais, fica o aluno com direito a matricular-se na 3ª série do Curso Primário.

ANEXO 44 – AVALIAÇÕES DE MATEMÁTICA DA SEGUNDA SÉRIE DO PRIMÁRIO DE TÂNIA BASSOI

Prova mensal de aritmética
guarapuava, 28 de abril de 1.959-2º ano
Aluna: Tânia Sara Stella
Diretor:
Professôra:
Aritmética: 7
Pai ou responsavel:

1ª questão: - 10

Resolva o seguinte problema:

A professôra distribuiu os seus 40 alunos em 8 filas de igual número cada uma. Quantos alunos colocou em cada fila?

Solução.	Cálculo.	Resposta:
40 ÷ 8 = 5	40 | 8 0 5	Colocou 5 alunos em cada fila.
c	c	c
4	4	2

2º questão: 10

No armario da classe há 160 cadernos empilhados em 4 divisões. Quantos (por) cadernos há em cada divisão?

Solução.	Cálculo.	Resposta:
160 ÷ 4 = 40	160 | 4 00 40	Em cada divisão há 40 cadernos.
c	c	c
4	4	2

3ª questão: 2

Arme e efetue as seguintes operações

367 10 ÷ 12 = 3059

48036 ÷ 13 = 2795

96321 ÷ 14 = 9022

1895385 ÷ 15 = 1929029

36046 x 125 = 4505650

367 10 | 12
0071 | 3059
110
02 02

48036 | 13
22 | 2795
1.103
066
01

96321 | 14
0032 | 9022
041
13

1895385 | 15
039 | 1929029
44
145
0038
085
40

36046
x 125
180230
+ 20821+
36046 +
4505650

GRUPO ESCOLAR "PROF. TUPY PINHEIRO"

GUARAPUAVA

Prova Mensal de: Aritmética Classe: 2º ano

Data: 27 de março de 1.959

Aluno: Tânia Lara Stella

Visto da Professora:

Visto do Diretor:

Visto do Pai:

NOTAS:

Linguagem —

Aritmética — 7,6

Conhecimentos Gerais — 9

Média da Prova —

Lugar —

Comportamento —

Aplicação —

Ordem —

NOTAS VALOR DAS

0 — Nula
1 — Péssima
2 — Muito Má
3 — Má
4 — Meio Má
5 — Sofrivel
6 — Regular
7 — Meio Bôa
8 — Bôa
9 — Muito Bôa
10 — Ótima

1ª questão 10

Resolva os problemas.

1) Maria tem 504 pães, e quer vender 1/6 desses pães, à Cr$ 3,00 cada um. Quanto receberá

Solução	Cálculo	Resposta
504 : 6 = 84	504 | 6 24 84 0	Receberá Cr$ 252,00
84 X Cr$ 3,00 =	X 3,00	
= Cr$ 252,00	Cr$ 252,00	
✓ 2	✓ 2	✓ 1

2) Por quanto comprarei meia dezena de figos se o preço de cada um é Cr$4,00? 5

Solução	Cálculo	Resposta:
5 X 4,00 = Cr$ 20,00	5 X 4,00 Cr$ 20,00	Pagarei por meia dezenas de figos Cr$ 20,00.
2/c	2/c	1c

2ª questão 5/

1) Copie os desenhos e diga que fração é do todo a parte riscada das figuras.

$\frac{2}{5}$, c $\frac{1}{2}$, c 2/

2) Complete -

c 1 $\frac{1}{2}$ de 24 é 48 c $\frac{1}{4}$ de 12 é 48 c

$\frac{1}{8}$ de 40 é 5 ... 20 é $\frac{1}{2}$ de 40 c 10 4 é $\frac{1}{4}$ de 1 c

6 é $\frac{1}{5}$ de 40 c ...

3) Se eu dividir uma maçã ao meio assim:

1-D ficarei com $\frac{1}{2}+\frac{1}{2}=\frac{2}{2}$ ou 1 inteiro 2/

3ª questão 8/

Efetue tirando a prova real.

6 842 + 128 + 1042 = 8012 4185 − 45 = 93

1209 − 642 = 0567

[illegible]

GUARAPUAVA — VALOR DAS

Prova Mensal de: Aritmética — Classe: 2º ano

Data: 25 de Junho de 1.959

Aluno: Tânia Lara Stella

Visto da Professora:

Visto do Diretor:

Visto do Pai:

NOTAS:

Linguagem —

Aritmética — 6,2

Conhecimentos Gerais —

Média da Prova —

Lugar —

Comportamento —

Aplicação —

Ordem —

0 — Nula
1 — Péssima
2 — Muito Má
3 — Má
4 — Meio Má
5 — Sofrivel
6 — Regular
7 — Meio Bôa
8 — Bôa
9 — Muito Bôa
10 — Ótima

1ª questão:- 9

4,5 Resolva os problemas

1) Uma pessoa trabalhou 50 dias, ganhando por dia a metade de Cr$ 120,00. Quanto ganhou?

Solução	Cálculo	Resposta:-
Cr$ 120,00 ÷ 2 = Cr$ 60,00 C Cr$ 60,00 X 50 = Cr$ 3.000,00 C	Cr$ 120,00 | 2 00 00 60,00 C Cr$ 60,00 X 50 60,00 300+,00 Cr$ 3.000,00 C	ganhou Cr$ 3.000,00 C

4,5

2) Comprei uma mesa por Cr$ 3280,00 e uma panela de pressão por 4 do preço da mesa. Quanto gastei?

Solução	Cálculo	Resposta:-
Cr$ 3280,00 ÷ 4 = Cr$ 820,00 C Cr$ 820,00 + Cr$ 3280,00 = = Cr$ 4100,00 C	Cr$ 3280,00 | 4 08 820,00 00,00 C Cr$ 820,00 + Cr$ 3280,00 Cr$ 4.100,00 C	gastei Cr$ 4100,00 C

2ª questão 1,8

Responda :-

1) O dôbro de 5 ovos mais 2 ovos é 14 ou 14 dúzias 0,7

2) A metade de 4 dezenas de alfinetes é 20 1

3) O número 437 tem:

4 centenas 3 dezenas e 7 unidades 1

4) Escreva em algarismos romanos os números formados por:-

Quatro ~~centenas~~ centenas e ~~(20)~~ 20 unidades: CCXX 0,8

Oito ~~(20)~~ dezenas e 2 unidades = LXXX.XII C

Setenta e 5 unidades = LXXV C

Cinco dezenas = L C

Três unidades = III C

5) Risque o certo:-

Tirando-se de 5 dezenas, 1 dezena quanto sobrará?

$$\begin{array}{r} 50 - \\ 10 \\ \hline 40 \end{array}$$ C

Resposta :- Sobrará 40 c 1

6) Nas continhas coloque o nome dos termos :-

$$\begin{array}{r} -481 \\ 241 \\ \hline 240 \end{array}$$ minuendo C, subtraendo C, resto C

$$\begin{array}{r} 63 \\ +28 \\ +12 \\ \hline 103 \end{array}$$ 1ª parcela C, 2ª parcela C, 3ª parcela, total C 1

7) Complete:-

$\frac{1}{2}$ de 12 é 6 C

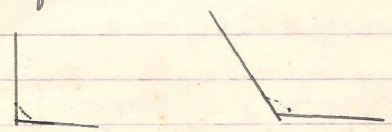
40 é $\frac{1}{5}$ de 200 C

$\frac{1}{8}$ de 80 é 10 C

10 é $\frac{1}{6}$ de 60 C

1

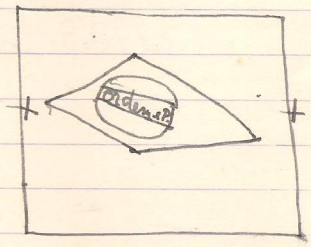
8ª Coloque o nome nos ângulos desenhados:-



reto C obtuso C 1

9) Desenhe uma bandeira e marque as linhas verticais com uma cruz ao lado.

1



C

3º questão 2

1) Efetue e tire a prova dos nove.

− 6483	5		1634	1	2
C 1271	5		2461	1	
5212	8		C + 108	8	
			9203		

2) Efetue tirando a prova real.

84224 x 86 = 6788 4584
966 ÷ 23 = 222
1053 ÷ 39 = 32

84224	966 | 23
x 86	50 222
505344	046 x 23
6737924 +	00 666
6788 4584	4444 +
108	5106
0645	
658	
904	
00	

9

8